



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

**ANÚNCIOS DE ESCRAVOS: traços de mudanças e  
permanências de tradições discursivas nos jornais do  
Recife**

**ANA KARINE PEREIRA DE HOLANDA BASTOS**

**ORIENTADORES**

Virgínia Leal

Marlos Pessoa

Recife

2016

ANA KARINE PEREIRA DE HOLANDA BASTOS

**ANÚNCIOS DE ESCRAVOS: traços de mudanças e  
permanências de tradições discursivas nos jornais do  
Recife**

Tese apresentada à Pós-Graduação em Letras  
com ênfase em Linguística, da Universidade  
Federal de Pernambuco como requisito final  
para a obtenção do grau de Doutor.

**ORIENTADORES**

Virgínia Leal

Marlos Pessoa

Recife

2016

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

- B327a Bastos, Ana Karine Pereira de Holanda  
Anúncios de escravos: traços de mudanças e permanências de tradições discursivas nos jornais do Recife / Ana Karine Pereira de Holanda Bastos. – 2016.  
377 f.: il., fig.
- Orientadora: Maria Virgínia Leal.  
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2016.
- Inclui referências, apêndices e anexos.
1. Linguística. 2. Análise do discurso. 3. Imprensa. 4. Escravos. 5. Anúncios – Jornais. 6. Ideologia. 7. Valores sociais. I. Leal, Maria Virgínia (Orientadora). II. Título.

**ANA KARINE PEREIRA DE HOLANDA BASTOS**

**ANÚNCIOS DE ESCRAVOS: Traços de Mudanças e Permanências de  
Tradições Discursivas nos Jornais do Recife**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Letras da Universidade Federal de Pernambuco  
como requisito para a obtenção do Grau de Doutor  
em LINGUÍSTICA em 25/2/2016.

**TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Virgínia Leal**  
**Orientadora – LETRAS - UFPE**

---

**Prof. Dr. Marlos Pessoa de Barros**  
**Coorientador(a) – LETRAS / UFPE**

---

**Prof. Dr. Jose Alberto Miranda Poza**  
**LETRAS - UFPE**

---

**Prof. Dr. Nelly Medeiros de Carvalhos**  
**LETRAS - UNICAP**

---

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Konstanze Jungbluth**  
**ODER - UNIV. FRANKFURT**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Severina Gomes**  
**LETRAS - UFRPE**

**Recife – PE**  
**2016**

*Para Rafael, sempre!*

## AGRADECIMENTOS

Uma investigação desta natureza só se realiza com o apoio de muitas pessoas, por isso agradeço a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho. É importante ressaltar que todos os esforços foram empreendidos para apontar as referências a que tive acesso e, que os erros, por ventura encontrados, são de minha inteira responsabilidade.

Ao CNPQ pelo financiamento da pesquisa. Aos funcionários da Fundação Joaquim Nabuco, Sala de Leitura César Leal, Bibliotecas Central e Joaquim Cardozo da UFPE.

Ao Papai Domingos Alves de Holanda (*in memoriam*). À minha mãe, Maria da Conceição; irmãos; sobrinhos; tias; tios; primos e primas.

À família que me acolheu como amiga e filha: Marcílio Velozzo Paes e Mello, Márcia Bastos, Arthur e Álvaro Silveira. À gratidão por Luzimar Bastos, minha sogra, pelos cuidados assumidos com Rafael durante as viagens aos congressos e, especialmente, no período de revisão de escrita da tese. Ao meu amor, Marcelo Bastos.

À Fátima Santos, pela valiosa ajuda e suporte nas horas difíceis.

Aos amigos e amigas de longa data: Sr. Albino, Ana Alaíde, Andrea Vieira, Aline Leite, Elizabete Vaz e Dasyanne; da UFPE: Jozaias; Diva; Fernando Cavalcanti; Edson Carvalho; Dirce Jaeger; Adriano Andrade; Shenía Bezerra; Sônia Virgínia; Angela Rezende; Júlia Larré e Siane Gois. A Noádia Iris, pela amizade e companheirismo. Pelas viagens que realizamos e aquelas que ainda realizaremos; da UNIFAVIP/Devry: Pedro Ivo; Antônio Ferreira; Rubia Rafaella; Juliana Barros/Olívía; Rafaela Rocha/Alecrim; Larissa; Deyseane; Ana Maria Rampelotti e Mariana; da Secretaria de Educação do Estado de PE/SEDE: Raquel Queirós; Amanda Tavares; Helena Holanda, Andréa Maciel e Selma.

À Valéria Gomes pela disponibilidade, amizade e força no início, no meio e na finalização da pesquisa. Ao seu trabalho de investigação que me inspirou.

À prof., e amiga, Nelly Carvalho, “a quem me deu muito amor”, como professora, orientadora de monitoria, PIBIC e Mestrado. Pela amizade que transcendeu os muros da UFPE. Pelo exemplo de profissional e as lições de vida que me ensinou e ensina.

Ao orientador, e amigo, Marlos Pessoa, por ter me apresentado à filologia pragmática alemã e as Tradições Discursivas. Por ter disponibilizado seus textos, livros e seu tempo para conduzir as leituras e análises. Pelas palavras de ordem e força nas horas mais críticas.

À Virgínia Leal, pelo exemplo de ser humano. Minha gratidão, pela generosidade em ter me aceito como orientanda e pela lealdade que tem aos amigos. A Deus, por tudo!

*[...] a língua é por sua natureza um objeto histórico.*

*Eugenio Coseriu*

## RESUMO

Esta investigação tem como objetivo central analisar as tradições discursivas (TDs), dos anúncios de fuga de escravos dos jornais do Recife, do século XIX, e compará-las com as dos anúncios de procurados da atualidade, identificando os elementos constitutivos de ambos os gêneros, a fim de estabelecer um elo entre inovação e conservação de TDs entre os textos. Os critérios definidores da historicidade e tradicionalidade dos textos residem na *repetição* e *evocação* de expressões que adquirem valor de signos próprios, princípios que fundamentam a noção de TD. O arcabouço teórico está ancorado nos pressupostos das TDs, a partir das considerações de Coseriu (1979, 1980), Schlieben-Langue (1983), Koch (1997, 2008), Oesterreicher (1994, 1996, 2006), Kabatek (2003, 2004, 2005, 2008), da teoria dos gêneros textuais com Bakhtin (2003) e Marcuschi (2002; 2008), que procuram compreender a constituição e o funcionamento do gênero na sociedade; a prática do jornalismo impresso e na história da imprensa no Brasil e em Pernambuco com Rizzini (1968), Sodré (1999), Pessoa (2002; 2006) e Barbosa (2010); a história social da escravidão no Brasil com Freyre (1967/2010; 2006), Schwarcz (1987) e Carvalho (2010); e nas análises linguístico-discursivas que se apoiam nos trabalhos de Oesterreicher (1994), Pessoa (2003) e Toral (2013). A metodologia consiste no método histórico e na abordagem quanti-qualitativa, pautada na análise estrutural, descritiva, interpretativa dos dados, e na pesquisa documental e bibliográfica. A investigação inicial reside na averiguação das TDs que permaneceram retoricamente situadas nos anúncios de fuga de escravos e quais delas mudaram e migraram para os anúncios de procurados. No entanto, o anúncio de fuga de escravos, como TD da cultura impressa, o jornal, mostra-se como produção de autores *semicultos*, i.e., de competência escrita restrita, que transportam traços da fala à elaboração textual. As análises evidenciaram que tais anúncios estão muito próximos do que Oesterreicher denominou de *imediatez comunicativa*, apresentando sintaxe truncada, ausência de pontuação ou pontuação inadequada e ausência de elementos sintáticos que contribuem com a ruptura no tópico discursivo, entre outros aspectos. As análises empreendidas não pretendem submeter os dados às exigências de uma teoria, mas de valorizar o jornal como fonte histórica, dos anúncios de fuga escravos (diacronia) e de procurados (sincronia) como TDs legítimas tanto para as análises linguísticas, quanto para a história social. Ao falarmos em repetição, evocação, atualização e tradição, acreditamos que uma língua particular, como o português brasileiro, é afetada pelos aspectos histórico-sociais e, em decorrência disso, há elementos tradicionais que se tornam imutáveis e outros que são vulneráveis a mudanças, favorecendo, dessa forma, a mudança linguística.

**Palavras-chave:** *Anúncios de escravos. Anúncios de procurados. Imprensa. Semicultos. Tradição Discursiva.*

**Financiado:** CNPq/UFPE

## ABSTRACT

This research aims at analyzing the discursive traditions (DTs) “slaves escape ads” of newspapers from Recife, in the nineteenth century, and comparing them with those of today's wanted fugitives ads, identifying the constituent elements of both genres, in order to establish a link between innovation and conservation of DTs in texts. The defining criteria of historicity and traditionalism of the texts lie in repetition and evoking expressions that acquire value of own signs, principles underlying the notion of DT. The theoretical framework is anchored on the assumptions of the studies of DTs, from considerations of Coseriu (1979; 1980), Schlieben-Lange (1983), Koch (1997; 2008), Oesterreicher (1994; 1996; 2006), Kabatek (2003; 2004; 2005; 2008); the theory of genres with Bakhtin (2003) and Marcuschi (2002; 2008), by seeking to understand the constitution and functioning of the genre in society; the practice of print journalism in the history of the press in Brazil and Pernambuco with Rizzini (1968), Sodré (1999), Pessoa (2002; 2006) and Barbosa (2010); the social history of slavery in Brazil with Freyre (1967/2010; 2006), Schwarcz (1987) and Carvalho (2010); and the linguistic-discursive analyses that support the work of Oesterreicher (1994), Pessoa (2003) and Toral (2013). The methodology consists of the historical method and the quantitative and qualitative approach, based on structural analysis, descriptive and interpretative data, and documentary and bibliographic research. The initial research is the investigation of DTs who remained rhetorically located in the slaves escape ads and which ones changed and migrated to the wanted ads. However, the announcement of slaves escape, as DT of print culture, the newspaper, is shown as production of *semicultos* (half-literate), i.e., authors with restricted writing competence, carrying traces of speech to textual written elaboration. Analyses show that such ads are very close to what Oesterreicher termed “communicative immediacy”, with truncated syntax, no punctuation or improper punctuation and absence of syntactic elements that contribute to the breakdown in the discursive topic, among others. The current analysis do not intend to submit the data to the demands of a theory, but to value the newspaper as a historical source of slaves escape advertisements (diachrony) and its transformation into wanted fugitives ads (synchrony) as legitimate DTs both for linguistic analysis, as for social history. When we talk about repetition, retrieval, update and tradition, we believe that a particular language, such as Brazilian Portuguese, is affected by socio-historical aspects and, as a result, there are traditional elements that become immutable and others who are vulnerable to change, favoring thus the language change.

**Keywords:** Slaves ads. Wanted fugitives ads. Press. *Semicultos* (Half-literate). Discourse tradition.

**Funded by** CNPq / UFPE

## RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo principal analizar las tradiciones discursivas (TDs) de los anuncios de fuga de esclavos de los periódicos de Recife, del siglo XIX, y compararlas con las de los anuncios de fugitivos de la actualidad, identificando los elementos constitutivos de ambos géneros, para poder establecer un nexo entre innovación y conservación de TDs entre los textos. Los criterios definidores de la historicidad y tradicionalidad de los textos estriban en la *repetición* y *evocación* de expresiones que adquieren valor de signos propios, principios que fundamentan la noción de TD. El andamiaje teórico está anclado en los presupuestos de las TDs a partir de las consideraciones de Coseriu (1979; 1980), Schlieben-Langue (1983), Koch (1997; 2008), Oesterreicher (1994; 1996; 2006), Kabatek (2003; 2004; 2005; 2008); de la teoría de los géneros textuales con Bakhtin (2003) y Marcuschi (2002; 2008), que persiguen comprender la constitución y funcionamiento del género en la sociedad; la práctica del periodismo impreso y en la historia de la prensa en Brasil y en Pernambuco con Rizzini (1968), Sodré (1999), Pessoa (2002; 2006) y Barbosa (2010); la historia social de la esclavitud con Freyre (1967/2010; 2006), Schwarcz (1987) y Carvalho (2010); y los análisis lingüístico-discursivos que se basan en los trabajos de Oesterreicher (1994), Pessoa (2003) y Toral (2013). La metodología consiste en el método histórico y en el abordaje cuanti-cualitativo, pautado en el análisis estructural, descriptivo, interpretativo de datos, y en la investigación documental y bibliográfica. La investigación inicial reside en la averiguación de las TDs que permanecerán retóricamente ubicadas en los anuncios de fuga de esclavos y cuáles de los mismos cambiaron y migraron hacia los anuncios de fugitivos. Sin embargo, el anuncio de fuga de esclavos como TD de la cultura impresa, el periódico, se revela como producción de autores *semicultos*, es decir, de competencia escrita limitada, que conllevan rasgos de habla en la elaboración textual. Los análisis evidenciaron que tales anuncios están muy cerca de lo que Oesterreicher denominó *inmediatez comunicativa*, presentando sintaxis truncada, ausencia de puntuación o puntuación inadecuada y ausencia de elementos sintácticos que contribuyan a la ruptura en el tópico discursivo, entre otros aspectos. Los análisis emprendidos no pretenden someter los datos a las exigencias de una teoría, sino otorgarle valor al periódico como fuente histórica, de los anuncios de fuga de esclavos (diacronía) y de fugados (sincronía) como las TDs legítimas tanto para los análisis lingüísticos, como para la historia social. Al hablar en repetición, evocación, actualización y tradición, creemos que una lengua particular, como el portugués brasileño, está afectada por los aspectos histórico-sociales y, como consecuencia, hay elementos tradicionales que se vuelven inmutables y otros que son vulnerables a cambios, fomentando, de esta forma, el cambio lingüístico.

**Palabras clave:** *Anuncios de esclavos. Anuncios de fugitivos. Prensa. Semicultos. Tradición Discursiva.*

**Financiado:** CNPq/UFPE.

## RESUMÉ

Cette recherche prétend analyser les traditions discursives (TDs) des annonces de fuite des esclaves dans les journaux de Recife, au XIXe siècle, et de les comparer avec ceux des annonces de fugitifs (recherchés) d'aujourd'hui, identifiant ainsi les éléments constitutifs des deux genres textuels, afin d'établir un lien entre l'innovation et de conservation de TDs entre les textes. Les critères de définition de l'historicité et le traditionalisme des textes se trouvent dans La répétition et l'évocation des expressions qui acquièrent la valeur de signes propres, principes sous-jacents de la notion de TD. Le cadre théorique est ancré dans les hypothèses des études de TDs, dans les considérations de Coseriu (1979; 1980), Schlieben-Lange (1983), Koch (1997; 2008), Oesterreicher (1994; 1996; 2006), Kabatek (2003 ; 2004; 2005; 2008); ainsi que dans la théorie des genres textuels selon Bakhtine (2003) et Marcuschi (2002; 2008), l'ambition étant de comprendre la formation et le fonctionnement des genres textuels dans la société; la pratique de la presse écrite dans l'histoire du journalisme au Brésil et dans l'État de Pernambuco avec Rizzini (1968), Sodré (1999), Pessoa (2002; 2006) et Barbosa (2010); de même que l'histoire sociale de l'esclavage au Brésil avec Freyre (1967/2010; 2006), Schwarcz (1987) et Carvalho (2010); et les analyses linguistiques-discursives qui appuient le travail d'Oesterreicher (1994), Pessoa (2003) et Toral (2013). La méthodologie s'inscrit dans La méthode historique et l'approche quantitative et qualitative, basées sur l'analyse structurelle des données descriptives et interprétatives, et sur la recherche documentaire et la recherche bibliographique. La recherche initiale est l'enquête de TDs qui restaient rhétoriquement situés dans les annonces de fuite des esclaves; lesquels ceux qui ont changé à l'annonce de fugitifs recherchés. Cependant, l'annonce de l'évasion d'esclaves, comme TD de la culture de l'imprimé, le journal, est présentée comme la production de auteurs "mi-cultivé" (pseudo-intellectuel), à savoir, compétence en écriture restreinte, transférant des traces du discours oral lors de l'élaboration textuelle de l'écrit. L'analyse a montré que ces annonces sont très proches de ce que Oesterreicher appelle immédiateté communicative, avec la syntaxe tronquée, pas de ponctuation ou une ponctuation impropre et une absence d'éléments syntaxiques qui contribuent à la dégradation du sujet discursif, entre autres. Les analyses effectuées ne prétendent pas soumettre les données une théorie particulière, mais de valoriser le journal comme source historique des annonces de fuites d'esclaves (diachronie) et sa transformation en annonces de fugitifs (synchronie), comme TDs légitimes aussi bien pour l'analyse linguistique que pour l'histoire sociale. Lorsque nous parlons de répétition, de récupération, d'actualisation et de tradition, nous croyons que une langue particulière, comme le portugais brésilien, est affectée par les aspects socio-historiques et, par conséquent, Il y a bien des éléments traditionnels qui deviennent immutables et d'autres qui sont sujets au changement, favorisant ainsi des modifications de langue.

**Mots-clés:** annonces des esclaves. Annonces de recherchés. Domicultes (pseudo-intellectuel). Tradition discursive.

**Financé** par le CNPq / UFPE

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AK – Ana Karine

DN – Diário Novo

DP – Diário de Pernambuco

LP – Língua Portuguesa

MPCC – Movimento Pernambuco contra o Crime

ONG – Organização não governamental

PE – Pernambuco

SDS – Secretaria de Defesa Social

TD – Tradição Discursiva

WB – Wellington Barbosa

## LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 – Sobre falar, norma e sistema .....	68
Esquema 2 – Filtro comunicativo na produção dos enunciados .....	76
Esquema 3 – Contínuo de filiação da TD e mudança linguística .....	77
Esquema 4 – Da repetição e evocação .....	86
Esquema 5 – Tradição textual e história da língua .....	90
Esquema 6 – Concepção do falado e do escrito .....	107
Esquema 7 – Tipo de mensagem veiculada no cartaz .....	272
Esquema 8 – Triângulo semiótico de Charles Peirce .....	277

## LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1 – Estratificação social do Brasil no séc. XIX .....	44
Diagrama 2 – Classificação da população negra .....	53
Diagrama 3 – Concepções discursivas e modos de realização .....	108
Diagrama 4 – Tipos de anúncios de escravos .....	168
Diagrama 5 – Campo sinonímico de referência ao escravo.....	245
Diagrama 6 – Do anúncio de escravos aos anúncios de procurados .....	297

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Contínuo da TD e mudança linguística .....	78
Figura 2 – Inovação através da diferença de TDs .....	80
Figura 3 – Inovação através da mistura de TDs .....	81
Figura 4 – Inovação através da convergência de TDs .....	82
Figura 5 – Jornal Gazeta do Rio de Janeiro .....	125
Figura 6 – Jornal Correio Braziliense .....	127
Figura 7 – Anúncio do Gazeta do Rio de Janeiro .....	130
Figura 8 – Capa do DP N. 1.....	143
Figura 9 – Seção “Roubos” do DP N. 1 .....	144
Figura 10 – DP impresso séc. XXI .....	146
Figura 11 – DP digital séc. XXI .....	148
Figura 12 – Título do anúncio de fuga de escravo .....	153
Figura 13 – Anúncio de fuga de escravo .....	154
Figura 14 – Referentes conceituais congêneres .....	156
Figura 15 – Da carta à notícia.....	157
Figura 16 – Gazeta de Lisboa (1715).....	161
Figura 17 – Anúncio do Gazeta do Rio de Janeiro .....	166
Figura 18 – Anúncio de imóvel do DP n. 1.....	166
Figura 19 - Anúncios de pedidos .....	175
Figura 20 – Anúncio de amas .....	177
Figura 21 – Anúncio de fuga em seção de venda .....	190
Figura 22 – Seção do jornal DP “Escravos fugidos” .....	191
Figura 23 – Comunicado do DP N. 1 .....	201
Figura 24 – Seção de anúncios de escravos fugidos .....	212
Figura 25 – Preto sobre branco.....	268
Figura 26 – Branco sobre o preto .....	268
Figura 27 – Anúncios de procurados (séc. XXI).....	270
Figura 28 – Anúncio de fuga de Lampião (1930) .....	281
Figura 29 – Anúncios de fuga de escravo com gratificação.....	283
Figura 30 – Site de procurados da SDS/PE .....	286
Figura 31 – Site de Procurados da SDS/PE.....	287
Figura 32 – Site de Procurados da SDS/PE.....	288

Figura 33 – Site de procurados de Nashville, EUA.....	290
Figura 34 – Site de procurados de Nashville, EUA.....	291

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sinóptico dos níveis de linguagem .....	72
Quadro 2 – Diferenciação dos níveis de linguagem .....	75
Quadro 3 – <i>Imediatez comunicativa</i> vs distância comunicativa .....	110
Quadro 4 – Definições dos gêneros: aviso, notícia e anúncio .....	155
Quadro 5 – Estrutura das notícias do séc. XVIII e XIX .....	158
Quadro 6 – Domínio discursivo e gênero .....	162
Quadro 7 – Seções do jornal DP do séc. XIX .....	192
Quadro 8 – Sinóptico de autores e tipologias textuais .....	196
Quadro 9 – Sinóptico das tipologias textuais .....	196
Quadro 10 – Ocorrências de verbos dos anúncios de fuga .....	202
Quadro 11 – Síntese da estrutura do anúncio de fuga .....	209
Quadro 12 – Fases da língua portuguesa .....	228
Quadro 13 – Aspectos ortográficos dos anúncios de fuga de escravos .....	229
Quadro 14 – Características dos anúncios de procurados séc. XX e XXI .....	284
Quadro 15 – Diferença entre anúncios de procurados impressos e da internet.....	292
Quadro 16 – Evolução dos anúncios .....	295
Quadro 17 – Do anúncio de escravo ao procurado .....	298
Quadro 18 - Elementos de permanência dos anúncios de fuga de escravos .....	299

## LISTAS DE ANÚNCIOS

Anúncio 1 – Fuga de escravo .....	51
Anúncio 2 – Fuga de escravo .....	52
Anúncio 3 – Venda de escravo .....	56
Anúncio 4 – Aviso .....	57
Anúncio 5 – Declaração .....	59
Anúncio 6 – Leilões de escravos .....	59
Anúncio 7 – Venda de escravo.....	61
Anúncio 8 – Achado.....	158
Anúncio 9 – Desaparecimento.....	159
Anúncio 10 – Venda de escravo .....	163
Anúncio 11 – Fuga de escravo.....	167
Anúncio 12 – Casa de comissão de escravos .....	167
Anúncio 13 – Aviso de hipoteca de escravos .....	169
Anúncio 14 – Venda de escravo .....	169
Anúncio 15 – Venda de escravo .....	170
Anúncio 16 – Aluguel de escravo .....	171
Anúncio 17 – Aluguel de escravo .....	171
Anúncio 18 – Achado .....	172
Anúncio 19 – Achado .....	172
Anúncio 20 – Apreensão de escravo.....	173
Anúncio 21 – Pedido .....	176
Anúncio 22 – Pedido .....	178
Anúncio 23 – Pedido .....	178
Anúncio 24 – Oferta de escravo .....	179
Anúncio 25 – Fuga de escravo .....	181
Anúncio 26 – Fuga de escravo.....	181
Anúncio 27 – Fuga de escravo.....	183
Anúncio 28 – Fuga de escravo .....	183
Anúncio 29 – Fuga de escravo .....	184
Anúncio 30 – Sedução de escravo ou furto.....	186
Anúncio 31 – Fuga de escravo.....	198
Anúncio 32 – Fuga de escravo .....	199

Anúncio 33 – Fuga de escravo.....	204
Anúncio 34 – Fuga de escravo .....	208
Anúncio 35 – Fuga de escravo.....	208
Anúncio 36 – Fuga de escravo.....	209
Anúncio 37 – Fuga de escravo .....	213
Anúncio 38 – Fuga de escravo.....	213
Anúncio 39 – Fuga de escravo.....	236
Anúncio 40 – Fuga de escravo.....	239
Anúncio 41 – Fuga de escravo .....	241
Anúncio 42 – Fuga de escravo .....	242
Anúncio 43 – Aluguel de escravo.....	242
Anúncio 44 – Fuga de escravo .....	261

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	21
1.1 OBJETIVOS .....	23
1.1.1 Objetivo geral .....	23
1.1.1.1 Objetivos Específicos .....	23
1.2 PROBLEMATIZAÇÃO .....	24
1.3 HIPÓTESES .....	25
1.4 JUSTIFICATIVA .....	26
1.5 REFERENCIAIS TEÓRICOS .....	28
1.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	29
1.6.1 Coleta de dados .....	31
1.7 ARQUITETURA DA TESE .....	33
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DO ESCRAVO NO ANÚNCIO DE JORNAL .....	39
2.1 A escravidão no Brasil .....	42
2.1.1 Os escravos africanos .....	49
2.1.2 Leis emancipadoras e declínio da escravidão .....	57
3 TRADIÇÕES DISCURSIVAS E GÊNEROS TEXTUAIS .....	63
3.1 O legado de Eugenio Coseriu .....	65
3.1.1 A mudança linguística .....	68
3.1.2 Os níveis da linguagem .....	71
3.2 Definição de Tradições Discursivas .....	73
3.2.1 TD entre conservadorismo e dinamismo .....	77
3.2.1.1 Historicidade da língua histórica particular .....	84
3.2.1.2 Historicidade dos textos .....	84
3.2.2 A composicionalidade das TDs .....	87
3.2.3 As consequências da definição de TD .....	88
3.3 O gênero anúncio de fuga de escravos .....	91

3.3.1 A relação do gênero com o suporte .....	98
3.4 Tradições discursivas <i>versus</i> gêneros textuais .....	100
3.5 Da linguística histórica dos gêneros textuais .....	102
3.6 Das marcas do oral e do escrito nas TDs .....	104
3.6.1 Das marcas do escrito .....	112
3.6.1.1 Marcas do escrito no nível pragmático .....	113
3.6.1.2 Marcas do escrito no nível sintático .....	113
3.6.1.3 Marcas do escrito no nível semântico.....	114
3.6.2 Das marcas da competência escrita de <i>impronta oral</i> .....	114
3.6.2.1 Marcas do oral no nível pragmático.....	115
3.6.2.2 Marcas do oral no nível sintático .....	116
3.6.2.3 Marcas do oral no nível semântico .....	116
4 TRADIÇÃO DISCURSIVA DOS ANÚNCIOS DE ESCRAVOS NO JORNAL .....	117
4.1 História da Imprensa no Brasil e em Pernambuco .....	118
4.1.1 O jornalismo antes da imprensa .....	120
4.1.2 Surgimento da imprensa .....	123
4.1.2.1 Estrutura e comercialização dos jornais.....	128
4.1.2.2 Os primeiros jornais: as gazetas e os pasquins .....	130
4.1.2.3 Jornais republicanos e abolicionistas .....	134
4.1.3 As mudanças no jornalismo do século XIX ao XXI .....	136
4.2 A Imprensa em Pernambuco .....	139
4.2.1 O Diário de Pernambuco .....	141
4.2.2 O Diário Novo .....	149
4.3 Inserção do escravo no anúncio de jornal .....	150
4.4 Definições de anúncio, aviso e notícia .....	153
4.4.1 Anúncio de fuga de escravos como gênero jornalístico ou publicitário .....	161
4.5 Tipos de anúncios.....	165

4.5.1 Anúncio de venda.....	168
4.5.2 Anúncio de aluguel.....	170
4.5.3 Anúncio de achado.....	172
4.5.4 Anúncio de apreensão.....	173
4.5.5 Anúncio de pedido .....	175
4.5.6 Anúncio de oferta.....	179
4.5.7 Anúncio de fuga .....	179
4.5.7.1 A fuga das escravas .....	185
5 TRAÇOS DE COMPOSICIONALIDADE DA TD ANÚNCIO DE FUGA DE ESCRAVOS .....	188
5.1 Composicionalidade da TD na dimensão estrutural .....	189
5.1.1 Diagramação: localização do gênero no suporte .....	190
5.1.2 Tipologia textual.....	193
5.1.3 Organização retórica .....	200
5.1.3.1 Estrutura do anúncio.....	202
5.1.3.1.1 Abertura .....	202
5.1.3.1.2 Desenvolvimento .....	203
5.1.3.1.3 Fechamento.....	207
5.2 Composicionalidade da TD na dimensão linguístico-discursiva.....	210
5.2.1 Características universais .....	210
5.2.1.1 Nível pragmático .....	211
5.2.1.2 Nível sintático.....	217
5.2.1.3 Nível semântico .....	222
5.2.2 Características históricas.....	227
5.2.2.1 Aspectos ortográficos.....	227
5.2.2.2 Pontuação .....	231
5.2.2.3 Adjetivação.....	233
5.2.2.4 Verbo.....	235

5.2.2.5 Aspectos lexicais.....	242
5.2.2.5.1 Vulgarismos.....	247
5.2.2.5.2 Arcaísmos.....	248
5.2.3 Características das TDs.....	250
5.2.3.1 Formas fixas.....	250
5.2.3.1.1 Formas fixas da TD de abertura.....	251
5.2.3.1.2 Formas Fixas da TD de desenvolvimento.....	253
5.2.3.1.3 Formas fixas da TD de fechamento.....	255
5.2.3.2 TDs do estilo chanceleresco.....	257
6 DO ANÚNCIO DE FUGA DE ESCRAVOS AO DE PROCURADOS DO SÉC. XXI.....	263
6.1 Traços de Composicionalidade da TD anúncio/cartaz de procurado.....	266
6.1.1 Diagramação.....	267
6.1.2 Tipologia textual.....	271
6.1.3 Organização retórica.....	271
6.2 Composicionalidade da TD anúncio/cartaz de procurados na dimensão linguístico-discursiva ..	274
6.2.1 Características universais.....	274
6.2.1.1 Análises pragmáticas.....	275
6.2.1.2 Análises semiológicas.....	276
6.2.2 Características históricas.....	280
6.2.2.1 Características da TD anúncio de procurado.....	280
6.3 Diálogos entre o passado e o presente.....	293
<b>CONCLUSÕES</b> .....	301
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	308

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa *Anúncios de escravos: traços de mudanças e permanências de TDs nos jornais do Recife* tem como objetivo central analisar as tradições discursivas, abreviadamente TDs, dos *anúncios de fuga de escravos* dos jornais do Recife do século XIX e compará-las com a dos *anúncios de procurados* da atualidade, procurando apreender os elementos constitutivos dos gêneros, a fim de estabelecer um elo entre inovação e conservação entre textos que compartilham de mesmas TDs.

O escopo teórico da investigação linguística tem como eixo central as concepções teórico-metodológicas das TDs, propostas por autores da romanística alemã, a partir dos postulados de Eugênio Coseriu (década de 70) sobre língua, norma e fala, tendo sido reformulada e expandida por Brigitte Schlieben-Lange, Peter Koch, Wulf Oesterreicher e Johannes Kabatek. A TD se configura como prática social, tradicionalmente fixada, que relaciona o texto à realidade histórica.

Recorremos ao paradigma teórico-metodológico das TDs por várias motivações: a primeira delas é que a denominação “tradição discursiva” é mais acentuada historicamente, em virtude da filologia pragmática alemã ter se voltado ao estudo dos textos numa perspectiva diacrônica e aliada as análises linguísticas às reflexões históricas, valorizando, com isso, a Linguística Histórica<sup>1</sup>, ao conceber que a historicidade dos textos auxilia a historicidade das línguas e uma deve levar em conta a outra. A segunda motivação é que a abordagem da tradição discursiva reconhece que o uso da linguagem, em todos os níveis, se faz sempre por meio de textos que devem ser considerados como o lugar primordial da “inovação linguística”. No Brasil, os estudos relacionados às TDs estão fortemente ligados ao projeto Para a História do Português do Brasil<sup>2</sup> – PHPB – como agenda de pesquisas que auxiliam nas análises sobre a constituição do Português Brasileiro (PB).

---

<sup>1</sup> Segundo Mattos e Silva (2008, p. 8), a linguística histórica trata de interpretar as mudanças fônicas, sintáticas e semântico-lexicais ao longo do tempo histórico, em que uma língua ou uma família de línguas é utilizada por seus utentes em determinado espaço geográfico não necessariamente contínuo.

<sup>2</sup> O Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) surgiu na Universidade de São Paulo (USP), em 1995, inicialmente como Projeto de História do Português Paulista (PHPP), objetivando identificar o percurso histórico do português paulista. Por ocasião do I Seminário do PHPP em São Paulo (1997), o projeto tornou-se nacional, rebatizado para PHPB, tendo como objetivo central promover o conhecimento e a descrição da história da língua brasileira a partir de documentos produzidos no país desde o seu descobrimento até os dias atuais. A análise diacrônica dos textos e dos gêneros textuais que têm relação com a história social, assim como a abordagem das TDs, tem grande aceitação no Projeto PHPB. O *corpus* do PHPB encontra-se catalogado na Plataforma de *Corpora*, que comporta a sistematização de todos os materiais editados pelos membros do Projeto, denominado de Corpus Comum Mínimo, que compreende textos de mesma natureza e o Corpus Diferencial, que

Mattos e Silva (2008) admite duas vertentes na linguística histórica: *lato sensu* e *stricto sensu*. A *Linguística histórica lato sensu* trabalha com dados datados e localizados num tempo e num espaço, já a *Linguística histórica stricto sensu* se debruça sobre o que muda e como as línguas mudam ao longo do tempo. Nessa concepção, há duas orientações de abordagem: a) a linguística histórica sócio-histórica e b) a linguística diacrônica associada. Esta pesquisa se insere, então, na vertente da *linguística histórica lato sensu* por analisar *corpora*, os anúncios de fuga de escravos e anúncios de procurados, datados e localizados no tempo e no espaço.

Toral (2013)<sup>3</sup> sugere que para o estudo histórico de uma língua seja necessário analisar textos diferentes daqueles literários, que até bem pouco tempo não recebiam atenção na comunidade de estudos linguísticos. Concordamos com a autora quando esta afirma que nos textos históricos, como os anúncios de escravos, a tradição discursiva se impõe, justificada por estratégias discursivas, pragmáticas e comunicativas que reproduzem dados linguísticos e sociais da época.

Dessa forma, procuramos analisar os traços de composicionalidade dos anúncios de fuga de escravos em duas etapas tanto no aspecto macroestrutural, quanto do aspecto linguístico-discursivo, sendo que neste ponto procuramos analisar os anúncios em três níveis: características universais, características históricas e das TDs, dentre outros aspectos que sustentam a trama textual e fazem com que o texto seja fortemente marcado como tradição discursiva.

---

compreende *corpora* complementares para controle contrastivo ao Corpus Comum Mínimo, é neste que se inserem os anúncios. O Corpus Comum Mínimo são texto que todas as equipes do PHPB precisam coletar e analisar. Ele tem sua organização distribuída em três rótulos textuais de IMPRESSOS – cartas de leitores, cartas de editores e anúncios – e dois outros para MANUSCRITOS: cartas particulares e cartas oficiais. O material está disponível em <<<https://sites.google.com/site/corporaphpb>>>.

<sup>3</sup> Toral (2013, p. 246) analisou um conjunto de textos notariais de 1242 e 1376. Esses textos reproduzem contratos, ordem municipais, testamentos etc. A autora acredita que se faz necessário, para o estudo histórico de uma língua, trazer à luz das análises, textos de outras tradições textuais, distintos dos literários, que até há bem pouco não recebiam atenção.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

Analisar as TDs dos *anúncios de fuga de escravos* dos jornais do Recife do século XIX e compará-las com a dos *anúncios de procurados* do século XXI, procurando apreender os elementos constitutivos dos gêneros, a fim de estabelecer um elo entre inovação e conservação entre TDs.

#### 1.1.1.1 Objetivos Específicos

- Analisar a trajetória histórica da TD anúncios de fuga de escravos do século XIX;
- Refletir sobre o contexto situacional da época em que circularam os anúncios de fuga de escravos;
- Apontar a composicionalidade da TD anúncio de fuga de escravos na dimensão estrutural e na dimensão linguístico-discursiva;
- Identificar as características universais, históricas e das TDs dos anúncios de fuga de escravos;
- Evidenciar as características dos anúncios de fuga de escravos como gênero jornalístico;
- Detectar, nos anúncios de fuga de escravos, os padrões oracionais que divergem dos atuais nos usos sintáticos, lexicais e semânticos da variante escrita da época;
- Apontar quais TDs foram mais flexíveis à mudança e quais permaneceram mais agregadas ao gênero anúncio de fuga de escravos;
- Analisar a composicionalidade dos anúncios de procurado;
- Comparar anúncios de fuga de escravos (séc. XIX) com os anúncios de procurados (séc. XXI);
- Constituir *corpora* significativos de anúncios de fuga de escravos e de procurados, sob forma de banco de dados.

## 1.2 PROBLEMATIZAÇÃO

Os anúncios de fuga de escravos foram textos que circularam nos jornais desde o momento da implantação da imprensa no Brasil, em 1808, até a abolição da escravatura em 1888. Por cerca de 80 anos, essa tradição discursiva preencheu as páginas dos jornais impressos. Porém, um pouco antes da abolição, por volta de 1885, já não se viam mais explicitamente anúncios de escravos, intitulado as notícias do jornal. As leis antiescravistas e a pressão dos países que já haviam abolido a escravidão da sua história pressionavam o Brasil, para por fim ao regime servil. É naquele momento que se proliferaram anúncios de diversas naturezas como os de amas secas, amas-de-leite e “trabalhadores livres” para os serviços domésticos e do campo.

Os jornais então preenchiam os espaços, antes destinados aos anúncios de escravos, com anúncios de “precisa-se”, mas não podemos falar em mão-de-obra livre, mesmo que já existissem escravos forros oferecendo seus serviços. O trabalho era tão subserviente e degradado que negros libertos continuavam a servir seus donos em troca de alimentação e, dessa forma, perdurava a relação de subserviência do negro em relação ao dono.

Paralelamente, entram em cena os anúncios de procurados, textos de longa tradição na literatura, para tomar o lugar do anúncio de fuga de escravo nos jornais; isso só foi possível porque os textos têm a mesma finalidade comunicativa, a captura do foragido, e por compartilharem de mesmas TDs. Na atualidade, os anúncios de procurados trazem em seu interior elementos textuais que apontam para o passado, i.e. para os anúncios de fuga de escravos, e são eles que serão analisados para que se constitua um *corpus* de cotejo.

A análise criteriosa dos anúncios vai além das considerações já empreendidas sobre a cultura brasileira escravagista, pois podemos reconstruir características da relação servil entre senhores e escravos a partir do que era escrito sobre os cativos na forma de anúncios. Pessoa (2003, p. 20) acredita que os anúncios de escravos são textos aparentemente desinteressantes para os estudiosos da língua, mas se revelam como uma das principais fontes para a recuperação de informação indireta, porque não foram escritos com o fim de caracterizar a relação do escravo com a língua portuguesa, mas sim para anunciá-lo como “peça” a ser comercializada. Para o autor, os anúncios estão eivados de descrições elaboradas pelos senhores (ou redatores do anúncio) sobre o uso do português falado à época.

Como dito, dada a importância histórica, os anúncios de escravos apontam não apenas para o negro escravo (ou escravo negro<sup>4</sup>), mas também para a dimensão social, como as relações de poder existentes à época entre os senhores e seus cativos, deixando entrever o preconceito social e racial vigente. No próprio anúncio de fuga, podemos extrair tanto os aspectos linguísticos, relacionados às escolhas lexicais, semânticas e pragmáticas, quanto os aspectos extralinguísticos da língua, como as construções discursivas que foram legitimadas e sustentadas pelas classes dominantes à época.

A problematização consiste em responder às seguintes questões: **1) *Quais as TDs que compõem esses textos/gêneros?*** **2) *Quais os elementos composicionais dessas TDs?*** **3) *Como as TDs eram/são legitimadas socialmente?*** **4) *Que fenômenos se propagam de uma TD em outra?*** **5) *Quais TDs tenderam à inovação e quais foram mais fixadas ao texto/gênero e conseqüentemente, propensas ao conservadorismo?*** **6) *Como podemos estabelecer a comparação de anúncios antigos com os atuais?***

### 1.3 HIPÓTESES

A investigação parte da hipótese de que, com o fim da escravidão brasileira, o anúncio de fuga de escravos não desapareceu, mas transformou-se, dando surgimento aos anúncios de procurados, fugitivos da justiça que hoje se distribuem em todo o território nacional. Além disso, pode-se estabelecer uma comparação entre as TDs anúncios de fuga de escravos e de procurados, a partir da identificação dos traços de composicionalidade estruturais, linguísticos e discursivos que são evocados e repetidos de sincronias passadas em sincronias presentes. Mesmo sendo originados em contextos histórico-sociais diferentes, e de acordo com as necessidades comunicativas de cada época, acreditamos que os anúncios de procurados têm reminiscências dos anúncios de fuga de escravos, seja pelos aspectos retóricos, seja pelos textuais.

A outra hipótese levantada durante o percurso desta investigação, diz respeito aos autores dos anúncios de fuga de escravos. Tais anúncios revelam elementos da oralidade que não se referem à vontade estilística dos redatores e nem mesmo a tentativa de imitação da fala, mas se deve à imperícia ou falta de prática na redação dos textos, que os levam a recorrer à copia das TDs para atingir os objetivos pretendidos. As análises dos anúncios de

---

<sup>4</sup> Freyre (2006, p. 398) afirma que é impossível a separação do negro, introduzido no Brasil, de sua condição de escravo.

fuga de escravos revelam que eles devem ter sido produzidos por autores *semicultos*, que realizam textos escritos fortemente marcados pela concepção oral, denominados por Oesterreicher (1994) de *la competencia escrita de impronta oral*.

#### 1.4 JUSTIFICATIVA

Investigar os anúncios de escravos representa avaliar uma parte da língua portuguesa, tomada por Gilberto Freyre como “superior à dos anais do parlamento”, pois eles revelam dados linguísticos e históricos que não são encontrados em nenhum outro documento. De acordo com Freyre (2010, p. 35) “feliz do país que, como o Brasil, pode encontrar nos seus anúncios de jornais relativos a escravos – antepassados de tantos brasileiros de hoje – tão puras evidências de tantos deles terem sido mulheres e homens eugênicos e até belos”. As formas e expressões usadas à época no jornal fortemente influenciadas pela concepção oral, pois mesmo que algumas gramáticas já estivessem em circulação no século XIX, se escrevia como se falava.

A origem desses anúncios está na escravidão; contudo, não podemos generalizar a escravidão, pois há diferenças de escravismos no mundo. No caso do Brasil, que recebia um grande contingente de negros oriundos de várias regiões e nações da África, a escravidão tinha contornos punitivos, já que no país desembarcavam prisioneiros de guerras e negros já escravizados desde a sua terra natal, para servirem de mão-de-obra às lavouras e ao engenhos.

Estudar os anúncios é instigante porque eles mostram a rotina da escravidão: a subjugação dos indivíduos escravizados, as formas de castigos, os laços afetivos entre os negros, como a sociedade enxergava o escravismo, e demais aspectos de natureza diversa podem ser recuperados na leitura de um único anúncio de escravo fugido. Porém, é importante ressaltar que no século XIX, a escravidão era vista, até por aqueles que depois a combateria, como algo natural e vital para manter o sistema econômico e social brasileiro. A consciência de que era preciso mudar as mentalidades da época só passou a ser externada nos jornais no final daquele século, mesmo que as leis antiescravistas já estivessem vigentes no país.

Os escravos faziam parte da estratificação social do Brasil Imperial e constituíam-se como mão-de-obra vital, que impulsionava a engrenagem econômica. Em Pernambuco, a

presença maciça de negros centrava-se nas lavouras de cana-de-açúcar<sup>5</sup>, no entanto, eles foram personagens centrais da paisagem urbana, servindo de pajens e amas na morada dos senhores de engenho ou dos comerciantes. Por isso, abordar os anúncios apenas pelo viés das análises linguísticas, do ponto de vista formal, dos aspectos sintáticos da composição textual, inseridos na esfera jornalística ou publicitária, tornam as análises sem alma. É preciso inseri-los no contexto de sua produção e receptividade, descrever os aspectos histórico-sociais que favoreceram o surgimento e produção desses textos e, a partir daí, mergulhar nas mentalidades da época. Por esse motivo, é necessário estudar os anúncios numa perspectiva diacrônica, reconstruindo não só as TDs que os constituem, mas também os fatores que contribuíram (e contribuem) para a mudança linguística.

Para realizarmos as análises, centramos a nossa atenção nos anúncios publicados nos jornais *Diario de Pernambuco* e *Diario Novo* do século XIX. As relações de similaridades entre TDs de anúncios foram estabelecidas com os anúncios de procurados do séc. XXI divulgados pela ONG *Movimento Pernambuco contra o crime (MPCC)*. A escolha do material e da época se deve ao fato de o Recife ter sido, no século XIX, polo de cultura e civilização de toda a região Nordeste, e a vida social, cultural está refletida nos jornais em circulação da época<sup>6</sup>. Dessa forma, os jornais escolhidos constituem documentação importante para analisar a história social da língua e a sociedade pernambucana, largamente representativa do sistema econômico, da moral e da cultura intelectual da época, pois vários aspectos das transformações sociais na província pernambucana podem ser recuperados nas páginas dos jornais em circulação da época, como as primeiras manifestações de rua e as notícias das cheias que inundavam o Recife.

A justificativa de analisar os anúncios de fuga de escravos pelo viés das tradições discursivas reside no fato de que essa abordagem teórico-metodológica considera que o desenvolvimento das TDs independe das línguas onde são originadas, além disso, as TDs têm uma dinâmica própria de funcionamento, pois são formadas em todas as modalidades da língua (oral ou escrita), em todos os níveis da linguagem (padrão ou não padrão) e em todas as variedades linguísticas que essa língua possui (diastrática, diatópica). Desse modo, as TDs se mostram produtivas para analisarmos a complexa estrutura textual que um simples anúncio de fuga de escravos carrega em seu interior.

---

<sup>5</sup> Schwarcz e Starling (2015) afirmam que “cana e escravidão formavam, assim, um par ‘intendo e extenso’”.

<sup>6</sup> Gilberto Freyre, na obra *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX* (1961/2010), já ressaltava a importância dos anúncios de escravos como forma de reconstituição antropológica e social das características da população negra africana que residia no Brasil.

A escravidão no Brasil deixou marcas indeléveis na cultura e nas pessoas, além de instigar os nossos valores sociais. Como brasileiros, somos tentados a acreditar que não somos preconceituosos em relação à cor e a etnia, mas a nossa construção identitária está pautada numa relação polarizada entre ricos vs. pobres e entre “brancos” vs. negros, como se existisse uma classe ou uma cor de pele melhor ou superior que outra.

Ler os milhares de anúncios publicados por cerca de 80 anos, e se indignar com eles, é uma forma de não esquecermos as cicatrizes que foram deixadas não só no corpo dos escravos, mas nas nossas raízes. O mito de uma relação amena entre escravos e seus donos, apregoada por Gilberto Freyre, pode até explicar quão positivo foi a mistura de raças para que sejamos hoje indivíduos plurais em termos étnicos, mas fora isso, a escravidão que massacrou culturas africanas aqui no Brasil, é vergonhosa e não pode ser ignorada e esquecida.

Portanto, a melhor forma para não deixarmos essa mácula em nossa história cair no esquecimento é relacionar sempre o presente ao passado, pois ao desprezarmos a forma como os negros foram tratados, somos tentados a repetir os erros de outrora.

## 1.5 REFERENCIAIS TEÓRICOS

Os referenciais teóricos fundamentais para a análise e interpretação dos dados estão focalizados no paradigma teórico da tradição discursiva, na linguística textual dos gêneros, na história da escravidão do Brasil, na implantação da imprensa no país (no século XIX), e nas características da competência escrita de *impronta oral*. Ao investigarmos a genealogia dos gêneros anúncios de fuga de escravos, estamos investigando não só a história da língua, mas a história dos textos produzidos pela comunidade de fala. Além disso, mostraremos como o modelo teórico-metodológico de tradição discursiva oferece subsídios para a descrição e mudança linguística, sem perder de vista a historicidade dos textos. Nesse sentido, esta pesquisa visa contribuir também para as investigações que tratam da diacronia dos gêneros.

O arcabouço teórico para análise do percurso histórico-social dos gêneros foi construído a partir de dois eixos centrais: os pressupostos das TDs, a partir das considerações de Coseriu (1979, 1980), Schlieben-Langue (1983), Koch (1997, 2008), Oesterreicher (1994, 1996a e b, 2006), Kabatek (2003, 2004, 2005a, 2005b, 2008) e da teoria dos gêneros textuais com Bakhtin (2003), Bazerman (2011) e Marcuschi (2002, 2008) além de outros teóricos e estudiosos que procuram compreender a constituição e o funcionamento do gênero na

sociedade. Essas duas perspectivas teórico-metodológicas nos permitem demonstrar a trajetória dos anúncios, associando-os à sua finalidade comunicativa, além de apontar, numa perspectiva diacrônica, os traços de conservação e inovação dos elementos constitutivos dos gêneros em estudo.

Para a abordagem da imprensa e da prática do jornalismo impresso, buscamos respaldo em Rizzini (1968), Sodré (1999), Pessoa (2002 a, b, c, d e 2006) e Barbosa (2010). A investigação sobre a imprensa é necessária visto que ela teve um papel importante na formação e fixação das línguas, como argumenta Pessoa (2005). Além disso, com o surgimento da imprensa, as gramáticas das línguas vulgares começaram a aparecer e o seu funcionamento favoreceu a normatização de uma gramática cada vez mais distante da língua falada.

Na dimensão linguístico-discursiva, partimos das propostas de análises de Oesterreicher (1994), Stoll (1996), Pessoa (2003), Koch (2011) e Toral (2013), visto que no estudo dos textos históricos de uma língua faz-se necessário abordá-los com o respeito que impõem as TDs. Assim, analisaremos os traços de composicionalidade macrotextuais e microtextuais, que englobam as características universais (nos níveis pragmático, sintático e semântico), históricas e das TDs.

As demais perspectivas teóricas serão explicitadas ao longo das seções a fim de justificar nossa abordagem. Além disso, ocasionalmente recorreremos às definições e conceitos de outras áreas de conhecimento como do direito, da sociologia e da filosofia para explicar os nossos argumentos.

## **1.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa está inserida no método histórico (MARCONI & LAKATOS, 2010), da abordagem quanti-qualitativa, pautada na análise estrutural, descritiva, interpretativa dos dados, da pesquisa documental e bibliográfica. Os procedimentos quantitativos são indispensáveis para comprovar as recorrências dos elementos que podem ser apontados como tradicionais dos gêneros em estudo. A adoção da abordagem quantitativa não reduzirá os parâmetros analíticos das amostras<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> A perspectiva qualitativa é particularmente relevante nas análises desta pesquisa devido aos limites de alcance em termos locais, temporais e situacionais das fontes históricas (FLICK, 2009), a exigir do pesquisador a experiência e domínio nas análises do material selecionado. Bauer *et al.* (2002, p. 22) confirmam que a pesquisa

Com a finalidade de apontar os traços constitutivos das TDs, é necessário delinear as características dos textos, a sua recorrência e a relação com outros textos. Sobre isso, Kabatek (2004) propõe uma metodologia estatística baseada em critérios de análises textuais, como aquelas que determinam a relação entre juntores que se encontra em um texto e a TD à qual o texto pertence. Para a condução da investigação de textos históricos, como os anúncios de fuga de escravos, por exemplo, é necessário fazer o reconhecimento e distinção das TDs que os constituem.

Essa metodologia é a *análise quantitativa e computacional*<sup>8</sup>, lançada por Douglas Biber (1988), e a noção de *junção* de Wolfgang Raible (2001); porém, Kabatek propõe uma redução dos traços linguísticos de Biber e ressalta a junção como o suporte indispensável para a apreensão das TDs, pois, segundo o autor, ela mobiliza informações no nível de análise linguística como as estratégias de *agregação e integração* que comportam: a justaposição, a

---

quantitativa lida com números, usa modelos estatísticos para explicar os dados e, por isso, é considerada pesquisa *hard*. Contrapondo-se a isso, a pesquisa qualitativa evita números, pois lida com interpretações das realidades sociais, por isso é considerada pesquisa *soft*. Para os autores, muitos esforços foram aplicados na tentativa de justapor a pesquisa quantitativa e qualitativa como paradigmas competitivos de pesquisa social, entretanto, é preciso superar tal polêmica entre as duas tradições de pesquisa social, visto que não há quantificação sem qualificação e não há análise estatística sem interpretação.

Bauer *et al.* (*op. cit.*, p. 24) afirmam que a mensuração dos fatos sociais depende da categorização do mundo social. As atividades sociais devem ser distinguidas antes que qualquer frequência ou percentual possa ser atribuído a qualquer distinção. Outro fator relevante na pesquisa qualitativa é que ela sozinha não possui o monopólio da interpretação, já que os dados sozinhos não falam por si mesmos, ainda que sejam processados cuidadosamente, como modelos estatísticos sofisticados. É necessário, então, desmitificar a sofisticação estatística como o único caminho para se conseguir resultados significativos. Dessa forma, adotamos os procedimentos quanti-qualitativos precedidos da reflexão analítica em relação aos objetivos pretendidos. Assim, as duas abordagens se mostram indispensáveis para se distinguir os traços composicionais das TDs que compõem os anúncios de fuga de escravos e de procurados.

<sup>8</sup> A *análise multidimensional* de Biber (1988) refere-se à distinção da variedade de gêneros textuais por meio da consideração concomitante de parâmetros linguísticos e situacionais. Tais parâmetros de coocorrência entre traços, que são avaliados estaticamente de forma contínua ou escalares, dão a noção de *dimensão* de que fala o autor. Biber acredita que as dimensões são graduais e que a relação entre gêneros pode ser atestada através do gráfico dessas dimensões; por isso, essa proposta permite avaliar a variação quantitativa dos fatores como também o grau de proximidade entre os gêneros ao longo do contínuo de tempo. Kabatek (2004, p. 11) acredita que estudar uma língua não é como estudar uma receita de cozinha com ingredientes que se podem medir em gramas e litros. A única solução ao problema da coexistência de TDs diferentes que influem na diacronia da língua é uma história da língua que estude as diferentes tradições sem se limitar a uma só, mantendo a diferenciação – uma história da língua menos monolítica que permitirá saber em quais TDs uma inovação é criada, como ela se difunde e também onde há TDs resistentes às inovações, e TDs que preservam elementos que em outras TDs não se usam mais. Por essa razão o autor propõe uma redução dos traços linguísticos formulados por Biber e opta pela *junção* como o aspecto para apreender a TD, numa abordagem quanti-qualitativa que reúne tipos de juntores, frequência relativa, distribuição e grau de complexidade morfossintática e semântica.

Os juntores<sup>8</sup> (“Junktion”) de uma língua são classificados segundo um esquema sintático que, de um lado, descreve diferentes graus de “integração”, desde processos simples como a justaposição até as formas extremas como a integração por nominalização e subordinação. Por outro lado, segundo as relações semânticas expressas pelos elementos juntores que seguem uma escala cognitiva de complexidade crescente. O eixo vertical corresponde às relações morfossintáticas e o eixo horizontal diz respeito às relações semânticas, o resultado desse esquema de junção revelaria quais combinações seriam mais ou menos frequentes dentro daquela TD (KABATEK, 2004, p. 12).

relação dêitica, a subordinação, as perífrases, as preposições etc., para validarem as relações de sentido.

O modelo da *Análise quantitativa e computacional* não será adotado nesta pesquisa, pois não daríamos conta de analisar exaustivamente todos os elementos (os juntores) que constituem os anúncios de escravo, devido à extensão da nossa amostra: 136 anúncios de fuga de escravos, mais 30 outros anúncios relacionados ao negro envolvido em assuntos distintos: aviso, aluguel, venda, achado, apreensão, declarações, compra, leilão e oferta. Esta investigação adota procedimentos de análises um pouco diferentes, que não fazem jus à riqueza metodológica de Biber e Raible, mas que serão tão produtivas quanto à análise quantitativa computacional, já que nossas análises estão pautadas em aspectos textuais e pragmáticos nos três níveis da língua, como bem postulou Eugenio Coseriu, no nível universal, no histórico, este mais específico do texto e no nível das TDs<sup>9</sup>.

Com essa forma de análise, acreditamos ser possível apontar as TDs que constituem o *corpus* dos anúncios de fuga de escravos, quais delas inovaram e quais delas se tornaram rígidas ao longo do tempo. No entanto, mesmo centralizando as análises na abordagem qualitativa, em algumas passagens analíticas será imprescindível recorrer aos dados de natureza quantitativa, para apontarmos as ocorrências dos elementos composicionais das TDs que constituem os anúncios de fuga de escravos.

### 1.6.1 Coleta de dados

A coleta de dados da pesquisa contemplou a seleção dos anúncios de fuga de escravos, entre junho de 2013 a dezembro de 2014 (18 meses), tendo sido feita uma nova seleção entre abril e junho de 2015, pela autora (AK) deste trabalho no setor de microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (Rua 17 de agosto s/n em Apipucos, Recife/PE). A outra parte da coleta de anúncios de escravos foi realizada pelo prof. Wellington Barbosa (WB), da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

---

<sup>9</sup> Sobre as análises da superfície dos textos, Kabatek (2005) se opõe a elas, e afirma que, para o estudo das TDs, as análises da superfície textual não são suficientes. Para ele, a quantificação dos elementos nunca vai ser um substituto da análise filológica detalhada, mas ela é uma base objetiva para a comparação que é o fundamento de qualquer estudo de evolução histórica.

ANÚNCIOS DE FUGA DE ESCRAVOS			
ANO	JORNAL	QUANTIDADE	AUTOR
1825-1834	DP	31	AK/WB
1835-1844	DP/DN	40	AK/WB
1845-1854	DP/DN	20	AK/WB
1855-1864	DP	24	AK
1865-1875	DP	21	AK
		<b>136</b> anúncios	

Os anúncios ou cartazes<sup>10</sup> de procurados foram disponibilizados pela ONG<sup>11</sup> *Movimento Pernambuco contra o crime (MPCC)* em 2013, não tendo sido informadas pela instituição as datas de circulação do material, apenas o período (de 2000 até 2013).

O *corpus* de cotejo é constituído dos *corpora* de 136 anúncios de fuga de escravos publicados no jornal *Diario de Pernambuco* e *Diario Novo* entre 1825 a 1875, e de 17 anúncios de procurados do século XXI, (incluindo-se os impressos e *on line*) para servirem de exemplificação da análise comparativa. Além disso, há 30 anúncios que se referem aos escravos envolvidos em variadas situações como aluguel, venda etc., totalizando 166 anúncios para compor o quadro de análise.

A outra etapa da pesquisa contempla a tabulação dos dados: descrição e organização do *corpus* diacrônico, sob forma de banco de dados; das análises e da conclusão da pesquisa.

Pretendemos, com os resultados das análises dos *corpora* anúncios de fuga de escravos e procurados, trazer novas considerações sobre as TDs e o estudo diacrônico dos gêneros, além de contribuir para a valorização do jornal como fonte legítima de estudos linguísticos e de reflexões históricas. A abordagem dos anúncios de escravos sob a perspectiva das TDs procura valorizar as informações linguísticas e históricas do passado com revisões críticas no presente.

<sup>10</sup> Na seção 6 aprofundaremos a discussão sobre anúncios/cartazes de procurados. O cartaz é um meio de comunicação visual que visa atrair o público. Anúncios e cartazes são gêneros distintos, mas para atender a finalidade comunicativa de anunciar o fugitivo, nos jornais do Recife eles mantêm as mesmas características. Moles (1974, p. 44) concorda com essa opinião ao afirmar que o cartaz e o anúncio publicitário participam das mesmas técnicas de confecção. No Brasil, o anúncio de procurados pode ser veiculado em várias mídias e suportes sem, contudo, sofrer alterações na forma de apresentação. Diante disso, deve-se entender, ao longo dessa investigação, que anúncios e cartazes de procurados são concebidos como sinônimos.

<sup>11</sup> As Organizações Não-Governamentais, ONGs, são instituições sem fins lucrativos que têm como objetivo central complementar a responsabilidade do Estado, buscando auxiliar as pessoas excluídas socialmente. As ONGs, geralmente, sobrevivem de financiamentos e doações do próprio Estado, além de entidades privadas e da ajuda de voluntários.

## 1.7 ARQUITETURA DA TESE

Esta pesquisa está inserida na área da linguística histórica por levar em consideração, na mudança linguística, os aspectos históricos que interferiram diretamente na transformação da língua. Ademais, a abordagem diacrônica<sup>12</sup> se torna indispensável para analisar os anúncios de fuga de escravos (dados diacrônicos) por acreditarmos que eles compartilham traços constitutivos semelhantes aos anúncios de procurados (dados sincrônicos). O estudo então se configura como interdisciplinar já que foi necessário recorrer à linguística, ao jornalismo e à história<sup>13</sup> para empreendermos as análises dos *corpora*.

Dessa maneira, o resultado da nossa investigação visa contribuir para a divulgação dos anúncios de jornais como material legítimo de fonte histórica para as pesquisas que podem ser desenvolvidas em diversas áreas de conhecimento. Além disso, os resultados devem mostrar a relevância do paradigma teórico-metodológico das TDs para investigar aspectos relacionados à mudança ou permanência de traços constitutivos da língua.

A arquitetura da tese está organizada em seis seções, estruturada da seguinte maneira: a primeira é dedicada aos aspectos metodológicos; da segunda à quarta seção far-se-ão a revisão da literatura e análise dos anúncios numa perspectiva social. Na quinta e sexta seções proceder-se-ão às análises linguísticas dos anúncios.

Na seção *Contextualização histórico-social do escravo no anúncio de jornal*, faremos uma breve explanação sobre a escravidão no Brasil, este considerado o aspecto histórico mais importante no Brasil oitocentista, que propiciou o aparecimento dos anúncios de escravos no jornal e, conseqüentemente, o anúncio de fuga. A transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, e o tráfico negreiro que serviu a uma aristocracia escravagista rural, avessa ao trabalho e exploradora do trabalho escravo, desenhou o perfil social brasileiro. Faz-se necessário, então, analisar a dinamicidade do tráfico negreiro, visto que a importação massiva de escravos da África para o Brasil é muito significativa. O país, à época, tinha uma população de africanos e mestiços bem maior que a de portugueses e índios; dessa forma, a escravidão corrompeu toda a forma de organização social brasileira, pois mesmo libertos, os

---

<sup>12</sup> Para Saussure, o termo “diacrônico” se refere a abordagem da língua através do tempo, i. e., em dois momentos diferentes de evolução; já o termo “sincrônico” se refere ao estudo da língua em um determinado momento de sua evolução histórica, i. e., num estado presente.

<sup>13</sup> Simões (2007, p. 138) acredita que o domínio das TDs necessita da cooperação de disciplinas como a “análise literária, a musicologia, a retórica, a história da cultura, a diplomática, a história da economia, do direito, da igreja etc.”, visto que essas disciplinas apresentam uma disponibilidade clara para se associar aos estudos realizados pela linguística de texto e pela pragmática. Para o autor, o domínio da competência linguística apresenta interlocução com disciplinas como a psicologia, a sociologia, a semiótica, a linguística cognitiva a antropologia, a filosofia, a fonética etc.

negros não sabiam como se organizarem porque a eles foi negado o direito à terra, à escola, à integração social e, conseqüentemente, às riquezas.

Na seção *Tradições Discursivas e gêneros textuais*, que contempla a revisão da literatura, subdividimo-la em três subseções: Tradição Discursiva, Gênero e Das marcas do oral e do escrito, tópicos igualmente importantes para fundamentar os aspectos teóricos. Apresentamos o legado de Eugenio Coseriu (1979) sobre as concepções da linguagem e da mudança linguística, conceitos indispensáveis para a compreensão da TD como prática histórica que orienta o falante no uso e na adequação dos conhecimentos linguísticos, dos modelos tradicionalmente fixados e do contexto situacional. Ressaltamos a contribuição de Brigitte Schlieben-Lange (1983) que defendeu a distinção entre a história dos textos independente da história das línguas, tese basilar que ressaltou aspectos de uma pragmática histórica, noção fundamental que norteia a definição de tradição discursiva.

Sobre as noções de gêneros adotadas nesta investigação, apresentaremos as concepções de autores que reconhecem o caráter mutável dos gêneros textuais e do propósito comunicativo<sup>14</sup> (ou finalidade comunicativa) dos textos como traço definidor de gênero. A abordagem da teoria de gêneros textuais se torna complementar às análises para caracterizarmos os aspectos formais do texto, associados ao propósito comunicativo, aliada às reflexões sobre como se constroem significações para os discursos e para a ação social. Nos anúncios de escravos e procurados, a finalidade comunicativa, que é a captura do foragido, não é apenas atualizada na materialidade do texto, mas também por elementos pragmático-discursivos que subjazem ao linguístico.

Ao admitirmos que todo ser humano utiliza a língua a partir da intenção e das finalidades comunicativas, e que as maneiras de realização de enunciados são “relativamente estáveis” (Bakhtin, 2003), então, defende-se que há traços composicionais de TDs do anúncio de fuga de escravos que ainda permanecem nos anúncios de procurados da atualidade. Assim, para apontarmos as TDs presentes nos anúncios de procurados é primordial delimitar o suporte, i.e., comparar anúncios impressos antigos com os impressos da atualidade.

---

<sup>14</sup> O propósito comunicativo é um dos elementos caracterizadores dos gêneros, tendo sido definido por Swales (1990) como categoria perceptível pelos usuários do gênero, inseridos numa dada comunidade discursiva, onde são compartilhados, reconhecidos e praticados. A comunidade discursiva consiste em “redes sociorretóricas que se formam a fim de atuarem em prol de conjuntos de objetivos comuns”, na qual os membros dessas comunidades discursivas possuem a familiaridade com determinados gêneros textuais que são usados para atingirem um propósito comunicativo (SWALES, 1990, p. 9). Inicialmente os grupos concebidos por Swales (1990) como verdadeiros e estáveis, marcados pelo acordo em suas posições. Em 1992 o autor revisou o conceito que passou a abranger a possibilidade de existência de conflitos internos.

Ainda na primeira seção, faremos uma abordagem das marcas do oral (*competencia escrita de impronta oral*)<sup>15</sup> e do escrito e seus respectivos níveis de análises: pragmático, sintático e semântico. As análises dos anúncios revelaram que eles são textos muito marcados pela concepção do oral e, dessa forma, faz-se necessário descrever como a oralidade e a escrita estão relacionadas, além de apontar as características dos textos em cada uma dessas modalidades de língua.

Na quarta seção *Tradição discursiva de anúncios de escravos no jornal* abordaremos a história da imprensa no Brasil e em Pernambuco, centrando nossa atenção aos jornais *Diario de Pernambuco* e *Diario Novo*, de onde foram coletados e selecionados os anúncios de fuga de escravos, entre 1825 a 1875. Ademais, descreveremos os diversos tipos de transação econômica envolvendo o escravo (venda, aluguel etc.) e como ele aparecia inserido no jornal (fuga, apreensão, achado etc.). Abordar esse tema é imprescindível para que se entenda como a tecnologia do jornalismo impresso influenciou na formação de inúmeras TDs relacionadas ao anúncio, como a forma de intitulá-los e redigi-los. Quanto aos jornais escolhidos para análise, a motivação se deve ao fato de o DP ser considerado o jornal mais antigo em circulação da América Latina, tendo iniciado suas atividades em 1825. Este jornal defendia os grandes proprietários de escravos que colaboravam com a manutenção do Império. Já o *Diario Novo* foi fundado em 1842 na província, pelos líderes do Movimento Praieiro, que defendiam ideias liberais e republicanas. O jornal teve pouca circulação, mas bastante expressivo à época. Se na ideologia ambos divergiam, nos aspectos relacionados à diagramação e na publicação de anúncios de fuga de escravos os dois se assemelhavam, pois os anúncios de escravos relacionados a todo o tipo de transação econômica faziam parte das informações mais recorrentes dos jornais.

Na quinta seção *Traços de composicionalidade dos anúncios de fuga e escravos* serão apontados os traços de composicionalidade das TDs dos anúncios na dimensão estrutural, que contempla aspectos relacionados à diagramação, tipologia textual e a organização retórica. Ademais, a composicionalidade da dimensão linguístico-discursiva foi subdividida em três níveis de análises: características universais, históricas e das TDs. As características universais dizem respeito aos aspectos que marcam a língua independente do seu idioma: a macroestrutura textual, a sintaxe, a semântica etc.; as características históricas dizem respeito às características tradicionais de uma dada comunidade linguística: aspectos fonéticos, gráficos, morfológicos, morfossintáticos e lexicais. As características das TDs se referem às

---

<sup>15</sup> Cf. Oesterreicher (1996).

características da língua e a tradição de determinados modelos textuais, estando relacionadas ao discurso historiográfico, estilo chanceleresco, tradições discursivas jurídicas, mitologias clássicas etc.

A partir da identificação dessas características nos anúncios, poderemos apontar os traços de composição que foram mais suscetíveis a permanecer no gênero e aqueles que tenderam à inovação. Também, é imprescindível apontar quais os elementos constitutivos dos anúncios de escravos estão presentes nos anúncios de procurados.

A sexta seção, que finaliza a tese, trata *Do anúncio de fuga de escravos ao de procurados do século XIX*, onde apresentaremos a gênese do anúncio de procurados como um tipo de texto que está ligado à realidade social, como consequência da violência (em todos os níveis) que assola o Brasil. O gênero anúncio de procurado, apesar de ganhar contornos atuais, como uso da fotografia e utilizar-se do telefone para garantir a denúncia anônima, nas informações sobre os foragidos, não é tradição recente; vem de uma antiga tradição discursiva, mas que não foi necessário resgatá-la para que estabelecêssemos comparações entre ela e os anúncios de fuga de escravos.

Na finalização do trabalho, faremos as conclusões das análises e apontaremos as limitações da pesquisa, sugerindo propostas para pesquisas futuras, além de fornecer nos elementos pós-textuais do trabalho, as referências, os apêndices e os anexos.

Ao pensarmos no gênero anúncio de fuga de escravo, na sua forma e propósito comunicativo, é evidente que atestamos a sua inexistência na atualidade, visto que as práticas sociais que permitiram seu surgimento e veiculação (a escravidão negra) não existem mais, porém defendemos que há aspectos no seu interior que ficaram preservados e se mostram reabilitados em outro gênero, como podemos ilustrar nos anúncios de procurados da atualidade. E são esses elementos inovadores ou fixos nos anúncios de procurados que serão investigados. Para isso, é primordial averiguar a trajetória dos anúncios de fuga de escravos, os traços constitutivos de sua composição, além de apontar como essa TD foi legitimada socialmente e como podemos estabelecer uma relação entre ela e o anúncio de procurados. É fato que a história da língua está ligada à história dos textos ou gêneros, e estes são constituídos de elementos que podem ser criados, adotados, disseminados, suprimidos, apagados e também reabilitados.

Para Ingedore Koch (2003, p. 128), o texto é como um ponto de partida e de chegada de toda a evolução humana, sendo considerado o local onde se concentram todos os conhecimentos humanos. Com isso, ele acompanha as mudanças em todos os espaços em que o homem estiver atuando, pois as evoluções sociais interferem nas práticas sociais e estas,

consequentemente, interferem no sistema da língua. Portanto, para o estudo das mudanças linguísticas, é necessário buscar pistas nos textos produzidos no presente que evidenciam a língua do passado (ROBERTS e KATO, 1996). Desse modo, o anúncio de fuga de escravo se mostra um gênero bastante promissor para revelar tanto dados linguísticos, quanto dados sociais de uma dada sociedade de determinada época.

Ao estudar a língua, a partir do que era anunciado no jornal, é possível reconstruir os elos entre as várias camadas sociais e, consequentemente, chega-se às mentalidades da época. Além disso, o estudo social da linguagem torna-se importante para que se compreenda, em parte, as práticas sociais que se refletem na língua tanto no léxico (como a manutenção de termos), quanto na sintaxe e, dessa forma, podemos estabelecer uma comparação com o ontem e o hoje.

Um cuidado que se deve fazer ao estudar uma língua na perspectiva das TDs é analisar a sua história interna e externa, já que há acontecimentos sociais que são desencadeadores na formação de novas TDs. Assim, estudar uma língua em fontes que estão no passado têm suas dificuldades, porém é através dos textos antigos que podemos compreender como a língua se apresentava na estrutura sintática e discursiva. É importante, sobretudo, cautela para não considerar uma determinada forma de dizer, i. e., uma variação linguística, como uma mudança sistêmica da língua. Essa é, talvez, a maior dificuldade nesta pesquisa, separar e definir o que é apenas estilo de uma época dos traços composicionais de uma TD, que permitem caracterizar a mudança linguística.

Os anúncios de fuga de escravos se configuram como uma TD complexa, pois está inserido na esfera jornalística, mas segue uma linearidade própria, mesclando linguagens e tradições, tanto que alguns textos saem do caráter informativo para o argumentativo, lembrando muitas vezes os anúncios publicitários. Além de apresentar as descrições que caracterizam o negro em fuga, os anúncios ressaltam aspectos sociais sobre o comércio negreiro. O léxico da época também é característico com expressões do tipo: “com os signaes seguintes” e “será gratificado generosamente”, as quais estão fortemente fixadas à época em que foram produzidas. Dessa forma, essas expressões se revelam TDs dentro da própria TD anúncio de fuga de escravo.

Os anúncios fazem parte da tradição escrita impressa, mas eles sofriam forte influência da oralidade ou *semi-oralidade*<sup>16</sup>, pois acreditamos que eles eram redigidos por pessoas de

---

<sup>16</sup> Este termo foi proposto por Fritz Nies, em 1979, para designar um modo de produção e de tradição de textos entre o oral e o escrito, tendo sido aprofundado por Schlieben-Lange em 1983 (SCHLIEBEN-LANGE, 1995, p. 115).

diferentes graus de instrução e classe social que imprimiam nos jornais aspectos da língua falada vigente que, naquele momento, divergiam da norma já estabelecida em gramáticas como a de Soares Barbosa (1822).

Finalmente, para analisar o percurso histórico do anúncio de escravos – diacronia – e tentar estabelecer uma relação com textos/gêneros da atualidade – sincronia, – é preciso conceber a língua e, conseqüentemente, os gêneros como processos dinâmicos que revelam seu caráter de variação e mudança. É imprescindível a análise diacrônica da língua nesta investigação, para que se revelem os traços de mudanças e permanências de TDs dos textos.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DO ESCRAVO NO ANÚNCIO DE JORNAL

A compreensão dos anúncios de fuga de escravos deve ser pautada, inicialmente, numa interpretação de dados históricos, a fim de que tenhamos uma percepção mais crítica e seletiva dos fatos. Dessa forma, faremos uma breve explanação sobre o contexto histórico-social que propiciou o aparecimento anúncio de escravo no jornal. Uma abordagem que contemplasse todos os momentos históricos ocorridos no século XIX e que, de certa maneira, tenha influenciado a produção desses textos, se mostra no momento desnecessária e cansativa, por isso abordaremos a escravidão, as leis antiescravista e a extinção do regime no Brasil, fatos que consideramos preponderantes para o contexto das análises.

O Brasil foi o último país da América Latina a abolir a escravidão do seu território. Porém, isso só ocorreu devido a pressões externas vindas principalmente da Inglaterra, do que pela mudança de mentalidade da sociedade brasileira. O processo iniciou-se em 1823 quando José Bonifácio apresentou na assembleia constituinte uma pauta sobre a emancipação gradual dos escravos, e terminou em 1888 com o decreto da Lei Áurea que tornava extinta a escravidão no Brasil.

A referenciação ao negro nos anúncios de jornal, à nação de origem, aos modos de falar, à cor, aos vícios e aos gestos está repleta de torneios sintáticos que sinalizam as práticas sociais da época, por isso é necessário considerar implicações de natureza não linguística, que acompanham as manifestações dos anúncios, a fim de que se compreenda a sua constituição e funcionamento na sociedade. A partir do estudo das relações sociais da vida privada, que à época estava direcionada à casa-grande (zona rural) ou aos sobrados (zona urbana) é que podemos distinguir aspectos importantes da vida cotidiana do Recife do século XIX. Dessa forma, é preciso analisar como se configurava o ciclo da escravidão<sup>17</sup> no Brasil e como o escravo negro estava inserido naquele contexto social.

---

<sup>17</sup> A escravidão se configura como a servidão humana ou atividade que impõe algum tipo de aprisionamento ou forma de exploração do trabalho alheio. No artigo 149 do Código Penal brasileiro está descrito algumas situações que se configuram como escravismo: trabalhos forçados, jornadas exaustivas de trabalho, condições degradantes e restrição de locomoção por dívida extraída com o empregador. É inegável que o comércio negreiro, fortemente intenso no país no século XIX, foi o sistema mais devastador da história social brasileira. Ainda que o escravismo tenha sido extinto há mais de 130 anos, suas consequências reverberam até hoje, traduzidas em preconceito e racismo em todas as suas esferas. Os negros, mesmo libertos, não foram integrados à sociedade, pois quando decretaram sua liberdade, não havia nenhum plano social que os encaminharam a uma

Para abordar o tema da escravidão no Brasil<sup>18</sup>, buscamos respaldo em Rodrigues (1976), Schwarcz (1987), Freyre (2006), Costa (2010) e Carvalho (2010) dentre outros. É importante lembrar que o tráfico de escravos africanos foi fortemente impulsionado pelo Brasil entre os séculos XVI até meados do século XIX. Cerca de 4 milhões de escravos foram traficados, esta estimativa não é precisa, pois a grande maioria dos negros entraram no país de forma clandestina, para servirem de mão-de-obra indispensável à engrenagem econômica, especialmente nas lavouras de café em São Paulo e na produção açucareira em Pernambuco. O comércio de escravos iniciou-se no século XVI e foi mantido sistematicamente até meados do século XIX sem muita restrição. Em 1850 foi decretada a Lei Eusébio de Queiróz que previa penas mais duras a quem traficava escravos, a partir de então se tornou mais caro traficar e perder escravos. No entanto, os jornais mostram que as transações econômicas continuaram sem muitas restrições até depois de 1888. Nesse caso, os redatores dos anúncios usavam vários artifícios para anunciar o comércio de escravos.

Com relação ao trabalho desenvolvido pelos negros, Costa (2010, p. 15) esclarece que o trabalho escravo foi algo degradante por si próprio. Os negros eram forçados ao trabalho exaustivo, numa jornada desumana, se assemelhando à tortura, onde se esgotava a força física. Dessa maneira, qualquer atividade exercida por eles, nessas condições, já trazia consigo a violência, por isso as fugas eram constantes. Os jornais deixam entrever que muitos escravos recebiam a promessa dos senhores em libertá-los, mas para isso acontecer era preciso trabalhar em dobro; então, o que parecia uma promessa ou alento para os escravos quase sempre não se concretizava.

Há vários tipos de escravidão, e as razões para essa forma de subordinação humana tem raízes profundas<sup>19</sup>. A história remonta desde 1000 a. C, em Roma, quando a sociedade utilizava-se de mão-de-obra escrava como pagamento de dívidas. Na África, a escravidão era justificada como missão civilizatória, já que indivíduos eram escravizados como punição da justiça pelos crimes cometidos por eles. Além disso, os escravos eram considerados bens móveis que podiam servir a todo tipo de transação econômica. A escravidão que foi aplicada à realidade brasileira tinha características próprias devido a um conjunto de fatores que desenharam o regime escravista totalmente diferente daquele que foi aplicado em outras partes do mundo; principalmente àquela vivenciada em Pernambuco.

---

vida mais digna, restando a muitos ex-escravos permanecerem nos mesmos locais onde eram aprisionados para servirem aos senhores em troca de comida.

<sup>18</sup> Para aprofundar sobre o tema da escravidão no Brasil, Cf. Dornas Filho (1939).

<sup>19</sup> De acordo com Dornas Filho (1939, p. 45) a “história do tráfico de carne humana, que ainda hoje o liberalismo do século não conseguiu de todo extirpar das *chronicas* do oriente, remonta ao tempo da primeira Cruzadas em 1106”. Os primeiros escravos negros que pisaram o solo europeu foram trazidos justamente pelas Cruzadas.

Esse regime era integrante do sistema econômico colonial dos países europeus, pois a Coroa Portuguesa era essencialmente escravista e só se preocupava com os aspectos comerciais do tráfico, uma vez que a prática era uma atividade lucrativa. Assim, a herança brasileira da escravidão, via Portugal, era considerada legítima diante das leis divinas e do direito natural<sup>20</sup>, e isso se relacionava diretamente ao direito sobre as pessoas. A lei nunca era aplicada a favor dos escravos, ao contrário, quando estes fugiam, o dono exigia das autoridades competentes, ou mesmo a qualquer pessoa, trazê-los de volta “com todo rigor da lei”. Mas as questões sobre a abolição dos escravos foram motivos de grandes embates políticos que se refletiram nos jornais em meados do século XIX. Os castigos físicos sofridos pelos negros eram brutais e, de alguma maneira, sensibilizaram muitos intelectuais a se posicionarem nos jornais em favor da luta abolicionista, denunciando os agressores, os castigos, a tortura e os maus tratos, em defesa dos escravizados.

O fim do comércio negreiro para o Brasil foi decisão inicial da Inglaterra, que foi uma grande nação mercadora de escravos. Quando o país percebeu que era mais lucrativo deixá-los livres para ter mercado consumidor, extinguiu o tráfico do seu país e proibiu suas colônias de realizá-lo. A pressão a outras nações para extinguir o comércio de escravos ocorreu em vários países, incluindo-se o Brasil, mas a libertação da maior parcela da população brasileira, que era composta de escravos<sup>21</sup> e mestiços na época, exigia um plano de elaboração e formação de novos ideais, além da reorganização na estrutura social, mas isso não ocorreu<sup>22</sup>.

Muitas referências atuais sobre a escravidão africana nos obrigam a reflexões importantes sobre a condição dos escravos no Brasil. O assunto é emblemático, pois a vinda dos escravos ao Brasil foi reponsável pela nossa constituição como povo mestiçado, no entanto, o negro que viveu aqui durante séculos foi caracterizado pela expressão de sua raça, tendo sido aliado de direitos sociais e essa herança perversa está indelével na cultura do país,

---

<sup>20</sup> Direito natural é constituído por um conjunto de princípios inerentes à condição humana (“não matar”, “não furtar” etc.), preceitos espontâneos que são originados da natureza social do homem. Além disso, ele norteia o trabalho dos legisladores quando estes elaboram as leis de proteção ao homem.

<sup>21</sup> Pessoa (2003) aponta que em 1620 e 1623 existia em Pernambuco, a região mais importante na produção da cana-de-açúcar, cerca de 15 mil escravos africanos trabalhando na produção açucareira. Segundo o autor, quando ocorreu a invasão holandesa na região, houve uma queda no tráfico e, conseqüentemente, uma diminuição no número de escravos, mas pouco depois eles próprios holandeses passaram a traficá-los. Entre 1739 e 1741 cerca de mil negros foram levados de Pernambuco para Minas; na segunda metade do século XVIII a entrada anual de escravos vindos da África era cada vez mais superior. Não se sabe ao certo sobre a exatidão desses números já que o tráfico continuou clandestino durante muito tempo, o que deixa entrever que entraram no país mais escravos de forma ilegal do que oficial.

<sup>22</sup> A reparação dessa dívida histórica, pelo menos no plano educacional, está representada pela Lei n. 12.711/2012, também conhecida como a Lei das Cotas (válida para índios, negros e pessoas com renda familiar de até um salário mínimo). Essa Lei determina que estudantes do Ensino Médio das escolas públicas tenham direito a 25% das vagas em instituições federais. O sistema de cotas é visto por muitos como um caminho na redução da exclusão de grupos sociais desfavorecidos socialmente, como os já citados, porém ele é fortemente criticado porque se configura também como forma de discriminação.

tendo provocado consequências e situações que, infelizmente, até agora não foram solucionadas.

## 2.1 A escravidão no Brasil

A África foi o principal continente exportador de escravos para o mundo e principalmente para o Brasil. A vida social brasileira inevitavelmente sofreu influências culturais, gastronômicas e linguísticas<sup>23</sup>. A presença de escravos em Pernambuco foi tão intensa que é difícil imaginar a intimidade doméstica sem as amas-de-leite, os pajens; e na paisagem urbana sem as quituteiras, os escravos de ganho e os escravos canoieiros. A escravidão na região encontrou um ambiente que favoreceu sua permanência, tendo se diversificado e se alastrado por toda a região.

Não há uma estimativa confiável sobre o número de escravos que foram traficados<sup>24</sup> da África para o Brasil, mas os historiadores chegam a um consenso de que a população escrava era muito maior que a dos europeus à época. Todo esse contingente era proveniente de diversas regiões do continente africano, onde havia uma diversidade étnica e linguística muito grande. Sobre isso, Freyre acredita que:

o escravocrata terrível que só faltou transportar da África para a América, em navios imundos, que de longe se adivinhavam pela inhaca, a população inteira de negros, foi por outro lado o colonizador europeu que melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel nas relações com os escravos (FREYRE, 2006, p. 265).

<sup>23</sup> Há autores que defendem que as línguas africanas contribuíram de alguma forma na constituição do português brasileiro, mas os indícios dessa contribuição não é fácil provar se vieram diretamente dos povos africanos ou via Portugal, já que o país já fazia uso da mão-de-obra escravizada de africanos.

<sup>24</sup> Lucchesi *et al.*, (2009) afirmam que o tráfico de escravos para o Brasil ocorreu a partir de um alvará assinado por D. João III, em 29/03/1549, facultando aos donos de engenho do Brasil o resgate de escravos da Costa da Guiné e da Ilha de São Tomé, por sua própria conta, até o limite de cento e vinte “peças” para cada engenho montado. A partir de então, a importação de escravos africanos para o Brasil cresceu de forma vertiginosa, principalmente para PE e BA, onde, já no final do século XVI, os africanos ocupavam majoritariamente a base da sociedade colonial brasileira; situação que iria se acentuar no século XVII. Enquanto em São Paulo, no Maranhão e no interior do país (ou seja, nas zonas periféricas da Colônia) a língua geral predominava em função da submissão e aculturação das populações indígenas, a língua portuguesa avançava a partir da Bahia e de Pernambuco, os centros mais dinâmicos e mais intimamente ligados à economia mercantilista, na qual se integrava o projeto colonial brasileiro.

Ainda assim, ao chegar ao país, os escravos precisavam aprender a língua local para se comunicarem e receberem ordens. Pessoa (2003) acredita que, diante da necessidade de um código emergencial de comunicação, deve ter havido uma situação de bilinguismos entre os escravos que atendia a essa interação com os donos de escravos e para a própria comunicação entre eles.

A migração africana iniciou-se no Brasil no século XVI e foi até o século XIX, se configurando em ciclos que tinham fisionomias diferentes em decorrência do tipo de escravo que era enviado ao país, da nação a que pertencia e das línguas que falava<sup>25</sup>. Bonvini (2012, p. 26) divide os períodos de importação de escravos, mas ressalta antes de tudo que eles só são válidos em termos didáticos, porque um ciclo não terminava para iniciar o outro. E assegura que em Portugal já existia a prática de misturar as diferentes etnias para impedir a concentração de africanos de mesma origem numa mesma região como forma de impedir que eles se organizassem em revoltas ou se insurgissem contra seus donos. Os ciclos estão divididos da seguinte maneira:

- 1) Século XVI: o ciclo da Guiné, sendo os escravos sudaneses, originários da África situada no norte do Equador.
- 2) Século XVII: o ciclo do Congo e de Angola trouxe ao Brasil negros da zona banta. A razão da importação neste século e do anterior é a necessidade de mão-de-obra para o cultivo da cana-de-açúcar e do fumo.
- 3) Século XVIII: o ciclo da Costa de Mina, que atingiu de novo os negros sudaneses. A partir da metade do século XVIII, esse ciclo desdobrar-se-á num ciclo propriamente baiano: o ciclo da baía do Benim. A razão econômica ligada a este ciclo é a exploração das minas de ouro e de diamante, a cultura do algodão, do arroz e a colheita de especiarias.
- 4) Século XIX: os escravos vieram um pouco de cada lugar, mas com predominância dos negros de Angola e de Moçambique para servirem de mão-de-obra na cultura do café e da cana-de-açúcar.

É desse último ciclo que faz parte o contingente de escravos anunciados nos jornais do Recife: Angola<sup>26</sup>, Benguela<sup>27</sup>, Congo<sup>28</sup>, Cabinda<sup>29</sup>, Moçambique<sup>30</sup>, Rebolo<sup>31</sup>, Cassange<sup>32</sup>,

<sup>25</sup> Para saber mais sobre a história do tráfico de africanos no Brasil, Cf. Taunay (1941).

<sup>26</sup> Angola é um país situado no sudoeste da África Central. Antes da chegada dos portugueses, o território abrigava parte do antigo Reino do Congo, tendo se constituído como um dos principais mercados de escravos

Camondongo, Costa, Calabar, Loanda e Ambaca<sup>33</sup>. Quando não se sabia a origem correta do escravo, o anunciante no jornal o denominava de preto ou negro de “nação”.

Ao chegarem aos portos brasileiros situados em cidades como Recife, Bahia e Rio de Janeiro, a venda ou negociações dos escravos acontecia assim que os negros desembarcavam ou por meio de leilões. Regiões como São Paulo e Minas Gerais também absorveram uma parcela maciça de escravos para desempenharem trabalhos de diversa natureza. Em São Paulo, eles serviram às lavouras de café; em Minas Gerais, ao minério; e, em Pernambuco, a escravidão surgiu como uma proposta de economia política para viabilizar a indústria açucareira e o cultivo do algodão<sup>34</sup>, de acordo com Carvalho (2010).

Nesse sentido, a estratificação social do Brasil no século XIX estava representada da seguinte maneira:



Diagrama 1: Estratificação social do Brasil no séc. XIX.

que abasteciam o Brasil. Segundo Costa (2010, p. 273), os negros de Angola eram os mais dados à música, notabilizando-se por instrumentos, tais como a marimba, a viola de Angola, o violão e o urucungo. Às vezes, os ajuntamentos deles degeneravam em pancadaria e as autoridades, para evitar a desordem, colocavam soldados a montar guarda junto aos chafarizes, além de estabelecer um regulamento, no Rio de Janeiro, proibindo-os que fizessem barulho.

<sup>27</sup> Cidade fundada em 1617 sob a denominação de São Fidelis de Benguela, maior exportadora de escravos para o Brasil, concentrando negros de várias etnias e origens, que ao passarem por Benguela, recebiam esse sobrenome.

<sup>28</sup> Região do centro-oeste da África, com uma pequena porção de costa no Oceano Atlântico. Reino que mais exportou escravos para o Brasil.

<sup>29</sup> Da província de Angola.

<sup>30</sup> Denominação dada a negros da África Oriental.

<sup>31</sup> Rebolo vem de *Libolo*, povo etnolinguístico dos Bundos, escravizados no Brasil.

<sup>32</sup> Ou Cassange era um importante povoado situado no interior de Angola onde eram vendidos escravos em uma feira livre.

<sup>33</sup> Essas regiões estão localizadas no Continente africano.

<sup>34</sup> No Bairro da Boa Vista, no Recife, funcionou na metade dos anos vinte do século XIX, a fábrica de tecidos de Gervásio Pires Ferreira, operada por mais de cinquenta escravos, com máquinas importadas da Inglaterra, fabricando tecidos chamados de “algodãozinho”. A concorrência inglesa foi a causa da sua falência (CARVALHO, 2010, p. 42).

Vale a pena lembrar que, em Pernambuco, os senhores de engenhos eram grandes comerciantes, proprietários de terras e de escravos, foram personagens centrais nas decisões da província<sup>35</sup>; e que de acordo com Freyre (2006, p. 43), em torno deles criou-se o tipo de civilização mais estável na América hispânica<sup>36</sup>. Por isso a escravidão em Pernambuco tem características bem particulares do que em qualquer outro lugar no Brasil.

Isso se deve ao fato de que Pernambuco sempre desempenhou, no cenário nacional, um forte papel centralizador, primeiro pelo caráter revolucionário de seu povo e depois como a capitania mais promissora financeiramente em virtude do cultivo da cana e da produção de açúcar. O século XIX foi considerado um dos mais violentos da história pernambucana, comparado apenas ao período de guerra contra os holandeses no século XVII, em virtude da Revolução Pernambucana<sup>37</sup> (1817), da Confederação do Equador<sup>38</sup>, (1824) e da Revolução Praieira<sup>39</sup> (1848). Em todos esses embates morreram milhares de pessoas, o que exigiu do governo português um controle maior sobre a região.

---

<sup>35</sup> Pernambuco tem como capital Recife que esteve ligada durante anos à Olinda, local onde morava a aristocracia portuguesa e que, em virtude da sua localização elevada, ficava protegida de eventuais ataques. No século XVI, a província era um lugarejo habitado por pescadores que entre 1637 a 1644 foi invadida pelos holandeses, financiados pela Companhia das Índias; após muitas lutas, foi retomada pelo governo português em 1645.

<sup>36</sup> Para Freyre (2006, p. 43) esse tipo de civilização é ilustrada na arquitetura gorda, horizontal, das casas-grandes. Cozinhas enormes; vastas salas de jantar; numerosos quartos para os filhos e hóspedes; capela; puxada para acomodação dos filhos casados; camarinhas no centro para a reclusão quase monástica das moças solteiras; gineceu; copiar e senzala. O estilo das casas-grandes pode ter sido de empréstimo, mas sua arquitetura foi honesta e autêntica. Sendo considerada expressão sincera das necessidades, dos interesses da vida patriarcal que os proventos do açúcar e o trabalho eficiente dos negros tornaram possível.

<sup>37</sup> A Revolução Pernambucana (1817) tinha como objetivo central acabar com o Absolutismo e proclamar a República. Várias razões motivaram a população a responder com indignação à Corte portuguesa: a região sofria uma grave crise econômica desde a expulsão dos holandeses, pois isso ocasionou uma queda na produção do açúcar e do algodão. Além disso, uma terrível seca assolou a região em 1816; com isso, o governo de Pernambuco era obrigado a enviar ao Rio de Janeiro grandes somas em dinheiro para sustentar os gastos da Corte causando um desfalque financeiro nas contas da província. A Independência dos Estados Unidos e os ideais da Revolução Francesa foram movimentos políticos que influenciaram a organização dessa rebelião emancipadora em Pernambuco. A revolta iniciou quando um soldado matou um português durante os festejos comemorativos da expulsão dos holandeses de Pernambuco. O governador da época, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, fugiu para o Rio de Janeiro e os rebelados tomaram o Recife e libertaram presos políticos. Os líderes maçons da insurgência eram: Domingos José Martins, José de Barros Martins (o “Leão Coroado”) e os padres: Miguel Joaquim de Almeida e Castro, Miguelinho, e João Ribeiro. No Recife, chegaram a organizar um governo provisório que tinha representação do clero, exército, justiça e do comércio; algumas medidas foram tomadas como: a abolição de impostos e a liberdade de imprensa. Ao saber disso, D. João VI enviou tropas à cidade, o porto do Recife foi bloqueado e a cidade foi sitiada. Apesar da luta, a rebelião foi controlada e os líderes foram condenados à morte; o padre João Ribeiro se suicidou. A repressão só diminuiu em 1818, na ocasião da coroação de D. João VI. Este é considerado o último movimento antes da Independência do Brasil em 1822.

<sup>38</sup> A Confederação do Equador se caracterizou como um movimento de caráter republicano e separatista, ocorrido em Pernambuco e irradiado por toda a região nordeste, contra o absolutismo e a política centralizadora do governo de D. Pedro I; configurou-se como o movimento de maior repercussão no país.

<sup>39</sup> A Revolução Praieira foi um movimento de caráter liberal e federalista, ocorrida entre 1848 e 1850, e que trouxe à baila a insatisfação das camadas populares contra a estrutura social pernambucana, representada pelas famílias Cavalcanti e Rego Barros, e contra o Segundo Reinado de Pedro II. Os praiheiros, como eram chamados

Os bairros comerciais e administrativos da província ficavam coincidentemente em três ilhotas: o Recife (o centro, propriamente dito, onde se situava o porto), Santo Antônio e Boa Vista, que se ligavam às povoações pelos rios Capibaribe e Beberibe. Para Carvalho (2010, p. 23), a história de Pernambuco é inseparável do processo de conquista da várzea do rio Capibaribe, concluída na metade da década de 1550, por Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho. O crescimento da cidade seguiu, então, o percurso do rio que era uma entrada para o escoamento do açúcar produzido nos engenhos da sua várzea que mais tarde se transformariam em bairros da futura cidade como: Várzea, Caxangá, Poço da Panela e Casa-Forte. A ligação entre o Recife e Olinda também era feita pelo ponto de encontro do Capibaribe e Beberibe, e quando a maré baixava, ficava intransitável chegar de um ponto ao outro da província por causa dos bancos de areia que se formavam ao longo do rio. Por isso era preciso esperar a maré subir para as embarcações trafegarem.

Carvalho acredita que a relação que o Recife tinha (e ainda tem) com as águas do rio Capibaribe merece destaque, já que foi o rio que emoldurou o espaço urbano da cidade que cresceu e se expandiu às margens de seus contornos. No fim do século XIX, a cidade ainda era cheia de limitações urbanas, pois os sobrados se alongavam na paisagem e os negros, depois de libertos, passaram a habitar os morros e casebres chamados de mocambos; além disso, a geografia da cidade não ajudava na contenção das doenças, pois na maior parte do ano a cidade ficava submersa na água suja do rio, misturada aos dejetos.

Ao desembarcar no Recife, depois da travessia do atlântico, o escravo faminto e debilitado que conseguia ser vendido rapidamente se sentia com sorte. O regime de quarentena para os negros recém-chegados era uma necessidade de saúde pública reconhecida e praticada em vários locais das Américas, porém nem sempre isso acontecia aqui no Brasil devido à pressa de vender a carga. No Recife, o local para a quarentena era um sítio localizado em Santo Amaro “bastante arejado e fora da povoação”, cheio de barracões para amontoar os negros nos primeiros dias após o desembarque, mas muitos morriam ali mesmo, em consequência das agruras da travessia. A mortalidade era alta, por isso os traficantes enchiam até o limite do insuportável os navios para terem lucro com os sobreviventes, mesmo que muitos deles não resistissem às péssimas condições dos navios e morressem ainda na travessia (CARVALHO, 2010).

Carvalho (2010, p. 69) descreve que os escravos que chegavam sem vida eram jogados ao mar. Nos diários de várias personalidades, como Maria Graham, dama de companhia da

---

os revolucionários, foram denominados dessa forma por causa do jornal que publicava as ideias do movimento, o Diário Novo, que ficava na rua da praia.

princesa Leopoldina e do engenheiro Vauthier, há relatos de terem se deparado com corpos de negros boiando na praia sem que ninguém se importasse com isso. Aqueles que morriam nos barracões, em Santo Amaro, eram abandonados por ali mesmo. Propositamente nessa área foi construído o principal cemitério da cidade, decisão que coincidia com as ideias sanitaristas que condenavam os enterros nas igrejas e com a decretação definitiva do fim do tráfico atlântico para o Brasil.

Os primeiros passos em direção à urbanização foram vistos em Recife, ainda no século XIX como o alargamento de ruas, calçamento, lampiões e calçadas que passaram a fazer parte da configuração da cidade. Em 1831 foi proibido que os escravos despejassem a noite os “tigres”, baldes cheios de excrementos, nas praias ou nos rios, obrigando os cativos a jogá-los nos urinóis ou pontos específicos para esse fim, de acordo com Sette (1978). Um hábito urbano que perdurou por muito tempo entre os recifenses era manutenção de um jardim na entrada da casa onde se viam plantas como aroeiras, gameleiras brancas, vermelhas e mangueiras; talvez para impedir que o mau cheiro da rua adentrasse nas casas.

No final da década de 1830, o Barão da Boa Vista, que depois virou Conde, assumiu o governo e promoveu uma série de reformas urbanas na cidade. Foi em sua administração que deram início às grandes reformas urbanas na cidade: a construção do cemitério de Santo Amaro, em 1851, simbolizou um avanço para a cidade; e como projeto de organização das ruas, por volta de 1860 as casas passaram a ser numeradas. As propriedades escravas estavam em grande parte pulverizadas sob o domínio de pequenos e médios proprietários. A construção das ruas, praças, chafarizes, residências e igrejas eram projetados por homens livres e executadas pelos escravos. Geralmente os senhores residiam nas fazendas, onde dirigiam os trabalhos rurais e em ocasiões especiais como festas, entressafra e negócios ocupavam as residências na cidade. A paisagem urbana do Recife era composta de mulheres vendendo produtos nas ruas (escravos de ganho e de aluguel): quitutes, bolos, canjica e arroz doce, e de homens trabalhando nas oficinas nos diversos ofícios ou parados nos becos das ruas à espera de trabalho. Segundo Silva (2012, p. 143), a mão-de-obra escrava era a principal responsável por uma vasta rede de serviços que iam desde o transporte de mercadorias, fornecimento de capim, lenha e água até o trabalho doméstico das casas.

Schwarcz e Starling (2015, p. 79) citando o jesuíta Antonil, também confirmam a dependência da mão-de-obra escrava; para Antonil os escravos eram “as mãos e os pés do senhor do engenho porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazendas, nem ter engenho corrente”.

De acordo com Silva (2012, p. 146), o Recife do século XIX dividia-se por organização administrativa em *distritos*, *freguesias* e *quarteirões*, que mais tarde passaram a formar o que hoje conhecemos por bairros. Os quarteirões eram considerados as menores unidades administrativa e policial da cidade, comportando até 25 casas; a junção de três quarteirões ou 75 casas habitadas se configurava como *freguesia*; o conjunto de freguesias formava o *distrito*. Havia uma diferença social entre os lugares, as regiões administrativas ficavam localizadas no centro; a zona norte, Apipucos, Aflitos e Casa Amarela era o local onde situavam os sítios e chácaras e as classes mais pobres, com mobilidade reduzida, ficavam em regiões como Várzea e o Poço da Caxangá.

O Recife oitocentista era formado por dois distritos de polícia, sob a responsabilidade de um delegado que era auxiliado pelos subdelegados em cada freguesia e inspetores de quarteirão. Essas autoridades juntamente com as praças do Corpo de Polícia, da Guarda Nacional e as tropas de linha compunham a rede de policiamento que se estendia sobre a cidade para protegê-la de eventuais ataques, cabendo a eles as rondas noturnas que iam das seis horas da noite até às dez horas. No entanto, todo esse aparelhamento policial não impedia as fugas de escravos que ocorreram durante todo o período de escravidão no século XIX, ficando a cargo das autoridades policiais (além do capitão do mato<sup>40</sup>) a função de apreender o escravo em fuga.

As ideias libertárias dos escravos de alguma maneira influíram na forma como eles tentavam a liberdade: fugindo, se fingindo de forro, trocando de dono etc. As fugas constantes criaram, entre Recife e Olinda até a vila de Goiana, próximo à região da Paraíba, o quilombo<sup>41</sup> de Catucá. Carvalho (2010, p. 7) afirma que o líder mais famoso desse quilombo foi Malunguinho, um herói popular que ascendeu às divindades religiosas no Culto da Jurema. Esse quilombo foi considerado a maior referência da resistência escrava em Pernambuco até sua extinção no final da década de 1830.

Finalmente, a escravidão não era apenas um regime de que dependia a engrenagem econômica, mas um modo de vida impregnado nas pessoas (CARVALHO, 2010, p. 67) e que caracterizou o Recife durante todo o século XIX.

---

<sup>40</sup> No século XIX, o capitão do mato (ou do campo) atuava conjuntamente com as forças policiais na repressão contra as fugas de escravos, mas a apreensão era puramente em troca da gratificação.

<sup>41</sup> Segundo Ferreira (2008), o contexto histórico indica que o isolamento e resistência eram características que asseguravam a proteção e a sobrevivência das comunidades quilombolas, que se localizavam geralmente em regiões acidentadas, montanhosas [...] que dificultassem o acesso dos agressores.

### 2.1.1 Os escravos africanos

Durante parte do século XVIII, a imigração portuguesa foi intensa para o Brasil, atraída pelas descobertas de ouro e diamantes. Quando começou a se esgotar a riqueza das minas, imediatamente se reduziram as chegadas dos europeus. À vista disso, a África tornou-se a única fonte capaz de oferecer ao Brasil a gente de que este necessitava para ocupar seu vasto território e assegurar sua unidade, a fim de se transformar numa grande nação. Assim, o africano, apesar de oprimido, humilhado e reduzido em sua humanidade pela escravidão, cumpriu esse papel e deixou sua marca profunda em todos os setores da vida brasileira (SILVA, 2003).

As obras de Gilberto Freyre registraram elementos importantes da cultura africana para que fossem analisadas de uma maneira diferente daquela anteriormente vista, dado que em suas obras as raças componentes do povo brasileiro (europeia, africana e índia) podiam ser vistas e entendidas como igualmente valorizadas, por mais que a ciência do século XIX considerasse o negro como um ser biologicamente inferior, principalmente pelos seus atributos raciais. Freyre (2010) consagrou, em Pernambuco, a representação de uma situação racial amena e “democrática”, com as imagens de senhores e escravos dóceis e passivos, mas essa é uma visão contestável, já que o dono de escravos era um agente do sistema escravagista e sob o escravo, ele aplicava todas as penalidades que tinha em mãos para castigá-lo caso, o cativo não obedecesse ou fugisse (SCHWARCZ, 1987).

Os negros africanos chegavam ao Recife em navios vindos do continente depois de meses de travessia difícil, sendo amontoados nos porões das embarcações<sup>42</sup>. Diante dessa situação e das inúmeras dificuldades, muitos morriam antes mesmo de chegar ao destino. Os motivos das mortes iam da péssima alimentação, da falta de sol às condições de higiene nos navios. Isso enfraquecia os negros ainda na travessia; quando chegavam a terra, muitos já estavam mortos ou moribundos, sofrendo de anemia e raquitismo (CARVALHO, 2010), não demorando muito a ir a óbito. Os negros recém-chegados ao Brasil eram chamados de “cativos novos” e, muitas vezes, já estavam destinados a seus donos. Quando não, ficavam expostos nos mercados públicos até serem vendidos.

Em relação ao domínio da língua, de acordo com Mello (2002, p. 350), uma parcela de escravos vindos para o Brasil vinha de São Tomé, falavam um “crioulo santomense”; os

---

<sup>42</sup> Para se aprofundar sobre os africanos no Brasil, V. Rodrigues (1976).

nascidos na África e que vinham ao Brasil<sup>43</sup> sem falar o português eram chamados de boçais<sup>44</sup>, provavelmente falavam alguma forma de *pidgin* português, aprendido nas zonas de escravização ou no traslado para o Brasil. Esse *pidgin* era usado entre os escravos para a comunicação, como também entre escravos e falantes do português.

A segunda geração de escravos, nascidos no Brasil, falavam a língua dos pais, a língua nativa, mas já sabiam se comunicar também em português. Os escravos domésticos eram, obviamente, mais expostos à língua portuguesa e, dessa forma, a língua seria menos pidginizada que aquela falada pelos escravos que trabalhavam no campo.

Mello (2002) ressalta que ao crescente número de escravos nascidos no Brasil, os crioulos, era dada a preferência para exercerem os trabalhos domésticos, por serem considerados mais “inteligentes”. Quando se acostumavam à terra, à língua e ao trabalho diário, adquirindo certo domínio da língua portuguesa, os escravos eram chamados de “ladinos<sup>45</sup>” e, com isso, alcançavam um maior preço, caso fossem vendidos. Pessoa (2003, p. 121) concorda que as denominações “boçal”, “crioulo” e “ladino” são de uso corrente na literatura para a caracterização linguística dos escravos e que eles aprendiam a língua portuguesa inseridos numa situação de bilinguismo ou multilinguismo em declínio do período. Segundo o autor, os historiadores do português brasileiro também se valeram dessas expressões para a referida classificação, sendo comuns à época pelos senhores para identificar os escravos.

É preciso compreender essas diferenças já que é recorrente nos anúncios de escravos essa referência ao domínio ou não da língua portuguesa. De fato, para desempenharem as atividades a que eram designados, os escravos deveriam ter noções mínimas da língua local para a comunicação, vender na rua e entender as ordens dadas pelos donos. Além disso, os anúncios de escravos à venda ou de fuga deixam entrever que a caracterização linguística era

---

<sup>43</sup> Castro (2002) afirma que os povos africanos, trazidos para o Brasil ao longo de quatro séculos consecutivos, procediam de duas regiões subsaarianas: o **domínio banto**, toda a extensão abaixo da linha do Equador, englobando os países: Camarões, Gabão, Congo-Brazzaville, Congo-Kinshasa, Angola, Namíbia, África do Sul, Zâmbia, Botsuana, Uganda, Ruanda, Burundi, Moçambique, Tanzânia, Zimbábue, Quênia, Lesoato, Malavi. E da **África Ocidental**, que vai do Senegal à Nigéria, no Golfo de Benim, compreendendo, geograficamente, além desses dois países, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné Conakry, Serra Leoa, Libéria, Burquina-Fasso, Costa do Marfim, Gana, Togo e Benim. Esses dados são relevantes para que se compreendam a formação étnica e linguística brasileira.

<sup>44</sup>Castilho (1962, p. 10) confirma que os boçais eram os escravos africanos novos que não falavam a língua portuguesa e só conheciam algaravia pátria (nagô ou ioruba e quimbundo). Pessoa (2003, p. 121) esclarece que o termo “boçal” é de origem controversa e que no século XVI ele aparece com significado de “estúpido”, “rude”, “ignorante”.

<sup>45</sup>Castilho (*Ibid.*) define ladinos como os negros nascidos na África que vinham ao Brasil já falando o português que era a língua geral da costa africana durante os séculos XV, XVI e XVII. Pessoa (*Ibid.*) complementa que o termo “ladino” vem de “latino” e que aparece com significado de “esperto”, “vivo” no século XV. O autor acredita que só a partir do século XVI os dois termos tenham começado a se especializar em relação aos usos linguísticos dos escravos, quando o comércio escravocrático foi mais intensificado e teve maior dimensão.

fundamental para elevar o preço dos cativos, caso fossem vendidos, ou identificá-los, caso fugissem.

Nos anúncios podemos ver como os anunciantes se referiam a forma de falar dos escravos:

- a) [...] por falar amarinheirado [...] (Anúncio 47 - DP, 30/03/1840).
- b) [...] fala bem... (Anúncio 60 - DN, 14/09/1842).
- c) [...] e quando fala gagueja alguma couza [...] (Anúncio 66 - DN, 09/12/1842).
- d) [...] parece crioula no falar [...] (Anúncio 68 - DN, 07/02/1843).
- e) [...] fala muito atrapalhado [...] (Anúncio 71 - DP, 20/01/1844).
- f) [...] fala pouco por ser bruto [...] (Anúncio 80 - DP, 04/01/1850).
- g) [...] bem falante [...] parece crioula [...] (Anúncio 84 - DP, 01/03/1851).
- h) [...] pelo falar parece crioulo [...] (Anúncio 96 - DP, 10/05/1856).
- i) [...] fala fanhosa [...] (Anúncio 105 - DP, 11/02/1860).

Pessoa mostra que as atitudes linguísticas de senhores em relação ao português dos escravos são reveladas nas expressões do tipo “fala claro” e “desembaraçado”, por exemplo. Quando nos anúncios querem dar a ideia da mistura de raças, se referem ao falar como “vicioso” e “atravessado”. Tais expressões mostram os diferentes graus de ladineza, criouldade ou boçalidade. Além disso, o autor afirma que os senhores jamais pensaram que esse tipo de informação tivesse importância algum dia ou viesse a se constituir como matéria de investigação. Por isso, pode-se afirmar que tais anúncios – distantes de nós há cerca de quase dois séculos – constituem verdadeiros documentos desprovidos de várias interferências quanto à avaliação da fala ou à veracidade dos dados para o investigador de hoje.

**(WB) Diario Novo, 09 de Setembro de 1842:  
ESCRAVO FUGIDO**

*-Dá-se 50\$000 rs. de gratificação a quem trazer um escravo **creoulo** por nome Fidelis, encorpado, retinto, e barbado, boa estatura, e vistoso. Veio do Maranhão há um anno, e fugio no dia 11 de Julho ultimo para as bandas do monteiro onde anda acoutado. Quem o apprehender levando-o a seu dono na rua do Vigario n. 16 receberá a dita recompensa.*

Anúncio 1 - Fuga de escravo

No anúncio acima, o escravo “creoulo” de nome Fidelis, nascido no Maranhão, “encorpado”, “retinto” e “vistoso”, já dominava o português, sendo anunciado com boa recompensa a quem o apreendesse. O interessante, nesse anúncio, é que são apresentadas as qualidades físicas e morais de um escravo que fugira, o que não é muito comum para anúncios com essa finalidade, já que era comum, nos anúncios dessa natureza, ressaltar apenas os vícios, defeitos físicos e sinais depreciativos do negro. As qualidades de um escravo só eram valorizadas quando eles eram destinados à venda<sup>46</sup>.

**(WB) Diário Novo, 10 de Outubro de 1842:  
ES CRAVO FUGIDO**

*-Fugio no dia 3 do corrente do Engenho Larangeiras um preto conhecido pelo nome de Antonio pequeno, com officio de carreiro, nação Angola, bem **ladino** e regrista, estatura baixa, bastante reforçado do corpo, bem barbado com suissas, tem falta de um dente na frente de cima, pes pesquenos e voltados para dentro, pernas arqueadas, tem nas fontes marcas por ter levado ventosas, levou ao pescoço uma corrente e uma pega no pé, porém se supõe estar hoje sem os ferros porque quando fugio levou uma lima, e um martello: quem o apprehender leve ao Pedro Velho de Mello, no mesmo Engenho, ou a seu filho João Evangelista de Mello em a rua da Praia no armazem das casas de José Higino de Miranda, que será generosamente gratificado.*

Anúncio 2 – Fuga de escravo

Nesse exemplo, o escravo de nome Antonio, apesar de ter nascido fora do Brasil, já dominava a língua portuguesa como descreve o anúncio “bem ladino”. As duas palavras parecem se referir não apenas ao domínio da língua, mas às caracterizações pessoais do negro. Assim, esse anúncio confirma as considerações de Pessoa (2003, p. 121) sobre as caracterizações linguísticas dos escravos quando este diz que o termo “creoulo” embora se refira à cor, parece remeter ao domínio da língua, e “ladino”, aos aspectos pessoais caracterizando o negro como ser “esperto”, “vivo” e “finório”.

Através do que era anunciado nos jornais conseguimos extrair o seguinte panorama sobre a população negra:

<sup>46</sup> Freyre (2006, p. 396) considera importante acompanhar as características físicas dos negros importados para o Brasil, através da linguagem pitoresca do povo, nos anúncios de compra e venda de escravos para o serviço doméstico ou agrícola.

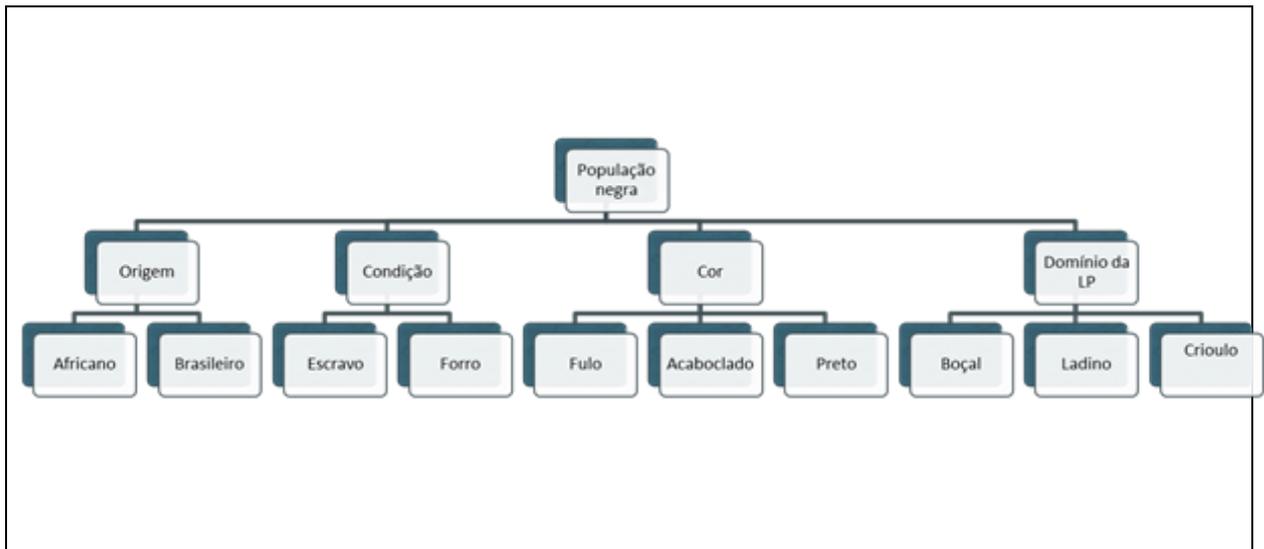


Diagrama 2: Classificação da população negra.

A interrupção do tráfico de escravos em 1850 acelerou o processo de ladinização e dasafricanização da população, favorecendo a sua assimilação, desenvolvendo novas formas de sociabilidade que permitiram maior solidariedade entre os escravos e reduziram, embora sem eliminá-las de todas as rivalidades que tinham existido entre escravos de diferentes nações (COSTA, 2010, p. 32)<sup>47</sup>. Além de se miscigenarem, os escravos abandonavam a cultura africana representada nos cultos religiosos movidos pelo interesse de se aproximarem da cultura dominante, porém a aceitação ao cristianismo era puramente exterior, como afirma Costa (2010, p. 16), pois os mesmos negros que recebiam o batismo e frequentavam as missas, na madrugada frequentavam os batuques e rituais no interior das senzalas ou nas matas. A tentativa de evangelização dos negros escravos não contribuía para propagar o cristianismo. Na verdade, só o corrompia.

Schwarcz (2015, p. 97) esclarece que, por meio da devoção, os escravos dialogaram com outras culturas. Muitos deles, ao chegarem ao Brasil, eram convertidos pela força do sistema a abraçarem a religião católica e seus santos, mudaram nomes, feições e conteúdos. Por outro lado, acrescentaram um novo panteão, na medida em que, sem abrir mão de seus reis e divindades, “os cultuaram à discrição e em meio às festas em que reverenciavam as majestades portuguesas ou santos da cristandade. O mesmo se deu com práticas como a capoeira”. O nome vem do mato nascido após a derrubada da mata virgem e cortado pelo

<sup>47</sup> Costa (2010, p. 32) acredita que na interrupção do tráfico negreiro houve uma melhor forma no tratamento dado aos escravos, pois enquanto o tráfico era intenso e os escravos eram relativamente fáceis e menos custosos de serem comprados, não havia preocupação de mantê-los vivos e assegurar sua longevidade e reprodução. Outra observação da autora é que, enquanto perdurava o tráfico, predominava a população masculina, mas cessadas as importações, era preferível importar mulheres.

escravo, mas ganhou outro sentido. Originalmente uma luta, na colônia foi descrita como uma dança para a distração. De acordo com a autora, é uma boa paródia que ilustra a dança que é luta, santos que são orixás. A escravidão criou um universo de disfarces e de negociações.

A escravidão, ao mesmo tempo em que degradou o trabalho e corrompeu as relações entre os brancos, desorganizou também a vida familiar dos escravos, já que famílias inteiras eram divididas. O casamento entre eles também não era estimulado “favorecendo as uniões múltiplas e instáveis” (COSTA, 2010, p. 317). A organização familiar patriarcal incitava os senhores a procurar satisfação sexual “fora da órbita familiar”, junto às escravas. Muitas crianças nasceram desses relacionamentos e os anúncios se referem às escravas que fugiam levando suas “crias”, presumidamente, muitas vezes, filhos dos senhores.

Costa (2010, p. 319) afirma que se tentou em vão incluir na legislação, desde a época da independência do Brasil, um dispositivo que obrigasse o senhor a alforriar a escrava que desse à luz a um filho seu. No entanto, um ato dessa natureza seria “a confissão pública da imoralidade oculta nas senzalas”. Segundo a autora, preferiu-se, então, manter no cativeiro os próprios filhos e irmãos. As relações extraconjugais, os filhos naturais, as cenas de ciúmes e todo o quadro usual da escravidão se mantinham; como consequência disso, situações ambíguas e perturbadoras, como a escravização dos filhos pelos pais e, às vezes, das próprias mães pelos filhos<sup>48</sup>, quando ocorria de um senhor libertar um filho natural e manter a mãe no cativeiro. A origem desses escravos era revelada pelo tom da pele, a cor dos olhos ou por seus cabelos lisos, como afirma Costa.

De acordo com Schwarcz (1987), o resultado desses relacionamentos extraconjugais deu margem para que se fixassem, entre as escravas e os donos, vícios e certas preferências como o masoquismo e o sadismo. O casamento não era estimulado pelos donos de escravos que incentivavam as relações passageiras, pois a união entre eles poderia criar obstáculos à venda<sup>49</sup>. Além disso, o número relativamente baixo de mulheres em relação aos homens

---

<sup>48</sup> Costa (*Ibid*, p. 319) relata o caso de Luísa, escrava do menor Martinho, que requereu nomeação de um curador que, em juízo, promovesse sua liberdade alegando que era mãe do réu, herdeiro dos bens do senhor e, por isso, não poderia ser escrava dele. Assim, a escrava juntou documentos, certidões de testamento etc. O juiz de direito julgou improcedente a ação por considerar que o ajuntamento ilícito do senhor com a escrava não era razão suficiente para impetrar a liberdade desta e, para fundamentar seu parecer, apoiou-se primeiramente na jurisprudência, depois afirmou não estar suficientemente demonstrado que de fato a escrava era mãe do réu. Indo aos autos o procurador da Coroa que oficializou assim: “A sentença do juiz deve ser reformada para decretar-se a liberdade da escrava, baseado nas razões do curador da mesma, como baseado nas próprias alegações do curador e tutor do réu que se conforma com a intenção da autora”. Costa afirma que não havia nada mais repugnante e imoral que “o espetáculo de uma mãe sujeita a cativeiro de seu próprio filho”. Não pode o direito outorgar um fato como este tão revoltante porque não há direito contra a razão, contra a justiça e contra a própria natureza.

<sup>49</sup> Todas as observações que transcrevemos são de Castro (2006): No século XVIII, Antonio da Costa Peixoto registrou em Vila Rica *A língua geral da Mina*, um falar de base ewe-fon, denominado pelo tráfico de mina-jeje, que era corrente entre a escravaria local. Esse documento tinha como objetivo fornecer aos senhores dos

promovia a promiscuidade nas senzalas, contribuindo, dessa maneira, para conferir precariedade e instabilidade aos laços familiares entre os escravos.

Quanto ao caráter dos escravos, Schwarcz (1987, p. 20) afirma que as opiniões divergem radicalmente sobre isso, existindo duas tendências opostas na produção historiográfica brasileira: a primeira, que acentua o caráter passivo e dócil do negro; e a segunda, que, ao tentar refutar a primeira, termina por cair no outro extremo, fazendo do escravo um verdadeiro herói.

Mas os escravos não tinham como avaliar criticamente sua própria situação. A fuga, mesmo sendo coletiva<sup>50</sup>, em grande parte, acabava sendo uma ação individualizada. Essas ações dão a dimensão de como o desejo de liberdade era intenso. Embora os jornais pernambucanos tenham um grande acervo de anúncios de fuga, aqui não houve uma organização coletiva em torno da ideia da libertação dos negros, como aconteceu na Bahia com a Revolta dos Malês<sup>51</sup>, que se caracterizou como um movimento de escravos de orientação religiosa islâmica, que ocorreu em Salvador em 1835.

Os negros da cidade gozavam de uma situação melhor que em outros centros escravistas, já que exerciam certas atividades de homens livres como trabalhar na rua (“negros

garimpos meios de entender o falar dos negros para coibir revoltas, roubos, assassinatos, contrabandos e fugas. No século XIX, na última fase do tráfico transatlântico, quando esse foi intensificado entre os portos da Bahia e do Golfo do Benim, Nina Rodrigues, em *Os africanos no Brasil*, registra uma dezena de palavras de cinco línguas faladas naquela região (tapa, grunche, fulani, jeje-mahi, hauçá) de que ainda se lembram alguns de seus falantes na cidade do Salvador.

Para Castro, é um mito insustentável falar-se de um substrato comum africano, no Brasil, o que seria equivalente a negar a possibilidade de ter havido uma família de línguas indoeuropeias. Por esse mesmo equívoco, a estratégia de se mesclarem nas senzalas negros trazidos de diferentes regiões subsaarianas para dificultar a comunicação entre eles provou ser ineficaz. Rebeliões não deixaram de eclodir em todos os tempos e diferentes sítios. Ignorava-se o fato de que o negro-africano é necessariamente poliglota, fala a sua língua materna e a língua dos seus vizinhos, em razão, entre outras, do comércio mantido entre eles e de casamentos exogâmicos. Nas senzalas predominaram falantes do Congo e de Angola, principalmente de três línguas muito semelhantes, quimbundo, quicongo e umbundo, o que naturalmente facilitava a comunicação entre eles, dando lugar, podemos supor, à emergência de falares afro-brasileiros de base banto que se estenderam das senzalas às plantações, aos engenhos, às minas e aos quilombos. Já no século XIX, quando o Brasil começava a passar por um processo de desenvolvimento urbano, a concentração de iorubás na cidade do Salvador deu origem ao *dialeto nagô*.

Castro supõe que seja um falar do português popular lexicalizado pelas línguas negro-africanas, principalmente pela introdução de um sistema vocabular de aspectos religiosos proveniente da formação do modelo urbano de estrutura conventual do candomblé da Bahia que se organizou ao final daquele século. Depois de mais de três séculos de contato direto e permanente de falantes africanos com a língua portuguesa no Brasil, as línguas negro-africanas terminaram por ser incorporadas pelo português em razão das semelhanças casuais, mas notáveis entre a estrutura linguística das línguas do grupo banto com a do português antigo e regional. Essa proximidade relativa precipitou a deriva da língua e proporcionou, entre outras coisas, a continuidade do tipo prosódico de base vocálica do português antigo na modalidade brasileira, afastando-a do português de Portugal de pronúncia muito consonantal.

<sup>50</sup> Decidimos por considerar a “fuga coletiva”, quando se tratar de dois ou mais escravos anunciados em um mesmo anúncio.

<sup>51</sup> O termo “malê” vem do ioruba e significa “mulçumano”.

de ganho”), por exemplo. Mesmo livres, os cativos não conseguiam ascender socialmente e encontravam dificuldades para praticarem sua religião, o islamismo. A concentração de escravos de descendência islâmica na Bahia deve-se ao fato de que para a região foram enviados muitos africanos da área onde hoje se situa Benin e Nigéria, locais que produziram muitos prisioneiros de guerras, como afirma Carvalho (2010, p. 179). Pernambuco importava escravos de Angola e do Congo, região onde habitavam muitas crianças, mulheres, agricultores e pastores; talvez isso justifique em parte o caráter dócil e “malemolente”, de que fala Freyre, sobre a relação de servilidade entre escravos e senhores nessa região.

É preciso levar em consideração outras variáveis para explicar o porquê de algumas regiões terem acontecido rebeliões contra a escravidão e em outras não. Havia, no entanto, outras formas de resistência e a fuga é uma delas. Além das revoltas e fugas, o suicídio era uma das alternativas para quem não tinha êxito nas fugas e para quem não aceitava a situação a que eram submetidos.

Queirós (1977, p. 132) confirma que a revolta dos negros manifestava-se por vezes descordenadamente, sob atos individuais de desespero como o suicídio. O “banzo”, por exemplo, suicídio lento, era um estado psicológico especial que acometia o negro no Novo Mundo: uma doença de tristeza, nostalgia e ânsia de regresso à terra natal – inconformismo para com a fixação do lugar estranho. Segundo o autor, eram comuns os suicídios. Muitas vezes, nos navios negreiros ou nas senzalas, o negro procurava a morte por asfixia, deglutindo a própria língua e obturando assim o orifício superior da laringe. Muitas vezes o capitão-domato encontrava o escravo fugido dependurado numa corda, enforcado num galho de árvore em plena selva.

As análises dos dados mostram que o caráter servil dos escravos está mais representado na literatura que nos anúncios de jornal, já que estes mostram que muitos escravos eram postos à venda porque eles se recusavam a servir ao dono:

**(WB) Diário de Pernambuco, 14 de Abril de 1846.**

**VENDAS**

*Vende-se um mulato com 20 anos de idade, bem claro e próprio para pagem, bom oficial de carpina e marceneiro, perito envernizador e também pinta por curiosidade, e vende-se porque ele não quer servir a seu Sr. no pátio de São Pedro, casa n. 30.*

Anúncio 3 – Venda de escravo

Outro fato evidenciado nos anúncios de jornal é o caráter violento dos assassinatos cometidos pelos escravos, colocando-os como perigosos. O negro dócil e subserviente para os mandos e desmandos dos seus donos, nesse momento, dá lugar ao assassino cruel, nas páginas dos jornais. Os atos violentos cometidos pelos escravos, a que os anúncios fazem referência, são repostas à forma como eles eram tratados.

*(WB) Diário de Pernambuco, 30 de abril de 1844.*

**AVISOS DIVERSOS**

*Esta tarde um preto escravo, que trabalhava na loja de sapateiro, que tem o Sr. Bastos em frente da cadeia, matou com dois talhos de trinchete no pescoço o contramestre da mesma loja, na ocasião em que este o castigava. O assassino acha-se preso.*

Anúncio 4 – Aviso

Quando eram anunciados como agentes violentos que se insurgiam contra quem o castigava, os escravos passavam de figura vitimada a culpado. Avisos dessa natureza têm apenas a finalidade de informar aos leitores do jornal sobre o crime cometido por um escravo, pois se atém apenas a informar sobre o escravo, sem nome, que recebe como característica a sua cor “preto”, a sua condição “escravo” e o local onde exercia o ofício “trabalhava na loja de sapateiro”. Deixa-se explícito na mensagem que “O assassino acha-se preso”, porque à época não se falava em legítima defesa para os negros.

As duas formas legais que faziam um escravo obter a alforria era aquela concedida pelo dono através do reconhecimento dos serviços prestados a ele mesmo, em vida ou em testamento<sup>52</sup>, ou quando o escravo comprava a sua liberdade, prestando serviços ao próprio dono.

### **2.1.2 Leis emancipadoras e declínio da escravidão**

A escravidão, enquanto instituição, parecia ser a única responsável pelas mazelas sociais e pela condição a que eram submetidos os escravos. Daí a crença de que sua extinção

<sup>52</sup> Ferreira (1999, p. 43) afirma que os testamentos de mulheres, mais que o dos homens, estão cheios de notícias de manumissões, desses “gestos de última hora”.

traria fim a todos os problemas sociais era fortemente veiculada nos jornais de orientação abolicionista.

Nas primeiras décadas do século XIX, a Inglaterra passou de grande mercadora de escravos para se transformar em “advogada ardorosa e militante da abolição” do tráfico negreiro (SILVA, 2003). A escravidão não era mais um regime conveniente aos seus interesses, pois começava a contrariar seus novos objetivos políticos e econômicos que vieram como consequência da Revolução Industrial. Assim, o país que outrora promovia e encorajava o tráfico negreiro, foi o mesmo que passou a condená-lo. Sob influxo das ideias liberais, a Inglaterra proibiu o tráfico de escravos em suas colônias e em todos os países com que ela mantinha relações comerciais e políticas, mas por aqui a extinção demorou. Temia-se que a economia entrasse em colapso sem a mão-de-obra escrava que impulsionava o regime, pois o sistema era algo vigente e lucrativo no país. Por essa razão, a abolição dos escravos era desejada, mas devia ser moderada, lenta e gradual, o que de fato ocorreu; os negros foram adquirindo a liberdade gradativamente através de leis emancipadoras.

O pensamento antiescravista no Brasil tinha seu caráter moderado, porque se temia por uma revolta incontrolável que afetasse a economia e a organização social. Não havia um entrosamento entre os rebeldes negros e os defensores abolicionistas, sendo que a propaganda antiescravista não se dirigia aos escravos, que eram considerados bárbaros e incapazes de exercer ações políticas, mas a outra parcela da sociedade. As confrarias e irmandades, onde os negros livres e escravos se reuniam para organizarem caixas de auxílio, empréstimos e juntas de alforria, tiveram muita importância na segunda metade do século XIX (SCHWARCZ, 1987, p. 36). Era com essa ajuda que muitos negros compravam sua liberdade, representada pela carta de alforria.

Foi em meados do século XIX que as discussões em torno do movimento republicano ganharam força no país, e o reinado de D. Pedro II sofreu severas críticas. A imagem da República ganhava força e aliada a ela surgia uma série de ideias liberais que criticavam os privilégios da monarquia, a ligação entre Estado e Igreja e a falta de igualdade entre brancos e negros. No entanto, a igualdade e a liberdade pregadas pelos antiescravistas estavam limitadas pelos interesses individuais em questão: dos cafeicultores (em São Paulo) e dos canavieiros (em Pernambuco). Então, era necessário adaptar as ideias liberais às práticas e às condições locais.

Em 1823, na Assembleia Constituinte do Brasil, José Bonifácio apresentou uma pauta sobre a emancipação gradual dos escravos. O negro representava a força motriz do trabalho, por isso era consenso, entre os dirigentes, que libertá-los seria um caos para a economia do

país. Após as pressões britânicas, em 1831, foi decretada a Lei Feijó, que proibia o tráfico e a comercialização de todos os escravos a partir daquela data. A lei foi ignorada, já que o tráfico continuou intenso, por isso ela foi chamada de “lei para inglês ver”. Lei que existia apenas para atender aos interesses da Inglaterra, mas na prática era inócua. Em abril de 1844, o jornal *O Diário de Pernambuco* publicou a seguinte declaração:

**(WB) Diário de Pernambuco, 16 de abril de 1844.**

**DECLARAÇOENS**

*Todos os súditos britânicos (assim conhecidos) residentes nesta província, estão convidados para um ajuntamento público no consulado britânico, no dia de sábado 26 do corrente, ao meio-dia, para serem informados da lei recentemente promulgada, e publicada pelo parlamento imperial da Grã-Bretanha, com o fim de proibir súditos britânicos, residindo em países estrangeiros, de comprar, vender, cambiar, negociar, ou traspasar escravos.*

Anúncio 5 – Declaração

Apesar das leis e declarações proibitivas da Inglaterra contra o tráfico, as autoridades brasileiras não estavam interessadas em extingui-lo porque o comércio de escravos naquele período ainda era um negócio lucrativo; além disso, o país era totalmente dependente da força negra.

Em 1850 é decretada a Lei Eusébio de Queiróz, que mais uma vez proibia o comércio de escravos para o Brasil. A repreensão partira da Inglaterra, mas isso não fez efeito na vida dos cativos, pois os jornais da época continuavam a anunciar escravos à venda. No Recife, o comércio negreiro era anunciado sem restrições nos jornais, como podemos observar neste anúncio:

**(AK) Diário de Pernambuco, 11 de março de 1853.**

**LEILOENS**

*O agente oliveira fará o leilao de tres optimos escravos : a saber, uma excellente negra, cabra, moça, para todo o serviço, uma linda e jovem mulatinha com principio de costura, e um formoso curibocazinho, proprio para ser educado em qualquer serviço, ou officio, toso recebidos em dividas da liquidação da massa de Joaquim de Azevedo Pereira : sexta-feira 11 do corrente, ao meio dia em ponto, no seu escriptorio, na rua da cadeia.*

Anúncio 6 – Leilões de escravos

Ainda que houvesse estabelecimentos especializados em importar e exportar escravos, e que de certa forma computava o fluxo de negros vendidos ou comprados na região, havia também pequenos comerciantes fazendo transação comercial de escravos pelas ruas do Recife, e sobre esses não havia qualquer tipo de fiscalização e controle.

A partir da publicação da Lei de 1850, ficou mais difícil traficar escravos para o Brasil, por isso se tornou caro perder um escravo por morte, fuga ou alforria. Contudo, em Pernambuco, nunca faltou contrabando de escravos. Primeiro porque a região tinha a vantagem de estar relativamente próxima de Angola e segundo porque as correntes marinhas beneficiava a rota. De acordo com Carvalho (2010, p. 102), desde 1831 nenhum traficante desembarcava diretamente no porto no Recife, devido à linha de arrecifes que fazia de cada corte do litoral um porto de pequeno porte como nas praias de Catuama, Itamaracá, Pau Amarelo, Cabo de Santo Agostinho, Porto de Galinhas, Barra de Sirinhaém, a foz do Rio Formoso, Tamandaré e Una.

A Lei Rio Branco ou Lei do Ventre Livre, lavrada em 1871, significou apenas uma pequena concessão para a liberdade, já que determinava que fosse libertado qualquer filho de escrava nascido no Brasil, a partir daquela data. Contudo, consagrava aos senhores de escravos a indenização pela perda ou o cativo continuava sob a sua tutela até os vinte e um anos, prestando-lhes serviços como reparação financeira.

Segundo Schwarcz (1987, p. 36), a Lei dos Nascituros foi aprovada na administração conservadora de Rio Branco. Essa Lei determinava a criação do Fundo de Emancipação, para ser utilizado na manumissão de escravos em todas as províncias e facultava a possibilidade da formação de um pecúlio, por parte do escravo, além de estabelecer obrigatoriedade do registro nacional de todos os escravos.

Em 1880, Joaquim Nabuco, político de Pernambuco, apresentou o projeto de lei que abolia a escravidão com indenização ao dono até 1890. Em 1883 Nabuco publica o jornal *O Abolicionista* que lançava ideias libertárias. É criada também a Confederação Abolicionista, em cujo panfleto André Rebouças propõe a abolição imediata dos escravos e sem indenização para os donos. No ano seguinte, em 1884, o Ceará extingue a escravidão em seu território.

A Lei Saraiva-Cotegipe, de 1884, mais conhecida como a Lei dos Sexagenários, concedia liberdade aos escravos com mais de sessenta anos e estabelecia normas para a libertação gradual de todos eles, mediante indenização. A lei gerou reações diversas na época em que foi promulgada, pois os poucos escravos que conseguiam alcançar tal idade estavam na sua grande maioria, inválidos e inaptos para o trabalho e com isso geravam mais despesas ao dono, sendo mais vantajoso conceder-lhes a liberdade.

*(AK) Diário de Pernambuco Quinta Feira 9 de Abril de 1868.*  
**ATENÇÃO**

*Vende-se um escravo de meia idade por preço commodo, próprio para o serviço de campo, trabalha de enxada, entende de plantas e tambem serve para tomar conta de algum sitio: quem pretende-lo diriga-se á rua do Pilar n. 72 2º andar, a tratar das 6 as 8 e meia horas da manhã e de 5 da tarde em diante.*

Anúncio 7 – Venda de escravo

Um escravo idoso não era vantagem para o dono, por isso era raro encontrar escravos nessas condições, servindo como mercadoria nas transações econômicas.

É fato que a escravidão iniciou seu declínio no período de desenvolvimento do capitalismo como sistema econômico, pois se tornava incompatível com as novas exigências no sistema de trabalho. Costa (2010, p. 30) ressalta que:

Os instrumentos teóricos forjados na luta contra o Antigo Regime – a filosofia da ilustração, afirmando os direitos do homem, a economia liberal clássica, condenado as práticas mercantilistas e afirmando a superioridade do trabalho livre – trouxeram consigo os argumentos que levaram à condenação da escravidão. A crítica solapou as bases teóricas, morais e religiosas que haviam sustentado a escravidão por mais de três séculos. Passou-se a questionar não só a legitimidade, mas também a produtividade do trabalho escravo. Dentro desse contexto, não tardou muito para que a cessação do tráfico e a abolição da escravatura nas colônias se tornassem temas políticos na luta pelo poder que se travava tanto nas metrópoles quanto nas colônias. A partir desse momento, a escravidão teria seus dias contados.

As interdições ao tráfico, através das leis proibitivas, não surtiram muito efeito, mas depois dessas leis em vigor ficava cada vez mais difícil importar escravos da África; por essa razão eles se tornaram valiosos nas transações econômicas. Depois veio a abolição completa do regime que terminou com a Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, que decretava extinta, a partir daquela data, a escravidão no Brasil. O texto era composto de apenas dois artigos:

Art.1º- É declarada extinta a escravidão no Brasil, desde a data desta lei.

Art. 2º - Revogam-se as disposições contrárias.

Com esse ato a Princesa Isabel assina a Lei Áurea e põe fim ao período mais vergonhoso da história brasileira e, simultaneamente, ao reinado de seu pai, D. Pedro II.

A escravidão estava extinta no Brasil, mas a condição de marginalidade dos negros não. Por isso a escravidão se configura como tema que não se esgota nessas análises, pois na leitura dos textos e documentos referentes a esse momento histórico são reveladas várias

identidades sobre a população escrava, além de se revelar as várias formas de viver e de como os escravos tentavam contornar o sistema.

A próxima seção tratará da gênese do conceito de TD e do legado de Eugenio Coseriu que introduziu no esquema saussureano o conceito de “norma”, que são modelos de atualização da língua, noção extremamente importante para fundamentar as noções de TD.

### 3 TRADIÇÕES DISCURSIVAS E GÊNEROS TEXTUAIS

O objetivo desta seção é apresentar o paradigma teórico-metodológico das TDs que nasceu no âmbito da Filologia Pragmática alemã e teve suas bases nas concepções de Eugenio Coseriu que, nas décadas de 1950-1970, postulou uma linguística própria do texto e do discurso, ao afirmar que os textos se desenvolvem independentemente de uma língua particular, podendo decorrer de suas próprias tradições. A partir disso, estudos sobre a tradição de textos e suas evocações e repetições se tornaram basilares para o conceito de TD tal qual utilizado nos trabalhos de Koch (1997), Oesterreicher (1994, 2006) e Kabatek (2004, 2005).

As TDs nos remetem às transmissões de formas de dizer pertencentes a uma dada cultura. No âmbito dos estudos linguísticos, as TDs têm sido abordadas recentemente como forma de se referir à evocação e repetição de um texto ou forma textual que adquire valor de signo próprio. Por serem muito recentes nas pesquisas brasileiras, faz-se necessário apresentar algumas linhas teóricas que deram origem a essa abordagem.

Assumimos nesta pesquisa que a língua é uma prática de interação social entre indivíduos, caracterizada por sua heterogeneidade, suscetível a constantes mudanças ao longo dos tempos, se revelando nos textos que se configuram como manifestações das práticas sociais. À medida que essas práticas se modificam, é natural que as características da língua também acompanhem tais mudanças. Estas, porém, só são observáveis quando realizamos análises comparativas entre os textos produzidos em diferentes épocas.

Todas as atividades discursivas são materializadas no texto visto como uma sequência de atos de linguagem, escritos ou falados. Numa análise textual entram em jogo tanto as condições gerais dos indivíduos, quanto os contextos institucionais de produção e recepção dos textos, uma vez que estes são responsáveis pelos progressos de formação de sentidos comprometidos com processos sociais e configurações ideológicas (MARCUSCHI, 2002). Nesse sentido, as TDs se configuram como tradições do dizer, oral ou escrito, retoricamente situadas que apontam para certos elementos universais da língua.

Em muitos trabalhos no âmbito dos estudos históricos do português do Brasil vemos pesquisas sobre TD como sinônimo de gênero textual. Trata-se, na verdade, de duas concepções teóricas diferentes, mas que se complementam nas nossas análises. No Brasil, os trabalhos que abordam a importância dos textos históricos, remetendo-os às TDs são recentes.

Em Pernambuco, apontamos o pioneirismo nas análises desses textos históricos, como o jornal e as cartas pessoais, às pesquisas desenvolvidas por Pessoa (2003)<sup>53</sup> que, em tese de doutoramento realizada em Tübingen, Alemanha, utilizou um conjunto de textos publicados em jornais, da primeira metade do século XIX, a fim de investigar a formação de uma variedade urbana na cidade do Recife/PE/Brasil. Nesse trabalho, o autor mostra, numa abordagem diacrônica, como as tradições de textos são importantes para as pesquisas sobre o português brasileiro. Apesar de não se referir à terminologia alemã “tradição discursiva”, as análises de sua pesquisa recaem sobre as tradições de textos e, conseqüentemente, sobre a noção de TD.

Dando continuidade a essa temática de textos tradicionalmente fixados à época, Fonseca<sup>54</sup>, em 2003, orientada por Pessoa, introduz em sua tese de doutoramento, as noções de “TDs”, definidas por Oesterreicher (1999), como tradições textuais historicamente transmitidas passíveis de mudança no curso da história, criando novas formas discursivas e marginalizando outras. Dessa forma, as TDs, mesmo sendo independentes de uma língua e de uma determinada comunidade linguística, oferecem modelos para a produção e recepção discursiva, principalmente em relação à escrita.

Posteriormente, em 2007, Valéria Gomes<sup>55</sup>, também orientada por Pessoa, investiga a mudança da tradição discursiva “Editorial”, numa abordagem diacrônica que vai desde a publicação do primeiro periódico impresso em Pernambuco até o século XXI. Nessa pesquisa, a autora faz referências à noção de TD e aplica nas análises do *corpus*, parte da abordagem teórico-metodológica das TDs, a fim de revelar os traços de composicionalidade do Editorial. Por isso, é salutar referenciar a importância dessas pesquisas, e dos pesquisadores, que introduziram os estudos das TDs em Pernambuco, pois elas deixaram um terreno fértil para pesquisas históricas que concebem o texto como acontecimento histórico que atualizam esquemas comunicativos e culturais recorrentes.

---

<sup>53</sup> Marlos Pessoa foi orientando de Schlieben-Lange e contemporâneo de Johannes Kabatek em Tübingen, Alemanha. O autor teve na Banca de arguidores na sua Defesa de tese, na Alemanha, para obtenção do título de Doutor, Eugenio Coseriu.

<sup>54</sup> A pesquisa de Maria Cristina Fonseca, intitulada *Caracterização linguística de cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX*, de 2003, visa analisar as cartas oficiais da administração pública paraibana, no período entre 1774 e 1874, partindo do princípio de que as condições sócio-históricas de produção se refletem em marcas textuais próprias. A autora verificou os fenômenos linguísticos do gênero em estudo sob um viés histórico-textual, com base nos níveis de análise linguística apresentados pelo paradigma das TDs.

<sup>55</sup> A pesquisa de Valéria Gomes, *Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido*, de 2007, centra-se em retratar as configurações históricas e sociais da imprensa, reconstruir a constelação de textos na qual o editorial se insere, além disso, descreve os traços de mudança e permanência, em termos linguísticos e extralinguísticos do Editorial, estabelecendo, assim, a relação entre a historicidade da língua e do texto. Gomes verificou os fenômenos linguísticos do Editorial sob um prisma histórico-textual, com base nos níveis de análise linguística apresentados pelo paradigma teórico-metodológico das TDs.

É vital a esta pesquisa assumir o estudo diacrônico do anúncio de fuga de escravos, já que ele faz parte do acervo histórico, linguístico e social do Brasil, importante para a reconstituição histórica. Dedicamos neste trabalho uma seção aos dois modelos teóricos: o da TD e o dos gêneros textuais, e como eles, de forma combinada, podem ser produtivos para o desenvolvimento das investigações que se inserem nas pesquisas da linguística histórica.

### 3.1 O legado de Eugenio Coseriu

Eugenio Coseriu, linguista da Universidade de Tübingen, Alemanha, especializado em línguas românicas, postulou a língua como uma atividade evolutiva e em constante mudança, i. e., concebendo-a como um sistema em movimento permanente para, dessa forma, assegurar seu funcionamento e continuidade, caso contrário, ela morreria.

Coseriu acreditava que a linguagem devia ser concebida como uma atividade coletiva que ocorre de forma histórica e situada, estando sempre dirigida ao outro. Para o linguista, a língua não devia existir senão no falar dos indivíduos e o falar é sempre falar uma língua (COSERIU, 1979). Dessa maneira, a língua é vista como técnicas históricas da linguagem e, quando se encontram estabelecidas como tradições reconhecidas pelos seus falantes, são designadas como adjetivos próprios que as identificam historicamente (por exemplo: língua portuguesa, inglesa, alemã). Assim, o falante se revela como pertencente a uma determinada comunidade linguística histórica, ou alguém que assume a tradição idiomática de uma dada comunidade. A partir dessa apropriação do saber técnico de uma dada língua, o falante cria suas próprias expressões e modelos.

Na obra *Sincronia, Diacronia e História* (1979), o autor destacou o que na linguagem se configura na ordem do sistema e o que se configura na ordem da *norma*<sup>56</sup>, ressaltando alguns pontos a respeito da mudança linguística que, para ele, mais importante que saber por que as línguas mudam é entender como as mudanças ocorrem.

Nesse sentido, Coseriu opõe-se à visão saussuriana que considera a língua como um fim em si mesma, e tenta preencher o abismo deixado por Saussure em relação à dicotomia entre língua e fala (*langue e parole*)<sup>57</sup> e entre sincronia e diacronia. Ainda conforme Coseriu,

<sup>56</sup> Para Coseriu (1995), a norma é uma realização coletiva associada à tradição e à cultura, estando ligada à repetição de elementos de modelos anteriores. A norma não é prescritiva, mas de cunho social, pois está relacionada ao que é previsível e regular nos usos, dentro de uma comunidade discursiva.

<sup>57</sup> Para Saussure (CARVALHO, 2003), o fenômeno linguístico apresenta duas faces que se correspondem e uma depende da outra. Saussure concebeu a *língua* como um sistema de signos que se relacionam organizadamente

a antinomia sincronia/diacronia não pode pertencer ao plano do objeto, e sim ao plano da investigação; e não se refere à linguagem, mas à linguística e que o impasse só poderia ser superado através história<sup>58</sup>.

A língua, para Coseriu, não existe senão no falar dos indivíduos, e o falar é sempre falar uma língua e todo o modo de ser da linguagem gira em torno desse círculo<sup>59</sup>, pois a língua se realiza no falar.<sup>60</sup> A língua é um fato social, no sentido mais genuíno do termo ‘social’, que é o de ‘propriamente humano’. Os fatos sociais não são exteriores aos indivíduos, mas interindividuais correspondendo ao modo de ser do homem, que é um “ser com os outros” (COSERIU, 1979, p. 41).

Retomando as considerações de Saussure (s/d *apud* Carvalho, 2003) sobre a fala, segundo o linguista é através da fala que a língua se atualiza e se transmite através do tempo e das pessoas, das comunidades de fala, pois Saussure acredita que os pensamentos são organizados em signos dentro da mente; e é pela língua que a fala se programa e acontece, ao mesmo tempo, no presente e no passado. A fala, então, projeta a língua para os fatos da fala, para a comunicação. Por sua vez, a língua resulta das impressões da fala sobre o exercício mental, do esforço mental em traduzir os pensamentos em signos.

Então, para solucionar o abismo deixado por Saussure entre língua e fala, Coseriu introduziu no esquema saussureano de língua/fala, a tríade: sistema, *norma* e fala. Dessa forma, seria importante diferenciar, nas estruturas que constituem a língua, o que é normal ou comum (norma) e o que é oposicional ou funcional (sistema). O falante ao utilizar os sistemas (língua) em sua fala (discurso) seleciona modelos de enunciação que são retirados da norma. Desse modo, os atos de fala são contidos pela norma social que por sua vez estão contidos no

---

dentro de um todo, tendo como característica ser: social, homogêneo, sistemática, abstrata, formal e duradoura. Já a fala (*parole*) é o ato linguístico individual, material, concreto, psicofísico, dependente da vontade e da inteligência do indivíduo (subjetivo), um impulso expressivo, ato inovador (lugar de liberdade) acessório e mais ou menos acidental; tendo como característica ser: individual, heterogênea, assistemática, variável, substância e momentânea.

<sup>58</sup> Simões (2007, p. 137-139) confirma em suas investigações as considerações de Saussure quando este divide a língua em dois domínios: a *langue* e a *parole*. Segundo o autor, a linguística tomou para si como objeto de estudo a *langue*, tendo sido impulsionada pelos estudos da linguagem especialmente por disciplinas como a linguística de texto e a pragmática, que podem ser consideradas como uma linguística voltada à *parole*. No entanto, Koch (1997, p. 55) discute as considerações de Saussure sobre linguística da *parole* e afirma que ela se reduz a uma linguística da competência linguística ou de TDs, ao reconhecer que tanto a linguística de texto como a pragmática se apresentam como disciplinas que tentaram fazer esta descrição, contudo, sem fazer uma distinção clara entre os domínios da competência linguística e das TDs.

<sup>59</sup> Coseriu (1979, p. 33) afirma que Saussure percebeu claramente a relação entre *langue/parole*, mas optou decididamente pela “língua”. Segundo o autor, Saussure renovou um aspecto da antiga disputa entre anomalistas e anologistas, optando pelo caminho, aparentemente mais fácil, da analogia, para evitar a mobilidade, a variedade e a “heterogeneidade” da fala.

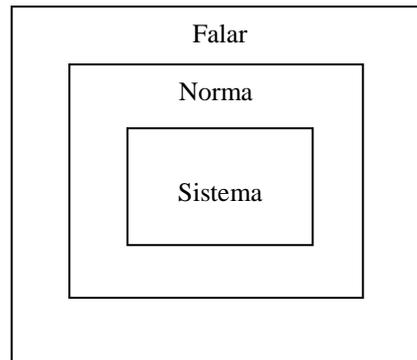
<sup>60</sup> O falar, nos moldes coserianos, é uma atividade universal que se realiza por indivíduos particulares, enquanto membros de comunidades históricas; assim ele pode ser considerado: universal, particular e histórico (COSERIU, *Ibid.* p. 43).

sistema. A norma, então, são modelos de atualização de uma língua, e representa o seu equilíbrio externo (social, regional) entre as várias realizações permitidas pelo sistema, por isso ela pode ser chamada de *norma funcional*. Além disso, a norma varia de acordo com o tempo, o espaço geográfico, a classe social ou profissional e do nível cultural do indivíduo. Pode-se afirmar então que as normas são tantas quanto os falantes de uma língua, porém elas não interferem na unidade da língua, que contém o somatório de todas as normas, de todos os atos de fala. Por sua vez, os atos de fala não decorrem das possibilidades que o sistema oferece, mas passa por um processo de escolha: a norma das realizações possíveis de um dado sistema, este, portanto, contém todas as normas sociais e individuais e de todos os atos de fala.

Quanto ao sistema, Coseriu (1979, p. 50) esclarece que ele é o sistema de possibilidades, de coordenadas que indica os caminhos abertos e os fechados de um falar compreensível numa comunidade. O sistema abrange então as formas ideais de realização de uma língua. A norma, por exemplo, é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente, não correspondendo ao que se pode dizer, mas ao que tradicionalmente se diz na comunidade considerada. A norma corresponde à fixação da língua em moldes tradicionais, representando a todo o momento, o equilíbrio sincrônico (externo e interno) do sistema, i. e., “a língua não pode ser isolada dos ‘fatores externos’, de tudo aquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes” (p. 19). Muito antes de conhecer as realizações tradicionais, a criança conhece o “sistema de possibilidades”, onde testa as frequentes possibilidades de “criações sistemáticas”, muitas vezes contrárias às normas (como *fazi*, *trazi*, por *fiz* e *trouxe*, por exemplo), portanto, aprende-se o sistema antes da norma<sup>61</sup>. A tríade coseriana pode ser representada da seguinte maneira:

---

<sup>61</sup> Quental (s/d, p. 145) esclarece a questão da norma da língua portuguesa. Segundo a autora, a justificativa para a adoção de outra norma diferente do Latim estava na crença de que o português era tão prestigioso quanto ele. Ao abandonar o Latim como língua do saber, era preciso eleger um parâmetro dentro da variedade do Português como a língua culta e, para esse papel, eleger-se a variedade das elites, dos eruditos, cujo prestígio social sustenta aquela variedade como prestigiável.



Esquema 1: Sobre falar, norma e sistema (COSERIU, 1967, p. 57).

No ensaio sobre sistema, *norma* e fala, Coseriu (1967) observa que nas línguas não há elementos que sejam únicos ou ocasionais, mas sociais, normais, repetidos na fala dos usuários dentro da comunidade linguística. A norma deve ser concebida como uma realização coletiva que se dá através de modelos anteriores, associada à tradição e à cultura. De acordo com Andrade e Medeiros (2009, p. 11), a língua portuguesa constitui um sistema linguístico que abrange o conjunto das diversas normas, e que se concretiza por meio dos atos individuais de fala. É um dos sistemas linguísticos existentes dentro do conceito geral de língua.

Com relação à questão sobre a dicotomia sincronia/diacronia, Coseriu destaca que nem uma das duas tem um fim em si mesma. Segundo o teórico, o que se descreve é sempre a atualização de uma tradição. A sincronia e a diacronia não são excludentes, são operações distintas que se complementam; por isso, afirmar que a língua é um objeto histórico não significa excluir a descrição e a teoria. Então, a explicação para a mudança linguística está justamente na explicação histórica, visto que “a mudança linguística está ao alcance de qualquer falante, pois pertence à experiência corrente sobre a linguagem” (COSERIU, 1979, p. 58).

### 3.1.1 A mudança linguística

A mudança linguística é um dos pontos chave da teoria de Coseriu. O autor afirma que a língua muda “justamente porque não está feita”, mas porque *faz-se* continuamente pela atividade linguística. Como é falada, e o falar é uma atividade criadora e livre, é através dele

que a língua está sempre se renovando<sup>62</sup>. Assim, o falar é visto como atividade criadora na qual o falante é o criador e estruturador da sua expressão, dispendo-se da língua, adaptando-a às suas necessidades expressivas (COSERIU, 1979, p. 63).

O romanista afirma que a língua é uma criação coletiva, mas apenas no sentido de que muitos indivíduos verteram nela as suas criações individuais, e não no sentido de que alguma inovação pudesse surgir desde o começo como *coletiva* ou *geral* (p. 132). A língua historicamente constituída é utilizada e manifestada no falar, que é alterado tanto pelas determinações finais da expressão quanto pelas determinações psicofísicas da realização fônica. Só que as determinações psicofísicas podem influenciar na alteração da língua, mas não necessariamente constituir mudança. Então,

a mudança linguística tem a sua origem no diálogo: na passagem de modos linguísticos do falar de um interlocutor ao saber do outro. Tudo aquilo em que é falado pelo falante - enquanto *modo linguístico* - se afasta dos modelos existentes na língua pela qual se estabelece o colóquio se pode chamar de inovação. E a aceitação duma *inovação*, por parte do ouvinte, como modelo para ulteriores expressões, pode-se chamar *adoção* (COSERIU, 1979, p. 71).

Uma inovação nos moldes coserianos não é concebida *ex-nihilo*<sup>63</sup>, ela pode ser uma alteração nos modelos tradicionalmente de dizer, na seleção entre uma variante linguística, nas criações sistemáticas que dizem respeito às invenções em meio às possibilidades do sistema, num empréstimo de outra língua (total ou parcial e, que sobre esse modelo pode implicar alteração) e na economia funcional, i. e., no apagamento de distinções supérfluas no discurso. Assim, a mudança linguística é a *adoção* de uma *inovação*; e a adoção só se difunde quando corresponde a uma necessidade expressiva dos falantes.

Mas há problemas em relação à mudança linguística e o primeiro deles repousa na própria adoção, porque dentre as muitas inovações que se realizam no falar, só algumas são adotadas e difundidas, visto que a adoção não é meramente reprodução, mas seleção. As leis fonéticas são intrínsecas ao falar, são leis que o falante aplica todos os dias e podem ser verificadas com as adoções que ele utiliza. A lei fonética corresponde a um modo de se fazer

---

<sup>62</sup> Coseriu (1979, p. 64), afirma que a língua não muda completamente porque se refaz, através da historicidade do homem, que coincide com a historicidade da linguagem. O falante não empresta outra técnica, mas utiliza o sistema que lhe é oferecido pela comunidade, além de aceitar a realização que a norma tradicional lhe proporciona porque está relacionada a sua tradição.

<sup>63</sup> *Ex nihilo*: expressão latina que significa 'nada surge do nada'. Na concepção da TD as tradições de textos são repetidas e atualizadas de acordo com as necessidades comunicativas e não construções que emergem do nada.

e não atua sobre a língua como uma imposição, mas é característica e norma do próprio ato mediante o qual a língua se cria. Para Coseriu, o ouvinte adota o que o satisfaz esteticamente, o que lhe convém socialmente ou o que lhe serve funcionalmente. Então, a adoção se configura como um ato de cultura, de gosto e de inteligência prática.

O segundo problema sobre as condições da mudança linguística se refere aos modos do seu *fazimento*. Podemos exemplificá-lo como sendo aquilo que se coloca depois que se reconhece que a mudança linguística é intrínseca ao modo de existir da língua. Por um lado, as mudanças linguísticas são funcionais e culturais e podem ser comprovadas em qualquer estado de língua; por outro, por ser a língua um conjunto de modos sistêmicos e sistemáticos só pode mudar, se renovar sistematicamente, com base na sua funcionalidade.

Saussure afirmou que nada aparece no sistema que não tenha existido antes na língua realizada e vice-versa. As mudanças manifestam-se primeiramente na sincronia, do ponto de vista cultural, e o que é cultural é condição que favorece a mudança. A homogeneidade do saber linguístico e a adesão de uma comunidade de falantes à sua própria tradição linguística são condições de relativa estabilidade ou resistência à mudança.

Coseriu, ao tocar no aspecto da mudança linguística, fala de fatores externos e internos, estruturais e históricos como fatores passivos, circunstâncias do falar e determinações históricas da liberdade linguística, mas não como causas determinantes da mudança. O teórico aponta que certas condições de mudança nas línguas, como deslocamento de uma norma, que dá o início a uma mudança, as oposições distintivas dentro do sistema fonético da língua, a instabilidade permanente constituída pelas condições internas de todo sistema linguístico, tudo isso funciona como selecionadores das inovações.

E o terceiro problema da mudança linguística está relacionado com o problema histórico e para solucioná-lo é necessário o conhecimento das condições sistemáticas e extra-sistemáticas e do momento da língua em análise. O linguista chama a atenção para uma fonologia substancialista que leva em consideração o sistema e a norma de realização (a interpretação histórica e social do sistema) e não apenas a explicação fonética da língua que considera apenas os aspectos fisiológicos, i. e., como a língua é posicionada na boca para produzir determinados fonemas. Só assim é possível dar conta da realidade de uma língua e de sua transformação. A mudança linguística consiste, então, em estabelecer como se forma uma tradição, e de que maneira e em que condições culturais e funcionais se insere e pode inserir-se uma mudança num sistema de modos já tradicionais, e não se deter apenas ao como começou o modo linguístico.

Coseriu também chama a atenção a outro problema que é criado em relação à mudança linguística, às distorções entre o termo *mudança* e *inovação*. É quase impossível chegar ao primeiro indivíduo que tenha iniciado a mudança linguística específica, mas através da documentação histórica é possível adiantar hipóteses plausíveis para determinadas mudanças. Assim, o problema da mudança linguística não é estabelecer como se iniciou um determinado modo linguístico, mas explicar como ele se constitui como tradição dentro de um sistema linguístico tradicional. O linguista postula que todas as mudanças linguísticas são individuais, mas as inovações adotadas e difundidas correspondem a exigências *interindividuais*, atuando de forma diferente de indivíduo para indivíduo.

### 3.1.2 Os níveis da linguagem

Toda noção acerca das TDs está inculcada aos três níveis de linguagem propostos por Coseriu (1980, p. 92) que, apoiando-se em Humboldt<sup>64</sup>, e este influenciado pelos conceitos aristotélicos de *energeia*, *dynamis* e *ergon*, rejeita a linguagem como um produto pronto e acabado – *ergon*<sup>65</sup>, confere à linguagem a habilidade criadora – *energeia*. Baseado nisso, defende que a linguagem deve ser vista como uma atividade humana universal que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com as tradições da comunidade histórica e em línguas concretas como o italiano, o português, o francês e o alemão, por exemplo.

Coseriu (1979, 1980) postulou que a linguagem se processa a partir de três níveis: *o universal*, *o histórico* e *o individual*, os quais responderiam pela atividade comunicativa realizada pelos indivíduos nas mais diversas situações de interação verbal. Cada nível corresponde a um plano específico, como demonstrado no quadro sinóptico a seguir:

---

<sup>64</sup> As reflexões de Humboldt acerca da linguagem são um marco importante para a linguística e a filosofia contemporâneas. O teórico propõe uma mudança de paradigma quando afirmou que era necessário considerar a linguagem não como um produto (*Ergon*), mas uma atividade (*Energeia*). Nesse sentido, é vital considerar o aspecto criador da linguagem tanto do ponto de vista sintático quanto do pragmático.

<sup>65</sup> Camara Jr. (2011, p. 132) esclarece que a dicotomia “língua-discurso” de Saussure não coincide com a dicotomia “Ergon-Energeia” de Humboldt. Para o teórico, *ergon* significava o produto linguístico e *energeia* o ímpeto linguístico vivo que leva os homens a falar. O sistema linguístico de Saussure nasce da *energeia* de Humboldt e não se constitui, totalmente, no produto morto ou *ergon*; ele se mostra “dinâmico e operativo e não, necessariamente, o simples resultado de um ato do discurso, tal como a pegada deixada pelo pé do homem na areia.”

<b>Pontos de vista</b> <b>Níveis</b>	<b>Atividade</b>	<b>Saber</b>	<b>Produto</b>
Nível universal	Falar em geral	Saber elocucional	Totalidade do 'falado'
Nível histórico	Língua concreta	Saber idiomático	Língua abstrata
Nível individual	Discurso	Saber expressivo	Texto

Quadro 1: Sinóptico dos níveis de linguagem (COSERIU, 1980, p. 93).

Nesse modelo de estrutura da linguagem, Coseriu salienta a independência entre os três níveis da linguagem. Todos eles seguem normas e tradições de outros níveis, além de produzir, independentemente, suas próprias normas e tradições, as quais regulam a atividade discursiva, porém ao falar, um indivíduo realiza os três níveis simultaneamente.

Segundo Coseriu, o primeiro nível de fala, o *nível universal*, está relacionado à linguagem em geral independente do idioma que se fale. Este nível é comum a todos os seres humanos é onde se encontra o dispositivo geral do homem para falar, para se comunicar por meio de signos linguísticos que designam o mundo da experiência. Nesse nível estão situadas todas as atividades de linguagem que utilizam estratégias comunicativas concernentes à narração, referenciação, contextualização, orientação espaço-temporal, predicação, argumentação, entre outros tipos de universais da linguagem (COSERIU, 1980, p. 93).

O *nível histórico* corresponde à língua como sistema de significação historicamente atualizado. O plano da atividade diz respeito à língua como sistema de significação; do ponto de vista do saber, a língua é concebida como saber tradicional de uma dada comunidade linguística, tendo como produto a língua abstrata, i. e., a língua idealizada numa gramática. O terceiro nível de fala, o *nível individual*, corresponde aos *textos* ou *discursos concretos*. Este nível diz respeito às atualizações de discursos, falado ou escrito, produzidos por pessoas ou instituição dentro da comunidade de fala.

Essa concepção de texto como produto do nível individual da linguagem que decorre de suas próprias tradições, independente das línguas em particular, é extremamente importante para a compreensão do conceito de TD. A linguagem é uma prática sócio-histórica que situa e orienta o falante no uso e na adequação do conhecimento nos três níveis, pois ao falar, o indivíduo usa uma língua particular, porém o falar só se realiza através de modelos textuais tradicionalmente fixados, as TDs, sendo esses modelos organizadores do discurso para que se produzam textos adequados aos propósitos e à situação contextual. Esses três

níveis estão presentes sempre que um indivíduo fala com uma intenção comunicativa determinada.

Coseriu defende que, independente do idioma, os textos, ou discursos concretos, têm suas próprias tradições, visto que há línguas que possuem certas formas fixas que não podem ser traduzidas *ipsis litteris*, sendo isso um indicativo de que independentemente da língua, da estrutura gramatical e do acervo lexical específico, há tradições textuais definidas, o que prova que a intenção comunicativa realizada através de um texto, independe das construções que determinadas línguas oferecem.

### 3.2 Definição de Tradições Discursivas

Tradição significa aquilo que se transmite. O conceito de TD nasceu no âmbito da filologia pragmática alemã, sob a influência dos postulados coserianos sobre os três níveis da linguagem: o universal, o histórico e o individual, e da mudança linguística. Coseriu reconhecia que o uso da linguagem, em todas as esferas sociais, se fazia sempre por meio dos textos e que estes são o lugar da inovação linguística. Estas considerações são esclarecidas por Kabatek:

Foi ao longo dos anos 80 do século passado que se estudava, desde diferentes perspectivas, a importância da distinção entre linguagem oral e linguagem escrita para a linguística empírica, mas também para a teórica. A origem desses estudos encontra-se na linguística de texto e da pragmática tal como foram concebidas desde os anos 60 e 70. Já em 1955, Eugenio Coseriu havia postulado uma linguística própria do nível do texto/discurso. Ao longo dos anos 60, sobretudo na germanística (e em grande parte dos estudos, independentemente dos postulados de Coseriu), começou-se a estudar o texto com as suas particularidades, dando especial atenção aos tipos textuais (“Textsorten”), definidos por Peter Hartmann, em 1964, como “conjuntos de textos compartilhando determinadas características”. Uma autêntica linguística de texto que estuda as diferentes características de tipos textuais nasce como disciplina própria no início dos anos 70, e publicam-se diferentes trabalhos que identificam as particularidades dos tipos textuais desde diferentes perspectivas (KABATEK, 2004, p. 2).

De acordo com Kabatek, anos depois do início dos estudos do texto, a linguística textual deu origem a diferentes vieses no estudo da textualidade que a definem a partir das seguintes análises: a) textualidade a partir dos elementos linguísticos, microestrutura, presentes nos textos; b) textualidade a partir do conteúdo temático e da macroestrutura, que

engloba as tipologias textuais (narrativa, descritiva, dissertativo-argumentativa e injuntiva); c) análise do texto a partir da sua inserção situacional; e, finalmente, d) a textualidade analisada segundo a sua função ou finalidade comunicativa, derivada da sua ilocução dominante. Todas essas tendências têm seus defeitos e vantagens, restando aos autores propor novos modelos de análise ou combinando os diferentes pontos de vista ou evidenciando a mútua relação das abordagens.

Uma contribuição fundamental para o conceito de TD veio dos trabalhos de Brigitte Schlieben-Lange, aluna de Coseriu em Tübingen. No ano de 1983, a autora tentando articular a teoria de Coseriu com aspectos da sociolinguística e da pragmática alemã, apresentou a proposta de uma *Pragmática Histórica* “num livro que relacionava oralidade e escrituralidade com uma visão histórica”. Essas abordagens foram basilares para o que mais adiante se chamaria o estudo das TDs (KABATEK, 2004, p. 3). Nesta obra, a autora defendeu que existe uma história dos textos, independente da história das línguas e que o estudo histórico das línguas deve levar em conta a história dos textos (SCHLIEBEN-LANGE, 1993).

Outra contribuição igualmente importante para a fundamentar o conceito de TD, veio da tese de doutoramento de Peter Koch que defendeu um modelo teórico que permitia estabelecer uma relação entre a história da língua e a história dos textos, propondo em sua investigação o termo *diskurstradition* (tradição discursiva). O modelo de TD, então, se fundamenta na premissa de que todo texto segue duas tradições: a tradição da língua em que foi produzido (alemão, português, espanhol etc.) e a tradição de determinados modelos textuais (como os gêneros textuais, por exemplo)<sup>66</sup>. Koch e Oesterreicher (1997), visando distinguir *língua* e *texto*, reavaliaram os três níveis de atividade linguística, postulados por Coseriu, o universal, o histórico e o individual, e, propuseram a bipartição do nível histórico em dois: o domínio da língua histórica particular e o domínio da tradição de textos.

Koch (1997, p. 43) acredita que o falar é uma atividade comum a todos os homens, portanto, universal, e que se particulariza em línguas específicas, cujos sistemas de significação se constroem historicamente e se atualizam em atos de fala concretos, desenvolvidos em situações determinadas e organizados em textos/discursos individuais. Os níveis do falar são indissociáveis da atividade linguística e, a partir disso, é possível reconhecer três diferentes perspectivas da atividade linguística:

---

<sup>66</sup> Zavam (2009, p. 76) explica que para os romanistas alemães as TDs dizem respeito ao fato de um usuário de uma língua, diante de uma finalidade comunicativa, produzir seu discurso em conformidade com o já dito na sociedade, i. e., modelando-se por “tradições textuais contidas no acervo da memória cultural de sua comunidade, nas maneiras tradicionais de dizer ou de escrever” (KABATEK, 2003, p. 3).

- (i) a partir da perspectiva relativa à língua e/ou à variedade da língua usada;
- (ii) a partir da perspectiva relativa à forma, organização e construção do texto;
- (iii) a partir da perspectiva relativa à linguagem, como fenômeno universal humano.

Dessa maneira, Koch reafirma que há formas comunicativas recorrentes e tradicionais, que devem ser diferenciadas das línguas históricas, pois existem formas tradicionais de textos que vão além das fronteiras das línguas históricas. Por essa razão, o autor sugere a duplicação do modelo de Coseriu no nível histórico: de um lado ficam as línguas históricas (como o alemão, o inglês, o francês, o russo etc.) e de outro ficam as tradições de textos ou TDs, englobando aspectos relativos aos gêneros discursivos (os anúncios de escravos, por exemplo), os gêneros literários, os atos de fala (juramento de fidelidade do vassalo ao suserano), etc. A bipartição do nível histórico a partir do quadro de Coseriu pode ser demonstrada da seguinte forma:

<b>NÍVEIS DE LINGUAGEM</b>			
<b>Nível</b>	<b>Campo ou Área</b>	<b>Tipo de norma</b>	<b>Tipos de regras</b>
universal	atividade de falar	normas do falar	regras do falar
histórico	línguas históricas	normas da língua	regras da língua histórica
histórico	TDs	normas discursivas	regras discursivas
individual	discurso ou texto		

Quadro 2: Diferenciação dos níveis da linguagem (KOCH, 1997, p. 45).

Para Koch (1997, p. 45), é imprescindível duplicar o modelo de Coseriu no nível histórico. Ao lado das tradições ou normas das línguas concretas, pois é preciso levar em consideração as tradições textuais ou TDs ou normas discursivas. Assim, o nível histórico responderia a duas dimensões: o da língua como sistema (gramatical e lexical) e o da tradição discursiva (textual)<sup>67</sup>.

Ao fazer essa duplicação no nível histórico, as TDs são evidenciadas e ao incluí-las no esquema original de Coseriu, completa-se a estrutura da linguagem, pois há uma ênfase na tradição dos textos, uma historicidade que se distingue da historicidade dos sistemas

<sup>67</sup> Nesse contexto, é importante diferenciar discurso e texto. Texto, no âmbito das TDs, deve ser entendido como o produto dos discursos.

linguísticos por se referir aos textos já produzidos em uma comunidade, ao acervo cultural, à memória textual ou discursiva (KABATEK, 2008, p. 9).

Para ampliar ainda mais o modelo de Koch, Kabatek propõe que a produção do sentido deva passar necessariamente por dois filtros, o da língua histórica e o das tradições discursivas. O conceito de tradição discursiva deve ser concebido como um modelo de análise linguística que transcenda o domínio proposto por Coseriu, em razão de a TD estabelecer um elo entre todos os domínios. Conforme o esquema 2, a atividade do falar como ação, diante de uma finalidade comunicativa concreta, atravessa dois filtros concomitantes até chegar ao ato comunicativo ou enunciado: o primeiro filtro corresponde à língua que organiza os fatos linguísticos, escolhas léxicas, organização sintática; e o segundo filtro corresponde às TDs que reúnem a historicidade de uma tradição cultural e linguística de uma dada língua no tempo e no espaço. Como podemos ver, a língua histórica está na mesma linha das TDs:

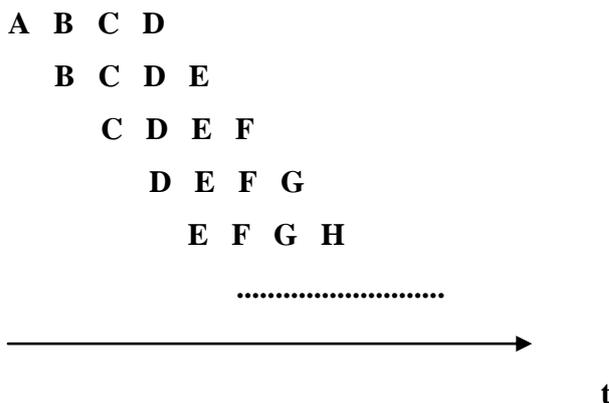


Esquema 2: Filtros comunicativos na produção do enunciado (Kabatek, 2004).

É preciso, portanto, pontuar em qual norma os anúncios de fuga de escravos era redigido. Por se tratar de um texto da cultura impressa, o jornal, deveria primar pela norma culta, ou considerada padrão à época; no entanto, a dinâmica dos textos era outra. Os anúncios de fuga de escravos revelam características tanto da tradição culta quanto da tradição popular, esta estando marcada pela informalidade e com forte influência da oralidade, como veremos mais adiante na seção de análises.

### 3.2.1 TD entre conservadorismo e dinamismo<sup>68</sup>

O termo “tradição discursiva” remete a tradições linguísticas fortemente ligadas ao caráter histórico que se modificam ao longo do tempo. As TDs caminham sempre do dado já existente em direção ao dado novo. Assim, temos de um lado a tendência para o conservadorismo e, por outro, uma mistura de elementos passíveis de serem modificáveis que vão permitindo a transformação e a mudança. Esses novos termos que são criados a partir de um dado comum tem relação com a “semelhança familiar” (em alemão: *Familienähnlichkeit*), expressão que foi definida por Wittgenstein (1953, p. 66-71 *apud* Koch, 1997), e com o conceito de “prototipicidade”, que foi postulada pela psicologia cognitiva. A identidade diacrônica de um gênero pode ser representada por meio desses conceitos do seguinte modo:



Esquema 3: Contínuo de filiação da TD e mudança linguística (KOCH, 1997, p. 60).

As letras maiúsculas representam características de um gênero e as sequências de letras representam as variantes e as subvariantes da mudança do gênero em questão, em um de um espaço de tempo (t). Observe-se que cada linha de letras representada apaga uma letra anterior, conserva outra e acrescenta no fim uma nova letra. Isso quer dizer que, apesar do desaparecimento de algum traço, há um que se conserva, ligando-se à nova tradição que se sucede. Ao final de uma filiação, existe uma realidade discursiva-tradicional completamente diferente daquela de início, como podemos visualizar a sequência inicial ABCD para a do final EFGH, embora a continuidade histórica continue a vigorar no período **t**.

<sup>68</sup> Todas as considerações deste tópico são de Koch (1997) com tradução de Alessandra Castilho.

Outro modo de representação da tradição e da mudança linguística é a seguinte:

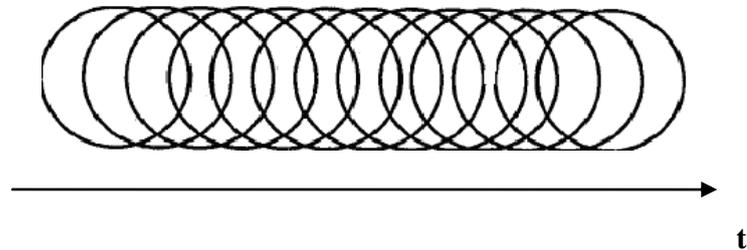


Figura 1: Contínuo da TD e mudança linguística (Koch, 1997; cf. Givón, 1986).

Nesse caso, a mudança é representada não de forma linear, mas de forma helicoidal onde cada anel que se sucede mantém uma zona de contiguidade com o anel anterior, o que evidencia a manutenção de traços na constituição da nova tradição que se forma. Esse modelo de sobreposição pode até não fazer jus à complexidade da dinâmica discursivo-tradicional dos gêneros, mas ele exemplifica o modelo de extensão e restrição na representação da mutabilidade histórica e da dinâmica das TDs, pois estas estão sempre no campo de tensão entre a convenção e a inovação<sup>69</sup>.

Essas representações são importantes para a pesquisa que ora apresentamos, pois analisamos o gênero anúncio de fuga de escravos e comparamo-los aos anúncios de procurados da atualidade. Além disso, serão verificados os traços de composicionalidade das TDs dos anúncios de escravos e em que eles se assemelham ou se diferem dos anúncios de procurados.

Consideremos a analogia entre tradições culturais e TDs. Para Koch sempre que aparecem novos desafios culturais, econômicos e técnicos, as tradições existentes não podem cobrir novas necessidades culturais e comunicativas, daí resultam novas necessidades, às quais as tradições culturais existentes não podem fazer jus. E é justamente nesse ponto que podem surgir novas tradições culturais. A solução para a criação de novas tradições está no “afrouxamento” do já existente, mas as inovações não se distanciam muito do estado de equilíbrio guardado; i. e., as tradições culturais nunca surgem do nada, mas de uma forma já existente. Quando surgem novas tradições a partir de tradições culturais e discursivas já existentes, deve-se contar com um certo conservadorismo. Nas novas tradições permanecem

<sup>69</sup> As figuras sobre o contínuo das TDs e mudança linguística serão retomadas na seção *Do anúncio de fuga de escravos ao de procurados do século XIX*, por representarem graficamente o processo de inovação das TDs, propiciando, dessa maneira, a mudança linguística.

elementos constituintes das tradições fundamentais, mesmo que tais elementos sejam disfuncionais em relação ao objetivo comunicativo. Em algum momento, os elementos disfuncionais serão colocados à possibilidade do apagamento. Nas TDs acontece o mesmo. Koch (1997) cita, por exemplo, o gênero “notícia de jornal” que tem sua origem na impressão de cartas e de relatos enviados por correspondência; e o “aviso” corresponderia a um pai primordial dessa tradição discursiva, embora tenha propósitos discursivos distintos.

Primeiramente, o jornal necessita de uma forma de apresentação da informação que desperte no leitor potencial a necessidade de mais informações e, com isso, exerça um apelo comercial. Além disso, o princípio jornalístico de construção do texto favorece o posicionamento inicial das informações mais relevantes do texto. Desse modo, a notícia de jornal pode ser encurtada de traz para frente, já que as informações principais estão no início do texto, levando o leitor a decidir se vai continuar ou não a notícia. Isso tudo porque há algum tempo cristalizou-se o princípio do *lead*<sup>70</sup> nas *hard news*; as informações mais importantes aparecem em sequência, no início, na manchete, no subtítulo, no parágrafo de *lead* e, então, no corpo do texto (*body*) são desdobradas.

Quando traços conservadores em uma tradição cultural se tornam disfuncionais, há a possibilidade de serem eliminados ou de serem estetizados. Um típico processo da inovação de tradições culturais é a diferenciação de tradições que se formam a partir de um texto em que surgem novas formas que podem ser assim representadas, quando uma tradição se bifurca:

---

<sup>70</sup> Vizeu e Mazzarolo (1994, p. 58) afirmam que o *lead* foi introduzido no Brasil em 1950 por Pompeu de Souza no *Diário Carioca*. O *lead* é definido como a abertura mais importante da matéria jornalística, o parágrafo sintético que deve responder às tradicionais perguntas: o Quê? Quem? Quando? Onde? Como? E por quê? Os autores acreditam nas várias explicações para o surgimento do *lead* no jornalismo, entretanto, defendem a tese de que os correspondentes nos campos de batalha deram início a essa nova forma de escrever e publicar a notícia. Depois das lutas, os jornalistas dirigiam-se ao telégrafo para passar suas matérias que em razão do tempo, evitavam emitir opiniões nas reportagens, deixando de lado os detalhes para se deter aos acontecimentos importantes. Fontcuberta (1993 *apud* VIZEU e MAZZAROLO, 1994) caracteriza o *lead* como uma pirâmide invertida da notícia, método que segue vigente até hoje. Vizeu e Mazzarolo (*Op. cit.*) esclarecem que o *lead* é submetido às estruturas organizacionais de cada veículo (jornal, rádio, e TV) a uma cultura profissional e às rotinas de produção da notícia, apresentando as características dependendo do suporte (meio) em que ele está sendo apresentado.

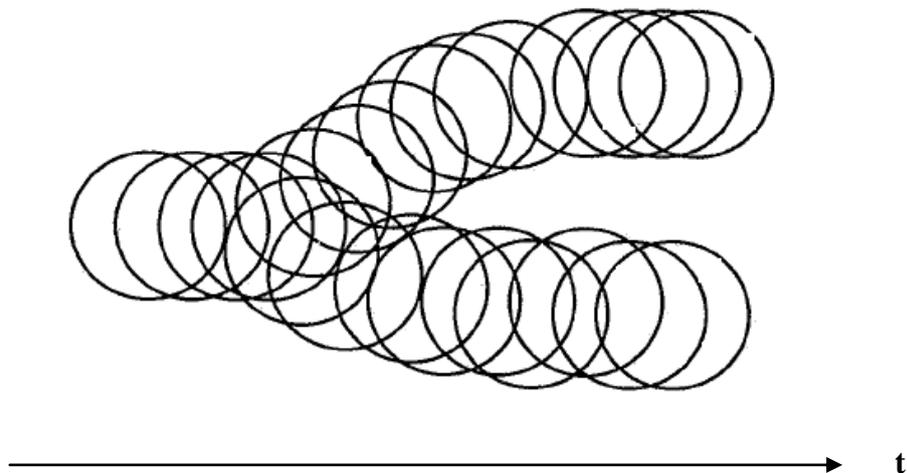


Figura 2: Inovação através da diferença de TDs (KOCH, 1997).

Há outras formas de inovações de TDs, como aquelas que ocorrem através da mistura de tradições, já que a difusão e a recombinação de tradições culturais são mais comuns que a criação original.

Um exemplo de diferenciação de TDs está no aviso italiano que se subdividiu para formar duas tradições: a notícia e o romance epistolar, este que deu origem aos diários de viagem ou de navegação “atendem uma função político-administrativa do colonizador”, os quais foram retomados em obras como a Carta de Pero Vaz de Caminha, na época do descobrimento do Brasil, e na carta de Pero Lopes (1530), ao descrever a viagem que fez com seu irmão Martim Afonso.

Nessa medida, a diferenciação de tradições culturais caminha passo a passo com o processo de mistura de tradições, que pode ser representado desta maneira:

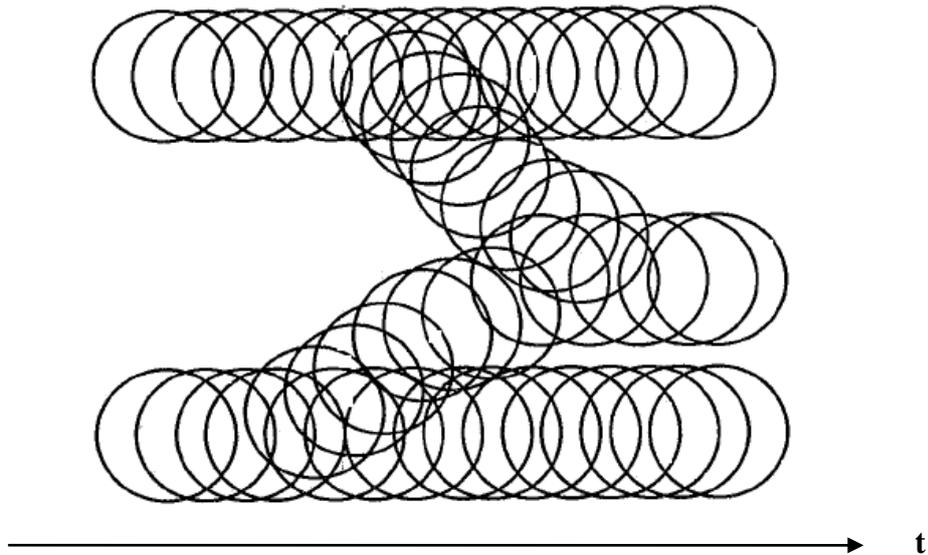


Figura 3: Inovação através da mistura de TDs (KOCH, 1997).

Essa figura ilustra como as TDs podem se combinar para formar novas TDs<sup>71</sup>. Como afirma Koch (1997), as tradições culturais nunca emergem *ex nihilo*, pois é necessário sempre contar com certo conservadorismo para sustentar a mudança linguística, num movimento em que as inovações são sustentadas pelas estruturas que permanecem. Koch cita como exemplo a música que se mescla, a exemplo das mixagens, de várias escolas e ritmos, como ocorreu com a música pop, cuja evolução está ligada aos processos permanentes de misturas e assimilações: o *rock'n'roll* dos anos 1950 surgiu através da mistura do *rhythm & blues* e da música americana *country*<sup>72</sup>.

Outra possibilidade de inovação é a convergência de duas tradições distintas de comunicação que dão origem a uma TD. Esse processo da convergência pode ser representado dessa maneira:

<sup>71</sup> Bhatia (2009) considera os gêneros como estruturas com forte tendência à inovação, sendo esta característica como um dos critérios para defini-lo. E para atingirem seus propósitos comunicativos, os gêneros podem se misturar, se imbricar ou se transmutar (BAKTHIM, 2003; ZAVAM, 2009).

<sup>72</sup> Para reforçar ainda mais a exemplificação sobre isso, Simões (2007, p. 147) esclarece que no século XII, no centro e no norte da Itália cresceram as *comuni*, grupos sociais elitizados que impuseram uma demanda de discursos políticos. Durante a Idade Média, havia uma hierarquização de grupos sociais e a tradição dos discursos públicos generalizantes já era mais vigente. Isso deu margem a *ars dictandi* que produzia discursos modelos da alta Idade Média. Esses textos eram uma mistura da tradição das cartas e dos documentos da diplomática, o que lhes conferiam um caráter de impessoalidade ou distanciamento comunicativo. Para suprir isso, os retóricos incorporaram aos discursos elementos presentes nas cartas oficiais do tipo *dictamen* como a exortação e a estrutura textual, então os textos tinham como esquema: *salutatio – exordium – narrativo – petitio – conclusio*. Dessa forma, uma nova tradição de discursos foi incorporada às antigas tradições de discurso político: a tradição do *sermão*. As partes do esquema textual das cartas sofreram modificações, os elementos mais rígidos: o *salutatio* foi substituído pelo pedido de atenção, por exemplo, e outros foram incorporados, tal como o elogio ao ouvinte (*commendatio*).

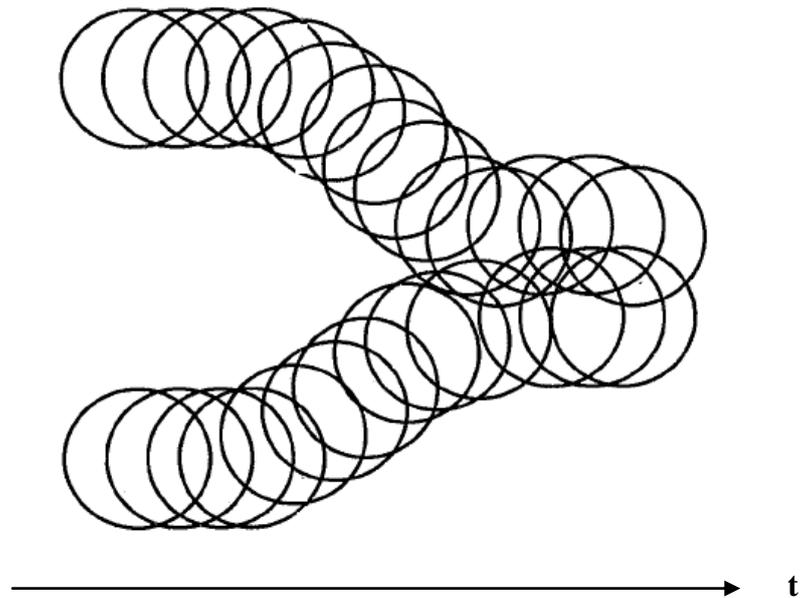


Figura 4: Inovação através da convergência de TDs (KOCH, 1997).

Para o campo das tradições culturais, em geral, podemos citar exemplos das mídias de massa, nas quais o aspecto tradicional não se esgota com as TDs. A privatização da televisão fez do índice de audiência a medida de todas as coisas. Com isso, tipos de programas completamente diferentes caminham na direção da convergência. Assim, é cada vez mais difícil separar os programas de notícias dos programas de entretenimento. Até mesmo jornais e revistas movem-se em direção do *Info-Tainment*, combinação de informação com entretenimento (KOCH, 1997).

Outro exemplo citado por Koch está na alta e baixa Idade Média, quando nas chancelarias dos reis e dos papas e bispos havia especialistas em escrita, em cujas mãos encontravam-se a responsabilidade de formular cartas e documentos. Assim, não é de se admirar que essas duas TDs tenham claramente convergido nessa época<sup>73</sup>. Tanto o formulário de documentos e o formulário de cartas oficiais indicam paralelos pragmáticos significativos e, acima de tudo, são atos de fala extensos rigidamente organizados em torno de um núcleo pragmático. Mas isso se configura apenas convergência, mas não identidade. As duas TDs diferenciam-se em alguns aspectos, por exemplo, com relação aos atos de fala realizados e com relação a estruturas internas de organização do texto.

As novas tradições culturais surgem como resposta a novos desafios sociais, econômicos, técnicos e comunicativos. Quando determinadas tradições não correspondem

<sup>73</sup> Algumas tradições discursivas do estilo chanceleresco são encontradas nos anúncios de fuga de escravos, como veremos na seção de análises.

mais às exigências da respectiva cultura, tais tradições se tornam disfuncionais e caem em desuso. É importante lembrar que as TDs são orientadas ao linguístico, mas não são puramente linguísticas. Elas são, sobretudo, de grandezas de nível histórico que distinguem sua dinâmica, similaridade familiar, conservadorismo, estetização, diferenciação, mistura, convergência, indicando a natureza universal das tradições culturais (KOCH, 1997).

Passamos, então, a outro ponto que merece de esclarecimento a fim de que se compreendam a definição de TD, a diferenciação e a interface entre os domínios da língua e do texto que requerem um entendimento mais circunstanciado dos tipos de historicidade que lhes são inerentes (LONGHIN, 2014, p.18). Em relação a isso, Coseriu (1979) propõe três tipos de historicidade:

- a historicidade da língua;
- a historicidade das tradições e
- a historicidade genérica.

Kabatek (2005, p. 162) explica que a historicidade da língua está relacionada à própria historicidade do homem como um ser histórico, i. e., à história da comunidade de fala internalizada no indivíduo. Na medida em que este indivíduo incorpora uma língua particular, ele a recria como “técnica aberta”, o que, então, lhe permite a “ação linguística criativa”. A historicidade das tradições diz respeito à possibilidade que as manifestações culturais e linguísticas têm de se repetirem. Kabatek refere-se aos “textos que estabelecem uma relação de tradição com outros textos”, tanto pela repetição de determinadas formas, quanto pela repetição de traços formais. E a historicidade genérica está relacionada aos “acontecimentos individuais, irrepetíveis e únicos”. Esses acontecimentos estão na base dos estudos filológicos tradicionais, pois as características funcionais ou formais de um texto podem servir de exemplo ou modelo para outros textos e, assim, se constituir como parte da tradição.

### **3.2.1.1 Historicidade da língua histórica particular**

A língua pertence a sua historicidade, ao seu modo determinado de ser, de acordo com Coseriu (1979, p. 64). Por outro lado, a linguagem tem sua historicidade e o próprio fundamento da historicidade do homem, porque é diálogo, falar com o outro: uma consciência que acolha o signo e o compreenda. O “ser com o outro” de que fala Coseriu significa “entender-se”, que está relacionado ao mesmo plano de historicidade e este encontro só é possível por meio da língua que, no falante e no ouvinte, representa seu modo de ser histórico.

Ao adquirir uma língua histórica, segundo Longhin (2014, p. 19), o sujeito apropria-se dos signos linguísticos na sua atividade linguística diária, colocando-os em relação com seu estoque de conhecimento, com seu mundo cotidiano, ressignificando-os. O sujeito participa ativamente do “fazimento” contínuo que caracteriza sua língua, ao mesmo tempo em que se constitui, pela língua, em indivíduo social. A historicidade da língua corresponde, então, a historicidade do homem social, do seu papel assumido e das relações sociais entre ele e o outro e com as finalidades comunicativas. As condições de produções determinam o que dizer e como dizer, produzindo sentido.

### **3.2.1.2 Historicidade dos textos**

Todo texto é portador de mensagem. A historicidade dos textos corresponde ao acervo de textos já ditos e escritos, armazenados na memória da comunidade, na forma de modelos linguísticos tradicionais. Esse acervo textual é sempre mobilizado nas situações de enunciação, que repetem elementos tradicionais, colocando-os novamente em evidência (LONGHIN, 2014, p. 18).

Sobre isso, Kabatek (2004) exemplifica que no encontro entre duas pessoas conhecidas pela manhã, em que há o desejo de se emitir uma saudação, não basta somente fazer uso de uma expressão que esteja no acervo lexical e gramatical da língua, produzindo enunciados concretos como “emito uma saudação para você”. É necessário produzir um enunciado como “bom dia”, seguindo uma tradição que é estabelecida pela cultura e que se encontra além das regras gramaticais e dos conhecimentos lexicais. Os atos de fala fundamentais como a saudação, o agradecimento, a promessa podem estar ligadas a finalidades mais complexas exclusivas de determinadas culturas como, por exemplo, as TDs

restritas às culturas escritas, e dentro delas, as TDs ligadas a determinadas instituições, como p. ex. os gêneros jurídicos.

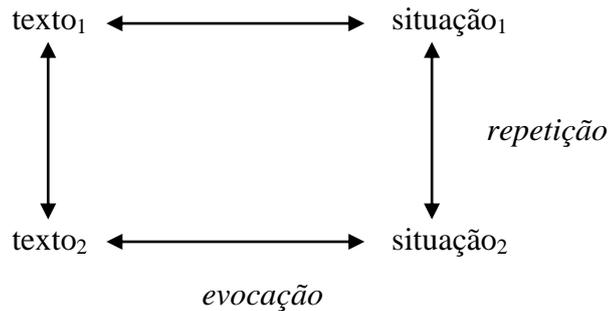
As TDs, pelo teor histórico, social e linguístico que carregam, explicam em que medida os falantes de uma língua usam determinadas estruturas linguísticas para se comunicarem, porque determinadas variedades são mais escolhidas que outras e o porquê da escolha do nível de formalidade em determinados contextos discursivos. O emprego de determinadas formas linguísticas, no momento da interação social, está ligado às relações sociais que se estabelecem culturalmente. À medida que o contexto social muda, as estruturas linguísticas também sofrem alterações e, conseqüentemente, a língua muda. Nesse ponto, chamamos atenção ao anúncio de fuga de escravos que existiu (*per se*) enquanto a situação política e social favorecia a sua circulação, a escravidão. No momento em que foi abolido o regime, o gênero foi extinto, porém outras formas textuais permaneceram.

Kabatek (2004, p. 5) afirma que as TDs podem ser definidas por alguns traços, sendo o primeiro deles a relação de um texto em um determinado momento da história com outro texto anterior: uma relação temporal com *repetição* de algo que pode ser o texto inteiro ou mesmo a repetição parcial de um texto. Assim, a TD implica sempre a repetição de um texto historicamente situado, porém, nem todas as repetições de textos são TDs. Dizendo de outra forma, “nem toda repetição de um elemento linguístico forma uma TD, mas a formação de uma TD exige a repetição de algo” (2004, p. 6). Outro traço definidor das TDs, e mais complexo, refere-se ao conteúdo de um texto e está intimamente ligado à *evocação*, que decorre de uma situação concreta, de uma instituição ou de um meio de comunicação, que relaciona um texto com uma realidade ou situação, mas que também relaciona esse texto com outros textos da mesma tradição.

Dessa forma, os critérios definidores da historicidade e tradicionalidade dos textos, *repetição* e *evocação* são princípios que fundamentam a noção de TD. Tanto o textual quanto os aspectos que as evocam são caracterizadores das TDs, pois estas possuem duas faces: a TD propriamente dita e a constelação discursiva que a evoca representada pelo seguinte esquema<sup>74</sup>:

---

<sup>74</sup> Kabatek (2004) explica que não quer defender, com esse esquema, uma definição monocausal e puramente situacional das TDs, embora acredite na relação possível entre texto e situação comunicativa.



Esquema 4: Da repetição e evocação (KABATEK, 2004).

Como podemos observar, a noção de tradição discursiva comporta a concomitância de dois fatores: a repetição e a evocação, esta representada pelo eixo horizontal e aquela pelo eixo vertical, i. e., pelo tempo entre os dois textos. A concomitância desses dois fatores definidores da TD permite completar o quadrado em casos de ausência de um dos quatro elementos. Essas premissas servem para fundamentar o conceito de TD:

Entendemos por tradição discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição. Qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados (KABATEK, 2004, p. 7).

Kabatek, ao mencionar que uma TD pode adquirir valor de signo próprio e, portanto, significável, está querendo chamar a atenção de que não é qualquer signo que forma uma TD, é necessário que haja uma combinação de elementos ou de uma forma textual para inserir um texto ou uma forma textual na categoria de TD. Com essa definição de TD que a insere em modelos linguísticos tradicionais, historicamente situados e convencionalizados, que condicionam a seleção e a combinação dos elementos linguísticos, regendo a produção e a recepção do discurso ou texto, se abarcam tanto os gêneros textuais e discursivos, quanto o estilo, os tipos textuais, fórmulas conversacionais e os atos de fala de todo o tipo (LONGHIN, 2014, p. 22).

O conceito de TD contempla, além do linguístico, o conceito convencional, o ritual, o repetível. Na perspectiva das TDs, admite-se que só enunciamos por meio de textos, e o sentido, nesses textos, está não só nas palavras e construções, mas também nas pessoas e no ritual tradicional. Fundamentalmente, a natureza das relações sociais ente os participantes, as determinações temáticas e as finalidades de dizer evocam TD, que trazem, por meio de repetição, fragmentos do já dito ou escrito, regulando decisões no nível da língua histórica (LONGHIN, *Ibidem*, p. 23).

Longhin (2014, p. 23) desdobra a noção de TD em três partes: a primeira relaciona TD e língua histórica com noções de interdependência mútua, pois de um lado as TDs determinam a escolha de variedades e de formas linguísticas e, de outro, determinadas TDs são caracterizadas por arranjos linguísticos particulares. Segundo a autora, ainda que as historicidades sejam diferentes – no âmbito da linguística histórica, a historicidade é essencialmente linguística, enquanto no âmbito dos textos, é linguística e cultural – ambas se entrecruzam no enunciado. A segunda, considerando que os enunciados falados e escritos sempre estão inseridos em tradições culturais de dizer e escrever, em TD, o debate acerca do estatuto teórico de fala e escrita só é pertinente à luz das TDs. E, por último, as línguas históricas não são conjuntos fixos de técnicas, mas se fazem e se transformam continuamente.

Os modelos linguísticos tradicionais, as TDs, também mostram instabilidade no tempo, mostrando-se sensíveis às alterações sociais e culturais. Desse modo, nem a língua histórica, nem as TDs são produtos prontos e acabados, mas na natureza de ambas está o *fazimento* constante. Por isso, investigadores da história da língua não podem ignorar as mudanças nos *modos de fazer* e nos *modos de viver*, nas tantas esferas de atividades sociais que levam à mudança nos modos de dizer.

### 3.2.2 A composicionalidade das TDs

A definição elaborada por Kabatek (2004) reúne critérios fundamentais para a compreensão do conceito de TD. A composicionalidade das TDs comporta o princípio da *composicionalidade tradicional* (2010, p. 10) pela qual se entende que todo texto é constituído de uma série de tradições de outras áreas do saber, e a investigação empírica das TDs tem a tarefa de identificar essa rede de tradições. Segundo o autor, o que às vezes chamamos de maneira muito geral de “gênero jurídico” pode abrigar uma rede complexa de

tradições de expressões e conteúdos que não estão isoladas, mas em estreita relação com conteúdos das tradições cotidianas, da literatura, da ciência, dentre outras.

Longhin (2014, p. 26) esclarece que o polimorfismo referente à noção de TD se revela numa tipologia hierárquica, em que as TDs se apresentam como *fórmulas conversacionais*, como *formas textuais* ou como *universos de discurso*. De outra maneira: hierarquicamente, uma fórmula conversacional (atos de fala, inserção, estruturação, citação, fraseologismo) é a parte de uma forma textual particular (narrativa, descritiva, poética, argumentativa) que é localizável num universo de discurso (cotidiano, ficcional, religioso, científico). Sendo assim, os universos de discurso são culturalmente adquiridos e se definem a partir da relação entre linguagem, indivíduo e mundo.

Para caracterizar o anúncio de fuga de escravos, elencamos dois traços de composicionalidade: os aspectos na dimensão estrutural, ou macroestrutura, e os aspectos na dimensão linguístico-discursiva, ou microestrutura. Na dimensão estrutural consideramos os aspectos relacionados à diagramação, localização do gênero no suporte, tipologia textual e a organização retórica que sinalizam para características mais gerais de composição dos anúncios. Na dimensão linguístico-discursiva consideramos aspectos mais específicos do texto que constituem os traços caracterizadores das TDs.

### 3.2.3 As consequências da definição de TD

Ao definirmos certas expressões como TDs, assumimos uma série de consequências, dentre elas a da relação entre TD e referência. Kabatek explica que numa simples saudação existe uma constelação referencial ou situacional associada a textos que fazem referência a uma tradição concreta. Por isso *uma TD é mais do que um simples enunciado; é um ato linguístico que relaciona um texto com uma realidade, uma situação etc., mas também relaciona esse texto com outros textos de mesma tradição* (KABATEK, 2004, p. 8). Assim, compreendemos que uma TD se origina a partir de formas textuais já existentes na língua, que fica em constante diálogo entre o que se diz e o já dito. A TD anúncio de fuga de escravo, por exemplo, estabelece relação com outros textos que estavam presentes no jornal numa espécie de constelação textual, tais como o “avizo”, a “declaração” e a seção intitulada “atenção” e “diversos”, mas também com textos de outras tradições discursivas como os produzidos pelas chancelarias ou textos chancelerescos que tinham um caráter mais formal. De

toda forma os textos são modos sociais de anunciar e todas essas denominações sinalizam para a concepção de que nenhum texto existe por si só e que esses textos/gêneros estão funcionalmente interligados no jornal impresso ou mesmo indicam que compartilham de TDs em comum.

Outro ponto importante na definição de TD é a relação dela com as variedades linguísticas. Em determinadas circunstâncias comunicativas, uma variedade linguística pode funcionar como tradição discursiva, porém é necessário cautela nessa classificação, pois uma TD não é o mesmo que variedade. O saber das variedades linguísticas é transmitido mediante o emprego da TD, e o emprego situacional de elementos de variedade pode ser condicionado precisamente pelas TDs. Kabatek (2004) reconhece que é problemática a definição da TD, mas como esta adquire o mesmo valor de signo, pode comunicar mais do que um texto sem tradição, já que ela vai além do seu valor proposicional, transmitindo uma referência à tradição concreta.

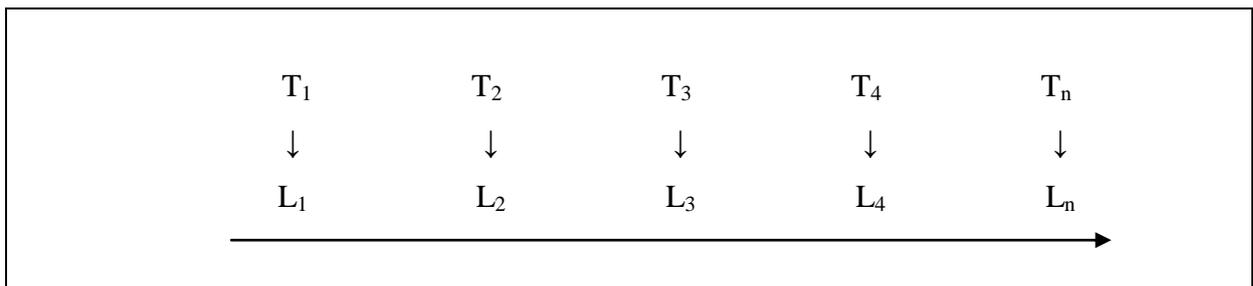
A segunda consequência da definição de TD deriva do caráter composicional, já que uma TD não é um texto sempre repetido da mesma maneira, podendo ser uma forma textual ou uma combinação particular de elementos. A esta composicionalidade dá-se o nome de *composicionalidade paradigmática e sintagmática*; a primeira refere-se à concomitância de referências a diferentes TDs em uma mesma porção de textos e a segunda diz respeito à sucessão de elementos (ou de subtópicos) diferenciados ou diferenciáveis ao longo de um texto. Da composicionalidade paradigmática derivam diferentes possibilidades de *transformação* de uma TD:

as TDs são transformadas ao longo do tempo, e podem mudar totalmente até se converterem em outra realidade totalmente diferente da inicial. A variabilidade de uma TD pode ser sancionada socialmente. Existem TDs fortemente fixadas, sobretudo em âmbitos religiosos ou rituais ou em instituições sociais de alto valor de conservação, lugares do arquivo da memória cultural (KABATEK, 2004, p. 9).

O autor explica ainda que variabilidade faz parte da expressividade do falar, sobretudo em contextos orais, e acrescenta que hoje em dia a criatividade de inovação das conversas se dá de várias formas, por exemplo, na internet ou em outras tradições expostas às tendências da moda. A introdução de novas TDs aponta para a concepção de que há épocas mais conservadoras em oposição a outras mais receptivas às inovações culturais. No século XIX, a linguagem era mais conservadora, mas nem por isso a língua deixou de sofrer processos de

mudança linguística; agora, século XXI, com a invenção de novas tecnologias a linguagem vem se modificando, trazendo novos vocábulos e novas formas de dizer, tornando-se, assim, mais propensa à mudança e à variação.

A outra implicação na definição das TDs é que seu estudo tem inúmeras aplicações, sendo basilar a relação com a gramática histórica para chegarmos a uma análise mais diferenciada que deixe entrever com mais vigor as evoluções da língua e os processos de mudança linguística. Para o Kabatek, é comum pensar que a evolução de uma língua é um processo unilinear e que o objetivo do historiador é a reconstrução de uma espécie de “diacronia ideal”, como se a evolução da língua fosse uma linha. Entretanto, ao estudarmos uma língua, o que analisamos são os textos que parecem mais representativos dos respectivos estados de língua (*états de langue* na terminologia de Saussure):



Esquema 5: Tradição textual e história da língua (KABATEK, 2004).

Segundo o autor, há um problema quando, em diferentes momentos da história, diferentes textos são escolhidos para a construção de uma sucessão histórica de gramáticas, visto que diferentes TDs também condicionam o emprego dos meios linguísticos e, em contrapartida, também pode haver variação desses meios segundo a TD. Para resolver esses desvios provocados pelos diferentes textos, deve-se escolher uma única TD, porém isso restringe o estudo histórico da língua e passa-se a estudar senão a história dessa tradição discursiva. A solução, para ele, é misturar textos de diferentes tradições para trabalhar com um *corpus* “equilibrado”<sup>75</sup> de textos. Nesse aspecto, acreditamos que a escolha dos anúncios (fuga de escravos e de procurados) possa se configurar como um *corpus equilibrado* para estudarmos as TDs que os caracterizam, pois nesses textos podemos encontrar várias tradições e suas evoluções no contínuo temporal.

<sup>75</sup> Grifo do autor.

Kabatek (2004) ressalta que, ao se falar em *repetição*, *evocação*, *atualização* e *tradição* de textos se objetiva não só a análise da sua composição, a exemplo do que tem sido feito pela linguística textual, mas também a observação de quanto a norma de uma língua particular é afetada em decorrência das transposições, atualizações ou permanências das TDs, promovendo assim a mudança linguística. A influência ou *interferência* que é mencionada pelo autor está relacionada à influência que uma língua exerce sobre outra e que é revelada através da adoção de elementos linguísticos, no plano da língua, da forma ou conteúdo.

Portanto, as TDs são textos ou expressões formadas por traços composicionais carregados de signo próprio, ligadas ao momento histórico-social de produção e, por isso, retoricamente situadas. Ao serem repetidas e evocadas, são atualizadas no presente através da interação discursiva.

### 3.3 O gênero anúncio de fuga de escravos<sup>76</sup>

Os gêneros se caracterizam essencialmente por exercerem uma função social específica de natureza comunicativa, sócio-discursiva dinâmica. É constitutivo dos gêneros trazerem à baila as características sócio-históricas do seu tempo, além de refletirem as inovações tecnológicas que se processa na sociedade.

Nesta subseção, abordaremos os anúncios de fuga de escravos numa perspectiva de gênero textual situado sócio-histórica e retoricamente. Como há muitos estudos sobre os gêneros, selecionamos as considerações de autores que respondem às questões levantadas desta pesquisa e ressaltam a tendência à inovação dos gêneros.

Os estudos sobre os gêneros textuais remetem à Antiguidade e são retomados na antiga Grécia com Platão e Aristóteles, sendo relacionados quase sempre aos estudos da Retórica (MARCUSCHI, 2008, p. 147)<sup>77</sup>. Por isso, a noção de gênero está fortemente ligada à tradição literária que definia as obras literárias quanto à forma em verso e prosa, e quanto ao conteúdo em lírico, épico e dramático. Os gregos concebiam os gêneros literários como

<sup>76</sup> Pessoa (2006, p. 103) afirma que o termo “gênero” nas línguas românicas, como o francês e o português, carrega uma tradição de gosto literário; por esse motivo, o autor prefere denominar os anúncios de fuga de escravos como “textos”. No entanto, a abordagem dos anúncios de fuga de escravos na perspectiva de gênero pode enriquecer ainda mais as análises.

<sup>77</sup> O pioneirismo da pesquisa sobre os gêneros vem da Alemanha, na década de 1960, tendo despertado grande interesse da linguística textual. Na década de 1980, as pesquisas sobre os gêneros textuais ganharam notoriedade, aqui no Brasil, a partir da publicação de trabalhos na área realizadas por Ingedore Koch, Luís Antônio Marcuschi, Luís Carlos Travaglia e Leonor Lopes Fávero, dentre outros (CASTILHO, 2010).

imutáveis, e essa classificação permaneceria intocável até o século XX, porém, os estudos atuais apontam novas perspectivas e diferentes posicionamentos para defini-lo<sup>78</sup>.

Contrária à tradição clássica, Bakhtin (2003, p. 262) apresenta uma definição sobre os gêneros, relacionando-os ao discurso e definindo-os como *tipos relativamente estáveis de enunciados* determinados pelas especificidades de uma dada esfera (ou campo) da atividade humana, cuja realização se manifesta na forma composicional, na temática e no estilo, sendo tipificados ideológica e dialogicamente nas diversas situações sociais de interação. Para o autor, há três aspectos que caracterizam os gêneros do discurso: o conteúdo temático (os assuntos), o estilo (recurso linguístico-expressivo) e a construção composicional (formas de organização textual). Esses três elementos “estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”, de modo que os gêneros estão intimamente relacionados às condições de produção: quem fala, a finalidade, a época, o local e o suporte.

A abordagem dialógica baktiniana tem por objetivo compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros a partir de sua relação com a situação sociointeracional e a esfera social de atividade linguística. Dessa maneira, as esferas discursivas podem ser divididas em *esferas do cotidiano*, em que se incluem as familiares, íntimas e comunitárias; *esferas dos sistemas ideológicos constituídos*, em que fazem parte a ciência, a arte e a religião, a política; *esfera jornalística*, a qual se inclui o fichamento, o relatório, o seminário etc. Cada esfera é constituída de um conjunto específico de gêneros e para analisá-los é preciso levar em conta a esfera comunicativa a que pertencem, pois é ela que determina os espaços sociais que podem ou não ser ocupados pelos respectivos interlocutores.

Bakhtin (2003, p. 262) apresenta-nos gênero como estruturas mutáveis, diversificadas, infinitas, inesgotáveis, construídas na interação social, refletindo as condições e finalidades de cada domínio de atividade humana. Isso explica a existência dos diversos enunciados com características próprias, pois “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana”. Para Bakhtin, os

---

<sup>78</sup> Há na literatura atual muitos posicionamentos sobre como o gênero pode ser definido. Marcuschi (2008, p. 152) nos apresenta três grandes perspectivas no estudo dos gêneros: a) perspectiva sócio-histórica e dialógica, representada por Bakhtin. Para o autor, Bakhtin fornece apenas “subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas”, podendo ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa; b) perspectiva sociorretórica, que tem como expoentes Swales e Bhatia, que analisam e identificam estágios na estrutura dos gêneros. Há uma visão nitidamente marcada pela perspectiva etnográfica com os conceitos de comunidade discursiva, propósito comunicativo e de atores sociais; c) perspectiva sociorretórica ou sócio-histórica e cultural, representada por Miller, Freedman e Bazerman. A escola americana é influenciada por Bakhtin, mas tem uma visão histórica dos gêneros e os toma como altamente vinculados às instituições que os produzem.

gêneros discursivos nascem e se renovam no contexto da comunicação social a partir de modelos fixos já existentes na sociedade.

Como exemplo dessa possibilidade de inovação e mudança dos gêneros, temos os anúncios de procurados que carregam, em sua estrutura, indícios do passado, no caso, resquícios históricos e linguísticos de anúncios, de avisos e das declarações de fuga de escravos. De acordo com as concepções bakhtinianas, mesmo que haja mudanças em relação ao conteúdo, à estrutura e às dimensões, os gêneros discursivos mantêm características comuns e, por isso, é possível analisar as evoluções pelas quais eles passam, pois eles não devem ser estudados desconectados do *campo* ou *esfera* em que são produzidos, já que refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo discursivo onde é produzido, onde circulam e são recebidos.

A noção de gênero como ação sociorretórica, é defendida por Swales (1990) que enfatiza seu propósito comunicativo<sup>79</sup> (como um dos critérios para distingui-lo e nomeá-lo) inserido numa comunidade discursiva. Para o teórico, o texto deve ser visto em seu contexto e não pode ser entendido e interpretado apenas por meio das análises linguísticas, sendo necessário integrar às abordagens as análises sintática, retórica e discursiva. Ao relacionarmos essa definição aos anúncios de fuga de escravos e procurados, não podemos dissociá-los do momento histórico-social de produção, dos seus propósitos comunicativos e do meio social que os inserem como gêneros oriundos da realidade social. Para ilustrar a relação entre as mudanças sociais e o surgimento de gêneros textuais, podemos citar a implantação da imprensa no Brasil, quando da instalação da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro. Com o advento do jornal, vários gêneros surgiram diante de novas necessidades comunicativas como os anúncios de escravos, por exemplo.

Já Bhatia (2009 *apud* BEZERRA *et al.*, 2009) concebe os gêneros como entidades que utilizam estratégias inovadoras para que atinjam os propósitos comunicativos. Bhatia mostra-nos, então, três características definidoras de gêneros: o *conhecimento convencionalizado*, que confere a cada gênero sua integridade, a *versatilidade da descrição dos gêneros* e a terceira que, embora pareça contraditória à primeira, é a *tendência para inovação* advinda da natureza essencialmente dinâmica dos gêneros. No conhecimento convencionalizado Bhatia afirma que os gêneros são definidos essencialmente em termos de uso da linguagem, em

---

<sup>79</sup> Bhatia (1993, p. 16) reconhece que a definição de gênero, a partir do propósito comunicativo, proposta por Swales (1990), tem suas dificuldades inerentes, pois o autor “subestima os fatores psicológicos, minimizando a importância dos aspectos táticos da construção dos gêneros, que desempenham um papel significativo no conceito de gênero como processo social dinâmico, e não estático”. Apesar de problemático, o conceito de Swales se mostra um instrumento de categorização importante para abordagens de língua para fins específicos.

contextos comunicativos convencionados. Isso dá origem a conjuntos específicos de propósitos comunicativos para grupos sociais e disciplinares especializados, que por sua vez estabelecem formas estruturais relativamente estáveis e, em certa extensão, até mesmo impõem restrições quanto ao emprego de recursos léxico-gramaticais (BHATIA, 2009, p. 161).

Bhatia indica três aspectos convencionais interrelacionados ao gênero: a) a recorrência de situações retóricas, que está relacionada ao contexto sociocultural em culturas específicas; b) os propósitos comunicativos compartilhados, que estão imbricados dentro do contexto retórico relevante dentro de uma comunidade discursiva. Eles são percebidos nas formas léxico-gramaticais e discursivas; e c) as regularidades de organização estrutural, i. e., a padronização dos gêneros, que mantém a atmosfera comunicativa e a ordem social desejáveis em situações sociointeracionais.

O segundo aspecto é a *versatilidade dos gêneros* que opera em vários níveis que, segundo o autor, se trata de um modelo teórico para detalhar o relacionamento entre a) texto e contexto em sentido restrito; b) uso que as pessoas fazem da linguagem e que torna isso possível; e c) língua e cultura em sentido amplo (BHATIA, 2009, p. 163).

Em relação à *tendência para inovação* dos gêneros, o autor afirma que embora os gêneros sejam o resultado das práticas discursivas convencionadas e institucionalizadas de comunidades discursivas, eles se mostram construtos dinâmicos de formas léxico-gramaticais que podem ser “manipulados” de acordo com as condições de uso. Os dois traços da teoria de gênero, como evento textual retoricamente situado, institucionalizado e com uma tendência natural à inovação e à mudança, são frequentemente explorados pelos membros experientes da comunidade especializada na criação de novas formas para responder a contextos retóricos familiares ou não. Contudo, essa manipulação das formas genéricas não é totalmente livre, devendo ocorrer de forma sutil, pois caso a mudança seja brusca, o gênero não será reconhecido pela comunidade discursiva. Para o teórico, o poder de usar, interpretar, explorar e inovar a forma dos gêneros é uma função do conhecimento prévio a que só têm acesso os membros legitimados das comunidades discursivas, pois cada gênero tem um propósito claro que o determina e lhe introduz numa esfera de domínio discursivo. Contudo, Bhatia afirma que o que determina um gênero é sua *função* e não sua *forma*.

Bazerman (2011) oferece-nos reflexões sobre gêneros numa perspectiva retórica, histórico-cultural, centrada nas formas escritas de circulação de discursos e da inovação dos formatos dessa circulação. A definição de gêneros que se baseia em considerá-los apenas como um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção de

sentidos. Ao consideramos o gênero como um construto teórico estanque, não estamos valorizando o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo. O autor considera ser necessário ocorrer um *fato social* para que um texto seja considerado típico de um gênero, i. e., aquilo que é necessário para que se acredite que algo é verdade. Os gêneros, então, se caracterizam por conter textos padronizados, produzidos e reconhecíveis a partir dos fatos sociais e atividades realizadas por pessoas numa determinada circunstância e em uma dada comunidade discursiva. Segundo o autor:

Se percebermos que um certo tipo de enunciado ou texto funciona bem numa situação e pode ser compreendido de uma certa maneira, quando nos encontramos numa situação familiar, a tendência é falar ou escrever alguma coisa também similar. Se começarmos a seguir padrões comunicativos com os quais outras pessoas estão familiarizadas, elas podem reconhecer mais facilmente o que estamos dizendo e o que pretendemos realizar. Assim, podemos antecipar melhor quais serão as reações das pessoas se seguimos essas formas padronizadas e reconhecíveis (BAZERMAN, 2011, p. 30).

Isso quer dizer que, no caso dos anúncios de fuga de escravos, embora não seguissem uma forma rígida para anunciar, havia uma sequência de informações que quase sempre se repetia como o evento comunicativo (fugiu, desapareceu, vende-se, ausentou-se etc.), as características físicas (corpulento, alto, negro, cabra etc.) e morais (não pega no alheio, sem vícios etc.), o local onde era visto e a recompensa. Um padrão comunicativo prototípico como esse encontrado nos anúncios de fuga de escravos é chamado por Bazerman de tipificação.

Por tipificação entende-se o processo de se mover em direção a formas de enunciados padronizados que realizam ações em determinadas circunstâncias e de uma compreensão padronizada de determinadas situações (BAZERMAN, 2011, p. 30). Ao criar formas tipificadas ou gêneros, para Bazerman, somos levados a tipificar as situações nas quais estamos inseridos. Então, há uma valorização intensa de gêneros como ressonância de enunciados com histórias de enunciados anteriores, reconhecíveis como o mesmo gênero. Segundo o autor, os gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual, podendo ser considerado parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais.

Para Bazerman um gênero só passa a existir a partir do momento em que é reconhecido como tal, numa dada comunidade discursiva, e quando ele passa a ser utilizado em situações comunicativas específicas e que o seu reconhecimento facilita a sua própria

produção. De acordo com o autor, através da comunicação por gêneros textuais, cada pessoa aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando.

Com relação aos aspectos formais, Marcuschi (2008) surpreende ao afirmar que os gêneros textuais não se caracterizam nem se definam pelos aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sociocomunicativos e funcionais, isso não quer dizer que o autor esteja desprezando a forma, já que em muitos casos é ela que caracteriza o gênero. Seu posicionamento é mesclar a perspectiva sócio-histórica e a sociorretórica, pois leva em conta em que contexto o texto/gênero foi produzido. Para o autor (2008, p. 154) é “impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum tipo de texto”. Não devemos imaginar que a distinção entre gênero e tipo textual forme uma visão dicotômica, pois eles são dois aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária. Toda vez que desejamos produzir ação linguística em situação real, recorreremos a algum gênero textual.

Para o autor, os gêneros recebem os nomes em função de alguns critérios que podem atuar em conjunto, como também podemos determiná-los em função da sua forma estrutural (organização textual), propósito comunicativo (funções), conteúdo, meio de transmissão, papéis dos interlocutores e contexto situacional; mas vários desses critérios podem atuar em conjunto. Assim, os gêneros textuais são entendidos como práticas interativas recorrentes nas quais os textos se materializam e são situados histórica e socialmente. Partindo das reflexões de Marcuschi, salientamos que é importante destacar a noção de domínio discursivo que pode ser definido, como:

uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão. Assim, os modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração a geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais. E eles também organizam as relações de poder (MARCUSCHI 2008, p. 194).

Para entender a transformação dos anúncios de fuga de escravos até os de procurados, temos que descrever a gênese do gênero, compreender a rotina, os agentes, o suporte, a

linguagem e a tecnologia do jornalismo impresso e também analisar a história social envolta que permitia (e permite) a circulação dos textos.

Os gêneros mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional (MARCUSCHI, 2011, p. 19)<sup>80</sup>. Posição defendida por Bakhtin que já abordou a influência de um gênero em outro, numa relação de imbricamento, promovendo dessa forma, a constituição de novos gêneros<sup>81</sup>. Os gêneros no jornal estão interrelacionados e para entender como determinado gênero funciona, faz-se necessário saber a relação que ele tem com os outros no mesmo jornal.

Os gêneros são frutos de momentos históricos e como tal sofrem as ações do tempo, por isso o seu caráter dinâmico e transitório tanto na definição quanto nos elementos que os definem. Isso não impede, porém, o seu reconhecimento pela comunidade discursiva e nem descaracteriza os traços de sua identidade. Na análise linguística deve-se considerar além das regras gramaticais, a correspondência entre uma forma textual e sua finalidade pragmática, sendo a variação e a mudança analisadas no nível das línguas históricas, como também pelo viés das TDs. A transformação dos gêneros textuais é um processo pelo qual determinados moldes textuais se modificam, dando origem a novas formações (KOCH, 1997, p. 59).

Como vimos, de maneira geral, há duas orientações gerais para a definição dos gêneros: uma voltada para o discurso, na qual se incluem as condições de produção e outra voltada para o texto. Adotamos, ao longo desta pesquisa, a posição teórica de gêneros textuais, por entendermos que o texto é uma entidade concreta realizada no gênero, enquanto o discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em uma instância discursiva, i. e., o discurso se realiza concretamente no texto. Independentemente das diferenças terminológicas e dos critérios utilizados para a definição de gênero, é importante salientar que os autores citados privilegiam a sua natureza histórica, funcional e dinâmica, não o concebendo como construto teórico rígido, mas assumindo a sua relação com as práticas sociais e atividades discursivas.

Portanto, acreditamos ser necessário assumir um conceito de gênero textual que comporte o caráter diacrônico dos textos, caso contrário, não podemos descrever a história do gênero e, conseqüentemente, a história da língua.

---

<sup>80</sup> Para se aprofundar a dinamicidade e plasticidade dos gêneros, V. Marcuschi (2002, 2005).

<sup>81</sup> Sobre a mistura e imbricação de gêneros, V. Bhatia (1993, 1997).

### 3.3.1 A relação do gênero com o suporte

A relação do gênero com o suporte ainda é pouco estudada no meio acadêmico, no entanto, para esta pesquisa é fulcral abordar a relação dos anúncios com o jornal, pois foi nesse suporte que o gênero foi inserido, fixado, misturado a outros gêneros e também foi extinto.

Marcuschi (2008, p. 174) define suporte como “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”. Para o autor, “pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto”. Essa ideia comporta, então, três aspectos: suporte é um lugar (físico ou virtual); suporte tem formato específico e suporte serve para fixar e mostrar o texto. O suporte onde os discursos se manifestam materialmente não é algo que deva ser relegado ao segundo plano, já que é preciso considerar o *medium* como um dos componentes do gênero, que o molda e interfere diretamente na construção dos sentidos. Além disso, os “mídiuns são ao mesmo tempo modos de transporte e de fixação, mas interferem no discurso”<sup>82</sup>.

Para Maingueneau (2011, p. 71), o *medium* não é simplesmente o “meio” de transmissão do discurso ou meio de transportar a mensagem, pois ele imprime certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer, visto que “uma mudança importante do *medium* modifica o conjunto de gêneros”. Assim, o modo de transporte e recepção do enunciado condiciona a constituição do texto e modela o discurso, por isso é necessário reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material dos discursos*, ao seu *suporte*, bem como ao seu modo de difusão.

O suporte apresenta o texto para que este se torne acessível de certo modo e não deve ser confundido com o contexto, a situação, com o canal e nem com a natureza do serviço prestado. Contudo, o suporte não deixa de operar como um tipo de contexto pelo seu papel de seletividade. Para Marcuschi, o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele. Os anúncios de fuga de escravos são analisados apenas no jornal, mas os anúncios de procurados, por exemplo, circulam além do jornal, em vários suportes e de acordo com cada um deles o gênero sofre influências do suporte, pois ao serem fixados em uma parada de ônibus, os anúncios de procurados ficam caracterizado como um cartaz.

---

<sup>82</sup> Debray (1995, p. 218) concorda sobre a importância do *medium* que deve ser entendido como “o sistema dispositivo-suporte-procedimento de memorização, articulado a uma rede de difusão”.

De acordo com Bonini (2011, p. 54), os suportes podem ser classificados em *suportes convencionados*, que são aqueles elaborados tendo em vista sua função de portarem ou fixarem textos, por exemplo: o livro, a revista, o rádio e o jornal; e os *suportes incidentais*, ocasionais ou eventuais, são aqueles que têm uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos; exemplos de suporte incidentais: o tronco de árvore, o muro e o próprio corpo do homem (2011, p. 57). Para o autor, o jornal é um típico exemplar de suporte convencionado denominado por ele de “hipergênero”, uma vez que ele é um gênero constituído por vários outros.

Com relação aos diferentes tipos de suporte, de acordo com Maingueneau (2011, p. 67), um cartaz publicitário, fixado à beira de uma via férrea, é feito para ser visto rapidamente, enquanto uma propaganda em uma revista é itinerante, já que se pode ler o material em qualquer lugar, pois o periódico fica disponível ao leitor por tempo indeterminado. A principal diferença que se estabelece entre os suportes está no tipo de público a que estão direcionados. No cartaz o público é indeterminado, e na publicidade da revista tem-se um público especificado. Sendo assim, essa diferença de público afeta diretamente a forma de consumo. Por isso, na visão de Maingueneau, os leitores de um cartaz podem não chegar a tomar conhecimento dele e, de qualquer forma, não terão muito tempo e, nem desejo de lê-lo. Nesse caso:

O publicitário criador do cartaz deverá se contentar com um texto simples, bem curto e com letras bem grandes. No caso da revista, ao contrário, trata-se de “prender” a atenção instável do leitor que a folheia; nesse caso, propõem-se pelo menos dois níveis de texto: por um lado, um fragmento curto em letras grandes que condensa a informação e atrai o olhar; por outro, para o leitor que aceita prosseguir, um texto com letras menores em que são desenvolvidos alguns argumentos (MAINGUENEAU, 2011, p. 67).

O gênero tem características distintas quando realizado e acessado em diferentes suportes. Um exemplo disso é que ocorre com os anúncios de procurados da atualidade, pois eles são anunciados (ou publicados) em jornais, livros<sup>83</sup> outbus, outdoor, e em sites<sup>84</sup>, cartazes fixados em repartições públicas, dentro de ônibus e em paradas de ônibus. A mesma diagramação utilizada na produção dos anúncios de procurados é transposta a diferentes

<sup>83</sup> O primeiro livro de tiragem restrita dos anúncios de procurados pela polícia foi publicado em junho de 2011 pela SDS/PE e tem como título “Alvos Procurados”.

<sup>84</sup> Site: <[www.sds.pe.gov.br](http://www.sds.pe.gov.br)> Acesso entre 2012 a 2014.

mídias. Por essa razão, quando eles são publicados em jornal, o texto assemelha-se ao anúncio, como nós o consideramos, contudo quando circula em outbus e outdoor, ele se assemelha a cartazes. Na verdade, os gêneros não são alheios aos seus suportes e por isso mesmo eles são identificados também pelo suporte que os sustenta<sup>85</sup>.

Para Travassos (2010, p. 61), o cartaz se destaca por ser elemento vital da propaganda de massa que alia a linguagem visual à linguagem escrita, estando “intimamente ligado à dinâmica dos grandes centros urbanos e reproduzido em grande escala”. A autora concorda com as afirmações de Maingueneau sobre o espaço em que o cartaz comumente circula: afixado nas ruas, postes, nos muros etc., e, por essa forma de divulgação, ele pode ser considerado de fácil identificação. O principal objetivo do cartaz é transmitir a mensagem que deve ser absorvida pelo leitor transeunte de forma instantânea, nos poucos segundos em que este o visualiza. Se reproduzido em uma capa de jornal, um cartaz também pode ser facilmente percebido por milhares de pessoas que circulam pelas ruas e passam em frente às bancas de jornal, por pessoas que param nos sinais de trânsito e apreciam os jornais oferecidos por um gazeteiro ou, ainda, pelos assinantes do jornal que receberão o exemplar em casa<sup>86</sup>.

Portanto, sobre o jornal, Marcuschi (2002, p. 20) afirma que ele é um grande suporte tecnológico de comunicação que permite criar novas formas discursivas, ancoradas nas já existentes. O que liga determinados gêneros a um mesmo domínio discursivo é o fato de eles utilizarem o mesmo suporte e terem o discurso jornalístico como uma prática discursiva em comum.

### 3.4 Tradições discursivas *versus* gêneros textuais

Muitas críticas são feitas à adoção da terminologia da TD por ela ser considerada o mesmo que atribuir uma perspectiva diacrônica aos modelos de análises da linguística textual. Isso se deve em parte aos empréstimos que a TD fez de outras áreas da linguística como a

---

<sup>85</sup> Vamos denominar os anúncios de procurados como sinônimos de cartazes. Mais adiante detalharemos as razões que nos levaram a assumir essa posição, por se tratar de gêneros diferentes.

<sup>86</sup> Na pesquisa desenvolvida por Travassos (2010) sobre a evolução diacrônica das capas de jornal, a autora aponta que elas abrigam diversos gêneros que não são fixos, já que a seleção das abordagens das notícias de capa é decidida pelos editores. A função da capa é informar o leitor sobre o conteúdo veiculado no interior do jornal, e nela podem aparecer: anúncios publicitários, charge, editorial, cartaz e até convite. Essa possibilidade de as capas abarcarem gêneros de diversas esferas vem mudando ao longo dos tempos os elementos caracterizadores do gênero.

Análise do Discurso, Análise da Conversação e da Linguística Textual. Isso gerou confusões terminológicas e à ideia de que TD seria sinônimo de gêneros textuais.

Os gêneros exercem coerções sobre os textos a serem produzidos. De forma geral, eles são considerados fonte de todas as regularidades linguísticas e pragmáticas do texto, englobando o estilo, o tema, a função, a sintaxe característica, o léxico específico e as formas fixas. Já as TDs se constituem como atos linguísticos combinados que relacionam o texto a uma realidade discursiva que evoca e repete outros textos num processo de mudança e permanência.

Kabatek (2004) recusa a crítica de que a TD seja o mesmo que gênero (textual/discursivo). Para o autor, as TDs englobam, além dos gêneros, atos de fala fundamentais, formas linguísticas e elementos de conteúdo identificadores de determinadas instituições ou de grupos sociais como ideias e procedências diversas de que são exemplos a saudação, o agradecimento e a promessa. Dessa maneira, o estudo diacrônico de um gênero textual corresponde ao estudo das TDs que o constituem, porém nem sempre o estudo de uma TD está diretamente ligado ao estudo de um gênero textual específico. O autor não considera as TDs como sinônimo de gêneros e afirma que se fosse assim seria inútil criar um novo termo para algo já existente, tendo sido estudado à exaustão pela linguística de texto. Todas as regularidades identificadas em um gênero podem ser consideradas aspectos discursivo-tradicionais, caracterizadas pelos gêneros de uma TD, porém não constituem isoladamente TDs.

Para Aschenberg (2002, p. 4), o termo TD implica uma decisão prévia a favor de uma linguística de gêneros textuais orientada principalmente pela história. O termo e suas implicações conceituais são fundamentais na teoria linguística. Para o autor, os campos de atividade da análise linguística associados ao termo TD, por exemplo, o exame das condições prévias midiáticas, das relações entre as TDs e a história de uma língua, das conexões com outras tradições culturais etc. recebem sua plausibilidade primeiramente do conceito historicamente acentuado de gênero textual, porém ele considera a noção de TD mais proveitosa do que a de gênero, pois a noção de gênero se baseia nas semelhanças compartilhadas por determinados textos e as TDs levam em consideração, além da estrutura textual de um gênero, o aspecto de sua variação e inovação.

Kabatek (2003, p. 4) esclarece que a noção de TD não se refere apenas à forma textual, mas também a elementos linguísticos necessários a cumprir a finalidade comunicativa:

um texto que tiene una determinada finalidad expresiva puede contener, de acuerdo con la tradición discursiva en la que se inscribe, más elementos de los estrictamente necesarios para cumplir con la finalidad expresiva dada o bien menos elementos. Por ejemplo, una fórmula como ‘érase una vez’ no añade información proposicional al texto que sigue y es por lo tanto un elemento añadido a lo estrictamente necesario para el mensaje, pero cumple precisamente con la función de inserción en una tradición discursiva.

Pelo exposto, a forma textual “era uma vez”, que inicia a tradição discursiva contos de fadas, é entendida como um elemento tradicional, um modo de dizer que se repete dentro do gênero. Na verdade, a expressão é uma forma fixa (ou TD) que está presente dentro de outra TD.

Kabatek (2005, p. 156) completa que “os gêneros são TDs, mas nem todas as tradições de falar são gêneros”. Dessa forma, admitimos que um gênero pode abrigar uma constelação de TDs, e a análise dessa constelação fornece um panorama de sua rede de tradições constitutivas, evidenciando fatos da história da própria TD, revelando as relações e os entrecruzamentos entre gêneros (LONGHIN, 2014, p. 27). É o que acontece, por exemplo, com o gênero anúncio de fuga de escravo: ele se constitui como uma TD que comporta traços composicionais de várias TDs presentes nos jornais do século XIX como os avisos e declarações de fuga de escravos. O anúncio de fuga de escravos mobiliza informações de outras TDs muito próximas dele no espaço físico do jornal, além de estar inserido no jornalismo impresso e de compartilhar traços composicionais de outras tradições de mesma natureza discursiva.

Portanto, a noção de TD comporta o estudo histórico dos gêneros textuais e a análise de sua trajetória histórica, a partir da identificação de elementos linguísticos que caracterizam a produção dos discursos individuais.

### **3.5 Da linguística histórica dos gêneros textuais**

O conceito de gêneros textuais<sup>87</sup> encontra na Linguística Histórica novas considerações para a sua definição, pois ao analisar um gênero numa perspectiva histórica é

---

<sup>87</sup> Aschenberg (2002, 2003) considera em suas obras gênero textual como sinônimo de tradição discursiva. Esclarecemos que nesta pesquisa assumimos a posição contrária e não consideramos os dois termos como sinônimos, visto que a TD é retoricamente mais situada e mais ampla do que a concepção de gênero.

necessário assumir inevitavelmente a sua identidade diacrônica, como se faz necessária nas análises dos *corpora* desta pesquisa.

A concepção de uma linguística histórica de gêneros textuais, proposta por Aschenberg (2002), embora não seja fortemente estabelecida, é aceita na Romanística alemã, para se referir à abordagem do estudo histórico dos gêneros textuais, que contempla a análise da formação, continuidade e mudança dos gêneros, dentro do contexto histórico-social de produção. Dessa forma, para o estudo dos anúncios de fuga de escravos, como gênero histórico, aceitamos a denominação “linguística histórica dos gêneros” por se diferenciar dos estudos correntes de gêneros textuais, pois essa abordagem leva em consideração a história ou fatos empíricos que provocam o surgimento dos textos. Nas palavras de Aschenberg “uma teoria de gêneros textuais sem exemplificação histórica ficaria ‘vazia’, enquanto uma análise histórica dos gêneros textuais sem orientação teórica ficaria ‘cega’” (2002, p. 3).

Para se ocupar do caráter histórico dos gêneros textuais, temos que concebê-los como textos comunicativos e essencialmente tradicionais, para isso é necessário também não excluirmos os seus padrões de formulação, as suas funções, a sua origem e a sua transformação. A linguística histórica de gêneros textuais ocupa-se da descrição e classificação sincrônicas ou diacrônicas dos gêneros, levando em consideração os contextos mentais e histórico-sociais em que estes são produzidos. Para Aschenberg (2002, p. 4):

o termo ‘tradição discursiva’ como conceito básico da linguística textual, implica numa decisão prévia a favor de uma linguística de gêneros textuais orientada principalmente pela história. [...] os campos de atividade da análise linguística associadas a esse termo, por exemplo, o exame das condições prévias midiáticas, das relações entre as TDs e a história de uma língua, das conexões com outras tradições culturais etc. recebem sua plausibilidade primeiramente do conceito historicamente acentuado de gênero textual.

Aschenberg (2003, p. 8) acredita que só se tem a ganhar com a adoção do termo “tradição discursiva”, pois ele acentua historicamente os textos, marcando-os concretamente como um produto da aplicação de padrões midiáticos e conceituais como pertencentes a um gênero histórico e não à particularidade histórica do texto concreto. Além disso, estão associados à TD os termos reconstrução, para se referir à reconstrução da formação e da mudança de TDs, com base nos fenômenos que se manifestam nos textos em questão, e a recontextualização, para se referir à restituição dos espaços comunicativos nos quais eles têm sua origem.

Os estudos sobre os gêneros textuais são diversificados, pois cada abordagem se detém em um aspecto em particular para defini-los, como a sua formação, a continuidade e as mudanças pelas quais eles passam. A pesquisa da linguística histórica de gêneros textuais pode ser apontada, para o autor, de acordo com os seguintes objetivos:

1 – A visão de que os gêneros textuais, ou seja, as TDs devem ser vistos como um elo entre a história interna e a história externa da língua dá origem aos diferentes campos de pesquisa da linguística histórica de gêneros textuais. Os resultados obtidos nesses campos de pesquisa formam um complemento importante da historiografia linguística tradicional orientada pelo sistema da língua.

2 – Dentro da análise histórico-linguística e independente dela, a pesquisa sócio-histórica e sócio-pragmática de gêneros textuais torna-se bastante elucidativa. Nesse ponto, a formação e a mudança dos gêneros textuais são analisados em relação a seus contextos real-históricos (mentais, sociais, econômicos e políticos). Caso seja necessário toma-se em consideração as implicações relacionadas com a ação.

3 – E a outra abordagem de pesquisa dentro da linguística histórica de gêneros poderia abrir-se quando se estuda como a atividade da tradução influencia a formação de gêneros textuais.

Por consideramos o anúncio de fuga de escravos um gênero que tem em sua composição elementos tradicionais que migraram para outro gênero como os anúncios de procurados, é imprescindível a esta pesquisa levar em consideração os aspectos histórico-sociais de produção e recepção do gênero.

Portanto, é necessário analisar os gêneros levando-se em conta os fatos históricos que propiciaram a sua formação, continuidade e mudança, além de verificar as ligações existentes entre os gêneros antigos com os atuais.

### **3.6 Das marcas do oral e do escrito nas TDs**

Para compreendermos a natureza dos anúncios de fuga de escravos, é necessário analisar as características dos textos assentadas nas diferenças entre o oral e o escrito. A razão dessa abordagem teórica se deve ao fato de as análises mostrarem que essas produções são fortemente marcadas pela concepção do oral (*competencia escrita de impronta oral*), com base na qual descreveremos mais adiante as características desses textos de forma mais detalhada.

As reflexões sobre a oralidade e escrita no ocidente remontam a Grécia Antiga, por volta do século VII a. C. A primeira reflexão sobre a passagem do oral ao escrito se dá com a invenção do alfabeto grego, que foi uma adaptação da invenção fenícia. Naquele momento, era necessário criar um sistema de símbolos escritos que representassem o que a voz pronunciava (PESSOA, 2010, p. 21). As tradições se perpetuavam através de textos baseados na oralidade, com o auxílio da memória, utilizando recursos como o ritmo, as aliteração e assonâncias.

Pessoa (2010, p. 22) estabelece momentos diferentes da passagem do oral ao escrito na filosofia grega: com Sócrates há uma imersão mais profunda da oralidade; com Platão, uma etapa intermediária e com Aristóteles, já há uma maior maturidade em relação ao uso da escrita. Por essa razão, vemos em Aristóteles o estabelecimento da Lógica como uma forma organizada da reflexão e do pensamento. Os passos rígidos da montagem de silogismos, por exemplo, refletem bem uma base escrita para a elaboração dessa organização do pensar. Com os romanos, a escrita passa, então, à supremacia, “a cadeia sonora, aparentemente contínua, que se percebe numa língua falada, não poderia ser decifrada sem o recurso a uma representação gráfica”. Isso levou a uma observação cada vez mais aguda dos antigos e, por isso, muitas vezes, essa representação passou a se confundir com os sons propriamente ditos (PESSOA, 2010, p. 28).

A fala e a escrita têm fortes vinculações com a cultura de um povo, por serem dois importantes canais de veiculação da cultura de uma dada sociedade e na difusão de certas TDs, de acordo com Pessoa (2010, p. 16). Na sociedade brasileira do século XIX em que as práticas de letramento eram escassas e na ausência da difusão do saber formal, tais como a escola, a rede de tradições orais era muito densa e funcionava como fator decisivo na preservação da memória cultural dos grupos. Nesse sentido, a história da língua portuguesa, no Brasil, está fortemente relacionada à oralidade. Mesmo que a tradição gramatical ocidental tenha valorizado muito mais a escrita, são as práticas orais que permearam as relações sociais durante séculos no país.

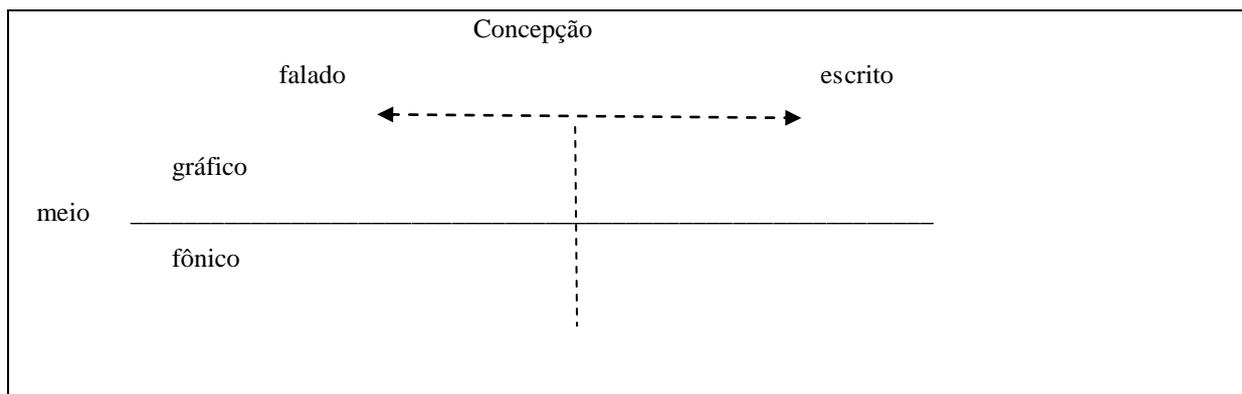
Na época do Brasil colonial, o ensino estava sob a tutela dos jesuítas, pois enquanto permaneceu como colônia portuguesa, não havia interesse da metrópole em implantar uma política cultural e educacional abrangente no país, como afirma Dias Júnior (2001, p. 187). Com a expulsão dos jesuítas do país e após a chegada de D. João VI, ao Rio de Janeiro em 1808, se estabelece a primeira lei geral do ensino, com a criação de escolas e das faculdades de Direito, para prover a formação de burocratas a fim de atenderem aos interesses do império. As instituições de ensino buscaram, então, cultivar os padrões de língua escrita

vigentes em Portugal, acentuando, dessa forma, o contraste entre a língua portuguesa falada, usada pela elite situada nos centros urbanos e a língua portuguesa de base oral, utilizada pela população rural, analfabeta e que não tinha acesso à escola. Dessa forma, as realizações discursivas no século XIX vão revelar os dados históricos da época em que o Brasil tinha mais da metade da população de analfabetos e semiletrados, em que as marcas da oralidade estavam presentes em todas as esferas discursivas.

Língua escrita e língua oral são duas modalidades de língua que não apresentam os mesmos recursos expressivos e nem a mesma gramaticalidade. A oralidade está “fundada na realidade sonora que vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos”. A escrita se caracteriza por sua constituição gráfica, englobando unidades alfabéticas, escrita alfabética, ideogramas ou unidades iconográficas (MARCUSCHI, 2010, p. 25-26). Ainda que um indivíduo utilize o mesmo nível de linguagem, ambas as modalidades de realização são organizadas de formas diferentes, e é justamente nesse ponto que se tende a conceber língua oral e escrita de forma dicotômica.

Aprofundando um pouco mais a discussão sobre esse tema, apresentaremos as considerações de Oesterreicher (1994; 1996; 2006) sobre oralidade e escrita, nos detendo às suas análises sobre as crônicas da América espanhola escrita, segundo o autor, por autores *semicultos* caracterizados como detentores de uma *competencia escrita de impronta oral* (1994) i. e. competência escrita concepcionalmente marcada pelos elementos da linguagem do imediato. As análises desses textos se revelam valiosíssimas por abordarem as características de TDs históricas que podem ser aplicadas também em nosso *corpus*.

Para evitar mal entendidos relacionados com a oposição oral e escrita, Oesterreicher cita as considerações de Ludwig Söll (1985 *apud* Oesterreicher, 1994, p. 155) sobre a diferença rigorosa entre o meio de realização e a concepção subjacente: a dicotomia entre o fônico e o gráfico no plano da realização. No plano da concepção, os enunciados se situariam em um campo contínuo, limitados em seus extremos por dois polos, nos quais residem o “falado” e o “escrito”. Oesterreicher defende que se trata de uma escala onde se processam diferentes tipos e formas de expressões linguísticas. A concepção do falado e do escrito se encontra numa mesma linha, já a realização fônica e a gráfica encontram-se em posições de inferioridade e superioridade. Vejamos o seguinte esquema:



Esquema 6: Concepção do falado e do escrito (OESTERREICHER, 1994, p. 156).

Ludwig Söll utiliza os termos “linguagem de proximidade ou *imediatez*”, para a concepção do falado, e “linguagem de distância” para a concepção do escrito, rotulações parecidas são apontadas também nos trabalhos realizados por Oesterreicher e Peter Koch (1990). No esquema 6, a passagem do falado para o escrito está marcada por uma linha pontilhada, indicando que entre essas duas modalidades não há cisão rígida, podendo haver uma gradação, i. e. as produções textuais podem, no nível da concepção, transitarem entre uma modalidade e outra. Nesse sentido, o ideal de escrita recai sobre os textos que se mantêm no polo de distância comunicativa<sup>88</sup>. Já a realização está bem marcada com uma linha contínua, pois só realizamos produções textuais em um ou outro meio.

Para entender como a oralidade e escrita se relacionam, temos duas dimensões, que envolvem quatro naturezas, de acordo com Koch e Oesterreicher (1990): a concepção discursiva que pode ser oral vs. escrita; e o modo de realização que pode ser o fônico vs. gráfico.

<sup>88</sup> Marcuschi (2010, p. 37-38), retoma as considerações de Oesterreicher, defendendo a hipótese de que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos oposto”. O autor acredita que é impossível situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua e, por isso são “realizações de uma gramática única, mas que do ponto de vista semiológico podem ter peculiaridades com diferenças acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala”.

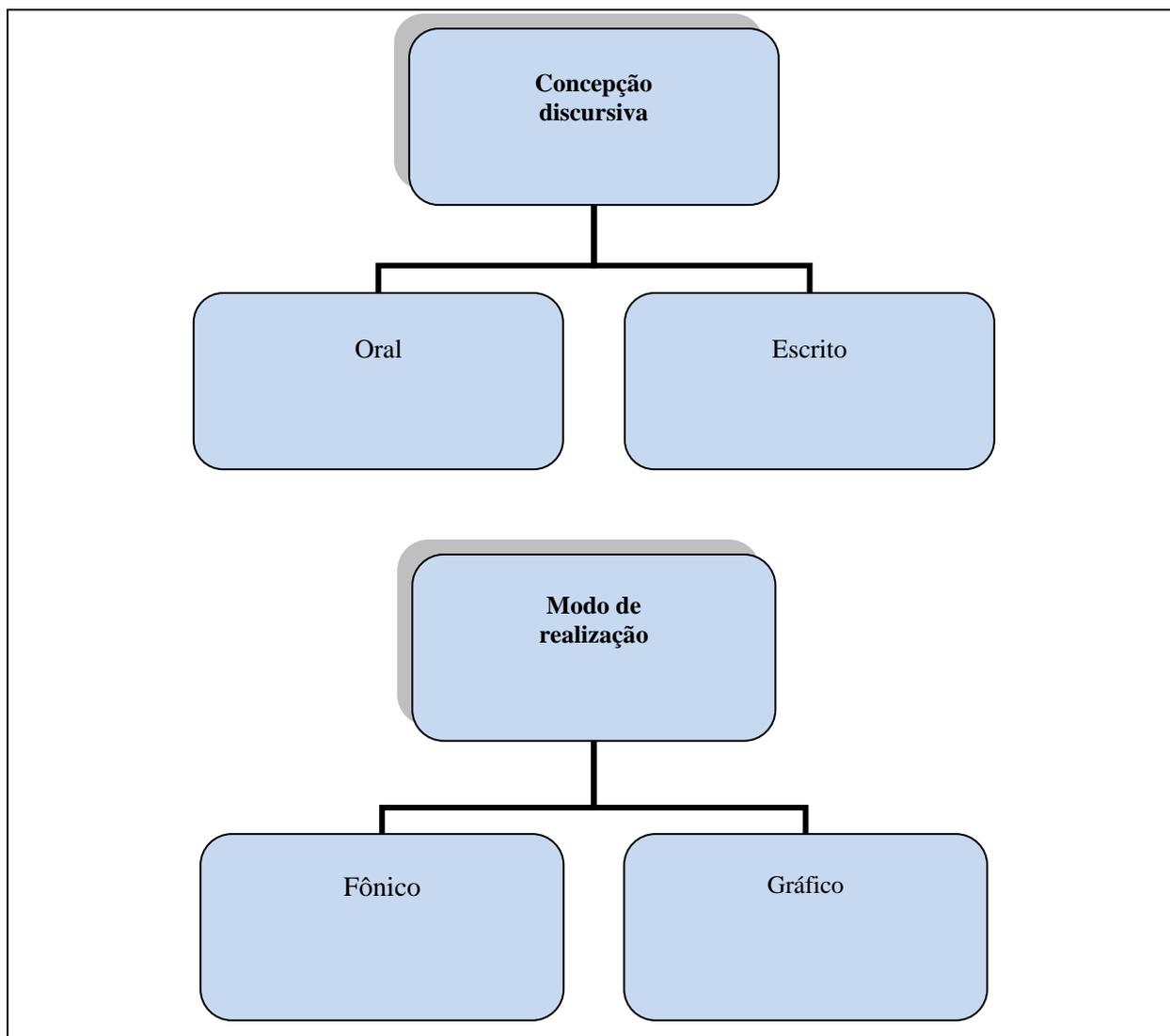


Diagrama 3: Conceções discursiva e modos de realização.

Oesterreicher (2006, p. 253) acredita que o verdadeiro impulso para a mudança linguística reside no domínio da oralidade, ou pelo menos é neste que ela está mais propícia a aparecer, porque as variedades mais próximas da língua falada são essencialmente as que evoluem mais livremente, favorecendo as inovações. É nesse sentido que se deve falar no caráter *progressivo*, *dinâmico* e *inovador* da língua falada, e no caráter conservador e prescritivo da escrita que pode impedir a mudança linguística. No entanto, não se deve radicalizar sobre isso, a escrita não é contrária à inovação, talvez apenas ela possa frear mais as inovações, o que não significa impedimento. Dessa forma, é preciso aceitar que a inovação e a mudança ocorrem, em princípio, em ambos os domínios.

Schlieben-Lange (1995) já havia postulado que há TDs escritas que estão mais vulneráveis à influência da oralidade, denominando os textos escritos com forte influência da

oralidade de *semioralidade*; além disso, a autora considera que os processos de distância e proximidade comunicativa, propostos por Söll (1985), Koch e Oesterreicher (1990), como técnicas concernentes aos universais da fala e não simplesmente de uma língua histórica.

Diante do exposto, é fato que o desenvolvimento da escrita não pôde se dar sem a intermediação da oralidade. A interrelação entre ambas as modalidades não se mostra apenas na escrita, mas na forma de organização textual que revela características próprias da oralidade, tais como o não planejamento, a redundância, a fragmentação sintática, pouca densidade informacional, menor densidade lexical e a predominância de frases simples ou coordenadas (I. KOCH, 1999) na elaboração do texto, como ocorre nos anúncios de fuga de escravos.

Oesterreicher (2006, p. 254) coloca-nos então dois problemas: se é legítimo caracterizar o domínio da oralidade ou da escrita como inovador ou conservador e se haveria um tipo de mudança linguística que consiste no fato de que fenômenos já existentes em certa variedade de uma língua poderiam se estender a outras variedades, i. e., se existiria uma “via de sentido único”, através da qual fenômenos da língua falada podem passar ao domínio da escrita, mas não vice-versa. Para o autor, o que interessa, no decorrer da história, são os movimentos realizados por certos elementos linguísticos no espaço variacional de uma língua, por isso ele tenta caracterizar de forma paramétrica as condições comunicativas que determinam o uso de determinadas variedades linguísticas em determinadas TDs ou tipos de texto, admitindo um *contínuo na concepção de formas discursivas* que dá a cada discurso e a cada tradição discursiva o seu perfil concepcional. O contínuo entre a oralidade e a escrita é delimitado por duas extremidades, indo do mais informal ao mais formal. Os parâmetros que sustentam esse contínuo podem ser expressos da seguinte maneira:

CONDIÇÕES COMUNICATIVAS			
<i>Imediatez comunicativa</i>		<i>Distância comunicativa</i>	
a	Caráter privado da comunicação	a'	Caráter público da comunicação
b	Intimidade ou familiaridade dos interlocutores; saber partilhado.	b'	Ausência de intimidade ou de familiaridade, menos conhecimento partilhado.
c	Forte participação emocional.	c'	Falta de participação emocional.
d	Inserção do discurso no contexto situacional.	d'	Não inserção do discurso no contexto.
e	Referencialização direta	e'	Referencialização indireta
f	Proximidade local e temporal entre os interlocutores.	f'	Distância local e temporal entre os interlocutores.
g	Intensa cooperação	g'	Fraca cooperação
h	Dialogicidade	h'	Monologicidade
i	Espontaneidade	i'	Reflexão
j	Pluralidade temática	j'	Fixação do tema

Quadro 3: *Imediatez comunicativa* vs. *distância comunicativa* (OESTERREICHER, 2006, p. 255).

Todas as dimensões são graduadas, exceto o parâmetro *proximidade local e temporal entre os interlocutores* vs. *distância local e temporal entre os interlocutores*. Oesterreicher relaciona os valores paramétricos de *imediatez comunicativa* àqueles que apresentam uma afinidade com a realização fônica, como “uma conversa de bar entre amigos”, e a *distância comunicativa* àqueles que têm afinidades com a realização gráfica, como “uma declaração administrativa ou documento jurídico” (2006, p. 256). Cada TD pode combinar determinados valores dos parâmetros tanto fônicos quanto gráficos no espaço discursivo.

Oesterreicher (2006, p. 257) explica que cada exemplar de uma TD pode ser representado com a combinação de determinados valores dos parâmetros indicados. O contínuo mencionado estrutura, em última análise, o espaço comunicativo no qual estão situados todos os discursos e todas as variedades de uma língua histórica, sendo aplicado também no caso de duas ou mais línguas funcionarem no mesmo espaço comunicativo. Isso explica, por exemplo, o fato de elementos com acentuada marca dialetal e outros com marca diastrática ou diafásica baixa apresentarem uma nítida afinidade com a oralidade ou *imediatez comunicativa*, enquanto que na escrita ou *distância comunicativa* se utilizam, preferencialmente, elementos linguísticos sem marcas diassistemáticas do tipo mencionado.

Nesse sentido, podemos considerar os anúncios de fuga de escravos textos que exemplificam bem essa problemática sobre *lo hablado en lo escrito*, expressão aparentemente paradoxal, mas que comporta aqueles textos de realização escrita de concepção oral

(OESTERREICHER, 1996, p. 317)<sup>89</sup>, como esses de nossa amostra. O paradoxo consiste em buscarmos nos textos, as realizações gráficas que evidenciam as formas e variantes linguísticas que normalmente não se escrevem, pois se empregam somente no domínio da *imediatez comunicativa*. O autor esclarece que

en cualquier comunidad lingüística, las dimensiones de la variación idiomática diatópica, distrática y diafásica conllevan, más o menos claramente, normas descriptivas que en su conjunto forman la arquitectura de la lengua y constituyen el espacio variacional de la misma. Pero, por regla general, sólo una determinada variante se utiliza en la distancia comunicativa y en la escritura. Esta forma es la variante que constituye lo que, con Eugenio Coseriu, podemos llamar lengua ejemplar<sup>90</sup>, en otras palabras, las variantes de una lengua no se prestan indistintivamente a todas las necesidades comunicativas, no se utilizan en todas las tradiciones discursivas (OESTERREICHER, 1996, p. 322)<sup>91</sup>.

Portanto, respondendo a questão sobre a legitimidade que caracteriza o domínio da oralidade ou da escrita como *inovador* ou *conservador*, Oesterreicher (2006) defende que há tanto na oralidade quanto na escrita *tipos específicos* de inovação e de conservação, que têm motivações diferentes por serem o resultado do funcionamento de diferentes combinações dos parâmetros expostos, as quais determinam diferenças na produção, na recepção e na contextualização do enunciado. O autor sugere que o parâmetro “forte participação emocional”, localizado no âmbito da oralidade, seja considerado um tipo de inovação universal, por ser, independentemente das diferentes línguas históricas. A inovação linguística, que se refere a signos linguísticos, deduzíveis dos valores paramétricos que definem a oralidade, tem uma nítida *motivação semântico-pragmática*. Assim, nos trabalhos

<sup>89</sup> Oesterreicher (1996, p. 318) emprega a terminologia usada por Giovanni Nencioni (1976) para qualificar de *parlato parlato* uma conversa entre amigos em um bar, de *parlato scritto* uma carta privada em estilo coloquial, de *scritto parlato* a leitura do texto de uma conferência e de *scritto scritto* um texto jurídico.

<sup>90</sup> Para Coseriu (1995, p. 58) a **língua exemplar** (ou língua padrão) é uma segunda língua comum que se estabelece por cima da língua comum, no caso duma língua comum diferenciada regionalmente e/ou socialmente, como forma idealmente unitária da mesma, pelo menos para aquelas tarefas e atividades (culturais, políticas, sociais, educacionais) que são idealmente tarefas e atividades de toda a comunidade idiomática. Com isto, a língua exemplar confirma a coesão e a individualidade da comunidade correspondente a uma língua histórica e é a expressão mais eloquente da unidade étnico-cultural da comunidade idiomática. Portanto, a língua literária é o estilo, ou melhor, registro (conjunto de estilos) mais elevado da língua exemplar; nas comunidades é também a oficina onde constantemente se experimenta e se elabora a exemplaridade idiomática e, ao mesmo tempo, a concreção por antonomásia da língua exemplar.

<sup>91</sup> Tradução nossa: “em qualquer comunidade linguística, as dimensões da variação idiomática diatópica, diastrática e diafásica promovem, mais ou menos claramente, normas descritivas que em seu conjunto formam a *arquitectura* da língua e constituem o seu espaço variacional. Mas, por regra geral, só uma determinada variante é utilizada na *distancia comunicativa* e na escrita. Esta forma é a variante que constitui o que, com Eugenio Coseriu, chamamos de *língua exemplar*, em outras palavras, as variantes de uma língua não se prestam indistintamente a todas as necessidades comunicativas, não se utilizam em todas as TDs”.

de orientação lexicológica procura-se explicar tais inovações qualificando-as em “expressivas”, “afetivas”, “drásticas”, “enfáticas” e até “irônicas”, “cômicas”, “humorísticas” etc., a que o autor designa como oralidade expressiva.

Finalmente, Oesterreicher (2006, p. 260) afirma que as inovações *ad hoc*, que se localizam na oralidade, são incompreensíveis sem o contexto pragmático-situacional, já as inovações *ad hoc* onde estão o campo da escrituralidade ou distância comunicativa, existe um contexto linguístico que assegura a compreensão.

O *corpus* de anúncios de fuga de escravos mostram-se textos que refletem *lo hablado en textos escritos*, i. e., o falado no escrito, que se caracteriza, fundamentalmente, pela falta de formação cultural do redator que é denominado de *semiculto* por Oesterreicher (1996, 2006). Dessa forma, esses anúncios são textos realizados graficamente, mas que corporificam as características da concepção oral, como veremos mais adiante.

Os escravos estavam inseridos no mundo da oralidade e a participação deles na cultura escrita e na leitura estava delimitada pela cultura do “ouvir dizer”, como afirma Barbosa (2010, p. 13), porque inevitavelmente escutavam as notícias. Mas a participação efetiva no mundo da escrita era escassa, pois se entre a classe abastada havia poucos que dominavam as práticas de leitura e escrita, para os escravos as dificuldades eram ainda maiores. Nas análises só foi encontrada uma ocorrência de escravo que dominava a leitura: “[...] Desapareceu no dia 27 de abril o escravo Francisco, [...] principiando a barbar, costuma andar com os cabellos grandes, quando falla guagueija alguma cousa, **sabe ler**, cozinha e faz doces...” (Cf. Anúncio 133).

Concluindo, à época, as formas de transmissão da cultura oral estavam muito mais presentes na cultura escrita e, englobando-se aí, a imprensa. Dessa forma, acreditamos que os anúncios de fuga de escravos são textos que carregam na sua essência marcas de uma *semioralidade*, apregoada por Schlieben-lange, presumidamente redigidos por indivíduos *semicultos*.

### 3.6.1 Das marcas do escrito

Oesterreicher (1994) aponta as características dos textos que correspondem ao *ideal de escrita* no nível pragmático, sintático e semântico. Em geral, eles têm como modelo as

tradições textuais da época e cumprem em sua estrutura, o estilo e o léxico com as normas do gênero que têm adotado.

### **3.6.1.1 Marcas do escrito no nível pragmático**

A pragmática estuda a utilização da linguagem no discurso e as marcas específicas que atestam sua vocação discursiva na língua, levando em consideração a relação dos signos com os falantes. As marcas do escrito no nível pragmático dos anúncios de fuga de escravos dizem respeito aos aspectos da linguagem que se relacionam aos usuários dos textos, tanto os que escrevem quanto os que leem tais anúncios.

É no nível pragmático que os anunciantes expressam de forma explícita, ou implícita, a intenção e o interesse do autor. A sucessão de ideias e a valorização das informações se mensuram claramente pela disposição do texto, dos personagens, lugares e fatos que se apresentam de tal forma que o ouvinte ou o leitor podem os identificar com facilidade. Desde a perspectiva dêitica, as relações temporais, locais e pessoais, o espaço textual nos anúncios está estruturado coerentemente, num intenso planejamento favorecendo uma expressão de grande densidade informativa.

### **3.6.1.2 Marcas do escrito no nível sintático**

As marcas do escrito no nível sintático relacionam-se com os signos entre si na oração. Os textos escritos no nível sintático se orientam para uma sintaxe de caráter integrativo, ficando evidente o esforço por se expressar mediante orações complexas e cláusulas compostas. Givón (1979 *apud* CASTILHO, 2010) considera alguns traços próprios da sintaxe da língua escrita, a saber:

- a) Preferência por estruturas sintáticas mais elaboradas, tais como as nominalizações e subordinações. O resultado disso é a ausência dos anacolutos;
- b) As construções sujeito-predicado predominam sobre as de tópico-comentário, mesmo considerando-se o fato de que ambas podem ocorrer ao mesmo tempo na língua portuguesa;
- c) As sentenças declarativas predominam sobre as interrogativas e imperativas;

- d) Uso abundante da voz-passiva;
- e) Maior frequência de indicações fóricas, via utilização de expressões como: “voltando ao que se disse anteriormente, esse ponto nos leva à questão seguinte” etc.

Ao se respeitar essas características do texto escrito no nível sintático tem-se a integridade da oração e as correlações gramaticais para que o texto seja provido de sentido.

### 3.6.1.3 Marcas do escrito no nível semântico

As marcas do escrito no nível semântico estão relacionadas aos signos, palavras e frases com as coisas e com os estados das coisas. Os textos no nível semântico cultivam a variação lexemática e a precisão referencial. Geralmente, na linguagem jornalística os autores preferem os procedimentos verbais neutros, poucos expressivos ou afetivos; controlam e filtram a expressão linguística da emocionalidade.

É preciso acrescentar que, na maioria dos casos, os textos escritos têm como parâmetro o padrão da língua preocupado com a fonética, a ortografia, a morfologia, a sintaxe e o vocabulário representativo, sendo denominado por Eugenio Coseriu de “língua exemplar” (OESTERREICHER, 1994). Só mediante o emprego dessas formas de prestígio se pode alcançar a maior difusão e aceitação dos textos. Assim, se evita o uso de variantes que são conhecidas e aceitas só em espaços reduzidos, ou de formas com uma marca diastrática ou diafásica “negativa”<sup>92</sup>.

### 3.6.2 Das marcas da competência escrita de *impronta oral*<sup>93</sup>

Os textos com marcas da oralidade são realizados graficamente, mas concepcionalmente marcados pela linguagem do *imediatez comunicativa*, i. e. textos muito

---

<sup>92</sup> Os textos analisados por Oesterreicher (1994) são da historiografia do espanhol americano do início do século XVI. Ainda que já existisse a gramática de Nebrija (1498/9), como um compêndio de sistema de normas que regularizam e viabilizam o uso das unidades e estruturas linguísticas que a compõe, não se percebe uma norma prescritiva fixa, pelo contrário, na escrita dos textos analisados pelo autor sobram “flutuações” e variações sintático-semânticas.

<sup>93</sup> As características dos textos de competência escrita de *impronta oral* serão descritas na seção de análises no tópico 5.2.

próximos da linguagem oral, sendo denominados por Oesterreicher (1994, p. 159) de **competência escrita de *impronta oral***<sup>94</sup>. Textos dessa natureza apresentam as seguintes características:

- a) nivelamento do texto, por parte dos autores, com notas e apontamentos;
- b) utilização de informações suplementares;
- c) tempo para o processo de redação;
- d) elaboração prolongada do texto, devido à ausência de um interlocutor direto;
- e) possibilidade de melhorar e corrigir o escrito.

No entanto, essas etapas não são seguidas pelos autores considerados *semicultos*, levando, dessa forma, os textos a se encherem de marcas da oralidade. Stoll (1996, p. 428) chama a atenção para os elementos orais presentes nos textos dos autores *semicultos*, visto que estes não são resultado de uma vontade estilística, nem de uma tentativa de imitar a língua falada, nem a intenção de produzir um texto para ser recitado ou mesmo o descuido de uma pessoa que sabe escrever. Pelo contrário, os autores *semicultos* tentam escrever seguindo às normas da historiografia, apresentando os dados de forma adequada, mas eles não têm o domínio suficiente da escrita para alcançar seus propósitos.

### 3.6.2.1 Marcas do oral no nível pragmático

As marcas do oral no nível pragmático tratam da relação entre os signos e os usuários da língua. No caso de nosso objeto de investigação, nos anúncios de fuga de escravos. A pragmática textual nem sempre se mantém nas produções de autores *semicultos*. A disposição dos textos deixa muito a desejar, pois a progressão semântica se encontra alterada, tendo as etapas do texto como a abertura, o desenvolvimento e o fechamento invertidas ou suprimidas, e as informações são apresentadas muitas vezes de forma contraditória.

---

<sup>94</sup> Um caso prototípico do que Oesterreicher (1994) chama de competência escrita de marca oral é a *Crónica de la Conquista del Perú* de Alonso Borregán, pois reflete diversos aspectos e graus da linguagem do *imediatez comunicativa*.

### 3.6.2.2 Marcas do oral no nível sintático

As marcas do oral no nível sintático se referem às palavras nas frases ou das frases na sequência discursiva. Os textos dos anúncios de fuga de escravos, nesse nível, não têm a integridade das orações e a correção gramatical respeitada. Os textos são marcados por erros de concordância e regência, dando-se preferência aos procedimentos paratáticos<sup>95</sup> e pelo estilo direto, dentre outras características.

### 3.6.2.3 Marcas do oral no nível semântico

As marcas do oral no nível semântico tem na produção dos *semicultos* escassa variação lexicográfica e como consequência tem-se a repetição de palavras e, sobretudo as imprecisões dêiticas e referenciais; uso frequente de palavras *omnibus*<sup>96</sup> ou *passé-partout*; referenciações falidas ou interrompidas, assim como são frequentes as explicações inesperadas, tautológicas ou inteligíveis.

As abordagens que acabamos de tratar sobre as TDs, gêneros textuais e das marcas do oral e do escrito se configuram como basilares nos aportes teóricos que sustentam as análises na perspectiva textual, história da língua portuguesa e das TDs. Dessa maneira, revisar a literatura sobre a imprensa e apontar os tipos de anúncios em que o escravo estava inserido amplia ainda mais o caráter das análises desta investigação.

---

<sup>95</sup> Parataxe e hipotaxe são duas formas de organização sintática: a parataxe indica a ligação de frases com mesmo valor sintático por meio de coordenação, para isso são usadas as conjunções coordenativas. A hipotaxe indica a ligação de frases por meio de subordinação. A dependência de uma oração em relação à outra é marcada por conjunções ou pronomes relativos.

<sup>96</sup> Termo referido por Koch/Oesterreicher (1990, p. 102-114). Palavras *omnibus* são aquelas que em português não têm um sentido específico como “coisa” e “assim” etc. As palavras *passé-partout* tem a mesma conotação.

#### 4 TRADIÇÃO DISCURSIVA DOS ANÚNCIOS DE ESCRAVOS NO JORNAL

Abordaremos nessa seção a história da imprensa no Brasil, centrando nossa atenção aos anúncios de fuga de escravos do Recife. Para isso, abordaremos, inicialmente, a história da imprensa no mundo, inserida no contexto histórico-social e cultural que propiciou a prática do jornalismo impresso, para que se compreenda como os acontecimentos políticos e sociais influenciaram e interferiram na publicação dos anúncios de escravos no decorrer de sua circulação.

O jornalismo impresso, caracterizado como veículo de informação, colaborou com diversas formas comunicativas<sup>97</sup>, introduzindo e influenciando diversas TDs presentes no jornal, dentre elas, o anúncio de escravo. E para analisar a TD anúncios de fuga de escravos no jornal nos respaldamos em Rizzini (1968), Pessoa (2002a e c), Sodré (2011), Melo (2005), Lage (2006) e Barbosa (2010).

No século XVIII, o continente europeu foi o pioneiro da imprensa, especialmente porque se manteve informado sobre o que ocorria nas colônias ao redor do mundo através das gazetas, que davam informações locais e notícias sobre o comércio. Desde o início da história da imprensa na Europa que se publicam os anúncios. De acordo com Tengarrinha (1965, p. 200) havia certa resistência em inseri-los no jornal como se isso fosse desprestigiante, já que a circulação dos jornais era reduzida e os negociantes não anunciavam porque acreditavam que seria um emprego de capital pouco rentável. Mas na medida em que os jornais ganharam mais expressividade, passaram a confiar-lhes a publicidade dos produtos<sup>98</sup>. Nesse sentido, o aumento da publicidade na imprensa está diretamente relacionado com a intensificação das atividades comerciais e industriais no século XIX e, de uma maneira geral, com o maior dinamismo da vida moderna.

---

<sup>97</sup> A evolução nas formas comunicativas entre os homens nos remete à história da escrita. Na pré-história o homem deixou impressa suas emoções e atividades diárias como a caça, a pesca e os rituais etc., através dos desenhos feitos nas pedras. As pinturas rupestres não são consideradas produções escritas, já que não há organização, nem padronização das representações gráficas. Por volta de 4000 a. C., na antiga Mesopotâmia, os sumérios desenvolveram a escrita *cuneiforme*; na mesma época, os egípcios antigos também desenvolveram uma escrita própria, a *demótica*, que era mais simplificada e a *hieroglífica*, mais complexa e formada por desenhos e símbolos.

<sup>98</sup> Macaulay (s/d *apud* TENGARRINHA, 1965, p. 201) diz: “o anúncio é para os negócios o que o vapor é para as máquinas”. Ou seja, os anúncios têm caráter persuasivo, mesmo quando apenas informam.

A Gazeta de Lisboa foi o primeiro jornal impresso em língua portuguesa<sup>99</sup>, criado em 1715, que tinha como características: periodicidade regular; abrangência de conteúdos, acessíveis a diverso tipo de leitor; universalidade, cobrindo diversos tipos de assuntos e atualidade, procurando ser atual nas notícias que veiculava. Essas características são importantes para o que se denomina de jornal.

Com relação à forma de linguagem, de acordo com Charaudeau (2010, p, 113), a imprensa utiliza-se de palavras, de gráficos, de desenhos e, por vezes, de imagens fixas, sobre um suporte de papel. Esse conjunto inscreve essa mídia numa tradição escrita que se caracteriza essencialmente por uma relação distanciada entre aquele que escreve e aquele que lê e ausência física da instância de emissão para com a instância de recepção.

A linguagem da imprensa é uma atividade de conceitualização de duas instâncias para representar o mundo, o que produz lógicas de produção e de compreensão específicas. Um percurso ocular multiorientado do espaço de escritura que faz com que o que foi escrito permaneça como um traço para qual se pode sempre retornar: aquele que escreve, para retificar ou apagar; aquele que lê, para rememorar ou recompor sua leitura (CHARAUDEAU, 2010). No entanto, o anúncio de fuga de escravo apresenta especificidades interessantes em seu processo de elaboração por ser um texto inserido no domínio midiático, jornalístico.

#### **4.1 História da Imprensa no Brasil e em Pernambuco<sup>100</sup>**

A situação política do Brasil e de Pernambuco no século XIX era muito instável, por causa das inúmeras rebeliões e revoltas como a Balaiada (Maranhão, 1830), Cabanagem (Pará, 1834), Sabinada (Bahia, 1837) e a Guerra dos Farrapos (Rio Grande do Sul, 1835); e os conflitos mais locais como a Insurreição Pernambucana (1817), a Confederação do

---

<sup>99</sup> Havia outros jornais em Portugal como a Gazeta da Restauração (1641) e Mercúrio Português, que surgiu em Lisboa em janeiro de 1663, sendo publicado até 1667. Este é considerado o primeiro periódico político português, tendo como tema principal a guerra entre Portugal e Castela. O jornal era impresso mensalmente na oficina de Henrique Valente de Oliveira, cujo diretor e redator era o escritor, político e diplomata António de Sousa de Macedo, considerado o primeiro jornalista português.

<sup>100</sup> Parte da historiografia sobre a imprensa no Brasil, apresentada nesta pesquisa, foi extraída da *História da Imprensa no Brasil* de Nelson Werneck Sodré, publicada inicialmente no fim da década de 1960, a qual representa uma expressiva referência sobre a atividade jornalística no país. Nesse livro, o autor analisa a estreita relação entre governantes e imprensa, além de ressaltar a ligação entre o desenvolvimento da sociedade capitalista e a imprensa, já que a arte de reproduzir e multiplicar os textos serviu mais diretamente à burguesia; o fato dela ter aparecido no país de forma muito tardia se deveu à ausência do capitalismo e da burguesia. E a outra obra é a *História cultural da Imprensa – Brasil – 1800 a 1900* de Marialva Barbosa, publicada em 2010, que faz uma abordagem social da implantação da imprensa no Brasil, com tendências recentes teóricas e historiográficas sobre a atividade jornalística no país.

Equador (1824) e a Revolução Praieira (1848). Em meados do século XIX a imprensa já estava consolidada, mas encontrava muitos entraves para se desenvolver nas técnicas de impressão e na operacionalização jornalística, devido ao alto índice de analfabetismo da população, falta de urbanização, excesso da burocracia estatal e as precárias atividades comerciais e industriais. Dessa forma, passamos 308 anos, desde o descobrimento até 1808, proibindo a circulação de livros e jornais na colônia, o que leva Sodré (2011) a afirmar que as técnicas de fazê-los assumiam aspectos heréticos que atraíam maldição e condenação.

Todo esse empecilho em relação à implantação da imprensa no Brasil deve-se a herança que o país herdou de Portugal como, por exemplo, a burocracia controladora que impediu o desenvolvimento de uma imprensa livre. Enquanto países da América do Sul já conheciam a imprensa, como o México e as colônias inglesas, o país vivia no obscurantismo. A abertura dos portos às nações amigas, em 1805, permitiu uma maior circulação de impressos no país, muitos dos quais eram clandestinos. Contudo, pequenas tipografias começaram a surgir no Rio de Janeiro e no Recife para imprimir letras de câmbio e orações. Mas, como era de se esperar, naquelas condições de cerceamento de liberdade e da falta de mão-de-obra especializada para manusear as máquinas, logo foram fechadas. A censura contra a liberdade de imprensa era tão severa que havia a Junta Censora até em locais onde não havia imprensa, como no Pará em janeiro de 1822, como afirma Sodré (2011, p. 136).

A imprensa oficial no Brasil inicia-se a partir da transferência da Corte Portuguesa para o país. Muitos jornais publicaram em suas folhas impressas os acontecimentos históricos que fazem parte da constituição do Brasil como nação: o reinado de D. Pedro I e Pedro II, que nos obrigou a passar a maior parte do século XIX sob o regime da monarquia, a Independência do Brasil em relação a Portugal (1822), a libertação dos escravos (1888) e a Proclamação da República em 1889. Todos esses acontecimentos reverberaram de alguma na prática do jornalismo impresso, pois ela é condicionada pelos acontecimentos históricos e sociais.

Com o surgimento da imprensa, a noção de espaço, que nasceu no seio da democracia ateniense, antes ocupada pelos indivíduos para discutir a política e a sociedade, no século XVIII, se deslocou para o jornal. As folhas impressas passam então a serem lidas e comentadas tanto nas ruas como nas residências, e sua multiplicação se deveu à força dos comentários. Essa tendência de as notícias serem ouvidas e vistas, mais do que lidas, foi uma marca da sociedade brasileira até mesmo depois do surgimento da imprensa de massa, no século XX, segundo Barbosa (2010, p. 53).

O jornalismo, de forma geral, é tudo aquilo que é escrito e divulgado pela mídia (TV, jornal, internet), além de ser considerado a arte de divulgar a notícia. Por essa razão, o jornalismo agenda conversas e acontecimentos que ocorrem nos espaços públicos, e adentra nas residências que são espaços privados e vice-versa. Pessoa (2002) afirma que depois de se transformar em um grande veículo de comunicação, o jornal passou a separar espaços para os vários gêneros textuais que ele veiculava, como os anúncios relacionados aos escravos. Esse gênero estava fortemente ligado à realidade social da época, à escravidão, e assim que esta foi extinta, os jornais trataram de ocupar os espaços antes destinados ao escravo com outros gêneros de variados propósitos.

A imprensa pode ser caracterizada como disseminadora de vários gêneros textuais como o editorial, a crônica e os anúncios, além de ter sido uma forte aliada na divulgação dos trabalhos de jovens escritores no início do século XX, pois os acontecimentos sociais como a política eram temas centrais dos jornais. À medida que a sociedade capitalista e consumista anunciava nas folhas impressas os produtos e novidades vindas “das nações civilizadas”, os jornais publicavam também os ideais da época.

Melo (2005) afirma que a imprensa foi a primeira instância mediadora do espaço público, antes concretizado pelos debates em clubes, ruas e praças. Entretanto, como nenhum meio de comunicação atende a todos os segmentos sociais que desejam participar do espaço veiculado na mídia, os grupos excluídos dessa esfera midiática são, conseqüentemente, também excluídos do espaço público, como é o caso dos escravos que não tinham a quem, nem como e onde se expressarem.

Responsáveis por variada gama de atividades, inclusive o comércio de rua, os escravos mesmo assim não detinham o poder decisório, pois não emitiam suas opiniões e vontades muito menos nos jornais. O espaço de publicações dos jornais era limitado às classes dirigentes e às ordens eclesiásticas.

#### **4.1.1 O jornalismo antes da imprensa**

O jornal precedeu a tipografia, tendo surgido para guardar as lembranças que se desejavam guardar e transmitir. Inicialmente, o jornal era considerado como instrumento elementar de comunicação, é o que afirma Rizzini (1968, p. 3), por isso passou séculos sem inovar nas práticas de produzi-lo e redigi-lo.

Na Roma antiga os *Acta diurna*, *Acta populi*, *Acta urbis* ou *Acta diurna populi urbana* constituem os mais antigos escritos aparentados com o jornal<sup>101</sup>. Esses documentos funcionavam como boletim informativo do senado romano e eram redigidas por Júlio César, que ao assumir o consulado em 69 a. C., alterou o meio de informação que era rudimentar, determinando que fossem redigidas em tábuas que ficavam expostas diariamente nas quais eram publicadas os atos do povo e do Senado<sup>102</sup>. Depois de adquirir as duas primeiras características do jornal: a *periodicidade* e *atualidade*, as *Acta* atraíram a terceira: a *variedade*. Rizzini (1968, p. 4) afirma que nos primeiros jornais eram inseridos os mais variados assuntos: nomeações de funcionários, éditos, discursos de tribunos, sucessos militares, nascimentos, casamentos, divórcios, óbitos, rixas, incêndios, bancarrotas, prodígios e espetáculos. Da mesma forma, os jornais brasileiros do século XIX apresentam a mesma estrutura antiga misturando numa única folha assuntos de natureza distinta.

Na linguagem romana, publicar alguma coisa não era necessariamente levar a notícia a algum lugar, mas sim deixá-la disponível ao conhecimento público, afixando-a em lugar onde pudesse ser facilmente lida, *unde de plano recte legi possit*. O aumento e a frequência dos textos implicaram o desdobramento das tábuas, e como nem toda a gente pudesse lê-las no Fórum, começaram a mover-se dentro e fora da metrópole por meio das cópias particulares. A circulação das *Actas* por meio das cópias seria, porém, trôpega e restrita, em vista da inexistência de correios públicos, do custo do papiro importado do Egito e do custo de pergaminho<sup>103</sup>.

<sup>101</sup> Segundo Rizzini (1968, p. 4), a princípio, os acontecimentos importantes eram publicados em Roma numa tábua branca, o *Album*, que ficava pendurada o ano todo no muro da residência do grande pontífice; da sua sequência resultaram os *Annales maximi*, ponto de partida da história romana.

<sup>102</sup> Rizzini (*Ibidem*) Júlio César, fingindo servir a democracia, mas de fato sacrificando-a ao gosto de suas ambições, visava a desmoralização do Senado, expondo-lhe dissídios e conflitos, uma iniciativa que o andar dos séculos erigiria em direito fundamental dos povos: “o exame e a crítica das resoluções do Estado”.

<sup>103</sup> Rizzini (1968, p. 30-32) esclarece que na Idade Média além das poucas cartas escritas, havia a escassez da matéria prima essencial a sua facilitação: papiro, pergaminho ou sucedâneos, além de correios públicos regulares. A partir do século XI, o papiro foi desaparecendo com a introdução pelos árabes, na Europa, da *charta damascena* feita de algodão e goma de amido. O papel de algodão era frágil e amarelado, tendo sido proibido na Alemanha por Frederico II em 1221. O *papyrus* ou *biblos*, preparado de canas dos brejos do Nilo era mais caro que o papel árabe. No século XIV, com o maior aproveitamento do linho espalharam-se fábricas em toda a Europa. Em 1263, o rei de Castela, Afonso, discriminava os documentos escritos em pergaminho de couro e pergaminho de pano, porém até a era seiscentista, os documentos de importância e os códices valiosos continuaram a ser escritos em peles, embora o papel se apresentasse consistente e encorpado. Segundo Rizzini, o seu primitivo processo de fabricação com a massa de trapos triturada em pilões movidos a água e modelada em forma perdurou até 1803, quando surgiu em Herford, na Inglaterra, o papel contínuo produzido pela máquina do francês Louis Robert. O papel de trapos ou de *chife* deu entrada em Portugal no reinado de D. Dinis que conservou as expressões *pulgaminho de coyro* e *pulgaminho de papel*. Uma ordenação do soberano determinava aos tabeliães que escrevessem as notas em livros de papel e os contratos em livros de couro. Havia a importação do papel de uso tipográfico com isenção de direitos. O produto começou a ser produzido de forma industrial e comercialmente manufaturado sob o reinado de D. João V, na fábrica de Louzã, em 1716. O pouco papel

Na verdade, o que tínhamos em Roma “era o jornal sem jornalismo” (RIZZINI, 1968, p.6). O Diário romano não circulava, mas movia-se em escassos e morosos translados. A sua informação permaneceu parada e o jornal é exatamente o contrário: é a informação em movimento<sup>104</sup>. Rizzini acredita que os romanos serviam-se do jornal, porém não o prezavam, pois não tinham noção do “jornalismo” já que conservaram a sua gazeta imobilizada num cartaz por centenas de anos. Acreditavam ser úteis para a divulgação dos documentos oficiais e das novidades, mas não vislumbravam que a eficiência do jornal pudesse ir além, pois subestimavam o instrumento e por essa razão não tentaram aperfeiçoá-lo. Quanto à circulação, os jornais romanos nunca saíram do âmbito das cópias ocasionais. Eles ficaram desaparecidos com a transferência da capital do império romano para Bizâncio, e só após um século ressurgiram os *diurnais* nas epístolas-circulares e nas gazetas quinhentistas que, se por um lado, despregadas dos muros, corriam em modestas tiragens manuscritas, por outro nem eram diárias, nem contínuas, nem variadas quanto as *Actas urbana*.

Depois da queda do Império Romano, começou um período de “trevas” em que a censura da Igreja Católica, o sistema feudal e o analfabetismo limitaram o mundo cristão aos arautos e à notícia falada. Na Idade Média as informações ficaram restritas aos rapsodos, transitando a notícia de boca em boca, na poesia e no canto dos trovadores e jograis. Segundo Rizzini (1968, p. 10):

A particularização da vida feudal, infiltrável através das muralhas de vilas e castelos, a mistura dos idiomas, a credice, o retrocesso das conquistas materiais, as invencíveis distâncias e sobretudo a ignorância crassa e geral, agravada pela escassez e alto preço do papiro importado do Egito, impossibilitavam a sobrevivência da cultura clássica e dos costumes romanos. Mesmo nas castas dominantes raras pessoas conheciam o alfabeto.

Esse conjunto de fatores ocasiona a regressão do jornal escrito ao verbal. Os poucos indivíduos que sabiam ler e escrever não tinham como e nem a quem fazê-lo.

No Renascimento a informação oral deu lugar à informação escrita. Tudo que se escrevia a transmitir-se para um determinado destinatário sobre os descobrimentos de novos

---

consumido no Brasil, enquanto colônia, vinha de Portugal. O país não possuía impressão, fábricas e estava imerso no analfabetismo. O papel era destinado a embrulhos, à escrita das raras cartas e ao expediente oficial.

<sup>104</sup> Rizzini (*Ibid.*, p. 9) afirma que para se manterem informados em Roma, os letrados e estadistas se valiam das cartas que eram escritas de um para outro. As cartas ocupavam então o lugar dos jornais e prestavam os mesmos serviços. Passavam de mão em mão quando continham novidades de interesse geral: liam-se, comentavam-se, transcreviam-se as cartas em que grandes personalidades expunham os seus pontos de vista. “Certas cartas afixavam-se nas praças ou corriam em cópias distribuídas pelos destinatários tornando-se assim públicas”.

mares, terras e a multiplicação das alianças políticas e comerciais entre povos aguçava a curiosidade alheia e assim eram reproduzidos em cópias na forma de prosa e verso. Esses escritos podem ser considerados embrionários do jornal.

Rizzini (1968, p. 25) aponta uma diferença entre história e jornalismo, esclarecendo que este recolhe e espalha os acontecimentos vivos e quentes e aquela os escoima, interpreta e concatena frios e notáveis acontecimentos. Contudo, até o aparecimento da imprensa ambos se confundiam, pois a informação não possuía meios adequados de projetar os fatos presentes, ficando limitada aos eventos passados.

#### **4.1.2 Surgimento da imprensa**

Devemos a João Gensfleisch, dito Gutenberg, a invenção da máquina de prelo em meados do século XV. Por volta de 1450, Gutenberg publicou a *Bíblia de 42 linhas* considerado o primeiro material da tipografia no mundo, com letras de forma talhadas em metal, ordenada em linhas e colunas, moldadas e prensadas (RIZZINI, 1968). Com a invenção da imprensa, a escrita passou a ter mais relevância no Ocidente, de acordo com Pessoa (2010, p. 43), porque “a imprensa está ontologicamente ligada à escrita” e foi com esse intuito que Gutenberg imaginou a invenção.

Quanto ao jornal, o primeiro impresso que circulou no mundo surgiu por volta de 1609, em Bremen, Alemanha, estando a serviço da burguesia local, mas em pouco tempo começou a ser censurado pela igreja e o Estado.

Sodré (2011, p. 14), compartilha da opinião de que a invenção da tipografia foi impulsionada pela necessidade que o desenvolvimento histórico gerou, estando intimamente vinculada à ascensão da burguesia em seu prelúdio mercantilista. É inegável que a máquina de imprimir facilitou a reprodução de textos, inovou a transmissão de conhecimentos e, como consequência, propiciou o surgimento de vários gêneros textuais, pois devido a sua longa tradição como suporte para outros textos, fica evidente a importância do jornal como um dos espaços mais completos e complexos para o estudo das transformações ocorridas nos textos que veicula, incluindo-se aí o anúncio, como afirma Pessoa (2002).

Durante o período colonial, o Brasil não tinha acesso à informação escrita do ponto de vista legal, pois tudo que entrava aqui era via metrópole. Em Portugal, por volta de 1536, a Inquisição controlava a impressão de todo material que circulava no país e, além dela, para

que uma obra pudesse ser publicada, devia ter a anuência e crivo do Bispo local e do Desembargo do Paço. Se na metrópole as condições da imprensa eram essas, imaginem-se as dificuldades enfrentadas pelos que faziam circular nas colônias portuguesas algum material impresso. Mas isso não impediu a existência de inúmeras tipografias clandestinas e a circulação de manuscritos e periódicos que faziam proliferar ideias e opiniões. Muitos periódicos tinham o caráter efêmero, chegando a ter somente um número em circulação, como afirma Barbosa (2010, p. 20).

Em 1808, com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, a imprensa surge sob a proteção oficial. Ainda em Portugal, na confusão da fuga, Antônio de Araújo, futuro Conde da Barca, mandou colocar no porão do navio Medusa um material que havia sido comprado para a Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, mas não estava montado. Em terras brasileiras, mandou instalá-lo embaixo de sua casa, à rua dos Barbons, no Rio de Janeiro. Assim, no dia 31 de maio de 1808, D. João VI oficializou a Imprensa Régia no Brasil (SODRÉ, 2011).

Em 1 de junho de 1808, o *Correio Brasiliense* começa a circular no Brasil. Três meses depois, em 10 de setembro de 1808, o *Gazeta do Rio de Janeiro*, considerado órgão oficial do Reino, inicia suas atividades. Essa fase “proto-histórica” da imprensa brasileira é chamada por Sodré de imprensa áulica, porque a maioria dos impressos da época tinha como finalidade principal louvar o absolutismo e proclamar suas virtudes. Entretanto, há uma controvérsia levantada pelo autor sobre qual periódico teria sido realmente o marco inicial da imprensa brasileira: se o *Correio*, por ter sido o primeiro a circular no Brasil, embora não fosse impresso aqui, mas em Londres, devido às dificuldade de impressão; ou se a *Gazeta do Rio de Janeiro* merece esse título.

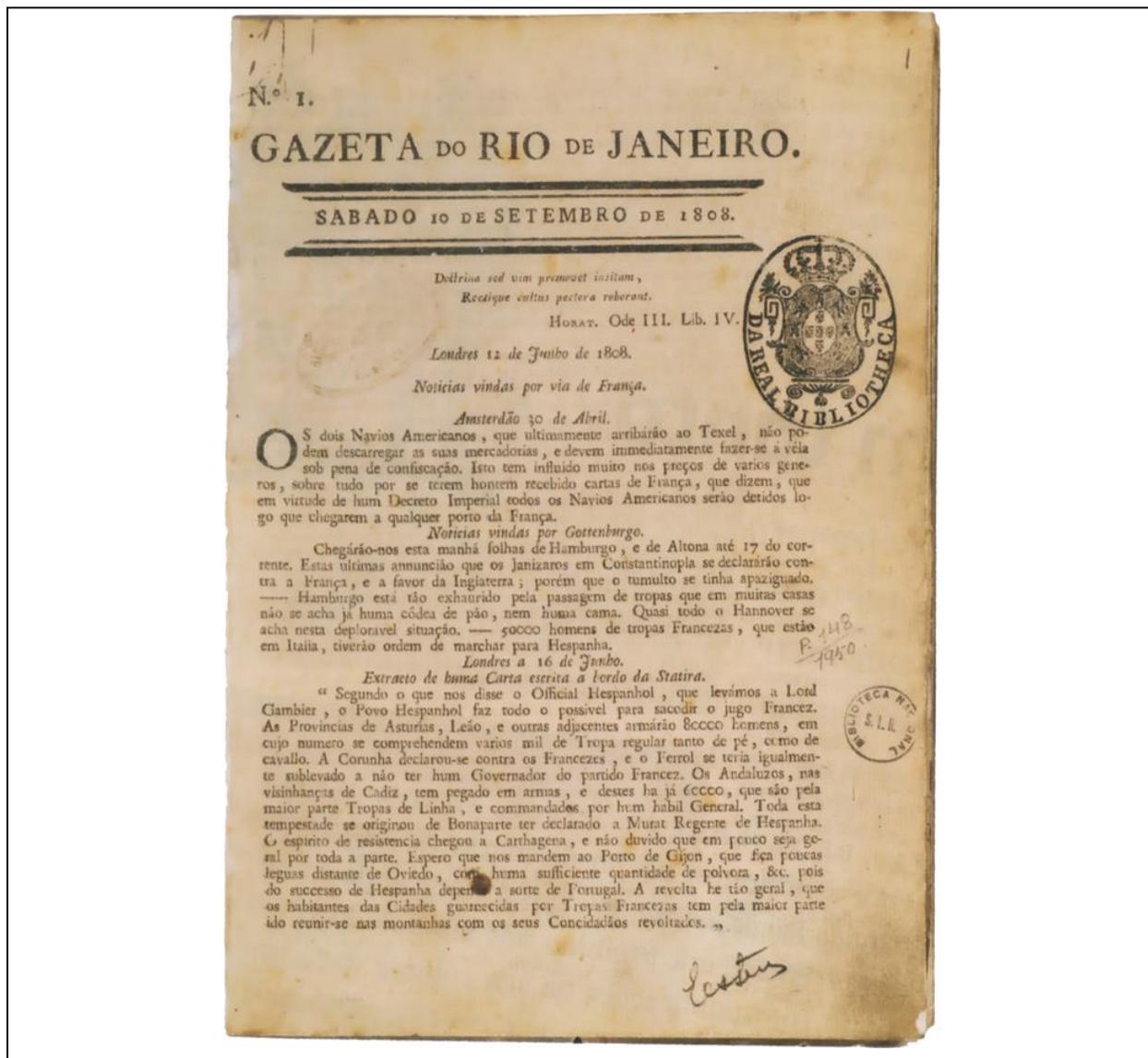


Figura 5: Jornal Gateza do Rio de Janeiro (1808)<sup>105</sup>.

O *Correio Brasiliense* foi fundado, redigido e dirigido por Hipólito da Costa, em Londres, durante todo o tempo de vida do jornal; “teria sido mesmo difícil, senão impossível manter-se imune à censura, aqui, no século XIX” (p. 43). O *Correio* era um jornal do tipo mais doutrinário do que informativo, pois analisava o Brasil numa perspectiva externa. Todos os problemas ocorridos no país eram tratados pelo jornalista como acontecimentos internacionais. Por essa posição, há os que glorificam o jornal e os que o denigrem; os que tomam a primeira opinião afirmam que o *Correio* foi o único periódico português do tempo que podia manifestar independência porque estava fora dos domínios portugueses, já os de posição oposta se amparam nas ideias de que Hipólito não se envolveu com questões locais

<sup>105</sup> Fonte disponível <<[www.bn.br](http://www.bn.br)>>. Acessada em fevereiro de 2014.

como o abolicionismo, apesar de ter tratado da questão dos escravos, em 1814, afirmando que o problema do tráfico poderia ser contornado com a introdução de máquinas no trabalho e com a abertura para a imigração. Além disso, há os que o acusam de ter ficado ao lado das cortes, quando tentaram recolonizar o Brasil, censurando sua “tendência democrática”, apoiando a determinação de trazer de volta ao Reino o príncipe D. Pedro, para manter a “desejada união entre Brasil e Portugal” (p. 44).

Sodré afirma que em tudo o *Correio Brasiliense* se aproximava do tipo de periodismo que hoje conhecemos como revista e não como jornal; pois tinha a impressão no formato de brochura de mais de cem páginas, de capa azul, a veiculação era mensal e preço mais alto. O autor refuta o caráter doutrinário do jornal, ou se ele tinha realmente influenciado a opinião dos brasileiros do século XIX, já que poucas pessoas tinham acesso às letras na época<sup>106</sup>. Assim que as circunstâncias exigiram, apareceu aqui a imprensa adequada. Na década de 1820 o jornal já não desempenhava o mesmo papel de destaque. A explicação recai sobre a implantação da imprensa no Brasil, com veículos de informações que refletiam mais de perto a opinião da população, ou mesmo porque o jornal já não tivesse condições, desde o estrangeiro, de “acompanhar, sentir e transmitir o que interessava aos brasileiros” (p. 52). Em 1822, ano da Independência, o jornal encerrou as suas atividades.

---

<sup>106</sup> Barbosa (2010, p. 21) refuta essa ideia e afirma que “não é tão-somente o analfabetismo que impede a explosão da imprensa. Numa sociedade oralizada por excelência, as letras impressas sempre foram mais ouvidas do que lidas”.

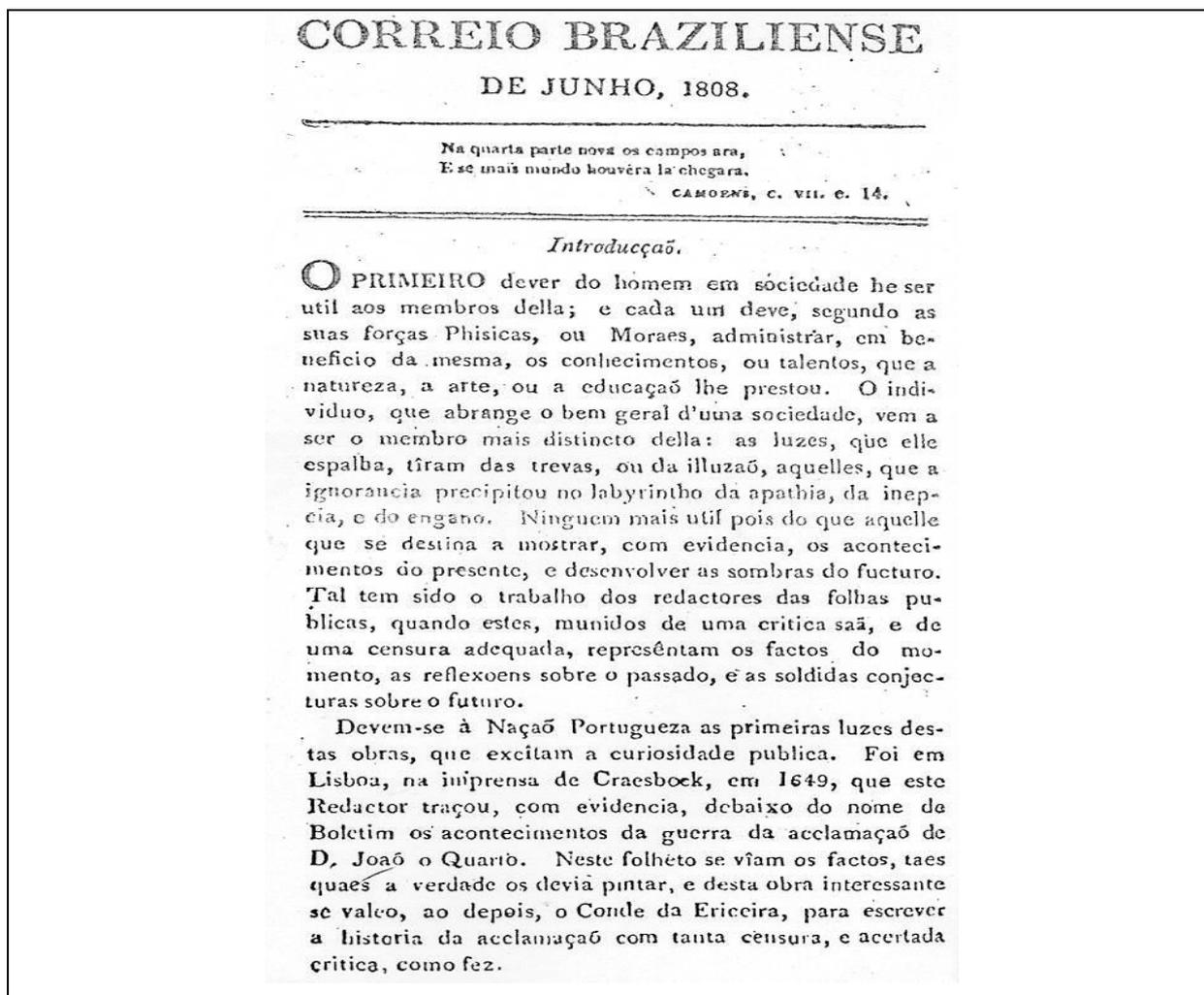


Figura 6: Jornal Correio Braziliense<sup>107</sup>.

Para Barbosa (2010 p. 27), os jornais *Correio Braziliense* e *Gazeta do Rio de Janeiro* não devem ser rotulados, pois ambos têm sua importância para a historiografia da imprensa brasileira, ao criarem condições para a troca de informações, que muitas vezes saia da esfera privada para o âmbito público. Os dois jornais são pioneiros no período de implantação da imprensa se configurando como gênese de nossa história. E essa ideia de gênese carrega em si mesma um sentido “supra histórico” pois ela é o “começo particular que instaura não apenas uma nova ordem política e social, mas o ponto zero da própria reflexão”.

<sup>107</sup> Fonte disponível em <<[www.bn.br](http://www.bn.br)>>. Acessada em fevereiro de 2014.

#### 4.1.2.1 Estrutura e comercialização dos jornais

As condições materiais dos impressos eram muito precárias, embora várias tentativas tenham sido feitas para melhorar a impressão e reprodução dos jornais. No Recife, Ricardo Rodrigues Catanho importou, em 1815, uma oficina tipográfica, pela qual solicitou permissão à Corte para pô-la em funcionamento, que só foi concedida em novembro do ano seguinte, mas não teve sucesso por falta de pessoal habilitado. Nessa oficina, os rebelados da Revolução Pernambucana de 1817 (dois frades: um inglês e um marinheiro francês) imprimiram o *Preciso*, documento em que José Luís de Mendonça afirmava as razões dos revolucionários e os propósitos da rebelião (SODRÉ, p. 65).

Schwarcz (1987, p. 57) chama atenção para o fato de que, ao compararmos os jornais do século XIX com os atuais, verificamos que eles são semelhantes entre si no aspecto físico e no conteúdo. No aspecto visual, os periódicos daquela época eram compostos por duas folhas de formato bastante grande e de difícil manuseio, sendo preenchidas em geral por artigos e anúncios, sendo que os primeiros vinham localizados em estreitas colunas que se iniciavam logo abaixo do cabeçalho (*cf.* DP n. 1) e só terminavam no final da página. No jornal não havia ilustrações, os poucos desenhos encontrados referiam-se “a remédios miraculosos ou a lojas com seus preços especiais” (SCHWARCZ, 1987, p. 58). Na primeira página do jornal havia certa organização, mas a partir da segunda e no decorrer das outras páginas inexistia a diagramação mais lógica e racional, já que o conteúdo aparece disposto, em geral, em quatro colunas, de forma bastante aleatória. Misturavam-se notícias relevantes com inúmeros anúncios que variavam de tamanhos e assuntos. A divisão interna era composta do editorial onde se relata de forma “fria e direta as atas, leis e discursos dos letrados do império” e por folhetins românticos escritores, muitas vezes por autores de renome internacional.

Barbosa (2010, p. 122-123) afirma que a grande transformação do jornalismo está na pretensão de, além de informar, ser isento, imparcial e noticiar com veracidade os fatos. Esses adjetivos se tornariam repetitivos nos periódicos. As entrevistas são introduzidas na primeira capa, juntamente com as notícias policiais e reportagens, sob a ilusão da neutralidade. A opinião isola-se no artigo de fundo e a ilustração, substituída no século XX pela fotografia, é publicada ao lado do texto. A grande transformação inclui, também, as inovações técnicas que permitem a reprodução de ilustrações e fotos e maior rapidez no processo de produção.

Com a introdução do telégrafo<sup>108</sup>, no Brasil, as notícias vindas da Europa passaram a ser publicadas no dia seguinte aos acontecimentos.

Do ponto de vista do editorial, mudaram o teor das notícias publicadas e a forma como eram distribuídas nas páginas do jornal. A valorização do caráter imparcial levou à criação de colunas fixas para a informação e para as que eram destinadas à opinião, ao mesmo tempo em que os jornais privilegiavam a edição de notícias informativas, em detrimento das que tinham o caráter opinativo.

Com relação à comercialização, a venda dos jornais era feita na rua pelos próprios escravos. Barbosa (2010, p. 80) mostra que o *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, a partir de 1875, se fazia com o grito estridente dos filhos de escravos que apregoam nas ruas da cidade o novo jornal.

No Recife, a realidade provavelmente não era diferente, pois fazia parte da cultura local, as ruas da cidade serem tomadas pelos escravos pregoeiros que vendiam os produtos dos seus senhores<sup>109</sup>. O ato de pregar está relacionado aos gestos simples dos vendedores de rua que proclamavam as virtudes dos produtos como: do peixe, da fruta ou do remédio que vendiam. O pregão pode ser definido como a “voz ou pequena melodia, de ritmo livre, bastante próxima do recitativo musical, com o qual os vendedores ambulantes anunciam suas mercadorias” (PRAGANA, 1981). Para a autora, o Recife ainda conserva no seu passado folclórico uma das mais ricas manifestações da oralidade, como é o caso do variado repertório de pregões: pregões de frutas, de remédios, de peixes; de “banana prata e maçã madurinha”; de “miúdo, figo (figado)”; de mel de engenho “mé novo”. Conforme Pragana, com a urbanização da cidade, os pregões foram desaparecendo por vários motivos, a substituição de casas térreas e de sobrados de poucos andares por apartamentos situados em arranha-céus de muitos andares superiores, abafou a voz, a cantoria, a melodia do pregão tradicional, pois ele não é som que alcance grandes distâncias<sup>110</sup>.

Barbosa (2010, p. 54) esclarece que, no geral, os jornais eram vendidos nas livrarias ou diretamente nas tipografias onde eram impressos. Os periódicos eram muitas vezes afixados em locais públicos. Quando era exposto nos muros da cidade, as notícias ganhavam

<sup>108</sup> O telégrafo foi inaugurado no Brasil em 1857, no Rio de Janeiro, com a primeira instalação telegráfica entre a praia da Saúde (RJ) e a cidade de Petrópolis.

<sup>109</sup> Pessoa (2006, p. 106) mostra que há “fórmulas” fixas que têm forte vinculação com a tradição oral, sendo marcadas nos anúncios pelas expressões “quem quizer...”, “quem delle souber...”.

<sup>110</sup> Freyre (2007, p. 160) também ressalta o caráter dos pregões que caracterizam a cidade. Segundo o autor, os pregões desapareceram porque a venda dos doces ou dos artigos que eles anunciavam tornou-se melancolicamente silenciosa na capital ao serem abafados pelas buzinas dos automóveis e dos alto-falantes.

uma repercussão maior por causa do trânsito das pessoas nas vias públicas. A leitura do jornal em voz alta nos espaços públicos ampliava gradativamente o domínio restrito dos periódicos.

No primeiro número do Diário de Pernambuco há uma nota introdutória no jornal que diz:

[...] E porque para muitas pessoas seria incommudo dirigir-se a Typographia, para entregarem os seus annuncios, se tem prevenido este inconveniente recebendo se no Recife no Botequim da Praça, em S. Antônio na Loja da Gazeta rua de Rosario, e na Boa Vista na Banca de João Ferreira da Cunha no largo da Matriz taes annuncios em cujas casas se recebem igualmente assignaturas e se vende este Diario pelo preço de 10 rs. cada folha.

O jornal da então província já anunciava características que perduraram até os dias atuais, o seu caráter diário e o pagamento pelas assinaturas.

#### 4.1.2.2 Os primeiros jornais: as gazetas e os pasquins

O termo “gazeta” surgiu em Veneza e origina-se de uma moeda a qual denominava o produto que se comprava. As primeiras Gazetas de que se tem notícia eram manuscritas, sendo reproduzidas pelos copistas a várias pessoas.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o primeiro periódico impresso no Brasil, tendo sido dirigido por Frei Tibúrcio José da Rocha. O conteúdo do jornal era quase todo voltado para o que se passava na Europa: documentos de ofício, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da Família Real. Para Sodré (2011, p. 45), a *Gazeta* pode ser considerada como o embrião de jornal, mas era rudimentar, tinha a periodicidade curta, intenção informativa, com o formato peculiar aos órgãos impressos do tempo, poucas folhas e preço baixo. No primeiro número havia uma orientação ao público de que o jornal sairia todas as quartas e sábados, e os assinantes deveriam pagar em dobro na primeira assinatura:

Aviza-se o Publico, que a Gazeta do Rio de Janeiro saem todas as quartas, e Sábados; em consequencia os Assinantes deverão assistir com o dobro da primeira assinatura.

Figura 7: Anúncio do Gazeta do Rio de Janeiro 1(1808)<sup>111</sup>.

<sup>111</sup> Fonte: www.bn.br. Acesso em fevereiro de 2014.

A *Gazeta* era um periódico que publicava, além dos textos que interessavam ao Reino, várias fontes de informação, formando redes de notícias sobre o Rio de Janeiro do século XIX. De certa maneira, nesse jornal, ficou impressa a forma como essas notícias passavam do mundo oral para o mundo escrito, ou impresso. É nítida a mescla do nível formal e informal da língua na produção dos textos.

As informações do jornal eram quase todas provenientes da Europa, notícias das embarcações que aportavam no Brasil. As notícias, em forma de cartas, eram publicadas na íntegra nos jornais locais.

Na época do processo da Independência, em que o Brasil se declarou independente de Portugal, a restrição à liberdade da imprensa interessava aos portugueses e senhores donos de terras e de escravos, enquanto a liberdade da imprensa interessava à burguesia europeia e às forças internas que aqui lutavam em favor da separação entre os países. Essas forças não eram homogêneas e nem unidas; na medida em que compreenderam a necessidade de mobilizar e de unir as classes sociais para a luta contra a dominação portuguesa, os representantes da classe dominante fizeram concessão à liberdade de imprensa.

Em 1 de junho de 1821 surge o *Diário do Rio de Janeiro*, fundado e redigido pelo português Zeferino Vito de Meireles. O Jornal apareceu quatro dias antes do juramento das Bases da nova Constituição Portuguesa, mas isso não alterou em nada a sua orientação, que era omissa em relação às questões políticas. De acordo com Sodré (2011, p. 87), este foi o primeiro jornal informativo diário a circular no Brasil, ocupando-se das questões locais como os anúncios de escravos fugidos, leilões, compras, vendas, achados, furtos e assassinato, etc.

As mudanças no jornalismo impresso do Império para a República têm sido explicadas por duas expressões genéricas, segundo Barbosa (2010, p. 14): “a concentração da imprensa e adoção de modelos estrangeiros”. A autora coloca que a vida mais longa dos jornais está relacionada à sua organização aos moldes empresariais para conquistar o público e da publicidade que veiculava. Outra mudança é a fixação de padrões estrangeiros no jornalismo carioca, com a proliferação das revistas ilustradas, críticas e de costumes, além de outras técnicas adotadas pelos jornais diários, como por exemplo, a abertura de grandes fotos na primeira página, a difusão do folhetim e a proliferação das caricaturas.

O jornalismo passou, então, por transformação. Os literatos foram absorvidos pelos jornais de maior circulação. As classes dominantes tinham na imprensa a amplificação dos debates políticos promovidos por ela.

## O pasquim

A luta pela independência do Brasil se confundia com a luta pela liberdade. A manutenção do Império era o desejo da classe dominante e isso implicava também perseguir a todo e qualquer movimento que se opunha à liberdade, o que incluía também a perseguição aos jornais. Depois do Grito do Ipiranga, a imprensa de oposição foi proibida, e só foi interrompida cinco anos depois pelo decreto de 28 de agosto de 1827, como esclarece Sodré. Para encontrar jornais com certa liberdade de expressão, era preciso viver nas áreas rebeladas, como em Pernambuco. A imprensa daquele momento era polêmica, panfletária, atrevida, com grande violência na linguagem, chegando aos excessos dos ataques pessoais e a insinuações maldosas. Foi nesse ambiente agitado que nasceu o Pasquim.

Os Pasquins eram periódicos que se assemelhavam a um jornal, mas apresentavam características específicas que refletiam a realidade daquele momento. Tinham uma circulação ativa, panfletária, breve e o caráter efêmero. O conteúdo dos pasquins se resumia a um artigo de opinião virulento e atrevido. Por isso, Dias Júnior (2001) afirma que o adjetivo assumia importante papel no processo de predicativo de qualificação e classificação dos termos a que se referem.

Após a Independência, a imprensa tratou de intensificar a ordem e o respeito à Constituição. Vários jornais e jornalistas foram condenados e punidos por injúria ao governo colonial. Dentre os irreverentes está Cipriano José Barata de Almeida<sup>112</sup>, criador das *Sentinelas*. Barata foi perseguido e preso diversas vezes e as *Sentinelas* mudavam de nome de acordo com os lugares em que ele era preso, por exemplo: *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco*; *Sentinela da Liberdade da Liberdade na Guarita de Pernambuco Atacada e Presa na Fortaleza do Brum por Ordem da Força Armada Reunida*; *Sentinela da Liberdade à Beira Mar da Praia Grande*; *Sentinela da Liberdade Hoje na Guarita do Quartel General de Pirajá na Bahia de Todos os Santos* etc. Cipriano Barata foi pioneiro da liberdade de

---

<sup>112</sup> Todas as informações são de Sodré (2011): Barata nasceu na Bahia, em 1764; aos vinte e quatro anos foi estudar em Coimbra e já quase no final do curso conheceu José Bonifácio e Câmara Bittencourt, recebendo lá os reflexos da Revolução Francesa. De volta ao Brasil, foi obrigado a tornar-se lavrador de cana. Em 1798 foi acusado de ter ligação com os conspiradores baianos; com isso, foi preso por mais de um ano, tendo a sua biblioteca sequestrada. Ainda na Bahia, aderiu à Revolução Pernambucana de 1817; depois participou, em fevereiro de 1821, da deposição do conde da Ponte; seu prestígio assegurou-lhe lugar na representação brasileira às Cortes portuguesas reunidas em consequência do movimento constitucionalista. Por causa do seu espírito mordaz, foi perseguido mais uma vez e se refugiou na Inglaterra. Ao regressar ao Brasil, encontrou desencadeado o processo da independência. Suas inclinações eram pela República, por isso fundou o primeiro jornal republicano que circulou no Brasil da época. Por a Bahia estar ocupada pelas tropas de Madeira, permaneceu em Pernambuco; ingressou na imprensa, dirigindo a *Gazeta Pernambucana*, mas em 9 de abril de 1822, no Recife, Barata iniciou a série de publicações, as *Sentinelas*.

imprensa no Brasil. Depois de passar por várias prisões e lançar várias *Sentinelas da Liberdade*, Barata voltou à Bahia, Rio e Recife, sendo preso todas as vezes. Faleceu no Rio Grande do Norte em extrema pobreza, exercendo a profissão de professor de francês (SODRÉ, 2011, p. 111).

A imprensa brasileira do século XIX era constituída desses periódicos na tormentosa fase do antes e depois do processo da Proclamação da Independência. Sodré afirma que foi José Bonifácio o responsável por liquidar os periódicos que colocavam o problema da liberdade e defendiam a posição liberal. Às vésperas da dissolução da Constituinte, a imprensa de oposição estava arrasada, inicia-se a fase das *Malaguetas*. Depois de dissolvida a Assembleia, a classe dominante empoderava-se. Para isso, teria de suprimir todas as manifestações de liberdade, inclusive a da imprensa, com medidas violentas. Entre o fechamento da constituinte e o movimento de Sete de Abril, decorre nova etapa em que, gradativamente, a liberdade vai sendo reconquistada, até o episódio da abdicação, quando se abre a etapa libertária por excelência, o Período da Regência, que foi rico no que aqui comentamos, quando apareceram e proliferaram os periódicos, os jornais de circunstâncias, de combate, de linguagem virulenta (SODRÉ, 2011, p. 313).

Após 1831, há a proliferação dos pasquins que refletiam o ardor dos grupos em divergência e fazem da polêmica a sua principal narrativa, atacando a tudo e a todos, desde o congresso português até os insultos pessoais. Os jornais passam, então, a ser vistos como propagadores de ideias, elaborados por pessoas letradas que ampliavam os debates e a política polêmica (BARBOSA, 2010, p. 51).

O jornalismo dos Pasquins era essencialmente apelativo. Os periódicos circulavam em panfletos, com pequena tiragem e curta duração e fixavam parâmetros de uma discursividade própria da imprensa que conclama a adesão pública a determinada causa ou atitude. Como vertente dessa postura, deriva um tipo de jornalismo que faz do ataque pessoal a mola-mestra de sua produção textual, com crítica explícitas à idoneidade de pessoas, com chacota, xingamentos e ofensas pessoais, sendo esta a característica mais contundente dessa imprensa chamada incendiária ou pasquineira. Entre os pasquins da época temos “O Crioulo”, “O Crioulinho”, “O Mulato”, “O Cabrito”, “O Homem de Cor”, traduzindo de alguma forma os problemas que surgiam como: a condição de classe e cor em relação aos africanos e seus descendentes (SODRÉ, 2011, p. 238). Segundo o autor, os pasquins não eram vendidos nas ruas, antes eram comprados nas tipografias ou em lojas de livros indicados, exemplares isolados ou por assinatura. O título se referia, geralmente, às pessoas, acontecimentos, coisa de interesse notório no momento ou guardava alusão a isso. Também não eram assinados,

guardava-se rigoroso anonimato. Para Sodré o papel do pasquim, na história da imprensa brasileira foi de inequívoca e fundamental importância.

De acordo com Barbosa (2010, p. 52), os pasquins têm fundamental importância por refletirem a marca da oralidade que se manifestava sob os “burburinhos de vozes”, onde as palavras se divulgavam aos gritos. Ainda que ecoadas pela boca dos grupos dominantes, essas falas, que são editadas pelos pasquins, possuem todos os índices do mundo da voz. O seu contexto de produção e de circulação, a forma como eram usadas e a variedade cultural desse contexto são culturalmente determinados. Por essa razão, a força da pena, no século XIX, está inexoravelmente ligada à força da voz.

Segundo a autora, as discussões intermináveis de um jornal contra o outro, construíam o teatro político do início do Império, fazendo parte de uma longa linhagem na qual um jornal se constitui em referência a outro. As palavras proferidas e impressas nos periódicos dos anos 1820-1830 também são destinadas aos próprios jornalistas. Há uma verdadeira guerra entre eles, na qual o debate das ideias se apresenta como insultos, desqualificações e difamações mútuas. A adesão do público a esses jornais que foram criados no início do século XIX, e que tiveram perenidade no cenário nacional, deve-se também a determinadas escolhas narrativas operadas por esses impressos que inserem no seu conteúdo não apenas a opinião virulenta, mas também os acontecimentos cotidianos, respondendo à demanda do público por informação.

Essa demanda é atendida por três ordens de textos: os do cotidiano, incluindo-se as descrições de crimes violentos, ou seja, informações daquilo que foge a uma ordem presumida de normalidade; as transcrições das sessões parlamentares, nas quais figuram com destaque os debates políticos em voga no momento; e os anúncios publicitários, nos quais, de fato, a demanda por novidades se manifesta de maneira mais evidente como os anúncios relacionados à fuga de escravos.

#### **4.1.2.3 Jornais republicanos e abolicionistas**

Durante muitos anos o jornal foi considerado palco fundamental para ampliação dos grandes embates dos acontecimentos sociais. Duas questões centrais foram alvo de discussões política e social, sendo amplamente divulgadas nos jornais: absolutismo e escravidão, república e abolicionismo.

Logo após a Independência do Brasil em 1822, os jornais iniciaram os debates em torno da questão republicana e do abolicionismo. Havia muita divergência quanto ao regime de governo do Brasil, havia até aqueles que se consideravam moderados aceitando a república, contudo que se mantivesse a escravidão. Entretanto, as duas questões eram impensáveis. Aderir à república implicaria na abolição dos escravos e manter o absolutismo era também manter o regime à época vigente. Escritores e pensadores escreviam nos jornais sobre a questão escravista. José do Patrocínio, admitido como redator da *Gazeta de Notícias*, em 1877, dois anos depois da fundação do jornal em 1875, por Ferreira de Araújo, foi personalidade importante e grande debatedor da questão. O jornal mantinha as discussões abolicionistas moderadas. Barbosa (2010, p. 112) afirma que foi neste jornal que José Patrocínio publicou artigos sobre os debates antiescravistas ocorridos na câmara. Mas como ocorria em outros jornais, também era possível encontrar nas suas páginas anúncios de aluguel, venda e fuga de escravos. Segundo a autora, era possível encontrar lado a lado nas páginas da *Gazeta*, artigos de Patrocínio contra o cativo e anúncios oferecendo vultosas quantias pela captura de escravos.

Na década de 1880, a *Gazeta* é superada na ação de defender os princípios abolicionistas por jornais mais agressivos como *O Abolicionista*, criado pela Sociedade Brasileira contra a Escravidão, presidida por Joaquim Nabuco. O jornal criticava a manutenção da escravidão, publicando em sua primeira página cartas de apoio de sociedades internacionais abolicionistas. Havia jornais republicanos como *A República*, dirigido inicialmente por Quintino Bocaiuva (1836-1912)<sup>113</sup>, fundado em 1870, e *O Paiz*, em 1884 que tinha como objetivo principal atacar a Monarquia. Apesar de criticarem o governo imperial, responsabilizando-o pela manutenção do cativo, os jornais não se declaravam abolicionistas (BARBOSA, 2010, p. 112). Um ano antes da extinção da escravidão no país, em 1887, José do Patrocínio lança o jornal abolicionista *Cidade do Rio*.

É necessário pensar a imprensa no Brasil de forma global. Classificar os jornais pelo viés de oficial ou oficioso de republicano ou absolutista é não levar em conta as diversas redes de ocorrências históricas que subjazem à publicação de um jornal no século XIX. A construção do Brasil como nação não é simplista, pois ao mesmo tempo em que denunciavam a opressão e perseguição a que os escravos sofriam, os mesmos jornais anunciavam escravos fugidos.

---

<sup>113</sup> Sodré (2011) afirma que Bocaiuva era formado em Direito em S. Paulo, tendo iniciado a atividade jornalística como tipógrafo e depois como revisor. Fundou com Ferreira Viana o jornal *A Honra*, abraçando a propaganda republicana que jamais abandonou. Dirigiu e orientou a campanha republicana com os jornais *A República* (1870-1874), *O Globo*, *O Cruzeiro* e *O Paiz*, desde 1885.

A relação entre os jornais e os escravos era mais complexa do que a simples análise da maneira como os periódicos abolicionistas defendiam sua causa. Mas o que importa para esta pesquisa é que os jornalistas com suas notas sobre os escravos deram visibilidade às imagens do cotidiano dos negros que eram escravizados no Brasil do século XIX.

#### 4.1.3 As mudanças no jornalismo do século XIX ao XXI

Os jornais, ao longo de todo período de existência no Brasil, registraram (e registram) as mudanças sociais e políticas do país. Ao analisarmos a constituição dos jornais, percebemos que tanto nos aspectos discursivos presentes no interior do jornal, quanto as técnicas de produzi-los, elas se modernizaram. Barbosa (2010, p. 117) esclarece que o aperfeiçoamento do sistema de transportes, o desenvolvimento das linhas férreas e a criação dos correios, que foi a principal forma de distribuição dos periódicos, permitiram a entrega regular das assinaturas.

Sodré (2011, 268) afirma que o período de 1830 a 1850 foi o grande momento da imprensa brasileira, pois se valeu da política para se manter sob as condições da época, embora não tenha tido avanço nas condições técnicas de produção. A introdução das caricaturas, inicialmente publicadas no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em 1837, ilustravam a corrupção política no período regencial. A invenção da fotografia<sup>114</sup>, na década de 1840, foi outro avanço que foi inserido nos jornais do Brasil, embora tardiamente, e possibilitou que as notícias não fossem apenas lidas, mas visualizadas.

Na primeira metade do século XIX, o período do segundo Império se consolida, e como a imprensa brasileira é o reflexo das transformações sociais da época, em 1836 os jornais ampliaram os assuntos de interesse público, como *O Colono Alemão*, voltado aos imigrantes e um jornal feminino o *Jornal das Senhoras* (1852), onde se publicavam sonetos, cartas de amor e moda. É nesse momento que os pasquins começam a sair de cena e a predominar o jornalismo mais conservador, exemplificado, principalmente, pelo *Jornal do Comércio*. Os jornais atraíam os leitores à publicação dos folhetins, que eram assinados por renomados escritores da época, como José de Alencar e Machado de Assis. Foi nesse período também que a questão abolicionista começava a aflorar nos jornais com ideias republicanas.

---

<sup>114</sup> A fotografia é o resultado da combinação de duas técnicas: a câmara escura e a fotossensibilidade. Em 1830 o francês Hercule Florence descobriu o processo fotográfico. Só na década de 1840 a fotografia é oficializada no Brasil por De Louis Compte, sendo considerado o primeiro país da América Latina a conhecer a nova técnica.

No início de 1874 é inaugurado o cabo telegráfico submarino que ligava o Brasil à Europa. Essa inovação permitiu que as agências Reuters e Havas instalassem filiais no país, propiciando que as informações internacionais fossem diariamente atualizadas. Tudo isso favoreceu o jornal a tornar-se um produto de consumo. Quatro anos depois, em 1878, a revista *O Besouro* do RJ, fundada por Rafael Bordalo Pinheiro, publica as primeiras fotos que retratam crianças vítimas da seca do Nordeste, na imprensa brasileira.

A partir dos anos 1880 cresce o número de tipografias no país e com isso os jornais mais importantes passam a melhorar suas técnicas de produção, introduzindo melhoramentos nas publicações e em suas oficinas com o intuito de produzir mais rápido e com melhor qualidade. Em 1892 são implantadas, no Brasil, as primeiras bancas de jornal e revistas, aumentando, com isso, a circulação dos periódicos. E, em 1907, o jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, passou a usar cores em suas publicações.

A evolução da imprensa, no início do século XX, acompanhou os progressos tecnológicos do mundo ocidental. Houve uma melhora nas técnicas de impressão, como a invenção da tinta de secagem rápida e a substituição do papel madeira por outro mais barato, permitindo assim o barateamento dos jornais. Além disso, novas impressoras foram inventadas, tais com a necessidade da elevação do grau de instrução dos jornalistas, a urbanização das cidades, o desenvolvimento dos transportes e a democratização da vida pública. Todas essas mudanças foram refletidas nos jornais.

Na República Velha (1889-1930) houve histórias marcadas por revoltas militares e civis, além de medidas de repressão à imprensa, como a Lei Adolfo Gordo (1923), que leva o nome do senador paulista autor do projeto. Naquele momento, a imprensa foi desafiada como fonte de informação com a introdução do rádio, feita por Edgard Roquette-Pinto, como fonte de informação barata. Inicialmente, as emissoras de rádio se limitaram a promover programas de entretenimento, para só depois veicular notícias. Paralelamente a isso, os jornais incorporam à redação máquinas de escrever, os linotipos<sup>115</sup>, para acelerar as tiragens e a qualidade das impressões. Ainda na primeira República foi criada, em 7 de abril de 1908, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI)<sup>116</sup>, órgão idealizado por Gustavo Lacerda, com o

---

<sup>115</sup> O linotipo é uma máquina inventada por Ottmar Mergenthaler, em 1886, na Alemanha, que só chegou ao Brasil no início do século XX. Os linotipos fundem em bloco, cada linha de caracteres tipográficos, semelhantemente ao da máquina de escrever. A partir dessa invenção as artes gráficas ganharam grande impulso até chegar aos sofisticados sistemas de fotocomposição dos nossos dias (SILVA, 1985, p. 29).

<sup>116</sup> Fonte: <http://www.abi.org.br/institucional/historia/>. Acesso em fevereiro de 2014.

objetivo de assegurar à classe jornalística os direitos assistenciais, um centro neutro que pudesse abrigar todos os trabalhadores da imprensa<sup>117</sup>.

Em 1924, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo compra *O Jornal*, no RJ, a partir do qual se constituem os Diários Associados, configurando-se como o primeiro conglomerado da história de mídia brasileira. Um ano depois, Irineu Marinho, dono do jornal carioca *A Noite*, lança o jornal *O Globo*. Depois de falecer, três semanas depois de fundar o jornal, seu filho Roberto assume a direção da empresa que anos depois de ampliar as formas de comunicação, se constituiria como a maior rede de TV do país.

Na Era Vargas (1930-1945) e nos Governos Militares (1964-1984) houve um cerceamento da liberdade de imprensa que afetou o desenvolvimento pleno da atividade jornalística no país. Mesmo assim, surgiram jornais com notável técnica editorial, como o *Diário Carioca* que, na década de 1950, elabora o primeiro manual de redação e estilo do Brasil com regras de redação jornalística. Em 1967, o *Cidade de Santos* torna-se o primeiro jornal a adotar o sistema *offset*, que permitia uma qualidade melhor nas impressões, em grandes tiragens. No final da década, em 1969, é publicado o Decreto-Lei 972 que regulamentava que o exercício da profissão de jornalista deveria ser exercido exclusivamente por quem fosse formado no curso superior de jornalismo.

A introdução do telégrafo na década de 1850 também propiciou uma maior rapidez na publicação das notícias. Para Barbosa (2010, p. 75), a introdução da nova tecnologia, que permitia certa compreensão do tempo, não significou a substituição total das notícias recebidas pelas fontes tradicionais, as de “última hora”. Dos navios que aportavam na corte, continuavam sendo recebidos os periódicos que reproduziam as informações, sobretudo, as notícias que ainda “corriam léguas”, pois um modo novo de comunicação não significa a extinção de um modo mais antigo.

Na década de 1980, a composição gráfica passa a ser feita em computador e se desenvolve a transição para a montagem de páginas gráficas usando-se softwares especializados (LAGE, 2006, p. 51). Em 1986, o *Diário Catarinense* torna-se o primeiro jornal informatizado da América Latina; dois anos depois, em 1988, a Constituição Federal assegura a liberdade de imprensa no Brasil.

---

<sup>117</sup> No programa de fundação da ABI, Lacerda manifesta reivindicações que só vêm à tona na Revolução de 1930. É da autoria dele a ideia de manter uma biblioteca aberta ao público para atender aos jornalistas, mas também ao público em geral, no caso, o povo do Rio de Janeiro. A Associação de Imprensa era vista como indesejável e muitos esforços foram empreendidos para vencer o descaso e a hostilidades de alguns. Naquele momento o meio jornalístico era visto por um grupo de malandros chefiados por um anarquista, no caso, Carlos Lacerda.

Na década de 1990, com o surgimento da internet, são introduzidas nos jornais as técnicas do jornalismo *on line* e em tempo real. Os computadores tornam-se eletrodomésticos de multiuso, abrindo a possibilidade da comunicação interativa.

Para Lage (2006, p. 52), na década de 2000 ocorre a crise dos impressos, pois a internet passou a universalizar a informação geral, ampliando o tráfego multipolar da informação e aqueles passaram a ficar em segundo plano.

Em suma, nos últimos 50 anos a informação no Brasil avançou mais que os 500 anos que a precederam. Mas a adaptação das técnicas produtivas a esses novos cenários não se deu de forma tão linear. O jornal impresso avança numa proporção menor que o jornalismo na internet, contudo é importante que variadas formas de informações estejam presentes numa sociedade democrática e com liberdade de expressão para que o leitor faça suas escolhas sobre em qual meio ele irá se manter informado.

## **4.2 A Imprensa em Pernambuco**

O primeiro folhetim que apareceu em Pernambuco foi impresso na Holanda, em 1647, de acordo com Schwarch (1987, p. 55). Nos primeiros anos do século XVII, várias tentativas foram feitas por particulares visando à fundação de tipografias, porém sem sucesso, pois todas elas sofriam a proibição do governo de Portugal, cujo rigor chegava ao extremo de recolher e enviar à Metrópole todo o material apreendido.

De fato, Sodré (2011, p. 37) confirma o pioneirismo dos holandeses em introduzir alguns elementos característicos da confecção e leitura de jornais. Mas à época isso ainda não pode ser considerado como início da imprensa. Mesmo com o desenvolvimento local que promoveram em Pernambuco no século XVII, os holandeses não se empenharam em trazer ao seu novo domínio a arte tipográfica. Na verdade, os esforços para impedir o advento da imprensa eram maiores do que implantá-la. Um exemplo disso foi a instalação de uma pequena tipografia para a impressão de letras de câmbio e orações devotas sob a direção do governador Francisco Castro Morais, no Recife, porém a Carta Régia de 8 de junho de 1706 acabou com a tentativa de implantação. Essa iniciativa pioneira não teve nenhuma função efetiva, e nem a suspensão de suas atividades despertou a atenção das pessoas. Tentativa semelhante teve o governador Gomes Freire de implantar uma tipografia no Rio de Janeiro

em 1746, sendo também abafada pela metrópole para não propagar ideias que poderiam ser contrárias ao interesse do Estado.

Na segunda metade do século XIX, quando a imprensa se desenvolveu politicamente, como afirma Sodré (2011, p. 187), isso não se configurou como um desenvolvimento técnico, como a melhoria na impressão, distribuição e circulação. Alguns jornais e periódicos circularam no Recife no século XIX como o *Aurora Pernambucana*, em 27 de março de 1821, orientado pelo governador Luís do Rego. Era dirigido e redigido por seu genro e secretário Rodrigo da Fonseca Magalhães. A orientação política desse jornal era defender junto ao público a causa do rei e da nação, mas em menos de seis meses fora fechado.

Entre 25 de julho a 1 de outubro de 1822 circulou o quinzenário o *Maribondo*, redigido pelo padre José Marinho Falcão Padilha, sob o pseudônimo de Manuel Paulo Quintela. O jornal era nativista, posição expressa nos seus textos. Quando caiu a junta presidida por Gervásio Pires Ferreira, o jornal deixou de circular na província.

A *Gazeta Pernambucana* foi um periódico dirigido por Venâncio Henriques de Rezende<sup>118</sup> e Cipriano Barata. Segundo Sodré (2011, p. 119), quando a *Gazeta Pernambucana* começou a circular em 14 de setembro de 1822, não se sabia, no Recife, sobre a Proclamação da Independência, mas participar dos embates políticos não era o objetivo do jornal. A intenção de Manuel Clemente Cavalcanti de Albuquerque, sócio da única tipografia da cidade, era apenas informar. Contudo, a partir do quarto número, em 9/11/1822, o periódico passou a ser conduzido pelo padre Venâncio Henrique de Rezende e as ideias veiculadas mergulharam em controvérsias gerais e locais. O padre foi convocado para a constituinte e foi substituído por Cipriano Barata que foi preso, então, restou a Manuel Cavalcanti a obrigação de redator, colocando o jornal a serviço da causa do governo. Depois da dissolução da constituinte, os revolucionários da Confederação do Equador confiscaram-lhe a oficina sob pretexto de dívidas, mas o jornal já estava imerso no aulicismo e degradingou até desaparecer em 12 de abril de 1824, quando foi suspensa a sua circulação.

Após a dissolução da Assembleia Constituinte, a comissão de legislação deu parecer favorável à liberdade de imprensa, através do decreto de 22 de novembro de 1823, mas este era letra morta na Corte, com o desenvolvimento dos acontecimentos. No entanto, em

---

<sup>118</sup> Padre Venâncio era revolucionário de 1817, contudo, fora acusado de republicano, o que lhe dificultou a posse na constituinte. Reconhecido o seu mandato, manteve a posição liberal; assumiu a função de padre e voltou à liberdade dos cultos. Após a dissolução da Assembleia, retornou ao Recife, participou da confederação do Equador e com isso fugiu para o estrangeiro, regressando em 1829; representou quatro vezes a província de Pernambuco na Assembleia Geral. Depois do Golpe da Maioridade, acabou conservador. Por isso, os pernambucanos deixaram de escolhê-lo para qualquer mandato popular, permitindo que vegetasse até o fim da vida, velho e pobre (SODRÉ, 2011, p.121).

Pernambuco, que conhecia a imprensa desde 1817, no dia 25 de dezembro de 1823, o frei Caneca<sup>119</sup> lançava o primeiro número do *Tifis Pernambucano*, que pregava a união para a defesa da Independência e da liberdade; combatia a cúpula da Igreja em Olinda, cujos membros, segundo ele, estimulavam a servidão e o despotismo. O jornal circulou de 25 de dezembro de 1823 a 5 de agosto de 1824. O Frei tinha como adversário José Fernandes Gama, da *Aurora Pernambucana*.

Em 1831, apareceria *A Bússola da Liberdade*, dirigida pelo padre João Barbosa Cordeiro, se configurando como órgão da esquerda liberal, caracterizado pela linguagem virulenta, mas só circulou por três anos. Entre 1831 e 1832 circularam no Recife algumas edições das *Sentinelas* de Cipriano Barata e o jornal *O Olindense*, que se dizia político e literário.

Vamos agora nos ater aos dois importantes jornais do século XIX que serviram de material de pesquisa para as análises sobre os anúncios de fuga de escravos, o *Diario de Pernambuco* e o *Diario Novo*.

#### 4.2.1 O *Diario de Pernambuco*<sup>120</sup>

Os jornais são produtos sociais frutos das necessidades do mundo capitalista, pois além de fazerem circular a informação, são responsáveis por apresentarem ao público as notícias e novidades sobre produtos a serem conhecidos e desejados. Em 7 de novembro de 1825 o *Diario de Pernambuco* – DP – iniciou suas atividades, capitaneadas pelo tipógrafo Antonino Jose de Miranda Falcão, com o formato 24 ½ x 19 centímetros, como simples “folhas de anúncios” as quais se pagavam 40 réis por exemplar.

Na época da fundação do jornal *Diario de Pernambuco*, Olinda era a capital da província, e não o Recife, que só assumiu esse posto em 15/02/1827. Muitos acontecimentos importantes marcaram aquele ano no Recife como o fuzilamento de Frei Caneca, fundação do Liceu Provincial e a criação do primeiro corpo da Polícia Militar. A Presidência da província

<sup>119</sup> O Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu no Recife em 1779, filho de Domingos da Silva Rabelo e Francisca Maria Alexandrina de Siqueira. O apelido Caneca foi dado à profissão de seu pai que era dono de uma oficina de tanoeiro. Ordenou-se em 1799, aos 20 anos, tendo se dedicado ao ensino. Aos 38 anos, envolve-se na Revolução Pernambucana de 1817 e foi um dos cabeças da Confederação do Equador. O Frei foi desautorizado das ordens religiosas e condenado à morte; em 15 de fevereiro de 1825 no Recife, foi fuzilado no forte das Cinco Pontas. Para Sodré (2011, p. 149), Frei Caneca permanece como uma das mais gloriosas figuras da imprensa brasileira.

<sup>120</sup> Pessoa (2006) já realizou um estudo mais sistemático sobre os textos e a linguagem veiculados no primeiro número do DP, que reproduzimos, em parte, aqui.

era exercida pelo prócer mineiro José Carlos Mayrink da Silva Ferrão (NASCIMENTO, 1968, p. 21).

As análises de Pessoa (2006, p. 103) sobre o primeiro número do DP já apontavam na *introdução* que seria um “Diario de anúncios”, acolhendo anúncios de diversas naturezas: anúncios de fugas e apreensões de escravos, achados e perdidos, além de serviços oferecidos à população<sup>121</sup> mais abastada do Recife. Aos anúncios acrescentar-se-iam as notícias, comentários sobre as ordens do Império de Pedro II, já que o jornal defendia as posições conservadoras. Muitos acontecimentos históricos foram publicados ou reproduzidos em suas páginas. Na edição 43, de 31 de dezembro de 1825, por exemplo, foi reproduzida a carta escrita por D. João VI, datada em 15 de novembro, com a nomeação de seu filho, D. Pedro I, como o Imperador do Brasil. A carta-documento declarava a Independência do Brasil em relação a Portugal e estabelecia as leis regulamentando as propriedades das terras brasileiras.

As TDs apontadas por Pessoa no jornal são: *introdução* (1), *annuncios* (17), *informes sobre movimentações portuárias* (12) e *avizo* (1). Em quase todas as TDs presentes no DP há certas características linguísticas, tais como: *períodos longos, separação entre verbo e seu objeto, inversão na ordem das orações, modalizações imperativas, empregos de clíticos, estilo paratático e uso de certos anafóricos*, etc. Vejamos a primeira página:

---

<sup>121</sup> Informações extraídas do: <<<http://www.dpnet.com.br/cedoc/historia.shtml>>> Acesso em: 20/08/13 às 21h08.

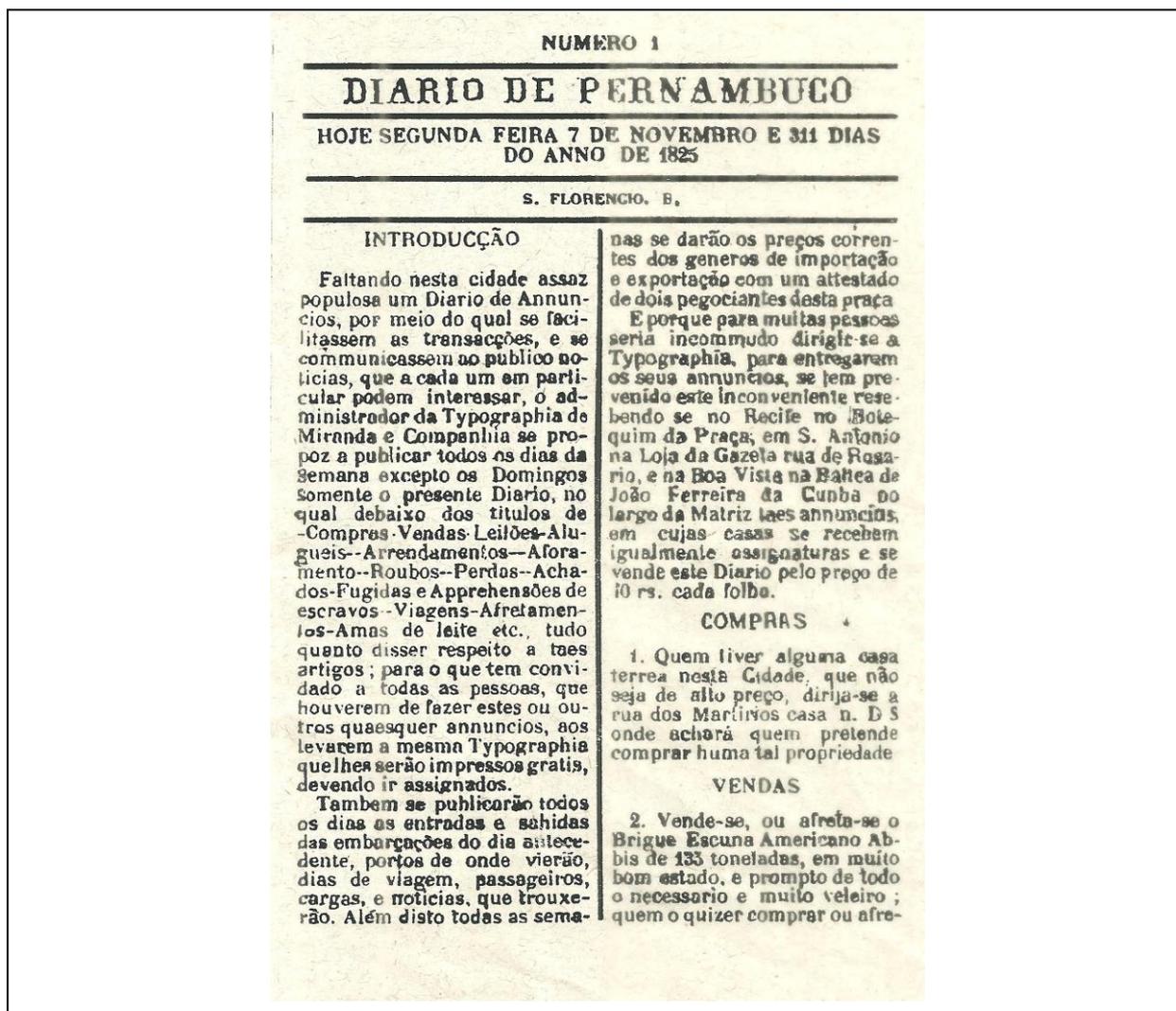


Figura 8: Capa do DP nº. 1 (7/11/1825).

Já na primeira publicação do DP havia uma “seção” intitulada “roubos” onde se leem duas notícias: a fuga de um escravo e a do furto de um burro. Essas notícias apontam para duas considerações: a primeira delas é a ausência de divisão de assuntos atinentes à mesma temática e a segunda é a confirmação de que o escravo era concebido como “coisa, que podia ser vendido ou alugado da mesma forma que se fazia a um animal. À época, os animais de montaria como os cavalos e os burros eram valiosos por servirem de meio de transporte principalmente às pessoas. Vejamos os anúncios:

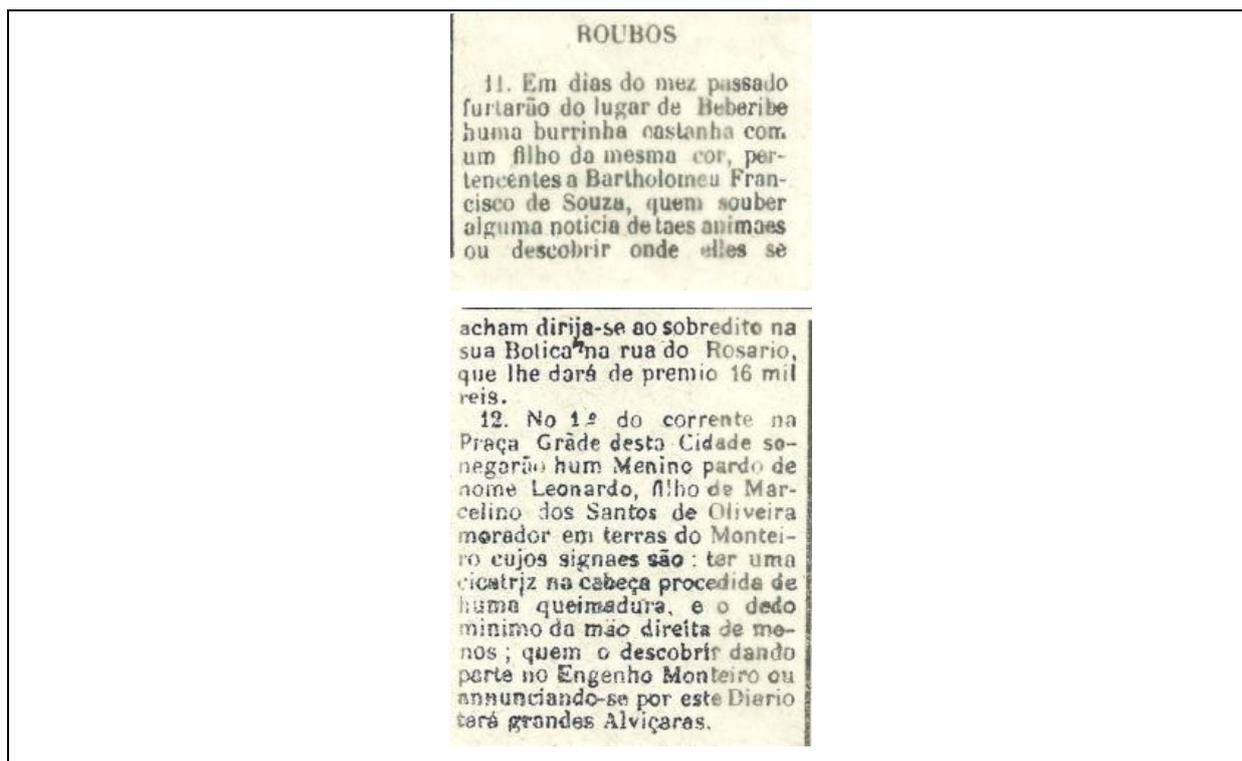


Figura 9: Seção “Roubos” do DP n. 1 (1825)

Desde o primeiro anúncio referente à fuga de escravo publicado no jornal impresso, são apresentadas as partes que formam a TD, e a cada uma delas certos elementos já se mostravam fortemente fixados<sup>122</sup> como a data da fuga, o local, o nome do escravo, na introdução; os sinais do negro em fuga, no desenvolvimento; e a recompensa configurada pelo léxico arcaizado “alviçaras”, no fechamento.

Nascimento (1968) afirma que no ano de fundação do DP havia no Recife 66 jornais de circulação semanal ou bissemanal de todos os feitios e de diferentes orientações e características, por isso o periódico foi considerado por Freyre (2010, p. 46) o jornal ideal para os estudos de antropologia física e sociocultural.

Os recursos gráficos (itálicos, letras maiúsculas, palavras soltas, como espécies de títulos sintéticos, por exemplo), podiam indicar, muitas vezes, a mudança de assunto, a inclusão de um destaque ou mesmo a divisão de seções para cada parte do jornal, como afirma Barbosa (2010).

O primeiro número do DP foi publicado numa segunda-feira 7 de novembro de 1825, com apenas 4 páginas, divididas em 8 colunas. A *Introdução* pode ser considerada como o

<sup>122</sup> No item 4.1.2.1 “Estrutura do anúncio de fuga de escravo”, retomaremos os aspectos macroestruturais desse tipo de anúncio.

editorial dos jornais atuais; nela há explicações sobre a necessidade de um veículo que facilitasse as transações entre o público e a quem pudesse interessar. O Diário se ocuparia de compras, vendas, leilões, aluguéis, arredamentos, aforamento, roubos, perdas, achados, viagens, amas-de-leite e fugidas e apreensões de escravos. Além disso, o jornal informaria as entradas e saídas de embarcações. Numa época em que as estradas eram precárias, os navios transportavam todos os produtos que entravam e saíam das províncias, as notícias dessa natureza interessavam a todos os comerciantes como também à população em geral.

No início do século XX, 1901, o jornal já tinha quatro páginas dedicadas às notícias sobre as embarcações, outras vindas do interior ou exterior, e várias colunas de propagandas de diversos produtos como remédios, alimentos, aulas particulares, etc., consolidando, dessa maneira, o gênero “anúncio”. Naquela época, o jornal já era controlado pelo poder estatal representado pelo vice-presidente da República, Rosa e Silva.

É claro que para se manter em circulação até os dias atuais, o DP precisou acompanhar as mudanças tecnológicas e sociais, aplicando novas técnicas de confecção do jornal impresso, mudando o design gráfico e abordando as notícias de outra forma. Além disso, o jornal faz uso de diversas tecnologias na produção de informação e entretenimento, com inovação no layout com o recurso de cores, fotos e infográficos para realçar as notícias da mídia impressa e de programas especializados para o acesso do jornal pelos computadores e celulares.

Vejamos a capa do jornal em 2015 (séc. XXI):



Figura 10: DP impresso séc. XXI (10/01/2015).

Atualmente, o DP é publicado em duas grandes mídias: o impresso e o digital. O impresso tem em sua estrutura geral de capa: o nome do jornal, a data e a manchete que está diretamente relacionada ao assunto mais importante daquele dia. As seções são diagramadas

em colunas, textos, infográficos e fotos legendadas. As seções fixas<sup>123</sup> estão localizadas nas folhas internas e são divididas por assuntos de interesse geral: “Política”, “Brasil”, “Mundo”, “Economia”, “Superesporte”, “Vida Urbana”<sup>124</sup>, “Viver”, “Últimas” e “Opinião”. Cada dia da semana veicula um Caderno Complementar, com assuntos de interesses para público específico: “Aurora”, “Admite-se”, “Entrevista”, “Informática”, “Vrum”, “Lugar Certo”, “Diarinho” e “Gastrô”.

A versão digital do DP procura atender a um novo público que busca informações instantâneas, dinâmicas e de forma interativa. Por ser o resultado da convergência entre diferentes modos de informação, o jornal *on-line* opera com recursos de hipertexto, interfaces de gêneros, base de dados e vídeos, o que propicia a dinamicidade das informações.

Com a mídia digital, o jornal democratizou o acesso à notícia, mas este acesso é restrito e ainda está aquém de muitos leitores no Brasil, devido às dificuldades financeiras de muitas cidades e dificuldades de acesso a regiões sem planejamento estratégico de uma tecnologia voltada à informação. O leitor da internet é mais seletivo que aquele do jornal impresso. Os recursos gráficos, o colorido, os enquadramentos das imagens e a disposição dos gêneros na tela tornam o jornal mais lúdico e interativo.

Este exemplo do DP *on line* foi veiculado no mesmo dia daquele impresso:

---

<sup>123</sup> No tópico 4.1.1 vamos abordar a classificação de Bonini (2011) sobre as seções fixas e variáveis nos jornais.

<sup>124</sup> No DP os anúncios sobre os casos policiais aparecem no caderno “Vida Urbana”, que foi submetido à análise por um período de tempo, em 2014, mas não foram encontrados *anúncios de procurados e/ou foragidos* para que estabelecêssemos a comparação entre estes e os anúncios de escravos.



Figura 11: DP digital séc. XXI<sup>125</sup> (10/01/2015).

Lage (2006a) afirma que o futuro da notícia ficará mais bem representada através da reportagem que tem por matéria prima a informação constante, deixando a cargo da sociedade-leitor ou espectador o direito de avaliar a informação segundo o seu próprio repertório, independente do formato ou conteúdo.

Numa análise diacrônica do gênero notícia, é fácil reconhecer a transformação que o gênero passou desde a sua entrada nos jornais na ocasião da implantação da imprensa no Brasil até os dias atuais. As notícias de hoje têm o poder de agendamento e são publicadas tanto em caráter geral, nos jornais, como em cadernos específicos a depender do assunto. A tipologia textual das notícias no século XIX era predominantemente narrativa e descritiva, tendo como finalidade dizer a verdade, de acordo com a ordem dos acontecimentos, ao contrário das notícias do século XXI que se centram nos aspectos argumentativos.

<sup>125</sup> Fonte disponível em <<http://www.diariodepernambuco.com.br/>>> Acessada em 10/01/2015.

#### 4.2.2 O Diario Novo

O DN foi um importante jornal que iniciou as suas atividades n Recife no dia 01 de agosto de 1842, sediado na Rua da Praia, fundado por Luis Inácio Ribeiro Roma e João Batista de Sá, líderes dos praieiros<sup>126</sup>, partido político liberal e republicano, que tinha as suas ideias revolucionárias divulgadas pelo jornal. O nome do jornal fazia oposição ao DP, que era chamado pelos líderes da Praia de *diario velho*, pois este representava a “voz” das famílias Cavalcanti e Rego Barros que concentravam o poder econômico em Pernambuco (FRAGA, 2008, p. 31). Além disso, o nome do movimento é um atestado de reconhecimento do relevante papel que cumpria a imprensa junto aos rebeldes.

Além de divulgar as ideias do movimento revolucionário, o DN fazia oposição direta ao DP, e sobre o seu diretor-proprietário, como podemos observar nesse comunicado:

O Diario de Pernambuco exerce o mais pesado monopólio; só em campo, sem concorrente que o contrarie, ele zomba da paciência humana, vendendo gatos por lebres; ideias errôneas e inexatas, princípios falsos ou do tempo do Cordial Retez, exortações fraternas do tempo do capitão Onça!...

O objetivo do DN era fazer oposição sistemática ao Presidente da província, Francisco do Rego Barros, o Barão da Boa Vista, e ao gabinete ministerial que o sustentava. Além disso, contrastava com os ideais do Diario de Pernambuco, que atendia ao governo da época. Sua matéria principal, além do editorial e sueltos, era distribuída da seguinte maneira: Exterior; Comunicados; Correspondências; Reuniões parlamentares; Teatro; Poesias (raramente); Variedades; Avisos Diversos e anúncios em poucas linhas, e metade de uma coluna dedicada a escravos fugidos. O exemplar saía com quatro páginas, sendo que esporadicamente, saía com seis. Cobrava-se cerca de 80 réis por linha nos anúncios de não assinantes. Logo depois da fundação, João Batista de Sá deixou a redação do jornal e o DN tornou-se órgão do Partido Liberal.

O DN era formatado da seguinte maneira: sob o cabeçalho, em toda a largura (formato de 28 x 21), seguia as informações úteis, como Correios e Telégrafos, Cambio, Descontos,

---

<sup>126</sup> Fraga (2008, p. 30) em *A Praieira em jornais do século XIX - constituição discursiva e identidades sociais*, na tese de doutoramento, afirma que os praieiros tinham o poder da palavra materializada pelas ideias do movimento que eram disseminadas pelo jornal. Os praieiros eram “antilusitanos, pregavam o voto livre, a liberdade de imprensa, o trabalho com garantia de vida para os brasileiros, o comércio a retalho para os brasileiros, a extinção do poder moderador etc.”.

Dias da Semana, vinha a advertência: “O Diarrio Novo publica-se todos os dias que não forem de guarda e para ele subscreve-se na Tip. Imparcial, da Rua da Praia, D-11, e na loja de livros da Rua do Colégio, D-7”.

Em 1848 o jornal ainda publicava os Atos Oficiais, embora tivesse perdido em anos anteriores a concessão disso, intensificando-se a polêmica, só interrompida com o DP, que reassumiu sua velha posição de órgão oficial. Em 7 de novembro inicia-se a Revolução Praieira. Com isso, o DN tornou-se imediatamente órgão oficial das forças rebeldes, divulgando proclamações e manifestos, noticiando a marcha da luta e comentando as informações dadas pelos jornais governistas, taxando-as de mentirosas e desferindo ataques contra Herculano Ferreira Pena, que assumira a Presidência da Província no mês anterior (NASCIMENTO, 1966, p. 39).

Sodré (2011, p. 224) também confirma que o DN foi um dos mais significativos e dignificantes exemplos que a historiografia da imprensa brasileira já registrou contra a opressão e o cerceamento da liberdade de imprensa, pois o jornal refletiu os traços gerais da época, expondo à população a situação da província.

Portanto, o DN mesmo tendo uma orientação política revolucionária e republicana, seu discurso, quando anunciava os escravos em suas páginas, legitimava a situação mais vergonhosa que o Brasil já vivenciou em toda a sua história que foi a escravidão de negros africanos.

### **4.3 Inserção do escravo no anúncio de jornal**

Os escravos foram introduzidos nos jornais brasileiros como indivíduos passivos diante da situação a que eram subjugados. Dessa forma podiam servir de mercadoria a ser vendidos, alugados, trocados e permutados. Para entender a circulação desse tipo de anúncio, é necessário mergulhar no contexto que favoreceu o surgimento desse gênero. Para isso, é necessário discorrer sobre alguns dados históricos em que se contextualizem as condições de produção, pois só assim estaremos incorporando às análises a contribuição histórica nos aspectos da língua.

O início de circulação dos anúncios se deu com a implantação da imprensa no Brasil até o período que antecedeu a Abolição da escravatura em 1888. É importante salientar que foi no jornal que o anúncio de escravos foi introduzido, ampliado, estabilizado e extinto (na

sua forma *per se*), tendo sofrido algumas mudanças registradas nos jornais no século XIX. Quando as proibições do tráfico ficaram mais intensas e as notícias referentes ao escravo em fuga não podiam mais ser veiculados, os anunciantes usaram de várias estratégias para camuflá-las nos jornais, como sombrear o título da seção que tratava da fuga (Cf. Anexo 3)<sup>127</sup>. Assim que foi decretado o fim da escravidão, os jornais continuaram a publicar anúncios de escravos, principalmente os de “precisa-se”, mas aqueles relacionados à fuga desapareceram completamente. Dessa maneira, outros gêneros procuraram suprir o espaço do jornal como os anúncios de procurados.

Desde a implantação da imprensa no Brasil e durante quase todo o século XIX, os anúncios de escravos foram recorrentes nos jornais de diversas orientações. Em Pernambuco, anunciavam-se os escravos em diversas situações comerciais devido aos diversos papéis sociais e econômicos exercidos por eles: escravos canoieiros, pajens, vendedores de frutas, vendedores de água, cozinheiros (as), lavadeiras, engomadeiras, quitadeiras, sapateiros, pedreiros, pescadores, barbeiros, padeiros, pedreiros, amas-de-leite, amas-secas, trepador de coqueiro dentre outras. Todos esses ofícios apareciam nos anúncios de escravos, e os cativos eram mais valorizados pelos inúmeros trabalhos que desempenhavam.

Os escravos não tinham vez e muito menos voz; ao contrário, a voz dos cativos era silenciada pela condição desumana a que eram submetidos e em serem considerados propriedade e coisa<sup>128</sup>. Na verdade, o escravo vivia a dualidade de ao mesmo tempo ser considerado “coisa” e “pessoa”; como “coisa” podia ser vendido, alugado, permutado, contrair dívidas e obrigações; na condição de pessoa não podia agir em prol dos seus direitos, não reclamava, não testemunhava em juízo, não contratava e não exercia tutela. O escravo só adquiria valor social quando revertia para o dono algum dinheiro como “negro de ganho” ou “escravo de ganho”. Muitas vezes, era trabalhando na rua que o escravo pagava pela sua liberdade, além de sustentar o dono quando este beirava a falência.

Gilberto Freyre foi pioneiro em se debruçar sobre os anúncios de escravos nos jornais do Rio de Janeiro e de Pernambuco. Em sua obra sobre *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, publicado inicialmente em 1963, o autor reconstrói os tipos de

<sup>127</sup> No Anexo 3 encontra-se algumas imagens de títulos da seção referente à fuga de escravos. As imagens borradas e com a legibilidade comprometida poderia ser considerada uma falha tipográfica, se tais títulos não estivessem ao lado de textos com letra de fôrma e boa legibilidade. Isso parece uma tentativa de camuflar o assunto no jornal referente às fugas.

<sup>128</sup> A tese de Ana Josefina Ferrari da UNICAMP/ SP, 2001, procura aliar a Semântica do Acontecimento com a Análise do discurso para investigar os anúncios de fuga de escravos nos jornais de Campinas entre 1870 a 1880. A autora defende que é através da voz do dono que se forma uma imagem pública e singular do escravo na sociedade de Campinas na segunda metade do século XIX. O dono, ao reclamar do escravo nos jornais, cria diferentes processos discursivos e enunciativos em relação ao que denomina e descreve.

negros que viviam no país, as nações a que pertenciam a partir dos traços físicos, analisa as tatuagens e os costumes da época. Além disso, o autor argumenta que é possível, através dos anúncios, identificar a origem do escravo, os hábitos alimentares, como se vestiam, como se comportavam, os defeitos físicos e morais, os vícios, os ofícios quando os tinham, os sinais de castigos e maus tratos, as deformações físicas e as enfermidades causadas pela escravidão<sup>129</sup>, informações que são realmente comprovados com as análises dos dados<sup>130</sup>.

Por isso, Freyre propõe uma nova ciência, a “anunciologia”, como forma de valorizar o anúncio de jornal como fonte histórica e antropológica da mais exata, idônea e confiável (FREYRE, 2010), uma vez que eles podem ser considerados fotografias inquestionáveis e definidoras do período, caracterizando a população negra em si, pois partem de características particulares, como as características físicas e específicas do negro, para hipóteses mais gerais relacionadas à raça, como atesta Schwarcz (1987, p. 137).

Os anúncios de escravos circulavam em contextos favoráveis, pois o Brasil oitocentista tinha um contingente de escravos maior do que de europeus e índios. Além disso, a dependência da mão-de-obra escrava, especialmente nas regiões como Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Pernambuco, os faziam parte do cenário urbano e rural.

A viabilidade e legitimação do discurso escravista podem ser atestadas no momento em que o jornal era comprado porque, na concepção de Maingueneau (2011, p. 40), a compra de um jornal subtende a aceitação do que está sendo proferido por ele. Para analisá-los, é necessário verificar em seu interior as operações textuais ali presentes, descortinando as expressões que se referem ao negro e aos componentes fixos e variáveis que compõem as TDs do anúncio de fuga de escravos. Vários gêneros relacionados aos escravos eram convocados quando um anúncio de fuga era publicado, pois mesmo que não viesse intitulado “escravo fugido”, o discurso era facilmente reconhecido.

Atualmente, apesar de novas mídias circularem na sociedade, o jornalismo impresso ainda se configura como um veículo de propagação de várias ideologias, de acordo com Pessoa (2003). Assim, os anúncios de jornal se revelam documentos legítimos para analisarmos a história social e os aspectos de mudança linguística do português do Brasil, pois mostram ao leitor os interesses presentes num dado momento da história.

---

<sup>129</sup> A pesquisa de Bastos (2007) *O léxico dos anúncios de escravos nos jornais do Recife do século XIX (1853-1855)* confirma a importância do estudo dos anúncios de escravos no jornal como forma de resgatar nos jornais os textos históricos como fonte legítima para a análise da língua.

<sup>130</sup> No apêndice 1 estão descritas algumas formas que caracterizavam os escravos: olhos, boca, dentes, cor, formas de andar, falar etc.

As notícias referentes ao escravo em fuga tinham uma seção destinada a esse fim, mas eles apareciam também em várias partes no jornal, inseridos em diversos espaços, ganhando contornos de outros gêneros, como as notas, os avisos e as declarações. Vamos primeiramente definir os três gêneros em que a notícia da fuga de escravos apareceria: o anúncio, o aviso e a notícia.

#### 4.4 Definições de anúncio, aviso e notícia

Como já afirmamos, as notícias referentes à fuga de escravos eram publicadas através de vários gêneros no jornal, mas eram nos anúncios, avisos e notícias onde o conteúdo era mais rotineiramente encontrado<sup>131</sup>.

Os jornais brasileiros do século XIX eram caracterizados por não serem rígidos na forma de apresentar os assuntos e nem subdividirem assuntos específicos em cadernos como os vemos hoje em dia. Ao lado das informações de interesse mais geral, como os atos promulgados pelo governo, as festas populares e a chegada e saída das embarcações, publicavam-se assuntos de interesse mais particular como as desavenças entre vizinhos. Ainda no mesmo século, são ensaiadas tentativas de organização temática, o que de fato comprovamos com as análises das seções dos exemplares do DP publicados em 1853.

As notícias sobre a fuga de escravos ficavam quase sempre situadas na última página, sendo intituladas de várias maneiras: “fugidas de escravos” ou “escravos fugidos”. Além do título principal, havia os subtítulos: “anúncios”, “avisos particulares”, “avisos diversos”, “avisos”, “declarações”, “atenção” e o valor da gratificação que cumpria muitas vezes a função de título. As amostras revelam que em um mesmo anúncio havia três títulos diferentes que funcionavam como identificadores do texto: o valor da gratificação, o teor do anúncio e o título da seção:



Figura 12: Título do anúncio de fuga de escravo (DP: 21/08/1875).

<sup>131</sup> Tengarrinha (1965, p. 200) afirma que o primeiro periódico português a inserir um *anúncio* ou *aviso*, como então era denominado esse tipo de texto, foi a Gazeta de Lisboa de 31 de Agosto de 1715.

Há também nos anúncios aqueles em que o texto só é compreensível se relacionarmos título e texto. Sobre isso, Pessoa (2003, p. 241) esclarece a importância dos títulos de certos anúncios. Os títulos são algumas vezes partes estruturais do texto, “diferindo da mera sobreposição, como é a característica normal de todos os títulos”.

Apesar de ter uma diversidade de títulos, o teor do texto não sofria alterações, por se referir à fuga, sendo estes quase sempre compostos de abertura, desenvolvimento e fechamento. Essa pluralidade de formas de anunciar o escravo em fuga é uma evidência que atesta a base comum que deu origem a esses textos e, por isso, eles se assemelham e compartilham quase sempre das mesmas TDs. Vejamos outro exemplo sobre a importância do título nos anúncios:



**50\$000  
DE GRATIFICAÇÃO**

a quem pegar o escravo Florencio, pardo claro, de 17 annos, cabello carapinho, olhos pretos, orelhas grandes sendo uma um pouco em pé, trajando chapéu de feltro pardo, camisa de riscadinho azul, calça e jaqueta de brim pardo desbotado, sem boço algum. Recomenda-se a policia, aos senhores de engenhos, aos capitães de campo e [...] a apprehensão do referido escravo. Protesta-se contra quem acoiatar preceder com todo o rigor da lei. Consta andar ou ter andado o [...] escravo no bairro do Recife, rua dos Guararapes . Está foragido desde o dia 28 do mez proximo passado. Pode ser entregue na rua das Cruzes n. 35 ou na travessa de Varas n. 15.

Figura 13: Anúncio de fuga de escravo (DP, 11/05/1868).

Nesse anúncio, se ignorássemos o título, o texto não ficaria bem estruturado, por isso esse elemento é fundamental para a compreensão do conteúdo.

Diante dessa falta de regularidade nos títulos dos anúncios, achamos válido fazer a definição dos avisos, notícias e anúncios para identificarmos as características presentes nesses gêneros, em que eles se assemelham e em que se diferem. Assim, apresentamos as definições de Silva (1877) por acreditarmos que elas são as mais próximas do sentido em que esses gêneros foram publicados no século XIX.

GÊNERO	DEFINIÇÕES
<b>Anúncio</b>	<b>Annúncio</b> , s.m. (do lat. <i>ad</i> , a, e <i>nuntium</i> , nova, notícia). Notícia, nova que se dá, ou se publica. [...] “ <i>annuncios</i> tristes” § (*Nos periodicos, pequeno artigo n’uma secção especial contendo indicações de generos á venda, leilões, espectaculos, pedidos diversos, etc.) § Prognostico, predicção, revelação. § V. Aviso, <i>syn</i> (SILVA, 1877, p. 132).
<b>Aviso</b>	(Aviso, Annuncio. <i>Syn.</i> ): São duas palavras muito usadas em nossos diarios e periodicos, e que por ventura se confundem, mas que entre si differem. A 1. <sup>a</sup> é noticia dada a alguém sobre cousa que lhe interessa, e muitas vezes é proveniente de auctoridade publica em materia administrativa. <i>Annuncio</i> é noticia, ou nova que se dá, não a pessoas determinadas, mas sim ao publico. Os juizes, os magistrados, etc. mandam pòr avisos nos papeis publicos; os mercadores, artistas, editores de livros, etc. mandam fazer <i>annuncios</i> de suas fazendas, e obras. Só em folhas volantes se lêem os <i>avisos</i> ; as esquinas estão cheias de <i>annuncios</i> (SILVA, 1877, p. 235).
<b>Notícia</b>	<b>Noticia</b> , s. f. (do lat. <i>notitia</i> ) Informação, conhecimento: v. g. noticia ao publico; não tenho noticia d’isso. § Erudição, leitura, instrução: v. g. homem que tem muita noticia. § Nova, novidade: v. g. deu-me a noticia; inculca. Dobrarem, cresceram as - repetirem-se, adquirindo mais probabilidades (SILVA, 1877, p. 354).

Quadro 4: Definições dos gêneros aviso, notícia e anúncio, segundo Silva (1877).

Para Silva (1877), o *anúncio* corresponde a duas funções: à notícia que se publica nos periódicos e aos anúncios que fazem circular uma informação sobre vendas, leilões, espetáculos e pedidos diversos, relacionando esse sentido à promoção de um produto ou serviço, sendo utilizado pelos mercadores, os artistas, os editores de livros etc., que mandam fazer *annuncios* de suas fazendas e obras e os expõem nas “esquinas”. Já o *aviso* é notícia destinada ao público, proveniente de autoridade pública como juízes e magistrados que mandam publicar avisos nos papéis públicos, estando ligado mais diretamente à esfera administrativa e às “folhas volantes”. Silva acrescenta que os anúncios e os avisos são palavras muito usadas nos diários e periódicos, ligando-os, dessa maneira, à imprensa.

Os dois gêneros, então, carregam sinonímias que vão ao encontro da finalidade de anunciar<sup>132</sup>, de tornar público o escravo que fugia e, dessa maneira, se assemelham a outro

<sup>132</sup> Tengarrinha (1965) em sua análise do jornal Gazeta de Lisboa não esclarece a distinção entre anúncios e avisos, considerando-os como sinônimos.

gênero a *notícia*, que era frequentemente encontrada nos jornais do século XIX, sendo definida por Silva (1877) como informação e conhecimento, ligando-a à esfera pública<sup>133</sup>. Assim sendo, temos um cruzamento de referentes comum às definições dos três gêneros: revelação, novidade e público.

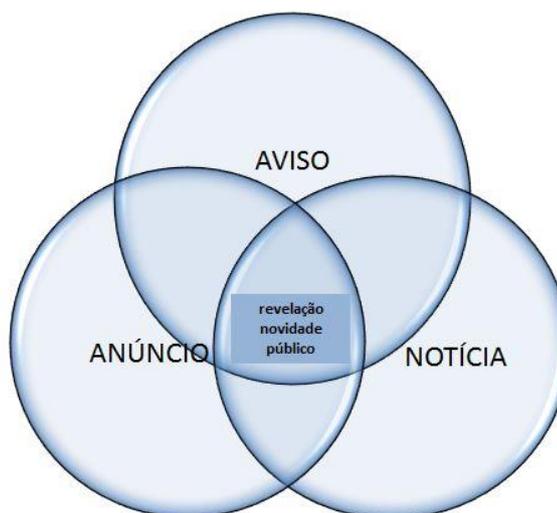


Figura 14: Referentes conceituais congêneres.

Segundo Koch (1997), a notícia vem desde a Roma Antiga, tendo sido originária na cópia das cartas ou relatórios, e com os panfletos italianos, assim como os avisos, gêneros que se popularizaram com o advento da imprensa no final do século XV. Koch esclarece que os primeiros panfletos originaram a *historia*, escrita em oitavas, e o *avviso*, escrito em prosa, este que incorpora elementos da carta informativa, *lettera*. Em virtude desse parentesco com as cartas<sup>134</sup>, a notícia mantém em sua narrativa a ordem natural dos acontecimentos, deixando para o final, o cerne da questão.

Pessoa (2002d, p. 197) esclarece que há dois sentidos para carta: missiva e carta documento. O autor concorda que “um dos gêneros mais importantes para a história das línguas é a carta”, por ela ter a “proximidade com o oral”; ademais, a carta, noutro sentido, representa um dos documentos mais antigos na formação do Estado português, estando relacionada com a criação do tabelionato e da chancelaria, ou seja, instituições básicas na formação da administração e da burocracia portuguesa.

<sup>133</sup> Essa diferença entre público e privado para os anúncios, avisos e notícias não é válida para os anúncios de escravos, visto que todos esses gêneros tinham a finalidade imediata no jornal de tornar público a fuga.

<sup>134</sup> Rizzini (1968) mostra a semelhança entre as cartas particulares dos séculos XVI, XVII e XVIII e textos jornalísticos, por serem essencialmente informativos, porém enaltece mais as cartas que os jornais.

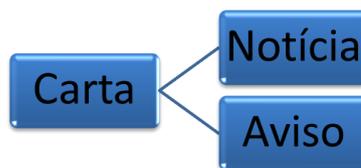


Figura 15: Da carta à notícia.

Como vimos, os anúncios, avisos e notícias se assemelham em razão de serem textos acomodados nas mesmas esferas discursivas, a atividade comercial e publicitária, uma vez que as transações com o escravo eram realizadas por intermédio desses gêneros no jornal. Além disso, percebe-se que esses gêneros empregam na trama textual quase os mesmos traços composicionais que caracterizam as formas fixas das TDs. Nos anúncios de fuga essas formas fixas são representadas por expressões como estas:

- a) *quem quizer comprar,*
- b) *quem tiver,*
- c) *quem souber alguma notícia.*
- d) *quem o descobrir*
- e) *quem a apreender,*
- f) *quem a tem,*
- g) *quem a(o) pegar,*
- h) *quem o encontrar,*
- i) *quem a (o) apreender etc.*

Pessoa (2006, p. 106) analisa essas formas como tendo uma forte vinculação com uma tradição oral, desde a época em que, inexistindo as tipografias para impressão de material escrito, a divulgação dos serviços e outras transações comerciais se faziam pela voz de escravos pregoeiros.

Ademais, o autor analisa que as fórmulas revelam a modalização imperativa, quando são construídas com o verbo “poder”.

- a) *quem o prender pode leva-lo ao engenho indicado, ou nesta praça em casa do Sr. Manoel Alves Ferreira no Forte do Mattos, que será satisfatoriamente recompensado (Anúncio 98).*
- b) *quem a pegar pode leva-la a casa de seu senhor, ou na rua das Trincheiras n. 1 loja de tartarugueiro, que será recompensado (Anúncio 100)*

Outra observação sobre a estrutura das notícias é a semelhança destas às formas de comunicação pessoal encontradas nos anúncios e até em cartas pessoais. Vejamos o anúncio 8 que mantém toda a estrutura narrativa de uma carta pessoal; a mensagem é direcionada ao dono do escravo que foi encontrado no canavial de um sítio:

**(AK) Diário de Pernambuco Quarta Feira 11 de Abril de 1827.**

*No dia 1º do corrente apareceu no Canavial de hum Citio no Bairro do Affogado hum preto novo, e bastante bruto quem for seo Senhor dirija-se ao muro da Penha caza N. 8 que dando os sinaes certos lhe será entregue.*

Anúncio 8 – Achado

Para reforçar o caráter perene de certas TDs, apontamos no Gazeta de Lisboa (1715) certos traços composicionais que migraram para o anúncio de fuga de escravos (1840) dos jornais pernambucanos:

<b>Estrutura das notícias</b>	
<p><i>Faz-se aviso às pessoas curiosas da língua francesa haver chegado a esta Corte há pouco tempo um estrangeiro apelidado De Ville Neuve, francês de nascimento, natural da cidade de Paris, o qual fala língua Latina, Alemã, Italiana, Castelhana e Portuguesa; e tem um método muito fácil para ensinar em pouco tempo a toda sorte de pessoas; ainda às de cinco para seis anos, as que quiserem servir-se do seu préstimo <u>podem encaminhar</u> a casa de Manuel Dinis, livreiro na rua da Cordoaria Velha</i></p> <p><b>(Gazeta de Lisboa, 1715).</b></p>	<p><i>O abaixo assinado <u>faz publico a todas as pessoas</u> desta Cidade, e fóra della, principalmente ás do seu conhecimento, que o seu escravo Antonio, o qual occupava no exercício de caixeiro de cobranças, fugio no dia 28 do corrente Março pelas nove horas da manhã, levando algumas contas com recibo passado..</i> [...] (Anúncio 47 DP, 30/03/1840).</p> <p><i>O dono protesta usar de todo o rigor da lei contra quem o tiver occulto: quem o pegar <u>pode leva-lo</u> ao seu senhor José Justino da Costa Brito, no lugar mencionado, ou do reverendo Dr. Padre Joaquim Graciano de Araujo na rua da Santa Cruz n. 64, que será generosamente recompensado. (Anúncio 112 – DP, 14/01/1862).</i></p>

Quadro 5: Estrutura das notícias: século XVIII e XIX.

Através desses exemplos, pretendemos mostrar que os gêneros mesmo quando aparecem como produções novas, originam-se, muitas vezes, de tradições antigas, por isso é

importante, para quem pesquisa a diacronia dos gêneros, reconhecer a interrelação entre os textos atuais e textos antigos.

A explicação para essas diversas denominações pode ser em decorrência desses textos estarem inseridos no mesmo domínio discursivo - o jornalístico. E, por fim, a explicação para as diversas denominações das notícias referentes ao escravo nos jornais está ligada a fatores pragmáticos, pois ao intitular a fuga, imprimia-se o teor enunciativo sobre a constatação do fato. Por exemplo, “fugir” é mais contundente que “desaparecer” e na forma fixa “foram seduzidos ou furtados” passa a ideia de que o escravo sofreu a ação e não a praticou. Vejamos este anúncio de fuga:

**(WB) Diário de Pernambuco, 9 de julho de 1845.**

**MENINO DESAPARECIDO**

*Desapareceu um menino forro, pardo, claro, cabelos meio ruivos, de idade de 12 anos, baixo, levou jaqueta de sentinela, calça de riscado, já velhas e desbotadas, chapéu de seda velho, camisa de madapolão branco: andava calçado de sapato, faltou no dia 5 do corrente julho, indo a um mandado de seu padrinho à ribeira: julga-se estar oculto em alguma casa, que o seduzisse, pois é a primeira vez que isso acontece: portanto, roga-se a todas as autoridades policiais e mais pessoas que dele notícias tiverem, o obséquio de levarem ou darem parte em Fora-de-Portas em casa de seu padrinho Domingos da Rosa, casa n. 95, pois serão bem recompensados.*

Anúncio 9 - Desaparecimento

Ao intitular de “menino desaparecido”, o redator imprime no anúncio certa afeição ao garoto que fazia na ocasião da fuga “um mandado do seu padrinho”. Além disso, o dono não acredita na fuga por julgar que o escravo fora seduzido, já que era a primeira vez que isso acontecia. A forma do pedido para quem tiver notícia, com a introdução da palavra obséquio, reforça o carácter emocional do conteúdo.

Numa abordagem contemporânea, a definição de anúncio, de acordo com Houaiss (2010) é de:

Anúncio: s.m. **1.** notícia ou aviso por meio do qual se divulga algo ao público; [...] **4.** mensagem de propaganda criada com objetivos comerciais, institucionais, políticos, culturais, religiosos etc. **5** Rubrica: publicidade: mensagem que procura transmitir ao público, por meio de recursos técnicos e através dos veículos de comunicação, as qualidades e eventuais benefícios de determinada marca, produto, serviço ou instituição Obs.: cf. propaganda e reclamo.

A definição mais atual está mais ampla, pois engloba além do sentido histórico, faz referência à propagação das mensagens publicitárias com objetivos comerciais<sup>135</sup>.

A notícia, na atualidade, é definida, de acordo com Lage (2006a, p. 17), como o “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante”, para os aspectos secundários, pois é necessário narrar os fatos ou acontecimentos, mas não numa narrativa literária, assentada no épico, de onde o gênero se originou, mas deve-se expor os fatos de forma sequenciada, utilizando a estrutura do *lead*. Para o autor, na notícia deve-se apontar o sujeito e depois a circunstância, i.e., a narrativa deve ser construída por ordem de importância e não por ordem cronológica de acontecimentos. Por isso, logo no primeiro parágrafo, deve-se aplicar o *lead*: quem? (sujeito), o que? (fato/acontecimento), quando (tempo), por quê? (causa/motivo), como? (modo/maneira) e onde? (lugar).

Segundo Lage, a ordem dos acontecimentos, porém, não é a mesma da realidade, o jornalista é o responsável por fazer esse “recorte” temporal daquilo que ele considera mais relevante para escrever a notícia. Essa talvez seja uma grande diferença entre a notícia do simplesmente contar a história. A maioria dos jornais veiculados no século XIX contava a história, pois os periódicos narravam os acontecimentos passados, no tempo presente. Tanto que para anunciar uma fuga, era imprescindível descrever pormenorizadamente todos os passos do escravo que incluía a ação: fugiu, desapareceu, assentou-se e foram seduzidos ou furtados etc., o dia da fuga, as características do negro, o clamor para as autoridades para apreender o escravo, o local a ser entregue e, por último, a recompensa.

Lage (2006a) cita, então, três fases do processo de produção de uma notícia: a seleção dos eventos, a sua ordenação e a nomeação. Sobre a nomeação, a orientação atual é que ao fazê-la, o jornalista não use expressões preconceituosas que firam a moral ou que transgridam os direitos humanos. No entanto, temos os anúncios de fuga de escravos que se contrapõem a isso, visto que o teor das mensagens é depreciativa e desvalorizante para caracterizar o negro.

Sobre as expressões agressivas para se referir ao escravo, Orecchioni (1980, p. 73) chama os termos que funcionam como ofensa de *termos axiológicos*, por estarem relacionados diretamente às escolhas individuais de cada pessoa, correspondendo também aos valores morais que uma sociedade comunga. Os termos axiológicos servem para imprimir no leitor a sensação de valorização ou desvalorização do objeto ou pessoa descrita<sup>136</sup>.

<sup>135</sup> No item 3.1.2 trataremos dos anúncios de escravos como gênero jornalístico e/ou publicitário.

<sup>136</sup> Nos anúncios de venda, a estratégia utilizada pelo anunciante para descrever o escravo à venda era diferente. Carvalho (2004, p. 36) afirma que no discurso publicitário, que tem como objetivo tornar os produtos mais atraentes, a linguagem utilizada é cheia de termos axiológicos lisonjeadores, sendo seu efeito imediato para que se obtenha o resultado desejado.

#### 4.4.1 Anúncio de fuga de escravos como gênero jornalístico ou publicitário

Os gêneros jornalísticos e publicitários pertencem a domínios discursivos distintos. Botta (2013, p. 156) afirma que os primeiros indícios do gênero publicitário são encontrados no jornal *Gazeta de Lisboa* (1715)<sup>137</sup> que desde o seu primeiro exemplar já comportava várias notícias e anúncios relacionados à publicidade.

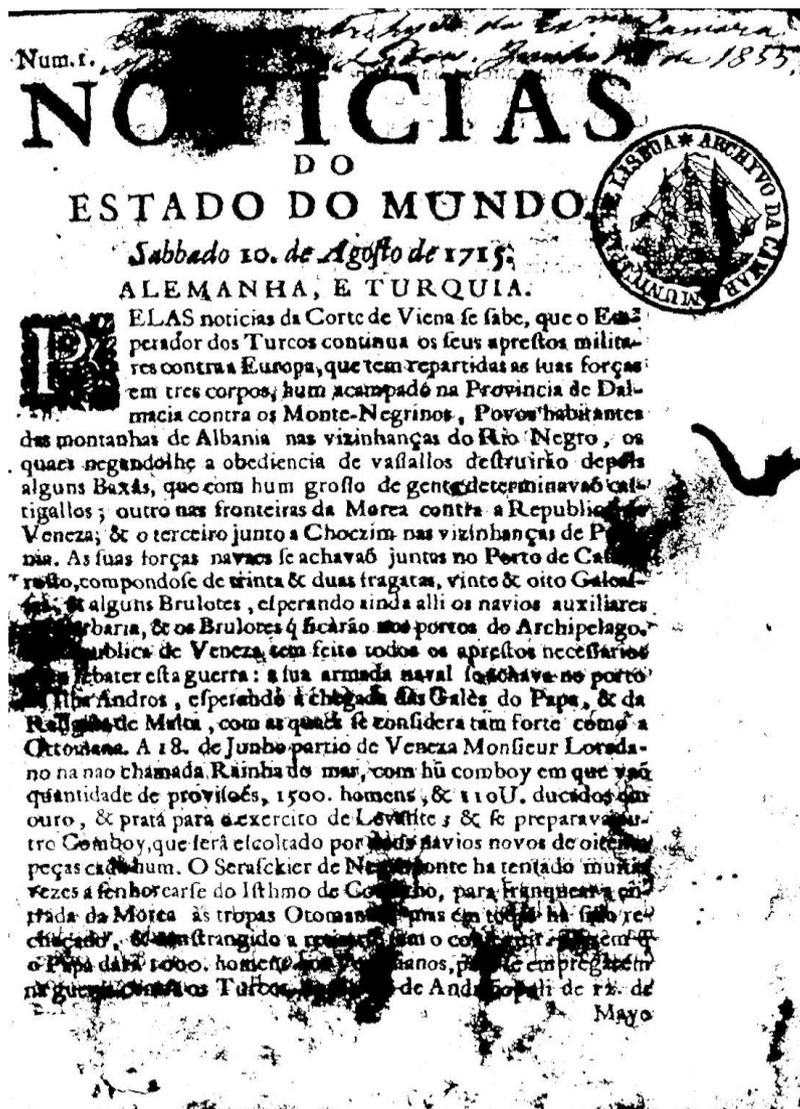


Figura 16: *Gazeta de Lisboa* (1715).

Os gêneros jornalísticos, ou midiáticos, compreendem: o editorial, a notícia, a entrevista, a reportagem, os artigos de opinião, os anúncios classificados, as resenhas, a carta ao leitor e as crônicas, consideradas gêneros híbridos, podendo adquirir características tanto

<sup>137</sup> Os textos do *Gazeta* são separados por uma linha contínua, uma anterior e outra posterior, indicando a margem do texto.

jornalísticas quanto literárias. Como manifestações da comunicação de massa, os gêneros jornalísticos apresentam grande relevância social por serem responsáveis pelas notícias que chegam às pessoas de todos os lugares.

De acordo com a classificação de Marcuschi (2008, p. 194), os anúncios são gêneros que transitam ora pela esfera jornalística ora pela publicitária. Essa dinâmica de domínio está relacionada à origem do gênero que cumpria dupla função no século XIX: promover a venda do escravo ou anunciá-lo no caso de fuga. Vejamos o quadro classificativo do autor:

<b>DOMÍNIO DISCURSIVO</b>	<b>GÊNERO</b>
Jornalístico	Notícias
	Nota social
	Anúncios classificados
	Anúncios fúnebres
	Reportagens
Publicitário	Propaganda
	Publicidades
	Anúncios
	Cartazes
	Avisos

Quadro 6: Domínio discursivo e gênero (com adaptações de MARCUSCHI, 2008).

Pelo exposto, Marcuschi agrupa no domínio jornalístico as notícias, nota social, anúncios classificados etc., no domínio publicitário as propagandas, publicidades, anúncios, cartazes e avisos. Essa organização põe em evidência que os anúncios publicitários ou jornalísticos utilizam o mesmo suporte e compartilham de mesma prática discursiva. Segundo o autor, há domínios discursivos mais produtivos em diversidade de formas textuais, como o próprio anúncio, e outros mais epistolares como é o caso do discurso religioso.

A notícia de jornal, por exemplo, é caracterizada como um gênero que possui a finalidade de relatar fatos ou acontecimentos, sem comentários pessoais; já os anúncios publicitários são textos que aparecem em jornais, revistas, cartazes e folhetos com a finalidade comunicativa de vender um produto (publicidade) ou divulgar uma ideia (propaganda).

Baseando-nos na classificação de Marcuschi (2008), encontramos os anúncios de escravos inseridos tanto no domínio jornalístico quanto no publicitário, com diferenças de

estratégias de acordo com a finalidade comunicativa; a função principal desses anúncios é publicar uma notícia, promover um produto ou serviço<sup>138</sup>.

Os anúncios de escravos à venda se organizam retoricamente em torno de estratégias predominantemente informativa e descritiva sobre as qualidades da “peça” com o objetivo de convencer o leitor a aceitar/comprar o “produto” anunciado. Nesses há uma recorrência de certas expressões tradicionais, representadas pelos adjetivos: bonito, ótimo, bem, bom etc. As escolhas lexicais estão voltadas para apresentar um ser com beleza, força, física e temperamento servil, como neste exemplo:

*(WB) Diário Novo, 06 de agosto de 1842.  
VENDAS*

*Uma escrava, de bonita figura de idade de 22 annos com um mez de parida, tem optimo leite, engomma, cozinha, lava e coze muito bem; uma dita com um filho de idade 2 annos com habilidades; uma dita idade 18 annos perita costureira; tres ditas idade 18 annos perita costureira; tres ditas sabendo fazer todo o serviço de uma casa; dois mulatos idade 20 a 22 annos, sendo optimo official de tanoeiro e bom pagem, cinco escravos pra todo o serviço idade 20 a 25 annos e não são viciosos. Na rua de Agoas Verdes D.38*

Anúncio 10 – Venda de escravo

Como observamos, o anúncio de escravo à venda mostra indivíduos saudáveis, de “bonita figura”, “tem optimo leite”, “engomma”, “cozinha, lava e coze muito bem”, “com habilidades”, “perita costureira”, “sabendo fazer todo o serviço de uma casa”; ressalta-se o ofício “optimo official de tanoeiro e bom pagem” e as virtudes: “não são viciosos”.

Os anúncios se apresentam, nesses casos, como textos mais curtos, que os de fuga, essencialmente informativos, mas utilizam do recurso argumentativo, ligado à estratégia de convencimento para a aquisição do escravo, ressaltando-se as qualidades pela negação<sup>139</sup>, através da partícula negativa “não”, na expressão “não são viciosos”.

De acordo com Carrascoza (1999), os anúncios de venda de escravos são textos sem ilustrações, com características de notas<sup>140</sup> ou avisos, por isso eles podem ser inseridos na esfera publicitária, em virtude também dos recursos argumentativos que utilizam.

<sup>138</sup> Mais adiante abordaremos as diferenças entre os tipos de anúncios relacionados ao escravo, dentre os quais, o anúncio de fuga e de venda, sendo que este utiliza estratégias retóricas completamente diferentes daqueles que estão mais voltados a tornar pública a fuga do escravo para que as autoridades o apreendam; já os de venda, ressaltam as qualidades positivas dos cativos para promover a comercialização.

<sup>139</sup> Seixas (2013) considera a negação um universal linguístico, expressa pelo “não”, “nem”, “sem”, “nunca”, “ninguém” etc. Segundo a autora, esse tema oferece múltiplas possibilidades de análises e de discussões, seja qual for o enfoque a ser adotado na investigação.

<sup>140</sup> Andrade e Medeiros (2009, p. 107) esclarecem que nota é uma notícia que se caracteriza pela brevidade do texto, configurando-se como uma pequena notícia que se destina à informação rápida.

Andrade e Medeiros (2009, p. 70) concordam que a linguagem publicitária utiliza-se do discurso retórico como estratégia de argumentação e convencimento, mas acrescenta que ela mescla emoção e razão. A retórica se vale da antítese e da metonímia para captar com eficácia a atenção do leitor, visando ao estranhamento na mensagem. Além disso, outros tropos linguísticos são frequentemente utilizados para compor as mensagens publicitárias. Já Sandmann (1993, p. 35) acrescenta que o domínio discursivo publicitário (ou da propaganda<sup>141</sup>) se configura como um discurso da ideologia dominante que se manifesta de acordo com os valores em que uma dada sociedade acredita<sup>142</sup>.

O discurso publicitário está integrado na teoria de “preservação de faces”<sup>143</sup> (MAINGUENEAU, 2011, p. 40), pois sua enunciação é por natureza ameaçada, sendo o anúncio publicitário configurado como um gênero típico da sociedade de consumo, que tem como objetivo principal vender um produto; por isso ele deve ser sedutor, fazendo com que os receptores da mensagem acreditem que o produto anunciado é indispensável e, para alcançar os objetivos pretendidos, lançam mão de argumentações apelativas.

Nos anúncios de escravos à venda, embora as argumentações atuais sejam completamente diferentes das do século XIX, como o uso das figuras de linguagem, o apelo à autoridade, o uso de palavras e expressões do universo linguístico do produto anunciado,

---

<sup>141</sup> Para Sandmann (*Op. cit.*, p. 10) o termo publicidade é usado para a venda de produtos ou serviços e propaganda tanto para a propagação de ideias como no sentido de publicidade. Propaganda pode ser usado em todos os sentidos e por isso mesmo se torna mais abrangente. Para esta pesquisa, o termo mais adequado para se referir aos anúncios de venda de escravos é “publicidade”, já que o negro à venda se revestia de qualidades morais e físicas, que nem sempre possuíam.

<sup>142</sup> Travassos (2010, p. 57) apoia-se em Marcuschi (2008) quando o autor esclarece que os anúncios publicitários, ao assumirem a função de outro gênero, se configuram como uma maneira particularmente produtiva de subversão da ordem instituída para chamar a atenção sobre o produto. Travassos analisou as capas de jornal e concluiu que elas funcionam como uma vitrine, podendo ser vistas como um espaço privilegiado para anunciar qualquer produto, porém a inserção de anúncios logo na capa pode prejudicar o arranjo gráfico. Por conseguinte, se convencionou inseri-los dentro do jornal, num caderno de “anúncios classificados”, como muito deles são denominados. A autora explica que encontrou uma ocorrência de *intergenericidade* num anúncio de capa de uma concessionária que trazia o seguinte texto: “Confira as ofertas no Caderno Vida Urbana”. Este anúncio remetia-se a outro anúncio localizado em outro caderno. Esse anúncio se caracteriza como um caso de *intergenericidade* de forma e função, já que pode-se identificar as funções de dois gêneros: o ‘anúncio’ do produto e ‘aviso’, por apontar as páginas internas do jornal.

<sup>143</sup> Os fenômenos de polidez estão integrados na teoria denominada “das faces” desenvolvidas no final dos anos 1960 por Brown e Levinson (1987), inspirados pelo sociólogo americano E. Goffman. Os autores descreveram de forma pormenorizada o fenômeno da cortesia e as estratégias que o constituem. A polidez deve ser compreendida como um conjunto de normas sociais que regulam o comportamento das pessoas, ou seja, as estratégias conversacionais que têm como objetivo dirimir os conflitos entre locutor e interlocutor. A polidez está associada aos processos de elaboração de face, i. e., na autoimagem pública dos indivíduos. Para Maingueneau (2011, p. 38) a teoria das faces considera que todo indivíduo possui duas faces: uma negativa, que corresponde ao “território” de cada um (seu corpo, sua intimidade etc.) e a face positiva, que corresponde à “fachada” social, à nossa própria imagem valorizante que tentamos apresentar aos outros. Segundo o autor, a comunicação verbal pressupõe no mínimo dois participantes que envolvem na comunicação quatro faces (duas de cada um). Uma fala pode conter ameaças às faces dos interlocutores, ao mesmo tempo em que há outras tentando preservá-las. Dessa forma, um conjunto de estratégias discursivas é desenvolvido para encontrar um ponto de equilíbrio para preservar as próprias faces sem ameaçar a dos parceiros.

percebemos certa regularidade nos padrões da escrita com a recorrência de elementos tradicionais, como as formas fixas: “bonita figura”, “achará com quem tratar” etc. O uso de adjetivos explicadores, especializadores e especificadores<sup>144</sup> dos anúncios de escravos à venda, na organização da mensagem, se ligam num movimento de permanência e mudança de TDs percebidas nos anúncios atuais.

A linguagem jornalística se apoia no seu grande suporte, o jornal, que é feito para ser lido com rapidez e atingir o maior número de leitores. Schwarcz (1987, p. 64) afirma que os jornais do século XIX viviam principalmente da publicidade, organizando-se antes de tudo como empresas comerciais. O predomínio numérico de anúncios e classificados mostrava a prosperidade de um jornal; e quando os anúncios não existiam, forjavam-se anúncios e calhaus de “precisa-se” e “aluga-se”.

Barbosa (2010, p. 74) acredita que são nos anúncios publicitários dos jornais do século XIX que se percebem mais facilmente as características inovadoras do jornal. Há neles informações que se sucedem, sobre o cotidiano do lugar e os produtos que se ofereciam, as modistas da cidade, o que era oferecido nos cardápios dos hotéis, a descrição detalhada dos livros à venda e dos serviços de encadernação, a programação dos teatros da cidade ou mesmo da vizinhança etc. revelam aspectos sociais e até as mentalidades da época.

#### 4.5 Tipos de anúncios

O primeiro anúncio de jornal do país foi publicado na *Gazeta do Rio de Janeiro* em 1808 e tratava-se da venda de uma casa:

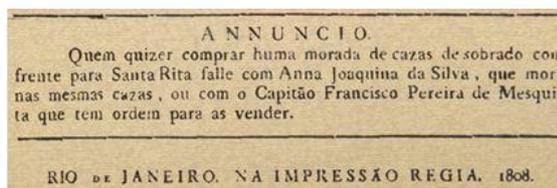


Figura 17: Anúncio do *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808)<sup>145</sup>.

<sup>144</sup> Classificação de Bechara (1999).

<sup>145</sup> Fonte disponível em << [www.bn.br](http://www.bn.br)>>. Acessado em fevereiro de 2014.

Em Pernambuco, no primeiro exemplar do jornal DP, também havia um anúncio de imóvel. Em pouco tempo pequenos textos parecidos se tornavam comuns nas páginas dos jornais, como os anúncios de leilões e os do comércio em geral. Isso mostrava claramente o crescimento da cidade, ao mesmo tempo em que se multiplicavam os anúncios que davam conta da existência cruel do sistema escravista, os anúncios relacionados a escravos (BARBOSA, 2011, p. 32).

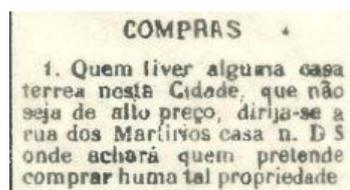


Figura 18: Anúncio de imóvel do DP n. 1 (7/11/1825)

Estes anúncios variavam de tamanho e forma, ficando misturados nos espaços do jornal com informações diversas: os produtos vindos das “nações civilizadas”, os “remédios miraculosos”, “maravilhosos chapéus, liquidações inesperadas ou mesmo novos produtos de confiabilidade não comprovada” (SCHWARCZ, 1987, p. 59), além das querelas entre vizinhos e as brigas pessoais.

A imagem que se estampava dos escravos que fugiam estava diretamente relacionada à coisificação do indivíduo, à coisificação como já apontada anteriormente. O número de anúncios de fuga de escravos que circulava nas páginas dos jornais brasileiros é bem significativo, pois dá a dimensão de como era a tensa a relação entre escravos e os seus donos; quanto mais anúncios publicavam, mais prestígio tinha o jornal.

Ao lado dos avisos de vendas de casas, produtos, novidades e leilões, os anúncios de escravos eram publicados da mesma forma que as mercadorias. A finalidade principal deles era “tornar público”, “fazer conhecer” para a sociedade, o escravo foragido, a ser alugado, vendido, doado por pagamento de dívidas ou permutado por casas. Em Pernambuco, eles apareciam em seções com o título “Escravos fugidos”, “anuncios”, “avizos”, “diversos” ou “atenção<sup>146</sup>”, gêneros que à época, se configuravam como sinônimos. Em todos eles se prometem as recompensas ou gratificações generosas:

<sup>146</sup> Pessoa (2005) já chamava atenção para determinados textos do jornal da época que cumpriam a mesma função comunicativa.

*(WB) Diário de Pernambuco, 11 de Abril de 1846.*

**AVISOS DIVERSOS**

*Fugiu, no dia 14 do mês passado, do armazém de porta larga, do cais do Colégio, um escravo pardo, de 15 anos, pouco mais ou menos, seco do corpo, côr amarelada; levou calças e camisa de riscado azul: quem o pegar, leve ao dito armazém, que será generosamente gratificado.*

Anúncio 11- Fuga de escravo

O anúncio de escravo circulou nos jornais brasileiros por quase um século, mais precisamente desde a implantação da imprensa em 1808 até a abolição dos escravos em 1888. Além dos inúmeros anúncios de escravo, em 1850, chamam a atenção nos jornais os anúncios de “casas de comissão de escravos”, os quais anunciavam a comercialização de escravos para dentro e fora da província. Dentro do Brasil havia o tráfico interregional, onde faltavam escravos não era difícil encontrar anúncios de venda e compra de cativos para levá-los de um lugar para outro.

*Diário de Pernambuco, Quarta-feira 15 de Fevereiro de 1850.*

**Casa de comissão de escravos.**

*Recebem-se escravos de ambos os sexos para se venderem de comissão, para a província e fóra della, garantindo-se toda a segurança aos mesmos, como se prova: na rua das Laranjeiras, n. 14, segundo andar.*

Anúncio 12 – Casa de comissão de escravos

Nos 80 anos em que os jornais publicaram anúncios de escravos, eles podiam ser encontrados em todo o tipo de transação econômica, veja-se abaixo:



Diagrama 4: Tipos de anúncios de escravos.

Quanto à estrutura do anúncio, esta tendia a mudar, especialmente com relação aos recursos argumentativos para convencer o leitor. Essas classificações do texto são necessárias dentro das análises, para inserir o anúncio de fuga dentro de um contexto de circulação.

#### 4.5.1 Anúncio de venda

Há quem acredite que a escravidão no Brasil oitocentista foi menos severa do que em outros países. Essa concepção é questionável. Contudo, os estudos de Freyre (2006, 2010) apontam que em Pernambuco a relação entre senhores e escravos era diferente. O antropólogo descreve casos de relações patriarcais e amorosas de confiança mútua entre escravos e seus respectivos donos, embora isso fosse exceção. É certo mesmo é que o escravo era propriedade alienável do senhor, um bem valioso do qual o dono só se desfazia quando estava “enfasiado da amante escrava” ou nos últimos momentos “antes do mergulho na pobreza”. Era comum ler anúncios com pedidos de empréstimos que ofereciam um ou mais escravos como penhor ou hipoteca:

*(AK) Diário de Pernambuco 12 de Abril de 1833.*  
**AVIZOS PARTICULARES**

*Maria dos Passos Martins faz sciente ao publico em como hipotecou um preta por nome Maria do Carmo escrava de Maria dos Praseres de Siqueira, e ninguem poderá faser negocio algum sobre ella.*

Anúncio 13 – Aviso de hipoteca de escravo

O escravo era uma garantia financeira que servia de “poupança para ser utilizada nos momentos difíceis ou na velhice” (FREYRE, 2010, p. 17). Além disso, os escravos à venda nos jornais brasileiros do século XIX seguiam o modelo de anúncio que procurava “atrair, prender, absorver” a atenção do leitor, de modo todo especial, com objetivos práticos e imediatos, através de palavras capazes de conquistar o leitor para o anunciante ou para o objeto anunciado, de acordo com Freyre (2010, p. 65).

Segundo o autor, à revelia de compreensão do assunto ou de reflexão sobre o mesmo objeto da parte do leitor sugestionado, os anúncios à venda são “uma exaltação de virtudes, nem sempre reais e, às vezes, fictícias, dos produtos anunciados” (p. 68). Os escravos anunciados à venda ou aluguel no século XIX são descritos, como portadores de virtudes quem nem sempre correspondiam à realidade. Ainda segundo Freyre, os escravos destinados ao serviço doméstico, pajens e mucamas, nos anúncios de jornal eram muito valorizados, e se o tipo físico ou as características culturais fossem mais semelhantes aos da população culturalmente dominante<sup>147</sup>. Vejamos este anúncio:

*(AK) Diário de Pernambuco, 11 de janeiro de 1850.*  
**VENDAS**

*Vende-se um molecote de 25 annos, sadio e de bonita figura ; uma mulatinha de 17 annos, com bons princípios de arranjo de uma casa ; uma cabrinha de 10 a 12 annos, de bonita figura, muito esperto, e por isso optimo para pagem : vendem-se barato por ser para liquidação de contas: no Becco-Largo, no Recife n. 1, segundo andar, se dirá quem vende.*

Anúncio 14 – Venda de escravo

<sup>147</sup> Schwarcz (1987, p. 143) também atesta a imagem positiva dos escravos urbanos e domésticos, descritos em geral como indivíduos de boa figura, sem grandes defeitos físicos e com certo conhecimento e especialização no trabalho ou ofício. A relação entre esses escravos e seus senhores também é apontada pela autora como próxima e diferenciada por eles incorporarem traços da cultura dominante, como andar calçado, não beber, ser espertos e, muitas vezes, ter boas maneiras.

Outro exemplo em que num único anúncio são vendidos dois ou mais escravos de diferentes idades, que desempenham ofício diverso:

*(WB) Diário Novo, 04 de abril de 1843.*

**VENDAS**

*Uma escrava de nação, de 21 annos, bonita figura, boa cozinheira, lava e engoma bem, coze, refina assucar, tem um filho mulatinho de 4 annos, sabe lidar com crianças, e governar bem uma casa por estar acostumada a isso: na rua larga do Rozario loja de miudezas n. 35.*

Anúncio 15 – Venda de escravo

A elaboração da mensagem dos anúncios de escravos à venda é composta quase sempre da apresentação do escravo/ escrava, suas qualidades, que não deixam entrever sinais de castigo, as marcas ou deformações do corpo, nem são revelados os vícios. Nesse anúncio, as qualidades dos escravos à venda estão maximizadas, como nos atributos “bonita figura”, “lava e engoma bem”, “coze”, “refina assucar”, “sabe lidar com crianças” e “governa bem uma casa por estar acostumada a isso”.

Freyre (2006, p. 396) observa que através dos anúncios de 1825 a 1850, publicados no DP, há certa preferência pelos negros e negras altas e de formas atraentes – “bonitas de cara e de corpo” e “com todos os dentes da frente”. O que mostra ter havido seleção eugênica e estética de ‘pagens’ (*sic*), mucamas e molecas para o serviço doméstico – as negras mais em contato com os brancos das casas-grandes; as mães dos mulatinhos criados em casa – muitos deles futuros doutores, bacharéis e até padres.

#### 4.5.2 Anúncio de aluguel

Durante o século XIX, muitas formas de convivência entre escravos e donos puderam e ser acompanhadas nos jornais. Para Carneiro (1964), o senhor que a princípio podia alimentar, sem dificuldade, todos os seus familiares, em um dado momento, começou a preparar o escravo, deliberadamente, para ganhar a vida, explorando além da sua força, seu

trabalho. Assim, surgiram os negros de aluguel ou negros de ganho<sup>148</sup>. Os donos davam certa liberdade de ação aos escravos em troca de certa quantia em dinheiro que era paga semanalmente pelo escravo.

Os anúncios de jornal estão repletos de anúncios de aluguel, tanto de oferta quanto de procura de escravos. Quem não podia comprar escravos/escravas, os alugava para o trabalho no campo, na lavoura ou para o trabalho doméstico e manual para exercerem vários ofícios como já referimos. Os jornais do século XIX estavam repletos de anúncios como estes:

*(AK) Diário de Pernambuco: Segunda Feira 23 de Abril de 1827.*

**ALUGUEIS**

*Quem tiver escravos, e os queira alugar para o mato obrigando-se quem os quer alugar a mantelos no tempo que os conservar, procure na rua atraz da matriz so Sacramento caza D. 6 que achará com quem tratar.*

Anúncio 16 – Aluguel de escravo

O anúncio de aluguel acima, iniciado com a fórmula fixa “quem tiver”, constitui-se como expressão fortemente marcada pela tradição oral. De acordo com Pessoa (2003, p. 225), essa fórmula tem a concepção oral na sua formulação, pois se anuncia e ao mesmo tempo remete-se o leitor a um contato pessoal com o responsável pelo anunciado: “que achará com quem tratar”.

Neste anúncio de oferta, intitulado de “avisos diversos”, oferece-se “uma preta para o serviço interno de uma casa”, onde se especifica a que tipo de trabalho a escrava se destina. A forma fixa de fechamento é suprimida, restando à pontuação (os dois pontos) fazer a ligação entre o desenvolvimento e a parte final do texto.

*(AK) Diário de Pernambuco, 2 de janeiro de 1850.*

**AVISOS DIVERSOS**

*Aluga-se uma preta para o serviço interno de uma casa: pateo do Terço, n. 8.*

Anúncio 17 - Aluguel de escravo

<sup>148</sup> Segundo Carneiro (1964, p. 9), “o negro de ganho foi um desdobramento do negro de aluguel, no Rio de Janeiro, ou um produto independente, na Bahia e no Recife. Eram carregadores, môços de recados, condutores de cadeiras de arruar, pau para tôda obra”.

Outra forma de ganhar com os serviços do escravo era fazê-los de “escravos de ganho”, i. e., escravos que tinham a função de vender nas ruas ou de porta em porta produtos para seus donos. Os escravos de ganho formavam uma classe mais autônoma, pois o fato de estarem diariamente na rua, era fácil se formar ali as “redes de solidariedade” quando eles decidiam fugir, pois contavam com a ajuda de muitos que estavam na mesma situação (COSTA, 2010).

É importante lembrar que, mesmo desempenhando a função de vendedores, os escravos não exerciam uma forma de trabalho livre. Costa (2010, p. 14) afirma que a noção de trabalho corrompeu-se com a escravidão, pois dentro do regime escravagista, ele era o resultado de opressão e exploração, trazendo consigo a ideia de obrigação penosa, associada ao cativo e à tortura que ultrajava o negro.

#### 4.5.3 Anúncio de achado

Havia também nos jornais anúncios que tratavam de escravos que eram achados, como os anúncios 18 e 19.

*(AK) Diário de Pernambuco Quarta Feira 11 de Abril de 1827.*

*No dia 1º do corrente apareceu no Canavial de hum Citio no Bairro do Affogado hum preto novo, e bastante bruto quem for seo Senhor dirija-se ao muro da Penha caza N. 8 que dando os sinaes certos lhe será entregue.*

Anúncio 18 – Achado

Nesse anúncio, encontramos a forma fixa “dirija-se a” que encontra seu complemento “que dando os sinaes certos lhe será entregue”. Vejamos este outro anúncio:

*(WB) Diário de Pernambuco, 11 de junho de 1834.*

#### **AVISOS PARTICULARES**

*O abaixo assinado aviza ao Snr. João Marques da Cruz Snr. Do Engenho Cana Vieira que em sua caza apareceu um negro que diz ser seu escravo, e chamar-se Eugênio procurando ao annunciante para comprar, e como já tem lhe dirigido duas cartas, e não tem tido resposta agora o faz pelo Diario afim do dito Snr. Ou vender o escravo, querendo, ou manda-lo buscar em quanto mesmo não faz alguma fuga pela qual não se responsabiliza o annunciante. Antonio Rebello da Silva Pereira.*

Anúncio 19 – Achado

Nesse anúncio intitulado “avisos particulares”, o anunciante avisa ao suposto dono do escravo que este se encontra em seu poder, tendo o escravo pedido para ser comprado. O anunciante, mesmo tendo enviado duas cartas ao suposto dono, não obteve resposta. Assim, pelo jornal, ele anuncia que não se responsabilizará pela fuga, caso o escravo deseje fugir. A forte presença da concepção do oral se mostra na forma “que diz ser seu escravo”.

A narração é também marcada por truncamentos que caracterizam os textos que carecem de maior planejamento. Sobre textos escritos e sua relação com a oralidade, Pessoa (2003, p. 226) esclarece que os textos aqui apresentados, deveriam a princípio ser classificados como escritos, porque aparecem num meio de comunicação, o jornal, que se caracteriza pela produção de textos para serem comunicados a outros que, para alcançarem a informação, precisavam ser lidos ou ouvidos por outrem. Segundo o autor, a expectativa que se tem é que esse tipo de texto tenha sido usado como intermediador da oralidade, pois parecia ter sido produzido para ser lido provavelmente em voz alta.

#### 4.5.4 Anúncio de apreensão

No sistema escravagista havia todo um aparelhamento estatal ou social para manter os escravos sob os domínios do dono. Os feitores, capitães do mato e autoridades policiais eram os principais personagens dessa engrenagem que tentava bloquear as ações dos negros. Como muitos escravos compravam a sua liberdade ou recebiam de seus donos a tão desejada carta de alforria, esta deveria ser portada pelos negros em todos os lugares por onde eles andavam, e quando isso não acontecia, casos curiosos como este são registrados nos jornais:

*(AK) Diário de Pernambuco, Sabbado 01 de Janeiro de 1853.*

***Declaraçoens***

*Illm. Sr. Tendo sido presa a parda Maria Thereza das Neves, que declarou ser natural de Itamaracá, moradora na cidade de Olinda, rua de S. Francisco; criada em casa de José Antonio Affonso ter vindo em companhia de um seu mano de nome João Francisco das Neves, official de alfaiate na barcaça de um portuguez Manoel Marinho que desembarcou na barra de Goianna, e depois viera a esta provincia, pendendo-se de seu mano em cuja companhia vinha; e como tenha eu suspeitas ser essa parda escrava, apezar de que ella nega, peço a V. S. suas ordens, a verificar suas declaraçoens por ella feitas são veridicas, dignando se V. S. mandar annunciar pelas folhas dessa provincia para sciencia dos interessados, ou como captiva ou livre, uma vez que ella nesta provincia não tem conhecimento algum. A nota junto coutem os signaes caracteristico dessa mulher.*

*Deos guarde a V. S. Secretaria da policia da Parahiba 23 de dezembro de 1852 – Illm. Sr. Dr. José Nicoláo Figueira Costa, chefe de policia interino da provincia de Pernambuco – Claudio Manoel de Castro.*

*Nota – Maria Thereza das Neves, de idade 35 annos pouco mais ou menos, cabeça – pequena, cabellos crespos, texta grande, olhos pequenos, sobrancelhas cerradas, nariz pequeno e grosso, boca grande, labios regulares, com falta de dentes na frente, orelhas regulares, com falta de dentes na frente, orelhas regulares, tem todos os dedeos nas maos e pés, apresenta algumas cicatrizes nas costas: solteira.*

Anúncio 20 – Apreensão de escravo

O anúncio que trata de Maria Thereza, apreendida pela Secretaria de polícia é bastante interessante por apresentar dois gêneros, declarações e notas, para se referir a ela. Além disso, o texto se assemelha também ao requerimento, pois pretende comunicar aos leitores do jornal a apreensão mulher. O primeiro texto intitulado como “declaraçoens” inicia-se com uma saudação epistolar, “Illm. Sr,“ e termina com o fecho de cortesia “Deos guarde a V. S.”, considerado fórmula fixa encontrada em documentos burocráticos como as cartas administrativas. O pedido do chefe de polícia para que sejam verificadas as informações da dita escrava “peço a V. S. suas ordens, a verificar suas declarações por ella feitas são veridicas, dignando se V. S. mandar annunciar pelas folhas dessa provincia para sciencia dos interessados, ou como captiva ou livre”, remete a outro dado muito recorrente nos jornais so século XIX, que é a comunicação da população de assuntos de interesse particular a fim de torná-los públicos.

Há também nesse anúncio uma repetição curiosa do pronome, no trecho “a verificar suas declarações por ella feitas”. Nessa construção, além de ter uma inversão na colocação dos termos, há a repetição na referencialização do pronome que se tornou desnecessária entre “suas-ella”. Pode-se presumir que pelo caráter ambíguo que o pronome “sua” carrega, o redator pretendeu desfazer o equívoco que poderia causar a expressão e reforçou de quem se trataria com outro pronome. Se não é isso, tal forma de redigir os anúncios reforça mais uma vez a imperícia dos redatores na elaboração desses textos que atribuímos aos autores *semicultos*.

O texto está cheio de expressões características do estilo burocrático produzida pelas chancelarias<sup>149</sup>. A apreensão da escrava só ocorreu por causa da sua cor “parda”, e como parece não ter havido um planejamento para a redação do texto, com forte marca da oralidade, produzido por um autor *semiculto*<sup>150</sup>, logo abaixo do texto principal, há uma nota com todas as características da parda.

<sup>149</sup> Trataremos do estilo burocrático ou das chancelarias na subseção 5.2.3.2.

<sup>150</sup> Mais adiante trataremos das características das produções de autores *semicultos*, como defendemos ser os anúncios de escravos.

#### 4.5.5 Anúncio de pedido

No final do século XIX, as famílias urbanas já empregavam negros forros, mas a grande massa de trabalhadores eram os escravos. Os anúncios de pedidos mais comuns nos jornais eram os de ama-de-leite, cozinheira, criados para o serviço doméstico e para feitor. Vejamos estes anúncios de 1885:

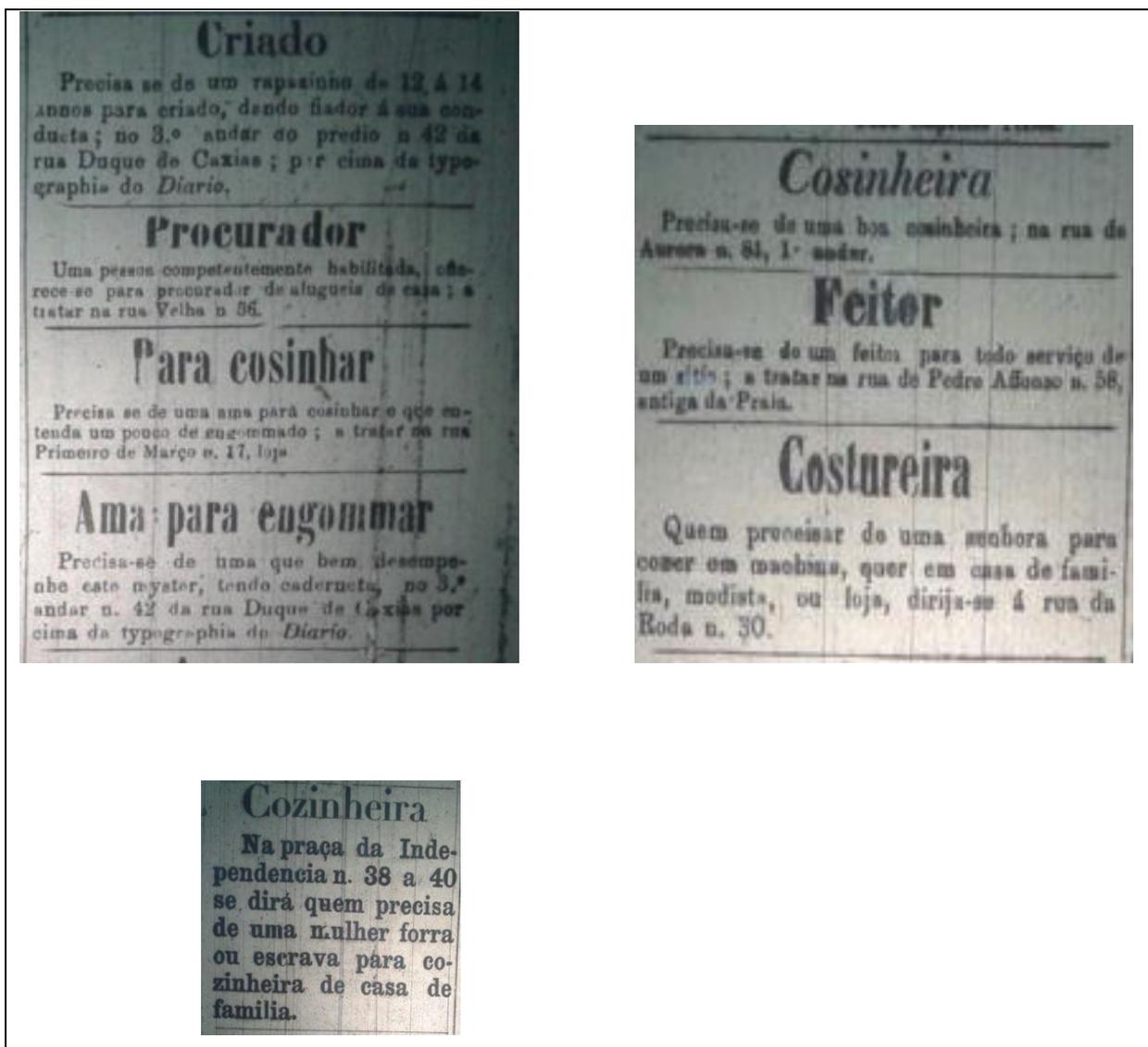


Figura 19: Anúncios de pedidos (DP, 1885)

Nos anúncios que se referem a pedidos, um elemento que distingue os escravos de Pernambuco dos demais centros escravistas como Rio de Janeiro e Salvador é a presença dos

“escravos canoieiros”. O ofício de canoeiro era indispensável na região, sendo exercido por escravos que gozavam de certa liberdade e alguma mobilidade pela cidade, negros libertos, e pardos. Ser canoeiro era bastante valorizado à época, pois a geografia da província, cheia de braços de rio e de mangues, era muitas vezes perigosa para quem não tinha conhecimento do trajeto das águas dos rios e necessitava atravessá-lo, como bem observa Carvalho (2010):

- a) [...] he trepador de coqueiro, e **canoeiro**, consta andar por alguns sítios a pedir trabalho... (Anúncio 45 - DP, 11/01/1840).
- b) [...] menos, tem ofício de **canoeiro** e caiador... (Anúncio 70 - DN, 11/05/1843).

Nesses dois exemplos, não bastava ser apenas canoeiro. Era preciso dominar dois ofícios para assegurar a sobrevivência: “canoeiro e caiador”, “trepador de coqueiro e canoeiro”. O que era desejável é que o escravo fosse um “bom” ou “ótimo” canoeiro. Essas expressões podem ser consideradas TDs precursoras dos anúncios classificados.

*(AK) Diário de Pernambuco Segunda feira 2 de Janeiro Páo d’Alho de 1860.*

*Percisa-se de um canoeiro forro ou captivo, para conduzir tijolo na canoa do retiro com uma canoa de 1600 para o Recife, sendo bom canoeiro, e trate da sua canoa ; paga-se muito bem, na rua dos Quarteis padaria n. 18 que achará com quem tratar. Na mesma tem porções de barricas vasiaas boas algumas, com pequenos de feitos dando-se as segundas por preços muito baixos.*

Anúncio 21 – Pedido

Muitas escravas prestavam o serviço de amas-de-leite<sup>151</sup>. A relação que elas souberam estabelecer com as sinhás, e com os filhos destas, está registrada em documentos escritos e nas fotografias da época. As negras eram vestidas e ornadas com a joias das sinhás, a fim de registrar à posterioridade o poder econômico de seus donos. A alimentação e vestuário eram

<sup>151</sup> De acordo com Freyre (2006, p. 414), a ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem *rr* nem *ss*; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano, expresso em palavras como: *cacá, pipi, bumbum, neném, tatá, papá, mimi, cocô, dindinho* etc. Segundo Freyre, amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. Os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos. Efeitos semelhantes se deram com o inglês e o francês em outras partes da América, sob a influência dos africanos do clima quente; influência das *bonnes vieilles négresses*.

os melhores, porém havia implicações com essa relação. Muitos filhos de escravas morriam devido aos inúmeros problemas de saúde; outras vezes as mães escravas eram impedidas de amamentar seus filhos para amamentar os filhos das sinhás. Por esse motivo as crianças escravas eram arrancadas de suas mães para serem doadas a outras famílias ou vendidas para servirem de “mimos” a alguém.

Os jornais do final do século XIX estavam cheios de anúncios de pedidos de amas que deveriam prestar-se a realizar os serviços domésticos como cozinhar, lavar e engomar<sup>152</sup>. Essas habilidades só eram valorizadas quando a escrava era vendida, ofertada ou alugada, como já ressaltamos.



Figura 20: Anúncio de amas (DP, 1-1-1885)

Nas análises das amostras só foi encontrada uma referência às habilidades da escrava para o serviço doméstico: *Fugio a escrava crioula Joaquina, [...], inculca-se forra, é muito faladeira e se sugeita alugada em casas particulares para engomar durante o tempo de fugida que não é a primeira vez que a faz, disfarça-se de diversos modos...* Apresentar as

<sup>152</sup> Engomar: é arcaísmo “técnica de meter em goma e alisar depois com o ferro de engomar” (DICIONÁRIO AURELIO, 2010).

qualidades de uma escrava ou os ofícios que desempenhava era uma forma incomum de anunciá-la.

Anúncios que ressaltavam as qualidades de um escravo só eram comuns quando se tratava de aluguel ou venda, pois se percebem, neste tipo de texto, as técnicas aplicadas ao que conhecemos como anúncios publicitários.

Alguns anúncios publicados no jornal são reveladores do comportamento social ante uma escrava que tinha filhos, já que eles deixam entrever que muitas mulheres deveriam abdicar do direito de ser mãe para atender as necessidades de outras famílias.

*Diário de Pernambuco: terça-feira, 17 de maio de 1853.*

*Avisos - Precisa-se de ama de leite, sem filho, paga-se bem: na rua dos Quartéis nº 24, segundo andar*

Anúncio 22 – Pedido

Amas-de-leite sem filhos, nos anúncios, parecem uma incoerência que pode ser justificada pelo óbito da criança ou abdição da mãe; o fato é que muitos anúncios fazem referência às amas dessa maneira.

*Diário de Pernambuco: segunda-feira, 17 de outubro de 1853.*

*Na rua do Brum nº 20, segundo andar, ainda precisa-se de ama de leite, prefere-se mulher do mato: quem quiser, tendo bastante leite e não trazendo filho, dirija-se à casa acima para ajustar.*

Anúncio 23 - Pedido

Nesse anúncio, a solicitação é que a ama-de-leite não leve o filho para a casa de quem anuncia<sup>153</sup>. A ênfase desse pedido é em relação à procedência da ama, já que “prefere-se mulher do mato”, o que pode indicar a preferência pelos escravos rurais, por esses aparentemente serem mais fáceis de dominar e serem mais subservientes aos donos.

<sup>153</sup> Dados como esses nos impõem à reflexão pelo fato de mostrarem a gênese da relação da cor, abandono familiar e criminalidade. A questão inicial é identificar quem era os cuidadores dos filhos das escravas, já que estas eram impedidas de estar com os filhos, caso fossem trabalhar nas casas de família. Não havia quem assegurasse a proteção às crianças negras. Os dados atuais relevam que negros e pardos coincidentemente são a grande maioria que estão fora da escola, não têm profissionalização adequada e também são aqueles que compõem, na grande maioria, o sistema carcerário brasileiro. A exclusão social a qual os negros foram submetidos perdura até hoje travestida em preconceito de cor. As pessoas negras são tidas pela sociedade como ameaçadoras da ordem social. “Não obstante, se o crime não é privilégio da população negra, a punição parece sê-lo” (V. ADORNO, 1996).

#### 4.5.6 Anúncio de oferta

Os escravos só eram “ofertados” ou “doados” quando já estavam idosos ou doentes e não serviam mais para o trabalho doméstico ou para a lavoura. Não há um parâmetro concreto atual para apontar a média de vida dos escravos e em que momento eles eram considerados de “meia idade”, uma vez que eles envelheciam precocemente, seja pelo trabalho duro a que eram submetidos, seja pelas doenças a que eram acometidos.

*(AK) Diário de Pernambuco: Terça-feira, 25 de julho de 1854.*

*Avisos Diversos - Oferece-se uma parda já de meia idade, muito boa e fiel, para ser ama de casa de homem solteiro, cozinha, engoma e tudo faz com muito asseio e limpeza, porém não sai para comprar quem quiser, dirija-se ao beco do Colégio nº 13.*

Anúncio 24 – Oferta de escravo

Este anúncio deixa entrever que a escrava já está com “meia-idade”, mas serve para o trabalho de casa de homem solteiro, porque talvez não tenha habilidade com crianças; apesar de fazer todo asseio e limpeza da casa, não sai para comprar na rua.

#### 4.5.7 Anúncio de fuga

O anúncio de fuga foi o mais emblemático dos tipos de anúncios relacionados aos escravos que circularam nos periódicos. O surgimento, circulação e sua cristalização nas páginas dos jornais implicava a existência de um sistema que o comportava e legitimava. A questão fulcral desse tipo de anúncio é que a fuga se configurava como o maior gesto que um escravo podia fazer para driblar o sistema a que era submetido. Mesmo com a Lei Eusébio de Queiróz, em 1850, que proibia o tráfico de escravos, naquele ano podem-se observar inúmeros anúncios de escravos que fugiam de forma isolada, como também em um mesmo anúncio reclamarem de dois até quatro escravos que se evadiam na mesma fuga.

Para Freyre (2010), a retórica desse tipo de anúncio difere de qualquer outro, por exigir do leitor a compreensão das palavras que, estabelecendo “tipos de familiaridade” em torno dos escravos, criavam “alguma coisa de científico”, cabendo ao leitor a compreensão e a

“reflexão crítica”. Por isso, são nos anúncios de negros fugidos que Freyre baseia suas análises, explicando o forte elemento de honestidade que caracteriza esses anúncios:

quem tinha seu escravo fugido e queria encontrá-lo precisava dar traços e sinais exatos. Os defeitos e vícios com todo os ff e rr. Os joelhos grossos ou ‘metidos pra dentro’ [...]. Fosse o anunciante embelezar a figura do fujão que era capaz de ficar sem ele para toda a vida. Como na história dos filhos de comadre Coruja, que os descrevia tão bonitos, tão bonzinhos, tão sem defeitos, que nunca ninguém os encontrou. A linguagem dos anúncios de negros fugidos, esta é franca, exata e às vezes crua. Linguagem de fotografia de gabinete policial de identificação: minuciosa e até brutal nas minúcias. Sem retoques nem panos mornos (FREYRE, 2010, p. 106-107).

De acordo com Queiróz (1977, p. 135), as fugas representavam uma forma de protesto, por serem geralmente individuais e não exigiam nenhum plano coordenado que envolvesse grande número de elementos e dos quais, em conjunto, dessa a ação, se tornaria mais difícil. Outras formas de rebelião como o suicídio que, para o autor, representava a evasão pela morte; e o crime e a insurreição, além de mais difíceis de se efetivarem, estavam sujeitos a maior punição e ao confinamento, a não ser que fossem também acompanhados de fuga.

Os anúncios de fuga de escravos eram expressos nos jornais, geralmente, sob o título de “escravos fugidos”, “avisos particulares”, “avisos diversos”, “declaração” e “atenção”, sendo também muitas vezes inseridos em colunas que tratavam de assuntos distintos como receitas, anúncios fúnebres, anúncios de vendas de caixões, livros, caixa, venda de casas e etc. Dessa forma, o anúncio se mostra como texto que tem em sua gênese uma pluralidade de denominações que revelam a dinamicidade das TDs que o constituíam, as quais podem inclusive ser encontradas, na atualidade, no anúncio de procurados.

Apesar de serem constantes em todas as seções do jornal, sendo apresentados com denominações diferentes, os anúncios não deixavam de ser reconhecidos pelos leitores, pois a estrutura textual não mudava, e, às vezes, poucos elementos entravam na composição do texto, mas isso não era impedimento para a legibilidade, já que elementos tradicionais como o verbo, o nome do escravo, os sinais e a gratificação eram indispensáveis na composição desse tipo de texto.

No Brasil oitocentista escravagista a sociedade rural dominou a urbana durante aquele período. A maioria da mão-de-obra escrava residia no campo, por isso havia maior incidência de escravos rurais que fugiam mais que os urbanos. Era também para as zonas afastadas do

centro da província (Santo Antônio, Boa Vista e São José, por exemplo) que os escravos procuravam abrigo quando fugiam.

**(WB) Diário de Pernambuco, 15 de Janeiro de 1840.**

**ESCRAVOS FUGIDOS**

*No dia 10 do corrente fugio um moleque de nome Antonio, de nação angola, de idade de 16 annos [...], he bastante ladino, falla mança [...], consta ter sido encontrado indo para Olinda aonde talvez esteja por ter ja la estado, fugido antes dos dias santos, aonde foi preso e metido na cadeia, tem ainda nas costas sicatriz de ter apanhado com chicote [...] pode ser que esteja por Beberibe ou agoa fria lugares aonde costuma ir quando andou ultimamente fugido; quem o pegar leve a rua da Cruz n. 44, que será recompensado.*

Anúncio 25 – Fuga de escravo

A nossa amostra revela que muitos anúncios de escravos se repetiam nos jornais por meses e até mesmo por anos, sem que o dono tivesse alguma notícia do negro fugido. O anúncio do moleque Antônio revela um dado importante sobre as fugas dos escravos: os castigos e prisões a que eram submetidos não intimidavam as fugas. Além disso, o dono, muitas vezes, sabia onde o escravo se escondia quando fugia, deixando a cargo das autoridades ou capitão do mato a sua apreensão.

Sobre o fato dos escravos domésticos fugirem menos que os do campo, Freyre defende que, estando próximos da cultura dominante, sendo admitidos à intimidade dessa cultura, às regalias de alimentação, de traje, de recreação às pajens e às mucamas, os escravos se sentiam como “uma espécie de parentes pobres dos brancos, seus senhores” (2010, p. 69).

Os escravos urbanos tinham tanta desenvoltura que chegavam a exercer a função de “caixeiro de cobrança”, tendo acesso às contas de seu dono:

**(WB) Diário de Pernambuco, 30 de março de 1840.**

**ESCRAVOS FUGIDOS**

*O abaixo assignado faz publico a todas as pessoas desta Cidade, e fóra della, principalmente ás do seu conhecimento, que o seu escravo Antonio, o qual occupava no exercicio de caixeiro de cobranças, fugio no dia 28 do corrente Março pelas nove horas da manhã, levando algumas contas com recibo passado pelo seu caixeiro Manoel José do Nascimento e Silva, e isto depois de se ter dado por varios roubos, que acabava de fazer, e pôde ao descobridor delles evadir-se [...]; he muito conhecido nesta cidade pelo seu desembaraço, e por falar amarinheirado por já ter andado embarcado. Roga-se a qualquer pessoa a quem elle apresentar contas, não as pague, apezar do recibo, que dellas consta; assim como que nada confiêm delle, pois que toda a divida que contrahir he contra a vontade do anunciante, o qual roga a todas as autoridades policiaes que o prendão, e o fação conduzir a caza do anunciante, na rua da Cadeia do Recife N. 12, que generosamente pagará as despesas.*

Anúncio 26 – Fuga de escravo

Schwarcz (1987) concorda que os escravos do campo fugiam mais que os da zona urbana. A pesquisa da autora sobre os anúncios relacionados a escravos em São Paulo no final do século XIX revela que a maioria dos indivíduos que fugiam, pertencia ao sexo masculino, eram adultos entre 15 a 40 anos, que trabalhavam na lavoura. Quanto ao caráter da fuga, a partir dos dados catalogados pela autora, conclui-se que ela acontecia de forma isolada já que normalmente se reclamava um único escravo fugido. As fugas coletivas só se tornaram mais frequentes a partir da década de 1880, quando o movimento abolicionista ganhou força<sup>154</sup>.

Para anunciar o cativo em fuga, era necessário ser o mais fiel possível, para que ele fosse encontrado e apreendido, caso contrário, corria o risco de o anúncio ser ineficaz. A descrição dos sinais, as cicatrizes, as marcas de nação e trajes usados pelo escravo ajudavam na identificação, mas era preciso ir além da descrição visual, por isso os anunciantes apontavam a maneira de falar, de vestir, de andar, como também as características morais, os hábitos sociais e até os vícios do escravo.

No Recife, os escravos urbanos que fugiam, mas se decidiam por ficar nos arredores da cidade, encontravam formas de sobrevivência com a ajuda de outros escravos para ficar distante dos donos. Silva (2012, p. 145) evidencia que, na ausência do feitor, eram usadas outras formas de vigilância e repressão: a “feitorização estatal”. O poder público assumia, assim, o papel de feitor, procurando manter a ordem escravista e evitava o ajuntamento de negros nos meios urbanos. O escravo fugido podia escapar dos limites do dono, mas infelizmente caía no controle das autoridades públicas que limitavam a locomoção dos cativos, principalmente à noite, quando a escuridão acentuava os perigos.

A vigilância ao escravo dentro dos sobrados e nas casas grandes ficava a cargo do feitor; já na rua, a função era exercida pelas autoridades policiais. Contudo, havia também outro personagem nesse aparato de vigilância: o capitão-do-mato (ou capitão-de-campo). Esse ofício era desempenhado, na maioria das vezes, por ex-escravos (forros) que, em troca da gratificação ou recompensa, apreendiam escravos foragidos. Tudo isso mantinha a solidez do sistema escravista, mantendo o escravo sob o domínio do dono.

Vejamos este anúncio que exige das “authoridades policiaes” e “capitães de campo<sup>155</sup>”, a apreensão do escravo Jacob:

<sup>154</sup>No *corpus* analisado encontramos apenas 12 anúncios de fugas coletivas (de um total de 136), representando apenas 8,82% dos anúncios analisados.

<sup>155</sup>O capitão-do-campo mais conhecido da história política e social do Brasil é Henrique Dias, responsável por dizimar vários Quilombos na Bahia. Ele comandou o “Terço dos Henriques”, grupo formado por negros, que lutou contra os Holandeses nas Batalhas dos Guararapes entre 1648 a 1649. Dias foi elevado a patriarca do Exército Brasileiro e hoje é considerado “herói” da nação brasileira.

**(WB) Diário Novo, 30 de Setembro de 1842.**

**ESCRAVOS FUGIDOS**

*Roga-se a todas as Authoridades Policiaes e Capitães de campo a apprehensão de um molatinho de nome Jacob, que fugio no dia nove do corrente mez de Setembro, de idade 13 a 14 annos pouco mais ou menos, com os signaes seguintes: côr natura, cabelo bom e cacheado, com um signal de uma ferida já sã na face do rosto, reforçado do corpo, e muito esperto, levou vestido calça de algodãosinho, entrançado de barguilha da moda, e camisa d'algodão; protesta-se contra quem o tiver occulto com todo o rigor das leis a 1000 rs. por dia: quem o pegar leve-o na rua do Fogo loja de alfaiate de Vicente Alves Ribeiro que será bem gratificado.*

Anúncio 27 – Fuga de escravo

Além dos policiais e capitães de campo, qualquer pessoa podia apreender um escravo foragido e entregá-lo ao seu dono, mediante a gratificação mencionada nos anúncios:

**Diário de Pernambuco, 19 de julho de 1845.**

**ESCRAVOS FUGIDOS**

*Desapareceu desde o dia 14 do corrente, 1 pardo de nome Pedro, altura regular, cheio de corpo, de idade de 30 anos, pouco mais ou menos, pernas um tanto finas, cara enrugada, levou camisa e ceroulas; supõe-se ter mudado de traje, pouca barba, julga-se andar aqui nesta praça, roga-se a toda e qualquer pessoa que o pegar, o conduza ao segundo andar da casa do lado do largo de palácio, com fundos para a rua do Queimado, ou na Rua do Crespo, loja n. 4, que será generosamente recompensado.*

Anúncio 28 – Fuga de escravo

Segundo Silva (2012, p. 146), o aparato policial da época não configurava um empecilho às fugas dos escravos, o maior obstáculo para o cativo era, sem dúvida nenhuma, a própria sociedade com a mentalidade escravista que podia atuar como um capitão-do-mato e impedir a liberdade de um negro fugido. Esse tipo de controle social podia ser pior do que das autoridades designadas para esse fim<sup>156</sup>.

Schwarcz (1987 p. 35) esclarece que até o término da Guerra do Paraguai, em 1870, as autoridades policiais tinham a função de capturar o escravo que fugia. A forma militar do Império era até então a Guarda Nacional, formada por latifundiários, comerciantes e políticos voltados para o controle da ordem e a manutenção do poder da aristocracia agrária. O exército não possuía significação social e era formado por homens livres recrutados por castigo ou desemprego. Porém, na guerra, negros e brancos lutaram lado a lado, sob a mesma condição; após o fim do combate, que quase dizimou a população paraguaia, o exército passou a ter uma

<sup>156</sup> A obra *O Feitor Ausente: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro, 1808-1822*, Petrópolis: Vozes, 1988, de Leila Mezan Algranti, aborda os métodos de repressão contra as fugas de escravos, o feitor estava ausente, mas havia outras formas de coerção social.

posição política e social de destaque, e por isso mesmo negou-se, a partir daquele momento, “a capturar escravos fugitivos e dando dessa forma importante apoio à campanha em favor da abolição”.

Para Barbosa (2010), há a tentativa de estabelecer uma linearidade do tempo nos jornais, e essa relação de temporalidade e acontecimento é a ideia fundadora de notícia, ainda que no conceito desta dominasse a ideia de erudição e de conhecimento e não de novidade. Nos anúncios de fuga de escravos cada jornal se inicia com a data, sendo o tempo demarcado pelos acontecimentos que se sucedem em função dos dias que passam. O anunciante tinha a preocupação nos anúncios em pontuar para o leitor do jornal a data de quando o escravo fugiu, as circunstâncias da fuga e o local onde foi visto pela última vez:

**(WB) Diário de Pernambuco, 20 de janeiro de 1844:  
ESCRAVOS FUGIDOS**

*Fugiu no dia 3 do p.p. o preto Francisco, de nação Ambaca, por alcunha Canário, alto, seco, pés grossos e mal feitos, é bem ladino, mas fala muito atrapalhado, deve ter os dedos das mãos calejados, por trabalhar em padaria, levou calças de ganga azul, camisa de chita azul, suspensórios e, chapéu de palha usado, desconfia-se ter ido para Garanhuns por lá ter sua mulher, quem o pegar, leve às Cinco Pontas n. 27, que será recompensado.*

Anúncio 29 – Fuga de escravo

A marcação temporal dos anúncios de fuga é muito significativa, pois além de ser um elemento que compõe a abertura do texto, a forma fixa “no dia X do corrente” pode ser considerada uma tradição, já que há elementos que servem como “gatilhos” para certas estruturas como em: “Fugio **no dia 3 do corrente** do Engenho Larangeiras um preto conhecido de nome Antonio [...]” (Anúncio 64 - DN, 10/10/1842). As formas verbais *fugiu* e *desapareceu*, seguidas da expressão “no dia”, são traços componentes fixos da maioria dos anúncios de nossa amostra.

Apontar o dia, mês e ano em que o escravo fugia, ou era visto pela última vez, como na forma *verbo + data*, pode ser considerado como um elemento tradicional que constitui a TD de abertura do anúncio de fuga de escravo.

#### 4.5.7.1 A fuga das escravas

No Brasil oitocentista, patriarcal e escravista a relação de subordinação das mulheres em relação aos homens foi um capítulo a parte na história. As mulheres e as crianças foram as maiores vítimas do sistema.

Ferreira (1999b, p. 41) esclarece que a atuação das mulheres contra a escravidão em Pernambuco foi muito intensa, mais do que nos outros estados, em virtude da presença da Faculdade de Direito do Recife, instituição de caráter progressista, que abrigava a presença de vários pensadores que combatiam as ideias favoráveis ao sistema escravista. Segundo a autora, em 1802, sete escravas da Fazenda Conceição, perto de Flores, conseguiram comprar suas cartas de alforria, graças ao trabalho executado por elas nas horas em que estavam livres.

Essas escravas eram dirigidas por Francisca Ferreira, que as ensinou a colher e tratar o algodão para a confecção do tecido. Além disso, elas administravam o transporte dessa produção em burros até Flores, onde ela era vendida. Por causa da Guerra de Secessão americana, o preço do tecido subiu e isso beneficiou as escravas, pois a região da fazenda era palco de constantes conflitos com índios e, conseqüentemente, o preço das terras era bastante desvalorizado, o que favoreceu a compra da Fazenda, pelas escravas, que passou a se chamar Conceição das Creoulas. No entanto, essa forma de empreender a busca da liberdade de forma racional e intelectual não era comum aos escravos, especialmente às mulheres, que eram muito mais subservientes que os homens.

Mas são os anúncios de fuga de escravas<sup>157</sup> que chamam a atenção pela clara diferença como o texto era redigido e, conseqüentemente, como as escravas eram tratadas, já que não era mencionada as marcas dos castigos físicos. Quando elas se decidiam pela fuga, geralmente acompanhavam seus companheiros, familiares ou levavam seus filhos, ou “cria”, “moleques” ou “molecotes”, sendo estes quase sempre descritos como espertos e vivos.

Carvalho (2010, p. 220) descreve que a relação íntima entre os escravos nas senzalas não era estimulada, sendo mesmo até dificultada. Nos sobrados a situação também não era tão diferente, pois havia a segregação sexual: as escravas dormiam e viviam no primeiro andar, enquanto os escravos ficavam no térreo, separados do primeiro andar por uma porta em cima da escada, trancada por dentro. Diante dessa dificuldade em se relacionarem com seus pares, presume-se que os filhos das escravas mencionados nos anúncios fossem de seus donos.

---

<sup>157</sup> Schwarcz (1987, p. 139) esclarece que muitos dos casos de anúncios de escravas fugidas referiam-se a “negras urbanas” e indicavam inclusive a maior autonomia que estas possuíam na cidade. A autora cita que as negras quitandeiras ou de tabuleiro, por possuírem uma vida mais livre e ter certa mobilidade na cidade, auxiliavam constantemente nas fugas e insurreições de outras escravas.

Freyre (2010) reconhece que tenha havido, entre os senhores e as escravas, essa relação de brandura, casos de confiança mútua, companheirismo ou amizade, mas acredita que essa relação continha uma violência perturbadora, já que as escravas eram sua propriedade alienável e quando eles se sentiam desgostosos e enfasiados delas, a solução mais imediata era vendê-las, o que de fato acontecia.

A proximidade com a casa dos donos era uma forma de a escrava obter alguma vantagem em termos de alimentação, vestuário e até mesmo a tão desejada alforria. Em sociedades escravistas, a proximidade do centro do poder era uma variável importante em favor dos escravos, pois quanto mais próximos estivessem da casa, que representava o centro do poder, maiores eram as chances de se aproximar da cultura dominante (CARVALHO, 2010, p. 223), mas isso não significava progresso, ao contrário, a vida dessas mulheres escravas era muito tensa. Quando as sinhás percebiam as escravas como amantes dos maridos, isso aumentava o ódio de classe dentro do mesmo gênero. Assim, as escravas eram duplamente subjugadas, pelas sinhás, quando nasciam os filhos bastardos da relação extraconjugal dos maridos, pois a criança representava as provas reais da infidelidade cometidas por eles, e pelos donos que as assediavam sexualmente.

A fuga para as mulheres com crianças era mais difícil, pois a viagem por dentro das matas se tornava mais perigosa, mas isso não representava um empecilho para que uma ou outra escrava com filho fugisse para os quilombos tentando alcançar a liberdade. Vejamos este anúncio:

**(AK) Diário de Pernambuco: quarta-feira, 1 de junho de 1853.**

*Avisos - Foram seduzidas ou furtadas do sítio do abaixo assinado, duas mulatas, uma escrava de nome Raimunda, alta, com o rosto redondo, beiços grossos; levou consigo um filho de mês e meio. A outra mulata é forra, chama-se Narciza, tem 17 anos de idade, é clara, tem o corpo regular, os cabelos coridos e boca grande, foi criada e educada na casa do abaixo assinado. Espero até domingo próximo vindouro a entrega da mulata cativa com a cria e notícias da forra que por este declaro não a querer mais em casa. Sendo porém, que não apareçam até o dia indicado, levarei esse fato com todas as suas circunstâncias ao conhecimento do público e da polícia. João do Rego Barros Falcão.*

Anúncio 30 – Sedução de escravo ou furto

O anúncio acima que traz a expressão “foram seduzidas ou furtadas”, suavizando a fuga, representa um elemento diferenciado nesse tipo de texto. Os verbos “seduzir” e “furtar” emitem uma ideia de passividade, além de sugerirem que o anunciante não acreditava que as

escravas pudessem tomar a decisão de fugir do domínio do dono. Por isso atribuem aquele gesto da fuga como a sedução ou furto de alguém.

No anúncio, há ainda a informação de que a escrava Raimunda tinha levado consigo “um filho de mês e meio”, revelando a delicada questão da possível relação entre o dono e a escrava que vivia no ambiente doméstico. O final da mensagem que diz: “*Sendo porém, que não apareçam até o dia indicado, levarei esse fato com todas as suas circunstâncias ao conhecimento do público e da polícia. João do Rego Barros Falcão*” revela a possessividade do dono em relação à cativa.

Apesar da dupla exploração, tanto dos senhores como das sinhás, e de serem uma minoria em relação aos homens, as mulheres se constituíam como contingente maior entre os libertos. Para Carvalho (2010, p. 223), o sexo tornava-se uma via de ascensão social, pois a prostituição, mesmo que eventual, podia ser rentável para as cativas, pois muitas delas conseguiam sua alforria vendendo seu corpo, mas isso não constituía uma prática geral entre elas. O fato é que, estando dentro das casas, i. e., estando próximas do centro de poder, as escravas podiam ter maiores vantagens como alimentação, vestuário e até mesmo a alforria. No entanto, a quantidade maior de mulheres libertas do que de homens não deve ser entendida apenas pela ótica da prostituição ou exploração sexual.

Para a sociedade patriarcal brasileira do século XIX, uma escrava liberta representava um mal menor do que um homem liberto. As mulheres, seja na condição que fossem, eram ensinadas a obedecerem aos homens e ao serem alforriadas, elas ingressavam no mundo dos libertos num degrau abaixo de todos os homens da mesma condição. Nessa ideologia, a liberta era mais facilmente aceita pelos donos do poder, já que a liberdade plena lhe era negada pelo simples fato de ser mulher. Carvalho ainda ressalta que tanto para homens quanto para as mulheres “a alforria não era necessariamente sinônimo de liberdade”.

Os tipos de anúncios apresentados foram constantes no jornal enquanto perdurou a escravidão. Esses textos referem-se à vida dos escravos e como eles desenharam a paisagem rural e urbana do Recife oitocentista, confirmando, dessa forma, a sua importância para o estudo tanto social quanto dos usos da língua escrita da época e da cultura local.

Na próxima seção faremos a análise estrutural e linguístico-discursiva dos anúncios de fuga de escravos a fim de identificarmos os traços de composicionalidade das formas fixas, ou fórmulas fixas, que compõem as TDs.

## 5 TRAÇOS DE COMPOSICIONALIDADE DA TD ANÚNCIO DE FUGA DE ESCRAVOS

O século XIX foi fortemente marcado por transformações tecnológicas que geraram profundas mudanças sociais, que levaram a mudança de hábitos e costumes. O que se anunciava nos jornais da época é o reflexo dessa efervescência na vida social, refletida nos diferentes gêneros textuais, como os anúncios, avisos e declarações.

Nos anúncios de escravos dos jornais brasileiros estão impressas determinadas práticas linguísticas que eram legitimadas pela situação político-social vivenciada no país, pois quem possuía escravos, tinha poder econômico e prestígio social. O discurso dos anúncios girava em torno de duas condições: da propriedade do escravo, como bem material e, dessa forma, da faculdade de poder trocá-lo e alugá-lo

Anunciar o escravo em fuga nos jornais era uma prática comum que visava permitir à população e às autoridades policiais a sua apreensão com todo o rigor da lei. Como a fotografia só foi inserida nos jornais no início do século XX, a representação das coisas, objetos e pessoas era pormenorizada. Para descrever o escravo era necessário apontar todos os elementos que sinalizassem para o reconhecimento daquele negro entre os demais que circulavam na rua e, assim, favorecer a sua apreensão.

Com base nessas considerações, a partir da análise da amostra, procuramos apontar os elementos que caracterizam os anúncios de fuga de escravos como textos retoricamente situados no século XIX. As análises englobam tanto os aspectos linguísticos, que apontam na caracterização da TD, quanto dados de natureza não linguística como a história social que favoreceu a produção desses textos. Não nos comprometemos em fazer uma descrição exaustiva de todos os traços característicos encontrados no interior dos anúncios de fuga de escravos, mas apontar itens fundamentais para que se compreendam a identificação dos anúncios como TD, caracterizados por fenômenos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Nesse sentido, dividimos as análises em duas partes ou dimensões, a macroestrutura, ou dimensão estrutural, que compreende a diagramação, a localização do gênero no suporte, a tipologia textual, a organização retórica e as partes de composição dos anúncios; e a microestrutura, ou dimensão linguístico-discursiva, que abriga três níveis de análises: características universais, características históricas e características das TDs.

Na dimensão linguístico-discursiva partimos das propostas de análises de Oesterreicher (1994), Stoll (1996), Pessoa (2003), Koch (2011) e Toral (2013). As TDs anúncios de fuga de escravos e de procurados exigem uma abordagem específica já que, nos anúncios de escravos, por exemplo, a trama textual é construída de forma muito particular. Dessa forma, abordaremos os traços de composicionalidade macrotextuais e microtextuais, que englobam as características universais (nos níveis pragmático, sintático e semântico), características históricas e características das TDs.

As análises iniciais evidenciaram que os anúncios estão muito próximos do que Oesterreicher denominou de *imediatez comunicativa*, i. e., muito próximos da concepção oral e, por isso, apresentam a sintaxe truncada, ausência de pontuação e ausência de elementos sintáticos, como as conjunções e preposições, o que leva à ruptura no tópico discursivo. Talvez essas ausências possam ser consideradas uma economia linguística constitutiva e característica do próprio gênero anúncio de fuga de escravo.

Pessoa (2003, p. 180), ao analisar a linguagem do jornal do século XIX, percebe que esta seguia a variedade de prestígio à época, que era fortemente influenciada pela língua francesa. No entanto, na nossa amostra não foi evidenciada essa influência, mas um texto nitidamente marcado pelos aspectos da linguagem oral.

### **5.1 Composicionalidade da TD na dimensão estrutural**

A abordagem que faremos agora, sobre a composicionalidade da macroestrutura, ou dimensão estrutural, dos anúncios de fuga de escravos, compreende a diagramação do jornal, que permite localizar o gênero no suporte; a tipologia textual; e a organização retórica que aponta as partes que compõem o texto. Além disso, há outros aspectos que interferem na composição do anúncio, como a escolha da fonte, o tamanho do caractere, o espaçamento entre linhas no jornal, que são, de acordo com Debray (1995, p. 101), fatores que provocam um efeito de sentido visual e tátil e, por isso, considerados constitutivos da própria mensagem.

### 5.1.1 Diagramação: localização do gênero no suporte

A diagramação corresponde à localização do anúncio de fuga de escravo no jornal. Apresentaremos algumas mudanças ocorridas no título da seção entre 1825 a 1875. Nos jornais pernambucanos, os anúncios de fuga tinham uma seção destinada a esse fim, localizada na última página do caderno, que era composto até meados do século XIX por quatro páginas. No entanto, os assuntos referentes ao escravo ou as notícias sobre a fuga estavam inseridas em vários locais de assuntos distintos. Este anúncio de jornal de 1841, referente à fuga de escravo, está localizado na seção de vendas:

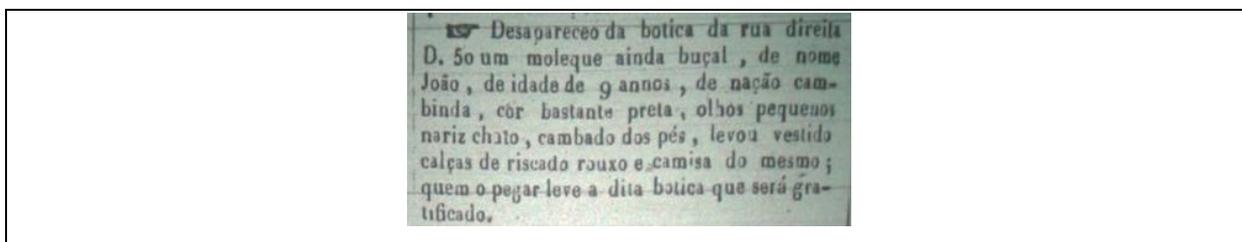


Figura 21: Anúncio de fuga em seção de venda (DP, 27/05/1841).

Percebe-se nesse anúncio que embora comporte todas as etapas como a abertura, o desenvolvimento e o fechamento, a mensagem está mais condensada e direta. Quando os anúncios de fuga apareciam inseridos em locais não destinados àquele fim, os textos apresentavam-se, geralmente, um pouco mais curtos, com características de notas ou notícias, mas ao serem publicados na seção específica de escravos fugidos, os textos apresentam-se mais descritivos e, muitas vezes, mais prolixos.

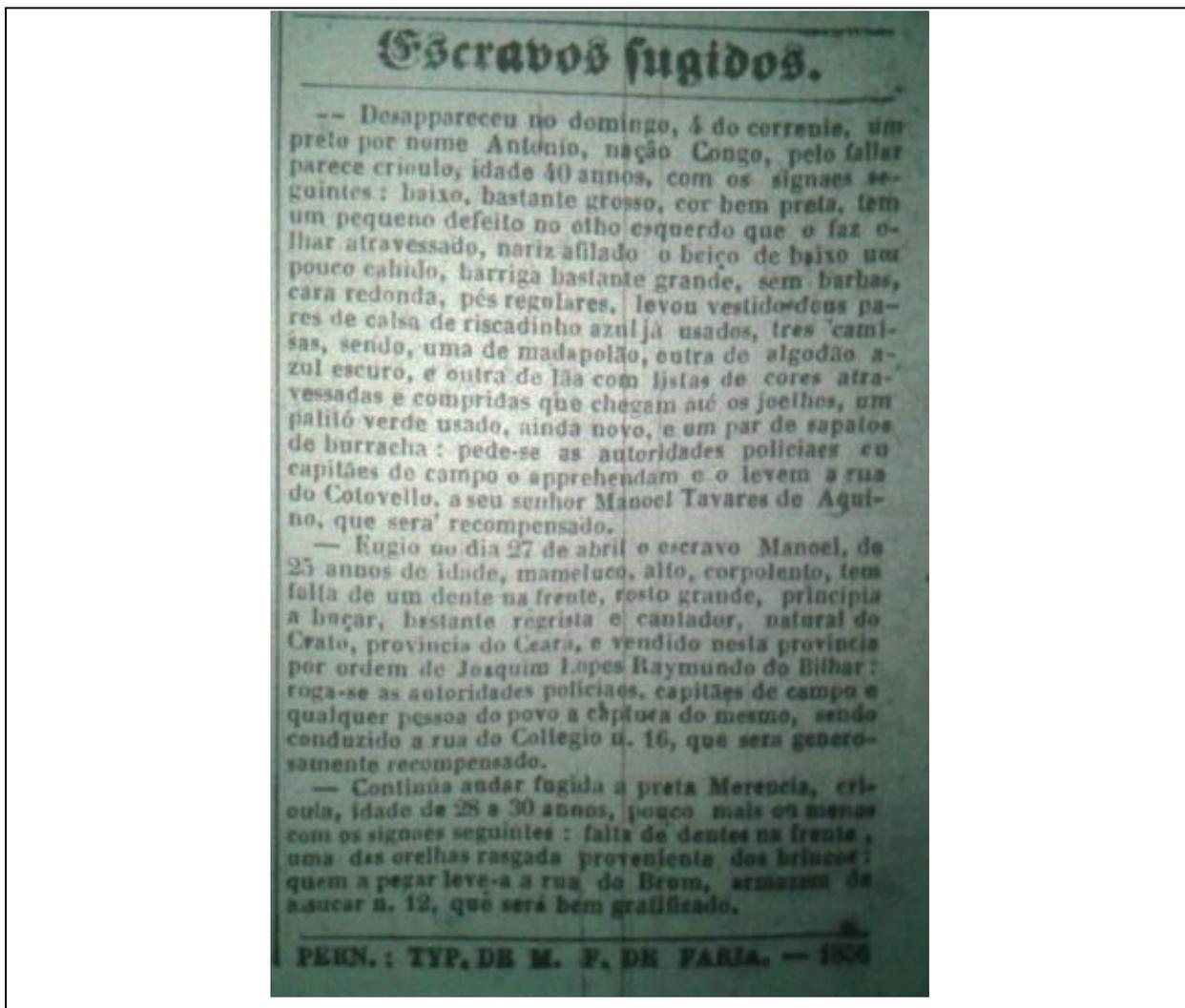


Figura 22: Seção do jornal DP “Escravos fugidos” (DP, 10/05/1856).

A estrutura desses anúncios acima é mesma, compreendendo a abertura, o desenvolvimento e o fechamento<sup>158</sup>, mas a diferença entre eles está no desenvolvimento: o primeiro é mais suscito; o segundo, da seção “escravos fugidos”, há um excesso de elementos descritivos que leva à prolixidade.

Com relação aos elementos que compõem as colunas dos jornais, Bonini (2011) classifica as seções em *fixas* e *variáveis*. No DP oitocentista havia certa regularidade na publicação das seções, como também aparecem eventualmente outras seções no jornal. Nesse sentido, há uma semelhança com o jornal publicado nos dias atuais em que há seções ou cadernos temáticos inseridos de acordo com os dias da semana.

<sup>158</sup> Mais adiante discutiremos as partes dos anúncios e suas formas de abertura, desenvolvimento e fechamento, adotadas como organização retórica dos anúncios de fuga de escravos.

De acordo com Charaudeau (2010, p. 207) é necessário fazer uma distinção entre seção e rubrica no jornal. A seção, para o autor, precede a um recorte do acontecimento em macrotemas correspondendo a grandes áreas de tratamento da informação; já a rubrica corresponde à combinação de um modo discursivo com um tema particular que se situaria no interior de uma seção; mas, geralmente, essas denominações são instáveis, pois no uso corrente os profissionais não fazem essas distinções.

O DP no século XIX era composto inicialmente pelo cabeçalho, onde constavam o dia da semana, o dia do santo, o mês e o ano e o nome do jornal. As seções fixas eram formadas pela Parte oficial; Folhetim; Ordem do dia; Comando das armas; Exterior; Interior; notícias relacionadas ao Diario de Pernambuco; Commercio (Exportação); Movimento do Porto; Editaes; Declaraçoens; Avisos marítimos; Avisos diversos (subseções: Attenção, Compras, Vendas e Escravos Fugidos). As seções variáveis eram formadas por assuntos de interesse distintos, como aqueles relacionados ao Teatro Santa Isabel, aos leiloens etc. No quadro sinóptico podemos ter uma melhor visualização:

<b>SEÇÕES DO JORNAL DP SÉCULO XIX</b>	
<b>Fixas</b>	<b>Variáveis</b>
Cabeçalho (dia, mês, ano, dia do santo) e nome do jornal	Teatro Santa Isabel
Parte oficial	Leiloens
Folhetim	Convites
Ordem do dia	
Comando das armas	
Exterior	
Interior	
Commercio (Exportação)	
Movimento do Porto	
Editaes	
Declaraçoens	
Avisos marítimos	
Avisos diversos (subseções: Attenção, Compras, Vendas e Escravos Fugidos).	

Quadro 7: Seções do jornal DP (séc. XIX).

As seções variáveis do DP, nesse contexto, podem ser consideradas estáveis, já que no ano analisado só foram apontadas três seções diferentes daquelas que comumente compunham o jornal, mostrando dessa forma que o jornal mantinha as seções fixas com certa regularidade.

Tengarrinha (1965, p. 200) aponta que os periódicos *Com Privilegio Real (Lisboa, 1778-1807)* e *O Correio Mercantil e Economico de Portugal (Lisboa, 1790-1810)* também publicavam as notícias de entrada e saída dos navios no Tejo, os preços dos gêneros alimentícios, as estatísticas comerciais, além de numerosos avisos e anúncios que interessavam à população em geral. Isso demonstra que nos jornais brasileiros tanto a estrutura quanto nos assuntos de interesse mais genéricos tentava-se reproduzir o que se publicava na metrópole.

Os gêneros do DP do século XIX eram dispostos conforme sua importância no jornal, sendo apresentados em gradação de acordo com o interesse da sociedade daquele tempo e, principalmente, quanto aos interesses ideológicos do jornal.

### 5.1.2 Tipologia textual

As análises dos anúncios de fuga de escravos precisam se relacionar com as questões das tipologias textuais. Se um texto se apresenta de uma forma, é porque suas marcas e propriedades linguísticas são determinadas pelas questões de produção. Incorporaremos então a noção de tipo para esta discussão.

Para Travaglia (1991, p. 36) o *tipo* seria um modo de ação ou forma de interação, tipo de interlocução. A relação de interlocução define funcionamentos (processos) que são distintos, conforme as relações sejam diferentes. Esses funcionamentos se sedimentam historicamente, se “cristalizam”<sup>159</sup>, constituindo os tipos (produtos) que entram no processo como parte das condições de base do discurso, como uma forma de regularidade sob dois aspectos, enquanto modelo e enquanto atividade. Assim, o ato de dizer é sempre tipificado, estabelecendo uma configuração para o discurso. Para um texto ser de certo tipo, é preciso haver uma correlação entre uma propriedade e certas marcas. No entanto, é preciso levar em conta que um tipo de discurso não se caracteriza apenas por traços formais no texto, mas devem-se levantar as marcas formais e correlacioná-las a determinadas propriedades, mostrando o modo como a marca aparece em relação às condições de produção e como ela funciona na interlocução.

---

<sup>159</sup> Grifo do autor.

Jean-Michel Adam (2011), ao discutir a textualidade e a sequencialidade que asseguram as possibilidades do dizer, propôs uma organização dos textos baseada na noção de *sequência*, que são unidades estruturais relativamente autônomas, que integram e organizam macroposições, que por sua vez, combinam diversas *proposições*, o que leva à organização linear do texto ser concebida como produto da combinação e da articulação de diferentes tipos de sequências. Dito de outra maneira, as sequências são proposições psicológicas que se estabilizaram como recurso composicional dos vários gêneros. A noção de sequência do autor é construída na década de 1990, a partir outros conceitos desenvolvidos por demais autores. As sequências constituem os *protótipos* que são modelos abstratos definíveis pela natureza das macroposições que comportam e pelas modalidades de articulação dessas macroposições em uma estrutura autônoma.

Inicialmente, Adam apontavam em seus trabalhos sete tipos de sequências: *narrativa, descritiva, argumentativa, expositivo-explicativa, injuntivo-instrucional, conversacional e poético-autotélica*. Posteriormente, o autor reduziu o número de sequências para cinco: *narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e dialogal*, excluindo de seu quadro a sequência injuntiva, por considerá-la parte da descrição; e a poética, por julgá-la como sendo o resultado dos ajustes da superfície na base do texto, e não como uma estrutura hierárquica e ordenada de proposições. Contudo, essa junção é injusta, já que as análises do *corpus* têm revelado que os anúncios de fuga de escravos são estruturados de maneira muito particular, em que o texto orienta o leitor para a execução de uma atividade, direcionando-o às práticas que se deseja alcançar, característica intrínseca ao tipo textual injuntivo, como o pedido às autoridades policiais ou capitães-de-campo para que intervenham na captura do escravo.

Bronckart (1999) e Adam (1990) compartilham um quadro teórico muito parecido. Ambos não considerarem a sequência expositiva, como uma sequência textual. E, ao assumirem essa posição, os autores esbarram em um problema relacionado ao gênero *notícia*, considerado essencialmente expositivo. A notícia não pode ser explicada pela sequência explicativa, pois não se explica o fato; nem pode ser alocada nas sequências narrativa e descritiva, já que não se narra e nem descreve-se o fato; a notícia deve ser “exposta” no domínio jornalístico. No entanto, os autores divergem quanto à existência ou não da sequência injuntiva: Adam afirma ser esta um tipo de descrição, já Bronckart considera a injunção mais um tipo de sequência, e sobre esta desenvolve um raciocínio gradativo dentro do mundo do expor e do narrar, acrescentando a este um grau zero<sup>160</sup> de planificação.

---

<sup>160</sup> A ideia de que existe um referente para as palavras encontra ecos na concepção de que há um grau zero da linguagem. Nesse nível de realização, a linguagem deve referir-se às “coisas” objetivamente, por meio de

O termo sequência é consensual entre alguns teóricos, porém muitos ainda preferem o termo “tipo de texto”. Meurer (2002, p. 67), por exemplo, fala de “modalidade retórica” entendendo-as como estruturas relacionadas aos gêneros discursivos. Para o autor, as modalidades retóricas devem ser divididas em duas categorias: as tradicionais - narração, exposição e argumentação - e as relativas, subdivididas em macroestruturais e microestruturais. Já Werlich (1973) propôs o conceito de base de texto como forma para entender a competência textual do falante, confirmando a existência de cinco tipos de textos: *descritivo*, *narrativo*, *expositivo*, *argumentativo* e o *instrutivo*, assegurando que o conhecimento relativo aos tipos encerra também um modo de produção textual, pois é a partir da base textual que o texto tem início e se expande na direção de um dos cinco tipos.

Adam está de acordo com as considerações de Werlich sobre os tipos que compõem um conjunto de recursos cognitivos responsáveis, parcialmente, pela produção do texto; no entanto, discorda da sua explicação sobre os processos cognitivos implicados na formação desses tipos. Para o autor, a sentença já traz marcas dos tipos de textos, mas também vai se subordinando ao tipo de texto que será produzido, pois os componentes textuais decorrem das práticas sociais da linguagem.

Marcuschi (2002, p. 22) ancorado nos estudos de Werlich (1973), Swales (1990), Adam (1990) e Bronckart (1999), faz uma breve definição de tipos textuais, entendidos como expressão que designam uma espécie de construção teórica definida *pela natureza linguística* de sua composição: aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas. O autor aceita que os tipos textuais abrangem apenas meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição* e *injunção*. Para uma melhor visualização, elencamos os autores citados e a lista de tipologias reconhecidas por eles:

---

denotações, de modo que há uma relação direta entre as palavras e elas. O discurso, nesse grau, deve relatar acontecimentos em ordem cronológica; as frases devem ser escritas em ordem direta e, nesse ponto, refletir o mundo objetivo (FIORIN, 2011, p. 125)

TIPOS TEXTUAIS			
Werlich (1973) e Marcuschi (2002)	Adam (1990)	Adam (s/d)	Bronckart (1999)
<i>descritivo</i>	<i>narrativa</i>	<i>narrativa</i>	<i>narrativa</i>
<i>narrativo</i>	<i>descritiva</i>	<i>descritiva</i>	<i>descritiva</i>
<i>expositivo</i>	<i>argumentativa</i>	<i>argumentativa</i>	<i>argumentativa</i>
<i>argumentativo</i>	<i>expositivo-explicativa</i>	<i>explicativa</i>	<i>explicativa</i>
<i>Injuntivo</i>	<i>injuntivo-instrucional</i>		<i>injuntiva</i>
	<i>conversacional</i>	<i>dialogal</i>	<i>dialogal</i>
	<i>poético-autotélica</i>		

Quadro 8: Sinóptico de autores e tipologias textuais.

Baseando-se em Werlich (1973), Adam (1990), Bronckart (1999) e Marcuschi (2002), selecionamos as seguintes seqüências:

TIPOLOGIAS TEXTUAIS	
<b>NARRATIVA</b>	<p>Concentra-se em desenvolvimentos cronológicos finalizados, tendo sido a mais estudada pela tradição retórica, poética e semiótica. Esse processo seleciona e organiza os acontecimentos de modo a formar um todo, uma história ou ação completa com início, meio e fim. Para que haja uma narração entram em jogo seis componentes: a) um ator antropomórfico constante, individual ou coletivo; predicados; sucessão temporal mínima; uma transformação de predicados por um processo; uma lógica singular; um fim-finalidade sob forma de avaliação moral. (ADAM, 1990, 2009).</p> <p>É sustentada por um processo de <b>intriga</b> que seleciona e organiza os acontecimentos de modo a formar uma história completa com início, meio e fim. É constituída da situação <b>inicial</b>; a fase de <b>complicação</b>, a fase de <b>ações</b>; a fase de <b>resolução</b>; a fase de situação <b>final</b> (BRONCKART, 1999).</p>
<b>DESCRITIVA</b>	<p>Adam (1990, 2009) e Adam e Petitjean (1989 <i>apud</i> Adam, 2009) sustentaram a tese da existência de um protótipo autônomo de seqüência descritiva e propuseram uma análise técnica de suas propriedades linguísticas. A seqüência descritiva apresenta arranjos que não seguem uma ordem linear causal, mas essencialmente tabular, hierárquica, regrada pela estrutura léxica disponível. Sua ocorrência mais característica é como parte da seqüência narrativa, principalmente na parte inicial quando são introduzidos o espaço e os personagens do fato.</p>
	<p>Essa seqüência implica a existência de uma tese a respeito de um tema. Sobre a tese são propostos dados novos, que são objeto de um processo</p>

<b>ARGUMENTATIVA</b>	de inferência, que orienta a uma conclusão. Na inferência o movimento argumentativo pode ser apoiado por algumas justificações ou restrições. É das justificações que dependem a força da conclusão. O protótipo da sequência argumentativa apresenta-se de quatro fases: as premissas – que se propõe uma constatação de partida; a fase de apresentação de argumentos; a de apresentação de contra-argumentos; a fase de conclusão – ou de nova tese (BRONCKART, 1999).
<b>INJUNTIVA</b>	Bronckart (1999), afirma que a sequência injuntiva tem como objetivo querer “fazer agir” sobre o interlocutor numa direção específica, apontada pelo texto.  A sequência injuntiva vem representada por um verbo no imperativo, indicando enunciados incitadores de ação. Estes textos podem sofrer certas modificações significativas na forma e assumir, por exemplo, a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um "deve" (WERLICH, 1973; MARCUSCHI, 2002).
<b>EXPLICATIVA</b>	O raciocínio explicativo apresenta-se na forma de uma sequência bastante simples, cujo protótipo comporta quatro fases: a) a fase de constatação inicial, que introduz um fenômeno não contestável; b) a fase da problematização, em que é explicitada uma questão da ordem do porquê ou do como, associada a um enunciado de contradição aparente; c) a fase de resolução - ou de explicação – introduz os elementos de informações suplementares capazes de responder as questão expostas; d) a fase da conclusão-avaliação, que reformula e completa a constatação inicial (ADAM, 1990, 2009; BRONCKART, 1999).
<b>CONVERSACIONAL-DIALOGAL</b>	Essa sequência apresenta a particularidade de concretizar-se nos segmentos de discursos interativos dialogados, que são estruturados em turnos de fala - no caso dos discursos interativos primários – que são diretamente assumidos pelos agentes-produtores envolvidos em uma interação verbal. Em seu nível de organização geral, a realização das três fases possíveis (abertura, transação, encerramento) depende do grau de aceitação das regras sociocomunicativas (Adam, 1990, 2009).

Quadro 9: Sinóptico das tipologias textuais.

Em relação às tipologias textuais, as análises dos anúncios de fuga de escravos mostram que os textos têm tipologias bastante heterogêneas; mas podemos restringir as sequências mais encontradas: as narrativas, descritivas, explicativas, injuntivas e argumentativas. Vamos ao exemplo:

(AK) *Diário de Pernambuco Terça Feira 14 de Janeiro de 1862.*

**AVISO**

*No dia 28 de julho de 1861 fugio do Gurinhesinho, freguezia de Guarabira, o escravo Joaquim, cabra com 40 annos, cabellos pretos e quase carapinhos, tem o rosto descarnado, pouca barba, panos pretos nas duas faces, nariz afilado, olhar velhaco boca regular, dentes inteiros, limados e gastos, pescoço bem grosso desde a nuca até o tronco, hombros cahidos a ponto de não sustentarem os suspensorios, altura regular, pés e mão grandes, chaboqueiros, cheios de veias, é muito bem empernado, tem bons braços, falla pouco, é pouco, é cortez, gosta de cantar lôas, está acostumado a almocrever e atirar gado como tangedor. Dous dias depois de fugido apareceu em Bezerros, d'onde veio para o Recife em procura de certo individuo que lhe deu valhacouto, e presume-se que está agregado a algum engenho. O dono protesta usar de todo o rigor da lei contra quem o tiver occulto: quem o pegar pode leva-lo ao seu senhor José Justino da Costa Brito, no lugar mencionado, ou do reverendo Dr. Padre Joaquim Graciano de Araujo na rua da Santa Cruz n. 64, que será generosamente recompensado.*

Anúncio 31- Fuga de escravo

A sequência narrativa se caracteriza no texto quando o redator se centra nos acontecimentos relacionado à fuga e na sua circunstância, tentando seguir uma ordem linear dos fatos. As expressões “no dia 28 de julho de 1861” e “dous dias depois”, seguidas dos verbos no passado “fugiu”, “veio”, “apareceu”, dão uma noção temporal do acontecimento que ocorreu no passado. Já a sequência descritiva se organiza em torno de uma hierarquia dos acontecimentos mais importantes, apresentando a localização do escravo em *Guarabira, Bezerros, Recife*, e de informações sobre ele: *cabra com 40 annos, cabellos pretos e quase carapinhos, tem o rosto descarnado, pouca barba, panos pretos nas duas faces, nariz afilado, olhar velhaco boca regular, dentes inteiros, limados e gastos, pescoço bem grosso desde a nuca até o tronco, hombros cahidos*, incluindo as circunstâncias da fuga: *veio para o Recife em procura de certo individuo que lhe deu valhacouto*.

A sequência explicativa compreende a análise e a síntese de representações conceituais (ADAM, 2009, p. 127), visando mostrar que as relações de causa ligam os fatos entre si (a relação de explicação propriamente dita) ou mesmo as falas (relação do dito da justificação). As informações que são originadas na constatação de algo, que parece incontestável, estão exemplificadas no anúncio, onde temos a informação que o escravo tinha *hombros cahidos a ponto de não sustentarem os suspensórios*. Essa sequência é constituída de quatro fases: a fase de *constatação inicial*: quem, onde e quando; a fase da *problematização*, as circunstâncias da fuga; a fase de *resolução* e a *conclusão*, que se configura no desfecho do anúncio, que seria a entrega do escravo ao dono ou às autoridades, mas ela não pode ser comprovada, já que os anúncios não publicavam esse tipo de informação.

A sequência de base injuntiva é representada nesse anúncio através de expressões como esta: *quem o pegar pode leva-lo ao seu senhor*, mas além dela temos outras, a saber:

- a) [...] quem a apreender, ou souber quem a tem, dirija-se... (Anúncio 2)
- b) [...] quem a pegar leve a mesma caça... (Anúncio 3)
- c) [...] quem a tiver em seu poder haja de denuncia-la... (Anúncio 17)
- d) [...] quem julgar pertencer-lhe procure na rua do aterro da Boa-vista... (Anúncio 24)
- e) [...] quem o pegar tenha a bondade de o levar a seu senhor... (Anúncio 32)

Esses enunciados são caracterizados pelos verbos no modo imperativo: “dirija-se”, “leve”, “haja”, “procure” etc., que aparecem muitas vezes implicitamente; e pelo verbo “será” no futuro do presente. Os textos que usam a tipologia de base injuntiva empregam períodos simples, já que as orientações são mais diretas.

Além das sequências narrativas, descritivas e explicativas e injuntiva podemos encontrar nos anúncios a sequência argumentativa que nem sempre está explícita no texto. De acordo com Adam (2009, p. 126), todos os textos comportam uma orientação argumentativa, pois esta implica a existência de uma tese a respeito de um tema, e sobre essa tese são propostos dados novos, que são objeto de um processo de inferência, para orientar uma conclusão. Na inferência o movimento argumentativo pode ser apoiado por algumas justificações ou restrições; é, então, das justificações que dependem a força da conclusão (Bronckart, 1999). Vejamos este exemplo:

**(AK) Diário de Pernambuco Terça Feira 2 de junho de 1829.**

*-Matheus, nação Camundongo, estatura regular, cor preta cara com marcas de bixigas, olhos afumados, o qual foi captivo de Mathias Joze Ferreira o Senhor do Engenho Lagoa do Carro, e hoje Retiro ; fugido no dia 23 de Setembro de 1828 : os aprehendedores levem-o a rua da Cruz segundo andar da casa N. ° 52 a Manoel Joze Duarte. **O mesmo protesta usar dos meios marcados na ley contra qualquer pessoa que o tiver occulto pois ja foi anunciado no Diario de 7 de Agosto de 1828.***

Anúncio 32 – Fuga de escravo

Neste exemplo, a argumentação está baseada na força da lei marcada pelo anunciante quando este pede a intervenção das autoridades para aplicar a lei contra qualquer pessoa que tiver escondido o seu escravo. É nesse momento que se revela a carga ideológica constituída à época que legitima o poder delegado às autoridades ou a qualquer pessoa para prender o escravo que fugia.

### 5.1.3 Organização retórica

A organização retórica diz respeito ao modo como os anúncios de fuga de escravos são enunciados no jornal. Como já dissemos, esses textos são essencialmente informativos, com algumas expressões que funcionam como recurso argumentativo do texto. A organização textual do anúncio não obedecia a uma estrutura rígida, pois cada anunciante escrevia o texto usando o recurso léxico e pragmático da forma que melhor lhe conviesse, porém há nos anúncios elementos macroestruturais como a abertura e o fechamento que quase sempre são preservados, sendo repetidos e copiados até por quem não dominava a norma culta e a técnica da escrita, como deixam entrever os anúncios<sup>161</sup>.

Oesterreicher (1994, p. 158) mostra que nos espanhol americano do século XVI, os responsáveis para redigirem os textos de interesse historiográfico como as cartas, as crônicas, o memorial, os tratados etc., possuíam alguma prática no exercício da escrita; eram eles: secretários, escrivães, historiadores ou cronistas de convento. Esses profissionais tinham o domínio da *Textproduktion*<sup>162</sup>, sendo guiados pelo *ideal de escrituralidad*. Mas naquele meio havia também os textos de mestiços, crioulos e índios, que Oesterreicher denominou de *historiografía popular ou de abajo*. Tais textos se configuravam como produções de autores *semicultos* de escassa cultura, sem formação literária e sem a prática do ofício da escrita.

Esse termo “*semiculto*”, para Oesterreicher, não é satisfatório, mas o autor faz uso dele por duas razões: a primeira é que ele está diretamente ligado ao ramo da psicologia que investiga a produção de textos (*principiante em la escritura*); a segunda razão é fazer jus a certa continuidade da tradição filológica da linguística italiana iniciada por Leo Spitzer.<sup>163</sup> Os textos produzidos pelos autores *semicultos* sofrem mudanças e modificações significativas, provocadas pela afinidade com a oralidade, não só quando escrevem, mas também quando ditam, já que os *semicultos* usam a escrita de forma funcional e prática. Nesse sentido, esses textos apresentam-se diferentes da norma discursiva corrente e sua linguagem se aproxima da língua falada em certos aspectos.

<sup>161</sup> Brandão (2004, p. 7) apresenta a seguinte forma de textualização dos anúncios de fuga de escravos, cuja composição textual-discursiva pode ser assim esquematizada: X foge de Y; características de X; gratificação para quem encontrar X; função: informar para capturar.

<sup>162</sup> Produção de textos.

<sup>163</sup> D'Achille (1994, p. 42) esclarece que *semiculto* não estava dicionarizado; ele foi denominado pelo linguista italiano Francesco Bruni, em *Traduzione, tradizione e diffusione della cultura: contributo alla lingua dei semicolti*. In: AA. VV., *Alfabetismo cit.*, s/d. p. 195-234. Bruni, ao investigar a língua vernacular do século XIV, referiu-se aos textos dos *semicultos* como aquelas produções textuais consideradas muito inferiores em comparação às produções de autores de cultura elevada.

Os anúncios do DP abrigam produções similares às dos *semicultos*. Pessoa (2003, p. 219) mostra que no primeiro anúncio de jornal publicado no *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808, a estrutura textual remete à oralidade, especificamente à natureza dos pregões, que muito antes da imprensa eram pronunciados pelos escravos pelas ruas dos centros urbanos.

Logo no primeiro número, o jornal convidava os leitores a redigirem seus próprios anúncios para serem publicados, bastando, para isso, leva-los à tipografia para serem impressos, pagando-se apenas a assinatura do jornal. Dessa maneira, qualquer pessoa, até os iletrados, podiam redigir e publicar seus anúncios:

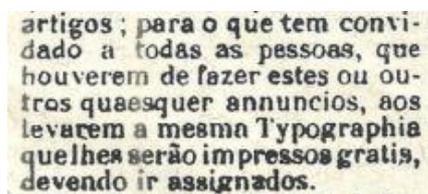


Figura 23: Comunicado do DP N. 1 (DP, 7/11/1825).

A escrita é concebida como a tentativa de representação do oral, e para ser realizada pressupõe certos conhecimentos do código e da norma padrão. Ela precisa ser planejada, normatizada e completa para ter inteligibilidade, enquanto a oralidade é contextualizada, implícita e não planejada; a compreensão se dá através da interatividade. O processo de elaboração dos anúncios de fuga se enquadra nas características de produções de autores *semicultos*, pois se verifica a ausência de um interlocutor direto, o que leva a uma elaboração prolongada do texto, deixando-o prolixo e com muitas fraturas na coerência textual<sup>164</sup>.

Os anúncios de escravos revelaram dados surpreendentes. Embora não sigam uma estruturação textual rígida e apresentem inúmeros problemas na concordância, na regência, muitas elipses e anacolutos etc., eles se mostram na macroestrutura um pouco mais coerentes, apresentando a abertura, o desenvolvimento e o fechamento. Cada estrutura dessa comporta elementos fortemente fixados àquela parte, mas podem também ser encontradas em outras posições no texto.

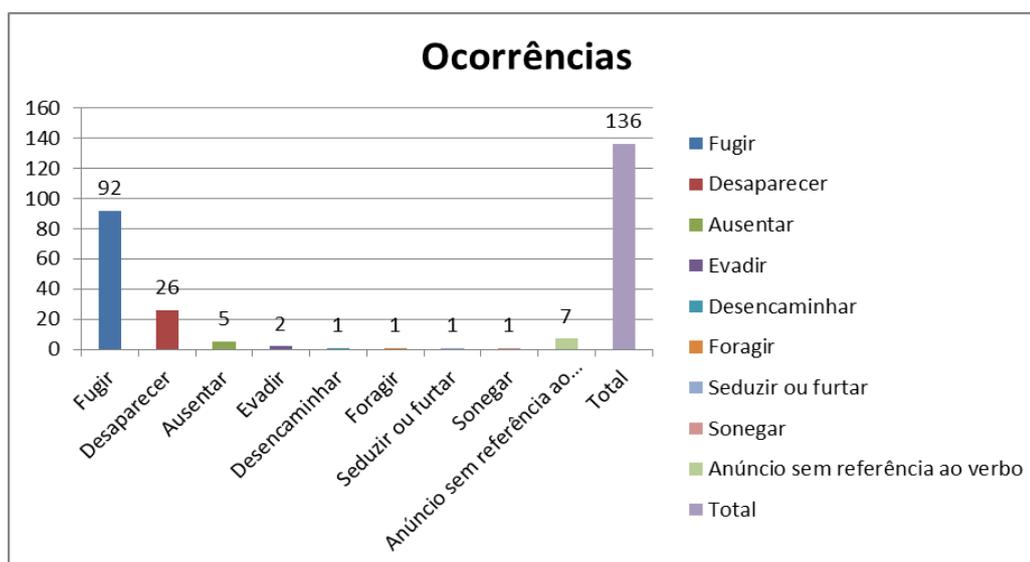
<sup>164</sup> Na seção 5.2 abordaremos as características dos textos escritos por *semicultos*.

### 5.1.3.1 Estrutura do anúncio

#### 5.1.3.1.1 Abertura

Em quase todos os anúncios, a abertura dos textos é marcada pela forma fixa “no dia” ou pelo nome do escravo. Mas também são encontrados anúncios que têm a sua apresentação invertida, sendo iniciados, por exemplo, pelo fechamento. Na abertura dos anúncios são comumente encontrados os verbos que fazem referência à fuga, a data da fuga, o nome do escravo e a nação a que pertencia.

a) **Forma da fuga:** fugir, desaparecer, ausentar-se, evadir (-se), desencaminhar, foragir, seduzir ou furtar e sonegar são verbos presentes nos anúncios que se constituem como a constatação da fuga.



Quadro 10: Ocorrências de verbos dos anúncios de fuga

b) **Data da fuga:** são apresentados o dia, o mês e o ano ou algum advérbio que funciona como marcador dos aspectos temporais da fuga.

A relação temporal é um item caracterizador da tipologia narrativa. Nos anúncios era imprescindível apontar a data como o dia, o mês e o ano da fuga para situar os leitores do jornal. A forma fixa que introduz a data da fuga “no dia” + verbo, ou verbo + “no dia” é tão

recorrente nos anúncios, que ela se configura como um traço componente fixo de característica da TD, estando presente em 119 (87,5 %) deles. Apenas em 17 anúncios (12,5%) não há referência à data da fuga. Mas é importante ressaltar que a relação de tempo expressa nos textos é relativamente variável, visto que há outras expressões que estabelecem uma sequencialidade de tempo como o “e”, por exemplo:

a) [...] *dahi voltou a esta cidade, onde foi visto em brincados de estrudo, na praça da Boa-vista vendendo capim, no pelourinho no serviço das caixas, e ultimamente no aterro dos Afogados...*  
(Anúncio 22)

c) **Nome do escravo:** outro elemento que está presente em quase todos os anúncios é o nome dos escravos, geralmente de origem brasileira.

d) **Nação a que pertencia:** esse item nem sempre é apresentado nos anúncios. As nações africanas que mais exportaram escravos para o Brasil eram Angola, Benguela, Congo, Cabinda, Moçambique, Rebolo, Cassange, dentre outras. Outras vezes, nos anúncios a referência à origem do negro era apontada genericamente como “de nação”.

#### 5.1.3.1.2 Desenvolvimento

No desenvolvimento estão abrigados os aspectos mais descritivos do texto, justamente porque esta etapa contempla os traços definidores dos negros em fuga, sobretudo as características físicas e as marcas e sinais dos castigos sofridos por eles. Os elementos que compõem o desenvolvimento são:

a) **Características do escravo:** onde são descritos os aspectos físicos e morais;

b) **Cor:** as referências à cor do escravo (fulo, crioulo ou preto);

c) **Vícios:** Nos anúncios de fuga é comum o redator ressaltar os vícios do escravo em fuga, como forma de depreciar sua imagem como beber, ser “regrista”, falar muito ou “pegar no alheio”.

d) **Domínio da língua:** o domínio sobre a língua portuguesa é aspecto encontrado aqui e ali nos anúncios. As denominações boçal, ladino ou crioulo são características relacionadas a esse domínio que diferenciavam um escravo do outro.

e) **Marcas de nação, castigos, feridas, cicatrizes:** Esses itens quase sempre estão presentes na etapa do desenvolvimento, e são considerados emblemáticos nos anúncios. Os sinais no corpo do escravo são, ao mesmo tempo, expressões que os diferenciavam um dos outros, como também eram marcas dos castigos físicos que eram praticados contra eles.

Vejamos o anúncio 33, o qual se inicia com as características da escrava que fugiu e cujo nome não foi nem mencionado no texto, pois o traço que caracteriza a mulher não estava em seu nome, mas em suas características físicas e a referência de quem era seu dono:

**(AK) Diário de Pernambuco Terça Feira 2 de junho de 1829.**  
**ESCRAVOS FUGIDOS**

*- Huma molata com uma cria, baixa e groça, peitos meios caídos, cabelo algum tanto pixaim, e cara redonda, fugida no dia 4 do p. p. levando hum vestido azul, e bacia encarnada : os aprehendedores levem-a a Solidade defronte da Igreja caza pintada de verde onde mora seu Senhor que he Antonio Joze da Costa Val.*

Anúncio 33 – Fuga de escrava

As marcas referenciadas no corpo dos negros podiam advir de vários fatores: doenças, feridas mal cicatrizadas e obviamente os sinais de castigos. Em muitos anúncios isso era claramente explícito da seguinte forma:

- a) [...] em huma fonte huma queimadura... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 16)
- b) [...] com marcas de feridas velhas... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 27)
- c) [...] grandes sicatrisee pelas costas de xicote... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 35)
- d) [...] marcas de fogo desde as apás até o meio do corpo... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 40)
- e) [...] dous dentes tirado a ferro... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 55)
- f) [...] tem uma sicatriz na face esquerda do tamanho do um vintém que lhe toma a face até abaixo, de cima do lado direito tem outra sicatriz grande nas costas abaixo dos hombros... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 56)
- g) [...] tem nas nadegas feridas ainda frescas de bacalhoadas... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 59)
- h) [...] orelha esquerda cortada ao meio... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 69)
- i) [...] tem na cabeça uma cicatriz proveniente de uma cacetada... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 70)
- j) [...] dedos das mãos calejados... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 71)

- k) [...] *tem uma cicatriz no beicho, as costas picadas de chicote; já foi surrado...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 77)
- l) [...] *tem algumas cicatrizes de relho nas costas...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 92)
- m) [...] *vestígios de chicote nas costas...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 135)

Essa é uma pequena amostra do que podemos encontrar nos anúncios de fuga dos jornais do século XIX. Além das cicatrizes, talhos, marcas de fogo ou feridas havia as tatuagens e as marcas de tribo ou nação que davam identidade aos negros. Em trechos como estes: “[...] vários talhos miúdos no alto da teste, que he marca de sua nação...” (Cf. Anexo 1 - Anúncio 25 - DP, 9/06/1832), percebemos claramente a indicação de uma marca proveniente da identificação de tribo ou nação a que pertencia o indivíduo.

Quanto aos castigos, Moura (2004, p. 126) confirma essas práticas aplicadas aos escravos que fugiam. Muitas vezes a mutilação com o ferro em brasa ou pelo corte da orelha do “fujão”, outra vezes como símbolo de propriedade, marcando o corpo do negro da mesma forma que se marca o gado hoje em dia:

- a) [...] *Antonio [...] com a marca –c – na fonte [...]* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 55)
- b) [...] *Catharina [...] tem no braço direito a marca da letra 8 [...]*<sup>165</sup> (Cf. Anexo 1 - Anúncio 19)

Muitas marcas no corpo dos negros eram causadas pelos objetos de tortura como o tronco, o açoite, a máscara de flandres, os anjinhos e vários instrumentos de ferro que serviam para acorrentar o escravo pelo pescoço, pernas, mãos e pés, além dos sinais de queimadura pelo corpo (Cf. Anexo 1 - Anúncios 64, 98 dentre outros). Era raro encontrar um escravo que não apresentasse uma das *marcas de violação no seu corpo, nas nádegas, no ombro, no peito, nos pés ou nos órgãos sexuais* (MOURA, 2004, p. 126).

Gilberto Freyre (2010) concorda que são nos anúncios de escravos fugidos onde estão explícitos os sinais de castigos: negros rendidos, quebrados, veias estouradas ou calombos pelo corpo, escravos de andar cambaio e banzeiro. Marcas de toda a natureza estavam impressas no corpo dos negros: cicatrizes de relho pelas costas e nádegas ou cicatrizes de anjinhos, de tronco, de corrente no pescoço, de ferros nos pés, de libambo<sup>166</sup> no tornozelo.

<sup>165</sup> Essa expressão “marca da letra 8” deixa dúvida sobre qual representação escrita o redator se refere: se número ou letra.

<sup>166</sup> Scisínio (1997) esclarece que o libambo era o instrumento que prendia o pescoço do escravo numa argola de ferro, de onde saía uma haste longa que se dirigia para cima, ultrapassava a cabeça do escravo. Esta haste tinha duas terminações: um chocalho ou uma trifurcação de pontas retorcidas; era usado para castigar o escravo que havia fugido, pois o chocalho dava sinal quando o negro andava, indicando que se tratava de um escravo fujão.

Barbosa (2010, p. 34) também confirma que a descrição dos escravos estava sempre pautada em suas características físicas, nas quais se sobressaiam as referências às marcas fincadas no corpo provenientes de castigos ou doenças, como a cara e costas talhadas, dedos “cambados de bixos” como lembranças fixas dos maus tratos impostos.

Os anúncios de fuga de escravos mostram outra realidade da época, relacionada à vida das crianças, i. e., a precocidade na inserção no trabalho escravo que muitas delas eram obrigadas a desempenhar. Com o excesso de atividades a que eram submetidas, são relatados inúmeros casos de deformações nas mãos, nos pés, na cabeça e no corpo inteiro das crianças.

Vários negrinhos, meninos de dez, doze anos já aparecem de coroa na cabeça, não raspada com toso o ritual como a dos meninos brancos que iam estudar para padre, mas feita à forma pelo peso de carretos brutos: tabuleiro, tijolo, areia, pipa, barril. Há casos de negros com os dedos dos pés tomados por serem amassadores de cal que lhes abriam feridas e comiam-lhes os dedos; outros de dedos e munhecas inteiras comidas, talvez pelas moendas dos engenhos. Vários de mãos muito calejadas e tortas por serem carpinteiros; oficiais de alfaiate com dedos deformados pela agulha, picados de debruar tamancos; outros de dedos da mão com calos de amassar pão. Quase todos de pés e mãos enormes, deformados pelo trabalho (MOURA, 2004, p 126).

As marcas de tortura e castigo no corpo do escravo descritas nos anúncios de fuga percorre todo o período em que tais anúncios foram veiculados e, conseqüentemente, era prática comum em todo o período de escravidão. Além disso, os castigos físicos se configuravam como o mecanismo de “poder” que a classe senhorial fazia uso para manter o cativo em estado de absoluta sujeição e obediência. Em face disso, e de outras razões, o trabalho escravo causava indignação e revolta não só para aqueles que eram obrigados a executar, mas para quem presenciava as sessões de tortura. No fim do século XIX, o sistema de sujeição já não conseguiria mais se manter por muito tempo, e mesmo tendo sido decretado seu fim, as conseqüências do escravismo reverberam até os dias atuais.

f) **Lugar onde andava e/ou foi visto:** compreende as rotas de fuga praticadas pelos escravos quando fugiam.

Nos anúncios aparecem algumas informações sobre a localização do escravo quando este fugia da senzala ou da Casa Grande. Segundo Silva (2012, p. 144), muitos escravos não se distanciavam muito do seu local de cativeiro, em virtude dos laços de solidariedade que

eles criavam na cidade ou no campo. Para o autor, à época, o Recife se transformou “em uma cidade-esconderijo”. Mas a ausência do feitor era compensada por outros aparatos de vigilância e repressão responsáveis por manter a ordem escravista, como já ressaltamos. Além disso, as autoridades policiais procuravam evitar os ajuntamentos de negros nas ruas por considerar perigoso para a população em geral, já que se temia uma rebelião contra os donos de escravos.

- a) *[...] foi visto em brinquedos de estrudo, na praça da Boa-vista vendendo capim, no pelourinho no serviço das caixas, e ultimamente no aterro dos Afogados calças e camisa grossas, suja no ombro de sangue e com uma gamela na cabeça, o que indica estar servindo no açougue... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 22)*
- b) *[...], foi visto no engenho Salgado no caminho do Recife... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 79)*
- c) *[...] consta ter andado nas imediações de Iguarassu e a poucos dias foi visto no rancho do caboclo Sancho em Taepé... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 131)*
- d) *[...], foi visto no Caxangá... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 132)*

A etapa do desenvolvimento dos anúncios se caracteriza por ser a mais narrativa e descritiva da mensagem. A progressão do texto é realizada, muitas vezes, de acordo com a importância das características do escravo para identificá-lo ou de acordo com as circunstâncias da fuga.

### 5.1.3.1.3 Fechamento

As TDs referentes ao “fechamento” dos anúncios têm como elementos: a intervenção das autoridades, o local a ser entregue o escravo, a referência e o valor da gratificação, além da assinatura.

a) **Intervenção das autoridades:** As autoridades policiais ou repreensoras era representada por policiais ou capitão do mato (ou capitão do campo). Vejamos os anúncios 34 que trata do pedido às autoridades a apreensão de escravos que fugiram coletivamente:

**(WB) Diário Novo, 08 de Agosto de 1842.**

*-Roga-se aos Snrs. Delegados e Sub-Delegados desta e mais comarcas, Authoridades Policiaes, e pessoas particulares, a apreensão dos escravos abaixo declarados : - Francisco, nação rebolo, cujo escravo foi do fallecido Gervazio Pires Ferreira, apelida-se por Francisco de Véras, por ter sido escravo de um tal Véras, cujo escravo é oficial de pedreiro; e trabalhou muito tempo nas obras publicas, baixo, cabelo sobre o grande, olhos também grandes e abugalhados e afumaçados, nariz mais afilado que chato, boca regular, beiços grossos, peitos batidos, idade em que fugio de 22 a 23 annos, fugindo a 25 de Setembro de 1839. Valetim, nação Costa, com os signaes seguintes: côr preta, corpo secco, cabeça e orelhas pequenas, olhos grandes e abugalhados, e mais vesgos, nariz mais afilado que chato, boca abicudada, dentes acangulados, pescoço comprido, peito ovado, mãos pés e altura proporcionaes, pernas finas, idade em que fugio 16 a 17 annos tendo o seu começo a 10 de Abril de 1837, quem os apreender mande-os ou leve-os à rua de S. Gonçalo a entregar a Manoel Elias de Moura, que gratificará o primeiro com cincoenta mil reis, e o segundo com cem mil reis.*

Anúncio 34 – Fuga de escravo

Já o anúncio 35, explicita logo no título o “aviso às autoridades policiaes e a quem competir”, provavelmente o capitão do mato, a captura do escravo Ezequiel.

**(AK) Diário de Pernambuco Quarta Feira 5 de Janeiro de 1870.**

**AVISO ÀS AUTORIDADES POLICIAES E A QUEM COMPETIR**

*No dia 29 de maio do corrente anno, fugio o escravo Ezequiel, crioulo de 30 á 32 annos de idade, estatura regular, reforçado côr bem preta, cabeça redonda, trajava camisa azul e calça de cassemira cinzenta durante o dia costuma andar ganhando nas ruas, ou em armazéns de assucar ou nas tabernas, a conversa e a beber, durante a noite recolhe-se a telheiros abertos, ou penetráveis, a casas em construção e aoutros quaesquer lugares, onde se possa obrigar; quem o apprehender tenha a bondade de o conduzia a rua da Aurora n. 26, ou na do Imperador n. 20, onde será gratificado.*

Anúncio 35 – Fuga de escravo

b) **Local a ser entregue:** o local para a entrega do escravo achado era geralmente a propriedade (comercial ou residencial) do dono.

c) **Referência à gratificação:** esse é um item que não podia deixar de ser mencionado e mesmo quando estava explícito a referência à gratificação se fazia alusão a ela.

d) **Valor da gratificação:** o valor da recompensa na apreensão do escravo nos anúncios de jornais é um dado que reafirma o escravo como mercadoria. Por mais alta que fosse a gratificação para quem o apreendesse, o negro que fugia pagaria ao dono o ônus da fuga, principalmente na forma de castigo.

e) **Assinatura**: este era um item incomum nos anúncios, pois geralmente eles não eram assinados, deixando implícita a autoria ao redator do jornal. Defendemos que os anúncios de fuga de escravos são produções de autores *semicultos*, que poderiam ser os próprios anunciantes quanto os redatores do jornal.

A estrutura dos anúncios de fuga de escravos pode ser assim sintetizada:

<b>ESTRUTURA DO ANÚNCIO DE FUGA DE ESCRAVO</b>	
<b>Abertura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Forma de desaparecimento</li> <li>- Data da fuga</li> <li>- Nome</li> <li>- Nação a que pertencia</li> </ul>
<b>Desenvolvimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Características</li> <li>- Cor</li> <li>- Vícios</li> <li>- Domínio da LP</li> <li>- Sinais ou marcas de nação</li> <li>- Lugar onde andava e/ou foi visto</li> </ul>
<b>Fechamento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pedido de intervenção às autoridades</li> <li>- local a ser entregue</li> <li>- referência à gratificação</li> <li>- valor da gratificação</li> <li>- assinatura</li> </ul>

Quadro 11: Síntese da estrutura dos anúncios de fuga.

Quase sempre os anúncios apresentam a abertura, o desenvolvimento e o fechamento, mas é possível encontrar também anúncios com inversão na ordem de apresentação ou com alguma supressão de elementos, como este:

*(AK) Diário de Pernambuco Quarta Feira 7 de Fevereiro do anno de 1827.*  
**FUGIDAS DE ESCRAVOS**

*Qualquer Capitão de Campo, que achar hum negro por nome Joze, Nação Cabundà com os signaes seguintes, gordo, sem barba, ladino, tem o pé direito enxado, levou vestido calça comprida de brim, e camiza do mesmo, suspensorios de coiro, anda fugido desde o dia 24 de Dezembro do anno passado quem o pegar e levar a seu Sr. que he Miguel Joze Ribeiro, morador na rua do Queimado, caza N. 31, será pago do seo trabalho.*

Anúncio 36 – Fuga de escravo

No anúncio 36, há uma inversão na ordem de apresentação do texto. A TD constitutiva do fechamento “pedido às autoridades” aparece logo no início da mensagem, sendo que parte dessa estrutura também se repete no final, onde é mais comumente encontrada.

## **5.2 Composicionalidade da TD na dimensão linguístico-discursiva**

A composicionalidade na dimensão linguístico-discursiva aborda os arranjos linguísticos e as combinações sintagmáticas que estão a serviço dos modos de dizer. Levando em consideração o contexto de época e as posições ideológicas assumidas nos anúncios, tornou-se possível reconstruir elementos do aspecto linguístico-discursivo que sustentavam a teia textual das mensagens. As análises nesse aspecto estão divididas em três níveis que comportam as características: universais, históricas e das TDs<sup>167</sup>. As análises dessas dimensões podem identificar quais os itens dos anúncios de fuga estão mais sujeitos às mudanças e quais deles estão mais propensos à estabilidade. As categorias de análise dos anúncios de fuga de escravos, adotadas nesta investigação, níveis pragmático, sintático e semântico, estão assentadas nas considerações de Oesterreicher (1994; 1996).

Analisar os anúncios na perspectiva linguística é descortinar o discurso vigente no seu momento de produção, apresentando aos leitores as expressões que designam os traços físicos e morais do negro, quase sempre depreciativos, contribuindo, dessa forma, para a construção da identidade dos escravos. A forma como o texto é apresentado chama atenção porque ele é escrito de modo que as relações sintagmáticas não se coadunam por falta de vários elementos como a pontuação, os conectivos, os referentes sintáticos, dentre outros, mas as relações de sentido e de coerência textual são estabelecidas no texto.

### **5.2.1 Características universais**

A perspectiva universalista diz respeito às características imanentes dos textos motivadas pelas condições comunicativas, tendo relação direta com os fatos pragmáticos, fenômenos sintáticos e fenômenos semânticos (OESTERREICHER, 1994, p. 156). Para elaborar os universais linguísticos e comprovar essas características, Oesterreicher analisou as

---

<sup>167</sup> Stoll (1996, p. 432) utiliza esses mesmos níveis para analisar as crônicas soldadesca de Pedro Pizarro.

particularidades dos textos do espanhol americano, do século XVI, até chegar as características multiplicáveis, i. e. aos traços que se repetiam nos anúncios, a partir disso, o autor concluiu que tais produções poderiam ser atribuídas aos autores, considerados por ele, como *semicultos*. Sobre esses textos constatou que:

Tanto las peculiaridades estilísticas lingüísticas de las tradiciones textuales como los fenómenos pragmáticos, sintácticos y semánticos hasta ahora comentados, no son de ningún modo específicos del español. Simplemente se trata o bien de fenómenos dependientes de las tradiciones discursivas o bien de manifestaciones motivadas por cierto tipo de actividad lingüística universal. Aunque aparezcan em español, todos estos fenómenos se podrían encontrar y estudiar sin duda alguna en otros idiomas diferentes y en otros textos de otras épocas (OESTERREICHER, 1994, p. 172).<sup>168</sup>

Em suma, os anúncios de fuga de escravos são concebidos nessa investigação como produções de autores *semicultos*. Ou seja, autores de escasso conhecimento da língua que realizam produções textuais escritas, mas concepcionalmente no nível oral. As características dos textos, por exemplo, são consideradas universais, por tratarem de traços que abrigam propriedades recorrentes encontradas na maioria dos anúncios, e que também são encontradas em textos de outras línguas e em épocas distintas do século XIX.

### 5.2.1.1 Nível pragmático

No nível pragmático se analisam as condições que governam o ato de produzir um enunciado, levando-se em consideração os usuários da língua. Nos anúncios de fuga de escravos, consideramos alguns aspectos no nível pragmático como:

**A) No aspecto macroestrutural:** nem sempre há uma divisão textual explícita do texto como os títulos e as assinaturas

---

<sup>168</sup> Tradução nossa: *Tanto as particularidades estilísticas lingüísticas das tradições textuais como os fenômenos pragmáticos, sintácticos e semânticos até agora comentados, não são de nenhum modo específico do espanhol. Simplemente se trata de manifestações motivadas por certo tipo de atividade lingüística universal. Embora apareçam no espanhol, todos estes fenômenos poderiam se encontrar e estudar sem dúvida nenhuma em outros idiomas diferentes e em outros textos de outras épocas (OESTERREICHER, 1994, p. 172).*

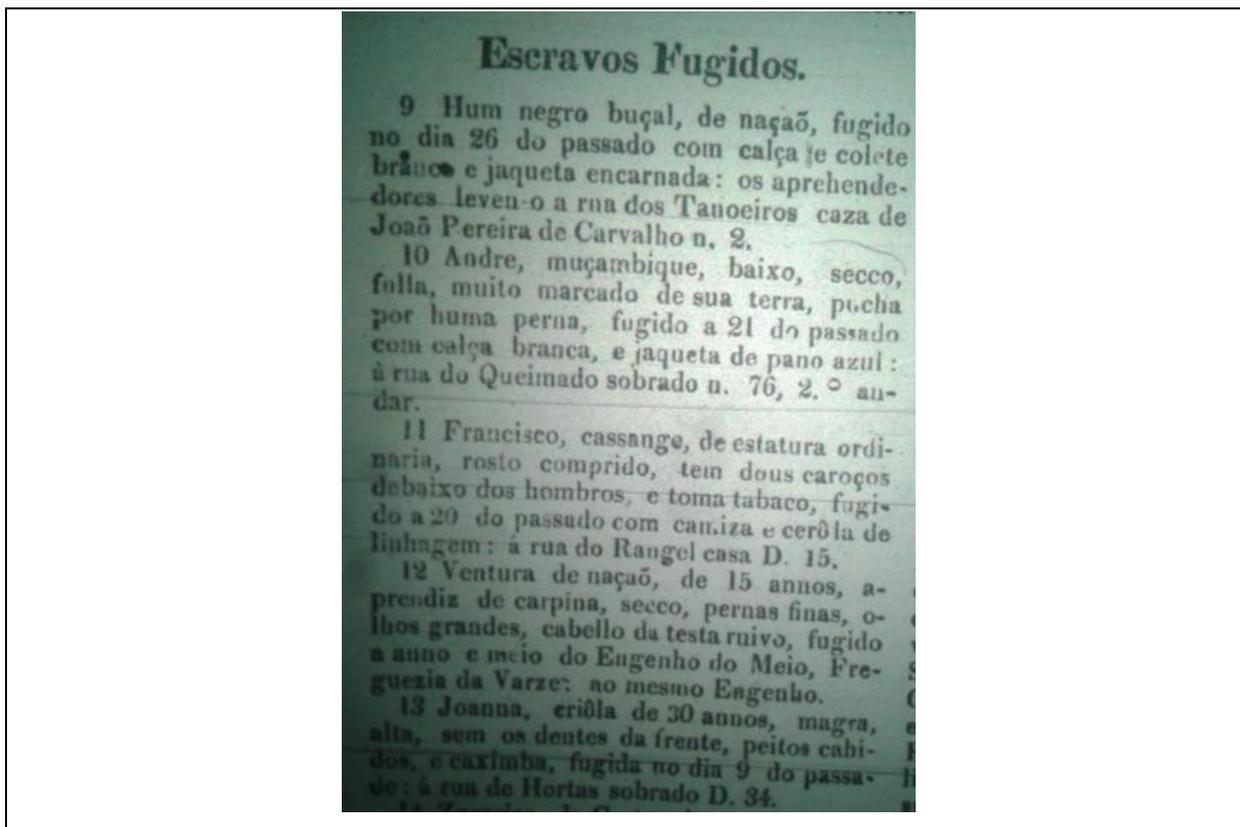


Figura 24: Seção de anúncios de escravos fugidos (01/12/1828).

Os anúncios da seção “escravos fugidos” marcados pela expressão numérica (9, 10, 11, 12 e 13) só são compreendidos quando se lê a partir do título e se recupera o contexto da mensagem, já que não há da amostra 10 a 12, as informações sobre o que fazer com os escravos caso sejam apreendidos. Na verdade, os dois pontos, quase no final da mensagem, são indicativos da supressão da TD de fechamento “quem o apreender” que indica a quem deverá ser entregue o escravo. Outra característica já mencionada nesse tipo de texto é a inexistência da assinatura do redator.

**B) Falta de estruturação do texto** que nem sempre aparece na ordem linear, contemplando a abertura, o desenvolvimento e o fechamento. Muitas vezes, o anúncio é organizado de forma que essas partes aparecem invertidas. Vejamos este anúncio:

(AK) *Diario de Pernambuco 25 de agosto de 1828.*

*Qualquer Capitão de Campo poderá pegar o preto chamado Bendito nação Gabão, ou ainda qualquer outra pessoa, cujo escravo he baixo e seco do corpo barbado, e tem suizas bonito de cara, e de corpo, e anda vestido de liforme branco com chapeo de copa de palinha, o levarão a caza de seu Sr., que mora no principio da rua d'Ortas vindo do Carmo no 1 ° sobrado do lado direito que será pago do seu trabalho.*

Anúncio 37 – Fuga de escravo

No anúncio 37, a TD de fechamento “pedido às autoridades” em *Qualquer Capitão de Campo poderá pegar o preto [...]* é que abre o anúncio, provocando uma inversão nas informações, pois esta não encontra um referente que complete o sentido da mensagem, pois não fica explícito o que se deverá fazer com o preto que está em fuga. A valorização da TD de fechamento logo no início do texto, desloca a fuga, que é o fato principal, para os secundários, que dizem respeito aos aspectos relacionados às características físicas do negro.

Para Oesterreicher (1994) todas essas características são sintomas inequívocos de que o autor ignora as necessidades do leitor, pois corre o risco de escrever períodos incompletos e apontar informações que não encontram referentes. Textos escritos dessa maneira são indicativos de que eles foram produzidos de acordo com as necessidades do redator, pois este elenca as informações a partir do que lhe vem à cabeça sem fazer uma organização sistemática na colocação dos termos.

### C) Imperícia na condução dos aspectos semânticos

A progressão semântica dos anúncios é prejudicada devido a falta de estruturação dos aspectos principais e secundários. Além disso, a mensagem é repleta de pormenores que poderiam ser suprimidos sem causar danos a inteligibilidade do texto. Tomemos como exemplo este anúncio:

(AK) *Diario de Pernambuco Sabbado 21 de Agosto de 1875.*

**200\$000  
ATENÇÃO  
ESCRAVO FUGIDO**

No dia 4 do corrente mez fugio no porto da Bahia, de Bordo do vapor nacional Bahia, o escravo Romualdo, que seguia viagem deste porto para o Rio de Janeiro, de propriedade de Luiz José da Silva Guimarães, negociante no Recife, que o houve por compra de 25 de maio de 1869 a Jeronymo Theotonio da Silva Loureiro, morador na Baixa Verde, cujo escravo tem os seguintes signaes característicos: côr preta fula, estatura 5 pés, 1 pollegada e 3

pontos, cabelo preto e carapinha, rosto comprido, olhos pretos com olhar mortecido, nariz afilado, boca grande, todos os dentes, barba pouca e corpo grosso, em uma das mãos, por traz do pulso, tem um caroço a especie de um lobinho, pronuncia compassada ; conservando se, quando falla, em attitude humilde e vista baixa, tem de idade 30 a 31 annos, pouco mais ou menos ; é filho de José e Antonia, escravos de Manoel Salvador, de lugar de Fazenda Grande ou Pajeú de Flores, d’onde o referido escravo é natural. Sahio daqui vestido com calça e camisa branca, paletot de alpaca preto, chapéu do Chile, levou um bahuzinho de canto com bastante roupa branca, assim como consta que no acto do embarque aqui um preto foi a bordo e entregou-lhe a quantia de 600\$000 a mandado de uma amasia de nome Romana. É provavel que tenha mudado de nome e de vestuario , e que ande calçado para assim intitular-se livre e illudir a vigilancia das autoridades. Ha de com certeza seguir caminho da Bahia para esta cidade em algum dos vapores da companhia Bahianna, desembarcando em Maceió, ou pelo interior das duas provincias : roga-se, portanto, as autoridades policiaes e aos senhores capitães de campo ou a qualquer outra pessoa que dele tiverem conhecimento, o apprehenderem, participando ou entregando-o ao seu respectivo senhor, no Recife, rua do Commercio n.5, que serão recompensados com a gratificação acima.

Anúncio 38 – Fuga de escravo

O anúncio 38, em virtude do caráter essencialmente narrativo, procura repertoriar toda a trajetória da fuga do escravo a bordo de um vapor. O redator, ao invés de se deter à fuga e à ordem cronológica dos acontecimentos, como é mais comum em textos dessa natureza, de detém a apontar aspectos considerados secundários, como as informações sobre o dono do escravo, de quem este era filho etc., aspectos que deixam o texto extremamente prolixo e cansativo.

Anúncios de fuga de escravos extensos eram frequentemente publicados nos jornais, mas eles não ocupavam completamente a coluna como é o caso desse anúncio. Observamos que ele apresenta todas as partes como a introdução onde consta o dia da fuga e o nome do escravo; o desenvolvimento que se inicia em “que seguia viagem” até “das duas provincias”, e o fechamento que se inicia a partir de “roga-se” até o final do texto.

A progressão é prejudicada porque, apesar de apresentar a abertura, desenvolvimento e fechamento, elas não estão bem articuladas principalmente devido à prolixidade das informações.

#### **D) Dificuldade de compreensão (por omissões e fraturas na exposição)**

As orações de um texto precisam de uma ordenação de itens, numa sequência linear, que favoreça a compreensão, o sentido. Quando isso não acontece, em virtude de omissões de informações que são importantes e devido a fraturas na exposição, que prejudicam a sintaxe textual temos a dificuldade de compreender a mensagem, como nesses exemplos:

- a) *No dia 13 do corrente, fugio huma negra por nome Graça Nação Congo, a qual vendia fazendas em huma caixa pintada de azul claro, e andava com huma negra da costa vendendo ; a dita negra tem os sinais seguintes... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 7- DP, 15/02/1827).*

A expressão “andava com huma negra da costa vendendo” não encontra seu referente, pois não se explicita sobre o que se vende, deixando a informação solta no texto. Talvez o uso do gerúndio em “vendendo” queira designar o exercício de vender certos produtos, ou que “wenaunto andava com a negra, vendia certos produtos”, mas essa forma não se coaduna com a natureza da elaboração escrita.

Vejamos esse outro anúncio:

- b) *Pelas nove horas do dia 3 do p.p. desapareceo uma escrava creola de nome Efigência de idade de 20 annos, alta, magra, um tanto fulla, rosto pequeno, e não mal parecido, beico debaixo grosso, tem uma costura ferida na junta do pe esquerdo do lado de fora, e levou vestido de chilla, e panno da costa já uzado, a qual escrava não querendo acompanhar a Senhora que tem de ir para o matto, sahio a mandado em dito dia, e recolhendo-se logo, trouce uma tira de papel com o nome de José Joaquim Cavalcanti de Albuquerque, e disse que aquelle homem a queria comprar , era morador atraz da Matriz de S. Antônio; e que queria saber o preço o que se fez sentando-se por baixo do tal nome; e levando ella no mesmo instante não appareceo mais; quem a pegar leve a rua da Trempe na Boa Vista que será recompensado ( Cf. Anexo 1 - Anúncio 44 - DP, 04/01/1840).*

No anúncio da creoula Efigência, a pontuação é o elemento mais marcante da mensagem, pois a escassez da vírgula e do ponto são elementos que mais interferem na compreensão do texto. As expressões “recolhendo-se logo” e “levando ella no mesmo instante”, dentre outras, estão mal colocadas na mensagem, prejudicando a integridade da oração, pois não está explícito quem se recolhe logo e o que portava a escrava quando desapareceu. A leitura desse tipo de texto deve contar com a colaboração do leitor na identificação dos termos, pois somente com o contexto global da mensagem é que temos a compreensão da mensagem.

### **E) Digressões e *añadidos***

As digressões são desvios na linearidade das informações do texto. Nos anúncios são desvios nas informações sobre a fuga ou sobre o escravo, acrescidas de outros aspectos considerados menos importantes. Tomamos a expressão *añadidos*, que vem do espanhol, a partir das considerações de Oesterreicher (1996b), que os identifica como informações acrescidas ao texto sem um planejamento prévio por parte do redator. Os *añadidos* aparecem

com muita frequência nos anúncios, sendo considerados traços marcantes característicos dessa TD.

Vejamus este exemplo de digressão:

- a) *a quem pegar o escravo Florencio, pardo claro, de 17 annos, cabello carapinho, olhos pretos, orelhas grandes sendo uma um pouco em pé, trajando chapéo de feltro pardo, camisa de riscadinho azul, calça e jaqueta de brim pardo desbotado, sem boço algum. Recomenda-se a policia, aos senhores de engenhos, aos capitães de campo e [...] a apprehensão do referido escravo. Protesta-se contra quem acoitar preceder com todo o rigor da lei. Consta andar ou ter andado o [...] escravo no bairro do Recife, rua dos Guararapes (Cf. Anexo 1 - Anúncio 121 – DP, 11/05/1868).*

Depois de dar todas as explicações sobre a fuga e as características do escravo, há a inserção inesperada da informação sobre onde o escravo costumava andar. Essa informação pode ser aplicada tanto à digressão, porque a informação foge ao que era esperado no fechamento do anúncio, quanto a um *añadido*, porque a informação remete a um dado importante inserido no texto pelo redator.

- b) *No dia primeiro do corrente desapareceu uma negrinha de nome Domingas, de idade de 20 annos, levou vestido de chita verde, e camisa de algodãozinho e saia de sarja preta, nas orelhas argolas de ouro redondas, e lisas, no pescoço uma miçangas. e uma figa , de estatura regular, cheia do corpo , e ainda não falla bem a lingoa do paiz e também levou panno da costa ; quem a pegar leve a rua da roda D.8 que receberá dez mil réis de gratificação ; outro sim supõe se que ella foi seduzida, e no caso que se entre no verdadeiro conhecimento, se protesta proceder criminalmente contra quem a tiver occulta (Cf. Anexo 1 - Anúncio 41- DP, 10/10/1839)*

Observe-se que a estrutura do anúncio “b”, inicia-se com a TD de abertura, onde se lê o dia do desaparecimento da negrinha Domingas, e vai até a TD de fechamento que trata da gratificação. As informações a partir de “outro sim (*sic*)” se configuram como *añadidos* já que se configura como um acréscimo às informações que já foram apresentadas no texto.

No anúncio “c” temos também outro *añadido*, pois há adição posterior das informações sem um aviso prévio ao leitor, sinalizada pelo conectivo “e”. Tal construção deixa o texto parcialmente paratático. Depois de anunciar que o preto João trabalhou na padaria, e fornecer o endereço do local, o redator deseja reforçar que ele “*estava na padaria junto a caixa d’agua com o Sr. Miguel José Teixeira d’onde se ausentou*”.

- c) *Está fugido desde 16 de fevereiro proximo passado o preto João que trabalhou com Joaquim Luiz dos Santos Villaverde, na padaria da rua Imperial n. 1999, o ultimamente estava na padaria junto a caixa d’agua com o Sr. Miguel José Teixeira d’onde se ausentou, tem os seguintes sinaes... (Anúncio 113 – DP, 29/03/1862)*

As digressões e os *añadidos* são encontrados em quase todos os anúncios de fuga analisados, principalmente naqueles um pouco mais narrativos. Isso se deve justamente pela falta de planejamento prévio na elaboração da mensagem e na imperícia da modalidade escrita do redator do texto.

### 5.2.1.2 Nível sintático

Toda língua é formada por uma sequência linear de itens lexicais que devem estar organizados de maneira a evitar truncamentos e ambiguidades, independentemente do contexto em que a sentença se apresenta. No nível sintático estão as análises que dizem respeito à ordenação desses itens que estão a serviço da organização textual.

Em quase todos os anúncios, a mensagem revela alguma falha de natureza sintática relacionada à organização, gerando, com isso, problemas na coerência textual<sup>169</sup>. Alguns aspectos mais recorrentes de ordem sintática dizem respeito aos desvios de construção da oração, desvios de concordância, desvios que afetam a complexidade sintática e os anacolutos.

#### A) Desvios de construção da oração (sintaxe defeituosa)

Os desvios na construção sintática dizem respeito à maneira como os termos estão inseridos dentro da oração. Como a sintaxe dos anúncios é condicionada pelo uso de algumas formas (fórmulas) fixas, palavras *omnibus* ou *passe-partout*, quando estas estão dispostas no texto o que vem após as expressões parece não ter tanta importância para o redator, pois tais expressões encapsulam significados que são atribuídos aos mais diversos contextos de situação; por exemplo:

- a) *No dia 10 do corrente desapareceu huma escrava por nome Luzia, de nação Songa, idade 15 annos com os signaes seguintes, levou vestido de chita azul : os apprehendedores a poderaõ pegar e leval-a a sua Senhora, Joanna de Paiva, moradora na Solidade. (Anúncio 11, DP, 14/02/1829)*

<sup>169</sup> Para aprofundar as noções de coesão e coerência, V. Antunes (2005).

- b) *Sezilia de idade 12 a 13 annos, pouco mais ou menos com os signaes seguintes em huma fonte... (Anúncio 16 – DP, 4/08/1829)*
- c) *Na noite do dia 8 do corrente desapareceu do sitio da Mangueira, districto da Varzea, um casal de escravos com os signaes seguintes: Domingos, de nação Caçanje, estatura regular, corpo secco,... (Anúncio 65 – DP, 12/10/1829).*

Nos anúncios 11, 16 e 65, o que se espera depois da fórmula fixa “com os signaes seguintes”, que se constitui como TD, são os sinais que caracterizam o escravo, mas, na verdade, nos anúncios não há uma correspondência do que se vai ler adiante, já que pode aparecer tanto as descrições ou sinais do escravo quanto outro assunto como as circunstâncias que ocorreram a fuga.

## **B) Desvios de concordância e construção *ad sensum*<sup>170</sup>**

A concordância se refere à associação de palavras visando estabelecer uma relação de harmonia entre os componentes da oração: sujeito e verbo, substantivo e adjetivo. Em língua portuguesa, a concordância pode ser nominal e verbal (BECHARA, 1999, p. 543). Além disso, a concordância pode ser estabelecida de palavra para palavra ou de palavra para sentido. Os anúncios de fuga de escravos apresentam erros de concordância de diversa natureza, mas parece revelar mais do que a inabilidade de escrita do redator. Dá indícios de que se trata de construções que caracterizam esse tipo de texto. A forma fixa “que será recompensado”, que se constitui como TD, é mais recorrente e está presente em exemplos como estes:

- a) *[...] fugirão do Engenho São Bartholomeo Freguezia de Moribeca 6 negros novos de boa estatura, levarão vestido camizas, e siroulas de algodão... (Anúncio 12 – Cf. Anexo 1)*
- b) *[...] se as autoridades policiaes, aos capitaes de campo e a qualquer pessoa que o apprehender, leva-lo á rua da Aurora n. 40, no Recife rua do Marquez de Olinda n.38, 1º andar, escriptorio de João Pereira Moutinho, que será recompensado.(Anúncio 127– Cf. Anexo 1)*

<sup>170</sup> As construções *ad sensum* referem-se às expressões que se combinam pelo sentido, não pela forma; por exemplo, em “a gente pensamos”, a concordância se faz com ideia (*sensum*), não com a forma.

- c) [...] *Roga-se portanto, ás pessoas e capitães de campo que o aprender, de conduzi-lo á rua do Barão da Victoria n. 53, que será recompensado... (Anúncio 133 – Cf. Anexo 1)*

Como já afirmamos construções dessa natureza são constitutivas dos anúncios de fuga de escravos e por isso mesmo elementos caracterizadores desse tipo de texto.

### C) Desvios que afetam a complexidade sintática

#### - Parataxe

A parataxe consiste na propriedade mediante a qual duas ou unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se no mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples deste estrato (BECHARA, 1999, p. 48). Os textos dos anúncios são fortemente marcados pela parataxe. De acordo com Pessoa (2003, p. 243) a estrutura linguística paratática é típica da agregação<sup>171</sup>, muito próxima da oralidade:

- a) *“No dia 13 do corrente, fugio huma negra por nome Graça Nação Congo, a qual vendia fazendas em huma caixa pintada de azul claro, e andava com huma negra da costa vendendo ; a dita negra tem os sinais seguintes, he desdentada na frente, he alguma couza fula, tem os dentes dos pez muito separados huns dos outros, levou pano preto fino, saia de lira preta, e muito mais roupas, há noticia que ella fugio com hum negro por nome João Nação de Angola, o qual tem a testa grande, suíças bem puxadas a frente, de boa estatura, e tem hum lobinho pequeno sobre o dedo do pè graude, e que ambos forão para o Sertão. Qualquer pessoa que os pegar poderá entregar nas cinco pontas caza n.º 129, que será bem recompensado”. (Anúncio 7 - DP, 15/02/1827)*

Nesse anúncio a mensagem é construída em dois períodos; o primeiro é extremamente longo, em que os sinais da escrava que fugiu são apresentados de forma justaposta, ficando o texto muito prejudicado em grande parte pelo uso inadequado dos sinais de pontuação. A conjunção “e, he” faz o papel de juntor no encadeamento de ideias do texto.

Toral (2013, p. 264) considera o “e” como marcador discursivo aditivo, pois ele proporciona a coesão e relaciona de forma explícita os segmentos textuais. A autora reconhece que eles são encontrados com muita frequência também na TD dos textos notariais. Dada a sua versatilidade, este marcador se combina com outras unidades como as conjunções

---

<sup>171</sup> Estudada por Raible.

integrantes, os indefinidos ou relativos ou outros elementos de valor anafórico. Vejamos os exemplos:

- a) [...] ao Sr. Francisco Gomes de Oliveira, e que por intervenção do Sr. Henrique... (Anúncio 104 - Cf. Anexo 1)
- b) [...] conduzio uma trouxinha de roupa de seu uso e quem a pegar ou della der noticia... (Anúncio 109 - Cf. Anexo 1)
- c) [...] É provavel que tenha mudado de nome e de vestuario , e que ande calçado... (- Anúncio 136 - Cf. Anexo 1)

A parataxe pode ser entendida como um modo de composição que se realiza por meio de inferências, exigindo a colaboração ativa do leitor na construção de sentido, por isso ela é tão recorrente na oralidade. Isso reforça ainda mais as considerações já expostas ao longo dessa investigação de que os anúncios de fuga de escravos se constituem materialmente como textos escritos, mas que trazem em sua composição as tradições orais.

### - Hipotaxe

A hipotaxe consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior. É o caso de uma oração funcionar como membro de outra oração, numa relação de subordinação, estabelecida por elementos que unem orações, um para marcar a subordinação e outro para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa (BECHARA, 1999, p. 47).

As construções hipotáticas estão expressas nos anúncios nas orações relativas, que se manifestam nos textos pelas construções como “o qual, a qual”, equivalentes a “que”. Essas expressões aparecem na composição textual de 19 anúncios da amostra analisada:

- a) Fugiu desde o dia 20 de maio o escravo Noberto, o **qual** tem os signaes seguintes: mulato, cabello soffrível, 20 annos de idade... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 134)
- b) No dia 13 de março do corrente anno desapareceu na Passagem da Mgdalena, de sitio em que mora o Sr. Malet, o moleque Marçal, o **qual** he bem conhecido e tem os seguintes signaes... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 85)

Nesses trechos dos anúncios, o uso desse relativo se justifica na tentativa do redator de deixar a oração menos ambígua. Pessoa (2003, p. 250) esclarece que “o qual com valor de relativo precede preferencialmente as relativas encabeçadas por preposição, o que na língua falada se dá sob forma de “que” com supressão da preposição. O “qual” com a função de relativo é usado por indivíduos conscientes desse uso gramatical para testar o valor de “que” como relativo em função de produção escrita. Quando esse último permite a substituição, então, deduz-se que, se está diante de um caso de oração relativa. O autor acredita que o “qual” e “que”, num dado momento, foram equivalentes, depois o “que” foi se estabilizando na língua, deixando à margem o “qual” que está praticamente desaparecendo da língua falada, num claro processo de redistribuição entre o oral e o escrito. Mas note-se que pode equivaler a um anafórico, num grau mais baixo de integração.

Construções encabeçadas por oração gerundial, um nível mais alto de integratividade e, portanto, mais aproximado da natureza da escrita, são raras no *corpus* coletado, como no exemplo:

- a) *Tendo muitas vezes fugido, ultimamente fugiu no dia 29 de Janeiro p.p de casa de Bento Joaquim de Miranda Henriques um seo escravo pardo de nome Romão, que terá vinte e tantos a trinta anos, anda calçado, com uma cicatriz em uma das fontes, quando anda fora de casa intitula-se forro, e chega-se muito às vendas e patuscadas de bebados: por tanto qualquer Capitão de campo, ou pessoa, que apanhal-o, e entregar a seu senhor, será recompensado (Cf. Anexo 1 - Anúncio 21- DP, 03/03/1831).*

As mensagens com nível de integridade próxima do ideal de escrita formal são raras, como já ressaltamos. No entanto, o produtor do texto que consegue iniciar o texto com uma oração reduzida de gerúndio, comete erros de natureza primária como a inadequação da pontuação, faz repetições desnecessárias como no exemplo “Tendo muitas vezes fugido, ultimamente fugiu (...)”, e comete inadequações relacionadas a segmentação de palavras como em “por tanto” e “apanhal-o”.

#### **D) Anacolutos**

O anacoluto é uma quebra da estruturação lógica da oração. Esta forma de expressão resulta do fato de a linguagem não acompanhar o pensamento, em que as ideias são apresentadas, lançadas de forma rápida e muitas vezes, tumultuadas. “É a precipitação de

começar a dizer alguma coisa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção” (BECHARA, 1999, p. 595). As construções “anacolúticas” aparecem desligadas do restante da frase, deixando-a incompleta, inconsistente e, muitas vezes, sem sentido. Os anacolutos são muito frequentes na oralidade, estando presentes também nos anúncios de fuga de escravos, como no exemplo “a” abaixo:

a) *“Qualquer Capitão de Campo, que achar hum negro por nome Joze, Nação Cabundà com os signaes seguintes, gordo, sem barba, ladino, tem o pé direito enxado, levou vestido calça comprida de brim, e camiza do mesmo, suspensorios de coiro, anda fugido desde o dia 24 de Dezembro do anno passado quem o pegar e levar a seu Sr. que he Miguel Joze Ribeiro, morador na rua do Queimado, caza N. 31, será pago do seo trabalho” (DP, 07/02/1827)*

Nesse anúncio, a informação sobre “qualquer capitão de campo” não encontra um correspondente na oração que a complete, i. e. a informação do que deve se fazer com o negro caso seja encontrado, não tem complemento e dessa forma, fica solta no anúncio.

### 5.2.1.3 Nível semântico

Os anúncios, nesse nível, estão relacionados ao efeito de sentido das mensagens que são transmitidas. Esse nível é considerado universal porque toda mensagem tem um objetivo e ela produz um efeito de sentido em quem a recebe, no caso, os leitores dos anúncios. Algumas características como a repetição de lexemas e fórmulas fixas, uso frequente de palavras *pass-partout* ou *omnibus*, referências excessiva ou explicações complicadas e emocionalidade descrita por expressões impactantes, exageradas, comparações, metáforas são exemplos de como esse sentido está refletido nos leitores.

#### A) Repetição de lexemas

Um texto é tecido de diversas maneiras, mas, de acordo com Antunes (2012, p. 62) ele é constituído em duas direções em que se entrecruzam a continuidade e a direção da progressão, que implicam o dado sabido e ao dado novo. As palavras e expressões usadas com recorrência nos textos são recursos legítimos na língua, salvo os casos em que a repetição

constitui um vício, prejudicando a progressão temática. Assim, a repetição de lexemas consiste na repetição de uma mesma palavra, dentro do texto, servindo de elo na estruturação textual.

Sobre esse aspecto, Toral (2013) ressalta que alguns estudos dos procedimentos coesivos têm uma grande repercussão na linguística diacrônica e, em particular, na sintaxe histórica dos textos do século XIX. Faz parte de alguns gêneros históricos as construções com repetições reforçar o efeito de sentido. É o que se pode observar também nos anúncios de fuga de escravos, pois há o uso repetitivo de lexemas e referências excessivas<sup>172</sup> para ressaltar um determinado aspecto da mensagem:

- a) *Tendo muitas vezes fugido, ultimamente fugiu [...] (Cf. Anexo 1 - Anúncio 21)*
- b) *[...] Roga-se a qualquer pessoa a quem elle apresentar contas [...] he contra a vontade do anunciante, o qual roga a todas as autoridades policiaes que o prendão [...]. (Cf. Anexo 1 - Anúncio 47)*
- c) *Izidoro, nação Angola, idade pouco mais ou menos de 18 a 20 annos, nação Angola, estatura ordinária, cheio do corpo [...] (Cf. Anexo 1 - Anúncio 14)*
- d) *[...] e vendido por este a Ignacio de Souza conhecido por Ignacio da Santa Cruz... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 129)*

A repetição dos lexemas, ou reiteração lexical, é muito marcada nos anúncios e deve ser considerada o mecanismo que sustenta, em parte, a coerência textual, já que faltam, aos autores desse tipo de texto, diversificados recursos coesivos para estabelecer as relações de integridade na oração sem que seja preciso fazer uso da repetição.

## **B) Uso frequente de palavras *passe-partout* ou *omnibus***

As palavras *omnibus* ou *passe-partout* são ambivalentes, pois servem para designar uma série de elementos sem sentido preciso, deixando-se vaga a referência, impedindo a identificação objetiva do que quer se dizer. A expressão *omnibus* (a todas as coisas) vem do latim e dá a ideia de generalização e *passe-partout*, do francês, descreve esse “servir a tudo”, quer dizer, a várias ideias como em “alguma coisa” e “um tanto”.

---

<sup>172</sup> Mais adiante trataremos das “Referências excessivas ou explicações complicadas”.

### - Uso de “couza” ou “coisa”

- a) [...] *he alguma **couza** fula...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 7)
- b) [...] *alguma **couza** selada, pés pequenos e secos, [...] com os dedos alguma **couza** carangueijados...*  
(Cf. Anexo 1 - Anúncio 25)
- c) [...] *alguma **couza** pilhada no andar...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 26)
- d) [...] *quando fala gagueja alguma **couza**,...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 66)
- e) [...] *algum **coisa** idoso* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 39)
- f) [...] *alguma **coisa** secca do corpo* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 40)
- g) [...] *côr alguma coisa fula* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 74)

### - Uso de tanto/ algum tanto/ um/hum tanto

- a) [...] *cabello algum **tanto** pixaim...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 13)
- b) [...] *cabelos **hum tanto** vermelhos na frente...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 14)
- c) [...] *que terá vinte e **tantos** a trinta anos...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 21)
- d) [...] *idade 30 e **tantos** annos...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 33)
- e) [...] *um **tanto** fulla...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 44)
- f) [...] *pernas um **tanto** finas,...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 73)
- g) [...] *côr um **tanto** amarelada...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 82)
- h) [...] *tem o beicho inferior um **tanto** cahido...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 83)
- i) [...] *tendo a mão esquerda um **tanto** dormente por ter ido um panarício...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 91)
- j) [...] *rosto um **tanto** redondo...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 119)

### - Referência imprecisa com o uso “tantos” para idade ou “pouco mais ou menos”

- a) [...] *tem de idade 30 a 31 annos, pouco mais ou menos...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 136)
- b) [...] *ha um anno, pouco mais ou menos, o escravo Jacinto, cabra, de idade 17 annos, ponco<sup>173</sup> mais ou menos,...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 125)
- c) [...] *idade 40 annos<sup>174</sup> pouco mais ou menos...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 130)

<sup>173</sup> Na tipografia do século XIX, a composição dos textos era feita manualmente; as letras eram dispostas lado a lado para formar as palavras. Quando elas eram colocadas de forma errada, saíam erros dessa natureza (“ponco” quando deveria ser “pouco”; e “Voa-vista” (anúncio 115) quando deveria ser Boa-vista. A tipografia só foi mecanizada no fim do século XIX com a criação do linotipo e do monotipo.

<sup>174</sup> As análises revelam poucos anúncios relacionados aos escravos com cerca de 40 anos; à época investigada, a média de vida de um escravo estava abaixo dessa idade. Dos 136 anúncios de fuga, encontramos 17 deles

- d) [...] Romão, que terá vinte e tantos a trinta anos... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 21)
- e) [...] idade 30 e tantos annos... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 33)

### C) Referenciações excessiva ou explicações complicadas

Os anúncios de fuga de escravos estão cheios de referenciações excessivas e explicações complicadas, realizadas quase sempre por expressões nominais, deixando o texto prolixo, especialmente quando se refere às descrições físicas do negro.

Koch (2001, 2011) baseia-se no pressuposto de que a referenciação constitui uma atividade discursiva, realizada por sujeitos sociais. Os referentes “não são ‘coisas’ do mundo real, mas objetos de discurso, construídos no decorrer dessa atividade”. O processamento do discurso é estratégico, uma vez que é realizado por sujeitos ativos, implicando a realização de escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece. Vejamos as descrições ou explicações elaboradas pelos redatores dos anúncios:

- a) *Matheus, [...], olhos afumados...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 15)
- b) [...] *huma unha na maõ cheio que direita defeituosa, nas coixas das pernas huma queimadura que foi deferida de fogo...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 18)
- c) [...], *pés apaeitados, e discaderado* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 39)
- d) [...] *olhos ditos...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 43)
- e) [...] *cara e nariz regulares* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 70)
- f) [...] *desmentidora em alguma perna* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 86)
- g) [...] *e andar de quebra-mangue, tendo o pé esquecido torto e sahido para fora como pata de seri, e por isso puxa alguma cousa pela perna quando anda...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 117)
- h) [...] *e quando olha é de revez...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 122)

---

relacionados a escravos com 40 anos, mas a imprecisão sobre a idade é atestada no texto através das expressões: “representa ter 40 annos”, “idade de 30 a 40 annos”, “idade 40 annos pouco mais ou menos”; só em quatro anúncios dão a certeza dessa idade.

- i) [...] *costuma andar ganhando nas ruas, ou em armazéns de assucar ou nas tabernas, a conversa e a beber, durante a noite recolhe-se a telheiros abertos, ou penetráveis, a casas em construção e a outros quaesquer lugares, onde se possa obrigar...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 124)

Esses exemplos são uma pequena amostra do que podemos encontrar nos anúncios. Além de exemplificarem esse fenômeno, eles também reforçam as construções analíticas, que descrevem ao invés de apontar objetivamente, uma estratégia muito próxima da oralidade.

#### **D) Emocionalidade descrita por expressões impactantes, exageradas, comparações, metáforas**

As descrições nos anúncios são, muitas vezes, pautadas de emocionalidade, expressiva ou afetiva, visando impactar as características físicas do negro. Outras vezes, este tem seu comportamento comparado ao dos animais, criando assim, uma similaridade muito recorrente em anúncios dessa natureza.

- a) [...] *com 3 a 4 talhos ao pé do caxaço, e seis no fio do lombo trez de cada banda, e todos eles d'um tamanho* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 23)
- b) [...] *pernas feias e lizas* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 27)
- c) [...] *pez feios e perna esquerda torta...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 34)
- d) [...] *feio de cara...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 101)
- e) [...] *pernas e andar de quebra-mangue, tendo o pé esquecido torto e sahido para fora como pata de seri, e por isso puxa alguma cousa pela perna quando anda...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 117)
- f) [...] *pés apalhetados e feios...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 130)

Nesses exemplos, as descrições estão pautadas na subjetividade do redator, pois “pés feios” e “feio de cara” dependem da avaliação de quem observa e são impressões que não podem ser mensuradas. A comparação “pata de seri”, que é de um animal, para os pés do escravo, revela o exagero das descrições do escravo no anúncio. E nas expressões “caxaço” e

“lombo” aproximam o corpo do negro ao de animais como o boi, por exemplo, reforçando mais uma vez o teor impactante de tais expressões.

## **5.2.2 Características históricas**

Os aspectos ortográficos, o léxico, as formas condicionais e as formas imperativas das orações são traços que alimentam a abordagem da composicionalidade das características linguístico-discursivas dos anúncios de fuga de escravos. Seguindo os critérios apresentados por Oesterreicher, esses fenômenos serão identificados como pertencentes à língua histórica, a língua específica e concretamente analisada, o português brasileiro do século XIX.

### **5.2.2.1 Aspectos ortográficos**

Toda língua precisa de um código ortográfico uniforme para facilitar a circulação dos textos. Castilho (2010, p. 92) explica que os códigos gráficos perseguem um objetivo que nunca será atingido: aproximar a língua escrita da língua falada. Escrever como se fala é impossível, por isso as grafias são apenas representações de uma abstração sobre a execução linguística, assegurando a intercompreensão.

Durante o período arcaico da língua que, na classificação de Houaiss (1991), vai do século XIII ao século XVI, os copistas escreviam as palavras de diversas maneiras, mas como ainda não tínhamos uma norma ortográfica, em que os documentos pudessem ser escritos mais “uniformemente” isso não se configurava como um problema. No século XIX, mesmo com algumas gramáticas já em circulação como a Jerônimo Soares Barbosa, publicada em 1822, não ocorreu uma uniformização ortográfica, pois além de não estar acessível a todas as camadas da população, a maior parte dela era composta de analfabetos.

Registramos nos anúncios de fuga de escravos a variação da escrita de muitas palavras, tais como *apprehender* = *apreender*, *couza* = *coisa*, por exemplo. Para Gomes (2006), a ortografia é um indicativo do traço de mudança da língua que auxilia nas análises de

identificação das TDs (GOMES, 2006)<sup>175</sup>. De fato, quando lemos os anúncios, podemos comprovar que a forma de escrever certas palavras sofreu mudanças, ocasionadas por reformas ou acordo ortográficos entre Brasil e Portugal ou mesmo por convenção ou critérios de natureza etimológica.

Antes de apresentarmos as ocorrências gráficas presentes nos anúncios, é válido apresentarmos as três fases da língua portuguesa. Essa classificação de Houaiss (1991, p. 11) oferece um panorama das características da língua portuguesa em três momentos:

FASES DA LÍNGUA PORTUGUESA	
FASE	CARACTERÍSTICAS
Fase da ortografia fonética	<p>É o período arcaico da língua que se inicia no século XIII ao século XVI, no qual os copistas escreviam pautados na pronúncia. Não se grafava letra não pronunciada como o <i>h</i> inicial de algumas palavras escritas hoje. Apenas no final desse período é que a influência latina procurou afastar a escrita da pronúncia. Exemplos: <i>nocte</i> (por noite), <i>fructo</i> (por fruto). Foi justamente nesta fase da língua portuguesa que o Brasil foi descoberto e quando se iniciaram as primeiras expedições lusitanas para habitar e colonizar a nova terra.</p> <p>Nos anúncios de fuga de escravos em palavras como <i>Benedicta</i>, <i>Magdalena</i> e <i>asthma</i>.</p>
Fase pseudoetimológica	<p>É o período que vai do século XVI até 1904. A principal característica desse momento da língua é a forte influência greco-latina, advinda do Renascimento. A escrita latina passa a modelo da nossa, inserindo hábitos gráficos clássicos e eruditos como: <i>rh</i>, <i>th</i>, <i>ph</i> e <i>ch</i> (com som de k).</p>
Fase simplificada	<p>Esse período inicia-se em 1904 até os dias atuais<sup>176</sup>. Para Houaiss, esta fase está diretamente relacionada à obra <i>Ortografia Nacional</i> de Gonçalves Viana, que revela uma análise da história interna da língua bem como suas tendências fonéticas. Os princípios de sua proposta eram:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- a eliminação dos de etimologia grega como em <i>th</i> (theatro – teatro), <i>ph</i> (pharmacia – farmácia), <i>ch</i> (com som de k), <i>rh</i> e <i>y</i> (estyllo – estilo);</li> </ul>

<sup>175</sup> Os indícios das ocorrências gráficas realizados por Gomes (2006, 2007) dizem respeito à TD editorial. Por se tratar de um *corpus* da esfera jornalística e abordar o século oitocentista em que se anunciavam também escravos fugidos, acreditamos que a tabela elaborada pela autora é válida para nortear também nossas análises com relação aos aspectos ortográficos encontrados nas TDs dos anúncios de fuga de escravos.

<sup>176</sup> Em 1911 o novo sistema ortográfico tornou-se oficial por um decreto do governo português.

	- a eliminação das consoantes duplas, à exceção de rr e ss; -a eliminação das consoantes mudas como em <i>captivo</i> , <i>protector</i> , <i>signal</i> , <i>assignado</i> , <i>optimo</i> (vide: anúncios de fuga de escravos); -a regularização da acentuação gráfica.
--	---

Quadro 12: Fases da língua portuguesa (HOUAISS, 1991).

Do século XVI ao XX predominou a grafia etimológica, de acordo com Castilho (2010), i.e., a grafia das palavras permitia a descoberta de sua origem, por exemplo, *asthma* que vem do grego e *captivo*, *assignado*, *effectuar*, *signal* que vêm do latim, dentre outras (Cf. Apêndice 2). Segundo o autor, “era um tempo em que os cidadãos escolarizados sabiam grego e latim, de forma que não estranhavam nem um pouco essas grafias” (CASTILHO, 2010, p. 92).

Nos anúncios também verificamos que a grafia de algumas palavras estava próxima das formas latinas. Vejamos o quadro de aspectos ortográficos dos anúncios de fuga:

OCORRÊNCIAS GRÁFICAS DOS ANÚNCIOS	
OCORRÊNCIAS	EXEMPLOS
<b>Acentuação irregular</b>	grãde, poderaõ, levaraõ, naçaõ, seraõ, maõ, brãco.
<b>Ausência de acentuação</b>	noticia, oficio, nodoa, chapeo.
<b>Consoantes mudas</b>	signaes, signal, assignado, escriptorio.
<b>Desinência verbal “ão” indicativa de tempo passado</b>	sonegaraõ, andãõ, prendãõ, façãõ, marcãõ, tenhãõ.
<b>Dupla consoante</b>	annunciante, officio, delles/della, cabellos, crioulla, annos, fulla, falla, mattos, elle/ella, occupava, apprehender, Affogados, Afflictos, secco, suppõe, afflitos, sabbado, pelle, promette, cavallo, panno, effectuar, Panella, recommenda, desaparecera, soffrível, affogados, occulta, aquelle, apollo.
<b>Dupla vogal</b>	maçãa, lãa, sãas.
<b>Grafia erudita (arcaica)</b>	captivo/captiva, Magdalena, districto, conducção, Benedicta,

	asthma, effectuar.
<b>Grafia irregular</b>	enxado, sinco, Uxôa, coixas, misangas, aprendedores/apprehendedores, xita, calsa, groços, siroulas, xicote, lingoa, afumasados, extenço, boxexas
<b>Plural terminado em <i>-es</i></b>	signaes, quaes, policiaes.
<b>Presença do “h” mudo</b>	hum/huma, hontem
<b>Separação do pronome “lo” e “no”</b>	leven-o, apanhal-o
<b>Troca do s/z e vice-versa</b>	caza, camisa, coiza, mez, auzentou-se, uzado, cazados, asul, paiz, cosinheiro, apesar, mezes.
<b>Troca do s/ç/z/c e vice-versa</b>	groça, Sezilia, misangas, sima, Mossambique, assucar, calsa
<b>Uso do “y” em substituição ao i</b>	Ley, Hippolyto
<b>Uso do acento diferencial</b>	côr, baêta, á, fôrma, póde

Quadro 13: Aspectos ortográficos dos anúncios de fuga de escravos.

A partir dessas ocorrências, podemos comprovar que em relação aos aspectos ortográficos, os registros escritos eram oscilantes, pois encontramos num mesmo anúncio palavras sendo grafadas de três formas diferentes. Isso revela uma grande dificuldade de padronização da língua e falta de domínio da escrita por parte dos escritores. Esses anúncios imprimem os usos linguísticos próprios do Brasil do século XIX e, por isso, fazem com que quase dois séculos depois, provoquem que lê tais anúncios algum estranhamento.

Pessoa (2003, p. 12) confirma que, ao serem escritos, muitos anúncios apresentavam desvios ortográficos e inconsistência na grafia dos vocábulos. No entanto, essa maneira de redigir os textos deve ter contribuído para a formação de várias TDs, além de revelar a influência muito latente da oralidade na escrita.

Em relação à ortografia, o Brasil seguiu de perto a de Portugal, porém na década de 1930 as discussões em torno das mudanças ortográficas se intensificaram. Em 1943 entrou em

vigor a regularização da acentuação gráfica, a qual sofreu pequenas alterações em 1971<sup>177</sup> e em 2009 entrou em vigor o Acordo Ortográfico com mudanças na ortografia, acentuação entre outros aspectos do diassistema para “unificar” a escrita dos países que têm a língua portuguesa como oficial.

### 5.2.2.2 Pontuação

Um aspecto importante a ser ressaltado nos anúncios é a pontuação, daí a sua inclusão nas nossas análises. Esse aspecto está pautado principalmente na investigação de Pessoa (2003) que, observando a ausência da pontuação nos trabalhos do grupo alemão em Freiburg<sup>178</sup>, resolveu inclui-la na sua abordagem.

O fato de inclui-la como item das características históricas não nos parece tão justo. A princípio, a pontuação é elemento sintático que pode ser alocada como característica sintática do nível universal, mas nos anúncios ela chama atenção porque, sendo este um texto da imprensa está reduzida nas mensagens ao uso restritíssimo do ponto, ponto e vírgula, vírgula e dois pontos. Além de Pessoa, trazemos também as considerações de Bechara (1999) sobre esse sistema de sinais.

De acordo com Bechara (1999, p. 604) os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar que alguns sinais vêm desde os gregos. Os sinais de pontuação podem comutar com as unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim “um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação”.

Pessoa (2003, p. 250) esclarece que a pontuação pertence às técnicas de integratividade, por causa da sua importância na elaboração da sintaxe textual. Porém, o autor ressalta que ela é ambígua na medida em que guarda marcas de sua origem, quando servia de

---

<sup>177</sup> Segundo Houaiss (1991, p. 12) as ortografias portuguesa e brasileira, embora sigam orientações semelhantes, baseadas nas propostas de Gonçalves Viana, não têm uniformidade em relação às regras, visto que cada país segue suas próprias normas.

<sup>178</sup> Ludwig (1989 *apud* Pessoa, 2003, p. 251), ao apresentar uma lista de níveis de análise dentro das dimensões agregação/integração deixa de fora a pontuação: “agrégation et intégration définissent l’oral et l’écrit conceptuels; phonétique/phonologie et interponction ne sont donc pas prises en considération dans cette liste.” No entanto, Pessoa (*Ibid.*) inclui em suas análises a pontuação, por acreditar na combinação de elementos de natureza distinta que se concretizam no *medium* empregado: na oralidade, o fônico, onde se usa a pausa, o ritmo; e na escrita, o gráfico, neste caso, os sinais de pontuação. Para o autor, nos textos que serviram de base para suas análises, há uma coocorrência das duas naturezas, ganhando relevância na perspectiva da semioralidade.

guia para a oralização do texto. Essas observações estão voltadas para a leitura em voz alta, i. e., o uso da escrita a serviço da oralização do texto. Segundo Pessoa, o “valor da pontuação como elemento representativo da oralidade se evidencia quando se ensina na escola que a vírgula serve para uma pausa curta; o ponto e vírgula para uma média; e o ponto para uma pausa longa”.

Nos anúncios de fuga de escravos há uma série de características que tornam a pontuação um dos traços composicionais desse tipo de texto. Quase sempre a pontuação é problemática, e juntando-se a outros aspectos textuais, deixa a mensagem ambígua e confusa. Baseando-se em Pessoa (2003, p. 254), que classifica os textos históricos, como os anúncios de fuga de escravos, de duas formas, elencamos mais uma característica que é encontrada fartamente na nossa amostra:

a) Texto abusivamente pontuado:

*- Joaquim nação Calabar, 18 a 20 annos, escravo dos Africanos arrematados em praça ; fugido no dia 24 do corrente ; com sirôla de algodão, e camisa do mesmo ; pernas finas, cambado dos pés, olhos grandes, e nariz afilado : á Olaria da Flosentina, que será gratificada (Cf. Anexo 1 - Anúncio 28 – DP, 27/06/1833).*

*- No dia 5 do corrente fugiu ao Padre João Barboza Cordeiro um escravo de nome Pedro, nação Mossambique, alto, moço, e bem apessoado : levou calça e camisa de estopa : quem o pegar tenha a bondade de o levar a seu senhor, que será gratificado (Cf. Anexo 1 - Anúncio 31 – DP, 9/01/1835).*

b) Texto escassamente pontuado:

*- Em hum dia da Semana passada fugio hum escravo por nome Antonio de Nação Quiçamá bem feito de corpo e bem barbado fulo com calça de brim e jaqueta de xita chapéo de palha pintado de tinta branca e de boa altura com o officio de Padeiro qualquer pessoa o poderá pegar e leva-lo em caza de seu Sr. na Sinco Pontas no sobrado que tem por baixa huma padaria n. 20 que se lhe pagará bem o seu trabalho ( Cf. Anexo 1 - Anúncio 4 – DP, 26/08/1826).*

c) Texto com pontuação inadequada:

*- No dia 10 do corrente desapareceu huma escrava por nome Luzia, de nação Songa, idade 15 annos com os signaes seguintes, levou vestido de chita azul : os aprehendedores a poderaõ pegar e leval-a a sua Senhora, Joanna de Paiva, moradora na Solidade (Cf. Anexo 1 - Anúncio 11 – DP, 14/02/1829).*

Há várias inadequações no texto “c”:

- espera-se uma vírgula depois de “corrente”,
- “annos”; dois pontos no lugar da vírgula depois de “seguintes” e a supressão dos dois pontos depois de “azul”.

A compreensão do anúncio é organizada segundo princípios que subjazem ao texto, pois se a pontuação do texto fosse o único critério para a sua inteligibilidade, seria catastrófico.

No exemplo “b”, o período é composto de apenas um longo período; a pontuação é reduzida a apenas um ponto final. Na leitura inicial e superficial do texto, podemos considerá-lo apenas como um amontoado de palavras, aparentemente sem nenhum nexos. No entanto, a compreensão que se tem desse tipo de texto vem da ativação de nossa experiência histórica, cultural e cognitiva que vai interligando um termo ao outro para integrar a oração.

Ler textos dessa natureza exige uma atitude de colaboração por parte dos leitores, pois o anúncio, do ponto de vista cognitivo, é coerente, e pode também ser considerado coeso<sup>179</sup>, já que essa relação que conecta os vários segmentos da mensagem é estabelecida via sentido, e não propriamente pela integração das preposições, conjunções ou pontuação na oração. O mesmo pode-se dizer desses anúncios em que a mensagem é coerente, embora a pontuação esteja mal usada, deixando complicadas as relações de integridade entre as orações e, com isso, dificulta a compreensão.

### 5.2.2.3 Adjetivação

O adjetivo é a classe de palavras que se caracteriza pelas possibilidades designativas do substantivo, orientando e delimitando a referência a uma parte de quem ou do que se fala. A designação atribuída ao substantivo dá significação ao nome, delimitando algo concreto. Essa delimitação pode ser uma explicativa, especialização e especificação, expressos por

<sup>179</sup> Para aprofundar as noções de coesão e coerência, V. Antunes (2005).

instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e os *especificadores* (BECHARA, 1999, p. 43).

Os *explicadores* destacam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os *especializadores* marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Já os *especificadores* restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que são inerentes a seu significado. Estes delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas. (p. ex. homem/homem branco).

A adjetivação é a categoria gramatical-funcional mais expressiva nos anúncios de fuga de escravos e, por ser essencialmente qualitativa, ela atua como elemento predicativo nesse tipo de texto histórico. Os adjetivos podem ser usados posposto ou anteposto ao substantivo, e a depender da posição podem naturalmente alterar o sentido expresso:

- a) [...] menino pardo... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 1)
- b) [...] estatura medíocre... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 3)
- c) [...] peitos meios caídos, cabelo algum tanto pixaim, e cara redonda (Cf. Anexo 1 - Anúncio 13)
- d) [...] olhos afumados... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 15, 30)
- e) [...] cabelo corrido... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 17)
- f) [...] calcanhar cambado de bixos... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 18)
- g) [...] talhos ao pé do caxaço... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 23)
- h) [...] dedos alguma couza carangueijados... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 25)
- i) [...] côr fulla... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 27)
- j) [...] pés apaeitados... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 39)
- k) [...] cabelos amarelados... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 40)
- l) [...] cabelo soffrível... (Cf. Anexo 1 - Anúncios 134)

Como se trata de anúncios em que os escravos são apresentados com pormenores, há muita adjetivação e referenciação acompanhando as descrições. Do ponto de vista sintático, as sequências não obedecem a uma coerência estrutural, pois as sequências de adjetivações são interrompidas com verbos de ação e a pontuação quase sempre não é respeitada. Observem-se os anúncios “a” e “b” quanto à quebra de sequência da adjetivação:

- a) *Qualquer Capitão de Campo, que achar hum negro por nome Joze, Nação Cabundà com os signaes seguintes, gordo, sem barba, ladino, tem o pé direito enxado, levou vestido calça comprida de brim, e*

*camiza do mesmo, suspensorios de coiro, anda fugido desde o dia 24 de Dezembro do anno passado (Cf. Anexo 1 - Anúncio 5)*

Ou neste outro anúncio:

- b) *“No dia 15 do corrente Junho fugio huma crioula de nome Francisca com os signaes seguintes he alguma coisa fula esta ainda com algumas pintas pretas de bexigas que texe, seca do corpo levou vestido de chita roxa, pano preto e huns solitários de pedras brancas nas orelhas...” (Cf. Anexo 1 - Anúncio 8)*

Do ponto de vista sincrônico, todas esses tópicos elencados nesta investigação, que não obedecem à norma gramatical de uso da língua, na verdade, são características intrínsecas dos anúncios de fuga de escravos, considerado como texto histórico retoricamente situado.

Na redação jornalística atual, os fatos são narrados de forma simples e direta, evitando-se o vocabulário rebuscado e a adjetivação, visto que ela torna o texto mais longo e carregado de subjetividade, características que devem ser evitadas nos jornais modernos. É fácil entender porque se assume essa postura de evitar a adjetivação, pois além de prolongar a narração, ela por vezes vem carregada de juízo de valor e de expressões comprometedoras.

#### **5.2.2.4 Verbo**

O uso dos verbos nos anúncios é bastante relevante e significativo porque eles carregam o propósito comunicativo que suscita a ação. Nos anúncios, o verbo carrega valor singular dentre as características históricas, além de estar diretamente ligado aos aspectos pragmáticos que condicionam a elaboração da mensagem, pois orientam as escolhas do falante. A posição preferencial do verbo nos anúncios é a posposta ao sujeito, gerando, dessa forma, a oração inversa (VS).

## A) Oração inversa (VS)

Uma característica bastante marcante nos anúncios de fuga de escravos é a ordem inversa dos elementos na oração. De acordo com Soares Barbosa<sup>180</sup> (1822), a oração invertida deixa o espírito do leitor suspenso, pois se espera na expressão seguinte o complemento da oração que, na verdade, não acontece. Problemas relacionados à ordem são encontrados em quase todos os anúncios da amostra como nestes exemplos:

- a) [...] não se responsabiliza o annunciante... (Cf. Anexo 1 - Achado 2)
- b) [...] Acha-se fugido hum pardo claro, de nome Antonio o qual trabalha de pedreiro... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 66)
- c) [...] Offerece-se gratificar com generosidade e prontidão a quem levar na casa sita na beira do rio do Poço-da-Panella,... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 80)

A ordem preferencial dos anúncios de fuga de escravos é, pois, a VS, forma que caiu em desuso na linguagem atual. Vejamos o anúncio 39:

**(AK) Diário de Pernambuco Sabbado 10 de Abril de 1847.**  
**ESCRAVOS FUGIDOS**

*Fugio, no dia 21 do proximo passado, um preto, de nome Domingos Uanza, com os signaes seguintes: alto, muito pachota, traz sempre o cabello penteado, bonitos dentes; tem uma cicatriz no beicho, as costas picadas de chicote; já foi surrado: quem o pegar leve a rua de Apollo, armazem de assucar, n. 22, que será recompensado.*

Anúncio 39 – Fuga de escravo

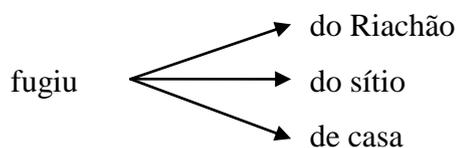
O emprego dos verbos no início do texto tem motivações pragmáticas e parece transmitir informações acerca do fato ou da realidade retratada. O verbo “fugir” carrega a força da ação, muito mais intensa que “desaparecer” ou “ausentar-se”. O mesmo pode se dizer dos verbos “seduzir” ou “furtar” que remete à ação recebida e não praticada. A junção do

<sup>180</sup> Soares Barbosa (1822, p. 422-423) escreve sobre as orações invertidas: *A construcção invertida he a contraria á direita. Esta pede o sujeito antes do verbo, aquella depois; esta põe o adjectivo depois do substantivo, e o adverbio depois do adjectivo, aquella dantes; esta põe os complementos depois de seus antecedentes, aquella dantes; esta em fim contrahe as palavras na ordem de sua subordinação e regencia, primeiro que as regidas de sorte, que as subordinadas, e as regentes primeiro que as regidas de sorte que a marcha do pensamento vai seguindo a da oração sem suspensão, nem embaraço algum; aquella constroe as palavras pela ordem retrograda, de sorte que o espírito está suspenso á espera das palavras seguintes, de que depende o sentido das antecedentes. Os Gregos e Latinos chamavão Anastrophes a estas inversões, e não Hyperbatos, como lhe chamão nossos Grammaticos.*

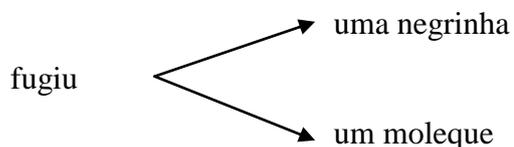
verbo mais outra expressão pode se caracterizar como traço que compõe uma TD dentro da própria TD “anúncio de fuga de escravos”.

O verbo “fugir” tem uma alta ocorrência para designar a ação de escapar dos domínios do dono, aparecendo em 94 (69,11%) anúncios, sendo 29 deles no início do texto. Os traços composicionais que compõem as formas fixas que caracterizam a TD aparecem da seguinte maneira:

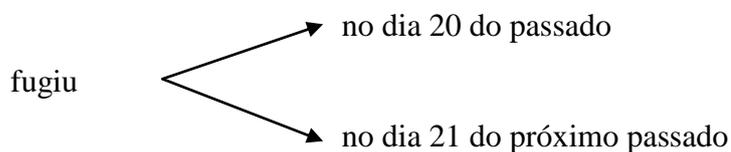
**a) *fugir + local***



**b) *fugir + sujeito***

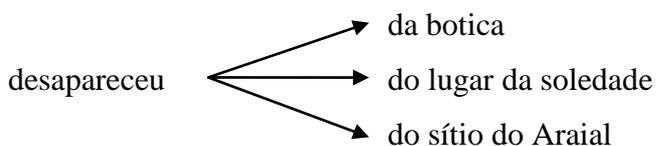


**c) *fugir + data***

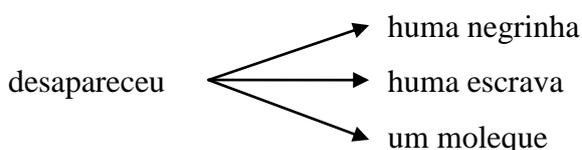


A expressão “no dia” inicia 35 anúncios, seguida da informação da data da fuga. O segundo verbo mais recorrente nos anúncio é “desaparecer” (19,85%):

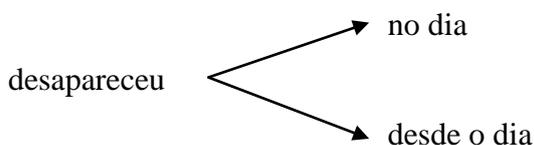
a) *desaparecer + local*



b) *desaparecer + sujeito*



c) *desaparecer + data*



A posição dos verbos “fugir” e “desaparecer” na abertura do texto ocorre preferencialmente agregadas à informação do local, do sujeito ou da data da fuga. Cada uma dessas formas verbais introduz uma maneira como os argumentos são construídos, visando à finalidade comunicativa que é convencer os leitores (autoridades policiais, capitão-do-mato ou quem se interessar) para que prendam ou capturem o escravo em fuga. Os verbos constituem traços marcantes de composição do gênero, sendo considerados traços fixos que compõem as TDs de abertura dos anúncios de fuga: “fugiu”, “desapareceu”, “foram seduzidos (as) ou furtados (as)”, “ausentou-se” e “roga-se” são exemplos dos verbos que introduzem os anúncios de fuga de escravos dos jornais pernambucanos<sup>181</sup>.

<sup>181</sup> Lage (2006b) explica que é mais comum empregar os verbos, ou locuções verbais no pretérito perfeito, quando a notícia já ocorreu. O futuro ou futuro próximo, para indicar certeza ou probabilidade, para anunciar um fato. O autor esclarece que raramente os lides ou sublides aparecem no presente, simultaneamente, relacionados a um acontecimento em curso ou no presente, ou a eventos que se repetem, já que estes indicam o aspecto inacabado. i.e., não se sabe quando acabou ou terá acabado o evento.

Além disso, o verbo relaciona o passado e o presente, norteador o tempo dos acontecimentos que, diferentemente da narrativa dos jornais atuais, não é governado pelo imediatismo, mas por formas e maneiras que dão ao leitor a ideia da sucessão dos fatos considerados relevantes por quem anuncia<sup>182</sup>.

**Diário de Pernambuco 01 de setembro de 1845.**

**ESCRAVO FUGIDO**

*Fugiu do engenho Marzagão, no dia 18 de agosto, um escravo de nome José, crioulo, boa estatura, côm alguma coisa fula, natural das partes do Aracati: foi montado em um cavalo do mesmo engenho, que tem os sinais seguintes: rozilho, capado, com os dois pés calçados, uma estrela na testa, tendo na junta da mão direita uma canelada, que não tem cabelo; também teve uma sobrecana, e não tem estradas, porém é bem novo; julga-se ter seguido para as partes do Norte, por ter vindo do Aracati, e ter sido vendido nesta praça. Roga-se a todas as autoridades policiais e capitães de campo, de o apreenderem, e conduzi-lo ao mesmo engenho, ou no Recife a Joaquim José Rabelo, no Aracati a Francisco Xavier de Carvalho, de que foi escravo; que serão pagos de seu trabalho generosamente.*

Anúncio 40 – Fuga de escravo

No anúncio 40, o verbo “fugiu” vem em primeiro lugar, depois é apontado o local onde ocorreu o fato “engenho Marzagão”. Depois disso vem o período da fuga “18 de agosto” e só depois aparece o sujeito da ação “um escravo de nome José”. Note-se que, apesar de ser citado o nome, individualizando o ser, o artigo indefinido “um” não referencia o sujeito, colocando-o de forma vaga no anúncio. Essa é uma marca que caracteriza a descrição dos escravos nos anúncios, pois nem sempre os artigos definidos ou indefinidos serão termos que particularizarão o ser ou coisa de que se trata.

Dessa forma, destacamos que nos anúncios de fuga de escravos do século XIX, há predominância da oração inversa com sujeito posposto ao verbo, muito diferente dos anúncios de procurados do século XXI, onde essa construção é inexistente, como veremos mais adiante na seção sobre os anúncios de procurados.

<sup>182</sup> Nos jornais atuais, Lage (2006a) sugere que a notícia não seja iniciada com os verbos, mas sim na forma direta. Os modelos de padronização que determinam a escrita jornalística reivindicam traços de objetividade, neutralidade e imparcialidade que devem ser focadas no relato das histórias e não em comentários. Diferentemente do que acontecia com os anúncios relativos à fuga, em que os comentários pessoais faziam parte da estrutura textual.

## B) Dativo ético

O dativo ético<sup>183</sup> é reminiscência da sintaxe latina nos anúncios. Ele só teve uma única ocorrência, mas chama atenção por estar inserido num contexto em que as marcas da oralidade estão fortemente presentes na escrita.

**AK) Diário de Pernambuco Sexta Feira 9 de Janeiro de 1835.**  
**ESCRAVOS FUGIDOS**

*No dia 5 do corrente fugiu ao Padre João Barboza Cordeiro um escravo de nome Pedro, nação Mossambique, alto, moço, e bem apessoado : levou calça e camisa de estopa : quem o pegar tenha a bondade de o levar a seu senhor, que será gratificado.*

Anúncio 41 – Fuga de escravo

Essa reminiscência de construção da língua latina, nos anúncios de fuga de escravos, reforça a informação de que no século XIX as pessoas escolarizadas sabiam o grego e o latim, como afirmou Castilho. A expressão “*fugiu ao Padre*” deve ser lida como uma construção de posse. Embora um ou outro anúncio tivesse construções que remetessem a uma forma de língua clássica, as marcas da oralidade se fazem presentes, revelando a inabilidade do redator, na grafia das palavras (“Mossambique”, “por tanto”); pontuação inadequada ou escassa dentre outros aspectos.

<sup>183</sup> De acordo com Bechara (1999, p. 424), os dativos livres são formas remanescentes de construções da sintaxe latina, aparecendo sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal. Alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado são chamados de dativos livres, representados pelos seguintes tipos:

- a) *dativo de interesse (dativus commodis et incommodi)* - é aquele o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal; por exemplo: *Ele só trabalha para os seus*. Segundo Bechara, esse dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).
- b) *dativo ético* é uma variação do anterior, sendo muito comum na linguagem da conversação, pois representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo; por exemplo: *Não me enviem cartões a essas pessoas*. Neste exemplo, o verbo é acompanhado de complemento direto (cartões) e indireto (a essas pessoas), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.
- c) *dativo de posse* é aquele que exprime o possuidor; por exemplo: O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-lhe o pulso).
- d) *dativo de opinião* é aquele que exprime a opinião de uma pessoa; por exemplo: *Para nós* ela é culpada.

### C) Gerúndio

O gerúndio, a princípio, serve para marcar uma ação em curso. Ele é um dos elementos que está presente no anúncio de fuga de escravo.

Simões (2007, p. 44) esclarece que as formas do gerúndio sempre estiveram presentes nos textos de norma culta tanto da tradição religiosa, quanto nos textos jurídicos medievais, como é o caso dos textos forais e dos documentos notariais da Idade Média. Da mesma forma como se deu com vários outros fenômenos linguísticos incorporados às línguas românicas, a incorporação do gerúndio ao quadro de conjugação do português a partir do latim tem explicações nas obras dos gramáticos a partir do século XIX. Para o autor, há consenso entre os sintaticistas de que o gerúndio passou ao português, como às outras línguas românicas, oriundos do ablativo do gerúndio latino e de determinados usos do particípio presente.

Há implicações com o uso do gerúndio nos anúncios de fuga de escravos. Ele está dentro das manifestações referidas pela gramática, mas também nos casos condicionados a fatores mais de ordem semântica que de ordem sintática, que servem para estabelecer relações entre os enunciados e demarcar o sentido das ações descritas<sup>184</sup>.

No anúncio, “*Tendo muitas vezes fugido, ultimamente fugiu no dia 29 de Janeiro p.p de casa de Bento Joaquim de Miranda Henriques um seo escravo pardo de nome Romão*” (Cf. Anexo 1 - Anúncio 21) iniciado com uma oração restritiva de gerúndio, temos uma repetição desnecessária do verbo fugir (fugido, fugiu) para marcar a ideia de que o escravo costumava fugir, como ação que se repetia, e fugiu, como fato concretizado:

A repetição do anúncio de fuga não é apenas para reforçar o sentido do que se queria dizer, pois cada um desses lexemas recebe uma nova significação no contexto da mensagem. No anúncio abaixo aparecem dois gerúndios (“procurando” e “querendo”), um com objeto preposicionado; o outro, equivalente a “se quiser”, mais aproximado do uso oral, o que chama a atenção num anúncio escrito:

---

<sup>184</sup> O uso do gerúndio tem implicações éticas, pois se muitas vezes ele é usado de forma a não querer comunicar a ideia de ações simultâneas, mas antes falar de ação pontual, em que a duração não é relevante. Por exemplo: “vou estar passando o recado” é uma expressão inadequada que se refere a um futuro em andamento, pois se entende que o recado não tem prazo de validade para ser dado.

**(WB) Diário de Pernambuco, 11 de junho de 1834.**  
**AVISOS PARTICULARES**

*“O abaixo assinado aviza ao Snr. João Marques da Cruz Snr. Do Engenho Cana Vieira que em sua caza appareceu um negro que diz ser seu escravo, e chamar-se Eugênio procurando ao annunciante para comprar, e como já tem lhe dirigido duas cartas, e não tem tido resposta agora o faz pelo Diario afim do dito Snr. Ou vender o escravo, querendo, ou manda-lo buscar em quanto mesmo não faz alguma fuga pela qual não se responsabiliza o annunciante. Antonio Rebello da Silva Pereira.”*

Anúncio 42 – Fuga de escravo

A mensagem do anúncio de achado também é confusa por vários aspectos: a pontuação que está inadequada ou ausente em vários momentos no texto; depois, pela falta de juntores adequados para estabelecer a integração dos elementos na oração.

**(AK) Diário de Pernambuco, Terça feira 17 de Maio de 1853.**  
**Avisos Diversos**

*Aluga-se dous escravos que saibam trabalhar em carroças, e também se compram agradando : na rua Nova, armazem de trastes de Pinto, ou anuncie.*

Anúncio 43 – Aluguel de escravo

O uso do gerúndio nesse anúncio de aluguel não é bem sucedido: “se compram agradando” quando deveria expressar “caso os escravos agradem”, podem ser vendidos. Na verdade, ele é usado fartamente nos anúncios de fuga de escravos nas formas “dando”, “levando”, “constando”, “procurando” apresentando uma ação em curso, que acontece simultaneamente a outra, mas como essas formas são usadas inadequadamente, causam indefinição na pessoa do discurso.

### 5.2.2.5 Aspectos lexicais

O léxico também é um aspecto que alimenta a composicionalidade da TD anúncios de fuga<sup>185</sup>. Léxico (vem do grego *lexicon*) é o acervo de palavras de uma língua criado para atender as necessidades de comunicação dos falantes, organizando os conhecimentos do universo, visto que ele tem a função de intermediar nossa relação com o mundo, pois ao dar

<sup>185</sup> Oesterreicher (1994, p. 177) afirma que é no léxico onde se reflete com maior clareza a distribuição social do saber linguístico.

nome aos seres e objetos, atribuímos significados e estruturamos o mundo que nos cerca. A nomeação da realidade envolve fatores cognitivos e semânticos, pois são dados sensoriais da experiência que se reportam ao universo referencial<sup>186</sup>.

O acervo lexical de uma língua deve ser considerado, de acordo com Biderman, como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história, devendo ser considerado um “tesouro cultural abstrato”. Os modelos formais são preexistentes e, assim, o indivíduo no processo de cognição da realidade, incorpora o vocabulário nomeador da realidade cognoscente juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical.

Biderman (2001a) afirma que todo sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico quanto na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga. Assim, cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas.

O léxico compreende a gramática e as regras do uso. Crystal (1985 *apud* Carvalho 2009) divide as palavras em duas categorias distintas: as lexicais (ou plenas) e as gramaticais (ou vazias). As palavras lexicais correspondem ao léxico propriamente dito, já as palavras gramaticais compreendem artigos, preposições e conjunções que só têm função dentro da língua estudada, mas às vezes nem sempre podem ser traduzidas, ou modificadas. Essas palavras não têm relação com o mundo exterior, constituindo-se um universo fechado, conservador, pois não inovam e são usadas quase sempre para assinalar as relações entre os termos das orações.

A conceptualização da realidade configura-se linguisticamente em modelos categoriais arbitrários. Biderman (2001b, p. 14) observa que as categorias linguísticas não são coincidentes e nem equivalentes. As taxionomias que embasam os modelos de categorização constituem elaborações específicas de cada cultura, embora se possa admitir que as línguas naturais tenham tipos de semânticas universalmente compreensíveis. Para a autora:

O universo conceptual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema ordenado e estruturado de categoriais léxico-gramaticais. As palavras geradas por tal sistema nada mais são que rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com o seu meio. Vale a pena insistir no fato de que as categorias

<sup>186</sup> D’Achille (1994, p. 72) afirma que no campo lexical a presença de vozes dialetais nos textos dos *semicultos* é naturalmente difusa; visto que, nas produções desses autores, há um alto grau de termos concretos, que são explicados, do ponto de vista pragmático. A escrita assume, então, o caráter prático e funcional.

léxicas variam de língua para língua, raramente ocorrendo que dois idiomas sejam dotados dos mesmos tipos categoriais (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Quanto às escolhas linguísticas que estão diretamente ligadas à escolha lexical, Biderman (2001a, p. 179) afirma que “o léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai” e também admite que as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares, por isso as unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações.

Antunes (2012, p. 28) defende que se um léxico de uma língua pode ser visto como uma espécie de “memória representativa das matrizes cognitivas construídas”. Também é verdade que se trata de uma memória dinâmica, em movimento constante, que se vai reformulando passo a passo, da mesma forma que as manifestações culturais que ele expressa, pois a mudança inclui também a concepção que temos das coisas que é instável e variável.

No entanto, esse caráter variável não significa que o léxico seja desprovido de estabilidade, ou seja, resultado de criações *ex-nihilo*. Ao contrário, as criações partem de uma criação já existente, uma base primária e a ela são associados significados que servem de base para outros significados. Por exemplo, as designações referentes ao negro se configuram como um complexo sistema classificatório com descrições relacionadas à fisiologia do seu corpo e suas partes, à cor, às deficiências físicas, aos sinais de castigos, vícios etc. Esses termos são gerados com base na lógica da língua e com os padrões lexicais disponíveis.

Nestes exemplos, extraídos dos anúncios de fuga, temos às seguintes descrições:

[...] *dedos alguma couza carangueijados...* (DP, 9/06/1832) e

[...] *tendo o pé esquecido torto e sahido para fora como pata de seri...* (DP, 12/01/1865)

A essa forma de expressão, D’Achille (1994) chama atenção a esse caráter pragmático das produções dos *semicultos*, pois em vez de referir o termo, estes fazem construções metafóricas como essas que acabamos de exemplificar. Assim, podemos comprovar a dinamicidade das palavras e expressões que funcionam para atender as necessidades discursivas.

No sentido usual da época em que foi publicado, se referir a ‘carangueijados’ pode aludir aos dedos da mão do escravo com terminações pontiagudas que se assemelham às patas do caranguejo. Nos anúncios é frequente o uso de termos associativos ao negro que remetem

ao “empirismo designativo”, de que fala Biderman, típico das sociedades antigas, que assemelham as pessoas às coisas ou animais. Moura (2004, p. 126) também mostra que era uma constante, durante a vigência da escravidão no Brasil, a equiparação do corpo dos cativos ao das bestas ou dos animais.

Carvalho (2011, p. 16) concorda com a afirmação de que o léxico depende da realidade extralinguística, não estando imune ou desvinculado das condições de produção histórica e social; por isso é a menos sistemática das estruturas, e também a menos sujeita às regras.

Os aspectos lexicais são categorias funcionais que têm no substantivo (e adjetivo) a classe nominal mais representativa nos estudos da língua. Os termos que designam o negro mostram uma lógica da língua característica dos padrões existentes no século XIX, inerentes à consciência linguística dos indivíduos. Para ampliar os recursos de análises no aspecto de significação, apresentamos alguns termos relacionados ao negro, visando com isso formar o campo semântico referente a ele nos anúncios de fuga do jornal<sup>187</sup>:

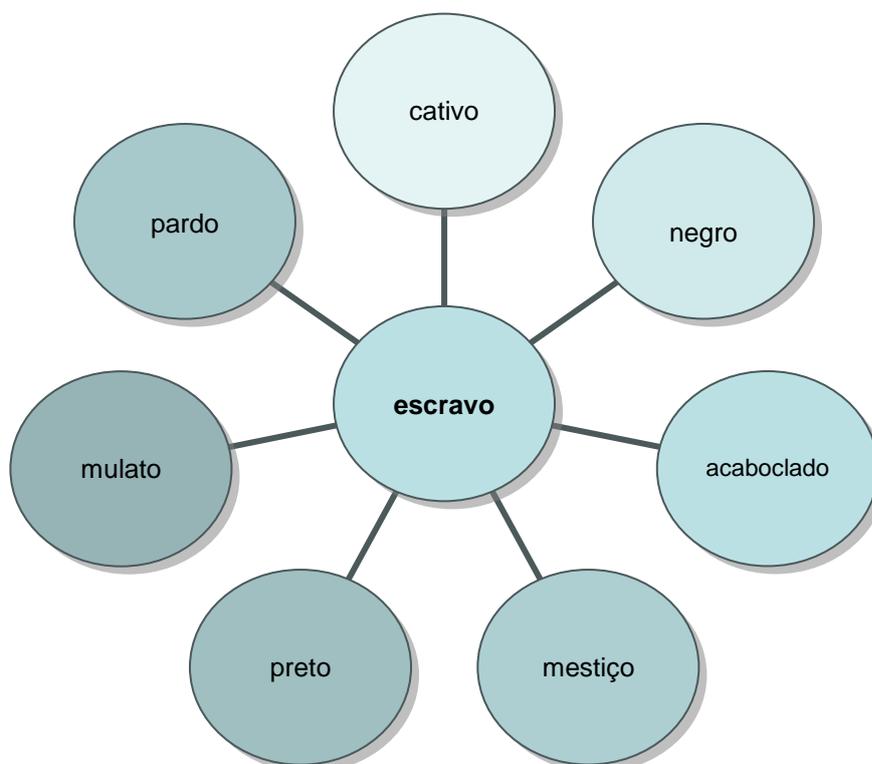


Diagrama 5: Campo sinónimoico de referência ao escravo.

<sup>187</sup> Cf. Apêndice 3.

Uma das propriedades do léxico é distinguir os termos segundo o tipo de segmento que eles podem designar. Para isso, faz-se necessário, além de investigar a língua, investigar a cultura dessa língua, uma vez que as palavras geradas pelo sistema de categorias léxico-gramaticais são apenas “rótulos” que nomeiam a realidade sensível, como mostra Biderman.

O campo semântico agrupa itens que partilham de características semânticas comuns, seguindo critérios semânticos, sintáticos ou pragmáticos. No diagrama sobre o campo semântico referente ao negro todos os termos apresentados podem ser considerados sinonímicos, i. e., eles mantêm uma relação de equivalência de sentidos entre as palavras e, nesse caso, estão presentes e recorrentes nos anúncios de fuga de escravos, especialmente nas palavras que designam o negro: cativo, escravo, acaboclado, mestiço, preto, pardo e molato que funcionam como sinônimos (ou associação semânticas), promovendo no anúncio uma continuidade semântica e a unidade textual<sup>188</sup>.

Nos anúncios de jornal “negro e escravo” eram duas lexias correspondentes, como apontado por Freyre (2006), porque era raro encontrar um negro que não fosse escravo no Brasil do século XIX. Contudo, vale ressaltar que não há sinônimos perfeitos, pois os sentidos mudam de acordo com o contexto de uso.

O sistema linguístico, no nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas da sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Desse modo, no exame de um léxico analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o ato cultural que nela se deixa transparecer (ISQUERDO, 2001, p. 91). No caso dos anúncios todas as palavras agregadas ao termo ‘escravo’ são conotativas e estão associadas dessa forma por conterem propriedades que remetem ao termo central, estando formuladas com juízo de valor.

Um aspecto relativo ao léxico nos anúncios dos jornais analisados diz respeito à língua usada pelos negros, que não tem expressividade em tais anúncios. O encontro cultural entre africanos e brasileiros, estes já miscigenados, propiciou naturalmente a formação e a adoção de termos oriundos da cultura africana<sup>189</sup>. De fato, os africanismos<sup>190</sup> são bem recorrentes na

<sup>188</sup> A partir do estudo dos aspectos lexicais dos anúncios, agrupamos em um mesmo campos semânticos as características físicas do escravo relacionadas à altura, cabelos, nariz, dentes, corpo, forma de andar, forma de falar, cor etc. (Cf. Apêndice 1).

<sup>189</sup> Lucchesi *et al.* (2009) afirmam que o contato entre as línguas desencadeou processos de variação e mudança que definiram as características centrais das variedades populares do PB, como, por exemplo, o uso das regras de concordância nominal e verbal. Seria necessário um estudo mais sistemático sobre esse aspecto da influência das línguas africanas na gramática da língua que, no momento, não faz parte dos objetivos de nossas análises.

<sup>190</sup> De acordo com Petter (1998) os africanismos são termos ou expressões de uso coloquial resultante do contato do português com uma língua africana, ocorrido na África, em Portugal ou no Brasil. A integração desses termos

língua portuguesa, distribuindo-se se nos mais diversos campos léxico-semânticos: os de origem banto (quimbundo, principalmente), são mais antigos, mais abrangentes; os de origem iorubá, mais recentes, referem-se principalmente à religião, rituais e à música, ficando centralizados nas irmandades, nas comunidades quilombolas, nos rituais religiosas como no candomblé etc.<sup>191</sup>. Nos anúncios de fuga de escravos os africanismos não aparecem. As razões são inúmeras, mas a principal é o alijamento da cultura africana nos aspectos concernentes à língua.

Para entender essa complexa relação entre a língua e o social, é preciso analisar outros aspectos relacionados à história da língua. Pessoa (2003, p. 73) acredita que “no campo do estudo do léxico, alguns estudos repetem os empréstimos consignados pelas línguas africanas, embora não distingam nitidamente o que veio já de Portugal” porque não se deve esquecer de que os escravos africanos já existiam em Portugal antes da serem traficados ao Brasil.

Na elaboração dos anúncios, as expressões que aparecem relacionadas ao negro que designam as suas características, seus modos e as circunstâncias da fuga revelam expressões “impressionísticas” (TORRES MORAIS, 2002, p. 98). Isso, de fato, pode ser confirmado, pois muitas expressões usadas nas mensagens são elementos que constituem as TDs dos anúncios como: “seco do corpo”, “cheio do corpo”, “andar natural”, “andar gingador”, “falar amarinheirado” etc.

#### 5.2.2.5.1 Vulgarismos

Os vulgarismos são referências consideradas inadequadas na linguagem culta. Essas expressões são bastante frequentes nos anúncios de escravos:

- a) [...] *peitos meios caídos, cabelo algum tanto pixaim...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 13)
- b) [...] *cara com marcas de bixigas...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 15)
- c) [...] *boca abicudada...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 57)
- d) [...] *beiços grossos* (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 70)

---

ao português deu-se em épocas diferentes: alguns se integraram antes da escravidão brasileira e podem ser considerados como empréstimos de segunda geração, sendo que a primeira, mais próxima da língua fonte já tinha sido atestada, por exemplo, em Angola, no século XVI e início do XVII (Bonvini & Petter, 2012).

<sup>191</sup> É verdade que muitas palavras de origem africana foram incorporadas ao português do Brasil, Freyre (2010, p. 28) elenca estes africanismos: mucama, banzo, cangulo, banguelo, que aparecem nos anúncios de escravos como termos relacionados ao negro denotando aspectos depreciativos apoiados por fatores extralinguísticos como a desigualdade social e moral a que os escravos eram submetidos.

- e) [...] *cara enrugada*... (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 73)  
 f) [...] *cara abocetada*... (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 83)  
 g) [...] *e tem o pé troncho*<sup>192</sup> (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 128)

Algumas dessas expressões de tão vulgares caíram em desuso na escrita como “cara”, para dizer rosto; “beijos”, para dizer lábios; “enrugada” para dizer rugas ou linhas de expressão, esta mais aceitável, por exemplo, na linguagem publicitária que faz uso de uma linguagem eufemística visando à persuasão. Outras expressões como “cara abocetada” e “boca abicudada” podem até encontrar seu referencial na linguagem atual, mas está no mais baixo nível da linguagem, os palavrões.

#### 5.2.2.5.2 Arcaísmos<sup>193</sup>

Câmara Júnior (1964, p. 51) destaca que os arcaísmos são vocábulos, formas, ou construções frasais que saíram do uso na língua corrente e nela refletem fases anteriores nas quais eram vigentes. Do ponto de vista comum e sua norma, diz-se que há arcaísmos em falares regionais em que se mantêm por tradição oral as formas e construções antigas<sup>194</sup>.

<sup>192</sup> Troncho, vem do espanhol. É um adj. que significa privado de algum membro, truncado; curvado para um dos lados, torto (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2010). A nosso ver, expressão que está regionalizada em PE.

<sup>193</sup> Vilanova (2001, p. 77) retoma as considerações de Maximino Maciel, quando este divide os arcaísmos em reversíveis e irreversíveis, conforme possam ou não voltar à linguagem corrente. Os **arcaísmos irreversíveis**: podem se subdividir em *Estruturais*: quando existem na língua com novo aspecto, sofrendo alterações na estrutura. Ex.: *falsilho: falso*. *Gráficos*: quando apresentam grafia antiquada: *omrra: honra; muyto: muito; he: é*. *Anideológicos*: quando se tornaram vazios de significação, pelo desaparecimento de fatos e ideias que exprimiam: *anadel, gardingo e anafil*. **Arcaísmos reversíveis**: *Morfológicos*: quando são substituídos por outras palavras na língua atual. Ex.: *almalho: bezerro; golpelha: raposa; justilho: espartilho*. *Semânticos*: quando são representados por palavras que adquirem significação nova na língua atual. Ex.: *demandar: pedir, litigar; atender: esperar, deferir; preito: ajuste, homenagem*. *Estereotipados*: são representados por vocábulos antiquados que constituem frases feitas. Ex.: *praça-de-pré; prea-mar; sem tirte nemuarte*.

<sup>194</sup> Coutinho (1976, p. 212) faz uma divisão dos arcaísmos em *léxicos*, subdivididos em intrínsecos e extrínsecos, *sintáticos* e de *construção*. Os arcaísmos intrínsecos são atinentes ao próprio sistema linguístico, resultando em arcaísmos gráficos: fonéticos, flexionais, semânticos e sintáticos. Já com os arcaísmos extrínsecos, as causas da mudança são externas, como a mudança de usos e costumes que levam ao desuso de elementos lexicais. Os arcaísmos Intrínsecos são: *Gráfico: aver, omem, hir, hum, he, ley*; *Fonético: dino, malino, assi, seneficar, virgéu, cossairo, estormento, marteiro, segre, hostao, hereo, cheo, poer*; *Flexionais*: que apresentam as modalidades de: a) *Gênero: planeta (f.), fim (f), mapa (f)*; b) *Número: alférezes, arráezes, símprezes*; b) *Pessoa: amades, devedes, olvides, disserom*. *Semânticos*: arreo (enfeite), britar (quebrar), partes (qualidades), atender (esperar), benzer (abençoar), comprido (cheio), peça (espaço de tempo), saúde (salvação), soterrar (enterrar), catar (olhar).

Os arcaísmos extrínsecos, ou lexicais, são os únicos que foram inteiramente substituídos por sinônimos de raiz diferentes. Ex.: *adur: suficiente, bastante; coita: aflição, dor, pena; taste: logo, cedo*. E, finalmente, os arcaísmos sintáticos representados por períodos demasiadamente longos, travado de partículas e de participípios; a

Além do valor estilístico, os arcaísmos sinalizam TDs. Um léxico só pode ser considerado arcaico a partir de uma análise sincrônica, em relação a um dado momento histórico. Um léxico arcaizado pode aparecer fortemente fixado a uma tradição discursiva sendo essa característica, à primeira vista, a que mais marca um texto considerado TD. A relação de atualização inerente à noção de TD recupera esse arcaísmo, tornando-o reversível à língua.

- a) [...] *alviçaras...* (Cf. Anexo 1 - Anúncios 1, 2)
- b) [...] *próximo passado = p.p. (próximo passado - Cf. Anexo 1 - Anúncios: 77, 79, 80, 98, 106, 113, 121, 122, 131; p.p. - Anúncios: 16, 20, 30, 42, 44, 45, 50, 71)*
- c) [...] *representa ter* (Cf. Anexo 1 - Anúncios: 23, 42, 54, 65, 85, 92, 95, 106, 107, 128)
- d) [...] *preço commodo...* (Cf. Anexo 1 - Venda 8)
- e) [...] *pixaim...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 13)
- f) [...] *encarnado...* (Cf. Anexo 1 - Anúncios: 17, 88, 105)
- g) [...] *talhado* (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 27)
- h) [...] *apessoado* (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 31)
- i) [...] *altura ordinária* (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 39)
- j) [...] *as apás* (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 40)
- k) [...] *seco do corpo* (Cf. Anexo 1 - Anúncios: 10, 18, 23, 26, 75)
- l) [...] *grosso do corpo* (Cf. Anexo 1 - Anúncios: 24, 69)
- m) [...] *beijos grossos* (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 70)
- n) [...] *embaiado* (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 82)
- o) [...] *acoutado* (Cf. Anexo 1 - Anúncios: 22, 58, 61, 111, 133)
- p) [...] *couza = cousa - (couza - Cf. Anexo 1 - Anúncios: 7, 25, 26, 66/ cousa: anúncios: 35, 61, 81, 92, 103, 117, 133)*
- q) [...] *cara enrugada* (Cf. Anexo 1 - Anúncio: 73)
- r) *Engoma [ou engomma]* (Cf. Anexo 1 - Anúncios de venda 2, 3, 7; de oferta 1; de fuga 115)

Como podemos observar nos exemplos, várias ocorrências de arcaísmos estão expressos nos anúncios estudados. Alguns, mesmo na época, já poderiam ser consideradas expressões arcaizadas, mas nos chama a atenção, comparativamente aos usos de hoje, o emprego de “encarnado”, substituído hoje em dia por “vermelho”; “couza”, totalmente em desuso, como ocorre nitidamente com “seco do corpo” ou “grosso do corpo”, para se referir aos aspectos físicos.

As expressões ou formas de dizer utilizadas no século XIX, e que hoje podem ser consideradas antiquadas, só podem ser consideradas arcaicas a partir da análise sincrônica e comparativa dos termos. Além disso, elas refletem os costumes e as tradições da época, reafirmando o carácter dinâmico das línguas que se refletem em vários aspectos, sendo um deles o léxico.

### **5.2.3 Características das TDs**

O nível das TDs corresponde aos textos, gêneros, ou expressões que se relacionam com a historiografia de uma determinada língua que são retomados num processo de inovação e permanência de TDs numa dada língua.

Oesterreicher (1994, p. 172) afirma que as características estilísticas linguísticas das TDs como os fenômenos pragmáticos, sintáticos e semânticos não são de nenhum modo específico de uma língua particular, mas se trata de fenômenos dependentes das TDs ou de manifestações motivadas por certo tipo de atividade linguística universal. Desse modo, a tradição discursiva anúncio de fuga de escravos é também constituída por elementos, como as formas fixas, os quais Coseriu chamou de “atividade universal da língua”, pois há traços composicionais dessas formas fixas que podem ser encontrados em outras línguas ou mesmo em outras tradições de textos, tais como nas crônicas espanholas, nos relatos de viagem alemães do século XVI, no estilo burocrático ou chanceleresco e nas cartas de leitores de jornais de Pernambuco do século XIX.

#### **5.2.3.1 Formas fixas**

As TDs compreendem não só textos com finalidades comunicativas mais elaboradas, mas também aos “atos de fala fundamentais como a saudação, o agradecimento e a promessa” (KABATEK, 2005c). Uma TD não se refere apenas a gêneros completos, mas comporta dentro dela outras TDs ou se refere a uma determinada forma textual ou a determinados elementos linguísticos que se constituem como signos próprios.

As formas fixas são expressões consagradas pelo uso, são tradições no modo de dizer que estão presentes nos anúncios de fuga de escravos. Mesmo que os anúncios se apresentem

com extensões variadas, elas não deixam de atender a algumas exigências para que o anúncio de fuga de escravos seja reconhecido como tal. Os componentes fixos presentes na abertura como a data da fuga, o nome do escravo; no desenvolvimento, os sinais, as marcas etc.; e no fechamento, o pedido às autoridades e a gratificação são elementos importantes que caracterizam as TDs.

Há traços componentes fixos presentes nas TDs de abertura, desenvolvimento e fechamento dos anúncios. Assim, procuramos elencar os termos e expressões que caracterizam cada uma das partes que formam a TD anúncio de fuga de escravos.

### 5.2.3.1.1 Formas fixas da TD de abertura

Há traços componentes fixos da TD de **abertura** formados por construções nas quais o advérbio e verbo são nucleares. Vejamos:

#### A) Advérbio

##### 1) expressão “no dia”

O adjunto adverbial de tempo “no dia” funciona como gatilho para a data que é apontada logo após e expressão

- *No dia* + data da fuga

a) *No dia 1º do corrente na Praça Grãde desta Cidade (Cf. Anexo 1 - Anúncio 1 – DP, 07/11/1825);*

b) *No dia 4 do corrente mez fugio no porto da Bahia (Cf. Anexo 1 - Anúncio 136 – DP, 21/08/1875).*

Do primeiro anúncio coletado (1825) ao último (1875), encontramos 80 anúncios (58,82%) com a expressão “no dia” precedendo a data da fuga do escravo. Dessa maneira, pode afirmar que mais da metade dos anúncios analisadas possuem essa expressão no corpo da mensagem, se configurando como um traço composicional da TD de abertura do anúncio de fuga de escravo.

## B) Verbo

Sabemos que Kabatek elegeu a junção como critério privilegiado para o reconhecimento das TD, especialmente porque a junção agrega informações que perpassa diversos níveis de análise. No entanto, conseguimos mostrar que alguns elementos de ordem morfossintáticos podem caracterizar as TDs, como os verbos “fugir” e “desaparecer” que funcionam como gatilhos para a formação de traços composicionais das TDs.

### 1) verbo fugir

a) Expressão formada pelo verbo **fugir** + **adjunto adverbial de tempo**

*Fugiu* → *no dia*  
*desde o dia*

b) Expressão formada pelo verbo **fugir** + **adjunto adverbial de lugar**

*Fugiu no* { *do engenho*  
*de casa*  
*do sítio*  
*da fazenda*

c) Expressão formada pelo verbo **fugir** + **sujeito**

*Fugiu no* { *uma mulata*  
*hum escravo*  
*huma negra*  
*huma crioula*  
*um moleque*

## 2) verbo desaparecer

a) Expressão formada pelo verbo **desaparecer** + **adjunto adverbial de lugar**

*Desapareceu* { *da rua*  
*da casa*  
*do sítio*  
*do engenho*  
*desta praça*

b) Expressão formada pelo verbo **desaparecer** + **adjunto adverbial de tempo**

*Desapareceu* → *desde o dia*

c) Expressão formada pelo **verbo desaparecer** + **sujeito**

*Desapareceu* → *um negro*

Todas essas expressões podem ser consideradas TDs, primeiro porque são formadas pelo componente linguístico, tem uma alta ocorrência nos anúncios, são repetíveis, e estão relacionadas ao momento histórico-social em que foram criadas.

### 5.2.3.1.2 Formas Fixas da TD de desenvolvimento

Os traços componentes fixos presentes da TD do **desenvolvimento** são formados por expressões que também servem de gatilhos para a formação de TDs, que estão condicionadas a uma seleção e combinação de elementos linguísticos, vinculadas a um momento de produção e recepção de textos.

### A) Expressão formada por “ter sido” + adjetivo

- a) [...] *ter sido*  $\left\{ \begin{array}{l} \textit{seduzido(a)...} \\ \textit{furtado(a)...} \\ \textit{escravo(a)...} \\ \textit{encontrado(a)...} \end{array} \right.$

### B) Expressão “com os signaes seguintes”

A expressão “com os signaes seguintes” ou “com os seguintes signaes”, tem alta ocorrência nos anúncios e pode ser considerada uma TD já que está inserida no modo de organizar os anúncios, sendo considerada por isso mais que um simples enunciado, visto que além de ser um ato linguístico relaciona esse texto a uma realidade histórica, i. e. ao modo que descreviam os escravos em fuga.

- a) [...] *com os signaes seguintes...* (Cf. Anexo 1 - Anúncios, 2, 5, 8, 11, 16, 36, 57, 62, 65, 69, 70, 77, 89, 91, 96, 98, 101, 105, 119, 122, 133, 135)

### C) Expressão “alguma couza” (ou coiza, cousa, coisa)

A expressão “alguma couza” e suas variações também são consideradas *passé-partout*, pois são aplicadas a vários contextos discursivos, como estes:

- a) [...] *he alguma couza fula...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 7)  
 b) [...] *he alguma coiza fula...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 8)  
 c) [...] *alguma couza selada [...] dedos alguma couza carangueijados...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 25)  
 d) [...] *alguma couza pilhada no andar...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 26)  
 e) [...] *alguma cousa fullo...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 35)  
 f) [...] *algum coisa idoso...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 39)  
 g) [...] *alguma coisa secca do corpo* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 40)  
 h) [...] *quando fala gagueja alguma couza,...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 66)  
 i) [...] *côr alguma coisa fula...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 74)  
 j) [...] *alguma cousa de fulo...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 81)

- k) [...] alguma coisa cheia do corpo... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 92)
- l) [...] pernas finas e alguma coisa arqueadas para fora... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 103)
- m) [...] por isso puxa alguma coisa pela perna quando anda... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 117)

#### D) Expressão “quem” antecedendo o **clítico + verbo**

- a) [...] quem o descobrir... (Cf. Anexo 1 - Anúncios 1, 61)
- b) [...] quem o, os, (a) apreender... (Cf. Anexo 1 - Anúncios 2, 12, 57, 58, 59, 64, 104, 119, 124, 130)
- c) [...] quem o, os (a, as) pegar... (Cf. Anexo 1 - Anúncios 3, 31, 32, 45, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 60, 69, 71, 75, 77, 79, 82, 86, 97, 112, 117, 134)
- d) [...] quem o(a) tiver acoutado... (Cf. Anexo 1 - Anúncios 111, 133)
- e) [...] quem o tiver occulto (Cf. Anexo 1 - Anúncios 62, 82, 112)
- f) [...] quem o encontrar... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 33)
- g) [...] quem o prender... (Cf. Anexo 1 - Anúncios 98, 99)
- h) [...] quem o trazer... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 101)
- i) [...] quem o levar (Cf. Anexo 1 - Anúncio 132)
- j) [...] quem a tiver em seu poder... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 17)

Pessoa (2003, p. 229) afirma que a repetição desempenha função importante quanto à progressão temática, fazendo parte do estabelecimento das relações coesivas. Porém, esse traço confirma a forte presença da oralidade nos anúncios de fuga, revelando a imperícia dos autores *semicultos* na elaboração da mensagem.

#### 5.2.3.1.3 Formas fixas da TD de fechamento

A TD de **fechamento** é formada por alguns traços composicionais fixos que aparecem em muitos anúncios de fuga. Ela é formada geralmente pelas expressões “roga-se as autoridades”, “quem dele souber” “que será recompensado”.

### A) Expressão “roga-se as autoridades”<sup>195</sup>

Essa expressão é uma TD que aponta a uma conduta social muito comum à época de pedir a intervenção das autoridades policiais ou capitães de campo, que cumpriam também essa função, a apreensão do escravo em fuga.

- a) [...] roga-se as autoridades policiaes e qualquer particular que souberem dela... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 91)
- b) [...] roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo de os pegar e levar ao referido engenho (Cf. Anexo 1 - Anúncio 103)
- c) [...] roga-se as autoridades policiaes, capitães de campo, ou quem della tiver noticia, a sua apprehensão (Cf. Anexo 1 - Anúncio 107)
- d) [...] roga-se as autoridades policiaes e aos Srs. Pedestres e capitães de campo, aonde for encontrada, o favor de apprehender e trazer na rua larga do Rosario... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 110)
- e) [...] roga-se as autoridades policiaes dos bairros do Recife. S. José e Boa-Vista ou outra qualquer pessoa que a encontrar apprehendam e apresentam ao seu senhor (Cf. Anexo 1 - Anúncio 115)
- f) [...] roga-se as autoridades policiaes que hajam de diligenciar a apprehensão delle. (Cf. Anexo 1 - Anúncio 123)
- g) [...] roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo ou a qualquer pessoa o favor de o apprehender e leva-lo ao seu senhor (Cf. Anexo 1 - Anúncio 125)

O termo “roga” mantém um caracter formal e fornece ao leitor indícios de que está relacionado ao estilo burocrático, portanto, ao domínio escrito.

### B) Expressão “quem dele (a/s) souber” e todas as suas variações

A expressão “quem dele souber” e todas as suas variações é forma fixa muito recorrente nos anúncios de fuga e parece estar muito próxima do domínio da fala.

- a) [...] quem souber della (Cf. Anexo 1 - Anúncio 40)
- b) [...] que do dito souber (Cf. Anexo 1 - Anúncio 54)
- c) [...] que [...] delles souber... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 65)
- d) [...] quem dele souber... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 66, 116)

---

<sup>195</sup> As construções com “roga-se” oriunda do estilo chanceleresco, burocrático.

- e) [...] *quem della souber...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 68)  
 f) [...] *que souberem dela...* (Cf. Anexo 1 - Anúncio 91)

### C) Expressão “que será recompensado”

A expressão “que será recompensado” apresenta uma alta ocorrência nos anúncios. Ela pode ser considerada o maior recurso argumentativo na captura do escravo, pois a recompensa era uma prática garantida para quem o apreendesse.

- a) [...] *que será recompensado.* (Cf. Anexo 1 - Anúncios 43, 44, 46, 66, 69, 71, 77, 82, 89, 96, 100, 118, 127, 133)

Os traços componentes fixos da abertura, do desenvolvimento e do fechamento funcionam em geral como gatilhos no texto que acionam outras estruturas textuais que coocorrem em cadeia, como as exemplificadas nos itens A, B, e C. Isso explica a recorrência de formas fixas semelhantes nos anúncios, sem, contudo, consistência de seu uso nas mensagens. É claro que essas reproduções têm impacto no padrão escrito, já que em cada uso, novos significados são incorporados. O uso das formas fixas foi recorrente durante todo o período de vigência de anúncios de fuga de escravos tanto no DP quanto no DN.

Não é escusado dizer que as formas fixas são fundamentais para permitir que *semicultos* ou semiletrados possam produzir anúncios, pois essas formas são no fundo fórmulas, de que se vale a língua escrita durante a produção dessas tradições textuais.

#### 5.2.3.2 TDs do estilo chanceleresco

O estilo chanceleresco, produzidos pelas chancelarias<sup>196</sup>, a que se refere Oesterreicher, orientou a produção de textos burocráticos ou jurídicos, que atendiam aos padrões de

<sup>196</sup> Santos (2000, p. 90-92) tece algumas considerações sobre as chancelarias. Segundo a autora, a chancelaria era um serviço móvel ou fixo, mais ou menos organizado, encarregado de elaborar, validar e emitir documentos. A chancelaria mais antiga foi a do Reino de Portugal no séc. XII, dos Condes D. Henrique e D. Teresa, designada por *aula comitis*. Inicialmente, o funcionamento da chancelaria seria muito elementar e quem assegurava a redação e escrita das cartas eram os membros do clero. Após essa fase rudimentar, inicia-se um processo de verdadeira constituição de uma chancelaria régia, com a qual a Igreja e a monarquia mantinham relação

formalidade da época com expressões que estão diretamente relacionados, hoje em dia, aos textos considerados da esfera administrativa.

A história dos textos burocráticos teve seu momento áureo no momento da instalação da Família Real portuguesa no Brasil, pois naquele momento era necessário criar a burocracia administrativa com o objetivo de reger certas atividades do reino (PESSOA, 2013).

As TDs transferidas de uma língua, ou estilo, para outro pode ser atribuída ao caráter, digamos, flexível, das próprias TDs, que são alimentadas com os recursos próprios da língua ou elas se reorganizam na forma e no significado dos itens para atender aos novos propósitos comunicativos.

Encontramos nos anúncios de fuga de escravos formas fixas iniciando o texto em construções como: “Illm. Sr,” e o fecho “Deos guarde a V. S.” (*Anúncio de achado 1*) que são típicas dos documentos burocráticos. Além dessas expressões, uma construção como “este referido negro” (*Cf. Anexo 1 - Anúncio 49*) chama atenção por também estar ligada aos textos burocráticos, e estando inserida nos anúncios de escravos é mais um indício de que as TDs retomam dados históricos, pois essa expressão remonta de tempos muito anteriores, no entanto, introduz elementos novos quando é acessada na atualidade, no caso, a realidade do século XIX, expressa nos anúncios de jornal. Vejamos as expressões:

#### A) Expressão “**Deos guarde a V. S.**”

Expressão característica dos requerimentos redigidos no século XVIII<sup>197</sup>, mas que também são encontradas nos anúncios de fuga de escravos:

*- Diz Domingos Roiz Carneyro Me. de Campo doterso dos homeñs pRetos / da guarnisaõ da Prasa de Permco., q' elles Suppe. Ter Seruido avossa Magde. q'. / Deos gde. Continuada mte. Sem notta aperto de quarenta annos a esta parte / em pRasa desoldado e nos postos de Alferes. Capam. Sargto. Mayor; e ora / Me. de Campo actual do dito Terso.*

---

estreitíssima, visto que dos seis chanceleres conhecidos do Infante D. Afonso Henriques, cinco pertenciam à Sé de Braga. No século XV, D. Dinis foi o primeiro monarca a autografar as cartas que expedia; e foi também em seu governo que se adotou o português como língua oficial do Reino. Posteriormente, a chancelaria régia tornou-se digna de realce na progressiva complexidade da administração central. As centúrias de Trezentos e Quatrocentos vão se caracterizar por este serviço, por uma maior burocracia, mais documentação e, consequentemente, obrigatoriedade de recrutar pessoal apto e proficiente. A partir de D. João I, a chancelaria régia abre-se à sociedade leiga e aceita em todo o seu oficialato, juristas, legistas e homens cultos. Como consequência de tudo isso, as chancelarias se multiplicam ao ponto de, para se distinguir das outras, passam a se chamar de chancelaria régia, chancelaria-mor e ao seu oficial superior, chanceler-mor.

<sup>197</sup> Fonte: Material de transcrição realizado por Marcelo Bernardo e Ronaldo Fonseca. Orientados por Marlos de Barros Pessoa (Projeto financiado pelo PIBIC/UFPE/CNPq).

- Com mta oBediensia aos Seus mayores / Sendo mto. Bem quistto e amado de todos geral mte.; e por q' vs. / Magde. q' **Deos gde.** foý Seruido acresentar aos demais mtes. deCampo / Osoldo com q' Seruiaõ / q' eraõ vinte e sinco mil rs. / em cincoen / ta cada mez.

- a) [...] Deos guarde a V. S. Secretaria da policia da Parahiba 23 de dezembro de 1852 – Illm. Sr. Dr. José Nicoláo Figueira Costa, chefe de policia interino da provincia de Pernambuco – Claudio Manoel de Castro. (Cf. Anexo 1 - Anúncio Apreensão 1 - DP, 01/01/1853)

## B) Expressão “este referido negro” < referido < dito

A expressão “este referido negro” é anafórica e funciona como elemento coesivo do texto. O termo “referido” aparece em dez ocorrências:

- a) ... *este referido*... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 49)  
 b) ... *o referido escravo*... (Cf. Anexo 1 - Anúncios 98, 104 e 136)  
 c) ... *acima referido*... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 99)  
 d) ... *ao referido*... (Cf. Anexo 1 - Anúncios 103, 130)  
 e) ... *no referido*... (Cf. Anexo 1 - Anúncios 111, 125)  
 f) ... *do referido* ... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 121)

### - Termo “dito”

Expressão anafórica que funciona como elemento coesivo do texto. Esse termo tem 17 ocorrências:

- a) ...*do dito escravo, moleque, mulato, preto*... (Cf. Anexo 1 - Anúncios 9, 54, 85, 89, 99, 111, 132)  
 b) ... *no dito Engenho*... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 12)  
 c) ... *ao dito engenho, sítio, armazém*.. (Cf. Anexo 1 - Anúncios 30, 48, 59, 75, 101)  
 d) ... *em dito dia*.. (Cf. Anexo 1 - Anúncio 44)  
 e) ...*o dito Mattos* (Cf. Anexo 1 - Anúncios 67).

De acordo com Toral, “dito” é mais frequente, geralmente anteposto ao substantivo, mas pode aparecer como advérbio locativo remetendo a algo anterior.

### - Termo “sobredito”

Esse termo só tem uma ocorrência, mas significativa na teia textual porque além do valor anafórico que o termo comporta, ele remete ao estilo burocrático. Toral (2013 p. 255) afirma que os termos “ditos” e “sobreditos” são recorrentes também nos textos notariais da Idade Média, assumindo um claro valor anafórico, pois remetem a algo já mencionado no discurso.

*[...] No caso que tenham algum dos sobreditos escravos farão o favor de anunciar por esta folha, ou remetter para esta praça á viuva de Manoel Francisco dos Santos... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 70)*

### C) Termo “roga-se” e a expressão “roga-se as autoridades”<sup>198</sup>

O termo e a fórmula fixa que compõe a TD de fechamento tem alta ocorrência nos anúncios de fuga de escravos. Elas parecem vir do estilo chanceleresco, em que o grau de formalidade se faz presente.

- a) *[...] roga-se que por obzeqio... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 33)*
- b) *[...] roga-se a quem souber della... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 40)*
- c) *Roga-se a qualquer pessoa... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 47)*
- d) *[...] roga-se a quem o descobrir... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 61)*
- e) *Roga-se aos Srs. Vicente Ferreira da Silva, e Vicente Tavares da Silva Coutinho,... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 70)*

### D) Expressão “abaixo assignado”

Essa expressão aparece em vinte ocorrências dos anúncios analisados, sendo usada como elemento de referência anafórica na elaboração da mensagem. Vejamos o anúncio 44:

---

<sup>198</sup> Esta expressão já foi abordada como característica da TD de fechamento.

**(AK) Diário de Pernambuco Segunda Feira 12 e Junho de 1837.  
 ESCRAVOS FUGIDOS**

*Manoel, nação Angola, altura ordinária, cor fulla, com falta de dentes, nariz regaçado, pés apaeitados, e discaderado, algum coisa idoso, desapareceu do sítio do Araial no dia 6 de maio de 1836 qualquer pessoa que entregar na quina da pracinha do Livramento ao abaixo assignado, tera' a quantia de 200\$ reis – João Carlos Pereira de Burgos Ponce de Lião.*

Anúncio 44 – Fuga de escravo

Essa expressão é também típica do estilo burocrático, encontrada fartamente em documentos administrativos. É mais uma evidência da flexibilidade das TDs em emergirem da língua reorganizando os significados a partir de novas formas de dizer com construções disponíveis na própria língua.

#### E) Expressão “**abaixo declarado**”

Essa expressão tem apenas uma ocorrência, mas significativa nas análises por se tratar de uma TD relacionada ao estilo burocrático:

a) [...] a apreensão dos escravos abaixo declarados... (Cf. Anexo 1 - Anúncio 57)

Em um trabalho dessa natureza, e com um *corpus* histórico em que a distância no tempo de produção dificulta em muitos aspectos as análises, é difícil chegar às verdades absolutas, mas somente a consensos parciais sobre certos fenômenos linguísticos que constituem os anúncios de fuga de escravos. Analisar os textos pelo viés linguístico permite a verificação dos traços de composicionalidade das formas fixas e das TDs que compõem a própria TD anúncio de fuga de escravo.

Os anúncios de fuga de escravos têm um funcionamento discursivo muito particular onde entram em jogo os mecanismos de coesão, as formas fixas, a reiteração léxica muito marcada na mensagem, além de apresentar no texto poucos elementos coesivos, mas nem por isso são textos considerados caóticos sintaticamente. A coerência do texto é estabelecida por alguns elementos como as formas fixas que indicam as preferências do modo de anunciar o escravo em fuga e são recorrentes nos textos. Essa precariedade nos recursos coesivos não representa caos textual, pois a coerência conta com a participação do leitor que precisa conhecer dados da histórica para estabelecer as relações de sentido na mensagem.

Assim, a prática social de anunciar o escravo em fuga aponta para descrições importantes sobre a histórica social brasileira do século XIX, além de mostrar os hábitos sociais e linguísticos da época em que foram produzidos.

A seção seis, que trata da comparação dos anúncios de escravos até o de procurados, estabelece uma ponte entre dois gêneros, anúncios de fuga de escravos e anúncios de procurados, produzidos em momentos históricos diferentes, mas que se assemelham por compartilharem de TDs em comum. É o que procuramos mostrar com as abordagens a seguir.

## 6 DO ANÚNCIO DE FUGA DE ESCRAVOS AO DE PROCURADOS DO SÉC. XXI

Nesta seção 6 analisaremos os anúncios de procurados para apreender, através de uma abordagem comparativa, os traços de mudança e permanência entre estes e os anúncios de fuga de escravos, como forma de ilustrar as concepções desenvolvidas por Koch, Oesterreicher, Kabatek dentre outros, sobre o caráter linguístico e histórico das TDs. Além disso, objetivamos comprovar a hipótese que havíamos levantado quando da discussão sobre o destino de certas TDs, em face da mudança das condições objetivas da sociedade brasileira, mais precisamente o fim da escravidão e, conseqüentemente, o desaparecimento dos anúncios de escravos. Por isso, não objetivamos fazer uma análise exaustiva dos anúncios de procurados, tradição esta que pode ser investigada em pesquisas futuras. Nesse caso, faz-se necessário adotar outra metodologia de análise, já que esses anúncios devem ser analisados levando-se em consideração a representação visual, como a imagem e a fotografia.

A denominação adotada de anúncios/cartazes, já explicada inicialmente nos procedimentos metodológicos desta investigação, são gêneros distintos. Mas as condições de elaboração desses textos nos autorizam a tomá-los como sinônimos no contexto brasileiro de sua circulação, visto que eles são veiculados em diversas mídias, sem que haja mudanças na sua forma de apresentação. Os cartazes têm grande importância histórica como meio de comunicação e informação ainda mais por se tratar da divulgação de foragidos, cuja recompensa em dinheiro faz parte da elaboração da mensagem.

Apontaremos nesta seção aspectos relacionados à diagramação, tipologia textual e organização retórica dos anúncios/cartazes de procurados. Nas análises da composicionalidade na dimensão linguístico-discursiva, procuramos apontar as características universais da linguagem: análises pragmáticas e semiológicas, por se tratar de “imagem fixa” (JOLY, 1996), sendo utilizada na elaboração dos anúncios. No aspecto sintático, devido à carência de elementos verbais na mensagem, as análises realizadas são restritas ao título, nome do procurado, slogan e valor da recompensa. Analisaremos também as características históricas e as características das TDs, como texto que evoca e repete TDs de textos anteriores, como o anúncio de fuga de escravos. Tais comprovações vêm sendo referidas ao longo deste trabalho.

Na subseção *Diálogos entre o passado e o presente*, colocamos os dois tipos descritos, o de escravos e o de procurados, lado a lado, a fim de apontarmos as semelhanças e/ou diferenças de elementos sintáticos, semânticos ou pragmáticos entre eles. Ao tomarmos o texto nessa análise comparativa, a nosso ver, recai-se apenas na exemplificação que pode não fazer jus ao que se pode extrair das análises para a apreensão de todas as TDs constituintes de tais anúncios; contudo, elas serão satisfatórias para a comprovação da hipótese inicial de que ambos os textos compartilham certas TDs.

É importante ressaltar que as TDs do anúncio de fuga de escravos não são encontradas hoje em dia apenas no anúncio de procurados, mas em outros tipos de textos como nos anúncios classificados de compra e venda de objetos. Essa mobilidade das TDs, que estão a serviço dos modos de dizer, confirma as considerações de Schlieben-lange, Koch, Oesterreicher e Kabatek, sobre a história dos textos, e das TDs, que se desenvolvem independentemente da língua em que foram originadas e do caráter inerente da língua que deve estar em constante mudança.

Primeiramente, explicitaremos as circunstâncias históricas em que os anúncios/cartazes de procurados chegaram até nós, ou como eles foram recebidos em nossa sociedade, e os traços de composicionalidade do gênero. As práticas delituosas cometidas pelos procurados são de toda natureza: assaltos, estupros, sequestros e homicídios. Acreditamos que esse tipo de anúncio é originado de uma profunda disparidade econômica no Brasil que gera o desequilíbrio social e, conseqüentemente, a violência. Dessa forma, atribuímos à desigualdade social<sup>199</sup>, a mola propulsora das mazelas que assolam o país, cujas razões não foram acidentais, mas fruto de uma conjuntura de fatores sociais e econômicos que culminaram para que a concentração de riquezas sempre estivesse nas mãos de uma minoria.

Tomamos como referência, para as análises iniciais dos anúncios de procurados<sup>200</sup>, o fim da escravidão (1888), quando já não se viam anúncios de fuga de escravos nos jornais,

---

<sup>199</sup> A desigualdade social pode ser analisada a partir de dois prismas: na concepção de Rousseau (em sua obra *Discurso sobre a origem da desigualdade social*, de 1754) que a subdivide em física ou natural; estabelecida pela idade, força física ou qualidade do espírito do ser; e a desigualdade moral e política, consentida pela sociedade, baseada no senso comum. A desigualdade, na concepção de Karl Marx, é concebida como fruto da luta de classes e do acúmulo de capital, responsável por todas as desigualdades sociais. Esses fatores gerariam, então, uma divisão entre classes dominantes e dominadas. As primeiras, ele chamava de burguesia, as classes dominantes, sendo estas compostas por aqueles que detinham os meios de produção. Já as classes dominadas era o proletariado, que detinha a força de trabalho. Para solucionar o impasse entre as duas classes, Marx propunha o socialismo, controlado pelo Estado, que preconiza a igualdade na distribuição de todos os bens de consumo, sem acumular o capital.

<sup>200</sup> No período de análise dos anúncios de escravos no jornal, que vai de 1825 a 1875, não identificamos nenhum anúncio de procurado, não-escravo, o que confirma nossa hipótese de que ele foi o gênero que ficou no lugar do anúncio de escravo no jornal. Mas é provável que ele já fizesse parte da cultura oral e circulasse paralelo ao

gênero que acreditamos ter sido substituído pelos anúncios de procurados. Os anúncios de procurados já deviam existir no Brasil, mas não encontramos nenhuma evidência anterior de sua veiculação.

O caráter universal dos anúncios de procurados pode ser referenciado através dos dois exemplos que apresentaremos adiante: o site de procurados divulgado pela Unidade de Fugitivos do Departamento da Polícia Metropolitana de Nashville (EUA)<sup>201</sup> e a possível origem dos cartazes de procurados que se popularizaram entre nós através dos filmes de faroeste do cinema norte-americano.

Para entender o surgimento dos cartazes de procurados, vamos nos reportar ao período de expansão da fronteira dos Estados Unidos<sup>202</sup> entre 1830-1890, iniciada pelo presidente do país à época, Thomas Jefferson, que desde a compra da Luisiana, em 1803, tinha como objetivo povoar a costa do Oceano Pacífico, até então, um território desconhecido e inabitado. A iniciativa de povoá-lo era considerada como uma grande oportunidade de progresso ao país. Esse avanço, porém, pelo território norte-americano provocou o extermínio de culturas ameríndias e de intensa exploração dos recursos naturais e humanos. A conquista do faroeste (do inglês: *far west*) chega até nós como um mito nacional americano, sendo recriado principalmente pelo cinema com personagens de xerifes vs. bandidos. Não é objetivo de nosso trabalho proceder às análises profundas sobre a história da conquista da fronteira dos EUA, mas essas considerações procuram apenas justificar a origem dos cartazes de procurados/fugitivos, colados em muros, paredes, postes, oferecendo recompensa a quem prestar informação sobre o procurado<sup>203</sup>.

A conquista da fronteira oeste dos EUA no século XIX, e a divulgação desses cartazes de procurados do faroeste, ocorreu no mesmo período em que a escravidão estava extinta aqui no Brasil. Isso nos leva a afirmar que os anúncios/cartazes de procurados vêm de longa tradição e que, em algum momento, tomaram o lugar dos anúncios de fuga de escravos, não só nos jornais, mas também nos espaços públicos da cidade.

Embora a investigação não tenha abordado o período posterior a 1888, presumimos, através de análises superficiais que certas TDs dos anúncios de fuga permaneceram em outros

jornal no período em estudo. Para não deixar o vácuo da mudança, apontamos como ilustração da sucessão de tempo da TD, o anúncio de procurado do cangaceiro Lampião do início do séc. XX.

<sup>201</sup> Mais adiante trataremos da similaridade do site de procurados da polícia de Nashville, EUA, e o site da SDS/PE, Brasil.

<sup>202</sup> Fonte disponível em: <<http://www.infoescola.com/estados-unidos/velho-oeste/>> Data de acesso: 09/01/16.

<sup>203</sup> Travassos (2010, p. 62) também faz referência aos cartazes de procurados, que lembram os filmes de faroeste, cuja recompensa é feita em dinheiro, quando analisa os gêneros que constituem as capas de jornal.

gêneros, como nos anúncios classificados de produtos, estabelecendo dessa maneira uma relação de contiguidade<sup>204</sup>.

### 6.1 Traços de Composicionalidade da TD anúncio/cartaz de procurado

A percepção visual, estética e o processo histórico das Artes Gráficas, contribuíram de forma marcante para o desenvolvimento da imprensa. De acordo com Silva (1985, p. 11), o jornalismo coexiste com a arte da palavra e com a arte gráfica.

O cartaz faz parte da comunicação de massa e se destaca por ser um elemento vital de propaganda que alia a linguagem visual à linguagem escrita, estando ligado à dinâmica dos grandes centros urbanos e reproduzido em grande escala. Além disso, o gênero é facilmente identificado nas ruas, nos postes, nos muros, etc., tendo como objetivo transmitir uma mensagem que deve ser absorvida pelo espectador transeunte de forma instantânea, nos poucos segundos em que este o visualiza (TRAVASSOS 2010, p. 62).

Chamamos os anúncios/cartazes de procurados o tipo de veículo jornalístico ou publicitário composto de imagem e texto com o objetivo precípuo de mobilizar a sociedade a fornecer informações anônimas sobre um fugitivo. Esse tipo de texto aparece veiculado/afixado em um meio físico como paradas de ônibus, outbus, livros e também em jornais, onde ganha contornos de anúncio. Mas, o design desse tipo de texto não sofre alterações para atender a mídia que lhe serve de suporte, o que nos leva a tomar cartazes e anúncios com a temática de procurados como sinônimos. Ao considerá-los dessa forma, nesse contexto de produção e circulação, assumimos que eles são dotados de características próprias, e sobre eles discorreremos ao longo das análises.

Moles (1974), citando Sauvignac (s/d), afirma que o cartaz é essencialmente um desenho sem legenda, o esboço que substitui o longo discurso. Seu desenho não pode ser considerado um fim em si mesmo. É tão-somente um meio, um veículo, e não a representação exata de uma figura ou de um objeto. “Está inteiramente sujeito às (*sic*) necessidades da expressão ou do inventor. Pode ser deformado até a caricatura, mas deve sempre conservar a simplicidade esquemática sem a qual seria ilegível”.

---

<sup>204</sup> A abordagem da permanência de TDs dos anúncios de fuga de escravos em outros gêneros do jornal não foi objetivo desta investigação; mas tal abordagem pode servir de base para pesquisas a serem desenvolvidas futuramente.

Os anúncios de procurados da atualidade são de incontestável pertinência ao discurso de natureza jornalística ou publicitária, mesmo que no âmbito da publicidade eles não se caracterizem pelo valor estético, mas pela publicização das informações que visam despertar o interesse, incentivar a adesão dos leitores para se conseguir, através da denúncia anônima, o objetivo maior de sua razão de ser, a captura e prisão dos criminosos apresentados.

### 6.1.1 Diagramação

A diagramação é um dos elementos que constitui a arte gráfica. Sua aplicação nos jornais, revistas, cartazes etc. deve contemplar “conteúdo e forma”, onde a peça arquitetônica final deve traduzir a consciência do seu valor informacional e estético (SILVA, 1985).

Os aspectos gráficos que compõem os anúncios/cartazes de procurados são basicamente: a tipografia, a imagem/fotografia e as cores. Por tipografia entende-se a comunicação da informação, ou notícia, por meio de letra impressa, sendo composta de caracteres (letras, sinais de pontuação e números), tipo de fonte e espaçamento. A imagem, que compreende o arranjo visual gráfico, no caso a fotografia do procurado que já está pronta, ou é confeccionada por um profissional, e as cores<sup>205</sup>.

As cores usadas nos anúncios são basicamente o preto, o branco e o vermelho que, de acordo com Silva (1985, p. 32), o branco e o preto se condicionam entre si de maneira que o preto sobre o branco exprime um efeito positivo; o quadro branco com a imagem em preto se sobressai, como vemos da figura 25.

---

<sup>205</sup> Segundo Guimarães (2003, p. 18), a primeira fase de estudos das cores remonta a Platão e Aristóteles. A partir do século XIV a cor começou a receber tratamento científico com Leon Battista Alberti e Leonardo Da Vinci, sendo esses estudos direcionados à pintura. No século XVI, com Fulvio Pellegrino Morato (*Del significato dei colori e dei mazzolli*, 1535), o significado das cores se tornou o centro temático de uma teoria. No século XVII, a cor foi totalmente subordinada à física, principalmente após a publicação dos trabalhos de óptica e física da luz de Isaac Newton, Cristian Huygens e Francisco Maria Grimaldi. No século XVIII, já antecipando o que seria o pensamento predominante da Revolução Industrial, a produção teórica sobre cores se voltou às aplicações técnicas e abordou a manipulação das cores, as regras de harmonia e as técnicas de reprodução. Sobre este item, destaca-se o trabalho de Jacob-Christoph Le Blon, responsável pelo princípio básico da impressão colorida.



Figura 25: Preto sobre branco (SILVA, 1985).

No primeiro caso, temos a forma mais convencional utilizada na reprodução das mensagens, ela se caracteriza pela suavidade de sua forma plástica, caracterizada pelo espaço em branco na impressão tipográfica, permitindo uma boa legibilidade do texto. Já o branco sobre o preto exprime um efeito negativo, e é usado apenas como adorno nos arranjos gráficos:



Figura 26: Branco sobre o preto (SILVA, 1985).

Essa forma de apresentação serve para atrair a atenção da leitura, de forma a destacar e realçar uma mensagem em relação a outra na mesma página impressa. A forma negativa, por ter sua posição invertida, provoca dificuldade e cansaço no movimento ótico. Sua utilização é recomendada de forma restrita, em zonas apropriadas para que o seu efeito visual seja satisfatório e atinja o objetivo como expressão plástica, em benefício da legibilidade.

Contudo, não se pode falar em arte plástica na diagramação dos anúncios/cartazes de procurados, mas num texto de ação utilitária para a sociedade. Eles são confeccionados com fundo preto e letras brancas, vermelhas, amarelas e laranja<sup>206</sup>, que deixam em evidência a mensagem que eles portam. O espaço das cores é importante para o estudo das dimensões da

<sup>206</sup> Moles (1974, p. 94) esclarece que vários estudos feitos pelos coloristas sobre a visibilidade das cores mostram os contrastes máximos que os pares de oposição criam: 1) preto sobre branco (reservado na França aos cartazes oficiais); 2) preto sobre amarelo; 3) vermelho sobre branco; 4) verde sobre branco; 5) branco sobre vermelho; 6) amarelo sobre preto; 7) branco sobre azul; 8) branco sobre verde; 9) vermelho sobre amarelo; 10) azul sobre branco; 11) branco sobre preto; 12) verde sobre vermelho. Os prazos de percepção das medidas ao taquistoscópio são: vermelho: 0,02 segundos; verde e cinzento: 0,04; azul: 0,06; amarelo: 0,1 segundos.

imagem, pois este é o recurso de maior relevância na análise comparativa entre anúncios de fuga de escravos e anúncios de procurados. Há equilíbrio entre texto e a fotografia/imagem, que se encontra nítida e centralizada.

Quando pensamos em “texto” a referência que se tem é de uma sequência de palavras enfileiradas, linear e unidirecional, portadora de informações nas quais as palavras carregam sentido. Mas, nos anúncios, o texto deve ser tomado como aquele portador de informações não só verbais, mas onde a imagem e cores, por exemplo, transmitem também informações. O texto dos anúncios é limitado ao título, ao nome ou apelido, ao subtítulo “recompensa” e o seu valor numérico expresso em moeda corrente (o real). Todos esses elementos são fundamentais na elaboração dos anúncios/cartazes de procurados.

Para Guimarães (2003, p. 19), o século XIX foi muito especial para o desenvolvimento das teorias das cores<sup>207</sup>, tendo sido cenário para o surgimento de várias abordagens envolvendo a colorimetria. Além disso, o autor o considera o “século das imagens”, que teve início ainda influenciado pelos estudos culturais do século anterior. Mas foi marcado pelo desenvolvimento de sistemas de mensuração, catalogação e notação de cores (principalmente com Albert Henry Munsell, Wilhelm Ostwald e Faber Birren) e, em meados do século, por vários tratados de cores para aplicação às tecnologias da imagem (cinema, artes gráficas, televisão, fotografia), mais direcionados às técnicas de captação, mediação e reprodução da cor, colorimetria, fotometria e espectrometria do que às linguagens dos meios. Já na década de 90, a cor foi tratada como valor numérico, tanto nos estudos de tecnologias digitais como em *computer art*. De acordo com Guimarães, a facilidade e o imediatismo na substituição de uma cor por outra levaram o produtor da informação a uma atividade empírica sem reflexão, às vezes delegando a escolha das cores à programação randômica. Mas não se pode atribuir completamente o carácter aleatório na utilização das cores nos anúncios/cartazes de procurados. As letras e as cores escolhidas tentam transmitir seriedade à mensagem e, nesse aspecto, não se pode esperar o contrário disso. Vejamos os anúncios abaixo:

---

<sup>207</sup> O século XIX foi palco de muitas transformações relacionadas às imagens e as cores usadas na publicidade, jornalismo, artes etc., como o primeiro estudo interdisciplinar da cor (a *Farbenlehre*, de Johann Wolfgang von Goethe); os principais tratados de fisiologia e os estudos dos processos da visão cromática e da percepção das cores (destaque para Thomas Young, Hermann L. F. Helmholtz, James Clerk Maxwell e Ewald Hering); a psicologia da percepção (com Gustav Chevreul); e outras disciplinas das ciências humanas que passaram a se ocupar das cores, como a linguística e a história (por exemplo, os estudos sobre a nomenclatura das cores, de Abraham Werner, e os estudos de simbólica, de Frederic de Portal). Ainda nas últimas décadas do século XIX, surgiram os tratados para o ensino das cores e os estudos voltados a experimentos com a cor e a aplicação na fotografia (GUIMARÃES 2003, p. 19).



Figura 27: Anúncios de procurados (Séc. XXI).

As poucas palavras de que dispomos nesses anúncios/cartazes permitem extrairmos algumas considerações. De forma geral, as palavras são impressas em linhas horizontais e retas. A foto/imagem é o elemento que mais causa impacto visual por ficar centralizado no anúncio. Os elementos composicionais são: as cores utilizadas na diagramação, o título (procurado) que, nesse caso, é a própria notícia; a indicação do tipo de crime (estelionato e homicídio); o nome e/ou apelido do foragido; o subtítulo “recompensa” em dinheiro (a moeda real “R\$”)<sup>208</sup>, os telefones do *Disque Denúncia* no Recife ou na região do Agreste pernambucano para o acolhimento das informações recebidas; e a logomarca da ONG *MPCC* e o slogan “movimento civil independente”<sup>209</sup>. Os recursos léxicos utilizados no texto para convencer as pessoas a fazerem a denúncia estão na recompensa (R\$ 5.000,00, cinco mil, e R\$ 20.000,00, vinte mil) e na “garantia do anonimato”.

De acordo com Joly (1996), a linguagem visual tem uma segmentação mais complexa, pois os elementos percebidos na imagem encontram sua significação não apenas na presença, mas também na ausência de certos elementos que são mentalmente associados a eles. A

<sup>208</sup> O valor da recompensa divulgado no anúncio/cartaz é pago pelas famílias das vítimas ou por “parceiros privados”. Na entrevista realizada pela autora com a diretora da ONG *MPCC* em junho de 2013 não ficou esclarecido quem seriam esses ‘parceiros privados’. Ademais, a instituição se autodenomina apartidária e sem fins lucrativos.

<sup>209</sup> Esse elemento aparece nas amostras como algo variável, pois consta em apenas 8 anúncios. Na recolha desse material na ONG *MPCC*, não nos foram informadas as datas de veiculação de cada um deles, apenas o período que compreende o início do século XXI.

imagem, quando inserida nas notícias jornalísticas, é ilustrativa das mensagens, tornando o texto mais objetivo<sup>210</sup>. A mídia, então, utiliza-se da imagem, das cores e do tipo de letra na elaboração da mensagem, que reforçam o caráter de texto jornalístico dos cadernos policiais.

Em suma, anúncios/cartazes na sua elaboração dispõem de: design, foto, cores, layout, frases curtas e concisas mais voltadas à informação do que à argumentação.

### **6.1.2 Tipologia textual**

Os anúncios/cartazes de procurados são textos essencialmente: informativos, quando fornecem informações sobre um foragido que é procurado pela polícia, apontam o tipo de crime cometido por ele, divulga seu nome etc. A sequência injuntiva também se faz presente, quando implicitamente guia as pessoas à execução de uma atividade específica que, no caso, é a denúncia anônima sobre o procurado. Podemos também considerar a promessa da recompensa como uma estratégia argumentativa para convencer as pessoas a fazerem a denúncia do procurado para com isso, receberem o dinheiro.

Portanto, os anúncios/cartazes de procurados de nossa amostra são textos: informativos, injuntivos e argumentativos.

### **6.1.3 Organização retórica**

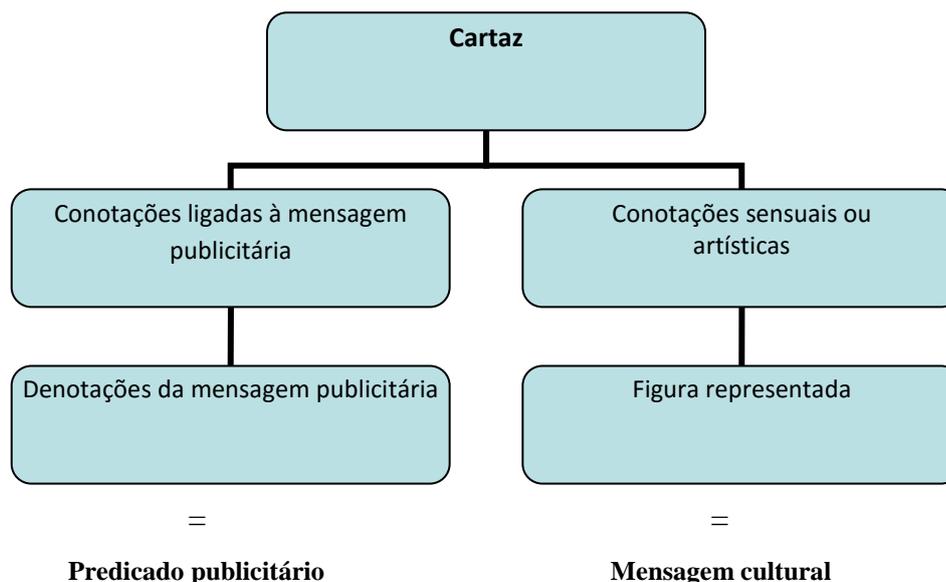
A organização retórica dos anúncios pode ser resumida em cinco itens fundamentais para a composição da mensagem: o título: “procurado” ou “procura-se” (menos comum); a fotografia; o subtítulo “recompensa” e o seu valor; a garantia do anonimato e o telefone.

Silva (1985, p. 115) esclarece que os títulos são compostos em caracteres maiores que os utilizados nos textos, tendo como função atrair a atenção do leitor. No título e no valor da recompensa são usadas as cores brancas sobrepostas na cor preta, procurando chamar a atenção do leitor para o que é mais importante no anúncio/cartaz.

---

<sup>210</sup> Joly (1996, p. 59), citando Pierre Bourdieu, afirma que este conseguiu mostrar que a função essencial da foto de família, cuja função parecia ser à primeira vista, referencial, era reforçar a coesão do grupo familiar e, portanto, tinha a função dominante mais fática que referencial. Esse desvio da evocação insiste no fato de que a função comunicativa de uma mensagem visual, explícita ou implícita, determina com força sua significação. Portanto, Joly acredita que é imperativo levar isso em conta quando se analisa uma imagem.

É importante pontuarmos que o cartaz como mensagem da sociedade ao indivíduo, não é estática. Para Moles (1974) pela sua repetição em múltiplas cópias postas em diferentes lugares, ele se decalca pouco a pouco no cérebro dos membros da sociedade para posteriormente se constituir num elemento da cultura. É nesse momento que ele vai dissociar seus elementos conotativos e denotativos, reagrupando-os conforme sua função:



Esquema 7: Tipo de mensagem veiculada no cartaz (MOLES, 1974).

Essa situação, no entanto, evolui permanentemente em função do tempo. O cartaz se desgasta sob o olhar e, como toda obra gráfica cujos morfemas ou os elementos de estilo se banalizam, este desgaste faz dissolver pouco a pouco seu valor estético, à medida que ele é mais bem compreendido e aceito, e que o choque de cores e de formas enfraquece. Mas por outro lado, o cartaz constrói reflexos condicionados, slogans e estereótipos que se imprime na cultura individual e, por isso, adquire valor autônomo, independente do seu assunto (MOLES, 1974). Isso implica uma vida útil do cartaz na sociedade. Chega o momento em que ele perde toda a sua força, em que o seu sentido foi inteiramente extraído “como um limão que se espreme”. O cartaz cumpre sua função e, por isso, deve ser renovado. Mas pode ser que ele ainda subsista materialmente, geralmente manchado, rasgado, sujo, esquecido, constituindo um novo elemento do ambiente urbano, adquirindo uma poesia de situação, lembrando mais a sua existência que o seu conteúdo. No caso dos anúncios/cartazes de procurados que

apresentam predicado publicitário, sua vida útil é determinada pelo momento da prisão do foragido, ou seja, ele perde a utilidade no momento em que se localiza o foragido e que se paga a recompensa a quem faz a denúncia.

Moles (1974, p. 45) concebe que anúncios e cartazes são tipos textuais diferentes e, para endossar suas proposições, resume a diferenciação entre os modos de contato entre eles:

1) o anúncio, ao contrário do cartaz, deve ser visto de perto. Isso determina uma outra condição no jogo entre texto e imagem;

2) a dialética do anúncio é a participação num jogo. Ela reclama interesse e mede sua eficácia na obtenção daquele. A dialética do cartaz é “estímulo e fadiga”;

3) o texto do anúncio pode ser longo, semântico e desenvolver argumentos. Pode tender para o artigo do jornal ilustrado.

No entanto, Moles também reconhece que cartaz e anúncio publicitário participam das mesmas técnicas de confecção e sua produção “sai muitas vezes dos mesmos *ateliers*” (1974, p. 44).

Se, no processo de elaboração, anúncios e cartazes se assemelham, na retórica eles se distanciam. A retórica dos cartazes aparece como verdadeira ciência da criação da mensagem publicitário-jornalística. O critério de valor de ambos os gêneros é a convicção, mas as condições colocadas no início pelos dois meios continuam a ser diferentes. O anúncio pretende prender o leitor, depois retê-lo o tempo suficiente para permitir-lhe, posteriormente ler um texto interessante. O cartaz, ao contrário, pode criar uma multidão de evocações ou de conotações, que são cristalizadas por um texto sucinto, legível que elimina do campo das interpretações possíveis a quase totalidade destas interpretações para reter apenas uma sobre a qual se dá o impacto da mensagem (MOLES, 1974, p. 215). Nos anúncios/cartazes de nossa amostra, o maior impacto desse tipo de texto está na imagem que preenche todo o espaço do anúncio/cartaz e na gratificação atribuída a quem fornece informações sobre o foragido.

Apesar de discorrer sobre a diferença entre os gêneros, com o que de fato concordamos, por se tratar de textos com organização retórica e tipologias diferentes, o que os põe em situação de similaridade são a finalidade comunicativa e o domínio discursivo. Além disso, anúncios de procurados não mudam de formatação ao circularem em mídias distintas e essa característica nos autoriza a considerá-los sinônimos nesse contexto.

## 6.2 Composicionalidade da TD anúncio/cartaz de procurados na dimensão linguístico-discursiva

A composição textual dos anúncios/cartazes não se configura como texto de valor estético<sup>211</sup>, mas sim de valor utilitário, por isso a vida útil dele é efêmera, ficando em evidência até a data em que se localiza o procurado. As informações são apresentadas de forma direta, objetiva e sucinta, com predominância de frases curtas, principalmente por causa do recurso da fotografia que supre as descrições relacionadas ao aspecto físico do procurado.

A função principal do anúncio/cartaz de procurados é a informação. A mensagem veiculada por ele é acionada a partir do título, a fim de ativar aspectos cognitivos dos leitores. Dessa forma, defendemos, nesta investigação, que há uma ligação tanto histórica quanto linguística entre anúncios de fuga de escravos, do século XIX, e anúncios de procurados, do século XXI, já que se trata de foragidos que estão à margem da sociedade.

### 6.2.1 Características universais

As características universais de anúncios/cartazes de procurados dizem respeito a todos os recursos gráficos e textuais com o objetivo de causar impacto visual e informar.

Um cartaz moderno deve ter sempre uma imagem (algumas vezes colorida), contendo normalmente um único tema, acompanhado de um texto condutor. Nos anúncios/cartazes de procurados temos a fotografia que é conduzida pelo título (“Procurado” ou “Procura-se”), portador de um único argumento, a procura do foragido. Moles (1974) acredita que um anúncio de página inteira comporta dois estímulos: um estímulo forte que comporta a imagem que tem por finalidade reter a atenção, fisgar o leitor num anzol; e um estímulo mais fraco, cujo texto pode se materializar tanto numa argumentação, quanto num comentário ou numa observação.

---

<sup>211</sup> Pinto (2014, p. 23) em seu estudo sobre as *Análises gráficas de cartazes realizados na Ditadura do Estado Novo* também não encontrou cartazes brasileiros com conteúdo estético relevante para a análise de sua amostra. Segundo a autora, a maioria do que está disponível na literatura não abrange as características estéticas de propagandas políticas realizadas no Brasil à época.

### 6.2.1.1 Análises pragmáticas

As análises pragmáticas dos anúncios/cartazes dizem respeito a relação dos signos presentes com os usuários, i. e. a relação dos usos e o efeito de sentido desses usos no texto.

Segundo Moles (1974, p. 21), o cartaz nasceu da necessidade de difundir o anúncio impresso e o cartaz publicitário, ou seja, textos que têm como objetivo apresentar as técnicas de ilustrar pela imagem em grande escala e a necessidade de reduzir o texto devido à velocidade de deslocamento e da pressa do indivíduo, fornecendo a ele mais elementos e informações num curto espaço de tempo. Daí o “crescente papel representado pela imagem, mais assimilável que o texto, e cujo exemplo perfeito nos é dado pela sinalização nas estradas que reduzem a imagem ao estado de símbolo” e, assim, torna imediatamente assimilável o que ela exprime. Tais sinalizações orientam os motoristas a tomarem sentido enquanto eles estão dirigindo. De acordo com o autor:

O olho [...] é órgão da visão, mas o olhar é ato de previsão, é comandado pelo que deve ser visto, quer ser visto[...] estes verbos são o futuro psicológico. A variação do olhar em direção, velocidade, duração, depende daquilo que impressiona e atrai o olho, seja de uma lembrança, seja de uma atenção... (MOLES, 1974, p. 21)

O cartaz é exemplo típico de uma mensagem da coletividade ao indivíduo, comportando duas mensagens:

- a mensagem semântica ou denotativa, objetivável e traduzível, expressa de modo claro para o receptor, para o espectador, por uma combinação de signos conhecidos;
- a mensagem estética ou conativa, subjetiva e pessoal, mas partilhada por um grande número de pessoas e que, desde a introdução das técnicas do “diferencial semântico”, tornou-se mensurável ou referenciável num espaço qualquer de coordenadas.

Ao serem fixados em locais para serem vistos, os anúncios cartazes de procurados têm uma função: informar e chamar atenção. O nível pragmático dos anúncios de procurados está relacionado principalmente ao contexto em que os atos de fala (as mensagens) são transmitidos, tudo que é preciso entender para atribuir sentido ao que é dito. No caso, é preciso entender o que gera na atualidade anúncios dessa natureza.

Como já ressaltamos vivem em um país de contrários, onde temos grupos polarizados de pobres vs. ricos. Por um lado, uma minoria de indivíduos detém o poder, do outro lado a maioria fica subjugada a tais indivíduos, e essa relação, de forma generalizada, gera um

profundo contraste social. Os anúncios de procurados mostram que os crimes de homicídio e estelionato aparecem como os mais recorrentes dentre aqueles analisados. As razões que levam um indivíduo a transgredir as leis são multifatoriais, pois além do meio social interferir, em parte, na forma como ele reage na sociedade onde vive há várias outras motivações que não poderão ser expressas aqui.

### 6.2.1.2 Análises semiológicas

Antes de iniciar as análises semiológicas dos anúncios/cartazes de procurados, é preciso relembrar a semiótica como ciência geral dos signos. De acordo com Pinto (2014, p. 36), é possível ultrapassar as categorias funcionais da imagem e analisá-la sob o ângulo da significação e não apenas a partir da emoção ou do prazer estético. Abordar certos fenômenos em seu aspecto semiótico é considerar seu modo de produção de sentido, ou seja, a maneira como os anúncios provocam significações, interpretações.

A semiótica surgiu no início do século XX, tendo como precursores na Europa Ferdinand de Saussure (1857-1913) e nos Estados Unidos, Charles Peirce (1839-1914). Essa ciência consiste em estudar os diferentes tipos de signos, tendo como particularidade essencial, estar *presente* para designar, significar outra coisa *ausente*, concreta ou abstrata. Saussure consagrou que a língua não era o único sistema de signos que exprime as ideias e, assim, postulou “uma ciência geral dos signos” dentro da linguística. Saussure, então, isolou as unidades constitutivas da língua: primeiro os sons e os fenômenos desprovidos de sentido; depois as unidades mínimas de significação: os monemas ou signos linguísticos, tendo em seguida estudado a natureza do signo linguístico (JOLY, 1996).

Saussure, então, descreveu o signo linguístico como uma unidade psíquica de duas faces indissociáveis que uniam um significante (os sons) a um significado (o conceito), assim representado:

Significado

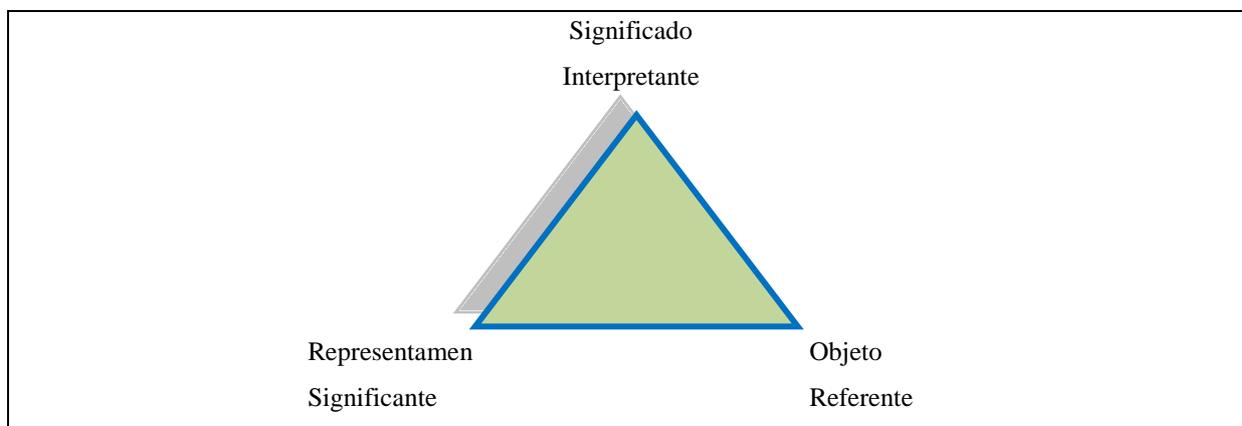
---

Significante

No entanto, a relação entre os sons e os sentidos foi declarada “arbitrária”, convencional, por uma oposição a uma relação “motivada”, quando tem justificações “naturais”, como a analogia ou a contiguidade.

De acordo com Pinto (2014, p. 36), Peirce não estudou apenas a língua, mas desde o início tentou pensar em uma teoria mais geral dos signos e em uma tipologia, que compreende a língua, mas está inserida em uma perspectiva mais ampla e é relativizada por ela. Para Peirce, um signo é “algo que está no lugar de alguma coisa para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade” (JOLY, 1996, p. 33). O mérito dessa definição é mostrar que um signo mantém uma relação solidária entre pelo menos três polos (e não apenas dois como em Saussure): a face perceptível do signo, “representamen”, ou significante; o que ele representa, “objeto” ou referente; e o que significa, “interpretante” ou significado.

Essa triangulação representa a dinâmica de qualquer signo como processo semiótico, cuja significação depende tanto do contexto de seu aparecimento, quanto da expectativa de seu receptor:



Esquema 8: Triângulo semiótico de Charles Peirce.

Para Peirce, não existem signos puros, mas características dominantes. Para tentar distingui-los uns dos outros e suas especificidades, Peirce propôs distinguir três tipos de signos: o ícone, o índice e o símbolo:

- a) O ícone, que mantém uma relação de analogia com o que representa, i. e., com seu referente. Ex.: uma fotografia, uma imagem que represente uma árvore ou uma casa.

- b) O índice, que mantém uma relação de casualidade de contiguidade física com o que representa. Ex.: a palidez para o cansaço e a fumaça como indício de fogo.
- c) O símbolo, que corresponde à classe dos signos que mantém uma relação de convenção com seu referente. Ex.: a bandeira para os países e pomba para paz entram nessa categoria (JOLY, 1996, p. 35).

A imagem (ou fotografia) dos anúncios de procurados é um signo analógico do qual a semelhança é seu princípio fundamental. Por mais realistas que sejam imagens com pessoas, propriamente ditas, existe diferença entre a imagem e a realidade. Pinto (2014, p. 37) afirma que falta à fotografia “profundidade, alteração de cores, mudança de dimensões, ausência de cheiros, de temperatura”, entre outras coisas.

Baseando-se nas concepções de Joly, os anúncios/cartazes de procurados apresentam<sup>212</sup> quase sempre:

#### **A) mensagem plástica**

Corresponde aos signos que entram em jogo na composição do texto: imagem (foto), as cores (geralmente preto, vermelho e branco) e formas como o retângulo para o enquadramento da imagem.

- **Moldura:** corresponde aos limites físicos da representação visual. Nos anúncios de procurados representa o limite do texto e imagem que compõe o quadro.

-**Enquadramento:** corresponde ao tamanho da imagem, que sofre variação, para atender ao suporte. Algumas vezes, a imagem aparece num quadro menor centralizada, outras vezes a imagem é recortada e posta de forma centralizada.

- **Ângulo de tomada:** corresponde à posição da câmera, no eixo vertical, em relação ao objeto fotografado. “Alguns ângulos de tomada muito marcados estão vinculados por convenção a certas significações: a câmera alta e a impressão de esmagamento dos personagens, por exemplo, a câmera baixa e seu engrandecimento” (JOLY, 1996). A autora ressalta o ângulo “à altura do homem e de frente” como o que mais “naturaliza” a cena, pois imita a visão natural (PINTO, 2014). É nessa forma que as imagens dos indivíduos dos anúncios/cartazes são apresentadas.

---

<sup>212</sup> V. Anexo 6 - Anúncios de procurados (Século XXI).

-**Composição/diagramação:** corresponde à forma em que os elementos da imagem estão dispostos. Ela tem um papel essencial na hierarquização da visão e, portanto, na orientação da leitura da imagem. Como já foi explicado, aparece primeiro o título centralizado, tipo de crime, depois o nome, apelido a imagem centralizada e a recompensa logo abaixo da imagem.

-**Forma:** corresponde às formas apresentadas. Segundo Joly (1996, p. 99), “para ver as formas organizadas em uma mensagem e compreender a interpretação que induzem, é preciso esforçar-se para esquecer o que representam e contemplá-las por si mesmas, com atenção.” A interpretação das formas é essencialmente antropológica e cultural. As formas estão representadas nos anúncios de procurados pelo tipo de fonte da mensagem.

- **Dimensão:** corresponde ao tamanho dos objetos representados na imagem. Quase sempre se procura fazer o arranjo de texto e imagem de forma a chamar atenção para aquilo que se quer ressaltar como o valor da recompensa, o tipo de crime cometido ou o nome do foragido.

-**Cores/Iluminação:** corresponde às cores e ao tipo de iluminação apresentada na confecção dos anúncios/cartazes. Assim como a interpretação das formas, a interpretação das cores e da iluminação também é cultural.

-**Textura:** corresponde a “uma qualidade de superfície, como a cor, que se define pela qualidade de seus elementos (natureza, dimensão) e pela qualidade de sua repetição”. Em uma imagem de duas dimensões, a textura está “direta ou indiretamente ligada à terceira dimensão” (JOLY, 1996, p. 101).

## **B) Mensagem icônica**

Os signos icônicos são os motivos figurativos e não estão presentes nas imagens por acaso, mas pelas conotações que evocam. No caso dos anúncios/cartazes analisados, o signo icônico é representado principalmente pela fotografia (imagem), mas há o logotipo da ONG e da mensagem “garantia do anonimato” que imita um carimbo em cima da imagem.

## **C) Mensagem linguística**

Os signos linguísticos estão representados pelos elementos verbais presentes na mensagem que compõem os anúncios/cartazes, já analisados ao longo deste trabalho.

## 6.2.2 Características históricas

Nesta subseção, descreveremos a natureza do anúncio/cartaz como gênero jornalístico/publicitário. Esse tipo de texto está diretamente relacionado à imagem que é um elemento fortemente marcado em nossa sociedade. De acordo com Moles (1974, p. 15), devemos ser considerados a *civilização da imagem*, que engloba a fotografia, o jornal, o cartaz, o cinema e a televisão, pois esses são elementos motores da forma de mundo exterior, são ligados ao universo jornalístico ou publicitário, constituindo a cultura que é construída pelo homem.

No entanto, o autor considera que nem todo cartaz é publicitário já que há instituições que querem levar sua ação ao conhecimento do público como a UNESCO, UNICEF, AACD etc. A esse tipo de publicação deve-se considerar propaganda<sup>213</sup>. O cartaz utiliza-se de técnicas de colagem sobre um muro, visto por todo mundo ou numa folha de papel impressa, trazendo imagens ou signos acompanhados de um texto.

As razões históricas que contribuíram para o surgimento de indivíduos procurados pela justiça, em sua grande maioria, são decorrentes na atualidade de uma profunda disparidade social no país que se originou há séculos, como já assinalamos. Já as similaridades linguísticas decorrem de um fenômeno natural das línguas, já abordadas anteriormente nesta pesquisa, em que formas fixas historicamente situadas e ligadas a uma tradição concreta, são evocadas e repetidas, adquirindo característica de signo próprio, como afirma Kabatek (2004).

### 6.2.2.1 Características da TD anúncio de procurado

Para estabelecermos a comparação entre TDs (anúncios de fuga de escravos e procurados), selecionamos os anúncios publicados pela ONG *Movimento Pernambuco contra o crime* (MPCC). Os “procurados” são indivíduos que cometeram crimes e fugiram do sistema prisional, tendo sido julgados ou estão com processos abertos de julgamento por acúmulos de crimes cometidos. As razões que geram um tipo de anúncio com esse teor são

---

<sup>213</sup> Patrick Charaudeau (1984) considera o termo *propaganda* mais abrangente que *publicidade*, visto que o primeiro está relacionado à mensagem política, religiosa, institucional e comercial, já o segundo está ligado às mensagens comerciais.

multifatoriais: tráfico de drogas, sequestros, assassinatos, homicídios, assaltos, exploração sexual, dentre outros<sup>214</sup>.

As TDs se relacionam com o linguístico, só que esse domínio não é estritamente linguístico, já que elas incorporam elementos culturais que transcendem o escopo da língua particular, por isso as TDs podem surgir e desaparecer, por se tornarem disfuncionais, como aconteceu a muitos elementos composicionais dos anúncios de fuga de escravos, que foram extintos quando o gênero deixou de ser publicado no jornal. Contudo, há traços tradicionais que permaneceram, independentemente da extinção *per se* desses anúncios e, hoje em dia, são encontrados nos anúncios de procurados, como defendemos.

Como já esclarecemos, não traçamos uma linha contínua de gêneros que incorporaram as TDs dos anúncios de fuga de escravos após 1888. A título de exemplificação, no anúncio de procurado de Virgulino Ferreira, o Lampião<sup>215</sup>, (séc. XX), personalidade que povoa o imaginário do povo do nordeste brasileiro, encontramos elementos que confirmam a perenidade de certas TDs:



Figura 28: Anúncio de procurado de Lampião (1930)<sup>216</sup>.

<sup>214</sup> Havia nos jornais menção ao escravo pelo caráter violento de suas ações, mas consideramos as razões de seus atos uma resposta à violência que era praticada primeiramente contra ele.

<sup>215</sup> Segundo Vainsencher (2003), Lampião era conhecido como rei do cangaço e governador do sertão; nasceu em Vila Bela, atual Serra Talhada, PE. Aos 21 anos de idade trabalhava como artesão e era alfabetizado. Sua família travava uma disputa com outras famílias locais até que seu pai foi morto em confronto com policiais em 1919. A partir disso, Virgulino jurou vingança, montou um bando de cangaceiros armados que andavam a cavalo e em trajes de couro, chapéus, sandálias, casacos, cintos de munição e calças para protegê-los dos arbustos e espinhos típicos da caatinga, vegetação do sertão nordestino, para fazer justiça com as próprias mãos. O bando, porém, praticava roubo de gado, sequestros, assassinatos, torturas, mutilações, estupros e saques. Em 1930, Maria Gomes de Oliveira, a Maria Bonita, juntou-se ao bando, tendo com Virgulino uma filha chamada de Expedita Ferreira. Virgulino e seu bando, em julho de 1938, foram assassinados na fazenda Angicos, em Sergipe.

<sup>216</sup> Fonte Coleção de Frederico Pernambuco de Mello, cartaz de 1930. Disponível em <<[http://nordestinoz.blogspot.com.br/2011\\_06\\_01\\_archive.html](http://nordestinoz.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html)>> Acesso em 02/07/2014, às 18h48.

Desde o início da imprensa brasileira, ainda no século XIX, a estratégia dos jornais para conquistar os leitores, era publicar notícias que tinham em sua gênese um caráter mais sensacionalista. As notícias policiais sempre foram atrativas para o público leitor, tanto que em alguns jornais, atualmente, elas são introduzidas já na primeira página<sup>217</sup>.

O anúncio do Lampião reúne traços da composicionalidade característica do gênero anúncio/cartaz de procurado; a única diferença entre ele e os anúncios atuais está na mensagem que não faz menção à informação sobre o tipo de crime cometido. Mas mantém um traço muito característico dos anúncios de fuga de escravos: a recompensa, que agora é expressa em valores para aquele que capturá-lo.

As características do anúncio de Lampião são: o valor da gratificação (50:000\$000 em moeda da época, o real) que vem como título do anúncio; o anunciante (o Governo do Estado da Bahia); o valor da gratificação que se repete no corpo do texto; o nome (Virgulino Ferreira) e o apelido (“Lampeão”); e o uso da fotografia, em preto e branco, sendo considerada um recurso inovador na época, estando inserida no lado esquerdo do anúncio, abaixo do valor da gratificação. A mensagem é permeada de recursos léxicos como “captura”, “polícia” e o “famigerado bandido” que atuam no sentido de situar e convencer o leitor a entregar/capturar o “bandido” de “qualquer modo” à polícia. O texto é construído com letras pretas em fundo branco que confere nitidez ao anúncio. A foto, mesmo não apresentando nitidez nas formas, permite a economia comunicativa, pois se evita o prolongamento das descrições físicas do procurado. O anúncio de Lampião assemelha-se a esses dois anúncios de fuga de escravos que têm no título a gratificação:

---

<sup>217</sup> Há na imprensa pernambucana muitos jornais com características “sensacionalistas”. Um exemplo de jornal que aproveita as mazelas sociais como pano de fundo para as suas notícias é a *Folha de Pernambuco*, que iniciou suas atividades em 1997. Atualmente a editoração do jornal não é a mesma, restando às notícias policiais uma folha complementar de publicação diária denominada de “Polícia”. As notícias sobre violência e mortes são banalizadas pelo teor sensacionalista do texto e das imagens que chocam as pessoas, deslocando o leitor apenas para o crime em si, inibindo a reflexão sobre as causas sociais que geram a violência.

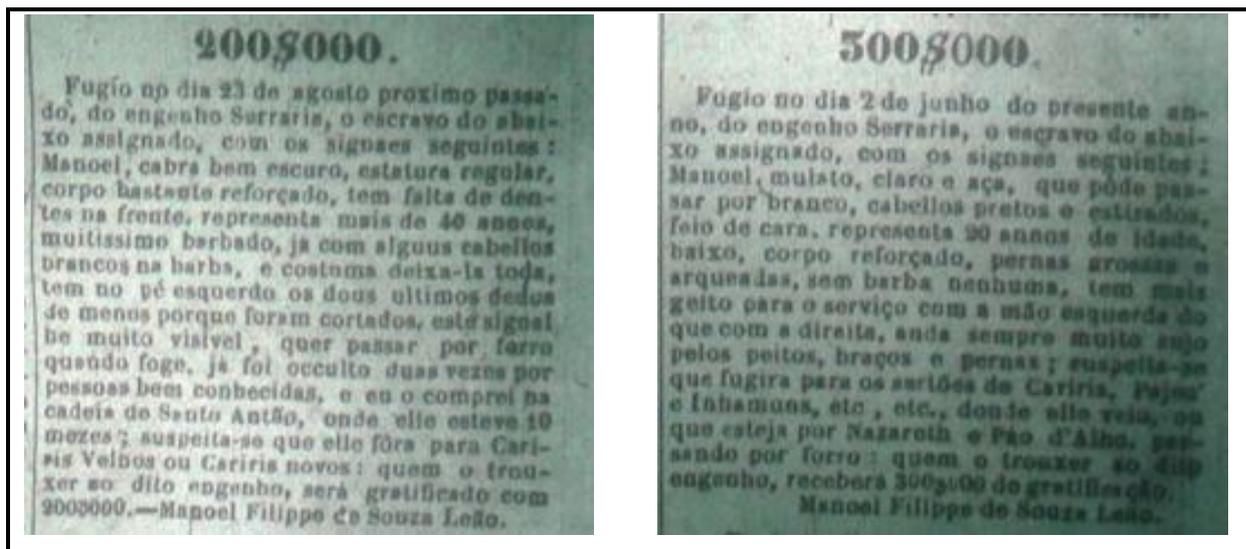


Figura 29: Anúncios de fuga de escravo com gratificação (DP: 02/10/1858)

#### ESCRAVOS FUGIDOS

##### Anúncio 1

**200\$000.**

*Fugio no dia 23 de agosto próximo passado, do engenho Serraria, o escravo do abaixo assignado, com os signaes seguintes : Manoel, cabra bem escuro, estatura regular, corpo bastante reforçado, tem falta de dentes na frente, representa mais de 40 annos, muitíssimo barbado, já com alguns cabellos brancos na barba, e costuma deixa-la toda, tem no pé esquerdo os dous ultimos dedos de menos porque foram cortados, este signal he muito visivel , quer passar por ferro quando foge, já foi occulto duas vezes por pessoas bem conhecidas, e eu o comprei na cadeia de Santo Antão, onde elle esteve 10 mezes; suspeita-se que elle fóra para Cariris Velhos ou Cariris novos: quem o trouxer ao dito engenho, será gratificado com 200\$000.*

*Manoel Filippe de Souza Leão.*

##### Anúncio 2

**500\$000**

*Fugio no dia 2 de junho do presente anno, do engenho Serraria, o escravo do abaixo assignado, com os signaes seguintes; Manoel mulato, claro e açá, que pode passar por branco, cabellos pretos e estirados, feio de cara, representa 20 annos de idade, baixo, corpo reforçado, pernas grossas e arqueadas, sem barba nenhuma, tem mais geito para o serviço com a mão esquerda do que com a direita, anda sempre muito sujo pelos peitos, braços e pernas; suspeita-se que fugira para os sertões de Cariris, Pajeu e Inhamus etc, etc., donde elle veio, ou que esteja por Nazareth e Pão d'Alho, passando por forro : quem o trouxer ao dito engenho, receberá 300\$000 de gratificação.*

*Manoel Filippe de Souza Leão.*

Esses anúncios foram redigidos na primeira pessoa, o que era raro à época, e seguem a mesma estrutura textual: apresenta-se o valor da gratificação, que funciona como título. Essa forma de apresentação facilita a atenção do leitor para a recompensa financeira, pois se interliga ao sentido global do texto, além de funcionar como recurso argumentativo para a

captura do escravo. O texto inicia-se com o verbo, que indica a ação, seguida da data da fuga, mais as características do escravo, as circunstâncias da fuga; o fechamento comporta a gratificação mais a assinatura. Os escravos anunciados pertenciam ao mesmo dono, tendo gratificações diferentes para cada um. A razão para isso reside, talvez, na diferença etária dos escravos Manoel (40 anos) e Manoel (20 anos). Essa diferença de valores se deve a uma prática muito comum à época: escravos mais velhos valiam menos que os mais novos, pois era raro um escravo chegar à velhice, devido aos maus tratos e às doenças que acometiam muitos deles e impediam a longevidade. Ademais, um escravo com mais de 30 anos já estava inapto ao trabalho a que era submetido.

Numa análise comparativa entre o anúncio de Lampião (1930) e os anúncios impressos de procurados da atualidade, temos as seguintes diferenças:

<b>ANÚNCIOS DE PROCURADOS</b>	
<b>Século XX</b>	<b>Século XXI</b>
Gratificação em valores	Procurado
Anunciante	Tipo de crime
Nome	Nome
Apelido	Apelido
Foto	Foto
Texto	Texto
?	Recompensa (valores)
?	Logomarca (da ONG)
?	Telefones para contato

Quadro 14: Características dos anúncios de procurados século XX e XXI.

Os anúncios/cartazes estão separados por quase um século, mas as condições de produção de ambos se assemelham: anunciam-se pessoas foragidas que são procuradas pela polícia. As diferenças são inúmeras. A moeda das respectivas épocas, no século XX é o real. A fotografia é usada nas duas, porém só na atualidade a imagem é mais nítida, aparecendo com cores. A indicação do número de telefone para receber as informações também é uma realidade atual que garante o anonimato de quem faz a denúncia, diferente do anúncio antigo. Além disso, os anúncios do século XX são mais descritivos que os atuais, os recursos lexicais são mais contundentes no intuito de convencer o leitor, pois atuam, juntamente com a

gratificação, apresentada em primeiro plano. Consideramos a gratificação o elemento condutor de permanência da TD que vem desde os anúncios de escravos.

Outra instituição que elabora e divulga anúncios de procurados no Recife é a Secretaria de Defesa Social/SDS do Estado, que mantém um site onde podemos visualizar, numa mesma página, várias imagens de pessoas procuradas pela polícia. Nessa mídia social<sup>218</sup> também é possível visualizar um maior número de elementos de identificação sobre cada pessoa. A principal diferença entre os anúncios/cartazes impressos e anúncios divulgados na internet é que nestes não é oferecida a recompensa a quem fornece informações sobre os procurados. Por serem elaborados pelo Estado, a indicação de uma recompensa no anúncio a quem dá informações de um procurado poderia colocar em dúvida o poder coercitivo da polícia no combate ao crime<sup>219</sup>.

O recurso argumentativo utilizado pelo anúncio da SDS está pautado no convencimento à população da cidade sobre a periculosidade do procurado e a necessidade de se fornecer informações sobre ele para impedir que novos crimes aconteçam.

---

<sup>218</sup> Mídias sociais são meios de comunicação e de relacionamento, da internet, que permitem diferentes possibilidades de interação e participação dos usuários. São consideradas mídias sociais: blogs, redes sociais, como o facebook, e-groups, e compartilhamento de conteúdo multimídia, como o youtube. Fonte: <<<http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/midias-sociais/>>> Data de acesso: 09/01/16.

<sup>219</sup> A polícia, como instituição pública, assegurada por lei, é a força coerciva que tem a função e o poder de prender os foragidos. Além disso, ela é responsável pela segurança coletiva, com o objetivo principal de assegurar o bem-estar dos indivíduos, impedindo que crimes, delitos e práticas prejudiciais ao meio ambiente e à sociedade aconteçam ou reincidam.

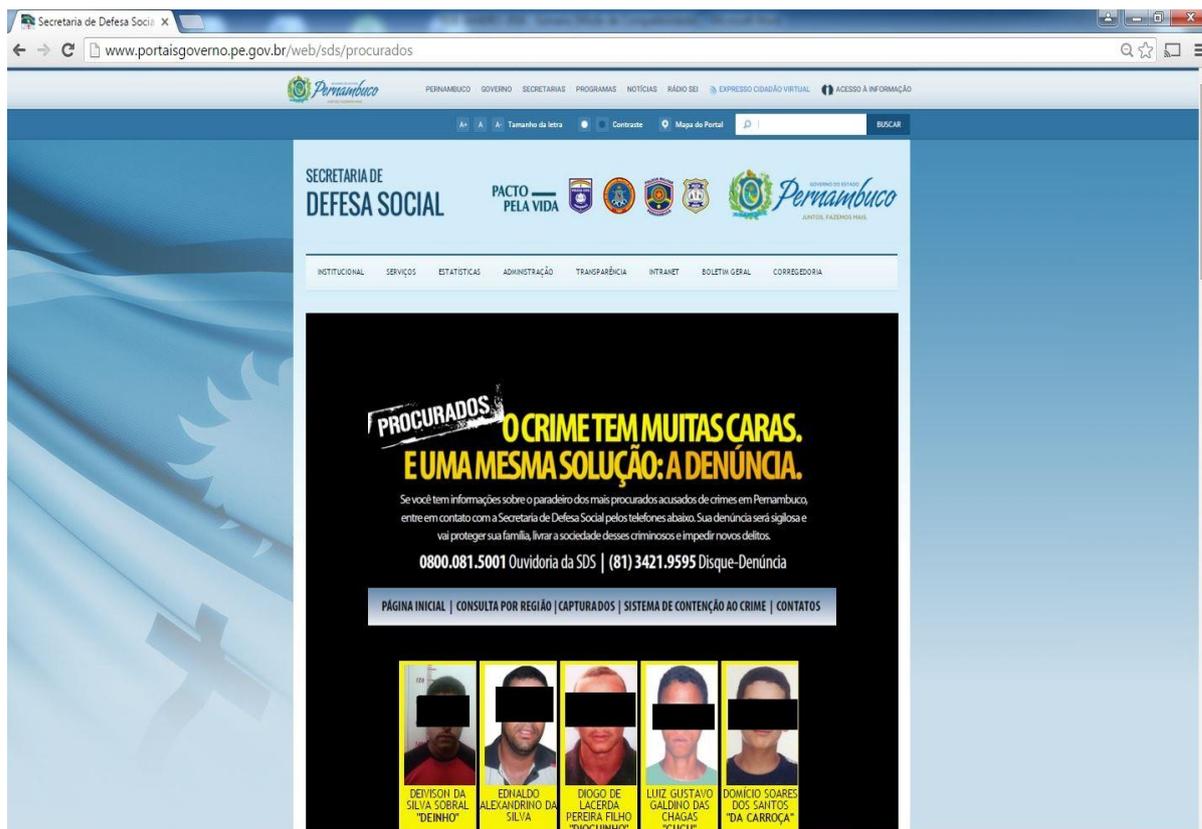


Figura 30: Site de Procurados da SDS/PE<sup>220</sup>.

A mensagem:

*Procurados - O crime tem muitas caras. E uma mesma solução: a denúncia. Se você tem informações sobre o paradeiro dos mais procurados, acusados de crimes em Pernambuco, entre em contato com a Secretaria de Defesa Social pelos telefones abaixo. Sua denúncia será sigilosa e vai proteger sua família, livrar a sociedade desses criminosos e impedir novos delitos.*

<sup>220</sup> Fonte: <<<http://www.portaisgoverno.pe.gov.br/web/sds/procurados>>>. Acessado em 23/01/16.



Figura 31: Site de Procurados da SDS/PE.

Nessa página, aparecem as fotografias de 50 pessoas procuradas pela polícia. Algumas aparecem com uma imagem que lembram a marca de um carimbo sobreposta indicando “preso”.

Como já ressaltamos que a imagem e a pessoa, propriamente dita, têm diferença, no site há indicação de fotos que registram a imagem antiga do procurado. As fotografias são postas em colunas, ou linhas, com o nome do procurado logo abaixo da imagem. O anúncio utiliza as cores amarela e preta, com o fundo totalmente preto. Pelo nome podem-se acessar mais informações sobre o procurado, além do mandado judicial dele.

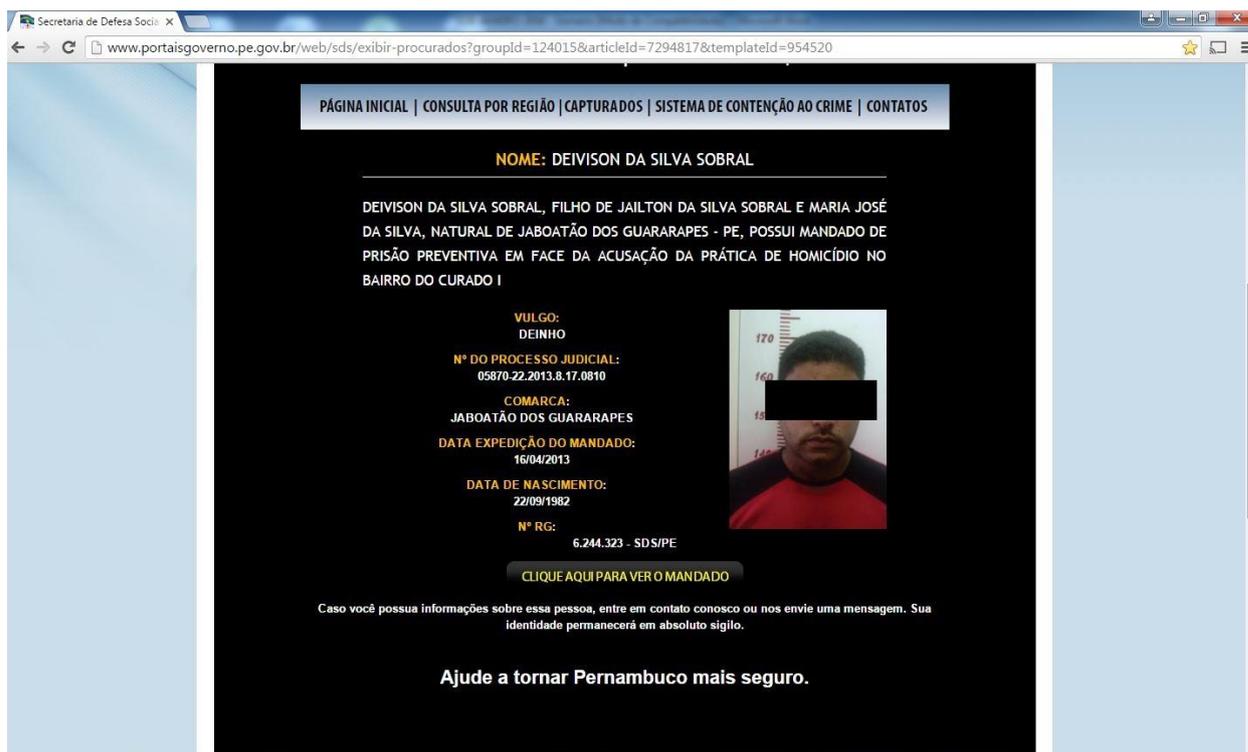


Figura 32: Site de Procurados da SDS/PE<sup>221</sup>.

A primeira função da fotografia/imagem nesses textos é incorporar suporte ao conteúdo que se resume basicamente no título, “procurados”, na mensagem, na imagem e no nome do procurado.

Joly (1996, p. 55) concebe a função da imagem como uma ferramenta de expressão e de comunicação. Mas, seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitui uma mensagem para outrem. Por isso, é necessário que haja precauções para compreender da melhor forma possível uma mensagem visual, buscando-se para quem ela foi produzida. Assim, a imagem nesses anúncios se desenvolve com o texto verbal, que comporta a mensagem inicial do site e o nome do procurado, mantendo uma relação de complementaridade. A mensagem é composta por termos e expressões lexicais: “informações”, “criminosos”, “acusados de crimes”, “delitos”, “denúncia”, “sigilosa”, “proteger”, “família”, “livrar”, “sociedade” e “impedir” etc., que alimentam o campo semântico relacionado à periculosidade do procurado e ao tipo de crime cometido por ele.

O telefone, nessa mídia, é o canal que permite as pessoas entrarem em contato com a SDS, e com a ONG, sendo este instrumento imprescindível para estabelecer a comunicação entre a sociedade e as autoridades policiais. Pelo telefone também se procura manter o

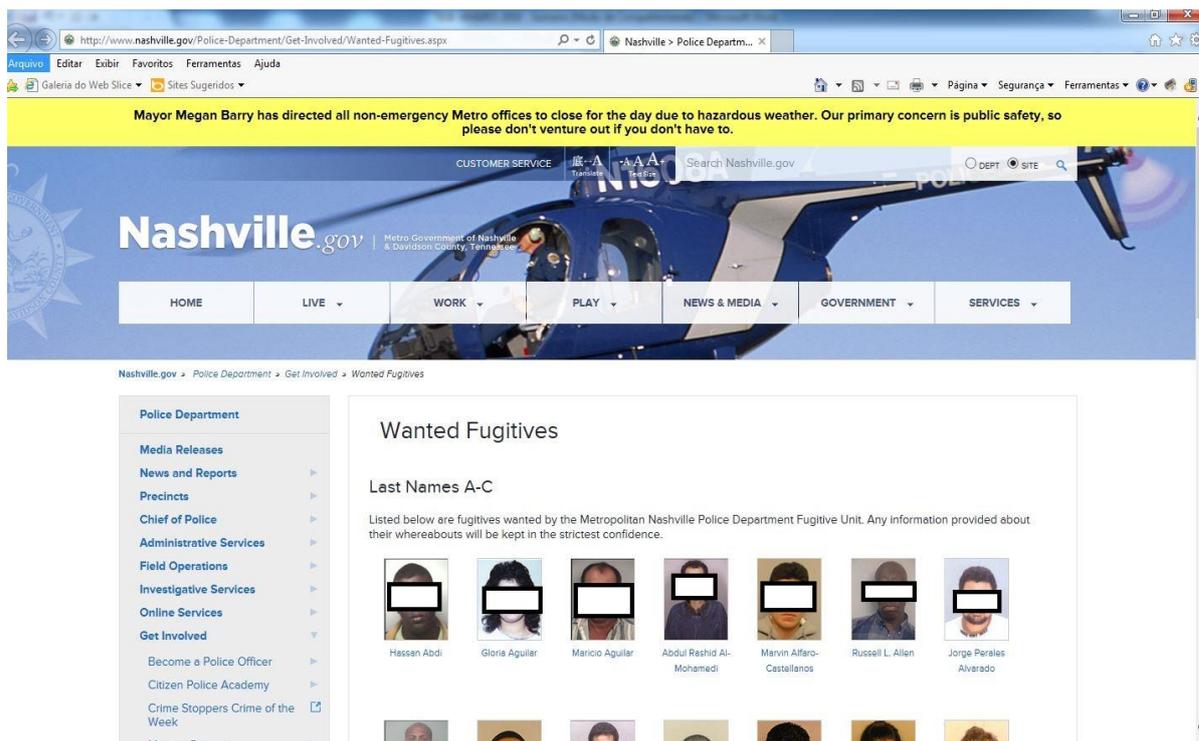
<sup>221</sup> Fonte: <<http://www.portaisgoverno.pe.gov.br/web/sds/procurados>> Acessado em 23/01/16.

anonimato, preservando a identidade de quem denuncia. Essa forma de contato difere bastante dos anúncios de fuga de escravos que publicavam o endereço a quem procurar, caso alguém apreendesse o escravo.

Os anúncios da internet possuem vários elementos de identificação que os diferenciam dos anúncios impressos. Nessa etapa de navegação do site, aparecem informações mais detalhadas como o nome completo do procurado, seguidas de um pequeno texto onde se apresenta uma síntese do(s) seu(s) crime(s): o apelido (quando o tem), o nº do processo judicial, o juiz competente do caso, a comarca, a data de expedição do mandado de busca, a data de nascimento, o nº do RG e a foto que fica localizada no lado esquerdo da tela, além de encontrarmos também o mandado judicial assinado pelo juiz que condenou o réu. A mensagem final diz: *caso você possua informações sobre essa pessoa, entre em contato conosco ou nos envie uma mensagem. Sua identidade permanecerá em absoluto sigilo. Ajude a tornar Pernambuco mais seguro.*

É característica do gênero jornalístico a objetividade nas informações, por isso as palavras devem ter a precisão cirúrgica para que o leitor compreenda o conteúdo a ser transmitido. Além da objetividade, outros requisitos devem ser preenchidos como a simplicidade, atendendo aos padrões formais da língua e a imparcialidade, onde se procura evitar expressões que denotem juízo de valor, dentre outros critérios.

A universalidade da linguagem jornalística e, conseqüentemente, dos gêneros jornalísticos, pode ser exemplificada através do site de procurados do departamento de polícia de Nashville, EUA:



## Wanted Fugitives

### Last Names A-C

Listed below are fugitives wanted by the Metropolitan Nashville Police Department Fugitive Unit. Any information provided about their whereabouts will be kept in the strictest confidence.

Figura 33: Site de Procurados de Nashville, EUA<sup>222</sup>.

Tradução:

#### ***Fugitivos procurados***

*Os listados abaixo são fugitivos procurados pela Unidade de Fugitivos do Departamento de Polícia Metropolitana de Nashville. Qualquer informação prestada sobre o seu paradeiro será mantida no mais estrito sigilo.*

<sup>222</sup> Fonte: <<<http://www.nashville.gov/Police-Department/Get-Involved/Wanted-Fugitives.aspx>>> Acessado em 19/01/16.

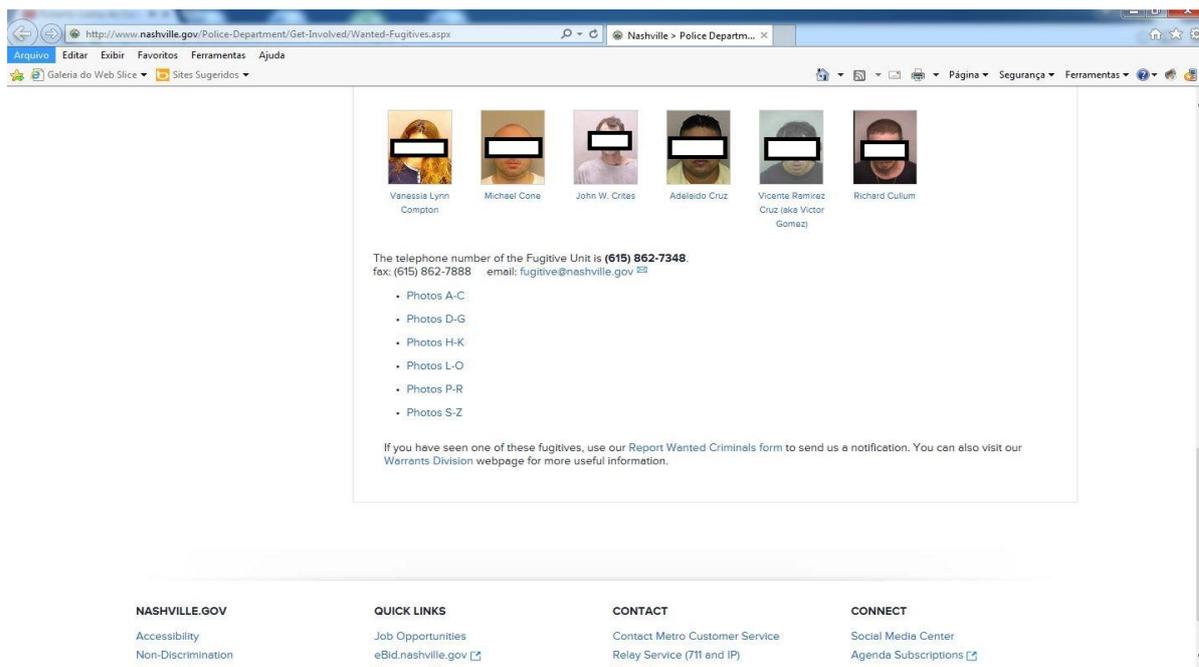


Figura 34: Site de Procurados de Nashville, EUA.

### Tradução:

*O número de telefone da Unidade de Fugitivos é: XXXXXXXX*

*Se você já viu um desses fugitivos, utilize o nosso Formulário de Relatório de Criminosos Procurados para enviar uma notificação. Você também pode visitar a nossa web página da divisão de proteção para informações mais úteis.*

Como podemos observar, esse site mantém uma relação de similaridade com o site da polícia de Pernambuco, Brasil.

Os anúncios veiculados na internet são mais ricos em detalhes devido aos recursos que a mídia oferece. As principais diferenças entre os anúncios de procurados da mídia impressa e os publicados na internet, seguindo a ordem de apresentação dos elementos, são:

<b>ANÚNCIOS DE PROCURADOS SÉC. XXI</b>	
<b>Impresso</b>	<b>Internet</b>
Título (Procurado)	Nome
Nome (e/ou apelido)	Elementos de identificação: circunstâncias do crime ou dos processos judiciais.
Tipo de crime	Nível de periculosidade
Foto	Foto
Recompensa (valores)	Apelido
Telefones para contato	Nº do processo judicial
Logomarca da ONG	Juiz competente
Mensagem do anunciante	Comarca
Garantia do anonimato	Data da expedição do mandado
	Data de nascimento
	RG
	Link para acessar o mandado judicial

Quadro 15: Diferenças entre anúncios de procurados impressos e da internet.

Como podemos ver, a mudança do suporte interfere na forma como o gênero se apresenta, tendo, contudo, a mesma finalidade comunicativa. Diversos gêneros midiáticos surgem ligados às emergências dos suportes comunicativos e, com isso, novas perspectivas de escrita das notícias se instauram, levando assim às novas formas de organização textual, o que inevitavelmente exige também novas formas de leitura.

A internet e as redes sociais imprimiram novas formas de apresentação e circulação da informação. As mudanças nas condições de produção de um texto acarretam inevitavelmente mudança na formatação dos gêneros. Em relação a isso, Aschenberg (2003, p.11) afirma que a mudança nas condições midiáticas acarreta mudança das TDs: a introdução da escrita nas línguas nacionais, a invenção da impressão tipográfica, a introdução de mídias eletrônicas causam a perda, a reorganização e a invenção de TDs. Nas mídias eletrônicas articulam-se outros processos de um alcance ainda maior que, a longo prazo, afetam nossos hábitos cognitivos: a mudança na codificação material influencia a apreensão de textos, a reprodução na memória e, finalmente, a tradição das formas discursivas.

As TDs também seguem uma dinâmica própria diante de novas necessidades comunicativas. Nessa comparação entre anúncios de procurados impressos e procurados na internet, é fácil visualizar como os anúncios eletrônicos têm ao seu favor mais elementos de identificação e mais recursos que não podem ser aplicados nos anúncios de procurados

impressos. Sobre isso Maingueneau (2011, p. 68) afirma que uma modificação do suporte de um texto pode mudar radicalmente a forma de apresentação de um gênero. Nesse sentido, é fácil visualizar, através dos exemplos apresentados, que o anúncio não se mostra indiferente ao seu suporte.

Como já esclarecemos, não era objetivo deste trabalho fazer as comparações de anúncios de fuga de escravos com os de procurados da mídia eletrônica. As considerações tecidas sobre os anúncios veiculados na mídia eletrônica são apenas exemplificativas, pois acreditamos que estabelecendo as comparações apenas na mídia impressa, a pesquisa ficaria mais equilibrada.

### **6.3 Diálogos entre o passado e o presente**

Nos postulados de Coseriu (1979), está a concepção de que o falar é uma manifestação de liberdade criadora e individual, mas ela só se realiza mediante as determinações históricas construídas pela própria língua. Dessa forma, ao estabelecermos a comparação entre anúncios de fuga de escravos com os de procurados, percebemos que apesar de todas as mudanças já apresentadas aqui, há traços históricos que perduram nos textos atuais, como o caráter primordial dos anúncios que é o de informar às pessoas sobre a fuga de um foragido (escravos e réus); e o domínio jornalístico que abriga esses gêneros.

Algumas diferenças entre anúncios antigos e atuais já foram pontuadas, como o uso da fotografia, que é uma realidade presente nos tempos atuais e entra no lugar das descrições detalhadas de outrora; da linguagem mais direta e concisa; da garantia do anonimato, dentre outros aspectos. As descrições dos escravos eram pormenorizadas e revelavam todos os aspectos físicos e morais do negro em fuga. Ademais, o anunciante apontava as qualidades morais e intelectuais do cativo, tais como: “não pega no alheio”, “é bastante regrista” ou “fala desembaraçado”. Nos anúncios/cartazes de procurados essas informações tornam-se desnecessárias.

Em relação ao tipo de texto, os anúncios/cartazes de procurados são informativos, com algum recurso argumentativo representado pelo valor da recompensa e da autoridade policial que tem o poder para prender. Nos anúncios de escravos, essa função também era desempenhada pela polícia, mas também pelo capitão do mato, que foi a figura mais marcante do sistema escravista na captura do negro que fugia e era anunciado no jornal.

Koch (1997) afirma que as construções dos jornais atuais não são mais adequadas às necessidades econômicas e comunicativas da mídia impressa. O princípio jornalístico de construção do texto favorece o posicionamento inicial das informações mais relevantes do texto. Nesse caso, o recurso da foto como forma de divulgar o rosto do procurado diminuiu o espaço para as descrições dos aspectos físicos do indivíduo, dando lugar às inovações como a divulgação do número de telefone para receber informações do foragido. Isso tudo se deve às transformações culturais e sociais que favorecem as mudanças dos textos e das TDs que constituem os gêneros.

Depois, ao compararmos anúncios de fuga de escravos com os anúncios de procurados, encontramos algumas semelhanças, visto que é possível apontar alguns elementos tradicionais dos anúncios antigos nos atuais que são evocados e repetidos, como a informatividade que caracteriza esses textos, o domínio discursivo (jornalístico), a função das autoridades policiais para prender, o título, o nome (do procurado) e a recompensa, sendo esta TD considerada o fio condutor das análises comparativas, pois ela não foi extinta com os anúncios de fuga de escravos, como aconteceu com outros elementos que se tornaram disfuncionais e estavam fortemente fixados ao gênero como as expressões: “Fugio do corrente” e “achará com quem tratar”.

Acreditamos, então, que o anúncio de fuga de escravos desapareceu em sua forma *per se*, mas determinadas TDs, que o constituíam, reapareceram no anúncio de procurados, um século depois. Além disso, acreditamos que a explicação da mudança linguística pode ser confirmada pelo método comparativo de gêneros de mesmos domínios discursivos. Algumas estruturas textual-discursivas dos anúncios de fuga de escravos caíram em desuso, se tornaram arcaicas e foram extintas como as expressões: “representa ter”, “próximo passado” e “seco de corpo”, dentre outras, dando lugar a outras estruturas que cumprem a mesma função discursiva.

Para confirmar a transitividade de TDs de um texto para outro em diferentes épocas, tomamos como exemplos: o anúncio do primeiro número do *Gazeta de Lisboa* (séc. XIX), os anúncios de escravos (séc. XIX) e os anúncios de procurados (séc. XXI). Além disso, esses anúncios confirmam o caráter da oralidade presente em textos impressos.

## O ANÚNCIO AO LONGO DOS SÉCULOS

### Anúncio do século XVIII

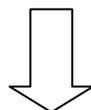
*Faz-se aviso às pessoas curiosas da língua francesa haver chegado a esta Corte há pouco tempo um estrangeiro apelidado De Ville Neuve, francês de nascimento, natural da cidade de Paris, o qual fala língua Latina, Alemã, Italiana, Castelhana e Portuguesa; e tem um método muito fácil para ensinar em pouco tempo a toda sorte de pessoas; ainda às de cinco para seis anos, as que quiserem servir-se do seu préstimo podem encaminhar a casa de Manuel Dinis, livreiro na rua da Cordoaria Velha (Gazeta de Lisboa, 1715).*

### Anúncio do século XIX

*O abaixo assinado faz publico a todas as pessoas desta Cidade, e fóra della [...] (Cf. Anexo 1 - Anúncio 47, DP 30/03/1840).*

*o qual tem a testa grande (Cf. Anexo 1 - Anúncio 7, 9 etc.)*

*quem o prender pode leva-lo ao engenho indicado, ou nesta praça em casa do Sr. Manoel Alves Ferreira no Forte do Mattos, que será satisfactoriamente recompensado (Cf. Anexo 1 - DP, 12/08/1857).*



### Anúncio do século XX

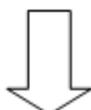
# 50:000\$000!!



**O Governo do Estado da Bahia,**  
PREMIARÁ COM  
**50:000\$000**

ao civil ou militar que capturar ou entregar de qualquer modo á Policia, o famigerado bandido

**VIRGOLINO FERREIRA, vulgo LAMPEÃO**



### Anúncio do século XXI



Quadro 16: Evolução dos anúncios.

Entre o anúncio do séc. XVIII e o do séc. XIX certos usos linguísticos são repetidos como iniciar o anúncio tornando as pessoas cientes do acontecimento, a semelhança de certas preferências pronominais (como “o qual”), o imperativo com modalização, (podem encaminhar/pode levá-lo), as descrições longas e o endereço com quem tratar no final do anúncio.

Já entre os anúncios do séc. XIX e o do séc. XXI temos a fotografia que supre toda a parte descritiva do anúncio, deixando o texto mais objetivo; no lugar do endereço vem o número de telefone, uma realidade atual. Além disso, os anúncios do século XIX tornam público a quem se deve procurar para tratar; os anúncios atuais dão garantia sobre o anonimato. A principal semelhança entre esses dois anúncios está na recompensa em dinheiro que se conserva desde os anúncios antigos aos atuais.

Mais do que comparar os anúncios de fuga de escravos com os anúncios de procurados, é necessário avaliar em que medida os textos mantêm a relação de similaridade de TDs, pois nem tudo é inovação na elaboração dos anúncios de procurados. Apesar de todos os recursos de diagramação disponíveis na atualidade, há algumas permanências que atendem às exigências do paradigma das TDs, pois os usos linguísticos nos anúncios atuais são orientados pela acumulação e ampliação de sentidos que são retomados dos anúncios de fuga.

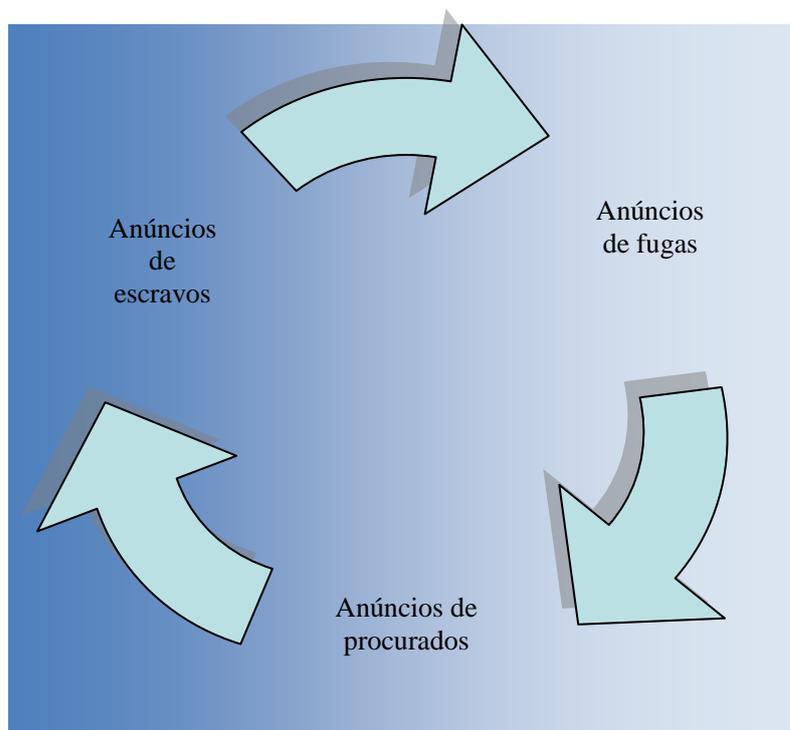
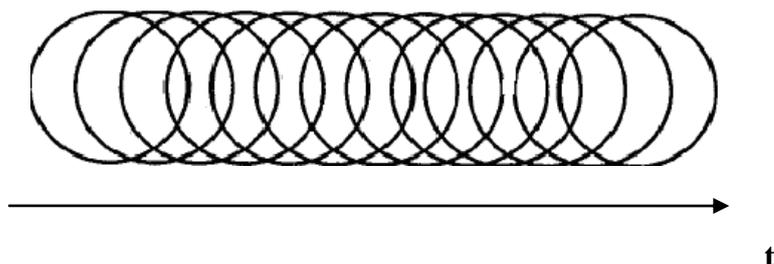


Diagrama 6: Do anúncio de escravos ao anúncio de procurados.

As TDs presentes no anúncio de procurados mobilizam situações de enunciação em que se repetem elementos tradicionais como a temática, o título e a recompensa, por exemplo, os quais são evocados por estarem diretamente relacionados aos anúncios de fuga de escravos. A repetição refere-se à reiteração de forma e conteúdo entre o já dito e o ineditismo. A mudança é representada, então, de forma contínua em que os elementos novos como a fotografia, nos anúncios atuais, coexistem com elementos antigos como a recompensa. Os elementos disfuncionais são abandonados no gênero novo por não cumprirem função sintático-discursiva a partir daquele primeiro.

Nesse sentido, é preciso considerar que a história se desenvolve num sistema de rupturas, mas também de continuidades. Essas rupturas se configuram como novas formas de dizer, novos atos de fala que cumprem uma nova função. Já a continuidade está relacionada ao antigo, que é repetido a cada momento em que são retomadas as expressões que apontam ao já dito. O passado, embora difícil de ser reconstruído com total fidelidade da época, deixa pistas e vestígios, indicando a sua existência. As características que são mantidas nos textos contribuem para a identificação das TDs e apontam dados do seu momento de produção histórico.

Comprova-se que as TDs são formas conversacionais, citações ou atos linguísticos que retomam dados históricos, mas que introduzem elementos novos quando acessados na atualidade. Retomamos, então, a figura helicoidal representada por Givón (1986) e Koch (1997), explicitada na seção 3, que ilustra pontualmente o caráter das constitutivo das TDs dos anúncios de fuga de escravos:



A cada anel que se forma a partir de um antigo há uma intersecção entre o novo e velho, entre a mudança e permanência. Esse movimento de estruturas linguísticas antigas que se mesclam com estruturas atuais mostra que a mudança na língua não se processa abruptamente, mas na manutenção de certos usos linguísticos que propicia às novas TDs se formarem.

Anúncios de escravos	Anúncios de procurados
<p><i>(WB) Diário Novo, 14 de Setembro de 1842.</i></p> <p>- Fugio Sexta-feira 9 do corrente um escravo de nome Antonio, de nação Angola, idade 30 annos pouco mais ou menos, cheio do corpo, côr fula, baixo, pouca barba, foi em mangas de camisa sem chapeo, fala bem, e consta andar para a banda dos Affogados, em Bebibeira e Jiquiá, é carpinteiro e costumava andar vendendo na rua: quem o pegar leve-o a seu senhor Antonio Fernandes Velloso na rua Madre de Deos defronte da guarda que será generosamente recompensado."</p>	

Quadro 17 - Do anúncio de escravo ao procurado

Com relação aos aspectos lexicais, justamente os termos que permanecerem dos anúncios de escravos são aqueles que representam similaridade com as práticas sociais de antes: capturar aqueles que cometem crimes, pois a representação social que o procurado da atualidade e o escravo têm é a mesma, ambos são foragidos e procurados, estando todos à margem da sociedade.

Algumas formas linguístico-discursivas contribuíram para a perpetuação de certas TDs dos anúncios de fuga de escravos que estão presentes nos anúncios de procurados. Todos esses elementos mantiveram uma relação de continuidade a partir dos anúncios de fuga de escravos: o nome, a recompensa, a função das autoridades policiais para prender e o propósito comunicativo dos anúncios que os inserem no domínio jornalístico ou publicitário.

<b>ELEMENTOS DE PERMANÊNCIA DOS ANÚNCIOS DE FUGA DE ESCRAVOS</b>
<b>Título</b>
<b>Nome</b>
<b>Recompensa para a apreensão do procurado</b>
<b>Função das autoridades policiais para apreender / prender / capturar</b>
<b>Finalidade comunicativa (apreensão do fugitivo)</b>
<b>Domínio jornalístico ou publicitário</b>

Quadro 18: Elementos de permanência dos anúncios de fuga de escravos.

Os processos de evocação e repetição das TDs advindas dos anúncios de fuga de escravos nos anúncios de procurados conservaram práticas linguísticas em comum que, a nosso ver, comprovam o dinamismo das TDs. Isso confirma que entre ambos os gêneros pode-se estabelecer uma relação de similaridades que comprova a hipótese levantada no início desta investigação.

Portanto, através da análise dos traços composicionais dos anúncios de fuga de escravos, pudemos comprovar a dinamicidade das TDs que, mesmo pertencentes a um gênero extinto, conseguiram transitar para outro gênero que se apresenta na atualidade, como nos anúncios de procurados. As análises empreendidas até aqui não pretendem submeter os

resultados à exigência de uma teoria, mas provar com dados apontados nos anúncios analisados, que os textos se desenvolvem independentemente de uma língua particular, assim mesmo como as TDs que os constituem.

## CONCLUSÕES

Apresentamos agora as reflexões finais da investigação que se iniciou ainda na graduação da autora com o Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) *O discurso publicitário dos anúncios de escravos* e depois com a pesquisa de mestrado *O léxico dos anúncios de escravos nos jornais do Recife do século XIX (1853-1855)*, tendo sido orientada pela prof. Dra. Nelly Carvalho. A investigação que apresentamos para a defesa do Doutorado intitulada **ANÚNCIOS DE ESCRAVOS: traços de mudanças e permanências de TDs nos jornais do Recife** teve como objetivo principal analisar a TD *anúncios de fuga de escravos*, publicados nos jornais do Recife do século XIX (1825-1875), i. e. 50 anos de publicação de anúncios, e estabelecer uma comparação de elementos pragmáticos, sintáticos e semânticos com a TD anúncios de procurados da atualidade (séc. XXI). As análises estão ancoradas no paradigma teórico-metodológico das TDs de base filológica da pragmática alemã e na linguística de texto.

A hipótese inicial da investigação era de que os anúncios de procurados da atualidade tinham reminiscências das TDs dos anúncios de fuga de escravos. Pelo viés das TDs iniciamos as análises das características universais (nível pragmático, sintático e semântico); as características históricas, ligadas aos aspectos linguístico-discursivos e as características das TDs, onde também poderíamos verificar as influências de outras TDs presentes na composição dos anúncios de fuga de escravos. A análise comparativa, levando-se em conta esses aspectos de apreensão de traços composicionais de TDs, permitiu-nos, de fato, comprovar que a TD atual havia incorporado traços textuais e pragmáticos das TDs antigas. Dessa forma, pudemos estabelecer comparações seguras entre os anúncios antigos com os atuais e, conseqüentemente, estabelecer um elo entre inovação e conservação de TDs entre os textos/gêneros.

Ao se estudar uma língua, não se pode ignorar a história dos textos produzidos nessa língua; e para identificar os traços de composicionalidade das TDs que compõem esses textos, é necessário averiguar as características que compõem essas TDs em diferentes épocas. O modelo das TDs se fundamenta na premissa de que todo texto segue duas tradições: a tradição da língua em que foi produzida, a língua portuguesa, por exemplo, e a tradição de determinados modelos textuais, condicionada pelas exigências formais de cada tipo de texto e do domínio dos recursos linguísticos adequados a cada tipo.

A partir dos postulados de Coseriu, que concebeu o caráter mutável da língua, considerando que essa mudança se realiza no falar, sendo acessível a qualquer falante de uma dada comunidade, surgiu o conceito de TD. Coseriu admite que, para o estudo da linguagem, é necessário distingui-la em três níveis: o universal, o nível histórico e o nível dos discursos concretos ou dos textos. Peter Koch, então, biparte o nível histórico, que para ele corresponde a duas dimensões: o da língua histórica e o da tradição discursiva. Desde então, o conceito de TD foi reformulado e ampliado por Brigitte Schlieben-Langue, Peter Koch, Wulf Oesterreicher e Johannes Kabatek, sendo o modelo profícuo em pesquisas no Brasil relacionadas aos textos históricos. Independentemente do idioma, os textos, ou discursos concretos, têm suas próprias tradições, visto que há línguas que possuem certas formas fixas que não podem ser traduzidas *ipsis litteris*. Isso comprova a premissa de que há tradições textuais que se desenvolvem independentemente da estrutura gramatical, do acervo lexical e das construções que essas línguas oferecem.

Consideramos que toda produção textual requer do indivíduo o reconhecimento de modelos de realizações discursivas produzidos anteriormente, as TDs. Com base nisso, e nas concepções da linguística de texto, analisamos os anúncios de fuga de escravos publicados nos jornais recifenses de 1825 a 1875, i.e., 50 anos de publicações de anúncios ligados à temática do negro escravo.

O paradigma teórico-metodológico das TDs é uma convergência da linguística textual, pragmática e da linguística histórica sob um viés diacrônico. Essa abordagem se mostrou proveitosa para as análises do *corpus* de anúncios de escravos (e também nos anúncios de procurados), porque permitiu-nos apontar as características linguísticas que tenderam à inovação e quais delas se conservaram como formas tradicionalmente fixadas ao gênero, tornando-se disfuncionais. Na abordagem dos anúncios de escravos, analisamos os aspectos linguísticos e extralinguísticos da sua composição, onde se procurou estabelecer a relação entre historicidade da língua e do texto. Nos aspectos linguísticos, pudemos observar as estruturas gramaticais que compõem uma TD: os aspectos sintático-semântico-discursivos que constroem o texto. Os aspectos extralinguísticos estão relacionados aos aspectos histórico-sociais da sua produção e circulação. Neste sentido, consideramos fundamentalmente importante a compreensão da história social dos anúncios de escravos e de procurados para caracterizá-los como textos históricos.

As TDs levam em conta a relação de um texto com outro e o grau de repetição que este texto carrega do anterior. Esse texto não se configura como uma mera reprodução de elementos linguísticos, mas a atualização discursiva da língua numa situação concreta que é

evocada. Portanto, as TDs se configuram como modelos historicamente convencionalizados que permitem reconhecer os textos como pertencentes a determinados gêneros, numa dada época. Além disso, seu estudo é pautado na convergência entre a abordagem pragmática e a diacrônica, sob um prisma histórico, portanto, na escolha de determinadas estruturas sintáticas da língua, que caracteriza a TD como historicamente situada.

No entanto, uma nova forma de práticas sociais e discursivas reclama uma nova forma de organização dos textos ou gêneros ou das TDs. Diante dessas novas exigências, uma TD que se realiza no presente, inevitavelmente evoca seu passado, se não em sua totalidade, pelo menos em parte. É o que aconteceu com os anúncios de fuga de escravos, do séc. XIX, e os anúncios de procurados, do séc. XXI, que mantêm uma relação de similaridades a partir de alguns traços composicionais que são evocados e repetidos nesses últimos.

É importante ressaltar que as TDs são tão versáteis que podem adaptar-se a qualquer variedade linguística, é o que comprovamos com as análises dos anúncios de fuga de escravos, onde são encontradas tanto formas fixas que são tipicamente da cultura oral mais informal, quanto formas fixas do nível burocrático, com origem nas chancelarias medievais, órgão responsável por produzir textos de caráter mais formal.

Os traços de composicionalidade de uma TD têm duas fases: a TD propriamente dita, sendo evocada e repetida tal qual na forma original, e a TD sendo reiterada na constelação discursiva que ela evoca; por exemplo: anúncios de escravos desapareceram dos jornais porque a realidade social que permitia a sua origem foi extinta, a escravidão. Mas aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos relacionados à fuga, à captura e à recompensa, são evocados e repetidos nos anúncios de procurados que são originados a partir de outra realidade social.

Outra discussão levantada nesta investigação é sobre a confusão que se criou em torno do conceito de TD e gênero, já que muitos estudiosos tomam os termos como sinônimos. Nessa investigação, apresentamos as considerações de Kabatek que refuta essa concepção e procura diferenciar os dois conceitos. A verdade é que gêneros podem ser considerados TDs, como é o caso dos anúncios de fuga de escravo e procurados, que se constituem como tradição de textos retoricamente situados à época de produção e circulação. Nem toda TD, entretanto, pode ser considerada gênero, como, por exemplo, as fórmulas fixas “quem quiser pode levar” e “achará com quem tratar”, próprias dos anúncios de escravos. Essas TDs não devem, sob nenhuma hipótese, ser consideradas gêneros textuais, mas atos de fala que compõem os traços característicos das TDs.

A denominação “tradição discursiva” é retoricamente situada e acena à possibilidade de designarmos uma TD como uma forma particular do dizer, uma forma fixa convencional, dentro de uma TD, i. e., uma forma textual em sua totalidade, dentro de outra TD, que se constitui como um tipo de texto ou gênero do discurso. Ao se falar em repetição, evocação, tradição e atualização, acreditamos que uma língua particular, como é o caso do português brasileiro, é afetada pelos aspectos histórico-sociais e que, em decorrência disso, seus elementos tradicionais sofrem processos de permanências ou atualizações, que promovem a mudança linguística.

A compreensão dos anúncios de fuga de escravo, como TD, transcende o escopo da linguística, pois as análises devem ser pautadas, inicialmente, na interpretação de dados históricos, i. e., nos aspectos externos à língua, a fim de que tenhamos uma visão mais global das razões que propiciaram o surgimento desses textos nos jornais. A realidade social instalada no Brasil, a escravidão, enraizou-se na forma de vida, nos costumes, nas tradições da cultura negra e nas expressões lexicais que ficaram marcadas pelo sistema escravista. Além disso, a escravidão corrompeu não só as relações de trabalho, mas as relações familiares, pois a promiscuidade entre homens e mulheres era estimulada para que entre eles não se criassem laços afetivos e, com isso, eles não se organizassem em torno da ideia de liberdade e se insurgissem contra seus donos. Como vimos, se em outros lugares ocorreram revoltas pontuais contra o escravismo, em Pernambuco as relações eram “adocicadas” e “malemolentes” como afirmou Freyre. Aqui, os escravos não enfrentaram o sistema, o contornaram, seguindo o trajeto dos rios Capibaribe e Beberibe que serpenteiam o Recife.

Para investigar os aspectos relacionados à escravidão no Brasil e em Pernambuco, tomamos o jornal como fonte legítima para o resgate da história social. Foi justamente nesse veículo de informação da mídia impressa que o gênero anúncio de fuga de escravos foi introduzido, se desenvolveu e se extinguiu, dando lugar a manifestações sociais de outros gêneros. Nesse sentido, tornou-se imprescindível abordar a história da imprensa no Brasil na quarta seção da tese, visto que a escravidão se revela nitidamente na imprensa.

A imprensa foi muito importante no século XIX devido ao poder que o jornal exercia na formação das opiniões dos leitores. Além disso, ela era responsável pela construção ideológica das imagens do escravo que ecoavam no meio social. Logo, no primeiro número do DP, a fuga de um escravo era anunciada, sendo essa temática tão profícua que havia inúmeros tipos de anúncios no jornal: venda, aluguel, achado, apreensão, pedido, oferta, permuta e fuga. Na verdade, à época, o prestígio de um jornal era mensurado pela quantidade de anúncios que ele conseguia publicar; e sendo o escravo considerado “peça” de

comercialização, jornais que anunciavam escravos eram considerados mais renomados. Até os jornais de orientações abolicionistas publicavam anúncios de escravos, contradições que caracterizam o movimento abolicionista no Brasil difíceis de serem compreendidas.

A contextualização histórico-social do escravo no anúncio de jornal foi a seção de abertura da revisão da literatura, justamente para situar o leitor sobre o momento histórico que originou os anúncios de escravos no jornal, especificamente, os anúncios de fuga. Os temas da escravidão no Brasil não estão esgotados nas análises que já foram empreendidas, pois sempre há um dado novo a ser investigado e, nesse caso, acessamos os aspectos ligados à escravidão a partir dos anúncios de fuga de escravos. A partir dele as análises foram extraídas pelo ponto de vista do discurso do dominador, nas palavras de Brandão (2004) “monológico e excludente”, já que anúncios tinham como interlocutor alguém que pertencia ao próprio círculo social, político e econômico do anunciante, no caso, os outros proprietários de escravos.

As falas dos anúncios eram legitimadas pela sociedade e pela Igreja que se manteve alheia e insensível à situação dos escravos. Três anúncios revelaram essa íntima relação da Igreja com o uso da mão-de-obra escrava (Cf. anúncios 31, 83 e 112 do anexo 1), onde encontramos escravos fugindo dos domínios de padres, e estes anunciando nos jornais a recompensa pela captura do escravo em fuga.

Para investigar os traços de composicionalidade da TD anúncios de fuga de escravos, procuramos fazê-lo sob dois aspectos: composicionalidade na dimensão estrutural, diagramação, organização retórica, estrutura do anúncio; e composicionalidade na dimensão linguístico-discursiva, onde procuramos seguir o modelo de análise, de base filológica alemã, proposto por Oesterreicher (1994, 1996). As análises contemplaram as características universais, históricas e das TDs. No percurso dessas análises, foi necessário formular a terceira hipótese dessa investigação, que reside em destacar que os traços não padrão presentes nos textos dos anúncios de fuga de escravos são oriundos de produções de autores *semicultos*, concepção que se relaciona com o conceito de *semi-oralidade* levantado por Schlieben-Lange. Os aspectos relacionados à *semi-oralidade* e a permanência de TDs dos anúncios de fuga de escravos em outros gêneros do jornal não foram abordados nesta investigação, mas poderão ser desenvolvidos em pesquisas futuras.

Oesterreicher chamou as produções textuais de autores *semicultos* de *competencia escrita de impronta oral*, i.e., textos marcados pela linguagem da *imediatez comunicativa*. Essas produções textuais escritas, concepcionalmente muito próximas da oralidade, são marcadas por digressões, lógica argumentativa incongruente, atropelos na integridade da

oração, erros de concordância, uso indiscriminado de palavras *passé-partout*, dentre outras. Todas essas características foram levantadas, inicialmente, pelo autor, a partir da análise dos textos do espanhol americano do século XVI, mas puderam ser investigadas em nossa amostra de anúncios de fuga de escravos.

Nas análises dos anúncios de fuga de escravo pode-se também extrair que, na elaboração de tais textos, ainda que um indivíduo não tivesse habilidade suficiente para organizá-lo, nem dominasse os recursos linguísticos exigidos para isso, ele poderia recorrer à cópia dos textos e às formas fixas que constituem as TDs. E é justamente nessa reescrita de enunciados semelhantes que as inovações têm mais chances de se propagarem. Contudo, a cópia dos textos não se configura como a única razão da mudança linguística, mas a própria dinâmica interna da língua, que se constitui como um processo autônomo e único que favorecem as mudanças que se cristalizam na língua escrita.

O lugar da mudança linguística se faz com os textos produzidos pela sociedade, por isso não se pode ignorar os aspectos históricos que interferem nos traços composicionais das TDs em que o texto se insere. A extinção de práticas sociais torna disfuncionais certos atos de fala que integram os tipos textuais, que por sua vez integram os domínios discursivos. Como os textos se desenvolvem independentemente de uma língua em particular, as TDs concernentes a determinados tipos de textos ou domínios discursivos podem se extinguir, mesclar, transformar e migrar para outro texto/gênero, como ocorreu aos anúncios de procurados, que abrigou TDs oriundas do anúncio de fuga de escravos.

Os anúncios de procurados da atualidade foram investigados em vários aspectos: macroestruturais como a diagramação, a tipologia textual e a organização retórica. Em relação à composicionalidade linguístico-discursiva, ou aspectos microestruturais, foram analisadas as características universais e históricas. As características das TDs foram apontadas no fim das análises da seção, onde se conclui que o gênero mantém uma relação de similaridade com os anúncios de escravos especialmente em quatro aspectos, a saber: nome, a recompensa, a função das autoridades policiais na captura do procurado e o propósito comunicativo dos anúncios, que os coloca sob o mesmo domínio jornalístico/publicitário. Além disso, mesmo no âmbito da publicidade, os anúncios de procurados não se caracterizam pelo valor estético, mas pela publicização das informações que visam despertar o interesse, incentivar a adesão dos leitores para se conseguir, através da denúncia anônima, o objetivo maior de sua razão de ser, a captura e prisão dos criminosos apresentados.

As formas de análise para a apreensão de TDs podem ser ampliadas, levando-se em consideração outros aspectos que também não foram abordados nessa investigação, como os

mecanismos de coesão textual na elaboração da mensagem dos anúncios, o que de fato realizamos apenas como exemplificação de forma superficial.

A principal limitação dessa tese residiu na análise dos textos históricos, os anúncios de escravos do jornal. A distância do tempo limitou alguns aspectos das análises, visto que não era possível recuperar o contexto em que muitos discursos foram produzidos nem o escopo de expressões linguísticas pontuais à época estudada, que não encontram referentes na atualidade. Por outro lado, os anúncios de fuga apontaram realidades que não são encontradas nos livros de história, mas privativamente nos jornais.

As pesquisas futuras, neste campo, poderão ampliar o foco histórico, aprofundando-o para tentar captar elementos do contexto histórico que possam permitir uma interpretação mais segura das informações linguísticas. O universo das TDs na imprensa é vasto e outras hipóteses sobre o destino delas poderão ampliar os aspectos aqui investigados.

## REFERÊNCIAS

- ACHILLE, P. L'italiano dei semicolti. In: **Storia della língua italiana**. A cura di Luca Serianni e Pietro Trifone. V. Secondo. Scritto e parlato. Giulio Einaudi Editore, 1994.
- ADAM, J-M. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ADAM, J-M. **Eléments de linguistique textuelle**. Liège: Mardaga, 1990.
- ADAM, J-M. Quadro teórico de uma tipologia sequencial. In: BEZERRA, B. G.; BIASE-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (org.) **Gêneros e sequências textuais**. Recife, EDUPE, 2009.
- ADORNO, S. **Racismo, criminalidade violenta e Justiça penal: réus brancos e negros em perspectiva comparativa**. Revista Estudos Históricos, v. 9, nº 18, 1996.
- ANDRADE, M. M; MEDEIROS, J. B. **Comunicação em Língua Portuguesa**. 5. ed. São Paulo, Atlas, 2009.
- ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ASCHENBERG, H. *Diskurstraditionen*-Orientierungen und Fragestellungen. In: DRESCHER, M. WILHELM, R. (Hrsg.). **Romanische Sprachgeschichte und Diskurstraditionen**: Gunter Narr Verlag Tübingen. S. 1-18, 2003.
- \_\_\_\_\_. Linguística histórica de gêneros textuais: observações e reflexões. Trad. Hans Peter Wieser. (Historische Textsortenlinguistik - Beobachtungen und Gedanken. In: DRESCHER, Martina. **Textsorten in romanischen Sprachvergleich und Diskurstraditionen**. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2002.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BASTOS, A. K. P. H. **O léxico dos anúncios de escravos nos jornais do Recife do século XIX (1853-1855)**. Dissertação de Mestrado. Centro de Arte e Comunicação. Pós-graduação em Letras. Recife: UFPE, 2007.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAZERMAN, C; **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Orgs.). 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BHATIA, V. K. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, B. G.; BIASE-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (org.) **Gêneros e sequências textuais**. Recife, EDUPE, 2009.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). As ciências do Léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia. **Teoria Linguística: teoria linguística e linguística computacional**. 2. ed. Campo Grande, MS; Ed. UFMS, 2001b.

\_\_\_\_\_. **Teoria Linguística: teoria linguística e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) **Gêneros, teorias, métodos, debates**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BOTTA, M. G. **A imprensa pioneira em língua portuguesa e os gêneros jornalísticos no século XVIII**. Revista Comunicação Midiática, v. 8, n.2, p.149-168, mai./ago. 2013.

BRANDÃO, H. H. N. **Discurso e tradição em anúncios da imprensa brasileira: da informação à sedução – imagens do cotidiano**. São Paulo: USP, 2004.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. MACHADO, A. R; CUNHA, P. São Paulo: EDUC, 1999.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Estrutura com ter e haver em anúncios do século XIX. In: ALKMIM, T. M. (org.). **Para a história do português brasileiro**. Volume III: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.

CAMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de filologia e gramática**. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1964.

\_\_\_\_\_. **História da Linguística**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARNEIRO, E. **Ladinos e crioulos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

CARRASCOZA, J. A. **A evolução do texto publicitário: a associação de palavras como elementos de sedução na publicidade**. São Paulo: Futura, 1999.

CARVALHO, M. J. **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife**. 2. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

CARVALHO, C. **Para compreender Saussure**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. **Princípios básicos de lexicologia**. 2. ed. Recife: d. Universitária da UFPE, 2011.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. **TDs da mídia impressa: critérios de análise**. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/92\\_alessandra\\_cc.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/92_alessandra_cc.pdf)>. Acesso em: 5 de maio de 2015.

CASTRO, Y. P. **A língua jeje-mina no Brasil: um falar africano em Ouro Preto no séc. XVII**. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais, Fundação João Pinheiro; Secretaria de Estado e da Cultura, 2002.

\_\_\_\_\_. **Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2005.

\_\_\_\_\_. **Resistência identidade**. Caderno Cultural A Tarde. Salvador, p. 10-11, mar. 2006.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **Le discours propagandiste**. In: *Le français dans le Monde*, n. 182. Hachette-Larousse, Paris, janvier, 1984.

COSERIU, E. **A língua literária**. Agália. Revista Internacional da Associação Galega da língua. 41, 1995.

\_\_\_\_\_. **Lições de linguística geral**. (Edição revista e corrigida pelo autor). Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

\_\_\_\_\_. **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo, USP, 1982.

\_\_\_\_\_. **Sistema, norma y habla. Teoria del lenguaje y linguística general**. Madrid: Gredos, 1967. p. 111-113.

\_\_\_\_\_. **Sincronia, diacronia e história**. Tradução: Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: EDUSP, 1979.

COSTA, E. V. **Da Senzala à Colônia**. 5. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

COUTINHO, I. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

DEBRAY, R. **Manifestos midiológicos**. São Paulo: Vozes, 1995.

DIAS JÚNIOR, J. F. **O uso dos adjetivos em pasquins do século XIX: uma análise descritiva**. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2011.

DIAS, L. F. O nome da língua do Brasil. ORLANDI, E. P. (Org.) In: **Histórias das ideias linguísticas**. Campinas: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

DORNAS FILHO, J. **A escravidão no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

FERRARI, A. J. **A voz do dono – uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidas no oeste paulista entre 1870-1876**. Dissertação de Mestrado. IEL UNICAMP. Campinas, SP, 2001.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, A. C. S. **Extensão rural e desenvolvimento local em comunidades quilombolas**. – um estudo junto a agricultores e agricultoras de comunidades quilombolas, nos municípios de Bom Conselho e Garanhuns, no Estado de Pernambuco. Dissertação de Mestrado, UFRPE, 2008.

FERREIRA, L. G. A luta das mulheres Pernambucanas. In: FERREIRA, L. G. *et al.* **Suaves amazonas: mulheres e abolição da escravatura no nordeste**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999a.

\_\_\_\_\_. Um capítulo à parte: as amas-de-leite escravas. In: FERREIRA, L. G. *et al.* **Suaves amazonas: mulheres e abolição da escravatura no nordeste**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999b.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, M. C. A. P. **Caracterização linguística de cartas oficiais da Paraíba dos séculos XVIII e XIX**. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2003.

FRAGA, R. M. N. **A Praieira em jornais do século XIX- constituição discursiva e identidades sociais**. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2008.

FREYRE, G. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 5. ed. São Paulo: Global, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do século XIX**. 4. ed. São Paulo: Global, 2010.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

\_\_\_\_\_. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: CRAIG, C. (Hrsg.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam/Philadelphia. Typological Studies in language. 1986. p. 77-102.

GOMES, V. S. História do editorial jornalístico em Pernambuco: aspectos formais e funcionais desta Tradição discursiva. In: CIAPUSCIO, G.; JUNGBLUTH, K.; KAISER, D.; LOPES, C. (Eds.). **Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica**. Frankfurt. a.M. (Vervuert), 2006.

\_\_\_\_\_. **Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. Tese de Doutorado. Centro de Arte e Comunicação. Pós-graduação em Letras. Recife: UFPE, 2007.

GUIMARÃES, L. **As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2003.

HOUAISS, A. **A nova ortografia da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1991.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do Léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia*. **Teoria Linguística: teoria linguística e linguística computacional**. 2. ed. Campo Grande, MS; Ed. UFMS, 2001b.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KABATEK, J. **Sobre a historicidade de textos**. Tradução de José da Silva Simões. In: *Linha d'água*. 17. São Paulo: USP/APLL, 2005b.

\_\_\_\_\_. **TDs e mudança linguística**. Texto apresentado no encontro PHPB em Itaparica, Bahia, setembro de 2004. Disponível em <<[www.kabatek.de/discurso](http://www.kabatek.de/discurso)>> Acesso em 06/05/13.

\_\_\_\_\_. **Las tradiciones discursivas del español medieval: história de textos e história de la lengua**. *Iberomania*, n. 62. 2005c. p. 28-45.

\_\_\_\_\_. **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico**. *Nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas*. V. 31. Madrid, Vervuert/Iberoamericana, 2008.

\_\_\_\_\_. **Tradição discursiva e gênero**. Tübingen, 2010. (Mimeo)

\_\_\_\_\_. **Tradiciones discursivas y cambio lingüístico**. *Lexis - Revista de Linguística y Literatura*, v. 29, n.2, p. 151-177, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Tradiciones discursivas y cambio lingüístico**. Seminario de historia de la lengua española *El cambio lingüístico en la historia española: nuevas perspectivas*. Soria, del 7 al 11 de Julio de 2003.

KOCH, I. **A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional**. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, (41): 75-89, Jul./Dez. 2001.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, I. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Orgs.). **Conversas com Linguistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KOCH, I. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1999.

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. (Eds.). **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Tübingen: Narr, 1997 (ScriptOralia, 99). Cf. tradução de Alessandra Castilho Ferreira da Costa.

\_\_\_\_\_. Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: KABATEK, J. (ed.) **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas**. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert (Linguística Iberoamericana 31), 2008.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. **Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch**. Tübingen, Niemeyer, 1990.

\_\_\_\_\_. **Schriftlichkeit und Sprache**. In: GÜNTER, Hartmut; LUDWIG, O. (Ed.) Schrift und Schriftlichkeit. Ein international Handbuch/ Writing and its Use. An international Handbook. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, v. I, 1994.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Linguagem Jornalística**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2006b.

LONGHIN, S. R. **TDs: conceito, história e aquisição**. São Paulo: Cortez, 2014.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da linguística histórica – ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, P. B. **Um passeio pela História da Imprensa: o espaço público dos grunhidos ao ciberespaço**. Comunicação e informação. V. 8, n. 1, 2005. p. 26-38.

MEURER, J. L. **Genre as diversity, and rhetorical mode as unity in language use**. Ilha do Desterro, n. 43, p.61-82, jul./dez. 2002.

MOLES, A. A. **O cartaz**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

MOURA, C. **Dicionário da Escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

NASCIMENTO, L. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Vol. I. 2. Ed. Diário de Pernambuco. Recife: UFPE, 1968.

\_\_\_\_\_. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Vol. II. Diários do Recife – 1829/1900. Recife: UFPE, 1966.

OESTERREICHER, W. **Competencia escrita, tradición discursiva y variedades lingüísticas el español em los siglos XVI y XVII**. Coloquio Internacional (Friburgo, 26-28 de septiembre), 1996b. Mimeo.

\_\_\_\_\_. El español em textos escritos por *semicultos*. In: LÜDTKE J. (Org.). **Competencia escrita de impronta oral em la historiografía indiana (siglo XVI)**. Actas del simposio del Instituto Ibero-Americano de Berlin, 23 y 24 de abril de 1992. Madrid: Iberoamericana, 1994. p. 155-190.

\_\_\_\_\_. Lo hablado em lo escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a uma tipología. In: KOTSCHI, T.; OESTERREICHER, W.; ZIMMERMANN, K. (Eds). **El español hablado y la cultura oral em España e Hispanoamérica**. Vervuert: Iberoamericana, 1996a.

\_\_\_\_\_. Mudança linguística e recursos de expressividade na língua falada. In: CIAPUSCIO, G.; JUNGBLUTH, K.; KAISER, D. LOPES, C. (eds.). **Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica**. Madrid: Iberoamericana, 2006. p. 253 a 281.

PESSOA, M. B. (Org.) **Língua, Textos e História: manuscritos e impressos na história do português brasileiro**. Programa de Pós-Graduação da UFPE. Recife: 2005a.

\_\_\_\_\_. Algumas comparações entre manuscritos e impressos brasileiros (Séc. XVIII e XIX). In: VERRI, G. M. W. (Org.) **Memorat: tecnociência, memória e cultura urbana na formação brasileira**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

\_\_\_\_\_. **Da carta a outros gêneros textuais**. In: DUARTE, M. E. L. & CALLOU, D. (Orgs) Para a História do Português Brasileiro: notícias de corpora e outros estudos. V. IV Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, Rio de Janeiro, 2002d.

\_\_\_\_\_. **Do oral e do escrito desde os gregos até a geografia linguística**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

\_\_\_\_\_. **Formação de uma variedade urbana e semi-oralidade na primeira metade do século XIX. O caso do Recife**. Brasil. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 2003a.

\_\_\_\_\_. **História do jornal e história da língua.** Texto apresentado no V Seminário do Projeto Para a história do português brasileiro, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais. (mimeo), 2002a.

\_\_\_\_\_. **O gênero notícia no Brasil: notas para uma história.** Texto apresentado no V Seminário do projeto Para a História do Português Brasileiro, realizado em Ouro Preto, MG, nos dias 15 a 17/10/2002b.

\_\_\_\_\_. **O Jornal como Fonte para a História da Língua (JFHL).** Projeto apresentado no I Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Mídia Brasileira: 2 séculos de história. Rio de Janeiro, 2002c.

\_\_\_\_\_. O legado linguístico africano. In: ROCHA, M. J.; PANTOJA, S. **Rompendo silêncios – História da África nos currículos da educação básica, Análises, opiniões, a Lei n.º 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais,** 2003b.

\_\_\_\_\_. O primeiro número do Diário de Pernambuco: TDs e gramática. In: CIAPUSCIO, G.; JUNGBLUTH, K.; KAISER, D. LOPES, C. (eds.). **Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica.** Madrid: Iberoamericana, 2006.

PETTER, M. M. T. **Línguas especiais, línguas secretas: na África e no Brasil.** Revista da ANPOLL, 4, São Paulo : Humanitas, USP, 1998.

PFEIFFER, C. C. A língua nacional no espaço das polêmicas do século XIX/XX. ORLANDI, E. P. (Org.) In: **Histórias das ideias linguísticas.** Campinas: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

PIETROFORTE, A. V. S.; LOPES I. C. A semântica lexical. In: FIORIN, J. L. (Org.) **Introdução à linguística II: princípios de análise.** 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PINTO, I. C. H. **Análise gráfica de cartazes realizados na Ditadura do Estado Novo (1937-1945).** Projeto de Conclusão de Curso. Waechter, H. (Orientador). Centro de Artes e Comunicação. Departamento de Design. UFPE, 2014.

PRAGANA, M. E. C. **Pregões recifenses.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Pesquisas Sociais, Centro de Estudos Folclóricos, 1981. (Folclore, 106).

QUEIRÓZ, S. R. R. **Escravidão negra em São Paulo: um estudo das tensões provocadas pelo escravismo no século XIX.** Rio de Janeiro: Olympio; Brasília: INL, 1977.

RAIBLE, W. (Eds). **Language typology and language universals.** Berlim, New York: De Gruyter, 2001.

RIBEIRO DE MELLO, H. Português padrão, português não-padrão e a hipótese do contato linguístico. In: ALKMIN, T. M. **Para a história do português brasileiro.** São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.

RIZZINI, C. **O jornalismo antes da tipografia.** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

ROBERTS, I. & KATO, M. A. (Orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

RODRIGUES, N. **Os africanos no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1976.

SANTOS, M. J. A. **Ler e compreender a escrita na Idade Média**. Lisboa: Fernando Mão de Ferros, 2000.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do falar e história da linguística**. Tradução de Fernando Tarallo *et al.* Campinas: EDUNICAMP. (1993 [1983]).

\_\_\_\_\_. La construction des champs déictiques dans la sémi-oralité. *In: Diachronie et variation linguistique. La deixis temporelle, spatiale et personnelle*. Ed. Rika Van Deyck. Communication & Cognition, 1995.

SCHWARCZ, L. M. **Retrato em Branco e Negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCISÍNIO, A. E. **Dicionário da Escravidão**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1997.

SEIXAS, V. C. **A negação sentencial em textos dos séculos XVIII e XIX: estrutura inovadora em foco**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2013.

SETTE, M. **Arruar: história pitoresca do Recife Antigo**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1976.

SILVA, A. C. **Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Ed. UFRJ, 2003.

SILVA, A. M. **Diccionario da Lingua Portugueza**. 7. ed. Tomo I. Lisboa: Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves, 1877.

SILVA, R. S. **Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa**. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, W. B. Entre sobrados e mocambos: fuga de escravos e ação policial no Recife oitocentista (1840-1850). *In: CABRAL, F. J. G.; COSTA, R. (Orgs.) História da escravidão em Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

SILVA, X. S. **O gênero textual cartão postal publicitário: um estudo da transmutação Genérica**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Centro de Arte e Comunicação. Pós-graduação em Letras. Recife: UFPE, 2011.

SIMÕES, J. S. **Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo: USP, 2007.

STOLL, E. Competencia escrita de impronta oral em la crónica soldadesca de Pedro Pizarro. In: KOTSCHI, T.; OESTERREICHER, W.; ZIMMERMANN, K. (eds.). **El español hablado y la cultura oral em España e Hispanoamérica**. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1996.

SUASSUNA, A. **Rosa e Bial**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz23039907.htm>>. Acesso em: <<04/10/14>> às 20h13.

SWALES, J. M. **Genre Analysis. English in Academic and Research Settings**. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

TAUNAY, A. E. **Subsídios para a história do tráfico africano no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

TEYSSIER, P.; tradução Celso Cunha. **História da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TORAL, M. P. **Marcas de cohesión textual en documentos notariales del medievo asturiano**. Archivum: Revista de la Facultad de Filología, Tomo 63, 2013. p. 245-274.

TORRES MORAIS, M. A. C. R. Rastreando aspectos gramaticais e sócio-históricos do português brasileiro em anúncios de jornais do século XIX. In.: ALKMIM, T. M. (org.). **Para a história do português brasileiro**. Volume III: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1991.

TRAVASSOS, T. **A transformação histórica do gênero capa de jornal**. Tese de Doutorado. Centro de Arte e Comunicação. Pós-graduação em Letras. Recife: UFPE, 2010.

VAINSENER, S. A. **Lampião** (Virgulino Ferreira da Silva). Pesquisa Escolar Online. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2003. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: <<02/07/14>> às 19h20.

VILANOVA, J. B. **Aspectos estilísticos da língua portuguesa**. Condensada e simplificada por Antônio Fernando Viana. Recife: A. F. Viana, 2001.

VIZEU, A.; MAZZAROLO, J. **Telejornalismo: onde está o lead?** In: Revista FAMECOS: mídia, Cultura e tecnologia. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. Nº 1 (set. 1994). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p. 57 a 63.

WERLICH, E. **Typologie der Texte**. 2. Ed. Heidelberg, Quelle & Meyer, 1973.

ZAVAM, A. S. **Por uma abordagem Diacrônica dos Gêneros do Discurso: o conceito de Tradição discursiva e sua aplicação em um estudo sobre editoriais de jornais**. Tese de Doutorado em Linguística. Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC. Fortaleza, 2009. 418 p.

Site: <<<http://www.dpnet.com.br/cedoc/historia.shtml>>>. Acesso em: << 20/08/13>>; às 21h08.

Site: <<[http://nordestinoz.blogspot.com.br/2011\\_06\\_01\\_archive.html](http://nordestinoz.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html)>> Acesso em 02/07/2014, às 18h48.

Site: <<<http://www.nashville.gov/Police-Department/Get-Involved/Wanted-Fugitives.aspx>>> Acesso em: 20/01/16.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1 - DESCRIÇÕES DO ESCRAVO NOS ANÚNCIOS DE FUGA

Referente	Ocorrências
Altura (21 ocorrências)	“boa altura”; “altura regular”; “altura ordinária”; “pouco mais de quatro palmos de altura”; “mãos pés e altura proporcionaes”; “altura e corpo regulares”; “altura e grossura regular”.
Boca (9 ocorrências)	“boca regular”; “boca abicudada”; “boca grande”; “ter um jeito na boca”; “faz certo geito na boca”.
Cabeça	“cicatriz na cabeça”; “gamela na cabeça”; “cabeça redonda; falta de cabellos na cabeça”; “cabeça meia calva”; “cabeça redonda”; “cabeça muito grande”; “cabeça e orelhas pequenas”; “na cabeça uma cicatriz”; “cabeça um pouco comprida”; “cabeça – pequena”; “orelha pequena e pegada á cabeça”; “com falta de cabellos no alto da cabeça”
Cabelo	“cabelos hum tanto vermelhos na frente”; “pouco cabelo na barba”; “cabelo bom e cacheado”; “cabelo caxiado”; “cabelos meio ruivos”; “que não tem cabelo”; “cabelos corridos”; “falta de cabellos na cabeça”; “cabello algum tanto pixaim”; “cabellos ralos”, “cabellos bastante pegado”; “cabellos amarelados”; “algumas falta de cabellos na cabeça”; “cabello sobre o grande”; “cabello roscado”; “cabello pintado de branco”; “cabello penteado”; “”; “cabellos pichaim”; “cabellos crespos”; “cabellos pretos”; “cabellos cortados”; “cabello aparado”; “cabellos caxiados”; “cabellos carapinhos”; “cabello sofrível”
Corpo	“altura e corpo regulares”; “grosso(a) do corpo”; “bem feito(a) de corpo”; “seco(a) do corpo”; “cheio(a) de corpo”; “bonito de cara, e de corpo”; “cheio(a) do corpo”; “refeita do corpo”; “reforçado do corpo”
Dentes	“dentes da frente meios curvados”; “dentes pouco limados”; “com falta de dentes”; “dentes tirado a ferro”; “dentes acangulados”; “dentes alvos”; “dentes pequenos”; “bonitos dentes”; “com falta de dentes na frente”; “falta de alguns dentes dos lados”; “tem falta de dentes na frente”; “dentes limados”; “dentes inteiros”; “dentes inteiros”; “dentes perfeitos’; “bons dentes”; “todos os dentes”.
Forma de andar	“pilhada no andar”; “que para andar roça pela direita”; “andar natural’; “andar gingador”; “andar de quebra-mangue”.
Formas de falar	“falar amarinheirado”; “parece crioula no falar”; “fala fanhosa”
Olhos	“olhos grandes”; “olhos afumados”; “olhos grandes”; “olhos vermelhos”; “olhos meio vesgos”; “olhos ditos”; “olhos pequenos”; “olhos grandes e abugalhados”; “olhos muito vivos”; “olhos meios gazios”; “olhos apertados”; “olhos pretos e grandes; olhos pegados”; “olhos pretos com olhar mortecido”.
Mãos	“mãos pés e altura proporcionaes”; nas juntas dos pés , e mãos muitas marcas de sarnas; mãos pequenas; dedos das mãos e pez cumpridos; “dous dedos de menos no pé esquerdo, e o mínimo de uma das mãos cortado pela segunda junta”; mãos grosseiras e não abre os dedos perfeitamente; os dedos das mãos calejados; dedos das mãos curtos; dedos das mãos fevereiros; mãos e pés grandes;
Nariz	tem sobre o nariz uma serrinha; nariz afilado; nariz chato; nariz regaçado; cara e nariz regulares; nariz pequeno e grosso; nariz afilado; pés e nariz grandes

Ofícios	“ofício de canoeiro e caiador”; “ofício de Padeiro”; “ofício de carreiro”; officio de pedreiro; “trabalhando pelo officio”.
Rosto (cara)	cara cheia; bonito de cara; cara redonda; cara com marcas de bixigas; cara redonda; bem talhado da cara; cara pequena; cara bem bexigosa, cara e nariz regulares; cara enrugada; cara comprida; cara abocetada; feio de cara;
Pés	“mãos pés e altura proporcionaes”; “pes pesquenos e voltados para dentro”; “nas juntas dos pés , e mãos muitas marcas de sarnas”; “pés grandes”; “pés pequenos e secos”; “pés grandes, e mal feitos”; “pés apalhetados”; “cambado dos pés”; “pés para dentro”; “pés apaeitados”; “pés regulares”; “mal feito de pés e pernas”; “pés curtos e grossos”; “sêca de pés”; “pés grossos e ásperos e com algumas cicatrizes de enfermidades”; “pés grossos e mal feitos”; “com os dois pés calçados”; “pés bem feitos”; “pés apalhetados”; “tem todos os dedeos nas maos e pés”; “pés compridos e seccos”; “pés tortos para dentro”; “pés enchados”.

## APÊNDICE 2

### PALAVRAS DE ORIGEM LATINA E GREGA NOS ANÚNCIOS DE FUGA DE ESCRAVOS (SÉCULO XIX)

PALAVRAS DE ORIGEM LATINA E GREGA NOS ANÚNCIOS	
TERMO	DEFINIÇÕES
<b>Afflictos</b>	Aflito [Do latim. <i>afflictus</i> ] Adj. 1. Cheio de aflição; atormentado, agoniado. 2. Preocupado, inquieto, angustiado.
<b>Affogados</b>	Part. de afogar. Afogar [do latim <i>offocare</i> , com troca de prefixo]. 1. Privar de respiração por asfixia; asfixiar, sufocar; 2. Privar de respiração por estrangulamento, sufocar, asfixiar. 3. Privar de respiração, ou matar por submersão.
<b>Annos</b>	[Do latim <i>annus</i> ] 1. Ast. Intervalo de tempo correspondente a uma revolução da terra em torno do sol. 4. Ano de idade, existência.
<b>Annunciante</b>	[Do latim <i>annuntiate</i> ]: quem anuncia, anunciador.
<b>Apprehender</b>	Apreender [Do latim <i>apprehendere</i> ] 1. Apropriar-se judicialmente de. 2. Segurar, pegar, agarrar, prender. 3. Assimilar mentalmente; entender, compreender.
<b>Assinado</b>	Assinado é participio de assinar [Do latim <i>assignare</i> ]: firmar com seu nome ou sinal.
<b>Asthma</b>	[Do grego <i>ásthma</i> ]: condições que se caracteriza por acessos recorrentes de dispneia paroxística, tosse e sensação de constrição, por efeito da contração espasmódica dos brônquios.
<b>Benedicta</b>	[Do latim <i>benedictus</i> ] Aquele(a) que é abençoado(a).
<b>Cabellos</b>	[Do latim <i>capillus</i> ] 1. Conjunto de pelos da cabeça humana.
<b>Captivo/captiva</b>	[Do latim <i>captivus</i> ] Adj. 1. Que não goza de liberdade, encarcerado, preso. 2. Diz-se do prisioneiro de guerra. 3. Forçado à escravidão. 4. Seduzido, atraído, dominado, sujeito. 5. Diz-se de bens hipotecados ou sobre os quais recai algum imposto.
<b>Cavallo</b>	[Do latim <i>caballus</i> ] S. m. 1. Zool. Animal mamífero, perissodáctilo, hipomorfo, gênero equus.
<b>Crioullo/crioulla</b>	[De cria (criar) + el. incerto (poss. *-oulo, *-oilo [Do lat. -olu] pelo moçárabe). 1. Diz-se de qualquer indivíduo negro. 2. Diz-se de indivíduo branco, nascido nas colônias europeias, particularmente na América. 3. Ant. Referente ao negro nascido no Brasil. 4. Referente ao negro nascido na

	América. 5. Ant. Referente ao negro nascido na casa de seu senhor. 5. Ant. Referente àquele que nasce de pais de raças diferentes.
<b>Districto</b>	[Do latim medieval <i>districtu</i> ] 1. Divisão administrativa de município ou cidade, compreendendo ger. mais de um bairro.
<b>Effectuar</b>	[Do latim medieval <i>effectuare</i> ]: levar a efeito, realizar, cumprir, executar.
<b>Elle/ ella</b>	[Do latim <i>ille</i> ] pron. Pess. 1. Designa a 3ª pessoa do marc. ou fem. singular.
<b>Escritorio</b>	[Do latim <i>scriptoriu</i> ] s.m. compartimento de uma casa destinado à leitura e à escrita, ao trabalho intelectual; gabinete. 2. V. escrivantina 3. Lugar onde se faz o expediente relativo a qualquer administração, obra etc. se tratam negócio, se recebem clientes.
<b>Fulla</b>	[Dev. De <i>*fular</i> < lat. vulg. <i>*fullare</i> , 'calcar'] 1. Etnônimo. Indivíduo dos fulas, povo majoritariamente muçulmano que se estende, na savana sudanesa, desde o Senegal até ao N. dos Camarões (África); fulo, feleta. <b>S. m.</b> * Gloss. A língua desse povo. Adj. 2 g. 3. Relativo ou pertencente aos fulas, fulo [Var., nessas acepções: fulá, fulani, fulâni]. 4. Bras. Angol. Diz-se, hoje, do mestiço de negro e mulato; pardo, fulo.
<b>Magdalena</b>	[Do latim <i>Magdalena</i> ] Forma latinizada do top. <i>La Madeleine</i> (Dordonha, França), onde foram descobertos, pela primeira vez restos arqueológicos pertinentes ao período paleolítico superior.
<b>Mattos</b>	Mata [Do latim tardio <i>matta</i> 'esteira de junco'] 1. Terreno onde medram árvores silvestres; floresta, charneca, selva, bosque, mato, floresta.
<b>Occupava</b>	Ocupar [Do latim <i>occupare</i> ] 1. Estar ou ficar na posse de; exercer. 2. Tomar posse de; conquistar o direito de; 3. Invadir, conquistar.
<b>Officio</b>	[Do latim <i>officiu</i> , 'dever'] 1. Ocupaçãp (1) manual ou mecânica a qual supõe certo grau de habilidade e que é útil ou necessário à sociedade.
<b>Sabbado</b>	[Do hebr. <i>shabbath</i> , pelo latim <i>sabbatu</i> ] 1. O sétimo dia da semana começada no domingo.
<b>Signaes</b>	Sinal vem do latim vulgar <i>signale</i> : aquilo que serve de advertência, ou possibilita conhecer, reconhecer ou prever alguma coisa.

Referências do Dicionário AURÉLIO (2010).

### APÊNDICE 3

#### CAMPO SEMÂNTICO RELACIONADO AO NEGRO NOS ANÚNCIOS DE FUGA DE ESCRAVOS (SÉCULO XIX)

CAMPO SEMÂNTICO RELACIONADO AO NEGRO	
TERMO	DEFINIÇÕES
Acaboclado	[de a + caboclo + ado]. Adj. Bras. Que tem o aspecto de caboclo. Vem de caboclo (Do tupi). S.m. Bras. Mestiço de branco com índio; cariboca, carijó. Antiga denominação do indígena. Caboclo, de cor acobreada e cabelos lisos.
Cativo	[Do latim <i>captivus</i> ] Adj. 1. Que não goza de liberdade, encarcerado, preso. 2. Diz-se do prisioneiro de guerra. 3. Forçado à escravidão. 4. Seduzido, atraído, dominado, sujeito. 5. Diz-se de bens hipotecados ou sobre os quais recai algum imposto.
Escravo	[Do lat. med. <i>sclavu</i> ] Adj. Que está sujeito a um senhor, com propriedade dele. Que está inteiramente sujeito a outrem, ou a alguma coisa.
Mestiço	[Do lat. tard. <i>Mixticiu</i> , de <i>mixtus</i> , misto, part. pass. de <i>miscere</i> , misturar, mesclar]. Adj. Descendente de indivíduos de etnias diferentes. Proveniente de raças diferentes.
Molato	[Do esp. <i>mulato</i> < esp. <i>mulo</i> , por ser mestiço o mulato.] S.m. Filho de pai branco e mãe preta, ou vice-versa; cabrocha, pardo. Homem escuro, trigueiro. Adj. Diz-se de indivíduos mulato, pardo.
Negro	[Do lat. <i>nigru</i> .] Adj. De cor preta. Diz-se dessa cor; preto. Diz-se de indivíduo de etnia, ou raça negra. Sujo, encardido, preto.
Pardo	[Do lat. <i>pardus</i> ] por considerar que <i>pardus</i> era um adj. Referente às manchas escura que distinguiriam o leopardo do leão. De cor entre o branco e o preto, quase escuro. De um branco sujo, duvidoso.
Preto	[Do lat. <i>pretu</i> ] Que tem a mais sombria de todas as cores; da cor do ébano, do carvão.

Referências do Dicionário AURÉLIO (2010).

**ANEXOS**  
**ANEXO 1 – ANÚNCIOS DE ESCRAVOS**

<b>TRANSCRIÇÃO DE DOCUMENTOS</b> <b>Fundação Joaquim Nabuco/ Arquivo Público Jordão Emereciano (PE)</b>			
<b>ANO</b>	<b>TIPO</b>	<b>Nº</b>	<b>ANÚNCIO</b>
<b>1825</b>	<b>FUGA</b>	<b>1</b>	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco 7 de novembro e 311 dias do anno de 1825.</b></p> <p>No dia 1º do corrente na Praça Grãde desta Cidade sonegaraõ hum Menino pardo de nome Leonardo, filho de Marcelino dos Santos de Oliveira morador em terras do Monteiro cujos signaes são : ter uma cicatriz na cabeça procedida de huma queimadura, e o dedo mínimo da mão direita de menos ; quem o descobrir dando parte no Engenho Monteiro ou annunciando-se por este Diario terá grandes Alviçaras.</p>
		<b>2</b>	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, 24 de dezembro e 358 dias do anno de 1825. FUGIDAS DE ESCRAVOS</b></p> <p>No dia 9 do corrente desapareceo huma negrinha de 10 a 11 annos de idade , de nome Barbara, crioula , e com os signaes seguintes: muito preta, olhos grandes, e nas juntas dos pés , e mãos muitas marcas de sarnas, quem a apreender, ou souber quem a tem, dirija-se a caza de José de Souza Mattos no Pateo de S. Jose n. 662, que receberá generosamente alviçaras.</p>
		<b>3</b>	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco 24 de dezembro e 358 dias do anno de 1825. FUGIDAS DE ESCRAVOS</b></p> <p>No dia 22 do corrente fugio de caza de seo Senhor morador na Rua do Vigario n. 26 huma escrava por nome Manoella, criôula de estatura mediocre, e grossa do corpo ; quem a pegar leve a mesma caza, que lá receberá a paga de seu trabalho.</p>
<b>1826</b>	<b>FUGA</b>	<b>4</b>	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco 26 de agosto e 237 dias do anno de 1826. FUGIDAS DE ESCRAVOS</b></p> <p>Em hum dia da Semana passada fugio hum escravo por nome Antonio de Nação Quiçamá bem feito de corpo e bem barbado fulo com calça de brim e jaqueta de xita chapéo de palha pintado de tinta branca e de boa altura com o officio de Padeiro qualquer pessoa o poderá pegar e leva-lo em caza de seu Sr. na Sinco Pontas no sobrado que tem por baixa huma padaria n. 20 que se lhe pagará bem o seu trabalho.</p>
<b>1827</b>	<b>FUGA</b>	<b>5</b>	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta Feira 7 de Fevereiro do anno de 1827. FUGIDAS DE ESCRAVOS</b></p> <p>Qualquer Capitão de Campo, que achar hum negro por nome Joze, Nação Cabundà com os signaes seguintes, gordo, sem barba, ladino, tem o pé direito enxado, levou vestido calça comprida de brim, e camiza do mesmo, suspensorios de coiro, anda fugido desde o dia 24 de Dezembro do anno passado quem o pegar e levar a seu Sr. que he Miguel Joze Ribeiro, morador na rua do Queimado, caza N. 31, será pago do seo trabalho.</p>
			<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta Feira 8 de Fevereiro do anno de 1827.</b></p>

		6	<p><b>FUGIDAS DE ESCRAVOS</b></p> <p>A 14 do passado fugio do Engenho Jurissaca, hum escravo de nome Barnabe ou Bernardo, de idade de 23 ou 24 annos, de estatura ordinária, cara cheia, naris chato e grosso, e os pés grandes ; o Capitão de Campo que o pegar, dará parte na loja de Relojeiro, em o sobrado de hum andar na rua Nova de frente da Conceição.</p>
		7	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta Feira 15 de Fevereiro do anno de 1827. FUGIDAS DE ESCRAVOS</b></p> <p>No dia 13 do corrente, fugio huma negra por nome Graça Nação Congo, a qual vendia fazendas em huma caixa pintada de azul claro, e andava com huma negra da costa vendendo ; a dita negra tem os sinais seguintes, he desdentada na frente, he alguma couza fula, tem os dedos dos pez muito separados huns dos outros, levou pano preto fino, saia de lira preta, e muito mais roupas, há noticia que ella fugio com hum negro por nome João Nação de Angola, o qual tem a testa grande, suíças bem puxadas a frente, de boa estatura, e tem hum lobinho pequeno sobre o dedo do pé graude, e que ambos forão para o Sertão. Qualquer pessoa que os pegar poderá entregar nas cinco pontas caza n.º 129, que será bem recompensado.</p>
1827	ACHADO	1	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta Feira 11 de Abril de 1827.</b></p> <p>No dia 1º do corrente appareceu no Canavial de hum Citio no Bairro do Affogado hum preto novo, e bastante bruto quem for seo Senhor dirija-se ao muro da Penha caza N. 8 que dando os sinaes certos lhe será entregue.</p>
	VENDA	1	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 23 de Abril de 1827.</b></p> <p>Quem quizer comprar hum escravo de nação Cabinda e bom cozinheiro ; para fora da terra dirija-se a rua do Vigario venda N. 33, para tractar de seu ajuste; pois se vende por preço comodo.</p>
	ALUGUEL	1	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 23 de Abril de 1827.</b></p> <p>Quem tiver escravos, e os queira alugar para o mato obrigando-se quem os quer alugar a mantelos no tempo que os conservar, procure na rua atraz da matriz so Sacramento caza D. 6 que achará com quem tratar.</p>
	FUGA	8	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 30 de Junho de 1827. FUGIDAS DE ESCRAVOS</b></p> <p>No dia 15 do corrente Junho fugio huma crioula de nome Francisca com os signaes seguintes he alguma coiza fula esta ainda com algumas pintas pretas de bexigas que texe, seca do corpo levou vestido de chita roxa, pano preto e huns solitários de pedras brancas nas orelhas, qualquer pessoa que della tiver noticia e a levar a se o Sr. no citio que faz quina para o Arraial e ponte de Uxôa na Cruz d'Almas será recompensado do seu trabalho.</p>
1828	FUGA	9	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco 25 de agosto de 1828. FUGIDAS DE ESCRAVOS</b></p> <p>No dia 9 do corrente mez auzentou-se da caza do Doutor Francisco Xavier Pereira de Brito hum molato oficial de sapateiro por nome Domingos com idade de 16 annos cheio de corpo feições groceiras o qual foi vendido por Joze da Silva Monteiro morador na villa de Goianna qualque pessoa que tiver</p>

			noticia do dito mulato ou conduzi-lo ao Aterro da Boa vista será recompensado com a quantia de 12\$800 rs.
		<b>10</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco 25 de agosto de 1828.</b> Qualquer Capitão de Campo poderá pegar o preto chamado Bendito nação Gabão, ou ainda qualquer outra pessoa, cujo escravo he baixo e seco do corpo barbado, e tem suíças bonito de cara, e de corpo, e anda vestido de liforme branco com chapeo de copa de palinha, o levarão a caza de seu Sr., que mora no principio da rua d'Ortas vindo do Carmo no 1.º sobrado do lado direito que será pago do seu trabalho.
	<b>FUGA</b>	<b>11</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 14 de Fevereiro de 1829.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b> No dia 10 do corrente desapareceo huma escrava por nome Luzia, de nação Songa, idade 15 annos com os signaes seguintes, levou vestido de chita azul : os aprehendedores a poderaõ pegar e leval-a a sua Senhora, Joanna de Paiva, moradora na Solidade.
<b>1829</b>	<b>FUGA</b>	<b>12</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta Feira 10 de abril de 1829.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b> Ao amanhecer do dia Quarta Feira 8 do corrente mez fugiraõ do Engenho São Bartholomeo Freguezia de Moribeca 6 negros novos de boa estatura, levarão vestido camizas, e siroulas de algodão, chapeos de palha, e baetas encarnadas, quem os apreender, ou delles tiver noticia será generosamente pago levando-os a seu Sr. no dito Engenho, que he Antonio Luiz Bernardo da Silva.
	<b>FUGA</b>	<b>13</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 2 de junho de 1829.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b> - Huma molata com uma cria, baixa e groça, peitos meios caídos, cabelo algum tanto pixaim, e cara redonda, fugida no dia 4 do p. p. levando hum vestido azul, e bacia encarnada : os aprehendedores levem-a a Solidade defronte da Igreja caza pintada de verde onde mora seu Senhor que he Antonio Joze da Costa Val.
	<b>FUGA</b>	<b>14</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 2 de junho de 1829.</b> - Izidoro, nação Angola, idade pouco mais ou menos de 18 a 20 annos, nação Angola, estatura ordinária, cheio do corpo, com os dentes da frente meios curvados, cor fula, pernas finas, pez grandes, ainda meio buçal, cabelos hum tanto vermelhos na frente : fugido no dia 26 de Fevereiro de 1829 : os aprehendedores levem-o no Engenho Jaguaribe a seu Sr. Joze Theodoro de Moraes Lins, ou nesta Praça no forte do mato no beco do Padre Alexandre cara N.º 214.
	<b>FUGA</b>	<b>15</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 2 de junho de 1829.</b> -Matheus, nação Camundongo, estatura regular, cor preta cara com marcas de bixigas, olhos afumados, o qual foi captivo de Mathias Joze Ferreira o Senhor do Engenho Lagoa do Carro, e hoje Retiro ; fugido no dia 23 de Setembro de 1828 : os aprehendedores levem-o a rua da Cruz segundo andar da caza N.º 52 a Manoel Joze Duarte. O mesmo protesta usar dos

			meios marcados na ley contra qualquer pessoa que o tiver occulto pois ja foi anunciado no Diario de 7 de Agosto de 1828.
	FUGA	16	<b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 4 de agosto de 1829. ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Sezilia de idade 12 a 13 annos, pouco mais ou menos com os signaes seguintes em huma fonte huma queimadura, fugida no dia 29 do p.p. com vestido de riscado azul ja roto, com humas misangas amarellas no pescoço, com hum solitário em huma orelha e na outra numa linha : os aprendedores levem-o a rua do colejo por sima do Botequim.
1830	FUGA	17	<b>(AK) Diario de Pernambuco 15 de Janeiro de 1830. ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Iria, mulata, cabello corrido, acabôcolada, seca do corpo, e levou hum vestido de paninho, e xales de gazemira, encarnado, auzentou-se a 11 do corrente de hum sitio junto a S. Gonçallo; os apprehendedores levem a rua da Conceição da Ponte N.º 27, que serão bem recompensados, assim como quem a tiver em seu poder haja de denuncia-la.
		18	<b>(AK) Diario de Pernambuco 4 Fevereiro de 1830. ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Hum muleque da Costa, idade 16 annos, seco do corpo, canellas finas, hum talho na testa em dereitura do nariz decima para baixo signal de sua nação, os tornozelos dos pes grossos, hum calcanhar cambado de bixos, huma unha na mão cheio que direita defeituosa, nas coixas das pernas huma queimadura que foi deferida de fogo, levou vestido calsa de brim nova, camiza de algodãozinho, e julga-se andar no Engenho Gararapes, ou no engenho Novo de S. Bartholomeo; os apprehendedores levem no Convento de S. Francisco do Recife, a Marcelino da Costa, que seraõ recompensados.
		19	<b>(AK) Diario de Pernambuco 4 Fevereiro de 1830. ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Catharina, nação Angolla, idade 16 a 18 annos, parece Crioulla por ter vindo muito criança, e tem no braço direito a marca da letra 8, levou saia de xita verde, e baêta da mesma côr ; os apprehendedores levem a rua das Cruzes, em caza de Josefa Thereza de Jesus, defronte do escrivão Bandeira, que receberão a paga de seo trabalho.
		20	<b>(AK) Diario de Pernambuco 4 Fevereiro de 1830. ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Rafael, ainda novo, nação Songo, bastante alto, bem parecido, idade de 20, a 22 annos, com marcas de sarnas no peito e nas orelhas, levou vestido calsa de algodão branco ja rota, camiza de algodão branco ja rota, camiza de algodão azul, baêta encarnada, e auzentou-se no dia 30 p.p.; os apprehendedores levem ao penultimo sobrado na rua da Aurora que serão bem recompensados.
1831	FUGA	21	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 3 de Fevereiro de 1831. ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Tendo muitas veses fugido, ultimamente fugiu no dia 29 de Janeiro p.p de casa de Bento Joaquim de Miranda Henriques um seo escravo pardo de nome Romão, que terá vinte e tantos a trinta anos, anda calçado, com uma

			cicatriz em uma das fontes, quando anda fora de casa intitula-se forro, e chega-se muito às vendas e patuscadas de bebados: por tanto qualquer Capitão de campo, ou pessoa, que apanhal-o, e entregar a seu senhor, será recompensado.
		<b>22</b>	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 28 de Março de 1831.</b> “José, da Costa, bolieiro, alto, magro, desdentado, fugido , desde as Oitavas do Espírito Santo, do anno passado, esteve acoutado nas matas do sítio do Cordeiro protegido pelos escravos do mesmo sítio, donde foi para Catucá; dahi voltou a esta cidade, onde foi visto em brinquedos de estrudo, na praça da Boa-vista vendendo capim, no pelourinho no serviço das caixas, e ultimamente no aterro dos Afogados calças e camisa grossas, suja no hombro de sangue e com uma gamela na cabeça, o que indica estar servindo no açougue: em casa do Cirurgião Peixoto, na rua da Laranjeira D. 9, que recompensará bem”.
<b>1832</b>	<b>FUGA</b>		<b>(AK) Diario de Pernambuco 31 de Janeiro de 1832.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b>
		<b>23</b>	Silvestre nação camondongo, estatura regular, meio seco do corpo, molecote, sem barba, representa ter 17, a 18 annos, bonita figura, bem feito do corpo, com 3 a 4 talhos ao pé do caxaço, e seis no fio do lombo trez de cada banda, e todos eles d’um tamanho, cor acastanhada; fugido a 23 dias com camisa de estopa, e calça de ganga amarela; em Olinda bica de S. Pedro n. 5.
		<b>24</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 9 de Junho de 1832.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b> Jorge, nação Moçambique, 14 a 16 annos, tem sobre o nariz uma serrinha, marca de sua nação ; grosso do corpo, cor fulla, cara redonda, olhos grandes, muito ladino e esperto ; anda vestido de calça curta de estopa e camiza de algodão ; anda vendendo com um grande tableito em que traz alem de outras miudezas tamancos, e quartinhas da Bahia : a Ponte de Uxoá no sitio da D. Anna.
		<b>25</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 9 de Junho de 1832.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b> Roza, nação rebolo, 27 annos, boa estatura, alguma couza selada, pés pequenos e secos, um dente de menos adiante da parte de cima, vários talhos miúdos no alto da teste, que he marca de sua nação, mãos pequenas, com os dedos alguma couza carangueijados, fugida a 28 de Maio, com saia de pano da Costa azul listrado de brãco ja uzado e curto, por não se seo proprio, cabeção de madapolão : a rua Direita caza de Manoel Ferreira dos Santos com loja de ourives defronte do sobrado em que mora o senhor Villela Tavares, ou na Povoação da Varzea a seo Senhor Joze Sotero de Andrade.
		<b>26</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 9 de Junho de 1832.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b> Anna, e Francisco, ambos de Angola sendo o negro solteiro, mosso, alto, seco do corpo, bem preto, olhos vermelhos, rosto descarnado, e pernas finas, he carreiro, e taxeiro ; e a escrava, moça, baixa, rosto lisa, pés pequenos, dedos rombudos, alguma couza pilhada no andar, os quaes andão intitulados de cazados : ao engenho Aguiar da Villa de Iguaraçú a seo Senhor

			Pedro Joze Rodrigues rendeiro do mesmo engenho.
		<b>27</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta Feira 27 de Junho de 1833. ESCRAVOS FUGIDOS</b> Joaquim, nação da costa, bem talhado da cara, alto, olhos meio vesgos, e pequenos, pernas feias e lizas, os pés grandes, e mal feitos, com marcas de feridas velhas, e côr bem preta ; e Roza de nação Angola, alta, queixo fino, e comprido, pescoço curto, côr fulla, dentes pouco limados, peitos muito pequenos, estomago metido para dentro, pés um pouco apalhetados: ambos fugidos no mez de Fevereiro de 1831, e consta que esses escravos andão a titulo de forros vendendo miudezas : á Francisco da Rocha Wanderley no Rio Formozo, que a gratificará com quarenta mil reis.
1833	AVISO	<b>1</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco 12 de Abril de 1833. AVIZOS PARTICULARES</b> Maria dos Passos Martins faz sciente ao publico em como hipotecou um preta por nome Maria do Carmo escrava de Maria dos Praseres de Siqueira, e ninguem poderá faser negocio algum sobre ella.
	FUGA	<b>28</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta Feira 27 de Junho de 1833. ESCRAVOS FUGIDOS</b> Joaquim nação Calabar, 18 a 20 annos, escravo dos Africanos arrematados em praça ; fugido no dia 24 do corrente ; com sirôla de algodão, e camisa do mesmo ; pernas finas, cambado dos pés, olhos grandes, e nariz afilado : á Olaria da Flosentina, que será gratificada.
		<b>29</b>	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 10 de Fevereiro de 1834. ESCRAVOS FUGIDOS</b> Carolina, criôla, refeita do corpo, altura regular, 16 annos; levou vestido novo de chila azul de xadrés, e um velho de chilla encarnada, pano da Costa velho, umas argolas de pedra nas orelhas, e anda com um balaio para disfarce: ao porto das canoas caza nova do Mesquita.
1834	FUGA	<b>30</b>	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 12 de Maio de 1834.</b> Maria da Penha, estatura mediana, cheia do corpo, olhos afumacados, uma fistula no rosto, mete os pés para dentro quando anda; fugida do Engenho poço-redondo no dia 29 de Março p.p. , e consta andar nesta praça como ganhadeira: os aprehendedores dirijão-se ao aterro da Boa-vista casa de João Vieira de Araújo, á rua do Cotovelo D. 30, ou ao dito Engenho.
		<b>31</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sexta Feira 9 de Janeiro de 1835. ESCRAVOS FUGIDOS</b> No dia 5 do corrente fugiu ao Padre João Barboza Cordeiro um escravo de nome Pedro, nação Mossambique, alto, moço, e bem apessoado : levou calça e camisa de estopa : quem o pegar tenha a bondade de o levar a seu senhor, que será gratificado.

	<b>ACHADO</b>	<b>2</b>	<b>AVISOS PARTICULARES</b> <p>“O abaixo assinado aviza ao Snr. João Marques da Cruz Snr. Do Engenho Cana Vieira que em sua caza apareceu um negro que diz ser seu escravo, e chamar-se Eugênio procurando ao annunciante para comprar, e como já tem lhe dirigido duas cartas, e não tem tido resposta agora o faz pelo Diario afim do dito Snr. Ou vender o escravo, querendo, ou manda-lo buscar em quanto mesmo não faz alguma fuga pela qual não se responsabiliza o annunciante. <i>Antonio Rebello da Silva Pereira.</i>”</p>
<b>1835</b>	<b>FUGA</b>	<b>32</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 25 de Agosto de 1835. ESCRAVOS FUGIDOS</b> <p>Manoel, Angola, alto, com uma marca de antiga sicatriz sobre o canto do olho direito, pés pequenos, as juntas dos dedos grandes dos pés muito saídas e por isso os dedos grandes mais unidos aos outros, olhos avermelhados, e tem cravos no pé direito ; fugir a 21 de Agosto do corrente anno, e quem o pegar poderá leva-lo ao aterro da Boa-vista D. 9, que será recompensado do seo trabalho.</p>
		<b>33</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 25 de Agosto de 1835. ESCRAVOS FUGIDOS</b> <p>Antonio, com apelido do congregado, nação Congo, estatura baixa, corpo regular, uns caroços no rosto de um e outro lado, que representa barrugas, pouca barba, idade 30 e tantos annos, cujo escravo vendia pão diariamente, e fugio no dia 19 do corrente levando 7\$360 de pão, com camisa e siroula de algodãozinho, há alguma noticia que foi encontrado em certa parta com o Snr (....) que por modestia não se diz, e roga-se que por obzeqio o mande trazer por qualquer pessoa, ou quem o encontrar que será gratificado com 50\$ reis.</p>
		<b>34</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 11 de Julho de 1836.</b> <p>João crioulo, baixo, groço, de idade pouco mais ou meno, 20 annos, pez feios e perna esquerda torta, que para andar roça pela direita, e o faz com custo ; fugido do Engenho Cumba de baixo no dia de S. Pedro, e presume-se ter procurado e seguido uma das duas estradas do Recife, ou Goianna ; os aprehendedores levem-no ao mesmo Engenho, onde serão mui bem recompensados.</p>
<b>1836</b>	<b>FUGA</b>	<b>35</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta Feira 12 de outubro de 1836.</b> <p>No dia 7 do corrente desapareceu um moleque de nome Joaquim, nação Mossambique, de 16 annos, rosto redondo, alguma cousa fullo, cabellos ralos, dedos das mãos e pez cumpridos, grandes sicatrisee pelos costas de xicote, sahio com calsa azul velha, e camisa de xilla de quadros nova: os aprehendedores levem no ao aterro dos Afogados D. 27, que serão bem recompensados.</p>
		<b>36</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta Feira 12 de outubro de 1836.</b> <p>No dia 10 do corrente fugio do sitio de Antonio Jose da Costa Ribeiro huma cabra de nome Antonia com os signaes seguintes, baixa, e groça beiços groços, cabellos bastante pegado, peis pequenus e dedo curto, de idade de 25 annos [...] mais ou menos, levando vestido de riscado azul, do que roga se a todos Authoridades Policiaes do município ou onde for encontrada, que</p>

			fação prender, e remeter ao mesmo sitio em S. Amaro, que lá será bem recompensado.
		<b>37</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta Feira 12 de Janeiro de 1837. ESCRAVOS FUGIDOS</b> A 4 do corrente fugio uma negrinha de nação por nome Roza, 14 a 15 annos, baixo, corpo regular, nariz chato, pez e mãos pequenas, ar alegre, falla acelerada, anda ligeiro, há notícias que anda em companhia d e um preto forro vendendo miudezas pelas mattos, quem a apprehender e levar a loja da rua do Crespo D.12, ou no sitio em Santa Anna ao pé da Casa Forte contigua a venda do Nicoláo, terá de premio 100\$ reis.
<b>1837</b>	<b>FUGA</b>	<b>38</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 12 e Junho de 1837. ESCRAVOS FUGIDOS</b> No dia 3 de Abril desapareceu uma negra crioula de nome Jenuveva, cor fulla, estatura regular, testa pequena, cabeça redonda, tem uma marca nas costas, e peitos pequenos : os apprehendedores. Levem-a a rua da cadeia velha numero 53.
		<b>39</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 12 e Junho de 1837. ESCRAVOS FUGIDOS</b> Manoel, nação Angola, altura ordinária, cor fulla, com falta de dentes, nariz regaçado, pés apaeitados, e discaderado, algum coisa idoso, desapareceu do sítio do Araial no dia 6 de maio de 1836 qualquer pessoa que entregar na quina da pracinha do Livramento ao abaixo assignado, tera' a quantia de 200\$ reis – João Carlos Pereira de Burgos Ponce de Lião.
		<b>40</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 17 de Agosto de 1839. ESCRAVOS FUGIDOS</b> No dia sabbado 10 do corrente fugiu uma mulata de mediana estatura, alguma coisa secca do corpo e cabellos amarelados, com umas marcas de fogo desde as apás até o meio do corpo, de idade pouco mais ou menos de 17 annos : roga-se a quem souber della a dar noticia ou entregar na loja de Didier Robert & C. rua Nova.
<b>1839</b>	<b>FUGA</b>	<b>41</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco 10 de Outubro de 1839. ESCRAVOS FUGIDOS</b> No dia primeiro do corrente dasapareceu uma negrinha de nome Domingas, de idade de 20 annos, levou vestido de chita verde, e camisa de algodãozinho e saia de sarja preta, nas orelhas argolas de ouro redondas, e lisas, no pescoço uma miçangas. e uma figa , de estatura regular, cheia do corpo , e ainda não falla bem a lingoa do paiz e também levou panno da costa ; quem a pegar leve a rua da roda D.8 que receberá dez mil réis de gratificação ; outro sim supõe se que ella foi seduzida, e no caso que se entre no verdadeiro conhecimento, se protesta proceder criminalmente contra quem a tiver occulta.
		<b>42</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco 10 de Outubro de 1839. ESCRAVOS FUGIDOS</b> Fugio no dia 29 do p.p. uma negra de nome Izabel, alta, cheia do corpo, representa ter 40 annos de idade, com algumas falta de cabellos na cabeça,

			levou vestido de palmas roxas , uma saia de metim azul , e panno preto ., occupa-se em andar vendendo fazendas na rua, cuja negra he captiva do Capitão Leal , quem a pegar leve a casa do mesmo em fora de portas, ou na rua da cadeia loja de João Maria Seve.
		<b>43</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco 10 de Outubro de 1839.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b> No dia 5 do corrente fugio uma negra de nação Calabar , cara pequena , olhos ditos , baixa , com a cabeça meia calva, com marcas de quisila da sua terra , de idade de 40 a 50 annos, de nome Maria Cajoeira, levou vestido azul já roto , e panno da costa azul , levou com sigo uma bandeja com as armas do Império, foi escrava do mestre pedreiro João Francisco da Conceição; quem a pegar leve a rua da Moeda n. 151, que será recompensado.
		<b>44</b>	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 04 de Janeiro de 1840.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b> “Pelas nove horas do dia 3 do p.p. desapareceo uma escrava creola de nome Efigência de idade de 20 annos, alta, magra, um tanto fulla, rosto pequeno, e não mal parecido, beico debaixo grosso, tem uma costura ferida na junta do pe esquerdo do lado de fora, e levou vestido de chilla, e panno da costa já uzado, a qual escrava não querendo acompanhar a Senhora que tem de ir para o matto, sahio a mandado em dito dia, e recolhendo-se logo, trouxe uma tira de papel com o nome de José Joaquim Cavalcanti de Albuquerque, e disse que aquelle homem a queria comprar , era morador atraz da Matriz de S. Antônio; e que queria saber o preço o que se fez sentando-se por baixo do tal nome; e levando ella no mesmo instante não appareceo mais; quem a pegar leve a rua da Trempe na Boa Vista que será recompensado.”
1840	AVISO	<b>2</b>	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 02 de Janeiro de 1840.</b> <b>AVISOS DIVERSOS</b> “A quem faltar um preto buçal defeituozo de hum olho, entenda-se na fabrica de tabaco do aterro que se lhe dará noticias do dito preto.”
		<b>3</b>	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 03 de Janeiro de 1840.</b> “A quem faltar uma nega de nação, que não sabe dizer quem he seu Snr. dirija-se ao Caxangá em casa de Guilherme Ferreira de Amorim, ou no armazém de madeiras defronte do tanque d’agoa de Domingos José Rodrigues de Azevedo, que dando os signaes lhe será entregue.”
	FUGA	<b>45</b>	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 11 de Janeiro de 1840.</b> Da-se 50:000 de gratificação a quem apprehender um preto de nome Francisco [...]; fugio de bordo do Brigue Boa ventura, no dia [...] ou [...] do p.p., he trepador de coqueiro, e canoeiro, consta andar por alguns sítios a pedir trabalho; quem o pegar leve a seu Sr. José Gonçalves Ferreira Costa, na rua da Cruz.
		<b>46</b>	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 15 de Janeiro de 1840.</b> No dia 10 do corrente fugio um moleque de nome Antonio, de nação angola, de idade de 16 annos [...], he bastante ladino, falla mança [...], consta ter sido encontrado indo para Olinda aonde talvez esteja por ter ja la estado, fugido antes dos dias santos, aonde foi preso e metido na cadeia, tem ainda nas costas sicatriz de ter apanhado com chicote [...] pode ser que esteja por Beberibe ou agoa fria lugares aonde costuma ir quando andou ultimamente

			fugido; quem o pegar leve a rua da Cruz n. 44, que será recompensado.
		<b>47</b>	<p><b>(WB) Diario de Pernambuco, 30 de Março de 1840.</b></p> <p>O abaixo assinado faz publico a todas as pessoas desta Cidade, e fóra della, principalmente ás do seu conhecimento, que o seu escravo Antonio, o qual occupava no exercicio de caixeiro de cobranças, fugio no dia 28 do corrente Março pelas nove horas da manhã, levando algumas contas com recibo passado pelo seu caixeiro Manoel José do Nascimento e Silva, e isto depois de se ter dado por varios roubos, que acabava de fazer, e pôde ao descobridor delles evadir-se [...]; he muito conhecido nesta cidade pelo seu desembaraço, e por falar amarinheirado por já ter andado embarcado. Roga-se a qualquer pessoa a quem elle apresentar contas, não as pague, apesar do recibo, que delas consta; assim como que nada confiem delle, pois que toda a divida que contrahir he contra a vontade do annunciante, o qual roga a todas as authorities policiaes que o prendão, e o fação conduzir a caza do annunciante, na rua da Cadeia do Recife N. 12, que generosamente pagará as despesas.</p>
	<b>FUGA</b>	<b>48</b>	<p><b>(WB) Diario de Pernambuco, 14 de Abril de 1840.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>Fugirão no dia 5 do corrente do sitio da estancia, que foi do fallecido Manoel Anacleto, duas negras, e dous negros e uma cria de dous annos a saber; João Carreiro, casado com a preta Josefa, mãe da dita cria, e José Raimundo casado com a preta Maria, os quaes entrarão no arrendamento do mesmo sítio; quem os pegar leve ao dito sítio, que será gratificado.”</p>
	<b>ACHADO</b>	<b>3</b>	<p><b>(WB) Diario de Pernambuco, 14 de abril de 1840.</b> <b>AVISOS DIVERSOS</b></p> <p>Constando ao abaixo, que um dos Srs. Estudantes moradores em Olinda tem em sua companhia um seu escravo no serviço de cosinheiro, talvez supondo ser o mesmo escravo forro: vai por isso o abaixo assinado rogar ao mesmo Sr. Estudante o obsequio de o mandar prender, e remeter para o Recife a entregar-me na rua estreita do Rosario no terceiro andar do sobrado onde morão os Srs. Drs. Baptista e Moraes, que por esta me obrigo a pagar toda a despeza, ou dar parte ao Sub-Prefeito para este o mandar prender, e recolher a Cadeia de Olinda, e dar-me disso prontamente parte, cujp portador pagarei. O escravo tem os seguintes signaes – chama-se João, de nação Benguella, de boa figura, bem falante, com 22 annos de idade pouco mais ou menos [...]: e no caso de o querer comprar, nenhuma duvida se lhe põe em vender. Manoel Antônio de Almeida.</p>
	<b>FUGA</b>	<b>49</b>	<p><b>(WB) Diario de Pernambuco, 23 de Abril de 1840.</b></p> <p>“No dia 5 do corrente, fugio um negro por nome Diôgo, nação Calabar [...], mais de 50 annos [...]: este negro já foi vendedor de pão pelas partes do Rozarinho, Caza-forte, Poço, té Olinda [...]: este referido negro é muito regrista, e por isso roga-se a toda e qualquer pessoa, que o encontrar, o mandem pegar (não se fiando nas suas lábias) e o mandem entregar na rua dos quarteis, padaria D.5, onde será generosamente compensado do seu trabalho.”</p>
			<b>(WB) Diario de Pernambuco, 29 de Abril de 1840.</b>

		50	“No dia 12 de Agosto do p.p. fugio da fazenda Quixaba da Comarca da Boa vista, o escravo Silvestre, cabra, de idade de 30 annos [...]; foi encontrado e disse que hia assentar praça; quem o pegar leve a rua das Trincheiras sobrado n. 20 defronte da rua estreita do Rozario, que receberá 50,000 de gratificação.”
1841	FUGA		<b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta Feira 28 de Janeiro de 1841. ESCRAVOS FUGIDOS</b>
		51	No dia 26 do corrente fugio um negro de nome Miguel, de nação angola, estatura regular, cara redonda, pouco cabelo na barba, cabeça redonda, pouco cabelo na barba, cabeça redonda porem calombada para traz que muito se diferença, semblante feixado, e pouco risonho, pés regulares, e de presente está com um talho no calcanhar do pé direito, e quando anda por ser de costume a miudar os passos e manqueija um tanto da perna direita , levou vestido camisa de madapolão e calças de riscado azul, quem o pegar leve a rua das Cruzes N. 9.
			<b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta Feira 27 de Maio de 1841. ESCRAVOS FUGIDOS</b>
		52	Desapareceo da botica da rua direita D. 50 um moleque ainda buçal , de nome João, de idade 9 annos, de nação cabinda, cor bastante preta, olhos pequenos nariz chato, cambado dos pés, levou vestido calças de riscado rouxo e camisa do mesmo ; quem o pegar leve a dita botica que será gratificado.
			<b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta Feira 27 de maio de 1841. ESCRAVOS FUGIDOS</b>
		53	Fugio no dia 25 do corrente de lugar de fora de portas, um moleque de angola de pouco mais de quatro palmos de altura, de 8 para 9 annos, meio fulo, de nome José, o qual tem a cabeça muito grande, e as pernas finas; quem o pegar leve ao mesmo lugar casa de Pedro Francisco Ferreira do lado da maré grande, que gratificará.
			<b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta Feira 1 de Dezembro de 1841. ESCRAVOS FUGIDOS</b>
		54	A dous ou 3 mezes desapareceo do lugar da soledade, o pardo sapateiro de nome Damião, escravo da viuva de João Zarrich, de estatura regular, magro, representa ter 35 annos de idade, levou sua companhia uma parda de nome Anna da qual tem um ou dous filhos, desconfia-se que esteja nesta praça ou fora, a titulo de forro, por isso roga-se a qualquer pessoa que do dito souber o pegue e leve a sua Senhora na ultima casa da rua da Florentina do lado do norte que receberá 50.000 de gratificação.
			<b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta Feira 1 de Dezembro de 1841. ESCRAVOS FUGIDOS</b>
		55	No dia 20 de Fevereiro de 1835 fugio um escravo de nome Antonio, de nação Moçambique, baixo, grosso, com a marca - C – na fonte, fulo, olhos grandes, cara bem bexigosa, dous dentes tirado a ferro, mal feito de pés e pernas, bunda grande, de idade de 30 a 40 annos, pouca barba, a travessado da falla, canoeiro bem conhecido ; ha noticias que está no engenho jutara ou taboca; roga-se a todas as authoridades policiaes ou campanha de o pegar e levar no

			aterro dos affogados armazem de sal de Francisco Xavier das Chagas , que dará 50,000 de gratificação.
		56	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta Feira 1 de Dezembro de 1841. ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>Fugio no dia 20 do passado uma preta de nome Maria, pertencente ao sacerdote inglez morador na Magdalena, de idade de 35 annos, estatura regular, pés e mãos pequenas, tem uma sicatriz na face esquerda do tamanho do um vintem que lhe toma a face até abaixo, de cima do lado direito tem outra sicatriz grande nas costas abaixo dos hombros, levou vestido de chita azul e amarela, camisa de algodãozinho ; quem a pegar leve a rua da Cruz n. 43, casa de James Crabtree &amp; Companhia que será gratificado.</p>
1842	ACHADO	4	<p><b>(WB) Diario Novo, 01 de Agosto de 1842. AVISOS DIVERSOS</b></p> <p>-Faz-se publico que na Cadeia da Villa do Souza Provincia da Parahiba, existe prezo hum preto escravo de nome Manoel, que diz ser escravo de um Sr. Moraes, morador e com loja de ferragens nesta Cidade, cujo escravo segundo diz fora furtado, e ahi vendido, quem a elle se julgar com direito dirija-se à Pracinha do Livramento Loja D.26, que achará quem lhe esclareça melhor este negocio.</p>
	VENDA	2	<p><b>(WB) Diario Novo, 06 de agosto de 1842. VENDAS</b></p> <p>Uma escrava, de bonita figura de idade de 22 annos com um mez de parida, tem optimo leite, engomma, cozinha, lava e coze muito bem; uma dita com um filho de idade 2 annos com habilidades; uma dita idade 18 annos perita costureira; tres ditas idade 18 annos perita costureira; tres ditas sabendo fazer todo o serviço de uma casa; dois mulatos idade 20 a 22 annos, sendo optimo official de tanoeiro e bom pagem, cinco escravos pra todo o serviço idade 20 a 25 annos e não são viciosos. Na rua de Agoas Verdes D.38</p>
	FUGA	57	<p><b>(WB) Diario Novo, 08 de Agosto de 1842.</b></p> <p>-Roga-se aos Snrs. Delegados e Sub-Delegados desta e mais comarcas, Authoridades Policiaes, e pessoas particulares, a apreensão dos escravos abaixo declarados : - Francisco, nação rebolo, cujo escravo foi do fallecido Gervazio Pires Ferreira, apelida-se por Francisco de Véras, por ter sido escravo de um tal Véras, cujo escravo é official de pedreiro; e trabalhou muito tempo nas obras publicas, baixo, cabelo sobre o grande, olhos também grandes e abugalhados e afumaçados, nariz mais afilado que chato, boca regular, beiços grossos, peitos batidos, idade em que fugio de 22 a 23 annos, fugindo a 25 de Setembro de 1839. Valetim, nação Costa, com os signaes seguintes: côr preta, corpo secco, cabeça e orelhas pequenas, olhos grandes e abugalhados, e mais vesgos, nariz mais afilado que chato, boca abicudada, dentes acangulados, pescoço comprido, peito ovado, mãos pés e altura proporcionaes, pernas finas, idade em que fugio 16 a 17 annos tendo o seu começo a 10 de Abril de 1837, quem os apreender mande-os ou leve-os à rua de S. Gonçalo a entregar a Manoel Elias de Moura, que gratificará o primeiro com cincoenta mil reis, e o segundo com cem mil reis.</p>
			<b>(WB) Diario Novo, 09 de Setembro de 1842.</b>

		<p><b>58</b> -Dá-se 50\$000 rs. de gratificação a quem trazer um escravo creoulo por nome Fidelis, encorpado, retinto, e barbado, boa estatura, e vistoso. Veio do Maranhão há um anno, e fugio no dia 11 de Julho ultimo para as bandas do monteiro onde anda acoutado. Quem o apprehender levando-o a seu dono na rua do Vigario n. 16 receberá a dita recompensa.</p>
		<p><b>(WB) Diario Novo, 12 de Setembro de 1842.</b> <b>ES CRAVO FUGIDO</b></p> <p><b>59</b> -Na noute do dia 9 para 10 do corrente Setembro fugio do Engenho Meguahipe de Cima um preto escravo de nome Thomaz, <b>creoulo</b>, muito <b>ladino</b>, bastante alto, e grosso, feições regulares, tem os pés um pouco enchados, puxa de uma perna, e tem nas nedegas feridas ainda frescas de bacalhoadas; suppõe-se ter-se encaminhado para o norte; quem o apreender srá generosamente gratificado conduzindo-o ao dito Engenho, ou no Recife na Pracinha do Livramento D. 26.</p>
		<p><b>(WB) Diario Novo, 14 de Setembro de 1842.</b></p> <p><b>60</b> “- Fugio Sexta-feira 9 do corrente um escravo de nome Antonio, de nação Angola, idade 30 annos pouco mais ou menos, cheio do corpo, côr fula, baixo, pouca barba, foi em mangas de camisa sem chapeo, fala bem, e consta andar para a banda dos Affogados, em Bebibeira e Jiquiá, é carpinteiro e costumava andar vendendo na rua: quem o pegar leve-o a seu senhor Antonio Fernandes Velloso na rua Madre de Deos defronte da guarda que será generosamente recompensado.”</p>
		<p><b>(WB) Diario Novo, 19 de Setembro de 1842.</b></p> <p><b>61</b> “-No dia 29 de Julho fugio, tendo hido a Olinda, o escravo de nome Sebastião, de nação Cassange; o qual tem os signaes seguintes: estatura ordinaria, secco do corpo, côr bem preta, dentes alvos e pouca barba, tem um caroço que parece lobinho sobre o braço esquerdo, e tem uma das pernas cicatrisadas de sarnas, que teve; costuma embebedar-se: suppõe-se que esteja acoutado; ou que tenha sido furtado, que a qualquer das duas cousas não teria duvida entregar-se; portanto roga-se a quem o descobrir, que leve-o á rua do Jardim casa do mesmo nome, que será gratificado; e se pegarão todas as despesas, que se houverem feito para a sua captura.”</p>
		<p><b>(WB) Diario Novo, 30 de Setembro de 1842.</b></p> <p><b>62</b> “-Roga-se a todas as Authoridades Policiaes e Capitães de Campo a apprehensão de um molatinho de nome Jacob, que fugio no dia nove do corrente mez de Setembro, de idade de 13 a 14 annos pouco mais ou menos, com os signaes seguintes: côr natural, cabelo bom e cacheado, com um signal de uma ferida já sã na face do rosto, reforçado do corpo, e muito esperto, levou vestido calça de algodãosinho, entrançado de braguilha da moda, e camisa d’algodão; protesta-se contra quem o tiver occulto com todo o rigor das leis a 1000 rs. por dia: quem o pegar leve-o na rua do Fogo loja de alfaiate do Vicente Alves Ribeiro que será bem gratificado.”</p>
		<p><b>(WB) Diario Novo, 03 de Outubro de 1842.</b></p> <p><b>63</b> “-Na madrugada do dia 10 do corrente Setembro fugio da casa do abaixo assignado o africano Dameão, de nação Congo, ainda buçal, cara redonda, olhos grandes, sobrancelhas grossas, pouca barba, dous dedos de menos no pé esquerdo, e o mínimo de uma das mãos cortado pela segunda junta. Foi vestido com camisa de algodãosinho trançado e calça de serapilheira. Este</p>

			<p>preto é mais conhecido pelo nome de – Jacob –, e talvez que responda pelo de Bertoldo, pro ter sido o primeiro que se lhe deu logo que chegou na Costa d'África: sob o de Dameão porém é que forão arrematados os seus serviços. Os apprehensores dirijão-se à rua da Roda casa D. 16, 2. andar, que serão recompensados. –Luiz da Costa Portocarreiro.”</p>
		64	<p><b>(WB) Diario Novo, 10 de Outubro de 1842.</b> <b>ESCRAVO FUGIDO</b></p> <p>-Fugio no dia 3 do corrente do Engenho Larangeiras um preto conhecido pelo nome de Antonio pequeno, com officio de carreiro, nação Angola, bem <b>ladino</b> e regista, estatura baixa, bastante reforçado do corpo, bem barbado com suissas, tem falta de um dente na frente de cima, pes pesquenos e voltados para dentro, pernas arqueadas, tem nas fontes marcas por ter levado ventosas, levou ao pescoço uma corrente e uma pega no pé, porém se suppõe estar hoje sem os ferros porque quando fugio levou uma lima, e um martello: quem o apprehender leve ao Pedro Velho de Mello, no mesmo Engenho, ou a seu filho João Evangelista de Mello em a rua da Praia no armazem das casas de José Higino de Miranda, que será generosamente gratificado.</p>
		65	<p><b>(WB) Diario Novo, 12 de Outubro de 1842.</b></p> <p>“-Na noite do dia 8 do corrente desapareceu do sitio da Mangueira, districto da Varzea, um casal de escravos com os signaes seguintes: Domingos, de nação Caçanje, estatura regular, corpo secco, côr fula, pernas finas e meio zambas, e uma marca de fogo em um dos peitos. Agostinha, nação gentio de Angola, estatura alta côr preta, corpo sêcco, representa ter trinta e cinco annos, e para maior signal está pejada. Qualquer pessoa que os pegar, ou delles souber dirijão-se ao Engenho do meio no sitio da Mangueira, e nesta Praça no pateo do Hospital casa n. 11 que será generosamente recompensado.”</p>
		66	<p><b>(WB) Diario Novo, 09 de Dezembro de 1842.</b></p> <p>“-Acha-se fugido hum pardo claro, de nome Antonio o qual trabalha de pedreiro, que é bom official, com idade 32 annos, estatura baixa, cabelo caxiado, pés curtos e grossos, bem feito de corpo, muito esperto, e quando fala gagueja alguma couza, anda calçado, e intitula-se por forro, roga-se a quem dele souber mandar pegar e conduzi-lo atraz da Matriz da Boa-vista casa N.16, que será recompensado.”</p>
1843	FUGA	67	<p><b>(WB) Diario Novo, 07 de Janeiro de 1843.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>“-No dia 4 do corrente pelas oito horas da noute fugio do lugar dos Afflictos uma mulata de nome Rita, com roupas pretas, e para maior signal arrasta da perna esquerda por ser della defeituosa, tem o cabelo roscado, e cortado, delgada do corpo, pertencente a Manoel de Mattos Teixeira Lima o qual de presente se acha no Aracati tendo-a deixado em poder do abaixo assignado para garantir uma quantia em que se achava debitado o dito Mattos; pelo que roga-se a qualquer autoridade ou mesmo pessoas particular que a prendão a enteguem na praça da Boavista n. 32, ou no sitio dos Afflitos defronte do Sr, Major Moraes: igualmente se protesta com todo o rigor que as leis marcão proceder contra quem abrigar, visto haverem bem fundadas suspeitas do lugar em que se acha omisiada.</p>
			<p><b>(WB) Diario Novo, 07 de Fevereiro de 1843.</b></p>

		<p><b>68</b></p> <p>“Desappareceo no dia 30 de Janeiro de 1843, uma preta velha por nome Marianna, de idade pouco mais ou menos 50 annos, parece crioula no falar, vendia velas de carnaúba em um pequeno taboleiro, o qual levou, assim como saia preta de lã por cima do vestido de chita azul ferrete com flores amarellas, panno da Costa; e tem os signaes seguintes – cor fulla, sêca de pés, e mãos, cabello pintado de branco, dentes pequenos: cuja preta tinha sido escrava do Sr. Guilherme Patricio Bezerra Cavalcanti. Quem della souber queira manda-la a caza do seu sr. na rua do Rozario larga n. 55, loja de miudezas, que será bem recompensado, assim como se protesta proceder em juízo competente contra quem a tiver escondida.”</p>
		<p><b>69</b></p> <p><b>(WB) Diario Novo, 07 de Fevereiro de 1843: ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>- Fugio no dia 6 do corrente um escravo de nome Manoel com os signaes seguintes: côr quasi preta, o que vulgarmente se chama cabra, baixo, grosso do corpo, bastante espadaúdo, tem a orelha esquerda cortada ao meio, beiços muito grossos, filho da Provincia do Pará, mas ha tres para quatro annos está nesta Cidade, é canoeiro de profissão; levou camisa de algodãosinho, e calça de brim ordinário: quem o pegar leve-o á rua da Praia n. 55 que será recompensado.</p>
		<p><b>70</b></p> <p><b>(WB) Diario Novo, 11 de Fevereiro de 1843: AVISOS DIVERSOS</b></p> <p>“Roga-se aos Srs. Vicente Ferreira da Silva, e Vicente Tavares da Silva Coutinho, que dizem ter em seu poder varios escravos evadidos ao domínio de seus senhores, o obsequio de averiguarem se entre esses se achão uns com os signaes seguintes: Antônio, de nação Loanda, idade de 40 annos pouco mais ou menos, é bom cozinheiro, de estatura regular, corpo reforçado, côr preta, olhos muito vivos e não pequenos, muito regrista e mettido a negocios, tem na cabeça uma cicatriz proveniente de uma cacetada, pouca barba, tem as mãos grosseiras e não abre os dedos perfeitamente, os pés grossos e ásperos e com algumas cicatrizes de enfermidades; fugido há seis annos pouco mais ou menos. Manoel, nação Angola, idade 40 annos pouco mais ou menos, tem officio de canoeiro e caiador, de estatura mais que regular, cara e nariz regulares, beiços grossos, tem em uma das boxexas uma sicutriz proveniente de uma espinha carnal, as suas falhas são manças; fugido ha quatro annos pouco mais ou menos. No caso que tenham algum dos sobreditos escravos farão o favor de annunciar por esta folha, ou remetter para esta praça á viuva de Manoel Francisco dos Santos M., moradora na rua da Cadeia velha do Recife, que se lhes pagará as despesas que se se fizer para a dita conducção.”</p>
	VENDA	<p><b>3</b></p> <p><b>(WB) Diário Novo, 04 de abril de 1843. VENDAS</b></p> <p>Uma escrava de nação, de 21 annos, bonita figura, boa cozinheira, lava e engoma bem, coze, refina assucar, tem um filho mulatinho de 4 annos, sabe lidar com crianças, e governar bem uma casa por estar acostumada a isso: na rua larga do Rozario loja de miudezas n. 35.</p>
		<p><b>(WB) Diario de Pernambuco, 20 de janeiro de 1844: ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>Fugiu no dia 3 do p.p. o preto Francisco, de nação Ambaca, por alcunha</p>

1844	FUGA	71	Canário, alto, seco, pés grossos e mal feitos, é bem ladino, mas fala muito atrapalhado, deve ter os dedos das mãos calejados, por trabalhar em padaria, levou calças de ganga azul, camisa de chita azul, suspensórios e, chapéu de palha usado, desconfia-se ter ido para Garanhuns por lá ter sua mulher, quem o pegar, leve às Cinco Pontas n. 27, que será recompensado.
	DECLARAÇÕES	1	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 16 de abril de 1844. DECLARAÇOENS</b> Todos os súditos britânicos (assim conhecidos) residentes nesta província, estão convidados para um ajuntamento público no consulado britânico, no dia de sábado 26 do corrente, ao meio-dia, para serem informados da lei recentemente promulgada, e publicada pelo parlamento imperial da Grã-Bretanha, com o fim de proibir súditos britânicos, residindo em países estrangeiros, de comprar, vender, cambiar, negociar, ou traspassar escravos.
	AVISO	4	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 30 de abril de 1844. AVISOS DIVERSOS</b> Esta tarde um preto escravo, que trabalhava na loja de sapateiro, que tem o Sr. Bastos em frente da cadeia, matou com dois talhos de trinchete no pescoço o contramestre da mesma loja, na ocasião em que este o castigava. O assassino acha-se preso.
1845	FUGA	72	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 9 de julho de 1845. MENINO DESAPARECIDO</b> Desapareceu um menino forro, pardo, claro, cabelos meio ruivos, de idade de 12 anos, baixo, levou jaqueta de sentinela, calça de riscado, já velhas e desbotadas, chapéu de seda velho, camisa de madapolão branco: andava calçado de sapato, faltou no dia 5 do corrente julho, indo a um mandado de seu padrinho à ribeira: julga-se estar oculto em alguma casa, que o seduzisse, pois é a primeira vez que isso acontece: portanto, roga-se a todas as autoridades policiais e mais pessoas que dele noticias tiverem, o obséquio de levarem ou darem parte em Fora-de-Portas em casa de seu padrinho Domingos da Rosa, casa n. 95, pois serão bem recompensados.
	FUGA	73	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 19 de julho de 1845. ESCRAVOS FUGIDOS</b> Desapareceu desde o dia 14 do corrente, 1 pardo de nome Pedro, altura regular, cheio de corpo, de idade de 30 anos, pouco mais ou menos, pernas um tanto finas, cara enrugada, levou camisa e ceroulas; supõe-se ter mudado de traje, pouca barba, julga-se andar aqui nesta praça, roga-se a toda e qualquer pessoa que o pegar, o conduza ao segundo andar da casa do lado do largo de palácio, com fundos para a rua do Queimado, ou na Rua do Crespo, loja n. 4, que será generosamente recompensado.
	FUGA	74	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 01 de Setembro de 1845. ESCRAVOS FUGIDOS</b> Fugiu do engenho Marzagão, no dia 18 de agosto, um escravo de nome José, crioulo, boa estatura, côm alguma coisa fula, natural das partes do Aracati: foi montado em um cavalo do mesmo engenho, que tem os sinais seguintes: rozilho, capado, com os dois pés calçados, uma estrela na testa, tendo na junta da mão direita uma canelada, que não tem cabelo; também teve uma sobrecana, e não tem estradas, porém é bem novo; julga-se ter seguido para

			as partes do Norte, por ter vindo do Aracati, e ter sido vendido nesta praça. Roga-se a todas as autoridades policiais e capitães de campo, de o apreenderem, e conduzi-lo ao mesmo engenho, ou no Recife a Joaquim José Rabelo, no Aracati a Francisco Xavier de Carvalho, de que foi escravo; que serão pagos de seu trabalho generosamente.
	<b>ACHADO</b>	<b>5</b>	<b>(WB) Diario de Pernambuco: 27 de Dezembro de 1845.</b> <b>AVISOS DIVERSOS</b>  A quem lhe faltar um molecote, que diz chamar-se Manoel, o qual se andava oferecendo sem bilhete para comprarem, dando os sinais certos, e mostrando legalmente, que lhe pertence, será ele entregue. O referido molecote disse pertencer a um Sr. Azevedo, depois a um Sr. Ataíde, do Poço da Panela, depois ao senhor de engenho (Agostinho Bezerra) de Muribeca, e finalmente não diz coisa com coisa. A falar com João Vaz de Oliveira, na rua da Cruz n.º51, que, não obstante tê-lo preso em um tronco, não se responsabiliza pela fuga do mesmo.
<b>1846</b>	<b>FUGA</b>	<b>75</b>	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 11 de Abril de 1846.</b> <b>AVISOS DIVERSOS</b>  Fugiu, no dia 14 do mês passado, do armazém de porta larga, do cais do Colégio, um escravo pardo, de 15 anos, pouco mais ou menos, seco do corpo, côr amarelada; levou calças e camisa de riscado azul: quem o pegar, leve ao dito armazém, que será generosamente gratificado.
	<b>VENDA</b>	<b>4</b>	<b>(WB) Diario de Pernambuco, 14 de Abril de 1846.</b> <b>VENDAS</b>  Vende-se um mulato com 20 anos de idade, bem claro e próprio para pagem, bom oficial de carpina e marceneiro, perito envernizador e também pinta por curiosidade, e vende-se porque ele não quer servir a seu Sr. no pátio de São Pedro, casa n. 30.
<b>1847</b>	<b>FUGA</b>	<b>76</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 10 de Abril de 1847.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Fugio, no dia primeiro do corrente, uma preta, de nome Josepha, de 18 annos pouco mais ou menos, com um signal no beijo inferior e outro no superior, que foi de um cachorro que lhe mandou, côr bem preta, falla que parece de crioula, por ter vindo pequena, baixa e grossa do corpo : quem a pegar leve ao largo do Livramento, padaria n. 32, que será gratificado.
		<b>77</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 10 de Abril de 1847.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Fugio, no dia 21 do proximo passado, um preto, de nome Domingos Uanza, com os signaes seguintes: alto, muito pachota, traz sempre o cabelo penteado, bonitos dentes; tem uma cicatriz no beijo, as costas picadas de chicote; já foi surrado: quem o pegar leve a rua de Apollo, armazem de assucar, n. 22, que será recompensado.
		<b>78</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 26 de Junho de 1847.</b>  Fugio, no dia 19 do corrente, uma preta crioula, de nome Joanna, de 35 a 40 annos; comprada há poucos dias, e das vindas do sertão; altura regular, cheia de corpo, feições frossas, peitos grandes e descidos ; tem uma cicatriz em

			cima do olho esquerdo; levou saia de chila azul de quadradinhos e cabeção de madapolão : quem a pegar leve a rua Imperial, n. 25 que será generosamente recompensado.
1850	FUGA	79	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Quarta-feira 2 de Janeiro de 1850. ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>“-Desapareceu, no dia 4 de novembro proximo passado , o preto José crioulo, de 25 annos, estatura regular, côr fula, cabellos pichaim, pouca barba, ou quasi nenhuma, rosto bastante liso, cabeça um pouco comprida ; tem por baixo do queixo um sigoal preto como que fosse bexiga, pes grandes e com os primeiros dedos tortos para dentro, foi visto no engenho Salgado no caminho do Recife ; quem o pegar leve-o ao seu senhor, Francisco Rodrigues Villela, morador em sua propriedade Ilha Grande, em Serinhaem, que recompensará.”</p>
		80	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Sexta-feira 4 de Janeiro de 1850. Boa gratificação.</b></p> <p>Offerece-se gratificar com generosidade e prontidão a quem levar na casa sita na beira do rio do Poço-da-Panella, ou na praça do Commercio a José Antonio de Araujo, um escravo da costa, o qual desapareceu do poço-da-Panella no dia 31 de dezembro do anno proximo passado ás 5 e meia horas da manhã, tomando a direção para o sitio do Dr. Lopes Netto, caminho do Arraial, etc.,etc.: o escravo tem os signaes seguintes: 20 a 22 annos, fala pouco por ser bruto, altura e corpo regulares, cara comprida, olhos grandes, beiços grossos, buço sahindo com grande força, peito sacado, em o qual tem uma costura de um tarho ao pé da cavícula, hombros para trás, anda com o corpo para um lado e para outro, sendo este andar natural ; tem também no corpo alguns restos de sarnas secas ; o preto chama-se Ali, e os signaes da roupa são os seguintes : chapeo novo de palha fina e branca, destes chapeos que custam duas patacas e dous cruzados, chamados chapeos da America, o qual tem na aba uma nodoa parda, camisa de algodãozinho branco, sendo esta nova porém lavada e com as mangas compridas e sem punhos, calça nova de algodãozinho de listras branca e azul, lavada, sendo esta calça feita de pregas e com bolço ao lado (...) talvez também traga comsigo um cobertor branco de algodãozinho grosso. A fôrma de trajar he a seguinte: andar nú da cintura para cima, trazendo a camisa ora sobre o hombro, ora vestida sem abotoar o collarinho e ora por ma de calça.</p>
		81	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Sexta-feira 4 de Janeiro de 1850. ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>-Fugio, há 8 dias, o escravo João, de 30 annos ; he alto e não muito cheio do corpo, alguma cousa de fulo; tem officio de pedreiro. Este escravo quando foge costuma andar pelo Poço-da-Panella, Casa-Porte, Manguinho, e também pela praça trabalhando pelo officio : quem o pegar leve-o á rua das Larangeiras, que será bem gratificado.</p>
		82	<p><b>Diario de Pernambuco, Quarta-feira 15 de Fevereiro de 1850. ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>Fugio, no dia 6 do corrente, um mulatinho de nome Jeronymo, de 10 para 11 annos, côr um tanto amarelada que parece ter frialdade ; levou camisa de algodãozinho branco já suja e com as mangas pelo meio do braço, cujo bocal das mangas he embaiado ; quem o pegar leve-o à rua do Padre Florianno, n. 5, que será recompensado ; assim como se protesta contra quem o tiver</p>

			oculto.
		<b>83</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco, Sexta-feira 22 de março de 1850. ESCRAVOS FUGIDOS 40,000 rs.</b>  O abaixo assignado offerece 40.000 rs. de gratificação a quem pegar e levar ao engenho Pirapama-Novo, na freguezia de S.-Antão, o seu escravo João, que fugio no dia 23 de fevereiro próximo passado ; he crioulo, de boa estatura, de 30 a 35 annos, toleirão, bem preto, cara abocetada ; tem o beiço inferior um tanto cahido ; nariz chato, pernas finas, pés bem feitos ; levou calças e jaqueta de algodão listrados, e mais uma jaqueta de panno azul fino, e duas camisas de algodãozinho americano azul, desconfia-se ter vindo para esta capital. <i>Padre João Herculano do Rego.</i>
	<b>CASA DE COMISSÃO DE ESCRAVOS</b>	<b>1</b>	<b>Diario de Pernambuco, Quarta-feira 15 de Fevereiro de 1850. Casa de comissão de escravos.</b>  <b>Recebem-se escravos de ambos os sexos para se venderem de comissão, para a província e fóra della, garantindo-se toda a segurança aos mesmos, como se prova : na rua das Laranjeiras, n. 14, segundo andar.</b>
	<b>AVISO</b>	<b>5</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco, 2 de janeiro de 1850. AVISOS DIVERSOS</b>  Precisa-se alugar um preto idoso, que sirva para tratar de um ou dous cavalos e tomar conta de uma pequena casa de campo: rua do Trapiche-Novo, n. 10, primeiro andar.
	<b>ALUGUEL</b>	<b>2</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco, 2 de janeiro de 1850. AVISOS DIVERSOS</b>  Aluga-se uma preta para o serviço interno de uma casa: pateo do Terço, n. 8.
	<b>VENDA</b>	<b>5</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco, 11 de janeiro de 1850. VENDAS</b>  Vende-se um molecote de 25 annos, sadio e de bonita figura ; uma mulatinha de 17 annos, com bons princípios de arranjo de uma casa ; uma cabrinha de 10 a 12 annos, de bonita figura, muito esperto, e por isso optimo para pagem : vendem-se barato por ser para liquidação de contas: no Becco-Largo, no Recife n. 1, segundo andar, se dirá quem vende.
<b>1851</b>	<b>FUGA</b>	<b>84</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 1 de Março de 1851. AVISOS DIVERSOS</b>  Desappareceu no dia 27 de fevereiro do corrente anno uma preta moça, estatura regular, grossa do corpo, com um dente de menos na frente, cara redonda, beiços grossos, bem falante, nariz chato, parece crioula, com vestido de roupão e pregas de cassa azul, panno da Costa de listra azul e branca, de nome Maria : pede-se aos capitães de campo e autoridades policiaes, que a apreenderem levem-a a rua S. José n. 7, confronte o muro da Penha, ou a rua do Queimado n. 38.
			<b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda feira 19 de maio de 1851.</b>

		85	<p><b>ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>Boa gratificação</p> <p>No dia 13 de março do corrente anno desapareceu na Passagem da Mgdalena, de sitio em que mora o Sr. Malet, o moleque Marçal, o qual he bem conhecido e tem os seguintes signaes : representa ter 20 annos, baixo, cheio do corpo e carcunda, côr fula e sem barba : tem falta de um dente na frente do queijo inferior e he filho do sertão de Pajeú, por isso julga-se para lé ter ido : recomenda-se, portanto, aos capitães de campo a captura do dito moleque, que serão bem gratificados.</p>
1852	FUGA	86	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Sexta-feira 02 de janeiro de 1852.</b></p> <p>☞ Fugio no dia 28 do corrente um molato acaboclado de nome Leandro, de idade 18 annos, sem barba bastante baixo e grosso, com dois dentes na frente de cima tirados; levou camiza de brim e calça preta, pôde ser que tenha algumas contusoes pelo corpo, ou desmentidora em alguma perna, ou pé, em razão de ter-se atirado de um terceiro andar em cima de uma casa terrea : quem o pegar leve-o a rua das Larangeiras, n. 14, que se recompensará o trabalho.</p>
		87	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Terça-feira 17 de Fevereiro de 1852.</b></p> <p><b>ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>- Desappareceu no dia 09 do corrente tendo sahido com um taboleiro a vender doce de calda, a preta de nação Rebolo, de nome Luiza, moça, baixinha e magra, esperta e diligente, talvez diga que anda procurando senhor, por ter pedido para ser vendida, levou vestido de uma fazenda já desbotada, pano de listras com matames e franjas : quem a pegare conduzir a rua da Senzala Nova n. 4, será recompensado.</p>
		88	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Segunda-feira 24 de Maio de 1852.</b></p> <p>-No dia 4 do corrente desapareceu da rua da Sanzalla-Velha, n. 3, casa térrea, a preta Maria, de idade de 30 annos, pouco mais ou menos, baixa, a côr não muito preta, cheia de corpo, tem um carimbo em cima do peito direito, nariz chato, bocca grande; tem uma marca na maçã do rosto, da parte esquerda, os dedos das mãos curtos, os pés apalhetados, foi vestida com um vestido de assento encarnado, panno da Costa de listra azul e branca; levou um taboleiro pequeno em titulo de fazer negocio : quem a pegar leve-a a sua senhora, Juliana Maria da Conceição, na casa acima declarada, ou na rua do Crespo, n.11, que será bem recompensado.</p>
1853	AVISO	6	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Sabbado 01 de Janeiro de 1853.</b></p> <p><b>Avisos Diversos</b></p> <p>Na padaria da estrada real do manguinho n. 27, que outroea foi do Sr. Lapa, precisa-se alugar 3 pretos para o serviço da mesam pagando-se semanal ou mensalmente, conforme o trato.</p>
	ALUGUEL	3	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Sabbado 01 de Janeiro de 1853.</b></p> <p><b>Avisos Diversos</b></p> <p>Alugam-se pretos que sejam possantes, paga-se a 1\$000 por dia, assim como também se recebe gente forra que se sujeite, não só a trabalhar braçal, como carregar peso, pagando-se o mesmo acima: quem quizer dirija-se no beco do Abreu no, Recife defronte da casa de pasto do fallecido José Caetano.</p>

		4	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Terça feira 17 de Maio de 1853.</b> <b>Avisos Diversos</b></p> <p>Aluga-se dous escravos que saibam trabalhar em carroças, e também se compram agradando : na rua Nova, armazem de trastes de Pinto, ou anuncie.</p>
COMPRA		1	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Sabbado 01 de Janeiro de 1853.</b> <b>Compras</b></p> <p>Compram-se escravos de ambos os sexos, tendo bôa figura e habilidades, paga-se bem; na rua das Laranjeiras n. 14, segundo andar.</p>
		2	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Terça feira 17 de Maio de 1853.</b> <b>Compras</b></p> <p>Compra-se um preto cozinheiro, e um moleque que tenh de 12 a 16 annos de idade ; agradando paga-se bem : no escriptorio de Novaes &amp; Companhia, na rua do Trapiche n. 34.</p>
VENDA		6	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Sabbado 01 de Janeiro de 1853.</b> <b>Atenção</b></p> <p>Vende-se por precisão um moleque de 18 a 20 annos de idade, sem vícios: no aterro dos Afogados n. 163, morada de Antonio Luiz de Freitas.</p>
Apreensão		1	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Sabbado 01 de Janeiro de 1853.</b> <b>Declaraçoens</b></p> <p>Illm. Sr. Tendo sido presa a parda Maria Thereza das Neves, que declarou ser natural de Itamaracá, moradora na cidade de Olinda, rua de S. Francisco; criada em casa de José Antonio Affonso ter vindo em companhia de um seu mano de nome João Francisco das Neves, official de alfaiate na barçaça de um portuguez Manoel Marinho que desembarcou na barra de Goianna, e depois viera a esta provincia, pendendo-se de seu mano em cuja companhia vinha; e como tenha eu suspeitas ser essa parda escraa, apesar de que ella nega, peço a V. S. suas ordens, a verificar suas declarações por ella feitas são veridicas, dignando se V. S. mandar annunciar pelas folhas dessa provincia para sciencia dos interessados, ou como captiva ou livre, uma vez que ella nesta provincia não tem conhecimento algum. A nota junto coutem os signaes caracteristico dessa mulher.</p> <p>Deos guarde a V. S. Secretaria da policia da Parahiba 23 de dezembro de 1852 – Illm. Sr. Dr. José Nicoláo Figueira Costa, chefe de policia interino da provincia de Pernambuco – Claudio Manoel de Castro.</p> <p><b>Nota</b> – Maria Thereza das Neves, de idade 35 annos pouco mais ou menos, cabeça – pequena, cabellos crespos, texta grande, olhos pequenos, sobancelhas cerradas, nariz pequeno e grosso, boca grande, labios regulares, com falta de dentes na frente, orelhas regulares, com falta de dentes na frente, orelhas regulares, tem todos os dedos nas maos e pés, apresenta algumas cicatrizes nas costas: solteira.</p>
			<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Quinta-feira 24 de Fevereiro de 1853.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b> <b>100,00 rs. de gratificação</b></p> <p>No dia 12 do corrente mez de dezembro desapareceu um negro de nome Januario, fulo, de idade, pouco mais ou menos de 30 a 35 annos; com os</p>

	FUGA	89	<p>signaes seguintes: altura e grossura regular, bastante barbado, com falta de dentes na frente, meio cambeta, levando chapéu de palha oleado de preto; cujo escravo foi comprado a Hippolyto Caejano d'Araujo, morador no Engenho Cabaças, termo da Campina Grande. Este escravo foi seduzido do engenho Torrinha por Lourenço Bento da Rocha, semibranco de idade 25 annos pouco mais ou menos, altura regular, secco do corpo, rosto corado, tem bastante barba mas rapada, cabellos pretos, olhos meios gazios, falta de um dente na frente. Sahu com um chapeo de palha do chile, e montado em um cavallo ruço-cardão, também desaparecido do mesmo engenho: qualquer pessoa que o pegar traga ao seu senhor João José de Medeiros Correa, no mesmo engenho Torrinha, e na cidade da Pahiba a Jacinto José Medeiros Correa que será recompensado. Assim também roga-se a todas as autoridades de policia a captura do dito escravo.</p>
		90	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, quarta-feira, 1 de junho de 1853.</b></p> <p>Avisos - Foram seduzidas ou furtadas do sítio do abaixo assinado, duas mulatas, uma escrava de nome Raimunda, alta, com o rosto redondo, beiços grossos; levou consigo um filho de mês e meio. A outra mulata é forra, chama-se Narciza, tem 17 anos de idade, é clara, tem o corpo regular, os cabelos corridos e boca grande, foi criada e educada na casa do abaixo assinado. Espero até domingo próximo vindouro a entrega da mulata cativa com a cria e notícias da forra que por este declaro não a querer mais em casa. Sendo porém, que não apareçam até o dia indicado, levarei esse fato com todas as suas circunstâncias ao conhecimento do público e da policia. João do Rego Barros Falcão.</p>
		91	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Segunda-feira 20 de junho de 1853.</b></p> <p>-Continua a estar fugida desde 18 de abril próximo passado a escrava de nome Cosma, mulata de idade pouco mais ou menos 40 annos, com os signaes seguintes: - altura regular, as costas com duas costuras sendo uma no hombro esquerdo e outra para o meio das costas, no lugar da nuca tem igualmente umas costuras pequenas de ventosas, os pés compridos e seccos, tendo a mão esquerda um tanto dormente por ter ido um panaricio, cabellos cortados, orelhas grandes pernas finas; sahio de saia e timão de lila bastante velha, he filha do Rio Grande do Norte, foi escrava do Dr. Sette, depois de D. Maria Feliciano de Oliveira, tendo feito varias fugidas, e foi já pegada uma vez na villa de Igarassu: roga-se as autoridades policiaes e qualquer particular que souberem dela, se dirigir ao aterro da Boa Vista n. 17, a falar com Frederico Chaves, que recompensará.</p>
	LEILÃO	1	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco, Sexta-feira 11 de Março de 1853. LEILOENS</b></p> <p>O agente Oliveira fará leilão de três optimos escravos: serviço, uma linda e jovem mulatinha com principio de costura, e um formoso curibocazinho, proprio para ser educado em qualquer serviço, ou officio, todos recebidos em dividas da liquidação da massa de Joaquim de Azevedo Pereira: sexta feira 11 do corrente, ao meio dia em ponto, no seu escriptório, na rua da cadeia.</p>
1854	OFERTA	1	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco: Terça-feira, 25 de julho de 1854.</b></p> <p>Avisos Diversos - Oferece-se uma parda já de meia idade, muito boa e fiel, para ser ama de casa de homem solteiro, <b>cozinha, engoma</b> e tudo faz com muito asseio e limpeza, porém não sai para comprar quem quiser, dirija-se</p>

			ao beco do Colégio nº 13.
1855	FUGA	92	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 18 de Agosto de 1855.</b></p> <p>Desappareceu a 13 do corrente, Joaquina, de nação Cassange, representa ter 40 annos, altura regular, alguma cousa cheia do corpo, côr fula, cabello aparado e alguns brancos, com carne sobre o olho, nariz chato, falta de alguns dentes dos lados, peitos pequenos e murchos, nadegas empinadas para traz, tem algumas cicatrizes de relho nas costas, e algumas sarnas pelo corpo, um lombinho ou caroço no braço ao pé da mão, e tem um pé mais grosso ; levou vestido de chila preto bastante usado, panno fino velho, quando foge tem por costume andar pelos arrabaldes desta praça : qualquer pessoa á poderá pegar e levar a seu senhor Domingos da Silva Campos, rua das Cruzes n. 40, que recompensará.</p>
		93	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta feira 25 de Outubro de 1855.</b></p> <p>Desappareceu no dia 13 de setembro do corrente anno, uma escrava, por nome Merencia, crioula, fula, de idade pouco mais ou menos de 28 annos, com falta de dentes na frente, tanto em baixo como em cima ; tem um das orelhas rasgadas; levou vestido de chila com listras amarellas e panno da Costa, com um flandres de azeite de carrapato : qualquer autoridade policial ou capitães de campo a poderão prender e leva-la á rua da Guia n. 29, que ser bem recompensado.</p>
		94	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta feira 25 de Outubro de 1855.</b></p> <p>Fugio no sabbado 6 de outubro a preta Marianna Benguela, escrava de Francisco de Freitas Game boa e sua mulher, levou vestido escuro desbotados um taboleiro com moletes, tem os dedos grandes dos pés tortos para dentro : intitula-se forra, porque lhe concedemos essa graça por morte de nós ambos : pessoa conhecida diz que vira o preto forro Joaquim caidor e vendedor de miudezas, seduzi-la no mesmo sabbado á noite na escada do Sr. José Claudino Leite na rua do Rosario, a dita escrava Marianna, para que não fosse para casa de sua senhora : esse preto Joaquim foi escravo do Sr. Thomaz de Aquino Fonseca: presume-se que a tenha ocultado, visto que já de outra fugida, pela qual esteve na cadeia, foi interceder por ella. Suppõe-se que ambos sahiram a vender miudezas para o mato. O abaixo assignado roga as autoridades, capitães de campo e a pessoas suas conhecidas a apprehensão da dita escrava, que se responsabiliza pelas despesas. Francisco de Freitas Gamboa.</p>
1856	FUGA	95	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta feira 2 de Abril de 1856. ESCRAVOS FUGIDOS.</b></p> <p>No dia 15 do corrente mez fugio da casa de seu senhor um mulato por nome Severino, que representa ter 20 annos de idade, estatura regular, cheio do corpo, bastante claro, sem barba, rosto com marca de bexigas ; levou camisa de baêta, calça de algodão e um surrão de pelle de carneiro com alguma roupa branca, he natural do Brejo de Arêa, e foi escravo do Sr. Manoel Francisco Alves Gama : roga-se a qualquer capitão de campo ou quem quer que seja que dele tiver noticia, o favor de o remetter a seu senhor Luiz José da Costa Amorim, no Recife, rua Madre de Deos, n. 25, que além das despesas se gratificará os portadores.</p>
			<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 10 de Maio de 1856. ESCRAVOS FUGIDOS.</b></p>

		96	Desapareceu no domingo, 4 do corrente, um preto por nome Antonio, nação Congo, pelo falar parece crioulo, idade 40 annos, com os signaes seguintes : baixo, bastante grosso, cor bem preta, tem um pequeno defeito no olho esquerdo que o faz olhar atravessado, nariz afilado o beijo de baixo um pouco cahido, barriga bastante grande, sem barbas, cara redonda, pés regulares, levou vestido dous pares de calsa de riscadinho azul já usados, tres camisas, sendo uma de madapolão, outra de algodão azul escuro, e outra de lã com listas de cores atravessada e compridas que chegam até os joelhos, um palitô verde usado, ainda novo, e um par de sapatos de burracha : pede-se as autoridades policiaes ou capitães de campo o apprehendam e o levem a rua do Cotovello, a seu senhor Manoel Tavares de Aquino, que será recompensado.
1857	FUGA	97	<b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta feira 2 de Julho de 1857. ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Fugio no dia 11 do corrente o escravo de nome Ventara, natural do Maranhão, de idade de 45 a 50 annos, altura regular, secco do corpo, rosto a[...]aveirado, barba rapada, pernas arqueadas, he bastante prosista e já deu uma fugida, acoutando-se na mata de Beberibe : gratifica-se a quem o pegar e entregar a seu senhor Manoel da Silva Santos, na rua da Cadeia do Recife.
		98	<b>(AK) Diario de Pernambuco 12 de Agosto de 1857. ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Fugio do engenho Coelhas, termo de Serinhaem, no dia 22 do proximo passado mez de junho o escravo de nome José, com os signaes seguintes : idade, pouco mais ou menos, 30 annos, baixo, grosso, cor bem preta, tem uma cicatriz na testa, he de Angola, mas parece crioulo por ter vindo muito pequeno, por cima da sobrancelha, proveniente de um talho : levou camisas e ceroulas de algodão branco e de listras, e tambem uma camisa de baêta encarnada com colarinho amarelo; este escravo foi ha pouco comprado ao Sr. Mathias Guedesque ultimamente foi administrador do engenho Trapiche do Cabo, em cujo engenho foi visto alguns dias depois de fugido o referido escravo: quem o prender pode leva-lo ao engenho indicado, ou nesta praça em casa do Sr. Manoel Alves Ferreira no Forte do Mattos, que será satisfactoriamente recompensado.
		99	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sexta feira 2 de Outubro de 1857. ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Do engenho do meio, freguesia da Varzea, fugio no dia 20 de setembro do corrente anno o escravo Pantaleão, official de ferreiro, baixo e secco, cor preta bem fula, falla baixa, costuma embriagar-se pouco, foi escravo da viuva do finado Joaquim Candido, do engenho Ilha das Mercês, já andou trabalhando alugado nesta cidade, e he muito conhecido em toda estrada do Recife até o engenho Santa Cruz ou cabeça de Porco, sito na freguesia de Uma, por andar quase todos os mezes de viagem de um a outro desses engenhos, e he casado com uma escrava chamada Urçula que se acha no engenho Santa Cruz: roga-se a prisão do dito escravo, e promette-se gratificar bem a quem o prender e recolher a cadeia desta cidade, ou leva-lo a um dos engenhos acima referidos.
			<b>(AK) Diario de Pernambuco Terça feira 13 de Julho de 1858.</b>

1858	FUGA	100	Fugio no dia 20 de junho próximo passado, a escrava de nome Lourenço, idade de 40 annos, pouco mais ou menos, estatura regular, muito [...], o melhor signal que ella tem para ser encontrada he puchar uma perna, e ter um jeito na boca procedido de ar que lhe de, levou panno da costa com pranja branca na beira, gosta de andar calçada. Esta negra foi escrava de João Moreira Marques, boticário da rua do Cubuga; desconfia-se que esteja encoberta por alguma casa aqui na praça, do que se protesta contra qualquer pessoa que a tiver encoberta : quem a pegar pode leva-la a casa de seu senhor, ou na rua das Trincheiras n. 1 loja de tartarugueiro, que será recompensado.
		101	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 2 de Outubro de 1858.</b>  <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b>  <b>500\$000</b></p> <p>Fugio no dia 2 de junho do presente anno, do engenho Serraria, o escravo do abaixo assignado, com os signaes seguintes; Manoel mulato, claro e açã, que pode passar por branco, cabellos pretos e estirados, feio de cara, representa 20 annos de idade, baixo, corpo reforçado, pernas grossas e arqueadas, sem barba nenhuma, tem mais geito para o serviço com a mão esquerda do que com a direita, anda sempre muito sujo pelos peitos, braços e pernas; suspeita-se que fugira para os sertões de Cariris, Pajeu e Inhamus etc, etc., donde elle veio, ou que esteja por Nazareth e Pão d'Alho, passando por forro : quem o trazer ao dito engenho, receberá 300\$000 de gratificação.  Manoel Filippe de Souza Leão.</p>
1859	FUGA	102	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Sexta feira 21 de Janeiro de 1859.</b>  <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>Fugio a escrava de nome Maria, com idade de 40 annos, nação Angola, a qual escrava foi comprada nesta praça ao Sr. Antonio Francisco de S. Magalhães, e tem os signaes seguintes : estatura baixa, cor preta, olhos apertados, tem ambos os pés enchados, levou um vestidoo velho de chita, e nos hombros um panno fino velho : consta que anda pelo Arraial, e de manhã vem comprar carne aqui : protesta-se com todo rigor da lei, contra quem a tiver o acoutada: roga-se a todas as autoridades policiaes e capitães de campo, que apprehendam e levem-na ao seu senhor que he Francisco Antonio do Rego Mello, na rua das Cruzes n. 35.</p>
		103	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda feira 30 de Maio de 1859.</b>  <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b>  <b>300,000 Rs.</b></p> <p>No dia 14 de agosto do anno passado, fugiram do engenho sete Banchos, freguesia de Nossa Senhora da Escada, comarca da cidade da Victoria, os seguintes escravos: Damião, crioulo, de 25 annos de idade pouco mais ou menos, cõr fula, beiços grossos e meio arrebitados, tem uma cicatriz na testa proveniente de um coice de animal, pernas finas e alguma cousa arqueadas para fora, esmalmado, espaduado, altura regular, e está buçando agora. Jacintho, crioulo, de 28 annos de idade poco mais ou menos, altura regular, cõr preta, prouca barba, beiços grossos e faz certo geito na boca quando falla, tem uma cicatriz em uma das faces, pernas finas, esmalmado, fuma, e é tocador de viola. O primeiro foi comprado ao Sr. João Francisco Barboza da Silva Cumarú, e o segundo diz que foi escravo da família do Sr. João Nunes, da fazenda do Sitio em Pajeú de Flores e comprado na praça de Pernambuco. Consta que os ditos escravos estão em Pajeú das Flores por portadores que mandei e de lá vieram: roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo de os pegar e levar ao referido engenho, A Bernardino Barboza da Silva ou na praça de Pernambuco aos Srs. Manoel Alves Ferreira</p>

			& Lima, na rua da Moéda n. 3, segundo andar, que serão recompensado com a quantia acima.
1860	AVISO	7	<b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda feira 2 de Janeiro Páo d'Alho de 1860.</b> <b>AVISOS DIVERSOS</b>  <b>AMAS-DE-LEITE</b> Precisa-se de ama de leite que não tenha filho : na rua da Cruz do Recife n. 54.
		8	<b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda feira 2 de Janeiro Páo d'Alho de 1860.</b>  Percisa-se de um canoeiro forro ou captivo, para conduzir tijolo na canoa do retiro com uma canoa de 1600 para o Recife, sendo bom canoeiro, e trate da sua canoa ; paga-se muito bem, na rua dos Quarteis padaria n. 18 que achará com quem tratar. Na mesma tem porções de barricas vasiaas boas algumas, com pequenos de feitos dando-se as segundas por preços muito baixos.
	FUGA	104	<b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda feira 2 de Janeiro Páo d'Alho de 1860.</b>  O escravo Antonio, de nação Angola, com idade de 40 annos, corpolento, pouca barba, nariz chato e pés grande, levando na occasião da fuga camisa e calça de algodão azul, e desapareceu da companhia do corretor Carneiro, na occasião que o mesmo corretor levava para vender no Recife o referido escravo, declarando em tempo que o escravo que se acha fugido pertence ao Sr. Francisco Gomes de Oliveira, e que por intervenção do Sr. Henrique Gibson entregára ao Sr. Antonio de Albuquerque Maranhão : quem o apprehender, leve-o á casa do Sr. Gibson, ou da do Sr. Maranhão, que gratificará.
		105	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 11 de Fevereiro de 1860.</b> <b>ATENÇÃO</b>  Fugio do poder do abaixo assignado, a escrava Cesaria, criôula, com os signaes seguintes : baixa, magra, cara bexigosa, fala fanhosa, levou vestido branco, chalés encarnado, levando mais uma trouxa com roupa, de seu uso ; a mencionada escrava foi da finada Antonia Maria do Espirito Santo, e hoje pertence aos herdeiros da mesma ; desconfia-se ter a dita escrava tomado para as bandas do sul : pede-se as autoridades e capitães de campo e a qualquer pessoa pega-la e levarem-na á rua de Santa Rita n. 64 ou na mesma rua n. 45 que se gratificará generosamente.  Manoel José dos Santos.
		106	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 11 de Fevereiro de 1860.</b>  Continua a estar fugido desde o mez de outubro do anno proximo passado, o escravo Matheus (que se intitula Mathias), de nação Angola, representa ter 50 annos de idade, tem falta de dentes na frente e os dedos das mãos fevereiros, este preto foi escravo dos herdeiros de José Lucio Teixeira Cavalcanti, que tem olaria no Remédio, e sendo levado á praça por execução contra os mesmos, foi arrematado por Joaquim da Silva Lopes em junho de 1859, e conta que o mesmo preto se acha em uma casa trabalhando occulto, pelo que protesta o annunciante usar com todo o rigor da lei contra quem tiver occulto o seu escravo, e cobrar-lhe os dias de serviço : roga-se portanto a todas as autoridades policiaes e capitães de campo a captura do mencionado preto, mandando leva-lo á padaria de André & Narciso, nas cinco Pontas, d'onde se ausentou, ou á casa de seu senhor Joaquim da Silva

			Lopes, na travessa da Madre de Deos, no Recife, n. 18, que gratificará generosamente.
		<b>107</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 11 de Fevereiro de 1860.</b> Fugio de casa, na tarde do dia 6 do corrente, a preta crioula, Benedicta, estatura baixa, cheia do corpo, pés apalhetados, tem uma marca grande de ferida no braço direito, representa ter 25 annos, pouco mais ou menos : roga-se as autoridades policiaes, capitães de campo, ou quem della tiver noticia, a sua apprehensão, e leva-la a seu senhor na rua Direita n. 84, que sera satisfeita qualquer despesa resultante.
		<b>108</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 11 de Fevereiro de 1860.</b> <b>MOLEQUE FUGIDO</b>  100\$ de gratificação. Roga-se aos capitães de campo, e a toda e qualquer autoridade a apprehensão de um moleque de nome Manoel, o qual fugio da casa do abaixo assignado no dia 30 de outubro do corrente anno, levando calça de cor, camisa azul, chapeo de palha oleado e o maior signal é sofrer de asthma e a pouco esteve doente de bexigas ; desconfia-se que esteja acoitado por algum espertalhão, que se queira aproveitar de sua pequena idade para o seduzir, desde já protesta o mesmo abaixo assignado de cahir sobre dito larapio com todo o rigor da lei, e gratifica de maneira acima aquelle que lhe der noticia certa, e paga toda despesa que se fizer com o mesmo moleque para se effectuar dita apprehensão, levando á rua Nova n. 21 – Francisco José Germano.
		<b>109</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 11 de Fevereiro de 1860.</b> <b>ATENÇÃO</b>  Fugio no dia 3 do corrente do lugar Boa Viagem a escrava Anna, crioula, côr fula, baixa e secca do corpo, olhos pequenos, representa 40 annos; foi escrava ha poucos mezes do Sr. Dr. Buarque Nazareth, morador em Santo Antão, conduzio uma trouxinha de roupa de seu uso e quem a pegar ou della der noticia será gratificado por seu senhor José Pinto Magalhães, na cidade do Recife, pateo do hospital do Paraizo, cocheira n. 10.
	<b>VENDA</b>	<b>7</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda feira 2 de Janeiro Páo d’Alho de 1860.</b> <b>ESCRAVOS À VENDA</b> Vende-se um moleque de 18 annos, perfeito cozinheiro, uma negra que cozinha, lava e engomma perfeitamente, e uma negrinha de 13 annos, escravos todos de qualidade e sem vicio algum : a falar com octaviano de Souza França, rua da Cadeia do Recife. N. 36.
<b>1861</b>	<b>FUGA</b>	<b>110</b>	<b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta Feira 22 de maio de 1861.</b> <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b>  Hontem 20 do corrente, ao amanhecer, fugio a escrava Pordencia, Bahiana, estatura baixa, cheia doo corpo, o pé direito e perna inchada, cor fula, idade 28 annos, pouco mais ou menos, costuma trazer toucado na cabeça ao uso da Bahia, e levou uma trouxa, consistindo em roupa della, desconfia-se que está oculta em alguma casa: portanto roga-se as autoridades policiaes e aos Srs. Pedestres e capitães de campo, aonde for encontrada, o favor de apprehender e trazer na rua larga do Rosario n. 12, primeiro andar, ou na fabrica de cigarros n. 21, que serão generosamente recompensados.

1862	FUGA	111	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 14 de Janeiro de 1862.</b>  <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b>  <b>ATENÇÃO</b></p> <p>Fugio do Riachão de Panellas, um mulato de estatura baixo, corpo grosso, dentes limados, olhos pretos e grandes, cabellos caxiados, e pés regulares, cujo mulato se chama Faustino, de idade de 15 a 18 annos, levou ceroula e camisa de algodão azul. Foi visto nesta praça em dias da semana atradada, em um comboi vindo daquele lugar. Roga-se a todas as autoridades e capitães de campo a captura do dito mulato, o qual poderá ser entregue no referido luga ao seu senhor, Domingos Antonio das Neves, ou nesta praça ao Sr. Manoel Ignacio de Oliveira Lobo, que recompensará com generosidade. Outro-sim, protesta-se contra quem o tiver acoutado.</p>
		112	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 14 de Janeiro de 1862.</b>  <b>AVISO</b></p> <p>No dia 28 de julho de 1861 fugio do Gurinhesinho, freguezia de Guarabira, o escravo Joaquim, cabra com 40 annos, cabellos pretos e quase carapinhos, tem o rosto descarnado, pouca barba, panos pretos nas duas faces, nariz afilado, olhar velhaco boca regular, dentes inteiros, limados e gastos, pescoço bem grosso desde a nuca até o tronco, hombros cahidos a ponto de não sustentarem os suspensorios, altura regular, pés e mão grandes, chaboqueiros, cheios de veias, é muito bem empernado, tem bons braços, falla pouco, é pouco, é cortez, gosta de cantar lôas, está acostumado a almocrever e atirar gado como tangedor. Dous dias depois de fugido apareceu em Bezerras, d'onde veio para o Recife em procura de certo indivíduo que lhe deu valhacouto, e presume-se que está agregado a algum engenho. O dono protesta usar de todo o rigor da lei contra quem o tiver occulto: quem o pegar pode leva-lo ao seu senhor José Justino da Costa Brito, no lugar mencionado, ou do reverendo Dr. Padre Joaquim Graciano de Araujo na rua da Santa Cruz n. 64, que será generosamente recompensado.</p>
		113	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 29 de março de 1862.</b>  <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b>  <b>Escravo fugido.</b>  <b>50\$000</b></p> <p>Está fugido desde 16 de fevereiro proximo passado o preto João que trabalhou com Joaquim Luiz dos Santos Villaverde, na padaria da rua Imperial n. 1999, o ultimamente estava na padaria junto a caixa d'agua com o Sr. Miguel José Teixeira d'onde se ausentou, tem os seguintes sinaes: corpo e altura regulares, mãos e pés grandes costuma andar de barba grande inclusive bigode, tem andar gingador, e as vezes anda de paletot ordinario e calçado ; recommenda-se aos senhores da polícia e aos capitães de campo que o pegar, levem- o ao largo do Campo ao abaixo assignado, ou a fabrica do sabão, que será gratificado com 50\$.</p>
			<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta Feira 21 de Janeiro de 1863.</b>  <b>ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>No dia 16 do corrente fugio de sitio do arco, da travessa da ponte de Uchôa,</p>

1863	FUGA	114	o preto Isidorio, representa a idade de 35 annos, estatura baixa, corpo regular, cara redonda e grossa, pouca barba, orelha pequena e pegada á cabeça, semblante tristonho, parece estar a chorar, tem as pernas com muitos signaes de feridas já sãs e novas, existindo na barriga da perna esquerda uma ferida que por isso pucha por elle, pés e dedos pequenos, levou vestido camisa baeta verde já usada, devendo estar com uma de madapolão nova e de pregas por tê-la em seu poder, calaças de algodão trançado azul, devendo estar com outra de riscadinho, chapéu de massa de côr parda e já velho : roga-se a qualquer pessoa particular ou policial de o capturar, e mandarem leva-lo a seu senhor no mesmo sitio, ou á rua das Cruzes n. 32, que será generosamente gratificado.
		115	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 22 de outubro de 1863.</b> <b>Atenção a paga.</b></p> <p>Fugio a escrava crioula Joaquina, côr fula, alta, magra, pés grandes e apalhetados tem alguns cabellos brancos que os pinta, inculca-se forra, é muito faladeira e se sugeita alugada em casas particulares para engomar durante o tempo de fugida que não é a primeira vez que a faz, disfarça-se de diversos modos, as vezes de timão é saia preta e outras de vestido e batão, é encontrada constantemente já no bairro do Recife, S. José e Boa-Vista, e ultimamente foi vista passar pela rua Augusta e supõe-se que está morando em algum casebre por detraz desta rua : roga-se as autoridades policiaes dos bairros do Recife. S. José e Boa-Vista ou outra qualquer pessoa que a encontrar apprehendam e apresentam ao seu senhor visconde de Voa-vista em seu palecete rua da Aurora.</p>
1865	FUGA	116	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco 12 de Janeiro de 1865.</b> <b>ESCRAVO FUGIDO</b> <b>AVISO</b></p> <p>Anda fugido o escravo Manoel, de idade de 30 a 40 annos, baixo, reforçado, de cor preta, porem fulo, e tem 6 dedos em cada mão : quem dele souber ou der noticia, dirija-se ao armazem de Joaquim Antonio Pinto Serodio, rua do Brum, ou rua do Trapiche n. 36.</p>
		117	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco 12 de Janeiro de 1865.</b> <b>ESCRAVO FUGIDO</b> <b>AVISO</b></p> <p>No dia 9 de dezembro de 1864 fugio de casa de seu senhor o escravo Herculano, pardo escuro, com 35 annos, alto, cabellos carapinhos, olhos e orelhas pequenos, tem apenas bigode e pera, pernas e andar de quebra-mangue, tendo o pé esquecido torto e sahido para fora como pata de seri, e por isso puxa alguma cousa pela perna quando anda, levou vestido calça branca remendada e camisa branca, levando chapéu de palha, conduzio igualmente toda roupa que possui, supõe-se andar aqui mesmo pela cidade: quem o pegar leve-o a rua Direita n. 54 que será generosamente recompensado.</p>
1867			<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 1 de Abril de 1867.</b> <b>ESCRAVA FUGIDA</b></p> <p>Desencaminhou-se do poder do abaixo assignado no dia 21 do corrente, uma escrava velha de nome Marianna, nação Congo, baixa, cara larga (...) peito direito uma cicatriz de ferro (...) levou vestido de chila (...) por cima do</p>

		<p><b>118</b> corpinho (...) corpinho de cambraia de côr branca com (...) côr de rosa, ella costuma ir para (...) e ser acostumada a comprar (...) Antônio : pede-se aos Srs. Capitães de campo e policiaes e apprehensão da dita escrava e (...) rua da Imperatriz n. (...) que será recompensado.</p> <p>João Francisco (...)</p>
		<p><b>(AK) Diario de Pernambuco 23 de Abril de 1867.</b>  <b>Aos capitães de campo</b>  <b>50\$000 de gratificação</b></p> <p><b>119</b> No dia 13 do corrente a noite, fugio da casa do abaixo assignado, na capunga, o escravo de nome Victor, com os signaes seguintes côr fula, cabellos carapinhos, olhos pegados nariz chato, boca grande, rosto um tanto redondo, sem barba, que representa ter 17 annos de idade, altura e corpo regular, levou vestido, camisa de algodão branco, e calça de brim; quem o apreender leve-o a casa de Lebamano Freres: rua do Crespo n. 16, ou na rua do imperador n. 43 2º andar, que será generosamente recompensado. Recife 14 de março de 1867.  Lebamano Freres.</p>
	<b>VENDA</b>	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Quinta Feira 9 de Abril de 1868.</b>  <b>ATENÇÃO</b></p> <p><b>8</b> Vende-se um escravo de meia idade por preço commodo, próprio para o serviço de campo, trabalha de enxada, entende de plantas e tambem serve para tomar conta de algum sitio: quem pretende-lo diriga-se á rua do Pilar n. 72 2º andar, a tratar das 6 as 8 e meia horas da manhã e de 5 da tarde em diante.</p>
<b>1868</b>	<b>FUGA</b>	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 27 de Abril de 1868.</b>  <b>AVISO</b></p> <p><b>120</b> No dia 5 do corrente mez fugiu de casa de seu senhor a cabocla Luiza, de 24 annos, altura regular, cheia de corpo, cabelo aparado com grande falta de dentes, levou além de outra roupa dous chalés sendo um de (...) azul e outro preto de renda de tres pontas, havia sido ultimamente capturada em Pedras de Fogo, onde se intitulava de fôrra e era natural do Rio Grande do Norte: gratifica-se a quem a apresentar na rua do Apollo n. 30, armazem de assucar.</p>
		<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 11 de Maio de 1868.</b>  <b>50\$000</b>  <b>DE GRATIFICAÇÃO</b></p> <p><b>121</b> a quem pegar o escravo Florencio, pardo claro, de 17 annos, cabelo carapinho, olhos pretos, orelhas grandes sendo uma um pouco em pé, trajando chapéo de feltro pardo, camisa de riscadinho azul, calça e jaqueta de brim pardo desbotado, sem boço algum. Recomenda-se a policia, aos senhores de engenhos, aos capitães de campo e [...] a apprehensão do referido escravo. Protesta-se contra quem acoitar preceder com todo o rigor da lei. Consta andar ou ter andado o [...] escravo no bairro do Recife, rua dos Guararapes . Está foragido desde o dia 28 do mez proximo passado. Pode ser entregue na rua das Cruzes n. 35 ou na travessa de Varas n. 15.</p>
		<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 13 de Julho de 1869.</b></p>

1869	FUGA	122	<b>FUGIO</b> Acha-se fugida desde o dia 24 de junho proximo passado, a escrava Antonia, de idade de 40 annos crioula, com os signaes seguintes: côr preta, olhos pesquenos, falta de dentes na frente e quando olha é de revez, levou vestido de cassa branca cum palmas rôxas e chalé preto de filó: quem apprehender leve á rua do Cabuga n. 6 que será generosamente recompensado.
		123	<b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 13 de Julho de 1869. FUGIO</b> No dia 15 de junho passado, fugio da padaria allemãa (segundo avisou o respectivo dono), onde estava alugado, um mulatinho escuro, de nome Justino, com 13 para 14 annos, baixo, reforçado, gago, orelhas grandes e um pouco viradas, trajava camisa de algodãozinho e calça de brim grosso côr de rapé : costuma quando foge inculcar-se como viço de alguém, para onde fora á vender pão de leite em uma cesta pertencente áquella padaria: quem o apprehender queira leva-lo á rua d'Aurora n. 26, onde será recompensado. Roga-se as autoridades policiaes que hajam de diligenciar a apprehensão delle.
1870	FUGA	124	<b>(AK) Diario de Pernambuco Quarta Feira 5 de Janeiro de 1870. AVISO ÀS AUTORIDADES POLICIAES E A QUEM COMPETIR</b> No dia 29 de maio do corrente anno, fugio o escravo Ezequiel, crioulo de 30 á 32 annos de idade, estatura regular, reforçado côr bem preta, cabeça redonda, trajava camisa azul e calça de cassemira cinzenta durante o dia costuma andar ganhando nas ruas, ou em armazéns de assucar ou nas tabernas, a conversa e a beber, durante a noite recolhe-se a telheiros abertos, ou penetráveis, a casas em construção e aoutros quaesquer lugares, onde se possa obrigar; quem o apprehender tenha a bondade de o conduzia a rua da Aurora n. 26, ou na do Imperador n. 20, onde será gratificado.
1871	FUGA	125	<b>(AK) Diario de Pernambuco 27 de Julho de 1871. AVISO.</b> Desappareceo do engenho Canzanza da freguesia e Jaboatão ha um anno, pouco mais ou menos, o escravo Jacinto, cabra, de idade 17 annos, ponco mais ou menos, statura regular, sem barba, cim uma belide no olho esquerdo, consta ter sido visto, logo que desapparecera, nos arrabaldes desta cidade: roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo ou a qualquer pessoa o favor de o apprehender e leva-lo ao seu senhor no referido engenho Canzanza ou rua Direita n. 36, 3º andar, que será generosamente gratificado.
		126	<b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 7 de Agosto de 1871. AVISO</b> Evadio-se desde o dia 21 de junho de 1870 a mutata escrava de nome Rita, baixa, gorda, cabellos crespos, olhos grandes, beiços finos, tem falta de dous dentes na frente, veio de S. José de Mipibú, provincia do Rio Grande do norte, remetida por Manoel Basilio de Moura Rolim a Loyo Sobrinho & C. desta praça; desconfia-seque esteja oculta em alguma casa a titulo de forra ; fo vista pelo carnaval na rua da Senzala velha : por tanto roga-se a todas as autoridades policiaes e aos capitães de campo ou a qualquer pessoa que a apprehender de lava-la ao becco do Tambia n. 1 que se gratificará com a quantia de 100\$.

		<b>127</b>	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Segunda Feira 7 de Agosto de 1871. AVISO</b></p> <p>Está ausente desde o dia 8 do mez passado o escravo cabra, de nome Paulo, idade de 40 annos pouco mais ou menos sem barba, altura regular, cheio do corpo, caraolha e gago. Este escravo costuma andar comprando garrafas vasiaas para vehder na fabrica de cerveja, Constar ter andado pela Casa Forte, se as autoridades policiaes, aos capitaes de campo e a qualquer pessoa que o apprehender, leva-lo á rua da Aurora n. 40, no Recife rua do Marquez de Olinda n.38, 1<sup>o</sup> andar, escriptorio de João Pereira Moutinho, que será recompensado.</p>
<b>1872</b>	<b>FUGA</b>	<b>128</b>	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 2 de Abril de 1872. ESCRAVO FUGIDO</b></p> <p>Na noute de 12 para 13 do corrente fugio do sitio Imberibeira, do abaixo assignado, o escravo de nome Felix, crioulo, e representa ter mais de cincoenta annos de idade.</p> <p>Foi comprado pelo abaixo assignado ao Sr. Bernardo Norat ha um anno, e pertenceu anteriormente a um Francez vendedor de ouro, chamado Simão.</p> <p>E' de estatura baixa; secco do corpo, barbado, olhos vermelhos, coxêa da perna direita, e tem o pé troncho; e na epocha em que fugio tinha dado uma estrepada no mesmo pé, sobrevindo-lhe uma pequena [...].</p> <p>Levou uma pequena caixa com roupa de algodão de listras e uma coberta de baeta encarnada. E' natural do Rio Grande do Sul, aonde sérvio muntos annos e anas costas apresenta anida cicatrizes de ter sido antigamente castigado.</p> <p>Bebe aguardade ; mas poucas veses fica fóra de seu estado natural. E' alegre e fallador.</p> <p>Há quasi certeza de que se encaminhou para Pernambuco pela costa.</p> <p>Qualquer pessoa que o capturar e o entregar ao abaixo assignado, ou em Pernambuco aos Srs. João Quirino de Aguiar &amp; C.<sup>a</sup> será gratificado com 50\$000 rs.</p> <p style="text-align: right;">Parahyba 26 de março de 1872. Custodio Domingues dos Santos.</p>
		<b>129</b>	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 2 de Abril de 1872. ATENÇÃO.</b></p> <p>Fugiram na madrugada de 17 de fevereiro do corrente anno os escravos seguintes:</p> <p>Jacinto, preto, crioulo, de idade 45 annos, cor bem preta, secco do corpo, pernas finas, bigode e barba somente no queixo, com raroa cabellos brancos, faltam-lhe alguns dentes na frente, falla manso, é muito ladino e esperto, é natural do Piancó onde foi escravo de Sabino Lopes da Silva, morador na fazenda Floresta, e vendido por este a Ignacio de Souza conhecido por Ignacio da Santa Cruz, morador na villa do Triumpho ou seu termo, o qual vendeu a José Pinto de Souza Neves, morador em Nazareth, e este a Symphronio Olimpio de Queiroga, no Recife.</p> <p>Bernardo, mulato acabocolado, acode pelo nome de cabocolo e pelo qual é conhecido, tem de 18 a 20 annos de idade, cor amarellada, com alguns panos na cara, cabellos corridos, dentes perfeitos, beiços grossos, estatura regular, quando falla puxa pouco pelo – R – faltam-lhe as unhas do polegar da mão esquerda e dos dous dedos grandes dos pês, e tem uma</p>

			cicatriz com falta de cabellos no alto da cabeça, é natural do Limoeiro donde veio pequeno, e nunca sahio daqui. Levaram estes escravos muita roupa, dinheiro, e dizem, que passaportes ou guias declarando-os livres : quem os apprehender e levar á Symphronio Olimpico de Queiroga, em Apipucos, será generosamente recompensado.
1873	FUGA	130	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 25 de Janeiro de 1873.</b> <b>AVISO.</b></p> <p>Fugiram do engenho Bamburral, na freguesia da Escada, na noute de 7 do corrente, os escravos seguintes : Theotonio, idade 40 annos pouco mais ou menos, preto, altura regular, cheio do corpo, pés apalhetados e feios, tem uma perna mais curta que a outra, tanto que pelo andar se conhece, e é bastante ladino ; Vencesláo, idade 40 a 50 annos, preto, com marcas de bexigas na cara, alto e cheio do corpo, pés e nariz grandes. Ambos levaram roupa de algodão azul. Paga-se generosamente á quem os apprehender e lava-los ao referido engenho.</p>
		131	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 25 de Janeiro de 1873.</b> <b>CRIOULO FRANCISCO</b></p> <p>No dia 17 de janeiro proximo passado ausentou-se o moleque Francisco, bonita figura, de 17 annos, bons dentes e pés grandes ua cintura tem signaes de antigas sevicias, andou algum tempo como servente nas obras da Penha, e foi negociado a pouco com a Sr. Maia, logista da rua do Crespo, e como consta ter andado nas imediações de Iguarassu e a poucos dias foi visto no rancho do caboclo Sancho em Taepé, perto da mesma villa , roga-se ás autoridades e pessoas do povo a sua apprehensão e manda-lo a rua do Imperador n. 2 que generosamente se gratificará.</p>
1874	FUGA	132	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 7 de Abril de 1874.</b> <b>ESCRAVO FUGIDO</b></p> <p>Fugio do poder de sua senhora, o escravo David, mulato acaboclado, moco, estatura regular, cheio do corpo, com pouco bigode, falta de dentes da frente, tem o tornozelo de um dos pés inchados e as pernas com marcas á especie de foveiras, levou vestido: camisa branca, jaqueta de quadrinhos, calça branca com remendos nos fundos, chapéo de feltro preto, levando também um balaio redondo em que vendia bredos, foi visto no Caxangá. Esse escravo pertenceu a Francisco Ayres Sizenando de Moraes e foi comprado nesta cidade ao Sr. Fradique, no poder d'aquelle Sr. esteve fugido sendo agarrado na Ponte dos Carvalhos. Recommenda-se, portanto, a captura do dito escravo, e gratifica-se generosamente a quem o levar á alfandega a João Evangelista Gomes, ou na Capunga na rua das Pernambucanas n. 50 á viuva de João Baptista Viera Ribeiro.</p>
		133	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Terça Feira 5 de Maio de 1874.</b> <b>ATENÇÃO</b></p> <p>Desappareceu no dia 27 de abril o escravo Francisco, de cor preta, com os signaes seguintes : 20 annos de idade, alto, secco do corpo, principiando a barbar, costuma andar com os cabellos grandes, quando falla guagueija alguma cousa, sabe ler, cozinha e faz doces. Roga-se portanto, ás pessoas e capitães de campo que o apprender, de conduzi-lo á rua do Barão da Victoria n. 53, que será recompensado; e protesta-se contra quem o tiver acoutado.</p>

1875	FUGA	134	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Domingo 11 de Julho de 1875.</b> <b>100\$000</b></p> <p>Fugiu desde o dia 20 de maio o escravo Noberto, o qual tem os signaes seguintes: mulato, cabelo soffrível, 20 annos de idade, estatura regular, secco do corpo, com falta de um dente na frente, é ladino, bom cavalheiro, e falla fina, natural de Pocinho, termo de Campina Grande, procincia da Parahyba do Norte : quem o pegar leve-o ao engenho Junco, na comarca de Nazareth da Matta, ou no Recife, a rua do Brum n. 81, que se pagará a gratificação acima.</p>
		135	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Domingo 11 de Julho de 1875.</b> <b>100\$000</b></p> <p>Fugio do engenho Massuassú, no dia 4 de maio do corrente anno, o escravo pardo, de nome Zacharias, com os signaes seguintes: moço com cerca de 20 a 28 annos, statura regular, [...] fisto a já cicatrisada no rosto, marcas de ferida nas pernas, conservando ainda uma aberta, vestígios de chicote nas costas, pernas um pouco arquesdas, muito ladino, tendo sido ultimamente encontrado com um pequeno bahu ás costas: roga-se ás autoridades policaes e capitães de campo se dirigirem apprehende-lo, conduzindo-o ao mesmo engenho Massuassú ou ao Sapucagy, ambos da cidade de Escada, onde serão gratificados com a quantia acima.</p>
		136	<p><b>(AK) Diario de Pernambuco Sabbado 21 de Agosto de 1875.</b> <b>200\$000</b> <b>ATENÇÃO</b> <b>ESCRAVO FUGIDO</b></p> <p>No dia 4 do corrente mez fugio no porto da Bahia, de Bordo do vapor nacional Bahia, o escravo Romualdo, que seguia viagem deste porto para o Rio de Janeiro, de propriedade de Luiz José da Silva Guimarães, negociante no Recife, que o houve por compra de 25 de maio de 1869 a Jeronymo Theotonio da Silva Loureiro, morador na Baixa Verde, cujo escravo tem os seguintes signaes característicos: côr preta fula, estatura 5 pés, 1 pollegada e 3 pontos, cabelo preto e carapinha, rosto comprido, olhos pretos com olhar mortecido, nariz afilado, boca grande, todos os dentes, barba pouca e corpo grosso, em uma das mãos, por traz do pulso, tem um caroço a especie de um lobinho, pronuncia compassada ; conservando se, quando falla, em attitude humilde e vista baixa, tem de idade 30 a 31 annos, pouco mais ou menos ; é filho de José e Antonia, escravos de Manoel Salvador, de lugar de Fazenda Grande ou Pajeú de Flores, d'onde o referido escravo é natural. Sahio daqui vestido com calça e camisa branca, paletot de alpaca preto, chapéo do Chile, levou um bahuzinho de canto com bastante roupa branca, assim como consta que no acto do embarque aqui um preto foi a bordo e entregou-lhe a quantia de 600\$000 a mandado de uma amasia de nome Romana. É provavel que tenha mudado de nome e de vestuario , e que ande calçado para assim intitular-se livre e illudir a vigilancia das autoridades. Ha de com certeza seguir caminho da Bahia para esta cidade em algum dos vapores da companhia Bahianna, desembarcando em Maceió, ou pelo interior das duas provincias : roga-se, portanto, as autoridades policaes e aos senhores capitães de campo ou a qualquer outra pessoa que dele tiverem conhecimento, o apprehenderem, participando ou entregando-o ao seu respectivo senhor, no Recife, rua do Commercio n.5, que serão recompensados com a gratificação acima.</p>

ANÁLISES DOS ELEMENTOS CARACTERIZADORES DOS ANÚNCIOS DE FUGA DE ESCRAVOS												
ANEXO 2												
ANÁLISES DOS ELEMENTOS CARACTERIZADORES DOS ANÚNCIOS DE FUGA DE ESCRAVOS												
Nº	Data	Verbo	Nome	Idade	Nação	Características	Domínio da língua	Cicatrizes/feridas	Marcas de nação	Fechamento	Gratificação	Assinatura
1	Início	Sonegar	Leonardo	-		Sim - cujo signaes são	-	sim		No fim	“terá grandes alviças”	-
2	Início	Desaparecer	Barbara	10/11		Sim – com os signaes seguintes	crioula			No fim	“que receberá generosamente alviças”	-
3	Início	Fugir	Manoella	-	-	Sim	criôula	-	-	No fim	“receberá a paga de seu trabalho”	-
4	Início	Fugir	Antonio	-	Quiçamá	Sim	-		-	No fim	“que se lhe pagará bem o seu trabalho”	-
5	Meio	Fugir	Joze		Cabundà	Sim - com os signaes seguintes	Ladino	sim	-	No fim	“será pago do seo trabalho”	-
6	Início	Fugir	Jurissaca	23/24	-	Sim	-	-	-	No fim	-	-
7	Início	Fugir	Graça João		Congo Angola	Sim – tem os sinais seguintes	-	-	-	No fim	“que será bem recompensado”	-
8	Início	Fugir	Francisca	-	-	Sim – com os signaes seguintes	crioula	-	-	No fim	“será recompensado do seu trabalho”	
9	Início	Ausentar	Domingos	16	-	Sim	-	-	-	No fim	“será recompensado com a quantia...”	-
10	-	-	-		Gabão	Sim	-	-	-	No início e fim	“que será pago do seu trabalho”	-
11	Início	Desaparecer	Luzia	15	Songa	Sim – com os signaes seguintes				No fim	-	

12	início	Fugir	6 negros	-	-	Sim	-	-	-	No fim	“será generosamente pago”	-
13	Meio	Fugir	-	-	-	Sim	-	-	-	No fim	-	
14	Meio	Fugir	Izidoro	18/20	Angola	Sim	Buçal	-	-	No fim	-	
15	Meio	Fugir	Matheus		Camundongo	Sim	-	-	-	No fim	-	
16	Meio	Fugir	Sezilia	12/13	-	Sim - com os signaes seguintes	-	Sim	-	No fim	-	-
17	Meio	Ausentar	Iria	-	-	Sim	-	-	-	No fim	“que serão bem recompensados”	-
18	-	-	-	16	Costa	Sim	-	Sim	Sim	No fim	“que serão recompensados”	-
19	-	-	Catharina	16/18	Angola	Sim	Crioula	Sim	-	No fim	“que receberão a paga de seo trabalho”	-
20	Fim	Ausentar	Rafael	20/22	Songo	Sim	-	-	-	No fim	“que serão recompensados”	
21	Meio	Fugir	Romão	20/30	-	Sim	-	Sim	-	No fim	“será recompensado”	
22	Meio	Fugir	José	-	Costa	Sim	-	-	-	No fim – STD	“que recompensará bem”	
23	Fim	Fugir	Silvestre	17/18	Camondongo	Sim	-	Sim	-	STD	-	-
24	-	-	Jorge	14/16	Moçambique	Sim	Ladino	-	-	STD	-	-
25	Meio	Fugir	Roza	27	Rebolo	Sim	-	-	Sim	No fim – STD	-	-
26	-	-	Anna Francisco	-	Angola	Sim	-	-	-	No fim – STD	-	-

27	Meio	Fugir	Joaquim Roza	-	Costa Angola	sim	-	sim	-	No fim – STD	“que a gratificará com...”	-
28	Meio	Fugir	Joaquim	18/20	Calabar	Sim	-	-	-	No fim – STD	“que será gratificada”	-
29	-	-	Carolina	16	-	Sim	Crioula	-	-	No fim – STD	-	-
30	Meio	Fugir	Maria da Penha	-	-	Sim	-	sim	-	No fim – STD		-
31	Início	Fugir	Pedro	-	Mossambique	Sim	-	-	-	No fim	“que será gratificado”	-
32	Fim	Fugir	Manoel	-	Angola	Sim	-	Sim	-	No fim	“que será recompensado...”	-
33	Meio	Fugir	Antonio	30	Congo	Sim	-	-	-	No fim	“que será gratificado”	-
34	Meio	Fugir	João	20	-	Sim	Crioulo	-	-	No fim	“onde serão mui bem recompensado”	-
35	Início	Desaparecer	Joaquim	16	Mossambique	Sim	-	Sim	-	No fim	“que serão recompensados”	-
36	Início	Fugir	Antonia	25	-	Sim – com os signaes seguintes	-	-	-	No fim	“que lá será bem recompensado”	-
37	Início	Fugir	Roza	14/15	Nação	Sim	-	-	-	No fim	“terá premio 100\$ reis”	-
38	Início	Desaparecer	Jenuveva	-	-	Sim	Crioula	Sim	-	No fim	-	-
39	Meio	Desaparecer	Manoel	-	Angola	Sim	-	-	-	No fim	“terá a quantia de 200\$ reis”	Sim
40	Início	Fugir	-	-	-	Sim	-	Sim	-	No fim	-	-
41	Início	Desaparecer	Domingas	20	-	Sim	“não fala bem a lingoa do paiz”	-	-	No fim	“que receberá dez mil de gratificação”	-

42	Início	Fugir	Izabel	40	-	Sim	-	-	-	No fim	-	-
43	Início	Fugir	Maria Cajoeira	40/50	Calabar	Sim	-	-	Sim	No fim	“que será bem recompensado”	-
44	Início	Desaparecer	Efigência	20		Sim	creola	Sim	-	No fim	“que será recompensado”	-
46	Início	Fugir	Antonio	16	Angola	Sim	Ladino	Sim	-	No fim	“que será recompensado”	-
47	Meio	Fugir	Antonio	-	-	Sim	-	-	-	No fim	“que generosamente pagará as despesas”	-
48	Início	Fugir	4 negros	-	-	Sim	-	-	-	No fim	“que será gratificado”	-
49	Início	Fugir	Diôgo	50	Calabar	Sim	-	-	-	No fim	“onde será generosamente compensado...”	-
50	Início	Fugir	Silvestre	30	-	Sim	-	-	-	No fim	“que receberá 50,000 de gratificação”	-
51	Início	Fugir	Miguel		Angola	Sim	-	-	-	No fim	“que seá gratificado”	-
52	Início	Desaparecer	João	9	Cabinda	Sim	Buçal			No fim	“que será gratificado”	-
53	Início	Fugir	José	8/9	Angola	Sim	-	-	-	No fim	“que gratificará”	-
54	Início	Desaparecer	Damião Anna	35	-	Sim	-	-	-	No fim	“que receberá 50.000 de gratificação”	-
55	Início	Fugir	Antonio	30/40	Moçambique	Sim	Atravessa- da da falla	Sim	-	No fim	“que dará 50,000 de gratificação”	-
56	Início	Fugir	Maria	35	-	Sim	-	Sim	-	No fim	“que será gratificado”	-

57	Meio	Fugir	Francisco Valentim	22/23 16/17	Rebolo Costa	Sim – com os signaes seguintes				No início e fim	“que gratificará...”	-
58	Meio	Fugir	Fidelis	-	-	Sim			-	No início e fim	“...receberá a dita recompensa”	
59	Início	Fugir	Thomaz		-	Sim	Creoulo Ladino	Sim	-	No fim	“será generosamente gratificado”	-
60	Início	Fugir	Antonio	30	Angola	Sim	Fala bem	-	-	No fim	“que será generosamente recompensado”	-
61	Início	Fugir	Sebastião	-	Cassange	Sim – o qual tem os signaes seguintes	-	Sim	-	No fim	“que será gratificado”	-
62	Meio	Fugir	Jacob	13/14	-	Sim – com os signaes seguintes	Sim	Sim	-	O início e Fim	“que será gratificado”	-
63	Início	Fugir	Dameão	-	Congo	Sim	Buçal	Sim	-	No fim	“que serão recompensados”	-
64	Início	Fugir	Antonio	-	-	-	Ladino	Sim	-	No fim	“que será generosamente gratificado”	-
65	Início	Desaparecer	Domingos Agostinha	35?	Caçanje Angola	Sim – com os signaes seguintes	-	-	-	No fim	“que será generosamente recompensado”	-
66	-	Fugir	Antonio	32		Sim	Quando fala gagueja	-	-	No fim	“que será recompensado”	-
67	Início	Fugir	Rita	-	-	Sim	-	-	-	No fim	-	-
68	Início	Desaparecer	Marianna	50		Sim – tem os signaes seguintes	Crioula	-	-	No fim	“que será bem recompensado”	-
69	Início	Fugir	Manoel		-	Sim – Com os	-	Sim	-	No fim	“que será	-

						signaes seguintes					recompensado"	
70	Meio	Evadir	Antônio Manoel	40 40	Loanda Angola	Sim – com os signaes seguintes		Sim Sim		No início e Fim	"que se lhes pagará as despesas"	-
71	Início	Fugir	Francisco		Ambaca		Ladino, mas fala muito atrapalhado	-	-	No fim	"que será recompensado"	-
72	Meio	Desaparecer	-	12	-	Sim	-	-	-	No fim	"pois serão bem recompensados"	-
73	Início	Desaparecer	Pedro	30	-	Sim	-	-		No fim	"que será generosamente recompensado"	
74	Início	Fugir	José	-	-	Sim – tem os signaes seguintes	Crioulo	Sim	-	No fim	"que serão pagos de seu trabalho generosamente"	-
75	Início	Fugir	-	15	-	Sim	-	-	-	No fim	"que será generosamente gratificado"	-
76	Início	Fugir	Josepha	18	-	Sim	-	Sim	-	Nom fim	"que será gratificado"	-
77	Início	Fugir	Domingos Uanza		-	Sim – com os signaes seguintes	-	Sim	-	No fim	"que será recompensado"	-
78	Início	Fugir	Joanna	35/40	-	Sim	Crioula	Sim	-	No fim	"que será generosamente recompensado"	-
79	Início	Desaparecer	José	25	-	Sim	Crioulo	Sim	-	No fim	"que recompensará"	-
80	Meio	Desaparecer	Ali	20/22	Costa	Sim – tem os signaes seguintes	Fala pouco por ser bruto	Sim	-	No início	"offerece-se gratificar com generosidade"	-

81	Início	Fugir	João	30	-	Sim	-	-	-	No fim	“que será bem gratificado”	-
82	Início	Fugir	Jeronymo	10/11	-	Sim	-	-	-	No fim	“que será recompensado”	-
83	Meio	Fugir	João	30/35	-	Sim	-	-	-	No início	“oferece 40.000 rs. de gratificação”	Sim
84	Início	Desaparecer	Maria			Sim	crioula			No fim	-	-
85	Início	Desaparecer	Marçal	20	-	Sim - tem os signaes seguintes	-	-	-	No início e No fim	“Boa gratificação” e “que serão bem gratificados”	-
86	Início	Fugir	Leandro	18	-	Sim	-	Sim	-	No fim	“que se recompensará o trabalho”	-
87	Início	Desaparecer	Luzia	-	Rebolo	Sim	-	-	-	No fim	“será recompensado”	-
88	Início	Desaparecer	Maria	30	-	Sim	-	-	-	No fim	“que será recompensado”	-
89	Início	Desaparecer	Januario	30/35	-	Sim- com os signaes seguintes	-	-	-	No fim	“que será recompensado”	-
90	Início	Seduzir ou furtar	Raimunda Narciza	17	-	Sim	-	-	-	No fim ameaça	-	Sim
91	Início	Fugir	Cosma	40	-	Sim – com os signaes seguintes	-	Sim	-	No fim	“que recompensará”	-
92	Início	Desaparecer	Joaquina	40	Cassange	Sim	-	Sim	-	No fim	“que recompensará”	-
93	Início	Desaparecer	Merencia	28	-	Sim	Crioula	Sim	-	No fim	“que ser bem recompensado”	-
94	Início	Fugir	Marianna		Benguela	Sim	-	Sim	-	No fim	“que se responsabiliza pelas despesas”	-

95	Início	Fugir	Severino	20	-	Sim	-	Sim	-	No fim	“se gratificará os portadores”	-
96	Início	Desaparecer	Antonio	40	Congo	Sim – com os signaes seguintes	Crioulo	Sim	-	No fim	“que será recompensado”	-
97	Início	Fugir	Ventara	45/50	-	Sim	-	-	-	No fim	“gratifica-se a quem o pegar”	-
98	Início	Fugir	José	30	Angola	Sim – com os signaes seguintes	-	Sim	-	No fim	“que será satisfatoriamente recompensado”	-
99	Início	Fugir	Pantaleão			Sim				No fim	“promette-se gratificar bem”	
100	Início	Fugir	Lourenço	40		Sim		Sim		No fim	“que será recompensado”	-
101	Início	Fugir	Manoel	20	-	Sim – com os signaes seguintes	-	-	-	No fim	“receberá 300\$000 de gratificação”	-
102	-	Fugir	Maria	40	Angola	Sim – tem os signaes seguintes	-	-	-	No fim	-	-
103	Início	Fugir	Damião Jacintho	25 28	-	Sim	Crioulo	Sim Sim	-	No fim	“que serão recompensados”	-
104	-	Desaparecer	Antonio	40	Angola	Sim	-	-	-	No fim	“que gratificará”	-
105	-	Fugir	Cesaria	-	-	Sim – com os signaes seguintes	-	-	-	No fim	“que se gratificará generosamente”	-
106	Início	Fugir	Matheus	50	Angola	Sim	-	Sim	-	No fim	“que gratificará generosamente”	-
107	Início	Fugir	Benedita	25	-	Sim	Crioula	Sim	-	No fim	“que será satisfeita qualquer despesa resultante”	-
108	Meio	Fugir	Manoel	-	-	Sim	-	-	-	No início e	“gratifica de	-

											fim	maneira acima"	
109	Início	Fugir	Anna	40	-	Sim	Crioula	-	-	-	No fim	"será gratificado"	-
110	Início	Fugir	Pordencia	28	-	Sim	-	-	-	-	No fim	"que serão generosamente recompensados"	-
111		Fugir	Faustino	15/18		Sim	-	-	-	-	No fim	"que recompensará com generosidade"	-
112	Início	Fugir	Joaquim	40	-	-	-	Sim	-	-	No fim	"que será generosamente recompensado"	-
113	Início	Fugir	João	-	-	Sim – tem os seguintes sinais	-	-	-	-	No fim	"que será gratificado"	-
114	Início	Fugir	Isidoro	35	-	-	-	Sim	-	-	No fim	"que será generosamente gratificado"	-
115	-	Fugir	Joaquina	-	-	Sim	-	-	-	-	No fim	-	-
116	-	Fugir	Manoel	30/40	-	Sim	-	-	-	-	No fim	-	-
117	Início	Fugir	Herculano	35	-	Sim	-	Sim	-	-	No fim	"que será generosamente recompensado"	-
118	Início	Desencaminhar	Marianna	-	Congo	Sim	-	Sim	-	-	No fim	"que será recompensado"	-
119	Início	Fugir	Victor	17	-	Sim- com os sinais seguintes	-	-	-	-	No fim	"que será generosamente recompensado"	-
120	Início	Fugir	Luzia	24	-	Sim	-	-	-	-	No fim	"gratifica-se a quem a apresentar"	-
121	Fim	Foragir	Florencio	17	-	Sim	-	-	-	-	No início e fim	Título – "50\$000 de gratificação"	-
122	Início	Fugir	Antonia	40	-	Sim – com os sinais	-	-	-	-	No fim	"que será generosamente	-

						seguintes					recompensado"	
123	Início	Fugir	Justino	13/14	-	Sim	-	-	-	No fim	"onde será recompensado"	-
124	Início	Fugir	Ezequiel	30/32	-	Sim	Crioulo	-	-	No fim	"onde será gratificado"	-
125	Início	Desaparecer	Jacinto	17	-	Sim	-	Sim	-	No fim	"que será generosamente gratificado"	-
126	Início	Evadir	Rita	-	-	Sim	-	-	-	No fim	"que se gratificará com a quantia de 100\$"	-
127	Início	Ausentar	Paulo	40		Sim	-	-	-	No fim	"que será recompensado"	
128	Início	Fugir	Feliz	50		Sim		Sim		No fim	"será gratificado com 50\$000rs."	Sim
129	Início	Fugir	Jacinto Bernardo	45 18/20	-	Sim	Ladino Quando fala puxa um pouco o R	Sim	-	No fim	"será generosamente recompensado"	-
130	Início	Fugir	Theotônio Venceslão	40 40	-	Sim Sim	Ladino	Sim	-	No fim	"Paga-se generosamente"	-
131	Início	Ausentar	Francisco	17	-	Sim	-	Sim	-	No fim	"que generosamente se gratificará"	-
132	-	Fugir	David	-	-	Sim	-	Sim	-	No fim	"gratifica-se generosamente"	-
133	Início	Desaparecer	Francisco	20	-	Sim - com os sinais seguintes	"quando falla guagueija"	-	-	No fim	"que será recompensado"	-
134	Início	Fugir	Noberto	20	-	Sim - tem os signaes seguintes	Ladino	-	-	No fim	"que se pagará a gratificação acima"	-

<b>135</b>	Início	Fugir	Zacharias	20/28		Sim – com os signaes seguintes	Ladino	Sim	-	No fim	“onde serão gratificados com a quantia acima”	
<b>136</b>	Início	Fugir	Romualdo			Sim – tem os signaes seguintes	Pronuncia compassada	Sim		No fim	“que serão recompensados”	

ANEXO 3  
TÍTULOS DA SEÇÃO DO ANÚNCIO DE FUGA DE ESCRAVOS

**Fugas de Escravos.**

DP: 25/08/1828

**Escravos fugidos.**

DP: 10/05/1856

**Escravos fugidos.**

DP: 12/08/1857

... que são portuguezes, e a vista da sua bem conhecida construcção, e qualidade superior, tornam-se recommendaveis aos senhores ferreiros e mais pessoas que usam dos mesmos : na rua Nova defronte da Conceição dos Militeres u. 38.

**Aos funileiros**

Chegam afinal a rua Nova n. 38, defronte da Conceição dos Militeres, as desejadas tesouras de Guimarães para funileiros, e tambem as boas bigornas : a ellas, antes que se acabem, porque só vieram as amostras, e por isso são poucas, e os preços são os mais razoaveis possiveis.

--- Na rua Direita, becco do Serigado n. 91, vendem-se figos de commadre, ararota, gomma de engommar, manteiga iugleza, dita franceza, bolachinha de soda, e todos os mais generos por barato preço, e vinho a 320 a garrafa.

**Deposito de cera**

Rua da Cruz, armazem n. 33.  
Cera de carnauba a 105500 arroba, pelles de cabra, meios de sola, veles de carnauba, simples e de composição, e sebo do Porto.

**ALMEIDA GOMES, ALVES & C.**  
Vendem no seu armazem  
**27 RUA DA CRUZ 27**  
CHAPEOS de feltro sortidos da fabrica, herdada de Carvalho Pinto do Rio de Janeiro.  
SABAO' das fabricas do Rio de Janeiro.  
VINHO de champagne de superior qualidade  
SALVAS, bandeijas e outras obras de prata.

**Escravos fugidos.**

— Fugio a escrava de nome Maria, com idade de 40 annos, nação Angola, a qual escrava foi comprada nesta praça ao Sr. Antonio Francisco de S. Magalhães, e tem os signaes seguintes : estatura baixa, cor preta, olhos apertados, tem ambos os pés enchados, levou um vestido velho de chita, e nos hombros um panno fino velho ; conta que anda pelo Arraial, e de manhã vem comprar carne aqui ; protesta-se com todo o rigor da lei, contra quem a tiver scontada : roga-se a todas as autoridades policiaes, e capitães de campo, que apprehendam e levem-na ao seu senhor que he Francisco Antonio do Rego Mello, na rua das Cruzes n. 35.

PERN — TYP. DE M. F. DE FARIA: — 1859

Anúncio do DP de 1859

**FUGIO.**

DP: 13/07/1869

**Escravo fugido.**

DP: 7/4/1874

## ANEXO 4

## Diario de Pernambuco N. 1

NUMERO 1

## DIARIO DE PERNAMBUCO

HOJE SEGUNDA FEIRA 7 DE NOVEMBRO E 311 DIAS DO ANNO DE 1825

S. FLORENCIO, B.

## INTRODUÇÃO

Faltando nesta cidade assaz populosa um Diario de Annuncios, por meio do qual se facilitassem as transacções, e se communicassem ao publico noticias, que a cada um em particular podem interessar, o administrador da Typographia de Miranda e Companhia se propoz a publicar todos os dias da Semana excepto os Domingos somente o presente Diario, no qual debaixo dos titulos de --Compras--Vendas--Leilões--Alugueis--Arrendamentos--Alfrentamento--Roubos--Perdas--Achados--Fugas e Appreensões de escravos--Viagens--Afretamentos--Amas de leite etc., tudo quanto disser respeito a taes artigos; para o que tem convidado a todas as pessoas, que houverem de fazer estes ou outros quaesquer annuncios, aos levarem a mesma Typographia que lhe serão impressos gratis, devendo ir assignados.

Tambem se publicarão todos os dias as entradas e sahidas das embarcações do dia antecedente, portos de onde vierão, dias de viagem, passageiros, cargas, e noticias, que trouxerão. Além disto todas as sema-

nas se darão os preços correntes dos generos de importação e exportação com um attestado de dois negociantes desta praça

E porque para muitas pessoas seria incommodo dirigir-se a Typographia, para entregarem os seus annuncios, se tem prevenido este inconveniente reabrindo se no Recife no Botiquim da Praça, em S. Antonio na Loja da Gazeta rua de Rosario, e na Boa Vista na Baieira de João Ferreira da Cunha no largo da Matriz taes annuncios, em cujas casas se recebem igualmente assignaturas e se vende este Diario pelo preço de 10 rs. cada folha.

## COMPRAS

1. Quem tiver alguma casa terrea nesta Cidade, que não seja de alio preço, dirija-se a rua dos Marlynos casa n. D 5 onde achará quem pretende comprar huma tal propriedade

## VENDAS

2. Vende-se, ou afreta-se o Brigue Escuna Americano Abbis de 133 toneladas, em muito bom estado, e prompto de todo o necessario e muito veleiro; quem o quizer comprar ou afre-

tar pode dirigir-se a Luiz Gonçalves Ferreira.

3. Quem quizer comprar huma morada de casa na Povoação da Casa Forte, com muitos commodos, bom quintal, e fructas de varias qualidades, falle a Antonio José dos Santos na rua da Cadeia do bairro do Recife.

4. Quem quizer comprar huma morada de casa de sobrado na Cidade de Olinda na rua de S. Bento, na qual morou muito tempo Bonifacio Maximiano de Mattos, e que se acha em muito bom estado e bem pintada, dirija-se a casa de Angelo Ribeiro Paz e Mendonça, rua Direita sobrado n. 272, que tem ordem de se ajustar com qualquer pessoa.

5. Quem quizer comprar um escravo official de sapateiro, de nação Calabar, com ponta de barba e bem ladino, sem vicios nem defeito algum e que seu Senhor vende por o dito escravo não querer estar no matto para onde se mudou, falle ao sobredito Angelo Ribeiro na mesma casa das 3 até 5 horas da tarde.

6. Vende-se uma Enginhoca moente, e corrente com boa casa de vivenda e algumas matas denominada Conceição, sita na Feira de Nazareth, com duzentas bragas de frente, e meia legua de fundo, avaliada em oito mil cruzados; quem a quizer comprar dirija-se ao Cartorio do Escrivão Nascimento, na

rua direita, que achará com quem ajustar-se.

7. Ao pé da mesma Enginhoca ha huma porção de terras tambem com duzentas bragas de frente e meia legua de fundo, quem quizer comprar pode dirigir-se ao mesmo Cartorio.

8. Marcelino de Campos Quaresma tem para vender hum escravo de nação Angola, bem feito e alto ainda sem buço, muito possante e fiel; quem o quizer comprar pode entender-se com o sobredito na rua do Cotovello, pouco adiante do becco das Barreiras, ou no Cartorio da Fazenda Nacional, onde o mesmo he empregado.

9. O Inspector do Trem Nacional desta Cidade tem a vender hum escravo do genio de Angola, quem o quizer comprar dirija-se ao mesmo na rua do Rangel, ou no dito Trem.

## LEILÕES

10. Leilão que faz Ray et Bryan de dez peças de Artilharia no dia 9 do corrente no Trapixe da Alfandega.

## ROUBOS

11. Em dias do mez passado furtario do lugar de Heberibe huma burrinha castanha com um filho da mesma cor, pertencentes a Bartholomeu Francisco de Souza, quem souber alguma noticia de taes animas ou descobrir onde elles se

3

acham dirija-se ao sobredito na sua Botica na rua do Rosario, que lhe dará de premio 16 mil reis.

12. No 1.<sup>o</sup> do corrente na Praça Grãde desta Cidade sonnegaria hum Menino pardo de nome Leonardo, filho de Marcelino dos Santos de Oliveira morador em terras do Monteiro cujos signaes são: ter uma cicatriz na cabeça procedida de huma queimadura, e o dedo minimo da mão direita de menos; quem o descobrir dando parte no Engenho Monteiro ou annunciando-se por este Diario terá grandes Alvicaras.

## PERDAS

13. Quem achar huma Carteira de Algaibaira de morroquim encarnado com duas obrigações dentro: huma, Credito de José Joaquim da Silva morador em Santo Antão, do valor de rs. 19.200, a outra Credito de João José de Siqueira morador na Serra da Passara do valor de rs. 22.360 assim outros muitos papeis que de nenhuma utilidade poderá servir a pessoa alguma, se não ao seu proprio dono: quem a tiver achado a poderá entregar na Botica junto a Guarda da Boa-Vista e alli receberá o seu achado.

## VIAGENS

14. Para Maranhão com a

maior brevidade segue viagem o Bergantim Concordia do Brazil, quem nelle quizer carregar ou transportar-se dirija-se ao Capitão do dito Joze de Costa Santos ou a Manoel Jozi Ribeiro.

15. Para a Bahia o Brigue Inglez Sir James Kempf, Capitão John Ross, quem nelle quizer carregar ou ir de passagem dirija-se a Ray Bryan.

## AFRETAMENTOS

16. Quem quizer afretar para qualquer porto da Europa ou America o Brigue Americano Franklin, pode dirigir-se a Luiz Gonçalves Ferreira.

17. Para a Ave de Graça a Galera Apollo a sahir imprerterivelmente no dia 25 do proximo mez de Novembro de 1825, quem quizer hir de passagem dirija-se aos seus consignatarios Roberts Pelly Companhia, moradores na rua de Trapixe da Alfandega.

## ENTRADAS E SAHIDAS DAS EMBARCAÇÕES

## ENTRADAS DO DIA 5

A sumaca Capio vinda da Bahia, com 11 dias de viagem Capitão Constantino Joze Pinto, dono Francisco Pinto Lima, tripulação 11 pessoas, carga Farinha, passageiro Jozi Joaquim Theodoro de Mello. A lanchar Alegria do Brazi

vinda de S. Matheus, com 30 dias de viagem, Mestre Antonio dos Santos e Silva, dono Manoel de Souza Rocha, tripulação 5 pessoas, carga Farinha.

A Lanchar Desengano Feliz, vindo de S. Matheus, com 27 dias de viagem, Mestre Joze Joaquim Jorge, tripulação 7 pessoas, carga farinha.

A Lanchar Flor de Goianna, vinda de Goianna, Mestre e dono Antonio Affonso de Mello, tripulação 8 pessoas, carga algodão, e tenha, com 2 dias de viagens

## SAHIDAS DO MESMO DIA

A Sumaca Chica para o Açú Mestre Izidoro da Silva, dono Bento Joze da Costa, tripulação 12 pessoas, carga diversos generos, e 15 passageiros.

A Sumaca Amizade, para o Rio Real, Mestre João Antonio Mesquita, dono Manoel Joaquim da Silva Portella, tripulação 8 pessoas, carga Lastro.

A escuna Estrella para a Bahia, Mestre Joze Joaquim Ladisláo, consignatario Amaro de Barros Correia Junior, tripulação 8 pessoas, carga lastro.

## ENTRADAS DO DIA 6

Brigue Inglez Riliance, vindo do Porto, 48 dias, Mestre William Airison, carga Vinho, consignado a Robspeller.

Brigue Francez Celpate, vindo de Ave de Graça, 60 dias, Mestre Curtial, carga Farinha.

Queijo, e Aguardente, consignado a Lasserre.

Sumaca Rosario, vinda do Aracaty em 28 dias, Mestre Joze Rodrigues, carga couro, sola, e algodão, consignada a Francisco Antonio.

dia 3.

Paquete Inglez Lord Hobart Capitão Willian Jones vindo de Falmout com escala pela Madeira e Teneriffe, 49 dias de viagem, passageiros 3 Officiaes de Marinha para o Esquadra Ingleza do Rio, dá noticia de haver sahido dos Portos da França huma Esquadra de 50 embarcações da guerra com destino para a Ilha de Cuba.

Sahio o mesmo Paquete no dia 5 para o Rio com escala pela Bahia, Passageiros o Reverendo Jolio Penay, Inglez, e os Brasileiros Francisco Xavier Cavalante, e Joaquim Joze da Costa Oliveira.

## AVIZO

Faz-se saber aos Srs. Assignantes deste Diario que na occasião de lhe ser entregue se as suas portas se acharem feixadas o Diario será mettido por baixo das mesmas, porque se torna muito incommodo procurar dias ou tres vezes a qualquer dos Srs. Assignantes para lhes entregar em mão propria dito Diario.

Na Typ de Miranda e C.

ANEXO 5  
ANÚNCIOS DE PROCURADOS<sup>1</sup>

**PROCURADO**



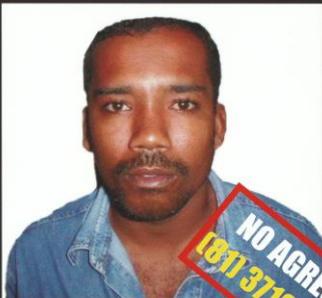
Se você tem informações sobre este homem, José Emídio dos Santos Filho, entre em contato com o Disque Denúncia. Garantimos todo sigilo. Trata-se de um foragido perigoso, com prisão decretada.

Para informações comprovadas, paga-se recompensa de R\$ 30.000

**DISQUE DENÚNCIA**  
3421.9595

Procurado: 1

**PROCURADO**  
**BERG**  
(Rosemberg Ramos da Silva)



**RECOMPENSA**  
**R\$ 5.000,00**

**Garantia de anonimato**

**Disque-Denúncia**  
**(81) 3421.9595**

**NO AGRESTE**  
**(81) 3719-4545**

Procurado: 2

**PROCURADO**  
**OLÍVIO DA SILVA OLIVEIRA**



**RECOMPENSA**  
**R\$ 5.000,00**

**Garantia de anonimato**

**Disque-Denúncia**  
**(81) 3421.9595**

Procurado: 3

**PROCURADO**  
**ESTELIONATÁRIO**  
**FLÁVIO VENTURINI**  
(Flávio P. de A. Almeida)



**RECOMPENSA**  
**R\$ 5.000,00**

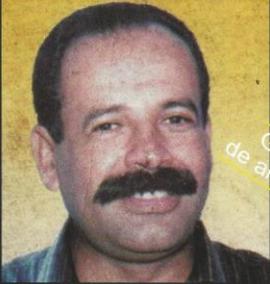
**Disque Denúncia** **No Agreste**  
**(81) 3421.9595** **(81) 3719.4545**

**Garantia de anonimato**

Procurado: 4

<sup>1</sup> Todos os anúncios foram elaborados e divulgados pela ONG MPCC.

**PROCURADO**  
**HOMICIDA**  
**LUIZ SOARES DA SILVA**  
**"LULA SOARES"**



Garantia de anonimato

**RECOMPENSA**  
**R\$ 20.000,00**

Disque Denúncia **No Agreste**  
**(81) 3421.9595 (81) 3719.4545**



Procurado: 5

**PROCURADO**  
**Neco de Cassiano**  
 (Manoel Faustino dos Santos)  
**FORAGIDO DO ANIBAL BRUNO**



**NO AGRESTE**  
**(81) 3719-4545**

**RECOMPENSA**  
**R\$ 10.000,00**

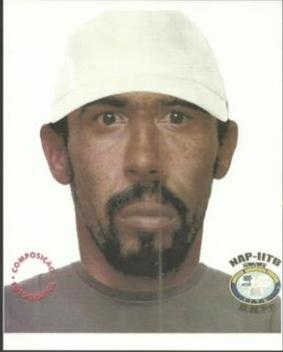
Disque Denúncia  
**(81) 3421.9595**

Garantia de anonimato



Procurado: 6

**PROCURADO**



Garantia de anonimato

**SUSPEITO DE RAPTAR O MENOR LUCAS KAUAN\***

**RECOMPENSA**  
**R\$ 2.000,00**

Disque Denúncia **Agreste e Sertão**  
**(81) 3421.9595 (81) 3719.4545**

Valor a ser pago exclusivamente por informações passadas ao Disque-Denúncia.

Procurado: 7

**PROCURA-SE**  
 Zenildo José de Sá Menezes  
 (Nego ou Neguinho)



**RECOMPENSA**  
**R\$ 2.000,00**

**Garantia de anonimato** Disque-Denúncia  
**(81) 3421.9595**

Procurado: 8

**PROCURA-SE**  
 MACIEL FERREIRA DE LIMA  
 (Pimenta)



**RECOMPENSA**  
 de até  
**R\$ 2.000,00**

**Garantia de anonimato** Disque-Denúncia  
**(81) 3421-9595**  
**(81) 3719.4545**

Procurado: 9

**PROCURA-SE**  
**FORAGIDO DA JUSTIÇA**  
 José Bernardino da Silva Filho  
 (BENÉ)



**RECOMPENSA**  
**R\$ 2.000,00**

**Disque Denúncia No Agreste**  
**(81) 3421.9595 (81) 3719.4545**

*Garantia de anonimato*

Procurado: 10

**PROCURA-SE**  
**HOMICIDA**  
 ANTONIO DUQUE DOS SANTOS



**RECOMPENSA de até**  
**R\$ 2.000,00**

**Disque Denúncia No Agreste**  
**(81) 3421.9595 (81) 3719.4545**

*Garantia de anonimato*

Procurado: 11

**PROCURA-SE  
HOMICIDA**  
FERNANDO ALVES BEZERRA



Garantia de anonimato

**RECOMPENSA de até  
R\$ 2.000,00**

Disque Denúncia **No Agreste**  
(81) 3421.9595 (81) 3719.4545



Procurado: 12:

**PROCURA-SE  
HOMICIDA**  
JOSÉ FRANCISCO DO CARMO ALEXANDRINO  
(Carioca ou Doca)



Garantia de anonimato

**RECOMPENSA de até  
R\$ 2.000,00**

Disque Denúncia **No Agreste**  
(81) 3421.9595 (81) 3719.4545



Procurado: 13

**PROCURA-SE  
HOMICIDA**  
FABIANO JOSÉ BATISTA  
(Budão ou Bugão)



Garantia de anonimato

**RECOMPENSA de até  
R\$ 2.000,00**

Disque Denúncia **No Agreste**  
(81) 3421.9595 (81) 3719.4545



Procurado: 14

**PROCURA-SE  
ASSASSINO**  
Adriano Vidal de Freitas



**GARANTIA DE ANONIMATO**

**RECOMPENSA de até  
R\$ 10.000,00**

Disque-Denúncia **No Agreste**  
(81) 3421-9595 (81) 3719-4545

Procurado: 15

## ANEXO 6

CARTAS DE LEITORES DE JORNAIS DO SÉCULO XIX<sup>2</sup>

Diario de Pernambuco

1855

## CORRESPONDENCIA.

Tendo no dia 5 de dezembro do anno proximo/passado, servido de examinador das alumnas do col-/legio de Nossa Senhora da Divina providencia, si-/tuado no aterro da Boa Vista n.8, e derigido pela/Exma. Sra. D. Candida rosa Mc. Dermol da Costa,/não posso deixar de levar ao conhecimento do pu-/blico, o elevado gráo de aproveitamento, que mostraram as alumnas do mesmo collegio nas materias,/que alli se ensinam, e que são: leitura, escripta, grammatica portugueza, arithmetica, geographia e/francez, ao que optimamente responderam. Deixan-/do inteiramente satisfeitos, não só a mim, como aos demais senhores examinadores.

Tive, pois, de observar com minuciosidade atten-/ção, não só a urbanidade, polidez da Exma. Directo-/ra, que a todos recebia com especial affabilidade e/cortezia, propria d'uma acrisolada educação, como/tambem o bom regimen, aceio, regularidade e gran-/de numero de alumnas existentes em seu collegio, e/que tudo exhuberantemente prova o desvello e cui-/dado, que emprega no exacto cumprimento do seu ministerio.

E, portanto, a Exma. Sra. D. Candida, merecedo-/ra dos maiores encomios pelos encançaveis esforços,/que tem empregado no desenvolvimento das tenras/intelligencias das jovens alumnas que tem sido con-/fiadas aos seus maternaes cuidados, formando-as/desi'arte para virem como dignas mais de familias;/adquerido a mesma Exma. Sra. Para si um nome/respeitavel no numero daquelles, que se empregam/na ardua, e assás espinhosa tarefa da educação da/mocidade.

Foi, porém sentida a falta de assistencia á aquelle/acto, daquelles, senhores que alli tem suas filhas edu-/cando-se, ao menos a daquelles, cujas filhas tinham/de ser examinadas, pois que se assim o tivessem feito,/não só mais abrilhantariam esse acto com suas pre-/senças, encorajariam as examinandas, como seriam/testemunhas oculares do bom adiantamento

<sup>2</sup> Fonte: Transcrição realizada por Marcelo Bernardo e Ronaldo Fonseca. Orientados por Marlos de Barros Pessoa (Projeto financiado pelo PIBIC/UFPE/CNPq).

com/que se distiguiram naquelle acto essas jovens alumnas; o que unicamnete fez o Illm. Sr. Dr. Alcanfo-/rado, pai de uma das examinandas.

Receba, pois, a Exm. Sra. D. Candida, meus sin-/ceros emboras, pelo afan com que tem procurado dar/um subido grao de engrandecimento e esplendor ao/seu bem conceituado e quiça, o principal collegio/do sexo feminino, ora existente em nossa provincia,/e releve, se eu levado unicamente pelo impulso da/minha consciencia publicamente lhe tributo os lou-/vores que com justiça são devidos ao seu acrisolado/merito.

Bem conheço não ser eu habilitado para tecer elo-/gios dignos da Exma. Sra. D. Candida, e que certa-/mente ficarei muito a quem do fim, a que me pro-/ponho, ams anime-me a lembrança do dito anti-/go Vale de Sulmona: – Onde faltam as forças su-/pre a vontade. – Ut desint vires, tamen est laudan-/da voluntas.

Boa-Vista 8 de janeiro de 1855.

Porfirio da Cunha Moreira Alves.

## ANEXO 8

Diario de Pernambuco – Quinta feira 2 de Outubro de 1873.

## PUBLICACOES A PEDIDO

## Gratidão.

O abaixo assignado, filho desta província, mora-/dor no termo de S. Bento, tendo relações com o ne-/gociente nesta praça o Sr. Joaquim da Silva Costa,/há tempos, quando este fazia parte da junta admi-/nistrativa, a convite do mesmo Sr. Costa foi ao/Hospital Portuguez de Beneficiencia e com aquella/dedicação que por todos é conhecida no referido/Sr., lhe mostrou todo o estabelecimento, dando-lhe/as devidas explicações, que com effeito fe-lo ficar/surprehendido com o meritorio monumento aqui/levantado com as economias de alguns daquelles/a quem a honra de descender, e mal pensaria/que uma terrível enfermidade, lhe havia de/conduzir aqui, recolhendo-o ao mesmo hospital/em 26 de agosto proximo passado.

O Illm. Sr. Dr. Pitanga, mui distincto medico/desta casa, com assistência dos Illms. Srs. Drs./Sarmiento e Seve, lhe extrahiram uma pedra da/bexiga com mais de oito onças, como foi vista em/cima da mesa que estava em seu quarto, dia do/anniversarie.

Tendo estado recolhido ao hospital 33 dias,/retira-se penhorado a todos os membros da actual/junta administrativa, assim como os empregados/que carinhosamente souberam tratar-lo, e a todos/os seus dedicados amigos, que o visitaram, a to-/dos confessa-se grato, offerecendo de coração o seu limitado prestimo, não podendo findar esta/sem pedir ao mui distincto porvedor o Illm. Sr./Antonio Correia de Vasconcellos e a todos os mais/a quem é deuido tão importante e meritório esta-/belecimento, não recuarem em tão santa institui-/ção, que embora tenha contribuído com a diária/que é marcada aos doentes de primeira classe, não/se julgará feliz enquanto não üver a honra de/ver o seu humilde nome no quadro de tão dis-/tincta e honrada sociedade, pede á todos estes dis-/tinctos cavalheiros que nesta meciona, não tomem/este seu agradecimento em outro sentido, além/d um voto de gratidão, já que pessoalmente não o/pode fazer por retirar-se hoje para o centro onde/vairestabelecer-me da grande operação que soffreu. pedirá a Deus que continue a abençoar este/santo e meritorio estabelecimento, afim de que/aquelles que por circunstancias chegarem ao seu/estado, contem a mesma Victoria, que com peque-/no dispendio vá bem dizendo do tratamento,/aceio, limpeza e humanidade com que foi trá-/tado.

Recife, 1º de outubro de 1873.

*Beruardino Medeiros de Amaral.*